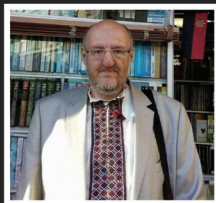


A Antártida é a pátria original dos deuses

O popular livro de ciência do famoso pesquisador ucraniano oferece aos leitores uma análise das teorias sobre a existência da civilização nos tempos antigos no território da Antártida (a chamada "Antártida"), cujas lendas são preservadas em sistemas mitológicos em diferentes partes do mundo. Também ofereceu um compêndio e análise de vários "artefatos", que os pesquisadores associaram a esta misteriosa civilização.

O livro é dedicado ao 200º aniversário da descoberta do Continente de Gelo e destina-se aos leitores interessados nos mistérios do passado da humanidade.



Oleg Borisovich Gutsulyak (1969), Candidato a Filosofia, Professor Associado (Universidade Nacional Pré-Cárpatos, Ivano-Frankivsk, Ucrânia). <https://if.academia.edu/OlegGutsulyak>.




EDIÇÕES
NOSSO CONHECIMENTO

Gutsulyak



EDIÇÕES
NOSSO CONHECIMENTO



A Antártida é a pátria original dos deuses

Mitos - Pesquisa - Interpretações

Oleg Gutsulyak

Oleg Gutsulyak

A Antártida é a pátria original dos deuses

FOR AUTHOR USE ONLY

FOR AUTHOR USE ONLY

Oleg Gutsulyak

A Antártida é a pátria original dos deuses

Mitos - Pesquisa - Interpretações

FOR AUTHOR USE ONLY

ScienciaScripts

Imprint

Any brand names and product names mentioned in this book are subject to trademark, brand or patent protection and are trademarks or registered trademarks of their respective holders. The use of brand names, product names, common names, trade names, product descriptions etc. even without a particular marking in this work is in no way to be construed to mean that such names may be regarded as unrestricted in respect of trademark and brand protection legislation and could thus be used by anyone.

Cover image: www.ingimage.com

Este livro é uma tradução do original publicado sob ISBN 978-620-2-91905-0.

Publisher:

Sciencia Scripts

is a trademark of

International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

17 Meldrum Street, Beau Bassin 71504, Mauritius

Printed at: see last page

ISBN: 978-620-2-93092-5

Copyright © Oleg Gutsulyak

Copyright © 2020 International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

FOR AUTHOR USE ONLY

ÍNDICE

Parte I. MISTÉRIO DO CONTINENTE DO SUL	3
Capítulo 1. Antárctica - Continente do Sul.....	3
Capítulo 2. continente sul em mapas antigos.....	8
Capítulo 3. turno do pólo?.....	29
Capítulo 4. O mito de lavrar o oceano e o paralelo a ele.....	64
Parte II. CIVILIZAÇÕES DA ANTÁRCTIDA	126
Capítulo 5. As pegadas do deus Virakochi	126
Capítulo 6. A maldição do sábio Durvas.	144
Capítulo 7. Jambudvîpa, Potala, Lanka.	151
Capítulo 8: Tamililam, Taprobana e Panhaya.	160
Capítulo 9. Dilmun é o lar dos deuses.	173
Capítulo 10. Os deuses nas carruagens aladas.....	189
Parte III. ARTEFACTOS DE ANTARCTOS	200
Capítulo 11. Cidades antárticas.....	200
Capítulo 12. Anomalias em pirâmides e antiártica	215
Capítulo 13. O que foi encontrado na Ilha Kerguelen.....	225
Parte IV. MISTÉRIO DA TERRA DE HONNÉVILLE	242
Capítulo 14. Para onde foi o de Honneville?.....	242
Capítulo 15. E mais uma vez, os Templários e a sua frota.....	247
Capítulo 16. A terra de Yoda Kozma Indikoplov.....	287
Capítulo 17. Viagem "má" de Bouvais.....	309
Capítulo 18. Pacífida como uma colónia da Antártida.	320

FOR AUTHOR USE ONLY

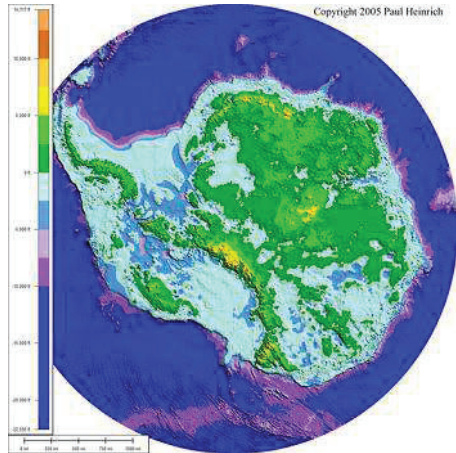
Parte I.

MISTÉRIO DO CONTINENTE DO SUL

Capítulo 1. Antártica - Continente do Sul

Antártida (em frente ao Ártico) é o continente do Sul da Terra com uma altitude média de superfície superior a 2.000 m acima do nível do mar e uma altitude central de 4.000 m acima do nível do mar. A maior parte desta altitude é constituída por uma cobertura permanente de gelo, sob a qual o relevo continental está escondido e apenas cerca de 5% da sua área está livre de gelo - principalmente na Antártida Ocidental e nas Montanhas Trans-Antárticas: ilhas, partes da costa, "vales secos" e cumes individuais e picos montanhosos (nunataki) elevando-se acima da superfície de gelo. As Montanhas Trans-Antárticas, que atravessam quase todo o continente, dividem a Antártida em duas partes, a ocidental e a oriental, com origens e estrutura geológica diferentes. No leste há um planalto alto (a maior elevação da superfície de gelo a cerca de 4.100 metros acima do nível do mar) coberto de gelo. A parte ocidental é constituída por um grupo de ilhas montanhosas ligadas entre si pelo gelo. Na costa do Pacífico há os Andes Antárticos, cuja altura excede os 4.000 metros; o ponto mais alto do continente é 4.892 metros acima do nível do mar - o maciço Vinson Sentinel Ridge. A Antártida Ocidental também tem a depressão mais profunda do continente, a Bentley Trough, provavelmente de origem fissurada. A sua profundidade, cheia de gelo, atinge 2,555 metros abaixo do nível do mar.

A cobertura de gelo da Antártida tem agora uma espessura média de 1.720 metros. Verificou-se que esta cobertura de gelo do continente era gradual. Os cientistas estimam que começou há 35 milhões de anos, começando pela parte oriental maciça do continente, e terminou em 4.000 a.C. quando o glaciador rastejou para sempre até aos últimos metros de terra na ponta ocidental em áreas da Terra de Queen Maud e da Península Antártica.



Há uma percepção de que a Antártida está completamente coberta de neve e gelo. Mas não é inteiramente correcto. Sim, apenas 5% de todo o continente está livre de neve e gelo, mas são aproximadamente $2,5 \times 10^5$ km². Em regra, perto das fronteiras do continente, uma parte significativa delas situa-se perto das estações russas Mirny e Novolazarevskaya, bem como ao longo das Montanhas Trans-Antárticas, que, como uma extensão das Montanhas Andinas da América Latina, é como uma crista dorsal do continente, estendendo-se desde o Cabo Ader, à sul da Nova Zelândia, ao longo da costa ocidental do Mar de Ross e atravessando quase todo o continente.

As maiores (4.000 km²) áreas sem gelo foram encontradas nas Montanhas Trans-Antárticas - "Oasis McMurdo" e "Dry Valley Area", perto das estações da Nova Zelândia e dos EUA. A topografia destes vales sem gelo é uma das mais belas da Terra. McMurdo Oasis consiste em três vales profundos e sem gelo, cada um com quase 100 km de comprimento e 2 a 5 km de largura, que costumavam estar também debaixo do glaciar, como evidenciado pelas morenas deixadas para trás pelo glaciar. No fundo dos vales há lagos que congelam durante a maior parte do ano, excepto durante um curto período no Verão. Acima dos vales há picos acentuados de 2.000 - 3.000 m de altura, a maioria deles sem gelo. Dos vales altos entre estes picos, pequenos glaciares fluem pelas encostas. Em alguns lugares, deslocam-se ao longo do fundo dos vales. Os vales estão salpicados de dunas de caverna e afloramentos rochosos, cuja cor é tons de castanho - desde o castanho claro, granito de longa duração transportado pelo ar até ao basalto vermelho escuro. As pedras individuais têm tonalidades de cinzento. Estas cores contrastam com o branco do glaciar e um céu azul brilhante. Devido à falta de vegetação, não há verde. Áreas semelhantes de terrenos livres com pequenos lagos e pequenas alturas encontram-se nas zonas costeiras do oásis de Banger, perto da estação de Mirny. Os "Vales Secos" estão a oeste do Vale McMurdo e são

nomeados devido à sua humidade extremamente baixa e falta de cobertura de neve e gelo, à medida que a humidade evapora dos ventos mais fortes, atingindo velocidades de 320 km/h. Em algumas zonas desta zona, não chove há dois milhões de anos. Os cientistas acreditam que os vales secos são mais parecidos com Marte do que qualquer outro ambiente terrestre, por isso os astronautas da NASA são frequentemente treinados aqui. No seu território, os astronautas americanos foram treinados antes de aterrarem na lua em 1969.

O solo da Antártida é adequado para o cultivo de culturas. Possui reservas de minerais não ventosos e parcialmente intemperizados que aumentam a fertilidade. As experiências mostraram que o solo da Antártida transferido para temperaturas normais é adequado para o crescimento das plantas. Salada ou rabanete são mesmo cultivados.

A Antártida está também associada a uma grande descoberta em oceanologia. Como se verificou, o continente de gelo está no centro de um vórtice oceânico gigante (Corrente Circumpolar Antártica), que é várias vezes mais poderoso do que a Corrente do Golfo e o Kuroshio combinados. Acredita-se que as forças que apoiam este turbilhão global são os ventos ocidentais que dominam estas latitudes (o chamado West Wind Drift). A água aqui move-se no sentido dos ponteiros do relógio, de oeste para leste, entre 40° e 50°S. (os chamados "anos quarenta rugidos"), até 30.000 km de comprimento e até 1.000 km de largura, com uma espessura de 4-5 km (em algumas áreas o caudal inclui toda a massa de água até ao fundo do oceano; a temperatura da água na camada superior varia de 12-15° C na parte norte a 1-2° C na parte sul da corrente; na camada superficial da água do oceano, a velocidade da corrente varia de 0,4 a 0,9 km/h, na camada profunda é de até 0,4 km/h).

Os ramos da corrente são: no Oceano Atlântico, a Corrente das Malvinas; a Corrente de Bengel (que surge a sul do Cabo da Boa Esperança e se dirige para norte, atingindo a área da Namíbia em África); no Oceano Índico, a Corrente da Austrália Ocidental; e no Pacífico, a Corrente Peruana.

As águas banhadas pela Antártida são chamadas Oceano Sul (ou Antártico), que não tem ilhas e continentes claramente delineados na fronteira norte (aceite como o 60° grau de latitude sul) e consiste em 13 mares. Os cientistas ainda não determinaram definitivamente se este nome deve ser aplicado a todos os mapas geográficos: o Oceano Sul foi delineado pela primeira vez em 1650 pelo geógrafo holandês Bernhard Warienus e incluiu tanto o "continente do sul" ainda não descoberto pelos europeus como todas as áreas acima do círculo polar sul; a Royal Geographical Society em Londres a partir de 1845. Nas publicações da Organização Hidrográfica Internacional, o Oceano Sul foi separado do Atlântico, Oceano Índico e Oceano Pacífico em 1937; na tradição soviética (1969), o limite aproximado do "Oceano Sul" condicional foi considerado como a zona de convergência antártica (o limite norte das águas de superfície antárticas), perto dos 55° de latitude sul. Noutros países, o limite é também indefinido - latitude a sul do Cabo Horn, o limite do gelo flutuante, a Zona da Convenção Antártica (uma

área a sul do paralelo 60° de latitude sul); o governo australiano considera o "Oceano Sul" como água situada directamente a sul do continente australiano. No Inverno, o Oceano Sul congela a 65 graus de latitude Sul no sector Pacífico e 55 graus de latitude Sul no sector Atlântico, baixando as temperaturas superficiais bem abaixo de 0 C; em alguns locais costeiros, ventos fortes e constantes deixam a linha costeira livre de gelo durante o Inverno.

Os marinheiros de latitude de 40 a 70 graus de latitude sul, desde a era dos veleiros, são conhecidos como os "Rugidos Quarenta", "Furiosos Cinquenta" e "Piercing Sixties" devido ao mau tempo, ventos tempestuosos e grandes ondas formadas pelo movimento das massas de ar, que, fluindo para o globo, não encontram obstáculos sob a forma de quaisquer massas de terra perceptíveis. O gelo flutuante, especialmente entre Maio e Outubro, torna esta área ainda mais perigosa, e o afastamento da região de áreas povoadas da Terra torna ineficazes as operações de busca e salvamento.

Tal como estabelecido pelas últimas investigações científicas, foi a Antárctida Ocidental que perdeu completamente o seu manto de gelo ao longo de milhões de anos e aconteceu muito rapidamente, embora não em centenas, mas durante vários milhares de anos.

Durante o último pico glacial, há cerca de 20.000-18.000 anos, a cobertura glacial era visivelmente mais espessa do que é hoje, com excepção de alguns nunataks (totalmente rodeados de gelo, picos rochosos ou cadeias montanhosas salientes acima da superfície da geleira ou do glacial de montanha e servindo de abrigo para a vegetação em áreas glaciares), cobria toda a península Antártica, ilhas próximas e quase todo o Mar Weddell. Durante o glacial interglacial, há 18.000 a 6.000 anos atrás, o glacial de prateleira recuou visivelmente. O recuo dos glaciares em algumas partes da Península Antártica continuou até há 3.000-4.000 anos; há cerca de 3.000 anos, o clima da região voltou a tornar-se mais frio.

De acordo com David Pollard e Robert Deconto das universidades dos estados americanos da Pensilvânia e Massachusetts, a taxa crítica de derretimento dos glaciares offshore, seguida do colapso do escudo da Antárctida Ocidental, é de 1-2 metros por ano. Este valor é agora muito mais baixo, mas cada grau de aquecimento aumenta a espessura da camada derretida em cerca de 40 cm por ano. Por outras palavras, se aquecer 5 graus, o manto de gelo da Antárctida Ocidental entrará em colapso e o oceano subirá cerca de 6 metros mais. Acrescente aqui tanto do gelo da Gronelândia e 2-3 metros dos glaciares de plataforma da Antárctida Oriental - e obtém-se a subida do oceano em 10-15 metros, embora não antes de daqui a mil ou dois anos.

Em 2010, cientistas de várias universidades americanas liderados pelo Dr. Oscar Scholfield da Universidade Rutgers estão a analisar os últimos dados sobre o estado dos ecossistemas antárcticos e a tentar compreender a melhor forma de estudar esta parte ocidental da Antárctida nas páginas da

revista Science. Segundo os cientistas, nos últimos 50 anos, a temperatura média de Inverno na Península Antártica aumentou 6 ° C - isto é cinco vezes mais alta do que a média de todo o planeta. A área de 87% dos glaciares diminuiu. No passado, o gelo à volta da península permaneceu durante todo o ano, mas agora derrete no Verão. O Oceano Sul está a ficar mais quente. A razão pela qual a cobertura do glaciador está a encolher é porque o oceano está a aquecer. Os oceanólogos estão de facto a registar um aumento da temperatura da água na camada quase superficial ao largo da costa da península. A maior parte do calor vem das águas profundas quentes e salgadas da corrente circumpolar antártica. Estas águas sobem à superfície na área da plataforma ocidental. "Muito provavelmente, este fluxo tem aumentado porque a velocidade dos ventos que sopram sobre o Oceano Sul aumentou dramaticamente", dizem os cientistas. Nos últimos 30 anos, a população de pinguins Adeliae (*Pygoscelis adeliae*) diminuiu em 90% no norte da península Antártica. Ao mesmo tempo, o número de espécies, que sempre ali foram muito pequenas, aumentou. Estes são os pinguins da Antártida (*P. antártica*), que apareceram pela primeira vez na península em 1975, e os pinguins *P. papua*, que apareceram na península em 1994. A vida destas espécies, ao contrário dos pinguins de Adélie, não está estritamente ligada ao gelo. À medida que a área de gelo encolhe, eles sentem-se mais seguros e as suas populações tornaram-se dominantes.

Como resultado do aquecimento global, a tundra começou a formar-se activamente na península antártica. A gama de plantas floríferas - prados (picadas; *Deschampsia antarctica*) da família dos cereais e baleias colobantus (*Colobanthus quitensis*) da família das aves aquáticas - expandiu-se significativamente. De acordo com as previsões dos cientistas, em 100 anos na Antártida podem aparecer as primeiras árvores.

Sabe-se que no período de 50 a 12 mil anos atrás o gelo, até três quilómetros de espessura, cobriu o nordeste da América do Norte até ao meio das Grandes Planícies a oeste e até à latitude de Nova Iorque a sul. E no Norte da Europa, a sólida cobertura de gelo atingiu a latitude de Londres e Berlim. Assim, o nível do mar estava abaixo dos modernos mais de 100 metros. Considera-se que tal dispersão de massas de gelo foi uma consequência do tempo frio geral na Terra. Em geologia, este período é chamado de Pleistoceno. Nessa altura, todo o território da Sibéria, até à costa do Oceano Ártico e do Alasca, estava livre de gelo, e era o lar de uma variedade de animais - mamutes, renas, rinocerontes lanosos, ursos das cavernas e muitos outros. O clima da Sibéria era então bastante ameno. Durante o mesmo período, os glaciares acumularam-se no hemisfério sul na Austrália e Nova Zelândia, mas não havia gelo em grande parte da Antártida adjacente à costa atlântica, e o clima nesta parte do continente era moderado e muito habitável para o homem paleolítico¹.

¹ Ilyin V. *Antartida - Berço da Civilização* // <http://tainy.info/history/antarktida-%E2%80%93-kolybel-civilizacii/>.

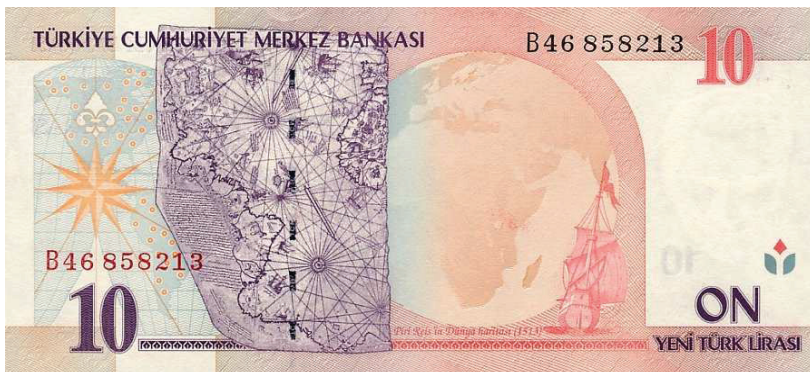
Capítulo 2. continente sul em mapas antigos.

Mas haverá alguma prova de que as pessoas alguma vez tenham visto sequer uma parte da Antárctida ainda livre de gelo?

Alguns investigadores acreditam que existem tais provas. No entanto, referem-se a mapas geográficos antigos.

Em primeiro lugar - no famoso mapa de Pirée Flight, criado por volta de 1513 num pedaço de pele de gazela 86x64 cm. O seu autor teve a oportunidade de trabalhar nos arquivos dos imperadores bizantinos (que caíram sob os golpes dos turcos em 1453), e que se tornaram parte dos arquivos dos sultões otomanos. Phiri Reis (nome completo Haji Muheddin Phiri ibn Haji Mehmed) foi um famoso navegador que serviu na frota turca otomana. Morreu em 1554 ou 1555 quando foi decapitado por razões desconhecidas. Não só foi almirante e participou em batalhas navais, como também foi cartógrafo. Por exemplo, ele dobrou uma parte do Kitabi Bahriye, uma instrução de navegação. Descreve em pormenor as costas, baías, riachos e correntes dos mares Mediterrâneo e Egeu.

O mapa de Phiri Reis foi descoberto em 1929 durante a criação de um museu no Palácio Topkapi do Sultão pelo Director do Museu Nacional em Istambul, Khalil Etchem (Etchem). Actualmente, o mapa encontra-se na biblioteca do Palácio Topkapi em Istambul, Turquia, mas em regra, não é mostrado ao público. O mapa chamou imediatamente a atenção, pois foi um dos primeiros mapas da América e o único mapa do século XVI onde o continente sul-americano está correctamente localizado em relação a África (recorde-se que Cristóvão Colombo descobriu a América em 1492).

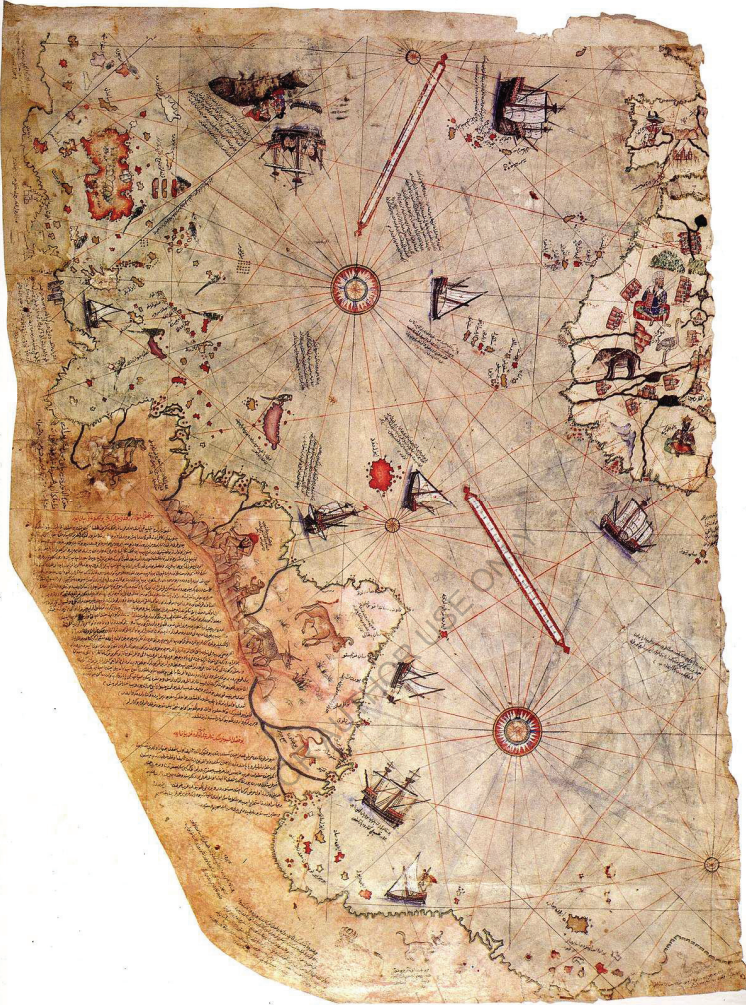


Ao investigar o mapa de Pierry Reis, o cientista americano Arlington G. Mullery descobriu que a projecção (ou seja, o sistema de transferência de coordenadas do globo para o avião) era invulgar, porque o pólo geográfico sul do mapa (o ponto de convergência dos meridianos) está localizado no Norte de África, na zona do Cairo, onde, exactamente antes da Antárctida, se situava o centro do Pólo Sul. Recordamos imediatamente a história de 1970 do académico polaco, o geólogo Stanislav Ruzhytsky: "Trabalhámos no coração do deserto do Sara no maciço de Hoggar, onde realizámos pesquisas, que finalmente nos convenceram de que o Sara Central há 450 milhões de anos estava coberto por uma concha de gelo do tipo Antártico, e que a área do maciço de Hoggar era nessa altura o Pólo Sul da Terra". No entanto, a conclusão sobre a escolha "matemática" de um ponto de convergência de meridianos pelo cartógrafo bizantino (ou mesmo para o explicar por uma escolha condicional, por analogia com a escolha de um meridiano zero num observatório em Greenwich) é considerada científica.

Mas a singularidade do mapa Pierre Reis é que mostra a Antárctida, nomeadamente - a orla costeira da Terra da Rainha de Matilde².

FOR AUTHOR USE ONLY

² *Hapgood C. Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*



Em meados da década de 1950, foi publicada uma tradução das inscrições feitas por Pierre Reys no seu mapa em turco. Destas, as duas inscrições mais baixas são de interesse para a Antártida: "... IX. E neste país parece que existem monstros de cabelo branco desta forma, assim como gado de seis corações. Os pagãos portugueses escreveram isto nos seus mapas. X. Este país é um deserto. Tudo está em ruínas, e diz-se que foram lá encontradas cobras grandes. É por isso que os pagãos portugueses não desembarcaram nestas costas, e também se diz que são muito quentes" (Cit. za:³).

³ Pierre Flight Map // http://oritan.org/gipotezi/piri_reys.htm

Provavelmente, os "monstros de pêlo branco" e as "cobras grandes" são os antárticos vivos e pertencentes às espécies de focas reais dos chamados leopardos marinhos (*Hydrurga leptonyx*), que se caracterizam por um comportamento muito predatório (caça a outras espécies de focas e pinguins, bem como ataques registados a pessoas e barcos). Têm um corpo muito aerodinâmico que lhes permite desenvolver alta velocidade na água (podendo atingir velocidades de até 40 km/h e mergulhar a uma profundidade de 300 m), e as suas cabeças são invulgarmente achatadas e parecem-se quase como répteis.

Quanto a outra afirmação (sobre "costas quentes"), este comentário provavelmente diz respeito ao arquipélago da Terra do Fogo, o ponto mais extremo do continente sul-americano, do qual a península Antártica está separada apenas pelo Estreito de Drake, que tem cerca de 800-1000 km de largura. O descobridor espanhol F. Magalhães (1480-1521), que tinha servido anteriormente os portugueses, acreditava que o arquipélago que descobriu era a parte norte da Terra Desconhecida do Sul - Terra Australis Incognita. Não sem razão, a palavra "Magellanica" apareceu de tempos a tempos em alguns mapas geográficos como o nome da terra⁴. No contexto do nome da América pelo nome do navegador florentino Amerigo Vespucci (1454-1512), baptizado em nome da rainha sagrada húngara América (Imre) Arpado, seria justo (embora talvez seja mais apropriado ligar o nome à palavra francesa amers "horizonte", ou seja, a América é um continente para além do horizonte para os europeus). Mas não resultou...

Esta Terra Desconhecida do Sul é agora conhecida como Antártida.

Mas sabe-se que a Antártida só foi descoberta em 1820. Como poderia este continente ter estado no mapa 300 anos antes da sua abertura?

Mas o que é ainda mais sensacional sobre a imagem da Antártida num mapa de Pierre Reyes é que a orla costeira do Queen Maud Land a sul do paralelo 70 é retratada livre de gelo: "... De acordo com novos dados, esta costa tem uma paisagem montanhosa e agreste. Numerosas cadeias montanhosas e picos individuais emergem acima da superfície de gelo moderna. Um mapa de Phiri Reis mostra a mesma costa, mas completamente desprovido de cobertura de gelo. Numerosas montanhas estão claramente marcadas. O denso sombreado, já utilizado no século XVI, caracteriza o terreno montanhoso de algumas ilhas"⁵. Estes dados coincidem de forma impressionante com o mapa da topografia subglaciar da Antártida

⁴ Deus J. *O Grande Continente do Sul Desconhecido // Kadath: Chronicles of the Lost Civilizations*. -- 1973. -- N 1. -- P.28-31

⁵ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgod.htm>*

desenhado pelos serviços de vários países durante o Ano Geofísico Internacional (IYG) em 1959.

Como é que Pirie Reis conseguiu descrever o que não conseguia ver, mesmo que tivesse descoberto a Antártida?

A resposta a esta pergunta reside em saber como são feitos os mapas geográficos. Como regra, são utilizados materiais chamados fontes cartográficas, ambos derivados directamente do estudo do terreno e gráficos, texto, quando se utilizam mapas e descrições previamente criados. Foi este último que possuía os mapas - nas margens do mapa, o próprio Pierre Reyes fez anotações e, entre outras fontes do seu trabalho, notou que o seu mapa se baseava num certo mapa de Cristóvão Colombo (aparentemente um mapa disponível para Cristóvão Colombo), razão pela qual muitos geógrafos têm procurado sem sucesso o "mapa perdido de Colombo" durante séculos.

Tal como assinalado por um investigador de cartografia antiga, Professor de História da Ciência no Colégio de Keene (New Hampshire, EUA) Ch. Hapgood, "... há razões para acreditar que um bom mapa do rio St. Lawrence estava disponível para os europeus mesmo antes da viagem de Colombo em 1492. Mesmo as ilhas próximas da foz do rio estão marcadas nele. O compilador deste mapa, Martin Behem, também o colocou num globo que ele criou pouco antes de Colombo regressar da sua primeira viagem. Mas o descobridor clássico da América também não era um marinheiro analfabeto, como alguns acreditam. Sabia latim como sua língua materna, o que já indica um certo nível de educação. Tinha também as competências de um cartógrafo. É sabido que Colombo viajou muito na Europa, sempre interessado em mapas. A sua viagem não foi um impulso repentino, foi cuidadosamente preparada, e com anos de persistência. Mas o mais importante, a expedição concebida exigiu apoio cartográfico. O historiador Las Casas testemunhou que Colombo tinha um mapa do mundo, que mostrou ao rei Fernando e à rainha Isabel, e então eles estavam convencidos de que a ideia não é desesperada ⁶. "

"...Os investigadores do mapa turco ... mostraram convincentemente que os criadores da misteriosa fonte primária antiga possuíam trigonometria (o mapa de Pyri Reis é desenhado usando geometria plana, onde as latitudes e longitudes estão em ângulos rectos, mas copiou-o de um mapa com trigonometria esférica! Os cartógrafos antigos não só sabiam que a Terra era uma bola, mas também calcularam o comprimento do equador com uma precisão de cerca de 100 km!) e projecções cartográficas que não eram conhecidas por Eratóstenes ou mesmo Ptolomeu, e podiam teoricamente usar

⁶ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgod.htm>*

os mapas antigos armazenados na Biblioteca de Alexandria. Ou seja, a fonte original do mapa é definitivamente mais antiga"⁷.

"... No início do século XX o etnógrafo russo B.F. Adler realizou uma investigação muito séria de mapas de povos primitivos - incluindo os povos da Oceânia. Como se verificou, existe todo um conjunto de variedades de tais mapas - com diferentes funções e, conseqüentemente, com diferentes tipos de informação registada neles. De facto, não se tratava tanto de um mapa, mas de uma legenda gráfica de rotas - onde para além dos contornos da costa havia uma descrição das características do mar, indicação de linhas de visão de alguns ou outros marcos, esquemas de localização mútua de ilhas e esquemas de correntes. Tais mapas cobriam frequentemente áreas bastante significativas, tais como as Ilhas Marshall e arquipélagos vizinhos, uma região marítima com uma área superior a 6 milhões de quilómetros quadrados. No início do século XX, quando a investigação foi levada a cabo, as antigas capacidades cartográficas estavam quase perdidas e mesmo o significado dos mapas anteriores nem sempre era compreendido pela população local. Quanto à navegação estelar - esboços astronómicos aparecem cerca de 100 mil anos antes de Cristo. No 50º milénio a.C., provavelmente já existe um calendário primitivo. No intervalo de 50-15 mil anos a.C. os esboços astrais tornam-se mais complicados, reflectem regularidades de comportamento bastante complicadas da Lua, do Sol e das estrelas. Foram encontrados gráficos iniciais relacionados com o 15º milénio a.C., particularmente na caverna de Lascaux (França) acima mencionada. Mostram as constelações Lyra, Swan, Eagle, e Pleiades de uma forma reconhecível. Em condições em que as pessoas utilizam com confiança mapas, descrições de marcos, calendários e cartas de navegação (incluindo cartas astronómicas), a falta de contagem e escrita parece tecnicamente impossível, quanto mais não seja porque qualquer estrutura simbólica de entre as acima descritas já é uma espécie de ambas. Seria pelo menos estranho não utilizar a escrita pictográfica para a transferência de informação e não manter os cálculos económicos apenas por ordem em tais condições. As pessoas da era Mesolítica não eram peculiares a tal estranheza - por isso fazem ambas as coisas. Por outras palavras, têm escrita e contagem pictográfica e são amplamente utilizadas por todos os estratos da população primitiva"⁸.

Segundo as próprias notas de Pirie Reis, as fontes "Alexandria" que ele utilizou pertencem ao século IV a.C. e a períodos anteriores. Isto, por exemplo, explica os "erros" no mapa de Pierre Reis: nenhum deltas de rio, como o Orinoco, são indicados. Contudo, isto não indica um erro, mas sim a expansão dos deltas ao longo do tempo, como foi o caso do Tigre e do

⁷ *Memocódigo. Mais uma vez sobre o mapa de Peary Flight* // <http://memocode.asia/2014/09/eshhyo-raz-pro-kartu-piri-reisa/>.

⁸ *Rose A. Sun em velas* // <http://www.russianresources.lt/dictant/Materials/Rozoff1.html>.

Eufrates na Mesopotâmia ao longo dos últimos 3500 anos. Além disso, o compilador do mapa "... não conseguiu amarrar devidamente o rio conhecido como Paraná como uma das fozes do Amazonas. Segundo a minha interpretação, o mapa ainda reflecte correctamente a corrente da Amazónia, mas sem a ilha de Marageo na sua boca principal. Isto sugere que pode ter sido desenhado numa altura em que o Paraná servia como a principal ou mesmo a única foz do Amazonas e da Ilha de Marageo fazia parte da terra na margem norte do rio. Se esta ilha existisse na altura em que o mapa foi feito, o compilador não teria identificado o Paraná com a Amazónia⁹.

Além disso, se olhar para os mapas da rota marítima de porto em porto (os chamados "portulanos"), que estão próximos do tempo da preparação de Pierre Reis, verá que as linhas costeiras nos mapas modernos são muito semelhantes às linhas costeiras nos portulanos medievais. Por exemplo, na famosa "Portulan Dulcerta" (1339), que descreve os contornos do Mediterrâneo (Médio Oriente Ásia, Norte de África, Europa), Mar Negro e Mar do Norte (o preço de toda a região do Mediterrâneo e Mar Negro nesta grelha é meio grau - o que significa que o cartógrafo atingiu um elevado nível de perícia na determinação das coordenadas), e apenas de forma muito esquemática - as ¹⁰Mar Báltico e Mar Vermelho.

Mas, como diz Hapgood, "... AE Nordensheld, que fez um atlas completo de tais mapas, bem como escreveu um trabalho sobre a sua história ... apontou que "Portulan Dulcerta", bem como outros trabalhos semelhantes, eram demasiado precisos para os considerar autores de marinheiros medievais. Foi então surpreendente que não houvesse sinais do seu desenvolvimento sobre estes espécimes bem sucedidos. Os que pertencem ao início do século XIV são tão perfeitos para o seu tempo como os que pertencem ao século XV. É como se alguém no século XIV tivesse copiado mapas tão espantosos que não poderiam ser melhorados nem mesmo durante dois séculos. Além disso, Nordensheld encontrou provas de que havia apenas um mapa, e todos os portulanos feitos mais tarde eram apenas cópias, em diferentes graus diferentes do original. Chamou a este original desconhecido "portulano comum" e mostrou que os mapas subsequentes eram copiados de forma escrava a partir dele. As medições mostram, escreveu ele, em primeiro lugar, que em relação aos contornos do Mediterrâneo e do Mar Negro, todos os portulanos são semelhantes e como se fossem desenhados a partir do mesmo mapa, e em segundo lugar que todos eles têm a mesma escala. Após discutir esta escala única e a utilização de unidades de comprimento comuns ao Mediterrâneo (com excepção da Catalunha, que, segundo o cientista, utilizava unidades cartaginesas),

⁹ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English* // <http://oritan.org/gipotezi/hapgood.htm>

¹⁰ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English* // <http://oritan.org/gipotezi/hapgood.htm>

Nordensheld outras notas: "Por conseguinte, é possível que as medidas tomadas sobre os portulanos tenham tido origem nos tempos em que os fenícios ou cartagineses controlavam o Mediterrâneo Ocidental, ou pelo menos nos tempos de Marin Tyre, que viveu no século II d. C.". e é considerado o predecessor do geógrafo Cláudio Ptolomeu" ... Após uma análise comparativa, o estudioso descobriu que os portulanos eram ainda mais avançados que os mapas de Ptolomeu (o "Portulan de Dulcerta" e o mapa de Ptolomeu, incluindo o Mar Negro e o Mediterrâneo, foram comparados). A superioridade dos primeiros era evidente mesmo à primeira vista ... Nordenskiöld sentia que na antiguidade deveria ter havido tradições e aptidões geográficas que Ptolomeu continuou. Também acreditava que o "portulano comum" estava provavelmente no caminho dos marinheiros... Nem os mestres medievais nem os famosos geógrafos gregos antigos conseguiam desenhar tais mapas. As suas características indicam a sua origem de uma cultura com um nível de tecnologia superior ao alcançado na Idade Média ou antiguidade"¹¹.

Então ele próprio CH Hapgood, juntamente com os seus alunos começou a estudar cuidadosamente os princípios de desenho de um mapa de Peerey Reison e chegou à seguinte conclusão: "... Verificou-se que a posição de alguns pontos no mapa de Peerey Reison era muito precisa, outros não eram estritamente fixos. Gradualmente apercebemo-nos da razão para estas imprecisões. Verificou-se que este mapa era composto por mapas mais pequenos de territórios individuais (talvez desenhados em momentos diferentes e por pessoas diferentes), e por erros acumulados à medida que era criado. Não houve nada de surpreendente nisso. Afinal de contas, é uma tarefa enorme, que também requer muito dinheiro, - para pesquisar ao mesmo tempo e mapear o vasto território incluído no mapa de Pierre Reis. Sem dúvida, inicialmente fez os mapas locais, gradualmente unidos, e em momentos diferentes, cada vez mais, até que, finalmente, o mapa do mundo foi obtido. Este longo processo de unificação das várias peças, especialmente no que diz respeito ao fragmento sobrevivente, foi concluído na antiguidade ... O que foi obviamente feito por Pierry Reis foi combinar mapas emprestados com outros, que podem ter sido eles próprios cópias. Esta é a forma de criar um mapa mundial ... Uma vez que em alguns casos os "componentes do mapa" não se encontravam claramente no mapa geral, temos dois tipos de erros: os causados por distorções na cópia e os inerentes ao próprio original. Isto deveria ter sido distinguido, porque se o "mapa de componentes" estiver orientado erroneamente, então todos os objectos nele existentes têm distorções semelhantes. Quando são detectados e eliminados erros de cópia no mapa partilhado, então, deve assumir-se que os restantes pertencem apenas ao original local. Verificou-se que a maioria das

¹¹ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgod.htm>*

imprecisões no mapa-portulano apareceu no mapa do mundo, provavelmente quando foi desenhado em Alexandria. O Pirie Flight provavelmente não poderia ter reunido todos os materiais locais. Os mapas de componentes dos tempos antigos eram mais precisos e fiáveis do que as imagens posteriores da superfície terrestre. E isto sugere um declínio da ciência, dos tempos antigos para uma nova história... A ligação exacta das ilhas sugere que já estavam num mapa antigo utilizado por Pierre Flight... Parte do mapa Pierre Flight prova que já tinha mapas de África, da Europa e das ilhas atlânticas baseados numa projecção trigonométrica que tinha em conta a esfericidade da Terra... Que tipo de mapa era? O quê, apenas ilustra uma lenda sobre ilhas afundadas no Atlântico? Mesmo que assim seja, deve haver alguma informação certa sobre eles. Uma das provas é uma grande ilha num mapa dos Pirenéus, que se situa logo acima da Aresta do Médio-Atlântico (anteriormente conhecida como a Aresta dos Golfinhos), onde as pequenas rochas de São Pedro e São Paulo emergem agora da água, a norte do equador e a 700 milhas a leste da costa brasileira. Outra evidência é que a ilha no mapa Bush está localizada acima da Serra Leoa Rise, uma cadeia de montanhas subaquáticas. Finalmente, a intersecção do Atlântico equatorial, da América do Sul para África, mostra, embora de forma muito aproximada, que a Cordilheira do Médio-Atlântico e a Serra Leoa se encontram numa linha recta ... O seguinte "mapa componente", que pode ser brevemente tocado aqui, mostra o território montanhoso na parte ocidental da América do Sul. Foi acrescentado ao mapa geral, mas não coincidiu com a projecção trigonométrica. Houve erros tanto na escala como na orientação ... quase 900 milhas da costa leste acabaram de cair do mapa de Pierre Reis. Isto foi obviamente porque duas fontes primárias diferentes foram erradamente combinadas no mapa geral ... A linha costeira entre o Cabo Frio e o Cabo Baia Blanca era de -16°S e 20°W . As Ilhas Malvinas aparecem neste sector do mapa na latitude direita correspondente à costa oriental inferior. Mas há erros na sua longitude de 5° . As Malvinas foram presumivelmente descobertas por John Davis em 1592, quase 80 anos após Pee Wayne Race ter desenhado o seu mapa ... Se o leitor comparar a posição das Malvinas e Ilhas Shetland do Sul num globo com as suas coordenadas num mapa de Pee Wayne Race, ele vê a costa antártica a deslocar-se para norte e o Estreito de Drake a cair de todo¹²O mesmo fenómeno de "componentismo" e erros de alinhamento ocorre na imagem no mapa da Antactica: "...a costa de Phiri Reis ... estende-se por 27°W de longitude em comparação com 24° no mapa moderno. Esta foi uma coincidência muito próxima. Na latitude da costa (cerca de 70°S) o grau de longitude era apenas cerca de 20 milhas, pelo que a diferença não era muito grande ... Quanto à latitude, temos de ter em conta a passagem ... partes da costa sul-americana e o Estreito de Drake. Tudo

¹² *Hapgood C. Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgod.htm>*

junto foi 25°. Quando estes graus foram acrescentados à latitude a que a Terra da Rainha Matilde estava após a imposição da nossa grelha, a costa adquiriu uma verdadeira latitude ... a perda da costa sul-americana foi de cerca de 16°W. Se acrescentarmos a isto o Estreito de Drake, que não está marcado no mapa e se estende a 4°, a perda total é de 20°. Dado que o Queen Maud Land é erradamente deslocado para oeste por 10°, a diferença de longitude entre a península Antártica e esta costa da Antártida será de 30°. E isto é confirmado por outras deslocações. Assim, o Mar de Weddell está ligado a 10° de longitude em vez dos verdadeiros 40°¹³.

Um famoso geógrafo do século XIX P.F. Gorse, estudando mapas antigos, descobriu que, por exemplo, os mapas de Eratóstenes (276-194 AC), ou melhor, as suas cópias, têm erros, que são detectados com uma certa consistência. Estes erros sugerem que os próprios mapas de Eratóstenes têm origem em originais mais antigos, cujo centro de projecção cai sobre a Babilónia ou a cidade fenícia de Tiro. Mas o principal é diferente: com base nas observações astronómicas subjacentes a estes mapas, PF Gorse calculou a data da sua criação - 3 666 AC.

Com base no facto de todos, ainda mais protótipos antigos de mapas utilizados por Pierre Reis se basearem em mapas ainda mais antigos, pode-se assumir que o material original era um mapa feito por um cartógrafo desconhecido que fez o levantamento da zona antártica e o fez antes de 4.000 a.C., ou seja, quando ainda era possível ver a linha costeira sem gelo do continente.

Mas os antigos mapas retratavam não só a Antártida, mas também as suas "irmãs", que em tempos formaram um único continente Gondwana. Por exemplo, a Austrália, que foi descoberta no século XVI, é mencionada num mapa anterior datado de 1510. Mapa turco de Hadji Ahmed, 1559. (cópia de um original desconhecido) retrata as características e a linha costeira das Américas, dois séculos à frente dos descobridores. O mesmo mapa representa a costa do Pacífico da América do Norte e do Alasca com uma precisão espantosa. Mas este mapa não mostra o Estreito de Bering! Existe uma ponte terrestre entre a Sibéria e o Alasca, que os geólogos afirmam ter desaparecido há 10.000 anos, durante a era Paleolítica.

Também nos mapas da Europa e da Ásia, o famoso geógrafo Claudius Ptolomeu, existem "zonas brancas", cujos contornos, segundo os investigadores, se sobrepõem claramente à área de distribuição dos restos da última glaciação, datada de há 10.000 anos.

A desconhecida Terra do Sul foi representada como uma pequena ponta de África no famoso mapa de Eratostophen do Pentatle (Pentatles) de Kirena na Líbia (276-194 a.C.), o primeiro estudioso e guardião conhecido do principal repositório egípcio de livros, que provou que a Terra tem a

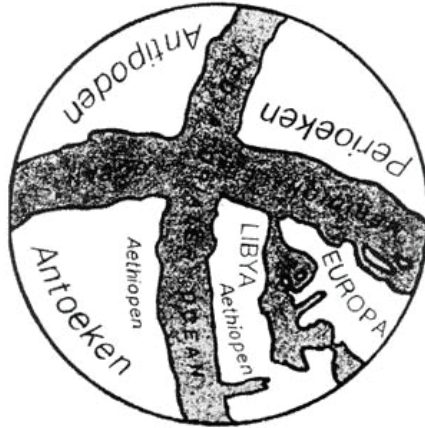
¹³ *Hapgood C. Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotезi/hapgod.htm>*

forma de uma bola e forneceu cálculos bastante precisos da circunferência da Terra. Eratosfen supunha a existência de "anti-vivos" ("antecedentes") e antípodas ("underfoot") na zona temperada sul (no lado oposto do globo em relação ao já familiar Oikumen).

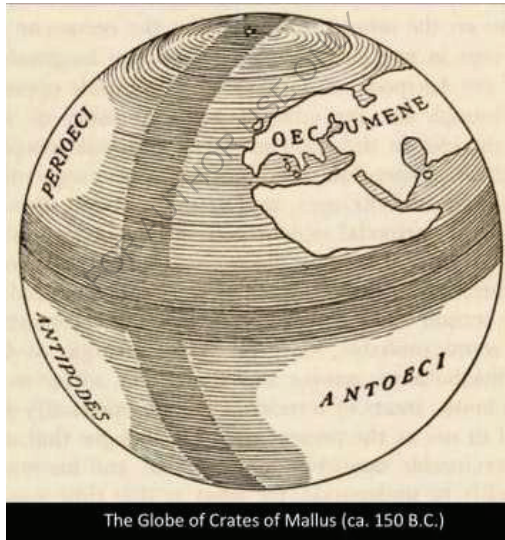


(Macrobius interpreta)

O representante de Pergamon da Escola Gramática Krates (Kratet) Mallsky (d. 145 a.C.) também insistiu que a Terra tinha a forma de uma bola e construiu um modelo de um planeta (três metros de diâmetro) no qual todos os rios, mares, montanhas e cidades eram colocados, verificando com manuscritos antigos. A propósito, descreveu quatro continentes separados por dois grandes oceanos - de norte a sul e de leste a oeste. Ambos atravessados para além dos Pilares Hércules (Gibraltar). Com exceção do Oycumen (Celtics, Iberia, Grécia, Ásia Menor, Egípto, Líbia, Índia, Scythia, etc.), no seu mapa há meteoros "Perioceno" ("Perioikoumene"; no lugar da América do Norte), "Antipodesy" (América do Sul), "Anthesia" ("Antoicum"; Austrália) ... Kratet também reconheceu que as estações no hemisfério sul deveriam ser o oposto das estações no hemisfério norte.



Глобус Кратеса



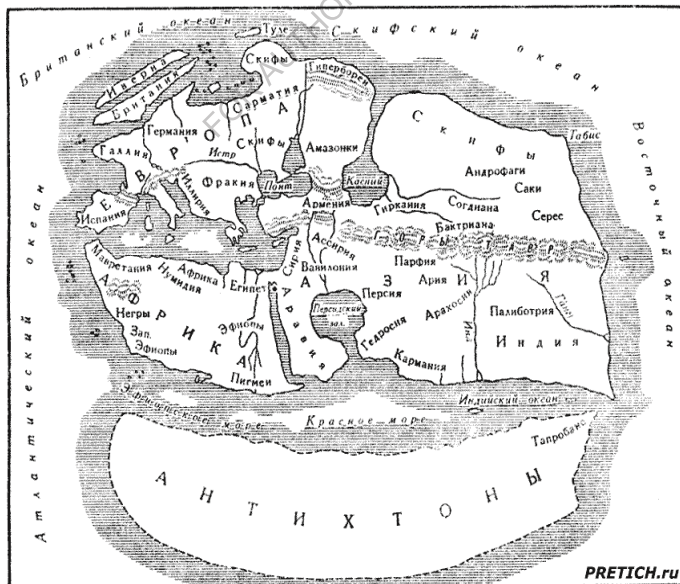
The Globe of Crates of Mallus (ca. 150 B.C.)

Mark Tullius Cicero em "Dream of Scipio" utilizou o termo "cingulus australis" - "zona sul" para nomear a localização dos antípodas.

TYPVS ORBIS A PTOLE· DESCRIPTVS



300 anos mais tarde, o geógrafo Claudius Ptolomeu (100-170 d.C.) traça o mapa da Terra Incognita Australis, marcando-o com uma linha pontilhada desde a borda sul de África em direcção ao Chersonês Dourado, a ilha de Malaca, e enclausurando o Oceano Índico ao interior do Mar do Sul, semelhante ao Mar Mediterrâneo, que existiu nos mapas geográficos até ao século XIX.



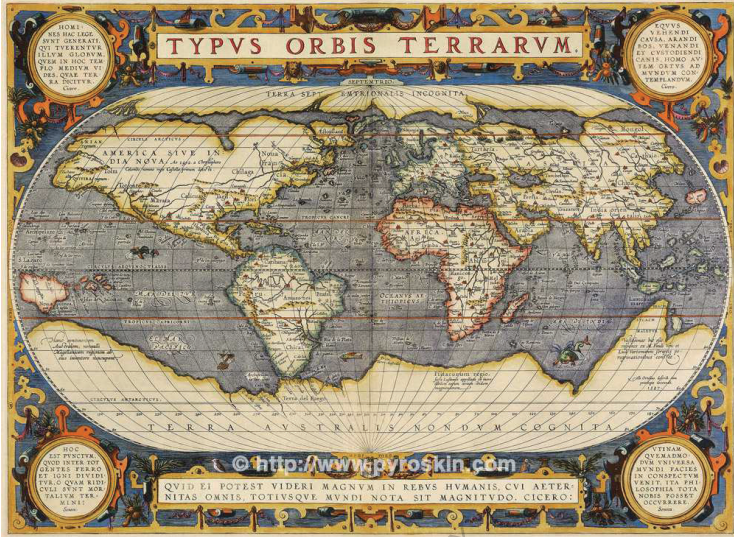
Мир по Помпонию Меле (по Дж. Уинсору)



Um milénio mais tarde, no Livro de Roger (al-Kitab al-Rujjari), Al-Idrisi (1100-1165) descreveu a Terra do Sul como a vasta ponta oriental de África no Oceano Índico, mas deixou a superfície da água para a "borda da terra".

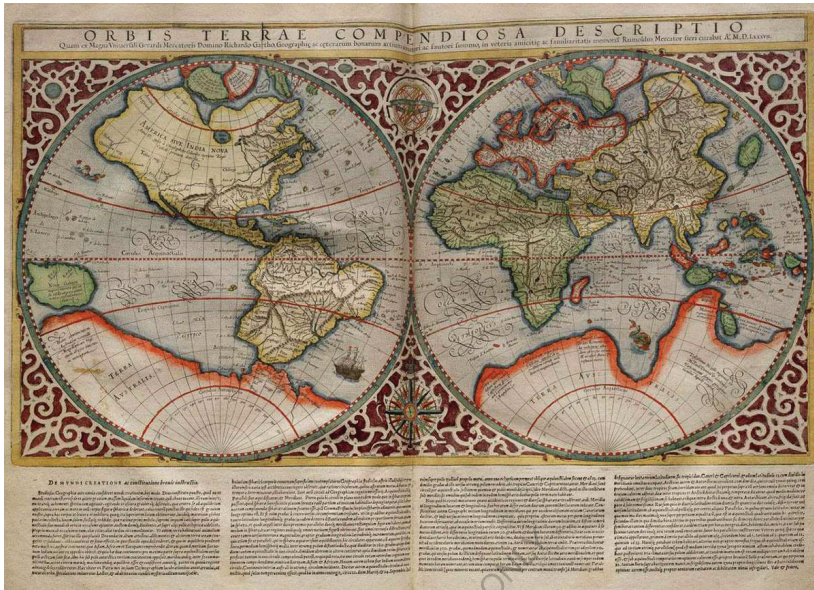
No globo terrestre de 1515 e 1520 pelo cosmógrafo de Nuremberga Jean Schioner, o continente sul é colocado sob o nome de "Brasília Regio" ou "Brasília inferior". Atrás do Estreito de Magalhães de ambos os lados, esta grande terra toma os agora famosos contornos da Austrália (que na altura não era conhecida!), mas também está próxima da área geográfica da Antárctida moderna.

Em 1570, Abraham Ortelius criou o Theatrum Orbis Terrarum, um mapa do mundo representando a "Terra Australis nondum cognita" com contornos semelhantes aos da Antárctida e da Austrália.



Em 1583, Jacques de Wau de Clay criou o Globo da Terra, representando a terra australiana que une a Austrália e a Antártida.

Em 1587, a Terra Australis, como um vasto continente, foi localizada no fundo de um mapa desenhado por Rumold Mercator, copiado de um mapa pelo seu pai Gerardus (Gerard) Mercator. As fronteiras geográficas deste vasto continente são semelhantes às da Austrália e da Antártida.



Em 1605, o navegador português Pedro Fernandez de Quiroz organizou uma expedição a partir do Peru para conquistar a Terra Australis para a coroa espanhola. Pensou ter encontrado o continente ao atracar numa ilha a que chamou "Austrialia del Espiritu Santo".

Em 1627 Johannes Kepler desenhou um mapa do mundo no seu livro "Tabulae Rudolphinae". Contém "Terra australis incognita" no hemisfério sul, ligando a Antártida e a Austrália.

Em meados do século XVII, a Nova Zelândia, descoberta por um europeu Abel Tasman em 1642, foi considerada parte deste continente, tal como a Austrália.

M.V. Lomonosov, na sua obra "Sobre as camadas da terra" (1761), argumentou que nas altas latitudes do hemisfério sul existem ilhas e "a mãe terra coberta de gelo eterno". Ele justificou a sua visão com factores astrofísicos devido à elipticidade da órbita da Terra e à distribuição específica da terra e do oceano no hemisfério sul. Assim, a visão começou a dominar numa ciência, que a imagem da Antártida nos mapas antigos está ligada à noção filosófica natural sobre a necessidade de equilíbrio de terras entre os hemisférios norte e sul (ou seja, estas imagens são simples coincidência da filosofia com a geografia).

Os sonhos do Continente do Sul deram origem a uma série de expedições até que a segunda viagem de James Cook (1772-1775) levou à conclusão, em 1774, de que se o continente realmente existisse, estava localizado a sul de 65° de latitude sul, perto de um pólo onde a navegação

era impossível, pelo que não tinha qualquer valor. Depois disso, durante 50 anos, nenhuma imagem do continente meridional tinha surgido dos mapas geográficos oficiais.

Apenas em Janeiro de 1820 os viajantes russos Thaddeus Bellingshausen e Mikhail Lazarev abriram a Antártida. Contudo, quase simultaneamente com eles abriram a Antártida e o industrial americano Nathaniel Palmer, e em Fevereiro de 1821 ambas as expedições chegaram mesmo a reunir-se. Em 1822, num mapa já publicado em Inglaterra, a sul das Ilhas Shetland do Sul a 64 graus de latitude sul, existe um pedaço de costa e a inscrição "Palmer's Land". Foi apenas em 1867 que a primeira representação cartográfica da Antártida apareceu no Atlas do Mar alemão, que era muito convencional.



World map. From Joseph Hall's *Mundus alter et idem*.

Como podemos ver, a notícia da Antártida na cartografia geográfica não foi a única. Além disso, é frequentemente retratado como não estando coberto de conchas de gelo! Por exemplo, o mapa 1531/2 de Oronteus Phoenix, descoberto em 1959 na Biblioteca do Congresso por Charles H. Hapgood, professor no Colégio de Keene (New Hampshire, EUA), mostra

que as costas sem gelo da Antártida ocupam uma área maior do que a de Pierre Reis. Além da Queen Maud Land, existem também Andbury Land, Wilkes Land, Victoria Land, Mary Bird Land. Os resultados do reconhecimento sísmico apontam mais uma vez para a coincidência da forma da área sob o gelo e no mapa. Os investigadores também fizeram poços no fundo do Mar de Ross (Victoria Land) e recolheram amostras de sedimentos. A análise dos hidrocarbonetos determinou a sua idade e determinou que a fonte de sedimentos eram rios antárticos que outrora desaguavam no Mar de Ross, onde os glaciares Scott e Bradmore agora deslizam para dentro dele. E estes rios, que desaguam das cristas costeiras, são mostrados no mapa!

Em 1949, a expedição do Almirante Richard Baird perfurou o fundo do Mar de Ross perto do local onde Oronteus Finius indicava os leitos dos rios que corriam a partir das cadeias montanhosas costeiras. Nas secções centrais, foram encontradas camadas de rocha de grão fino, sedimentos bem misturados trazidos para o mar pelos rios com a sua nascente em latitudes moderadas, ou seja, livres de gelo. Usando o método de datação radioactiva desenvolvido pelo Dr. W.D. Uri, cientistas do Instituto Carnegie em Washington, D.C., EUA, conseguiram determinar com precisão suficiente que os rios antárticos que eram as fontes destes sedimentos finos estavam a fluir, como mostra o mapa de Phoenix, há aproximadamente 6000 anos atrás. Só depois desta data, por volta de 4000 a.C., é que sedimentos do tipo glaciar começaram a acumular-se no fundo do Mar de Ross. Os núcleos indicam que isto foi precedido por um longo período de calor, até ao calor tropical¹⁴.

Também "... Thomas R. Henry, autor de O Continente Branco, desenhando todas as provas, mostra que no Monte Edsel Ford da Antártida (Edsel Ford, as montanhas na parte noroeste da Terra de Mary Baird na Antártida Ocidental, entre 140° e 149° de longitude oeste, a oeste da Península Antártica, - Oh.D.) sedimentos amassados de cinco quilómetros de sedimentos poderiam ter sido depositados por rios caudalosos quando o continente estava sem gelo: "*A maior actividade erosiva foi provavelmente observada quando a Antártida se encontrava num espaço significativo sem gelo. Como a natureza das rochas metamórficas mostra claramente que estas tiveram origem nas rochas sedimentares originais depositadas pelas águas correntes. Tal acumulação requer um enorme período de calma e calor na vida do planeta.*"¹⁵."

Além disso, o facto de o mapa de Oronteus Phinius não ter pontos de coincidência (com o mapa moderno) para a costa ocidental do mar Ross, Elsworth Land, Edith Ronnais, é explicado pela investigação geofísica: verificou-se que a costa ocidental do mar Ross não tinha pontos de

¹⁴ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*

¹⁵ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*

coincidência; além disso, o leito rochoso do continente passa abaixo do nível do oceano apenas entre os mares Ross e Weddell. Se o gelo derreter, a mesma Terra de Ellsworth não se tornará terra, mas sim uma ¹⁶água rasa oceânica.

O facto de a costa antártica no mapa de Oronteus Finius ter sido anormalmente esticada em todas as direcções, em alguns locais, chegando mesmo aos trópicos, indica um erro de escala (uma rede de paralelos e meridianos, desenhada por Oronteus Finius, não era adequada para a Antártida, a projecção foi sobreposta à fonte original, que foi acompanhada por uma grelha completamente diferente e a circunferência do paralelo 80 foi confundida com o círculo polar, que na realidade estava a 23,5° do Pólo Sul, resultando num exagero de cerca de quatro vezes o tamanho da Antártida), o que levou a concluir que este mapa, tal como o mapa Pierre Reis, foi desenhado "... a partir de vários mapas locais de diferentes costas que podem ter sido incorrectamente ancorados. A análise dos dados tabulares de latitude mostra que existem erros na orientação das diferentes partes do mapa. O erro médio de longitude em Wilkes Land tem uma componente oriental, enquanto que Ross Sea e Victoria Land têm uma componente oriental. O mapa Phoenix poderia ser perfeitamente alinhado com o mapa moderno, virando-o em diferentes direcções para corrigir partes da costa. Ao mesmo tempo, era impossível corrigir a orientação de toda a costa. E tornou-se bastante óbvio que estávamos a lidar com uma compilação de mapas locais feitos por pessoas que não estavam tão familiarizadas com o território como as que tinham atravessado as partes originais da costa"¹⁷.

Gerhard Mercator (Kremer), considerado o cartógrafo mais famoso do século XVI, produziu vários mapas da Antártida (1538/1554). Desenhou o continente não aberto na altura com o menor detalhe. Cape Darth e Cape Gerlacher em Mary Bird Land, Prince Harald's Coast, Padd's Island em Lutzow Holm Bay, e muito mais são ainda mais reconhecíveis do que no mapa de Oronteus Finius.

O mapa turco de Hadji Ahmed (1559) é um mapa muito preciso e um dos "perfeitos" do século XVI, especialmente da costa ocidental da América do Sul e do Norte. Mas ao retratar a Antártida, tem os mesmos erros que o mapa de Oronteus Phinius: "...exageros óbvios do tamanho da Antártida no mapa de Hadji Ahmed podem, naturalmente, ser explicados pelo mesmo erro que no mapa de O. Finius, nomeadamente a combinação do paralelo 80 com o Círculo Polar Antártico. Mas mesmo com isto em mente, o continente parece invulgarmente grande e pouco reconhecível"¹⁸.

¹⁶ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*

¹⁷ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*

¹⁸ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgud.htm>*

Mas os mapas de Philippe Boischet, um membro de pleno direito da Academia Francesa de Ciências, que viveu no século XVIII e muito provavelmente utilizou fontes mais antigas, são particularmente interessantes. No seu mapa de 1737, a Antártida é completamente livre de gelo e representada como um arquipélago separado por uma conduta. Durante muito tempo, esta imagem foi considerada fantástica, mas em 1958 estudos sismográficos confirmaram a imagem na caruagem. A Antártida não é o continente, mas sob o glaciador existe um arquipélago dividido pela conduta em duas partes!

Um estudo dos mapas levou à conclusão de que as fontes cartográficas Pierre Reyes e Mercator poderiam ter sido criadas numa era próxima de 4.000 a.C. A fonte utilizada por Oronteus Phinius foi criada ainda antes, quando o glaciador cobria apenas o centro da Antártida. Finalmente, as fontes utilizadas por Bush devem ser ainda mais antigas e datadas de cerca de 13 000 AC, quando o glaciador não cobria as áreas livres do ¹⁹mapa.

Também foi perfurado um poço na concha glaciador da Antártida e a uma profundidade de quase um quilómetro e meio foram encontrados vestígios de cinzas vulcânicas - o resultado da actividade vulcânica local. Mas interessante é a data a que esta cinza é atribuída - de 8 a 12 mil anos a.C.²⁰.

Entre os investigadores encontra-se a muito popular obra do doutor em geografia Professor C. Hapud "Mapas de antigos reis do mar", na qual o autor justificava a idade dos mapas de Pierre Reis, Oronteus Finius e Philip Boische como o falecido Pleistoceno (30-20 mil anos atrás).

No entanto, ao analisar as imagens nestes mapas de áreas terrestres cobertas de gelo e sem gelo e comparando-as com os dados da perfuração geológica exploratória de gelo, A.V. Koltypin sugeriu que o mapa de F. Boishet corresponde à Antártida 45-34 milhões de anos atrás, o mapa de P. Reiss - 34-23 milhões de anos atrás e o mapa de O. Finius - 23-13 milhões de anos atrás. O mapa de G. Mercator do Pólo Norte (Hyperborea), não coberto com gelo, corresponde no tempo à época média do Mioceno do período Neogénico (16-10 Ma)²¹.

Em 1953, a Marinha turca enviou uma cópia do mapa de Peary Flight ao Gabinete Hidrográfico da Marinha dos EUA. Um certo I. Walters estava interessado no mapa. Para avaliar o mapa, I. Walters, como engenheiro chefe do gabinete, pediu ajuda a Arlington H. Arlington H. Mallery, um antigo

¹⁹ Averyanov V. *Havia uma civilização pré-histórica na Antártida?* // <http://bibliotekar.ru/mmAntarktida.htm>.

²⁰ *Uma semana.* -- M., 1968. -- №41. -- C.19.

²¹ Koltypin A.V. *Os primeiros mapas da Terra (Pierre Reis, Oronty Phineas, Gerhard Mercator, Philippe Boische e outros cartógrafos) foram feitos em Paleogene* // http://www.dopotopa.com/samy_e_rannie_karty_zemli_byli_sostavleny_v_paleogene.html.

perito em mapas que tinha trabalhado anteriormente com Walters. A Mallery passou muito tempo a descobrir a forma como o mapa foi projectado. Para verificar a precisão do mapa, fez uma grelha e sobrepôs um mapa Pierry Reis no mapa mundial: o mapa era absolutamente preciso. Após o seu trabalho, declarou que a única forma de criar um mapa com esta precisão era através da fotografia aérea. É também necessário ter conhecimentos de trigonometria esférica, que foi desenvolvida e descrita apenas no século XVIII, para produzir um mapa de voo PIR.

Os cientistas chegaram à mesma conclusão, estudando o famoso mapa da "Hiperbórea" Mercator. A Península do Labrador é representada como teria sido se o cartógrafo tivesse desenhado o mapa no espaço acima da Islândia a uma altitude de cerca de 7.000 km!

Assim, poderia argumentar-se que este artefacto foi entregue aos terráqueos da civilização alienígena que estava a observar o nosso planeta naqueles tempos distantes.

Mas se apenas os teosofistas da escola de Elena Blavatskaya acreditassem na existência do homem numa época tão antiga, o próprio facto da presença cartográfica da Antárctida fazia pensar os cientistas sérios.

FOR AUTHOR USE ONLY

Capítulo 3. turno do pólo?

O problema para a interpretação de mapas antigos com a Antártida é a orientação da Antártida sobre estes mapas em comparação com os actuais. Verificou-se ser necessário virá-lo 20 graus para leste para coincidir com a orientação correcta em relação a outros continentes²². De acordo com as reconstruções paleogeodinâmicas feitas com base na tectónica da placa litosférica, aproximadamente esse movimento da Antártida tinha sido realizado durante os últimos 40 milhões de anos, permanecendo o tempo todo perto do pólo geográfico sul. E tais erros nos mapas não são apenas muito típicos dos mapas antigos, mas têm um carácter sistémico, que está associado às derivações de outras partes da Terra, bem como aos movimentos dos pólos na história da Terra. Basta olhar para o mapa do mundo, popular há mais de mil anos, feito por Cláudio Ptolomeu, onde a Península Hindustânica está ausente, e a África, a "pêra pendurada gigante" (N. Gumilev) nos ramos da Eurásia, é invulgarmente curvada de oeste para leste.

Como sabem, a Antártida nem sempre esteve no nosso lugar habitual, no centro do Círculo Polar Sul. Anteriormente, estava localizado 3.000 km a norte (e há milhões de anos, juntamente com África, América do Sul, Índia e Austrália formaram um continente - Gondwana).

Mas houve uma mudança da crosta terrestre e a Antártida avançou, separou-se da América do Sul e deslocou-se para as latitudes polares do sul, ou seja, em estreita proximidade com o actual pólo geográfico do sul.

Como resultado, o clima mudou, arrefeceu drasticamente, e a tampa glacial começou a crescer e expandir-se lentamente: "... Segundo dados geológicos, a glaciação da Antártida Oriental (ou seja, a parte mais maciça com o centro nas montanhas de Hamburgo - O.G.) começou após a catástrofe Eocénico-Oligocénica no início da era Oligocénica (34 milhões de anos atrás). A próxima glaciação forte da Antártida com a formação da calota polar começou após a catástrofe pós-Oligocénica-Miocénica no início da época Miocénica do período Neogénico (23 Ma). Durante o resto do tempo, grande parte deste continente foi coberto de gelo, embora a área dos glaciares tenha mudado significativamente várias vezes. Em meados do Mioceno (cerca de 13 Ma), a concha glacial tinha ligado grande parte da Antártida. No falecido Mioceno (10-9 Ma), houve um crescimento ainda mais intenso do manto de gelo na Antártida. Após o desastre do Mioceno Plioceno, a calota de gelo da Antártida avançou para a Terra de Queen Maud no início do Plioceno (6,5-5 Ma). 6,5-5 milhões de anos atrás, ocorreu a mais forte expansão de gelo na Antártida na história do nosso planeta, e no final do

²² Koltypin A.V. *Quando é que as florestas e os rios cresceram na Antártida? Mais uma vez sobre a idade de Pierre Reis, Orontes Finney e Philippe Boische maps // http://www.dopotopa.com/kogda_v_antarktide_rosli_lesa_i_tekli_reki.html*

Mioceno o volume de gelo neste continente atingiu o seu máximo e não se alterou significativamente desde então²³. Se todo o seu gelo na Antártida, que constitui cerca de 70% de todos os recursos de água doce do planeta, derreter (e isto requer um aumento da temperatura de 10-12 graus), a superfície do Oceano Mundial subirá de 50-60 metros.

Como é conhecida, a teoria Primordialista afirma que a expansão de PaleoEuropeoids (Pra-Aryans) para o território dos actuais Oikumen da pátria ancestral original, localizada muito a norte, para além do Círculo Ártico (Hyperboreans, Arcogeans, Heliadians, Thule)²⁴ é dominante para o desenvolvimento da humanidade.

Por exemplo, o conhecido sâncrito indiano e político Bal Gangadhar Tilak analisou informação astronómica, climática e orográfica sobre a pátria ariana contida nos Vedas e Avesta e chegou à conclusão de que as realidades neles descritas correspondem a latitudes polares elevadas, e de forma alguma a latitudes subtropicais indianas ou iranianas de 30-35 graus. A noite polar na pátria ariana dura cem dias. A mudança de dia polar por noite polar dura aqui 30 dias. Toda esta área está localizada na costa sul do Oceano Branco congelado. Em suma, a descrição do lar ancestral nos Vedas e Avesta corresponde às costas polares do Oceano Ártico, e não à Índia ou ao Irão. Em 1910, foi um famoso biólogo. Evgeny Elachich publicou o livro "The Far North as the Motherland of Mankind" em São Petersburgo.

Em 1974 e 1982 são publicadas duas partes do notável livro de G.M.Bongard-Levin e E.A.Grantovsky "From Scythia to India", no qual os autores fazem uma conclusão muito importante sobre a identidade da Hiperbórea dos mitos antigos, a Pátria Védica e Avestide e a Pátria Indo-Europeia.

Os mitos iranianos têm preservado a lenda de que o paraíso Ariano-Vaedjah ariano viu um frio intenso: um demónio maligno envia frio e neve para a pátria ariano todos os anos durante dez meses. O sol começou a nascer apenas uma vez, e o próprio ano transformou-se em um dia e uma noite. A conselho dos deuses, as pessoas deixaram a sua pátria para sempre. "...E assim chegou ao reino de Yima trezentos invernos. E depois esta terra estava cheia de gado pequeno e grande, pessoas, cães, pássaros e luzes vermelhas

²³ Kolytin A.V. *Quando é que as florestas e os rios cresceram na Antártida? Mais uma vez sobre a idade de Pierre Reis, Orontes Finey e Philippe Boische maps* // http://www.dopotopa.com/kogda_v_antarktide_rosli_lesa_i_tekli_reki.html.

²⁴ Tilak B.G. *Arctic Homeland em "Vedas" / Tradução do Inglês e Comentário*. N.R. Guseva. - Moscovo: Faire-Press, 2001. - 525 p.; Warren W.F. *encontrou o Paraíso no Pólo Norte* // <http://web.archive.org/web/20070501194841/http://arcticland.boom.ru/warren/index.htm>.

em chamas. Foi então que Yima veio à luz ao meio-dia no caminho do sol. Soprou um corno dourado nesta terra e chicoteou-o, dizendo: "Sweet Spenta Armaiti, part and stretch wide". Foi assim que Yima estendeu esta terra um terço até onde tinha ido antes" (*Videodat*, 2. 8-11). Este cliché textual é repetido mais duas vezes, mas "trezentos invernos" são substituídos por "seis" e depois "nove", e a terra é espalhada por "dois terços" e depois por "três terços" (*Videvdat*, 2. 12-19). Segue-se um aviso sobre as calamidades vindouras e a necessidade de construir uma Vara salvadora ("fortaleza") e chega o quarto período escatológico, carregando "frio mortal", "inverno", "nuvens de neve" e depois a inundação ("*Videvdat*", 2. 22-24). Em "Avesta", esta catástrofe é interpretada como uma invasão da Terra de Ahriman: o espírito da destruição caiu sobre o céu "e arrastou-o para o vazio" ("*Bundahishn*", 4.3).

Em Tomsk foram publicadas obras de N. Novgorodov "From Hyperboreya to the Greeks, or Big Tourist Idea", "Our ancestral homeland - Taimyr" e "Siberian ancestral homeland", onde justificou a localização Taimyr da "procurada pátria ancestral". Mas o seu livro mais famoso é "Siberian Lukumorye"²⁵.

Como N. Novgorodov resume, em memória da pátria ancestral dos antepassados, onde existiam "condições celestiais e felizes", ²⁶"idyll" (entre gregos e romanos), Idil ou Idel (entre turcos), Idabel-field (na antiga tradição escandinava).

Mas, segundo o explorador esotérico chileno Miguel Serrano, a pátria (marítima) original estava na Antártida Ocidental, que ... costumava ser o Pólo Norte, mas devido à catástrofe cósmica tornou-se o Pólo Sul²⁷.

A lendária "Edda" é também a epopeia dos "arianos" ocidentais no extremo sul: no sul há a terra mágica da luz e do fogo Müspellsheim, a que se opõe a terra do norte de Niehlheim. Entre eles está o oceano original de Ginnungagap. Da luta do "fogo e gelo" nasce "a era moderna dos deuses dos Ases" (adição ao plano horizontal de "Niehlheim-Muspellsheim" e vertical - com os mundos de Upper, Lower e Midgard, "cercado no meio", a habitação das pessoas), cujo futuro é o apocalíptico Ragnarök ("Crepúsculo dos deuses"). É significativo que a modernidade seja vista como o "Inverno gigante" de Fimbulwether.

Aparentemente, o facto da mudança de pólo é confirmado por numerosos mapas geográficos antigos "invertidos" dos séculos VIII-XVII. (o chamado "mappae mundi"), onde o norte e o sul foram alterados em lugares. Ou seja, antes da última mudança de postes todos os mapas eram

²⁵ Novgorod N.S. *Siberian Lukumor: Hyperboreya - em Taimyr; cidades subterrâneas da Sibéria / 2ª ed. - Moscovo: Veche, 2007. - - 352 c.*

²⁶ Novgorod N. *Siberian Grail // <http://hyperbor.narod.ru/www/graal.htm>.*

²⁷ Dugin A. *O Universo Ansioso de Miguel Serrano (do livro "Conspiração") // <http://serrano.lenin.ru/dugin.html>.*

orientados - o último pólo norte no topo e o último pólo sul no fundo. Também o famoso "Dendera Zodiac" no tecto de uma das capelas no telhado do templo Hathor em Dendera mostra esta polaridade oposta.

Mas isto não significa que a mudança de pólos tenha ocorrido em tempos históricos para o homem moderno. Mapas geográficos e zodiacais com lugares alterados nos pólos mostram exactamente a ideia sacral tradicional do Oikumen, que testemunhou o estado real do mundo na era da dominação da Tradição Primordial, transmitida ao longo de milhares de anos de geração em geração sem qualquer atitude em relação à sua mudança. E apenas quando a era da Grande Descoberta Geográfica fez o seu nome completo, a cartografia sagrada tradicionalista foi forçada a ceder à cartografia científica moderna. O facto de até a NASA (que, mas não eles, deveria estar livre de preconceitos e clichés) ter virado a famosa fotografia do Mármore Azul da Terra, tirada do quadro da "Apollo 17" em 1972, por exemplo, atesta o facto de que o Pólo Sul estava em baixo e o Pólo Norte em cima da fotografia original, mas em futuras publicações a fotografia é colocada de cabeça para baixo para ir ao encontro das opiniões habituais do público.

Durante a mudança de pólo, enormes áreas de terra apareceram e desapareceram. Durante a catástrofe, uma enorme onda de tsunamis ocorre como resultado da deslocação inercial das placas litosféricas e do seu afundamento sob a superfície do oceano. Esta onda é susceptível de ultrapassar o globo terrestre. Se mesmo uma onda de apenas 15-30 metros de altura não deixar uma pedra na rocha das cidades costeiras (por exemplo, as consequências dos tsunamis de 2004 na Indonésia e 2011 no Japão), é evidente que uma onda entre centenas de metros e 1 km de altura não deixará sequer solo na costa ou na ilha. Tudo, excepto a rocha raiz, será varrido, como vimos, por exemplo, nas Ilhas Novosibirsk.

Por exemplo, na Yakutia encontram mamutes congelados com erva não cozida na boca, o que significa que congelam quase instantaneamente quando a temperatura cai para - 100 graus Celsius e abaixo. No estômago destes mamutes, alguns encontram tubérculos de gladiolo, o que sugere que antes da Yakutia tinha um clima muito quente. E tudo mudou quase instantaneamente.

E, sim: "... A vez da Terra teve consequências terríveis. Os mares salpicaram nas zonas costeiras, enterrando tudo com o seu poder. Durante o golpe de Estado há terríveis oscilações de superfície (terramotos), em resultado das quais, áreas que estão longe da costa, também sofrem terríveis consequências do golpe: edifícios desmoronam, vulcões começam a agir activamente, chuvas fortes caem. Além disso, áreas que se encontravam em zonas de clima quente estão a transitar rapidamente para regiões polares e circumpolares do globo, resultando na morte de plantas e animais termófilos. E as regiões polares deslocavam-se para zonas climáticas mais quentes: os glaciares estavam a derreter, a precipitação forte estava a cair, e o nível do

mar estava a subir acentuadamente num curto período de tempo. Como resultado, a humidade aumentou dramaticamente e a atmosfera deslocou-se para os pólos recentemente formados da Terra. A neve não derreteu, construindo assim novas calotas polares de gelo²⁸.

Isto é alegadamente confirmado pelos registos egípcios antigos sobre os papiros de Ipuver e Harris, que dizem que no rescaldo de algum desastre de "deslocação do fogo e da água" "o sul tornou-se norte", e "a terra virou-se como a roda de um oleiro", "a terra virou-se de cabeça para baixo".

Platão em diálogo "Politia" relata os antigos tempos em que o pôr-do-sol e o nascer do sol e das estrelas eram opostos ao presente: eles ergueram-se no ocidente e puseram-se no oriente²⁹. Isto só é possível quando o eixo da terra é rodado a 180 graus. Platão, a propósito, explica a razão disto no conflito entre as crianças de Pelop - Atrey e Fiesta. Séneca no drama "Fiesta" descreveu os acontecimentos que tiveram lugar depois de o Sol ter voltado para trás. Pessoas horrorizadas perguntaram umas às outras: "Será que nós, de toda a humanidade, merecemos que o céu com os postes virados de cabeça para baixo nos assuste? É realmente o nosso último dia"? Eurípedes em "Electra" explicou porque Zeus mudou o curso do Sol, forçando-o a levantar-se no Oriente e não no Ocidente: "... Então Zeus levantou-se na sua ira, forçando as estrelas a voltarem-se para o caminho do fogo. O sol voltou para trás, tecendo a sua raiva e carregando o castigo dos mortais.

Drunvalo Melchizedek no livro acima mencionado "O Mistério Antigo da Flor da Vida" escreve: "... O Deus O Um passou por cinco mudanças de pólo: viu o Sol nascer do Oriente e viu-o nascer do Ocidente, depois do Oriente e de novo do Ocidente - cinco vezes". E também: "...nos tempos em que a Atlântida existia, a Terra girava na direcção oposta. O actual norte estava no sul, e vice-versa. Depois da inundação da Atlântida, não só os pólos mudaram, como a Terra começou a rodar na direcção oposta.

Os códigos mexicanos referem-se à mudança das estrelas no céu como "a partida de quatrocentas estrelas do sul", e as mudanças na direcção do sol começaram a ser descritas simbolicamente como os movimentos da bola durante o jogo. Eventualmente, os mexicanos referiam-se a quatro sóis que se moviam em direcções diferentes. Por exemplo, o Sol movendo-se de oeste para leste, chamaram Theotl Likso.

Na mitologia chinesa também se conhece um movimento caótico súbito no céu de dez "corvos" - o sol, nove dos quais depois exterminaram o atirador Yi e os restantes começaram a mover-se estritamente de leste para oeste.

O antigo tratado chinês "Huaynanzi" diz: "... A abóbada celeste é quebrada, as escamas terrestres são quebradas. O céu inclinou-se para

²⁸ Semochko V. Quando a Terra tombou // http://kobil-caprica.blogspot.com/2016/02/blog-post_6.html

²⁹ Platão. Ensaios : em 3 tt. -- M., 1972. - T.3, p.2. -- C.27

noroeste, o sol, a lua e as estrelas moveram-se. A terra no sudeste estava incompleta, e por isso a água e a lama correram para lá...

A história tradicional chinesa sobre o antepassado de Nui Wa ("Snail Woman") também descreve a mudança da pedra basilar da terra. Após a criação do universo, este voltou a tornar-se instável. Os cinco espíritos do elemento Árvore destinavam-se a apoiar a Terra e a restaurar a ordem no universo. Depois de Fu Xi Nyu Va se ter tornado o governante do universo, mas encontrou resistência do deus da água Gong Gong, que se rebelou. Então o deus do fogo, Zhu Jung, foi chamado a conquistá-lo. O derrotado Gong Gong atacou o Monte Buzhou na sua fúria e destruiu os pilares que suportavam o Céu e os laços que mantinham a Terra no seu lugar. Céu, Sol, Lua e estrelas dobradas para sul. Nos escritos do início da dinastia Han, diz-se que o céu foi quebrado e a crosta terrestre foi quebrada. Havia fogos por todo o lado, rios saíam da costa. Nui Va derreteu uma pedra de cinco tons e usou-a para cobrir a ferida aberta no céu, e depois tomou as pernas da tartaruga marinha celestial gigante como pilares para estabilizar a dureza. Corrigiu as órbitas e caminhos do Céu e da Terra, permitindo às pessoas viver e trabalhar pacificamente.

A Bíblia descreve coisas semelhantes: "A terra tremer e tremer, e os fundamentos das montanhas tremeram e moveram-se; porque Ele estava irado [Deus]; ... Ele abaixou os céus e desceu, e a escuridão debaixo dos Seus pés ... E as fontes das águas apareceram, e os fundamentos do universo se abriram do Teu formidável [voz], ó Senhor, do sopro do Teu espírito de ira" (*Salmo 18:7, 9, 15*). No tratado "Sanhedrin" de "Talmud" diz-se: "Sete dias antes da cheia, o Sagrado mudou a ordem original, quando o sol nasceu no oeste e se pôs no leste".

No "Livro de Isaías" do Antigo Testamento encontramos a seguinte descrição apocalíptica: "... A terra é quebrada, a terra é quebrada, a terra é grandemente abalada; a terra vacila como um bêbado, e balança como um berço, e a sua iniquidade gravita sobre ela; ela cai, e não se levantará mais" (*Isaías 24,19-20*). Na visão judaica "A Ascensão de Moisés" (7-30 d.C.), atribuída ao autor-Zealot, eis como é descrito o cataclismo: "... porque o Céu subirá do trono do Seu reino e sairá da Sua morada santa com indignação e raiva contra os Seus filhos. E a terra tremerá e tremerá até aos seus limites, e as altas montanhas cairão e tremerão, e os vales cairão, e o sol não dará luz, e em trevas, e os chifres da lua girarão, e serão esmagados, e tudo será transformado em sangue, e o círculo de estrelas será misturado, e o mar recuará até ao abismo, e as nascentes das águas secarão, e os rios secarão. Porque o grande Deus, único e eterno, se levantará, e aparecerá a todos, e se vingará das nações, e destruirá todos os seus ídolos. Bendito sejas, pois, ó Israel, e levantar-te-ás sobre as cabeças e sobre as asas das águias, e elas se encherão de ar, e Deus te levantará e te estabelecerá no céu estrelado, no lugar das estrelas.

Coincide com as crenças cristãs escatológicas: "... Quando "os poderes do céu tremerem" (Mc. 13:25), não só haverá uma mudança de pólo, que já esteve na história da terra mais de uma vez, mas também a "inversão de polaridade", que terá como resultado que o sul se torne o norte e o norte se torne o sul, o oeste se torne o leste e o leste se torne o oeste. O sinal da polaridade é a *suástica*. As camadas superiores da crosta terrestre deslocar-se-ão em relação ao manto, causando uma enorme onda inercial nos oceanos do mundo, varrendo tudo no seu caminho. Sismos maciços e mudanças tectónicas ocorrerão quando "todas as montanhas e ilhas se afastarem" (Marcos 13:8), a actividade vulcânica intensificar-se-á, fazendo com que as emissões de cinzas eclipses o sol e a lua (Marcos 13:24). Uma viragem brusca da terra em relação à sua posição normal dará a impressão de que "as estrelas cairão do céu" (Marcos 13:25), e a cobertura do céu com erupções vulcânicas indo como uma frente negra criará a ilusão de que o céu "se esconderá, pendurado como um pergaminho" (Apocalipse 6:14)³⁰ ...". "The Tale of Bygone Years" (O Conto de Anos Passados) com menos de 1071 conta sobre o aparecimento de um certo "mágico" (não um sacerdote pagão, nomeadamente um herege cristão, provavelmente um mantis), que predisse que os rios correriam para trás, que a terra se deslocaria de lugar em lugar e que a terra grega se tornaria no lugar do russo, e que a terra russa se encontraria no lugar do grego³¹.

O facto de as estrelas no céu terem mudado a sua posição é mencionado nos Apocrypha. Assim, no "*Livro de Enoque*", capítulo 18, versículos 12-15, é relatado que alguns dos filhos de Deus que pecaram foram aprisionados: "... 12. E vi um abismo profundo, com os pilares do fogo celestial, e entre eles vi os pilares de um riacho de fogo, que é incomensurável em altura e profundidade. 13 Por detrás deste abismo vi um lugar sem uma firmeza do céu no topo, e uma firmeza da terra no fundo: não havia água nele, nem pássaros, mas era um lugar desértico terrível. 14. Vi sete estrelas parecendo enormes montanhas ardentes, e quando perguntei sobre elas, o anjo disse-me: "Este lugar é o fim do céu e da terra: tornou-se um calabouço para as estrelas e para o exército do céu. 15. E as estrelas que rolam sobre o fogo são as que quebraram a ordem do Senhor no início da sua ascensão, porque não apareceram no momento designado.

A mudança do Zodíaco devido à mudança do Polo é descrita por um judeu helenista de Alexandria, um dos autores do popular entre os povos helenistas (incluindo partes dos judeus) "The Prophecies of Seville":

"As estrelas deram à luz a guerra - o Senhor ordenou-lhes que lutassem.

³⁰ *O cristianismo nórdico. O problema cristão à luz do problema 2012 // <http://breanainn.livejournal.com/1897.html>*

³¹ *Uma colecção completa de crónicas russas. - - II, 1926. - T. I/1. - - C. 174*

Em vez do Sol, houve uma enorme chama em fúria,
A curva lunar perdeu a sua forma anterior.
Vénus entrou na batalha, escalando até às costas do Leão;
Mesmo no pescoço do Capricórnio de Taurus atingiu um jovem,
A mesma que não deu a Capricórnio nenhuma esperança de salvação;
Orion não deixará a Libra brilhar mais no céu;
O destino da Virgin Gemini na constelação de Aries mudou;
As estrelas das Plêiades não se levantaram - o Dragão destruiu o seu cinto;
Na concha da constelação do Leão para atingir Peixes de aço;
O cancro não resistiu a ser o mais temido de Orion;
Ele ficou de pé na sua cauda Escorpião, em frente ao horrível Leão do Túnico;
O cão correu do fogo do sol escaldante;
A raiva de Big Lights fez Aquarius arder.
O céu começou a tremer até sacudir os guerreiros.
Ficou muito zangado e atirou-os ao chão a partir de uma altura,
Assim, a queda em flecha para as águas oceânicas,
A terra foi queimada pelo fogo, e o céu foi privado de constelações".
(*Livros de Sevilha V, 514-531*).

Aparentemente, em algumas das previsões de Michel Nostradamus, as mensagens sobre a iminente "mudança do mundo" são codificadas³².

O vidente Edgar Casey também profetizou que "...a terra será dividida na parte ocidental da América. A maior parte do Japão deve afundar-se no mar. A parte superior da Europa será mudada num piscar de olhos. As terras aparecerão ao largo da costa leste da América. Haverá mudanças no Ártico e na Antártida, o que provocará a erupção de vulcões em áreas quentes, e haverá uma mudança de vara - para que o clima frio ou subtropical se torne mais tropical e o musgo e a samambaia cresçam lá. Estas mudanças terão início entre '58 e '98, período em que a Sua luz será novamente vista nas nuvens. (Leitura 3976-15) ... Assim que ocorrer o primeiro cataclismo no Mar do Sul, e houver mergulhos e elevações de terras na parte diametralmente oposta do globo, no Mediterrâneo, na região do Etna, este será o início ... Nos próximos anos, novas terras aparecerão nos oceanos Atlântico e Pacífico, e muitas áreas costeiras tornar-se-ão o fundo do oceano. Mesmo muitos campos de batalha modernos (1941) serão cobertos por águas de oceanos, mares e golfos; novas terras aparecerão com uma nova ordem mundial e um novo curso de acontecimentos ... Fracturas da crosta terrestre ocorrerão em muitos lugares. No início - na costa ocidental da América;

³² Cannon D. *Nostradamus : The Displacement of the World* // http://www.edgarcasey.narod.ru/nostradamus_smeshenie.html

Charles H. Hapgood, que descobriu o mapa de Orotenius Phinius e escreveu o livro *Maps of Ancient Sea Kings* (Mapas dos Antigos Reis do Mar). é agora ³⁵talvez mais conhecido como um apoiante da hipótese de mudança de pólo.

No seu livro "Mapas dos Antigos Reis do Mar" Charles Hapgood escreve: "... Se olhar para San Salvador no Portal Pieri Reis e marcar a sua longitude na grelha principal, notará que se situa a oeste do 60° meridiano, e não a 74,5°W, onde realmente deveria estar. Mas se virar o mapa ao centro e determinar agora a longitude da ilha numa projecção caribenha específica, obterá 80,5°. A partir daqui é claro porque é que Colombo está confuso. O seu erro foi não saber: o mapa poderia levá-lo a uma distorção de direcção de cerca de 14° ou a um desvio da verdadeira distância através do Atlântico de 840 milhas, o que quase causou o fracasso de toda a expedição. O desvio do eixo terrestre ocorreu numa direcção sudoeste, uma vez que "o céu caiu para norte", levando inevitavelmente a uma mudança nos valores das coordenadas, principalmente relacionada com a latitude³⁶.

No seu livro "The Earth's Shifting Crust" (1958) (incluindo o prefácio de Albert Einstein) Ch. Hapgood, baseado num modelo anterior de Adhemar, sugeriu que a acumulação de gelo nos pólos causa uma perturbação do equilíbrio de massa na crosta do planeta, o que provoca um "deslizamento" de toda ou a maior parte da crosta em relação ao núcleo, que mantém a sua posição em relação ao eixo de rotação. Com base na sua própria investigação, Ch. Hapgood sugeriu que os turnos ocorrem durante cerca de 5 mil anos cada um, intercalados com períodos de 20-30 mil anos durante os quais os pólos não se movem. Ele calculou que o deslocamento angular da crosta durante um único turno não excede os 40°. De acordo com C. Hapgood, os últimos pontos do Pólo Norte: Baía de Hudson (60°N, 73°W), no Oceano Atlântico entre a Islândia e a Noruega (72°N, 10°E), Yukon (63°N, 135°W): "...Isto levou a uma deslocação para sul na América do Norte em direcção ao equador, e o seu movimento continuaria até à Baía de Hudson ou Província do Quebec, que se encontrava então no centro da calota de gelo, na nossa teoria, no Pólo Norte, ter atingido a sua latitude actual. Nesta altura, a cobertura de gelo foi significativamente reduzida devido ao derretimento, e o movimento parou. A crosta terrestre foi deslocada por 2000 milhas ao longo do 90° meridiano de longitude ocidental. Mas se a América do Norte foi deslocada 2.000 milhas para sul, então o que aconteceu no resto do hemisfério ocidental? Uma vez que toda a crosta terrestre é uma só, obviamente todo o hemisfério deve ter sido deslocado pela mesma

³⁵ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings* / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgood.htm>

³⁶ Uvarov V. *Segundo nascimento de Hyperborea* // <http://pyramids.iicufi.org/index.php?id=68>.

quantidade. A América do Sul provavelmente também se deslocou para sul. A Ásia Oriental, do outro lado do planeta, mover-se-ia na direcção oposta, para norte. Grande parte do meu livro sobre a crosta terrestre é dedicado a provas que mostram que o clima arrefeceu dramaticamente neste momento. Voltemos agora à Antárctida. É evidente que se o hemisfério ocidental se deslocou 2000 milhas para sul ao longo do meridiano 90, a Antárctida deve mover-se em conformidade. Nomeadamente, 2.000 milhas a norte, o que o empurrou para além do Círculo Ártico para uma zona temperada ou temperada fria. Durante o movimento, a Antárctida foi-se tornando gradualmente mais fria e foi-se formando uma calota de gelo até atingir o seu tamanho actual"³⁷.

Mas já no livro "The Path of the Pole" (1970) Ch. Hapgood reconheceu a validade dos cálculos de Einstein, que mostram que o peso do gelo polar não é suficiente para deslocar a crosta. Em vez desta explicação, Ch. Hapgood sugeriu que a causa do deslocamento são algumas forças internas cujas fontes estão localizadas sob a superfície da Terra. Ch. Hapgood pediu ao bibliotecário canadiano Rand Flem-At para ajudar a encontrar provas científicas para a sua hipótese e para o seu desenvolvimento futuro. R. Flem-Att publicou os resultados da sua pesquisa em 1995 em "When the Sky Fell", que foi co-autor com a sua esposa.

Ch. Hapgood, contudo, não foi o primeiro a sugerir "o papel do gelo na mudança dos pólos". Em 1948, o engenheiro eléctrico Hugh Brown argumentou que a acumulação de gelo nos pólos faz com que "o eixo da Terra se incline", repetido a intervalos de cerca de sete mil anos.

Uma hipótese semelhante foi apresentada pelo geógrafo I. Kuldoshin de Orenburg: "... A crosta terrestre deslocar-se-á inevitavelmente: a espessura do gelo que cobre a Gronelândia, atinge 5 quilómetros. A força centrífuga desta ilha, localizada perto do próprio pólo, é tão forte que gira tão rapidamente em torno do eixo da Terra que tenta inclinar a crosta terrestre a flutuar no magma em direcção ao equador. A crosta terrestre é a concha exterior de um "rolamento" gigante entre 8 e 40 quilómetros de espessura. Até agora, a Gronelândia não tem sido capaz de lidar com isto - o nosso planeta não está em perfeita forma redonda. Mas, de acordo com I. Kuldoshin, pode haver algum choque externo, causado, por exemplo, pela queda de um enorme corpo espacial para a Terra (e talvez uma poderosa explosão provocada pelo homem), que levará a rupturas da crosta terrestre, alterações climáticas globais e consequências irreversíveis para toda a vida no planeta. De acordo com previsões de I. Kuldoshin, a Antárctida com a sua casca de gelo volumosa, cuja massa é muitas vezes maior do que a cobertura de gelo da Gronelândia, irá afastar-se do Pólo Sul em resultado do impacto e devido ao aumento da sua força centrífuga ajudará a Gronelândia a mover

³⁷ Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / ger. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgood.htm>*

a crosta terrestre. Como resultado, de acordo com os cálculos de I. Kuldoshin, o equador da Terra passará por Tyumen, Ufa, Saratov, Donetsk, e mais adiante na circunferência do planeta"³⁸.

Assim, os investigadores decidiram não excluir o factor externo como razão para a "queda" da Terra, nomeadamente o bombardeamento do cometa do planeta, que colocou a crosta a cerca de 30°-20°, resultando em que os pólos geográficos tomassem a sua posição actual. A justificação matemática do deslocamento dos Pólos Norte e Sul de acordo com a teoria de C. Hapgood forneceu o engenheiro italiano Flavio Barbiero³⁹.

O tema da mudança de pólo (incluindo o magnético) atraiu muitos autores que ofereceram as suas próprias explicações e previsões. Em 1970-1980 a repórter Ruth Shik Montgomery publicou uma série de livros, não apresentados como ficção, nos quais interpretou as profecias de Edgar Casey, ligando as últimas mudanças geográficas e climáticas globais previstas com a mudança do pólo. Em 1997, Richard W. Non publicou o livro "5/5/2000, ICE: The Ultimate Disaster", que predisse o cataclismo que iria ocorrer a 5 de Maio de 2000 devido à mudança da calota polar antártica, causada por um desfile de planetas e pelo aumento da actividade solar.

Em 1998, o engenheiro reformado James G. Bowles propôs na revista Atlantis Rising um mecanismo de mudança de vara chamado "Rotation-Bending effect" ou "efeito RB". Sugeriu que a acção gravitacional conjunta do Sol e da Lua leva a uma força que actua sobre a crosta terrestre num ângulo agudo, resultando na formação de uma "zona plástica" no manto, permitindo que a crosta se desloque em camadas relativamente mais baixas. Como nas hipóteses iniciais de outros autores, as forças centrífugas que actuam sobre as massas de gelo nos pólos e que resultam no seu deslocamento para o equador são mencionadas como a razão do próprio deslocamento.

Livros sobre o mesmo tema foram publicados pelo geólogo William Hutton, incluindo Coming Earth Changes: Causes and Consequences of the Approaching Pole Shift, que compara a história geológica com as interpretações de Edgar Casey e prevê alterações climáticas catastróficas até ao final de 2001. Em 2004, W. Hutton foi co-autor com Jonathan Eagle em Catastrophic Past and Future: A Scientific Analysis of Information Channeled by Edgar Cayce, que descreve os mecanismos hipotéticos da mudança de vara e prevê o calendário destes eventos no futuro.

³⁸ Turov, V.A. "Intra-Terra" causas das alterações climáticas (em russo) // Escalibro. - https://escalibro.com/pt/poetry/book/read/743_vnutrizemnyie-prichinyi-izmeneniya-klimata.

³⁹ Barbiero, Flávio. Alterações no eixo de rotação da Terra após impactos de asteroides / cometas e seus efeitos geológicos // <http://www.conference-athens-2011.grazian-archive.com/flaviobarbiero/confer-kandersteg-poles-ingl.pdf>

Segundo a hipótese de G. Schultz, as alterações climáticas na Terra são causadas por fenómenos tais como o movimento da litosfera como um todo, os rápidos imbecis, seguidos de longas pausas. O "escorregamento da crosta" pode proporcionar tanto mudanças na posição dos pólos em relação aos continentes, acompanhadas de mudanças climáticas globais heterogéneas, como mudanças no cofre celestial visível. Quando a crosta escorrega, o céu visível muda a sua inclinação, embora a inclinação do eixo de rotação da Terra em si não mude em relação ao plano orbital. De acordo com a versão de G.. Schultz, o "efeito deslizamento" poderia ser causado por flutuações na atracção da Terra pelo Sol em conjunto com forças centrífugas que actuam sobre as tampas glaciares do planeta. No entanto, estimativas físicas simples para tal processo indicam uma probabilidade negligenciável de escorregamento. Como a massa de calotas de gelo nas regiões polares é insignificante em comparação com a massa da crosta terrestre, a diferença de peso causada pelas forças centrífugas no pólo e no equador é inferior a um por cento, o que reduz o impacto rotativo das calotas de gelo sobre a crosta terrestre a um nível extremamente baixo. Esta diferença está ao nível das flutuações das marés que enfrentamos diariamente.

Contudo, os críticos salientam que a hipótese do autor sobre a litosfera é uma concha sólida da crosta terrestre, 30-60 km de profundidade, ou seja, é a mesma em todo o lado, enquanto que sob os oceanos a potência da litosfera varia de 0 sob as zonas de fenda a 60-70 km sob os canais abissais dos oceanos, e sob os continentes a espessura da litosfera pode atingir 250 km. Pergunto-me, como é que o autor da hipótese representa o deslizamento de tal litosfera ao longo da astenosfera?

Segundo outros cientistas, tal "deslizamento da litosfera" é causado pela diferença nos eixos de rotação do núcleo sólido interior e do núcleo fundido exterior (manto) do planeta no qual repousa a litosfera. Quando o eixo do núcleo é deflectido na direcção oposta em relação ao eixo da Terra, a inclinação do planeta para o eclíptico é mínima. A última vez que um tal evento ocorreu no XI milénio a.C. Depois, a inclinação do planeta começou a aumentar, à medida que o eixo do núcleo começou a "apanhar" o eixo de rotação da Terra. No X milénio a.C., a inclinação da Terra tornou-se máxima. O núcleo interior sólido é forçado a rodar próximo do eixo da Terra, à medida que o derretimento do núcleo exterior se transfere do manto para a parte interior do núcleo do momento de rotação. O eixo de rotação da Terra descreve durante 26 milénios (existem dados 25765, 25800, 25900 anos) um círculo completo. A dada evolução ocorre à custa da influência gravitacional do Sol que aspira a girar um eixo planetário num paralelo de um eixo de rotação de uma estrela. O eixo do Sol é quase perpendicular à eclíptica da Terra (o plano de rotação do planeta em torno do Sol), e a Terra é inclinada

para a sua eclíptica. Aqui está o eixo planetário, e ele agita-se⁴⁰. Como estabelecido pelos astrónomos, existe um certo movimento circular do próprio eixo da Terra entre α o Urso Pequeno (Estrela Polar) e α Lyra (Vega) e o tempo do círculo completo é de aproximadamente 26 mil anos. Em 13 mil anos, o eixo da Terra passará pela estrela Vega⁴¹.

Mas o núcleo interior tende sempre para a sua própria precessão (em 16 mil anos, ou seja, mais rápido devido ao raio e massa menores do que o do manto, e à velocidade de rotação próxima) e, assim, desvia ligeiramente o manto do círculo de precessão ideal no ciclo de precessão de 26 mil anos. Estas remoções causam 41 mil oscilações (nutações) anuais do eixo da Terra. Durante este período o eixo de rotação do planeta muda a inclinação do eclíptico para o equador por um par de graus (também coordenadas equatoriais de luminárias celestiais). Devido à nutação (acenar com a cabeça, tremer de um eixo de rotação), a precessão da Terra representa não um círculo ideal, mas a espiral fechada. A trajectória em forma de espiral do eixo planetário é caracterizada por extremos, quando a Terra muda o seu carácter de movimento. Primeiro o planeta parece cair de lado, depois o colapso pára e o eixo planetário começa a mover-se na direcção oposta. No ponto do extremo, o manto pesado segue claramente o seu ciclo pré-ccessional, e a litosfera mais leve cai ainda mais, por inércia, o que leva ao deslizamento, que é o início do cataclismo litosférico. Tendo começado a velejar, a litosfera perde tracção com um manto, aproximadamente como o carro em curva apertada numa estrada escorregadia. O processo posterior é reforçado por glaciares polares que ligeiramente "saíram" dos pólos, desequilibram a litosfera e puxam-na para o equador. Quando se trata da litosfera a deslizar pelo manto, considera-se naturalmente que a superfície de deslizamento está longe de ser perfeita. A parte inferior da litosfera é a astenosfera, que é também a parte superior do manto. A fronteira entre a litosfera e o manto "puro" é de 670 km de profundidade. Segue-se que a crosta de terra sólida flutua simplesmente ao longo da camada inferior relativamente fluida, em parte prendendo e perturbando esta camada. "Melhora" a litosfera deslizando sobre o manto da Lua, que muito fraca mas rapidamente sacode a Terra com um período de 18,6 anos (nutação lunar), que é uma vez e meia menos do que o período de precessão do manto. Sem esta vibração, não ocorrerá⁴² nenhum deslocamento da litosfera.

Charles Hapgood compilou a localização dos pólos geográficos durante um período de tempo muito longo, e os resultados foram

⁴⁰ *A Look Beyond the Edge: Lithosphere Displacement* // <http://vzglyadzagran.ru/zemlia-i-priroda/smeshheniya-litosfery-2.html#more-10596>

⁴¹ Narlikar, J.V. *Gravity without formulas (em russo) / Traduzido do inglês por I.Yu. Kobzareva. - Moscovo: Mundo, 1985. - - C.10*

⁴² *A Look Beyond the Edge: Lithosphere Displacement* // <http://vzglyadzagran.ru/zemlia-i-priroda/smeshheniya-litosfery-2.html#more-10596>

inesperados. Por exemplo, durante o Pleistoceno, uma era que começou há cerca de 2.588.000 anos e terminou com a chegada das últimas Drias, o pólo geográfico ocupava 15 posições diferentes. Desde a era Pré-Cambriana até aos dias de hoje (um período de aproximadamente 100 milhões de anos), Hapgood identificou um total de 229 locais diferentes do pólo geográfico.

A última vez que se verificou uma deslocação ostensiva de uma litosfera foi em 10 450 AC. - Nesta altura, o eixo planetário estava no ponto de inclinação mínima para a eclíptica (a precessão do núcleo e do manto são subtraídos vectoricamente), o início da era Leo zodiacal. Nesses tempos distantes, a Terra deu meia volta. A crosta terrestre supostamente deslocou-se num dia ou dois por vários milhares de quilómetros. Depois o oceano mundial acalmou durante alguns dias. O próximo desvio ocorrerá em 8 mil anos, quando a Terra passará um ponto de máxima inclinação para a eclíptica (precessão de um núcleo e dobra do manto)⁴³.

Segundo os investigadores Votyakovy (infelizmente, não há informação sobre eles na Internet, apenas uma nota no jornal "Mistérios do Mundo"), que analisaram os dados sobre o relevo (cadeias de montanhas e depressões) de toda a Terra com a ajuda de um programa informático, tal cataclismo na Terra é levado a cabo com uma certa periodicidade. Afinal, todas as grandes cristas e cavidades da Terra, em terra e no fundo do Oceano, estavam localizadas no plano do centro físico do planeta. As irregularidades na crosta são como se fossem cintos contínuos usados no globo, e ostentam os vestígios de deformação quando a litosfera se inclina e se desloca.

Outros geocostas acreditam que a "inversão de polaridade" da Terra ocorre a cada 24.333 anos, e quando o eixo da Terra inclina 180 graus - duas vezes por ano: "... Não será difícil determinar quantas vezes o nosso planeta foi sondado ... Ao diminuir a um mínimo de intensidade de um campo geomagnético na posição de um eixo da Terra 0 - 180 - 360 graus para um plano de potência orbital do próprio campo gravitacional da Terra decresce ao mínimo. Nesses períodos, as pessoas podiam construir estruturas megalíticas em diferentes regiões do mundo. Tais como - Baalbek e os seus semelhantes ... "44». Esta figura está próxima da afirmação do poeta romano Censorin (século II a.C.) de que a Terra está a sofrer grandes convulsões ("inundações mundiais") de 21600 em 21600 anos.

A próxima mudança de pólos geográficos por cálculos está prevista para 22 de Junho de 2033. E a última mudança de pólo ocorreu 460,5 anos antes, ou seja, em 21 de Dezembro de 1572⁴⁵.

⁴³ *A Look Beyond the Edge: Lithosphere Displacement* // <http://vzglyadzagran.ru/zemlia-i-priroda/smeshheniya-litosfery-2.html#more-10596>

⁴⁴ *Baturin A.M. Periodicidade das catástrofes globais - 12166 anos* // <http://www.nauka.kursk.ru/6/index1.php>.

⁴⁵ *A hipótese da periodicidade da mudança de pólo, h. II* // <http://http://kadykchanskiy.livejournal.com/240674.html>

Essa mudança de pólos teve lugar muito recentemente, em tempos históricos para a humanidade moderna (nas fronteiras há 4 mil anos), ostensivamente as bem conhecidas construções centradas "em pólos antigos" testemunham. Mas, como já salientámos, o mais provável é que, numa tal orientação, não houvesse uma orientação geográfica real, mas uma "sagrada", ou seja, "tradicional" - transmitida por antepassados distantes.

"... Segundo o Doutor em História, Professor I. Bestuzhev-Lada, as alterações na inclinação do eixo terrestre são uma das principais causas de séculos de alterações climáticas. As oscilações dos eixos causam deslocamentos periódicos dos pólos. Ao mesmo tempo, a posição dos pólos magnéticos também muda. Se fosse possível filmar a Terra com uma câmara de filmar durante aproximadamente quatro mil milhões e meio de anos da sua suposta existência, e depois rolar rapidamente uma fita, a presente representação luminosa aparecerá perante nós. Veríamos como partes da superfície da Terra sobem e descem ao leito oceânico, como os continentes se movem ao longo da superfície do planeta, como as camadas da crosta terrestre deslizam sob o leito oceânico, para as profundezas da litosfera, e como novas camadas se elevam a partir daí. A crosta terrestre sobe e desce. Cada "respiração" dura centenas de milhões de anos. É acompanhado de relativamente "pequenos tremores" - ferramotos, alterações na relação entre o mar e a terra na Terra. Durante os últimos 500 milhões de anos, segundo I. Bestuzhev-Lada, os cientistas têm pressupostos mais ou menos fiáveis. Durante este tempo, a Terra fez quatro chamados ciclos tectónicos, o "suspiro" global. Cada um deles "redesenhou o globo à sua própria maneira". Muito provavelmente, no início, afundando-se lentamente em alguns lugares, a crosta terrestre forma deflexões gigantescas, a maioria das quais inundam as águas oceânicas e enchem as rochas sedimentares e vulcânicas. O afundamento é então substituído por uma subida, e as dobras da montanha começam a subir na área da flacidez. Aqui e ali, afundando e escalando numa escala menor alternadamente. Passam-se cem ou dois milhões de anos - e tudo começa de novo, mas cada vez à sua maneira⁴⁶.

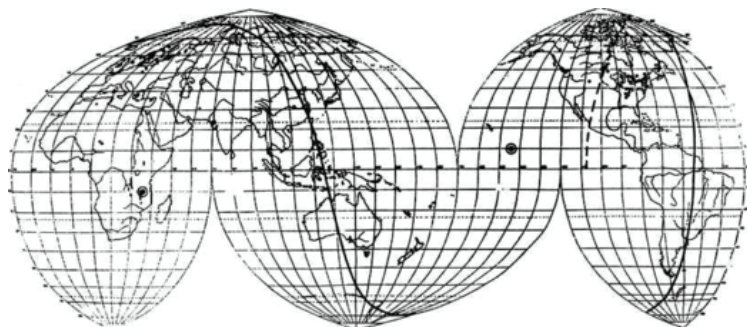
Também a evidência da forte oscilação dos pólos da Terra (nem sempre foi um "somersault" trivial quando o Pólo Sul se tornou o Pólo Norte) é investigada por climatologistas da Universidade A&M do Texas e da Universidade de Yale (EUA), liderados pelo Professor Robert Korty, que tentaram compreender porque é que o Sara, que estava coberto por densas florestas tropicais há 6000 anos atrás, se transformou agora completamente num deserto. Num artigo sobre os resultados provisórios da sua investigação, publicado na revista Nature Geoscience e recontado no comunicado de

⁴⁶ Turov, V.A. "Intra-Terra" causas das alterações climáticas // http://samlib.ru/t/turow_w_a/konecswetaigibelxciwilzicij-2.shtml.

imprensa da Universidade do Texas "A&M". Os cientistas analisaram a dinâmica das mudanças na precipitação no Sara durante o Holoceno e compararam-na com os movimentos modernos da zona de convergência intratropical - uma ampla faixa de precipitação intensa, que se estende ao longo do equador. Utilizando a modelação por computador e outros dados, os cientistas ligaram estes processos que ocorreram no passado a flutuações na forma da célula Hadley, um elemento da circulação atmosférica observada nas latitudes tropicais. A maior parte dos desertos da Terra estão mesmo por baixo das secções ascendentes da Célula Hadley. Verificou-se que há cerca de 6000 anos atrás, as oscilações da órbita da Terra deslocaram uma secção da zona de convergência intratropical para norte, apenas para a área do actual Sara. Como resultado, muita precipitação começou a cair aqui, o que levou ao surgimento de florestas tropicais. No entanto, a zona de convergência deslocou-se então para sul, e o Sara "secou". "...O modelo que construímos ajuda a compreender porque é que o cinto de chuva tropical está onde está agora", explicou R. Corti. - A faixa de chuva tropical está ligada ao clima do resto da Terra através da Célula Hadley, mas não determina directamente o clima em todo o lado, porque a cadeia de eventos é muito complexa. Mas é um passo em frente para compreender plenamente este mecanismo. Em particular, o modelo dos cientistas americanos ajudará a prever com maior precisão o que acontecerá no futuro com as modernas florestas tropicais em diferentes partes do mundo - tendo em conta factores tais como as correntes El Niño e La Niña⁴⁷.

Uma das melhores provas de mudanças de polos geográficos pode ser encontrada nos corais. Os corais de recife exigem uma temperatura de pelo menos 20 C, mas as análises geológicas encontraram corais em algumas das áreas mais frias da actualidade. Algumas antigas colónias de coral foram encontradas muito longe da actual região equatorial. Antigas colónias de coral também foram encontradas na Ilha Ellesmere, dentro do Círculo Ártico. O oceanógrafo chinês Tin Ying Ma, que estudou corais durante várias décadas, foi capaz de localizar antigas linhas de coral que mais ou menos coincidiam com a linha do equador. As linhas coral/equatorial que encontrou estavam em todas as direcções, uma delas atravessando mesmo o Oceano Ártico.

⁴⁷ *Porque apareceu o Sara // <http://kobol-caprica.blogspot.com/2016/12/blog-post.html>.*



Em Janeiro de 2011, o eixo da Terra deslocou-se temporariamente em 31,5 quilómetros, provocando uma chegada mais cedo (dois dias) de energia solar à Gronelândia. O eixo de rotação regressou então de forma relativamente rápida e ninguém reparou em nada.

Foi agora estabelecido que o Pólo Norte "rasteja" ao longo do paralelo 120 da longitude ocidental. Pode assumir-se que se a tendência actual no movimento dos pólos continuar até 2100, então o Pólo Norte poderá deslocar-se em 3-4 mil quilómetros. O ponto final da deriva são os Grandes Lagos do Urso no Canadá. O Pólo Sul, respectivamente, passará do centro da Antárctida para o Oceano Índico.

"... Cálculos do astrofísico americano D. Brownlie mostram: se o eixo da Terra for deslocado, o Pólo Norte será onde Nova Iorque está agora, a Rússia tornar-se-á uma zona tropical, e a área equatorial será ocupada por Chelyabinsk, Saratov e Rostov-on-Don. Os residentes da costa do Oceano Ártico - os Urais Subpolares, Kolyma, Chukotka e Yakutia - estarão na posição mais vantajosa. De acordo com um cientista americano, o clima em Moscovo será como no Havai. Mas os africanos vão encontrar-se nas mesmas condições naturais em que os pinguins vivem agora. O frio no continente africano ameaça matar uma grande parte da humanidade. Com o início das geadas em África, muitos habitantes de países quentes (África, Mediterrâneo, Médio Oriente, Hindustão e outros) irão correr para as regiões da Rússia, e sobretudo para os Urais, que se tornaram férteis. Assim, a situação da Hiperbórea irá repetir-se. Apenas, na nossa opinião, este período de espaço, chamado "inverno" no Ocidente, será um verdadeiro "verão" para a Rússia e, antes de mais, para os Urais⁴⁸.

Como definido pelo geofísico americano Alain O'Kelly, na era da última glaciação de Valdai ou ostashkov (24-12 mil anos atrás), o Pólo Norte estava localizado na área da Ilha de Akpatok, no Estreito de Hudson,

⁴⁸ Turov V.A. *Catastrophes of the future* // http://samlib.ru/t/turow_w_a/kataklyzmy-1.shtml.

separando a Península do Labrador da Terra do Baffin (num ponto cuja latitude geográfica é agora de 60°).

Outras evidências sugerem que o antigo Pólo Norte ficava na costa sul da Baía de Hudson, Canadá, formada pela inundação de terras baixas pelas águas de um lago glacial gigante durante uma catástrofe climática por volta de 6200. A.C. A data exacta é negociável, mas é seguro dizer que a baía foi formada algum tempo antes do gigantesco deslizamento de terras escandinavas Sturagga entre 6200 e 6000 A.C., resultando nos subsequentes tsunamis que inundaram finalmente um grande pedaço de terra conhecido pelos arqueólogos como Doggerland, que ligava os territórios da Grã-Bretanha moderna, Dinamarca e Países Baixos. O resultado foi que a Grã-Bretanha se tornou uma ilha. Este evento parece ter destruído quase toda a população costeira Mesolítica e separado culturas na Grã-Bretanha do continente europeu. Na costa das Ilhas Novosibirsk podemos ver a imagem oposta, indicando um movimento muito rápido da costa da Sibéria para norte: quando o Pólo Norte passou do antigo para o moderno, aconteceu que a água do oceano em milhões de toneladas salpica em terra e, deslocando-se para norte, congela em pouco tempo. É então coberta por uma camada congelada de água doce contendo numerosas bolhas de ar (prova de que a chuva era muito intensa)⁴⁹. Novosibirsk e outras ilhas, localizadas 1000 km a norte do Círculo Ártico, são literalmente prensadas com um enorme número de restos de mamutes, elefantes, rinocerontes - animais que requerem uma grande quantidade de alimentos vegetais diariamente durante todo o ano. Como poderiam existir grandes manadas destes animais no clima polar? No estômago e entre os dentes dos mamutes congelados foram encontradas plantas que não estão actualmente a crescer no norte da Sibéria. Num exame microscópico da pele foram encontrados glóbulos vermelhos, indicando que os mamutes morreram instantaneamente, sufocados - quer por gases, quer por água. Nas ilhas de Novosibirsk foram encontradas de repente enormes florestas caídas, altas colinas compostas por árvores partidas, com vestígios de folhas e frutos.

O facto de o Pólo Norte estar localizado na zona da Baía de Hudson explica, segundo alguns investigadores, os factos que foram considerados estranhos. Temos em mente a estranha orientação de Stonehenge e Teotihuacan. O eixo principal de simetria destes dois edifícios é dirigido aproximadamente para o Pólo Norte, mas não com muita precisão (Teotihuacan é desviado em 15 °, e Stonehenge em cerca de 40 °). Contudo, ambos os locais apontam exactamente na direcção da Baía de Hudson. Poder-se-á perguntar: e se Stonehenge e Teotihuacan foram construídos antes dos últimos Dryas e estavam alinhados no eixo dos pólos nessa altura?

⁴⁹ *Memocódigo. Desvio de Pólo, ou Planet Earth Weekdays, Parte I* // <http://memocode.asia/2013/08/smena-polyusov-ili-budni-planety-zemlya/>.

Os geólogos marinhos acreditam que a área da plataforma marítima em que se encontram as Ilhas Novosibirsk foi terra há 18-8 mil anos atrás e mesmo antes. E está na realidade retratado no famoso mapa da Hiperbórea de Mercator. Hiperbórea é quase adjacente ao continente, a que chamou "ASIAE PARS". Os contornos desta parte do continente eurasiático correspondem exactamente aos contornos do norte do planalto eurasiático, agora sob as águas do Oceano Ártico, num moderno mapa do fundo do mar. Ibid. O mapa Mercator mostra rios de caudal intenso, que correspondem em mapas modernos mostrando o relevo do fundo marinho nesta região, os canais de quase todos os grandes rios siberianos (na plataforma subaquática encontram-se sob a forma de bebedouros), mas deixando a costa moderna a norte durante quase 1000 quilómetros.

Assim, "... a América do Norte desde a costa norte do Canadá até à Nicarágua (um círculo de 3300 km de raio em torno do ponto encontrado) estava sob uma camada de gelo de 3 km, como agora a Antártida. A área terrestre da América do Norte: 9 826 630 km² (EUA) + 9 093 507 km² (Canadá) + 1 972 550 km² (México) = 20892687 km² na Wikipedia. A área da Antártida é de 14 000 000 km², quase uma vez e meia menor. Acontece que mesmo de acordo com as estimativas mais aproximadas, o glaciário na América do Norte era por área, e portanto por massa uma vez e meia maior do que o actual glaciário na Antártida. O gelo, que ali foi armazenado, baixou o nível do oceano mundial em 90 m, segundo dados modernos, à medida que a água do oceano se deslocou para terra sob a forma de gelo. Ou seja, a área terrestre para o glaciário era provavelmente ainda maior, o que é perfeitamente visível no mapa de Peerey Reis, onde a linha costeira da América do Sul e da Antártida se estende significativamente para o oceano para além das fronteiras modernas⁵⁰.

A localização do Pólo Norte na área da Gronelândia ou América do Norte estabelece um regime de temperaturas completamente diferente para o Atlântico Norte, que poderia muito bem ter tido uma direcção diferente do fluxo da Corrente do Golfo, bem como a sua temperatura: "...se o eixo da Terra fosse inclinado para o plano orbital a 45°. Façamos agora uma mudança de mentalidade diferente: dar ao eixo terrestre uma inclinação de meio ângulo recto. Na altura dos equinócios (cerca de 21 de Março e cerca de 23 de Setembro) a mudança de dias e noites na Terra será a mesma que agora. Mas em Junho, o Sol estará no seu zénite para o paralelo 45 (em vez de 23,5°): esta latitude seriam os trópicos. Na latitude de Leninegrado (60°) o Sol não alcançaria o zénite apenas por 15°; a altitude do Sol é verdadeiramente tropical! Uma faixa quente seria directamente adjacente a uma faixa fria, mas uma faixa moderada não existiria de todo. Em Moscovo, em Kharkov todo o mês de Junho teria sido um dia contínuo e sem pôr-do-

⁵⁰ *Memocódigo. Desvio de Pólo, ou Planet Earth Weekdays, Parte I // <http://memocode.asia/2013/08/smena-polyusov-ili-budni-planety-zemlya/>*

sol. No Inverno, pelo contrário, toda a década teria durado uma sólida noite polar em Moscovo, Kiev, Kharkov, Poltava. Uma faixa quente nessa altura ter-se-ia transformado numa faixa moderada, porque o Sol teria levantado lá ao meio-dia não mais do que 45°. Uma faixa tropical, claro, teria perdido muito com esta mudança, bem como uma faixa moderada. Desta vez a região polar teria adivinhado algo: aqui após um Inverno muito rigoroso (mais rigoroso do que hoje em dia) haveria um período de Verão moderadamente quente, quando mesmo no próprio pólo o Sol se levantaria ao meio-dia a uma altitude de 45° e brilharia durante mais de meio ano. O gelo eterno do Ártico seria visivelmente inferior à acção amigável dos raios solares. Com tal inclinação do corredor da Terra, a Gronelândia seria definitivamente um "país verde", porque um dia de vários meses, um verão de meio ano com o Sol acima do horizonte como está agora na faixa média da Rússia derreteria a neve que caiu no Inverno e na noite em poucos dias⁵¹ ; "... a costa do Oceano Ártico estava localizada a uma distância de 5100 km a 8000 km, ou seja, a 8000 km. Tinha um clima muito ameno, semelhante ao da costa norte da França de hoje (5.100 km do Pólo). Em Taymyr (a 6800 km do pólo) estava tão quente como em Sharm El Sheikh (os mesmos 6800 km, apenas do novo pólo) ... Karelia, Murmansk estavam a uma distância de 7300-7700 km do pólo, o que corresponde à latitude da República Dominicana, norte da Índia, Taiwan. A prova histórica de que o ananás cresceu na Península de Kola está confirmada, a República Dominicana é um grande produtor de ananás ... São Petersburgo esteve a uma distância de 7900 km do antigo pólo - a latitude das actuais Filipinas e Haiti - o verão durante todo o ano e nenhuma noite branca ... a distância entre o antigo e o novo pólo (5500 km) é quase igual à distância entre o norte e o sul dos trópicos (5200 km)⁵².

Assim, estes dados sugerem convincentemente que há cerca de 13.000 anos o Pólo Norte estava na área da Baía de Hudson, localizada a cerca de 60° N, ou seja, a 30° do actual Pólo Norte. Neste caso, a latitude norte da Sibéria seria de 40° N (actualmente a latitude norte da Sibéria é de 70°, a partir da qual tomamos 30° e obtemos 40° N). Latitude 40° N é a posição actual da Espanha, Grécia, Itália, Califórnia e Nevada. Esta é a latitude⁵³ com um clima temperado típico.

Uma vez que o Pólo Norte geográfico, localizado na área da Baía de Hudson, nos dá um Pólo Sul geográfico sete vezes mais distante do Mar de Ross na Antárctida do que o Pólo actual, o Mar de Ross não deveria ter sido

⁵¹ *Vvdom. Deslocamento do Eixo da Terra // <http://www.clumba.ru/sdvig-zemnoj-osu/>.*

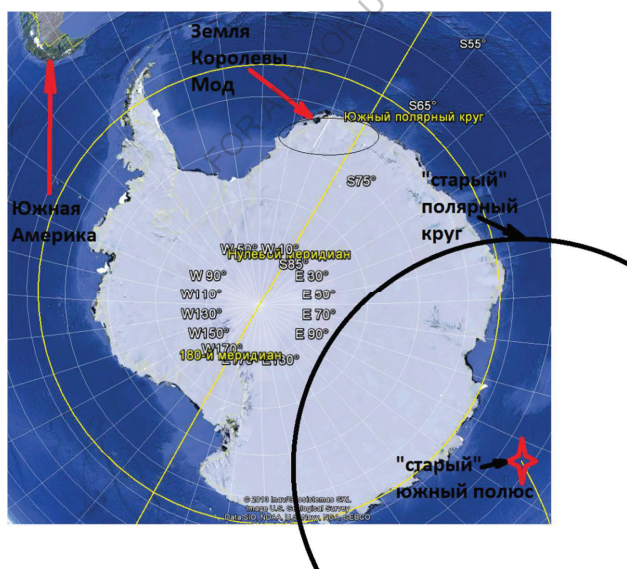
⁵² *Memocódigo. Desvio de Pólo, ou Planet Earth Weekdays, Parte I // <http://memocode.asia/2013/08/smena-polyusov-ili-budni-planety-zemlya/>.*

⁵³ *Lescaudron, Pierre (Leskodro P.) Sobre mamutes subitamente congelados e desastres espaciais // <https://ru.sott.net/article/4567-o-vnezapno-zamerznuvshikh-mamontakh-i-kosmicheskikh-katastrofakh>.*

coberto por gelo no final do Pleistoceno (cerca de 13.000 anos atrás). Isto foi encontrado em rochas sedimentares finas, típicas de climas temperados. Tais rochas sedimentares são formadas por rios que as expulsam de continentes sem gelo.

Mas na realidade, o ponto acima não era o antigo Pólo Norte, mas sim o antigo Pólo Sul.

Parte da Antártida permaneceu para além do Círculo Ártico nesta altura, como evidenciado pelos glaciares multi-milionários na parte do continente directamente virada para a Austrália, registados pela investigação. Mas as terras antárticas opostas, como a Terra Rainha Matilde, e a Península Antártica (também conhecida como Trinity Land, Palmer Land, Graham Land, Louis-Philippe Land, San Martin Land, O'Higgins Land), directamente adjacentes à América do Sul, encontravam-se em latitudes bastante moderadas com um clima temperado quente: "...A terra da Rainha Matilde na Antártida ficava a cerca de 6000 km do último Pólo Sul, ou seja, da latitude da Grécia actual, o que explica perfeitamente tanto os leitos dos rios sob o glaciar na Antártida como os depósitos de carvão. E os Territórios Franceses do Sul estavam a uma distância de apenas 1200 km do Pólo Sul, para além do Círculo Ártico, pelo que os vestígios do glaciar sobre eles são bastante compreensíveis"⁵⁴



⁵⁴ Memocódigo. Desvio de Pólo, ou Planet Earth Weekdays, Parte I // <http://memocode.asia/2013/08/smena-polyusov-ili-budni-planety-zemlya/>.

A alteração da inclinação do eixo da Terra nem sempre é um processo natural. Por vezes muda como resultado de catástrofes não recorrentes que distorcem o processo.

Em 1950, na sua obra "Clash of the Worlds" Immanuel Velikovsky, baseado na sua própria interpretação de fontes históricas, argumentou que devido a uma série de influências cósmicas, a natureza da rotação da Terra primeiro mudou radicalmente por volta de 1450 a.C., e depois voltou ao seu estado original. Estas mudanças provocaram terremotos e tsunamis, que levaram à divisão do Mar Vermelho. Mais tarde, devido à aproximação com Marte, supostamente entre 776 e 687 a.C., o eixo da Terra regressou primeiro a 10° e depois de novo. Em Novembro de 1955, Doubleday & K° publicou o livro de Immanuel Velikovsky "The Earth in Coups", no qual o autor conclui: "... Com uma lógica inexorável de factos e números, fomos levados pela trilha geológica até à conclusão de que a Terra foi mais de uma vez uma arena de grandes dramas, e não há lugar na Terra onde estes efeitos não existiriam. Os últimos paroxismos da natureza ocorreram em tempos históricos, há apenas alguns milhares de anos, quando a civilização em alguns lugares atingiu a Idade do Ferro. A causa ou efeito destas catástrofes foi alterar a inclinação do eixo da Terra e perturbar os ciclos de movimento do dia e do ano da Terra. Isto não poderia ter acontecido devido a razões internas, como os autores da teoria da Idade do Gelo acreditavam no século XIX. Apenas um objecto extraterrestre poderia causar os desastres descritos.

Vladimir Uvarov no seu livro "The Pyramids" (2007.) sugeriu que tal objecto extraterrestre, que uma vez moveu o eixo da Terra, era um asteróide: "... O impacto de um asteróide num ângulo em relação ao plano de rotação da Terra levou a que o eixo de rotação do planeta começasse a inclinar-se gradualmente, rodando o Pólo Norte para o Sul... No início, o Pólo Norte desviou-se 20° em relação ao ângulo original do eixo, que até a inundação era de cerca de 9°. Com o tempo, como resultado da inércia, o ângulo de deflexão do eixo de rotação mudou gradualmente. De acordo com o texto antigo, a Terra foi parcialmente tombada após um impacto de asteróides. Depois, os lados do mundo mudaram os seus lugares. O sol estava a nascer no horizonte ocidental e a pôr-se no oriental. Heródoto na sua "História" escreveu: *"Nesta altura, disseram os sacerdotes, o Sol levantou-se quatro vezes não no seu lugar habitual: era, duas vezes nasce onde agora se põe, e duas vezes onde agora nasce. O tratado chinês "Huaynanzi" descreve este acontecimento e a mudança na inclinação do eixo da terra da seguinte forma: "A abóbada celeste partiu-se, as escamas da terra quebraram-se. O céu inclinou-se para noroeste. O sol e as estrelas moveram-se. A terra no sudeste estava incompleta, e por isso a água e o lodo correram para lá... Naqueles tempos distantes quatro pólos partiram-se, nove continentes separaram-se... O fogo estava a soprar incessantemente, a água fervia sem se esgotar.*

Devido ao terrível impacto do asteroide, a velocidade de rotação da Terra diminuiu um pouco, o que primeiro provocou uma enorme onda de maré, lavando tudo no seu caminho. Então a inclinação do eixo e o abrandamento da velocidade de rotação levou a um mecanismo de precessão falhado e "... *todo o sistema do universo entrou em desordem*". Os sacerdotes, que registaram tudo o que tinha acontecido, deixaram um registo de que as constelações ao longo da linha eclíptica tinham invertido o seu movimento precessional. O papiro egípcio antigo afirmou que as estações tinham mudado: "*O Inverno chegou como o Verão, os meses estavam em ordem inversa, e os relógios confundiram-se*". Em vez do habitual e natural movimento anti-horário em relação ao sol nascente no horizonte, as constelações começaram a rolar para fora do horizonte no sentido⁵⁵ dos ponteiros do relógio.

No entanto, outros investigadores acreditam que esse objecto extraterrestre, que causou um cataclismo na Terra, deveria ser mais maciço em comparação com um asteroide convencional.

Por exemplo, I. Velikovsky considerou o planeta Vénus como sendo um objecto extraterrestre, assumindo que no início era um satélite de Júpiter, e depois separou-se dele há 40 mil anos e, como resultado da sua órbita instável, aproximando-se da Terra, provocou cataclismos sobre ele. Então, por volta do VIII milénio a.C. colidiu com Marte, dando-lhe uma parte da sua atmosfera, por volta do VIII século a.C. entrou em órbita moderna⁵⁶. A investigação recente conseguiu clarificar esta hipótese, estabelecendo de facto que há alguns biliões de anos atrás Vénus estava mais longe do Sol - em condições próximas das que existem hoje na Terra. Existe uma camada de ozono em Vénus, como na Terra e em Marte, mas é centenas de vezes mais fina do que a Terra. Alguns cosmólogos insistem que a presença de oxigénio, carbono e ozono na atmosfera indica que a vida na superfície do planeta pode existir. A situação foi simulada num computador. E verificou-se que o planeta poderia muito bem ter tido mares e oceanos durante milhões de anos. A vida também poderia ter sido criada. É muito provável que Vénus, devido a uma certa proximidade, possa "entrar em conflito" com a Terra, provocando nela, como agora a Lua, movimentos gigantescos tanto de águas oceânicas como de magma líquido. Depois Vénus aproximou-se do Sol - foi "derrubado" para a órbita de um novo cometa e os vestígios da sua queda - crateras gigantes na superfície. Eventualmente, a luz começou a cozer com mais força. No entanto, o planeta não encontrou de imediato a sua forma actual. A superfície da água não desapareceu durante bastante tempo. Ainda havia mares em Vénus, mas... fora de água fervente fria, as condições atmosféricas permitiam-no. Infelizmente, houve um momento em que a água se evaporou

⁵⁵ Uvarov V. *Segundo nascimento de Hyperborea* // <http://pyramids.iicufi.org/index.php?id=68>.

⁵⁶ Ivanov V.V. *Surpreender planeta* // *Técnica - juventude*. - - 1969. - - №9. - - C.15

completamente⁵⁷. Agora há tempestades de ácido sulfúrico e Vénus, uma demonstração de como o efeito de estufa anormal irá matar toda a vida.

Em outras versões, o lugar de Vénus como causa da catástrofe da Terra é ocupado por um satélite terrestre. Segundo alguns investigadores, a lua não era anteriormente um satélite do nosso planeta, mas um corpo celestial independente. A captura da Lua, ou mais provavelmente o seu "estacionamento" na Terra, poderia muito bem causar toda a gama de fenómenos atribuídos a uma catástrofe global que ocorreu há cerca de 12 mil anos. Por exemplo, um deslocamento temporário no seu eixo de rotação poderia também causar um desequilíbrio no "spinner" da lua. E esta mudança no seu eixo de rotação agravou ainda mais a catástrofe global, resultando numa mudança muito temporária, mas talvez significativa, dos pólos do planeta - uma das possíveis causas da queda brusca da temperatura, que levou ao rápido congelamento de inúmeras vítimas de maremotos, e causou terramotos e vulcanismo ainda mais poderosos ... "O lobo, como deveria ser, logo voltou à sua posição original do eixo de rotação, mas o dano já estava feito...

Também, alegadamente, a Terra tinha outro satélite, Fatta, com um diâmetro de cerca de 500 km, que se aproximava gradualmente, e quando atravessou o "limite de Rocha", ou seja, aproximou-se demasiado do planeta, afectou a sua gravidade e entrou em colapso algures no Oceano Pacífico, ou no território da China moderna numa área chamada Xinjiang, que, em particular, formou os chamados "desertos" sob a forma de vastas camadas de areia e poeira nas regiões adjacentes da Arábia e do Norte de África.

Ou o satélite Fatta não entrou em colapso como um corpo inteiro, mas sob a influência da gravidade partiu-se em fragmentos que ainda estavam em órbita durante algum tempo, e depois entrou na atmosfera e começou a cair à superfície da Terra por sua vez. Para além das descobertas dos próprios corpos de ferro, a prova disso é o grande número de crateras na área de Campo del Cielo, o "Campo Celestial" do Chile. Este "campo de meteoros" tem a forma de uma elipse, esticada ao longo de 17 quilómetros e 6 quilómetros de largura. A maior cratera da Laguna Negra tem um diâmetro de 115 metros e uma profundidade de mais de dois metros. Como resultado da investigação empreendida em 1961, um cientista americano da Universidade Columbia W. Cassidy descobriu um grande número de pequenos meteoritos metálicos, os chamados hexaderitos, constituídos por ferro quase quimicamente puro. Ao mesmo tempo, o cientista chamou a atenção para um facto estranho. Normalmente, numa explosão de um grande meteorito na atmosfera dos seus escombros, cai à Terra, elipse desmoronada com uma secção transversal máxima de cerca de 1600 metros, e no Campo del Cielo de 17 quilómetros de comprimento. Como resultado da sua busca, novos fragmentos de ferro de meteorito foram descobertos mesmo a uma

⁵⁷ Vladimirov I. *Radiação e Espaço // Planeta de todos.* - <http://www.planetavsego.ru/news/html/387.html>

distância de 75 quilómetros do "Campo do Céu". Através dos esforços dos hexaderitas de Cassidy foram encontrados mesmo a uma distância de cerca de mil quilómetros a oeste de Campo del Cielo, no Chile. O toco de árvore carbonizado encontrado no local da queda do meteorito - o resultado de um incêndio gigantesco causado por bombardeamentos com meteoritos - tem cerca de 5800 anos de idade.

É verdade, há também opositores da "colisão". De acordo com os cálculos de Andrei Sklyarov, realizados no trabalho "O mito da inundação: cálculo e realidade", para rodar o eixo de rotação da Terra a 20° de asteróide voando para a Terra a uma velocidade de 100 km/s, deve ter um diâmetro de pelo menos 1000 quilómetros. Mas um tal asteróide é susceptível de destruir o nosso planeta.

Por conseguinte, na sua opinião, a hipótese de "deslizamento da litosfera" desenvolvida em 1984 pelo astrónomo e geofísico americano da NASA Peter Schultz é mais correcta. A sua essência é a seguinte. A crosta terrestre, juntamente com a parte superior sólida do manto - a litosfera - como uma casca de ovo repousa sobre uma camada de manto derretido - a astenosfera. A espessura da litosfera é de 1-5 km nos oceanos a 50-100 km nos continentes, com um raio total de 6370 km. Isto permite que a litosfera escorregue através da astenosfera líquida sem qualquer alteração perceptível na rotação de todo o giroscópio, neste caso a Terra. Este deslizamento altera a posição dos pólos da Terra e observam-se mudanças globais no clima e no céu visível. Tudo isto é acompanhado por movimentos significativos dos blocos da crosta terrestre, territórios em ascensão, erupções dobráveis e vulcânicas. Contudo, em diferentes casos, a inclinação do eixo de rotação da Terra em relação ao plano eclíptico ou não muda ou muda. A segunda é confirmada pela análise do destino de corpos celestiais semelhantes. Por exemplo, calculado por astrónomos do Instituto Carnegie Moon and Planet e da Universidade da Califórnia em Santa Cruz sob a direcção de Isamu Matsuyama, o movimento do eixo de rotação do satélite Júpiter, Europa, em cerca de 80°. Finalmente, isto é confirmado pelos cálculos de Jafar Arkani-Hamed da Universidade McGill no Canadá, segundo os quais o eixo de rotação de Marte após a catástrofe se deslocou mais de 30°⁵⁸.

Mas tomando a versão do "deslizamento da litosfera" como parte do mecanismo natural de mudança de pólos terrestres, não é necessário rejeitar a versão sobre a razão da mudança de pólos em colisão única com um corpo celeste muito maciço. E que não tem de ser destrutivo para o nosso planeta!

Além disso, há um exemplo quase absoluto de um evento deste tipo! A estranha orientação de Urano em relação a todos os outros planetas do sistema solar tem sido sempre um mistério para os cientistas. O seu eixo de

⁵⁸ Koltypin A.V. *Deslocamento do pólo - deslizamento da litosfera ou mudança de inclinação do eixo terrestre?* // http://www.dopotopa.com/smeschenie_poljusov_-_proskalyzvanie_litosfery_ili_izmenenie_naklona_zemnoy_osi.html.

rotação situa-se como se "de lado" em relação ao plano de circulação deste planeta à volta do Sol. Como resultado, o planeta é voltado para o Sol alternadamente pelo Pólo Norte, o Pólo Sul, o equador, as latitudes médias. O plano do equador de Urano está inclinado para o plano da sua órbita num ângulo de 97,86 graus - ou seja, o planeta gira retrógrado, "deitado de lado ligeiramente para baixo com a cabeça para baixo". As medições do "Voyager-2" permitiram descobrir em Urano um campo magnético bastante específico que não é dirigido a partir do centro geométrico de um planeta e que está inclinado a 59 graus em relação a um eixo de rotação. Um grupo de investigadores liderado por Jacob Kegerrays, composto por astrónomos da Universidade de Durham (Inglaterra), especialistas do Ames Research Center (NASA), da Universidade de Washington, do Laboratório Nacional de Los Alamos, bem como da Universidade da Califórnia, após a realização de simulações por computador, acredita que uma inclinação tão forte do seu eixo de Urano poderia adquirir em consequência da colisão com um grande objecto espacial, massa e tamanho pelo menos duas vezes maior do que a nossa Terra. Mudanças na inclinação do eixo de rotação do planeta poderiam ocorrer em apenas algumas horas. É bem possível que o objecto atingido por Urano ainda esteja algures no sistema solar, mas esteja localizado tão longe da Terra que é impossível vê-lo. Existe também a possibilidade de Urano ter colidido com um objecto mais pequeno (do tamanho de Plutão) que o "transformou", mas os cientistas estão mais inclinados a acreditar que o culpado é ainda um corpo celeste mais maciço. A colisão poderia ter ocorrido há 3-4 mil milhões de anos atrás, mesmo antes de Urano ter grandes satélites. Na altura, o planeta estava rodeado por um disco protoplanetário mais distinto, a partir do qual as suas luas se formaram subsequentemente. Já depois de o planeta ter adquirido a sua invulgar inclinação, a sua gravidade puxou cinco grandes satélites, dando-lhes a mesma inclinação. Estas mudanças poderiam também ter causado a cobertura do planeta com uma concha de gelo, mantendo o calor interno afastado e impedindo-o de alcançar a superfície.

Escondido sob o pseudónimo fx32, o blogger JZh forneceu a uma audiência interessada as seguintes ideias sobre os buracos crescentes entre a Antártida e a América Latina (citemos o mais extensivamente possível, para não incomodar o leitor a separar-se do texto em busca de um blogue): "... Olhe cuidadosamente para o canto inferior esquerdo da fotografia e pense: lembra-lhe alguma coisa? Não sei quanto a si, mas faz-me lembrar o claro impacto de um certo corpo celestial arredondado na superfície do nosso planeta. E o impacto foi em frente ao continente da América do Sul e da Antártida, que são agora ligeiramente côncavos na direcção do impacto e estão separados neste local por um estreito chamado Estreito de Drake..... De facto, este estreito é um buraco deixado no momento do impacto e termina num "ponto" arredondado de contacto entre um corpo celestial e a

superfície do nosso planeta. Vamos analisar cada vez mais de perto este "ponto de contacto". À medida que nos aproximamos, vemos um ponto arredondado com uma superfície côncava e terminando à direita, ou seja, de lado na direcção do impacto, uma colina característica com uma borda quase íngreme, que mais uma vez tem a elevação característica que chega à superfície do oceano mundial sob a forma de ilhas. A fim de compreender melhor a natureza deste adesivo de contacto, pode fazer o mesmo que eu fiz. A experiência requer uma superfície de areia húmida. A superfície de areia na margem de um rio ou mar seria perfeita. Durante a experiência, é necessário fazer um movimento suave com a mão, durante o qual guia a mão sobre a areia, depois toca na areia com o dedo e, sem parar o movimento da mão, pressiona-a, fazendo assim um pouco de areia com o dedo e depois, passado algum tempo, faz um descolamento do dedo da superfície da areia. Foi você que o fez? E agora olhem para o resultado desta simples experiência e verão uma imagem, completamente semelhante ... Há outra nuance engraçada. De acordo com os investigadores, o pólo norte do nosso planeta deslocou-se cerca de dois mil quilómetros no passado. Se medir o comprimento dos chamados buracos no fundo do oceano no Estreito de Drake e terminar com um "ponto de contacto", também corresponde aproximadamente a dois mil quilómetros. Na foto, medi-a com o Google Maps. E os investigadores não conseguem responder à pergunta sobre o que causou o desvio do pólo. Não me comprometo a afirmar com uma probabilidade de 100%, mas no entanto é necessário reflectir sobre uma questão: se este acidente provocou a deslocação de pólos de um planeta a Terra nestes dois mil quilómetros? Agora perguntemo-nos: o que aconteceu depois de um corpo celeste ter atingido uma tangente no planeta e ter voltado para as extensões do espaço? Irá perguntar: porquê numa tangente e porque é que necessariamente saiu, e não atravessou a superfície e afundou nas entranhas do planeta? É muito simples de explicar, também. Não devemos esquecer a direcção de rotação do nosso planeta. É a coincidência das circunstâncias que o corpo celeste deu durante a rotação do nosso planeta salvou-o da destruição e permitiu que o corpo celeste escorregasse e se fosse embora, em vez de se enterrar nas entranhas do planeta... No mapa pode-se ver claramente a falha tectónica no local não só do vestígio deixado pelo corpo celeste, mas também à volta do chamado "ponto de contacto" no local onde o corpo celeste foi arrancado da superfície da Terra. E estas falhas confirmam mais uma vez a correcção das minhas conclusões sobre o impacto de um certo corpo celeste. E o impacto foi tão forte que não só demoliu o istmo entre a América do Sul e a Antártida, como também levou à formação de uma falha tectónica na crosta terrestre neste local⁵⁹. O facto de os "buracos"

⁵⁹ Fx32. *A Grande Inundação* // <http://fx32.livejournal.com/20074.html>.

estarem a inclinar-se lentamente na direcção de leste para sudeste, "... é facilmente explicado se tivermos em conta não só o movimento directo dos corpos em contacto, mas também a sua rotação em torno do seu eixo em pelo menos um plano cada um, que não coincidem necessariamente, e como resultado a trajectória de uma mancha de contacto pode estar longe da linha recta, e a direcção do movimento dos corpos após a ruptura estará longe do que seria no seu movimento em linha recta⁶⁰.

E como consequência desta colisão 61 (um impacto tangente impenetrável de baixa velocidade do corpo, tendo ao mesmo tempo uma rotação em torno do seu eixo que não coincide com a rotação da Terra, o que levou a uma curvatura da trajectória de amolecimento da superfície e subsequente desprendimento e afastamento da mesma) passou a ser chamada de O "Grande Dilúvio": "... Não menos afortunado foi o facto de o golpe ter vindo para o oceano em frente do continente, não no continente em si, uma vez que as águas do oceano amorteceram ligeiramente o golpe e desempenharam o papel de uma espécie de lubrificação ao contacto dos corpos celestes, mas este facto teve o reverso da moeda - as águas do oceano desempenharam o seu papel destrutivo depois de o corpo ter sido arrancado e ter ido para o espaço. Agora vamos ver o que aconteceu a seguir. Penso que ninguém precisa de provar que o impacto que levou à formação do Estreito de Drake resultou na formação de uma enorme onda de vários quilómetros, que a uma grande velocidade avançou, varrendo tudo no seu caminho. Vamos traçar o caminho desta onda. A onda atravessou o Oceano Atlântico e o primeiro obstáculo no seu caminho foi a ponta sul de África, mas sofreu relativamente pouco quando a onda tocou a sua borda e virou ligeiramente para sul, onde atingiu a Austrália. A Austrália, por outro lado, foi muito menos afortunada. Assumiu o choque da onda e foi quase lavada... Depois a onda atravessou o Oceano Pacífico e passou entre as Américas, mais uma vez com a sua borda a enganchar a América do Norte. Podemos ver as consequências disto no mapa e nos filmes de Sklyarov, que pintou as consequências da Grande Inundação na América do Norte. Se alguém ainda não viu ou já esqueceu, pode reconsiderar estes filmes, porque há muito tempo que foram colocados na Internet gratuita. São filmes muito informativos, mas nem tudo neles deve ser levado a sério. Depois a onda atravessou o Oceano Atlântico pela segunda vez e atingiu a ponta norte de África com toda a sua massa em pleno curso, varreu e lavou tudo no seu caminho... Do meu ponto de vista, uma localização tão estranha de desertos na superfície do nosso planeta, devemos isso não às peculiaridades do clima e não à actividade imprudente do homem, mas ao impacto destrutivo e impiedoso da onda durante a Grande Inundação, que não só varreu tudo no

⁶⁰ Fx32. *Quais são os vestígios...* // <http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=12906#t12906>.

⁶¹ Fx32. *A Grande Inundação* // <http://fx32.livejournal.com/20074.html>.

seu caminho, como literalmente lavou tudo, incluindo não só edifícios e vegetação, mas também uma camada fértil de solo na superfície dos continentes do nosso planeta. Depois de África, a onda varreu a Ásia e atravessou novamente o Oceano Pacífico e, passando no corte entre o nosso continente e a América do Norte, alcançou o Pólo Norte através da Gronelândia. Chegando ao Pólo Norte do nosso planeta, a onda extinguiu-se, à medida que esgotava a sua potência, travando consistentemente no continente, que invadiu e que no Pólo Norte acabou por se apanhar a si própria. Depois disso, a água da onda já extinta do Pólo Norte para o Sul recuou. Parte da água atravessou o nosso continente. É assim que podemos explicar a ponta norte ainda submersa do nosso continente e o Golfo da Finlândia, abandonado pelo solo... A frente de distribuição claramente concentrada tem uma onda formada por uma queda vertical de um objecto na água. Quando um corpo cai tangencialmente na água, especialmente se a sua massa e velocidade lhe permitirem ultrapassar a resistência superficial da água e entrar na água suficientemente fundo, sem perder a sua velocidade e direcção de movimento, e neste caso tudo aconteceu exactamente assim, a natureza da formação frontal da onda será diferente. Naturalmente, mesmo neste caso, a onda será distribuída em círculos concêntricos, mas apenas as ondas secundárias e todas as ondas subsequentes formadas por movimentos oscilatórios verticais da própria água, indignadas com a queda do corpo, e a onda primária terá um vector de propagação claramente pronunciado e directo, embora à medida que progride, irá gradualmente divergindo para os lados deste vector... Além disso, na forma de propagação da onda, os obstáculos sob a forma de continentes, que consistentemente cortam parte da onda e obstáculos.

Também "... ao entrar na trajectória tangencial do corpo cósmico para a atmosfera e relativamente lento declínio, a atmosfera arde, a pressão cai de 6080 mmHg para 760 mmHg, de perto do corpo cósmico arrasta -160°C. Isto explica a presença de permafrost sob os sedimentos do fundo da prateleira. Os fragmentos de gelo da concha do planetóide são pulverizados, criando uma almofada densa de nuvens, e o núcleo "encaixa" no estreito istmo entre a América e a Antárctida. A onda do tsunami, desvanecendo-se, circunda a Terra 3 vezes, o movimento de toda a superfície do planeta ocorre 2 vezes (o Sol põe-se e nasce do Ocidente) ... O excesso de água derrama chuva por toda a Terra durante 40 dias"⁶².

Para resolver o problema de determinar a direcção da onda do tsunami, o blogueiro israelita Alexander Perevoznyuk escreveu um programa simulador, baseado no facto de que ao mover a onda do tsunami não podia ir em linha recta, porque ao mover-se sobre um objecto rotativo no objecto actua a força de Coriolis (por isso os rios no hemisfério norte embaçaram a

⁶² *Tarasov V. Tudo está quase certo ... //*
<http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=101226#t101226>.

margem direita, e no sul - a esquerda). Se considerarmos que o eixo de rotação não mudou e que o planeta é uma bola ideal, então na onda inicial do Estreito de Drake e para o sul de África - com uma velocidade inicial de 50 m/s a norte e 210 m/s a leste (num ângulo de 12.8 graus para a latitude; a velocidade do próprio tsunami em mar aberto, segundo os cientistas, é de 195-235 m/seg) - virará à esquerda para o equador, à volta do sul de África, Madagáscar, irromperá na terra entre o Golfo Pérsico e a Índia (há muitos vestígios do fluxo), mais adiante através do deserto de Takla-Makan, onde muitas cidades foram cobertas com areia (os desertos de Takla-Makan e Gobi formaram-se muito provavelmente 50-60 horas após o impacto do meteorito - quando o tsunami atingiu a costa)⁶³.

É verdade, Dmitry Mylnikov, também blogueiro, considerou o proposto Estreito de Drake como um lugar de impacto não muito bem sucedido: "... O que se postula como um lugar de impacto, de facto, as consequências de uma corrente poderosa formada por uma onda inercial após o impacto. No lado ocidental de ambas as Américas a partir desta onda formaram cadeias de montanhas ao longo da costa, os Caldeiros e os Andes. E onde se marca o ponto de impacto, o istmo foi quebrado e a água foi mais longe, esbatendo o fundo e levando a rocha para o Oceano Atlântico⁶⁴. Mas "...não parece ser um açude onde a água corre constantemente, como um rio ou riacho, mas sim uma ruptura da barragem, onde um poço de água passa brevemente e a barragem rompe a barreira. Não se desintegra por lavagem por cima, mas por espremer a parede, que se desmorona sob pressão de água. Parte da parede da barragem cai para o lado e forma uma figura semelhante com uma corcunda no final, a alguma distância da barragem, com a água a correr para os lados, de modo que a colina não é lavada⁶⁵.

Mas neste caso, o que é importante para nós é que o cataclismo resultou tanto na criação de um fosso entre a América Latina e a Antártida como numa mudança de pólo.

Segundo Dmitry Mylnikov, o local da colisão foi o deserto oval na Região Autónoma de Xinjiang Uygur da China, que também tem origem em meteoritos: "... A região oval no noroeste da China tem um tamanho de cerca de 930 por 370 km... A julgar pelo tamanho da pegada, o tamanho do objecto pode estar na área de 100 km de largura. Isto, por sua vez, significa tanto o enorme peso da explosão como a enorme quantidade de energia que deveria ter sido libertada num impacto semelhante ... esta potência é muitas vezes superior a uma explosão nuclear convencional e é proporcional à explosão

⁶³ *Transportador A. Ao mover a onda ... //*
<http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=76394#t76394>

⁶⁴ *Mylnikovdm. Em geral, tudo é assim... //*
<http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=11626#t11626>.

⁶⁵ *Mylnikovdm. É essa a questão ... //*
<http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=25962#t25962>.

de várias cargas termonucleares. Em tais explosões ocorre uma onda de choque muito forte, que faz com que a substância, localizada a uma certa distância do epicentro da explosão, perca a sua estrutura cristalina e se transforme em pó e areia. Neste caso, uma parte voará para os lados, mas a maior parte terá de voar mais longe ao longo do caminho da queda do meteorito..... Presumo que parte da substância na explosão do meteorito não se transformou em areia e pó, mas aqueceu e derreteu, neste estado foi vomitado, voou ao longo da trajectória balística e caiu de volta a África. No processo de passagem através de camadas densas da atmosfera, a substância foi adicionalmente aquecida e em alguns casos esmagada em fracções mais pequenas. Vemos também que a área coberta com areia não vai ao longo desta trajectória, mas sim ao longo da linha do equador. Suponho que isto se deve ao facto de a areia, após ter sido atirada para o espaço próximo da Terra, não se ter comportado como grandes fragmentos, mas ter descido mais lentamente. Ou seja, a trajectória da areia foi afectada pela rotação diária da Terra em torno do seu eixo. Não só caiu no Norte de África, mas também na Península Arábica. À primeira vista, parece que a areia é demasiada, mais do que poderia ter formado se olharmos para o tamanho do trilho. De facto, isto não é inteiramente verdade, porque a areia dos desertos, em primeiro lugar, é distribuída numa camada suficientemente fina e, em segundo lugar, não cobre todo o território desértico. Já estive em Kara-Kumy, e as verdadeiras dunas de areia de lá não ocupam mais de 15% da área que nos é mostrada no cinema. O resto são superfícies de barro ou pedra. Ao mesmo tempo, é bastante provável que no local da queda directa do objecto houvesse um maciço de montanha suficientemente grande com substância suficiente para formar a quantidade necessária de areia. A imagem do terreno nesta zona mostra muito claramente como uma oval se choca com o maciço montanhoso. Se tivermos em conta que a altura das montanhas atinge 6-7 km, e os picos mais altos excedem 8 km, então no caso de uma espessura de areia de 100 metros, a área que pode ser coberta com areia obtida da rocha com uma espessura de cerca de 3 km será 30 vezes maior do que a área da mancha. Quanto às direcções em que a água se deslocou ... Verifiquei com Google Eart onde o impulso do impacto de tal meteorito para a superfície será dirigido, e a água deve começar a fluir na direcção oposta. Assim, se orientarmos o globo de modo a que a trajectória do impacto do meteorito se torne horizontal, e depois começarmos a rodá-lo na direcção do impacto, ou seja, contra a direcção da rotação diária, então mover-nos-emos após a água e no Oceano Pacífico censurar-nos-emos apenas à América do Sul. Tendo alcançado a sua onda não voltará imediatamente, mas no início começará a divergir para os lados ao longo da costa, porque a frente dos Andes, através da qual a água, se a atravessar, não está em todo o lado, e de trás chutará toda a massa de água do Oceano Pacífico, que entrou em movimento. Por conseguinte, deverá haver uma varredura profunda ao longo das costas,

claramente visível no mapa, e nos estreitos entre os continentes haverá inundações de rochas sedimentares que a água tem recolhido de todo o Oceano Pacífico. E tais inundações são claramente visíveis no estreito entre a América do Sul e a Antártida, e no fosso entre a América do Sul e do Norte, uma vez que a onda deveria ter passado facilmente através do estreito istmo na região do Panamá e Costa Rica. E depois disso... a onda teria de regressar⁶⁶...". E, de facto: "... Do impacto nas montanhas por um meteorito gigante, numa secção transversal de cerca de 150 km, houve a destruição de parte da cordilheira dos Himalaias com a formação de enormes quantidades de areia, que foi levantada na atmosfera superior, e depois caiu na Península Arábica e no Norte de África, formando um triste deserto. Aparentemente, de um golpe tão forte, houve também uma mudança da crosta superior da Terra, mudou a inclinação do eixo de rotação da Terra e deslocou os pólos de rotação, o que levou à formação de uma onda de inércia gigante, que provocou a "Inundação Mundial". Note-se que a direcção da água que deveria ter vindo deste impacto é exactamente a mesma que a direcção da onda inercial, cujos vestígios vemos sob a forma de cadeias de montanhas e de descarga entre a América do Sul e a Antártida⁶⁷.

A ligação das teorias sobre as causas das mudanças na inclinação do eixo terrestre - Hancock A. Einstein (sobre o papel do gelo) e E. Velikovsky (sobre o papel do factor espaço exterior - colisão com um corpo cósmico maciço) - foi realizada pelo geógrafo de Orenburg I. Kuldoshin: "... A crosta terrestre deslocar-se-á inevitavelmente: a espessura do gelo que cobre a Gronelândia, atinge 5 quilómetros. A força centrífuga desta ilha, localizada perto do próprio pólo, é tão forte que roda tão rapidamente em torno do eixo da Terra que tenta inclinar a crosta terrestre a flutuar no magma em direcção ao equador. A crosta terrestre é a concha exterior de um "rolamento" gigante entre 8 e 40 quilómetros de espessura. Até agora, a Gronelândia não tem sido capaz de lidar com isto - o nosso planeta não está em perfeita forma redonda. Mas, de acordo com I. Kuldoshin, pode haver algum choque externo, causado, por exemplo, pela queda de um enorme corpo espacial para a Terra (e talvez uma poderosa explosão provocada pelo homem), que levará a rupturas da crosta terrestre, alterações climáticas globais e consequências irreversíveis para toda a vida no planeta. De acordo com previsões de I. Kuldoshin, a Antártida com a sua casca de gelo volumosa, cuja massa é muitas vezes maior do que a cobertura de gelo da Gronelândia, irá afastar-se do Pólo Sul em resultado do impacto e devido ao aumento da sua força centrífuga ajudará a Gronelândia a mover a crosta terrestre. Como resultado, de acordo com os

⁶⁶ Soapbox Dm. *Como surgiu o deserto do Sara. Hipótese de trabalho* // <http://mylnikovdm.livejournal.com/2051.html>.

⁶⁷ Mylnikovdm. *Em geral, tudo é assim...* // <http://fx32.livejournal.com/20074.html?thread=11626#t11626>.

cálculos de I. Kuldoshin, o equador da Terra passará por Tyumen, Ufa, Saratov, Donetsk, e mais adiante na circunferência do planeta"⁶⁸.

A data do suposto evento também é fixada. Director do Centro Internacional de Estudos Ufológicos Valery Uvarov acredita que as imagens no famoso "Dendera Zodiac" no templo de Hathor testemunham o desastre planetário de 13659 anos (2017, ou seja 12 382 a.C.) - um impacto asteróide e mudança no ângulo de inclinação do eixo da Terra. Como resultado da catástrofe, o ponto de subsequente nascer do sol começou a mover-se ao longo da linha eclíptica na direcção oposta, entrando no "coração do Leão". No "Dender Zodiac" o cancro mudou a sua localização na linha eclíptica, voltando para o Leão. A escala do círculo externo do Zodíaco de Dendera é feita de figuras-Decans (pedaços de arco de círculo astrológico em tamanho de 10 graus) simbolizando um curso de tempo. Os reitores vão no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Avançando sobre constelações ao longo de uma linha de anti-horário eclíptico, o nascer do sol no dia de um equinócio vernal no ano da catástrofe caiu no primeiro minuto do primeiro grau de uma cabeça de Câncer. Como resultado da catástrofe, o cancro faz um movimento não natural para trás e para cima, ocupando um lugar acima da cabeça do Leão. O impacto do asteróide, que quebrou o mecanismo pré-cessional, fez com que o tempo do zodíaco "voltasse para trás". A mão do relógio do zodíaco fez recuar dois reitores. Segundo V. Uvarov, toda a sequência zodiacal dos acontecimentos foi a seguinte: a Terra passou pela Era do Leão, entrou na Era do Câncer, houve uma catástrofe planetária, a Terra deu um "salto no tempo", recuando para a Era do Leão, depois, tendo passado a mesma zona "através da Era do Leão" do seu coração para a Era do Câncer duas vezes, a Terra regressou ao local onde se encontrava no momento da catástrofe⁶⁹.

Assim, tal como indicado acima, a deslocação catastrófica dos pólos (a uma velocidade linear que pode atingir cerca de 3.500 km/h em algumas hipóteses) catalisada por um grande impacto espaço-corpo teria de ser acompanhada por catástrofes de grande escala cobrindo todo o planeta, tais como inundações, terremotos, erupções vulcânicas, elevações do fundo do mar e subsidência de terras, e assim por diante.

Por exemplo, a perfuração de gelo na Antártida e na Gronelândia mostrou que "... a relação dos isótopos O16/O18 e H/H2 sugere que em toda a parte nas latitudes polares (e na Antártida e na Gronelândia) há 10-11 mil anos, a temperatura aumentou cerca de 10 ° C, e na transição da glaciação

⁶⁸ Turov, V.A. "Intrusivas" causas das alterações climáticas // http://samlib.ru/t/turow_w_a/konecswetaigibelxciwilizacij-2.shtml.

⁶⁹ Dender Zodiac - a chave para o passado // <http://zhitanska.com/content/denderskij-zodiak-klyuch-k-proshlomu>.

Dnieper para a interglaciár Mikulin (há cerca de 130 mil anos) em 12 ° C. Além disso, durante estes curtos períodos da história do nosso planeta, as concentrações de dióxido de carbono e metano na sua atmosfera aumentaram significativamente. Isto pode ter sido devido tanto à intensificação da actividade vulcânica como à emissão de grandes quantidades de gases com efeito de estufa, bem como aos incêndios que grassam na Terra. Ao mesmo tempo, os resultados da perfuração de gelo na Antárctida mostram que o actual aumento das concentrações de dióxido de carbono e outros gases com efeito de estufa é sem precedentes nos últimos 800.000 anos (25% para o CO₂, 100% para o CH₄, 8-10% para o NO₂ nos últimos 200 anos), e o teor total de dióxido de carbono na atmosfera da Terra (mais de 379,1 milhões de partes de dióxido de carbono) é agora 30% superior ao dos últimos milhões de anos (tendo em conta os dados obtidos em terra)⁷⁰.

Tendo em conta o facto de que os processos radioactivos nas profundezas do planeta estão continuamente a aquecer magma líquido e ardente e os fluxos de lava quente vermelha rebentam através das fendas na crosta oceânica relativamente fina, o geógrafo I. Kuldoshin de Orenburg acredita que, em resultado da rotação da crosta terrestre, rebentou ao longo do equador, ou seja, ao longo de 40 mil quilómetros, ocorreu um cataclismo gigantesco. A água dos oceanos, mares e rios correu para a fenda resultante, e o vapor quente foi soprado para as nuvens. Todo o planeta estava envolto em faixas de vapor, resultando num longo tempo de chuva sobre a terra (bíblico "40 dias e noites"), que só parou depois de o magma arrefecer. Toda a Terra foi coberta com uma camada de água de 6 metros. A água evaporada não podia regressar aos oceanos. Quando o fundo do oceano foi quebrado e a lava quente entrou em contacto com a água, o oceano transformou-se num caldeirão em ebulição expelindo espessas nuvens de vapor, que rapidamente cobriram todo o planeta, extraindo nuvens de poeira da terra seca como resultado de terramotos subaquáticos. A quantidade de lava fundida comprimida sob a crosta endurecida do fundo do oceano é muito superior ao que é necessário para elevar a temperatura dos oceanos do mundo ao ponto de ebulição. As nuvens que rodeavam a Terra eram tão opacas que não permitiam a passagem da luz solar. A superfície aquecida da Terra arrefeceu gradualmente, a glaciação começou. A vida animal e vegetal foi quase completamente destruída. A raça humana estava melhor preparada para sobreviver, viu uma catástrofe iminente e refugiou-se parcialmente em cavernas ou "arca" (Noé, Manu, Utnapishtim)⁷¹.

⁷⁰ Koltypin A.V. *O que é que a perfuração de gelo na Antárctida e na Gronelândia lhe disse?* //

http://www.dopotopa.com/burenie_lda_podtverzhdet_suschestvovanie_dopotopnyh_tsi_vilizatsiy.html

⁷¹ Turov, V.A. "Intrusivas" causas das alterações climáticas //

http://samlib.ru/t/turow_w_a/konecswetaigibelxciwilizacij-2.shtml.

Capítulo 4. O mito de lavar o oceano e o paralelo a ele

Não há dúvida de que este cataclismo deveria ter-se reflectido nas tradições mitológicas. Como regra, este cataclismo é comparado com os mitos sobre a "inundação mundial" presente em muitas culturas nas partes mais remotas do planeta.

Menção da possibilidade de deslocamento do eixo da Terra pode ser encontrada no artigo "Chronologie historique des Mexicains" de 1872 por Charles Etienne Brassier de Bourborges, especialista em literatura pré-colombiana americana, que interpretou alguns dos mitos dos índios do México como provas de cataclismos semelhantes que ocorreram a partir de 10.500 anos a.C. Os habitantes de Tierra del Fuego disseram que o Sol e a Lua "caíram do céu" e os chineses que "os planetas mudaram o seu caminho". O sol, a lua e as estrelas começaram a mover-se de uma nova forma. Tarahumar no norte do México tem lendas sobre a destruição do mundo em resultado da mudança do caminho do Sol. Outra tribo da Terra do Fogo, os Pehuenche, liga a inundação a um longo período de escuridão quando o Sol e a Lua caíram do céu e o mundo ficou sem luz. Na China, há uma série de lendas que falam das consequências de como as pessoas se rebelaram contra os deuses e o sistema do universo entrou em desordem: os planetas mudaram o seu caminho, o céu moveu-se para norte, o Sol, a Lua e as estrelas começaram a mover-se de uma nova forma. Uma lenda asteca diz-nos que um dia a Terra inteira afundou-se na escuridão - só em Teotihuacan foi deixado para queimar o fogo sagrado. Depois os deuses reuniram-se no conselho em Teotihuacán e tentaram pôr em movimento o Sol e a Lua parados. A partir desta lenda, os astecas imaginaram que o tempo tinha parado em algum momento, e depois voltaram a pôr-se em marcha⁷².

O epos "Kalevala" finlandês descreve que quando uma tempestade de grânizo de pedras de ferro caiu do céu para a terra, o sol e a lua foram roubados do céu. Nas lendas Lappish, "o centro da terra tremeu de horror, de modo que as camadas superiores da terra caíram, e muitas pessoas caíram nestas cavernas para aí morrerem".

O poema antigo não panopolitano "Os Actos de Dionísio" fala da destruição das constelações, do deslocamento do eixo terrestre e do movimento do pólo durante a rendição da luz, organizado pelo gigante cosmogónico Tiphon ("The Enchanting", "Smoking") (I 154-321, 362-534):

⁷² *A Look Beyond the Edge: Lithosphere Displacement* // <http://vzglyadzagran.ru/zemlia-i-priroda/smeshheniya-litosfery-2.html#more-10596>

...Flechas de Cronid dobradas num esconderijo de pedra numa caverna,
Está em mãos gigantescas e alcançou as ondas aéreas com as suas presas;
165 Amarrou imediatamente o Kinosurid com uma mão inteligente.
Até ao fundo do Olimpo; o outro, agarrando a crina,
Ele moveu o eixo inclinado do Urso Parrassic;
Com o seu novo aperto, ele empurrou Booth para fora do caminho;
Ele tem Fósforo no local; vou ter de ir com a meta circular.
170 Tomou e arrastou, torturando, a resposta aérea da manhã;
A propósito, Zarya puxou-o para fora e, Taurus, apanha-o,
Até pararam as Montanhas dos Cavalos que não terminaram o seu tempo.
Em breve, sob a sombra do cabelo da cobra na cabeça do Typhoea.
A luz do sol foi misturada com a escuridão,
e, com a Helios diurna.
175 Quando Selena se encontrou no céu, a noite brilhou junta.
O Gigante não acabou com isto; ele seguiu o seu caminho de regresso,
Entre Borei e Note, deixando o Polo para o Polo,
Com a longa palma da mão agarrada no céu pelo Woznitz,
Comecei a chicotear no dorso de um Capricórnio que trazia granizo;
180 Tirar dois peixes gémeos do ar...
atirou-os ao mar,
Aries é também a constelação principal do Olimpo,
Junto à órbita da primavera, fogo ardente nas alturas,
Uma parte igual que dá o dia e a mesma escuridão.
Pernas a rastejar para cima, o Typhoeau estava a subir.
185 Até às nuvens; esticando uma enorme massa de palmas.
Num céu sem nuvens, matou o seu brilho e luminosidade,
Uma hordas de cobras encaracoladas em movimento, uma das quais,
Endireitado, correu na borda do eixo de fiação,
Depois ela saltou o Dragão do Céu para a sua coluna vertebral.
190 E gaguejou até à morte; Tifoea em frente da filha de Cephas,
As suas próprias mãos estreladas no mesmo círculo de encaracolar,
Os super laços existentes estreitaram outros Andrómeda.
Amarrados, chanfrados debaixo das suas roupas; imediatamente com
a ponta de uma buzina,
Uma vista semelhante à de Taurus, o Dragão com chifres deu meia
volta.
195 E marcou, em espiral na frente da sua testa com um touro,
Giad, que é como a buzina de Selena;
Abriu a sua boca, e os seus dragões, todos entrelaçados,

As cintas venenosas são enroladas como uma ligadura, Booth.
A Cobra é a pior quando viu a Cobra Olímpica,
200 apressaram-se subitamente contra ele, através do cotovelo do
Guardião da Cobra.
E tecendo a sua nova coroa para a coroa de Ariadne,
Curvou o seu pescoço num arco, envolveu o seu ventre em tensão.
O cinto de Zephyr desliza e as asas do Evra invertido,
Ambas as metanfetaminas foram ultrapassadas pelo homem
multiarmas do Typhoe.
205 No caminho mais largo. Apanhou tanto o Fósforo como o
Gesper,
E a colina atlântica; os abundantes sulcos do mar.
Muitas vezes agarrado à mão, puxado para fora do abismo em terra.
Ele próprio é uma carruagem de Poseidon e, um cavalo do estábulo.
Tirar do berçário debaixo de água, com os pêlos do mar ainda em
cabelos,
210 Subiu ao arco do céu, onde o pólo muda de movimento,
Exactamente uma carapaça para o Olimpo; Helios é uma carruagem.
Também lhe bati, e os seus cavalos estavam a enferrujar debaixo da
pinça.
Por várias vezes, vangloriou-se da sua mão para os estranhos.
Receberam touros do quintal da Selena, que costumavam atacar,
215 E parou estes animais semelhantes.
Ou todos os touros aproveitados foram invertidos,
Os grampos brancos são um sinal da divindade - rasgar...
E o derramar do assobio devastador do equidna venenoso.
Mas Titanida Moon não era inferior ao seu atacante:
220 Resistiu ao Gigante com exactamente os mesmos chifres,
Os chifres de touro foram afiados por curvas brilhantes;
Os touros brilhantes da Selena's tiveram um longo mugido.
Surpreendido com a visão dos lábios abertos de Tifoea.
As Montanhas Destemidas foram apanhadas por esquadrões de
constelações,
225 E ao apelo do círculo supremo brilhou em filas.
Há espirais de estrelas no céu; a força do ar tem roncado,
À luz dos faróis, anunciando o ar de todo o lado,
Estes são de Borey, e estes são da cordilheira da noite líbia,
Estes são de Evra the Arcs, estes são de Note Valley; com uma
consonância...
230 Thunderclap em movimento, coro fixo e imparável.
As estrelas, por outro lado, vagueavam; o estrondo ecoava.
Através do céu no vazio, afundando-se directamente para o meio.
O eixo do céu; olhando para a besta, Orion, como um caçador,

Tirou a sua espada da bainha, e quando se armou com ela,
235 As costelas leves da lâmina Tanagra brilharam no céu.
Das mandíbulas respiradoras de fogo da sua luminosidade,
Com um golo estrelado, o Cão que estava com sede estava
terrivelmente preocupado,
Com o latido flamejante de uma corda de saltar, mas o seu rosnado
não é habitual.

Havia lebres, e vapor dos dentes dos monstros tifóides.
240 O Pólo dos Céus Pungido: em sucessão, soou...
Echo, e houve um rugido no céu, sete de igual para igual.
Ritmos de um gole de Plêiades com sete cintos circulares,
E, uniformemente, aquele som a reflectir, a cantarolar os planetas.
...[A luta do tufão com os elementos terrestres]

Há Tifoea, agarrando, abanando a Montanha da Cortiça.
E, do rio Ciliciano, o riacho povoado é pisoteado,
260 Tara foi colocada numa das palmeiras com Kidne;
Flechas de pedra a disparar para os sulcos salgados do mar,
Foi para as falésias, batendo-lhes depois do ar.
O Gigante caminha, imerso numa onda de pés no mar,
As suas tigelas nuas permanecem secas debaixo de água,
265 E enquanto rodeia a sua coxa, murmura grande humidade;
As cobras flutuam-no e das bocas saturadas com o mar,
Eles atizam até à morte e cuspem-lhe veneno, lutando contra o
abismo.

Se o Typhoea estiver no meio de um mar de peixes,
Apenas os seus pés cobrem muitos riachos.
270 Profundidade, e o útero gigante perde-se no ar até...
As nuvens e escurecem-nas. Quando a cabeça de Typhoea é terrível.
Ouve-se o rugido dos leões com uma crina de alto revestimento,
Os leões estão todos com pressa para se esconderem debaixo da
gruta lamacenta;

Multidões de monstros marinhos são todos esmagados sem
excepção,
275 Apenas um homem homossexual vai dar o seu lado em paz.
No mar, tudo o que é maior do que a terra, todas as focas estão a
mugir,
Escondidos num mar de golfinhos, escondidos...
nas profundidades finais;
Marca de bordado em espiral com padrão curvo,
O intrincado pólipa apanha a pedra larga,
Fingindo ser apenas uma rocha morta.
Todos estão admirados; até a enguia do mar, a nadar.
No meu ardente desejo de saborear a paixão do dragão,

Sinta o arrepio da respiração dos dragões que rastejam através do mar.

O mar ergue-se como torres altas,

285 E chegam ao Olimpo; nas correntes de ar que fluem.

A ave, sempre seca, é irrigada pelo mar.

Eis o Typhoea, que tem a semelhança de um tridente marinho,

A palma da mão que treme a terra é um corte exorbitante

Uma ilha com um quinto, longe de um forte banco de solo,

290 Atirou-a inteira, como se a bola estivesse num duplo giro;

Na Batalha do Gigante, os seus punhos atacaram o Olimpo,

No ar, as estrelas alcançaram, e uma sombra foi apontada para o sol,

Balançar como uma lança no topo de um penhasco inacessível.

(Silenciosamente⁷³).

Zeus atirou um bloco de gelo ao tufão de cobra, e aquele coberto de gelo e neve, atingido por um raio, caiu ao chão. Foi em vão para a Terra salvar o seu filho, invocando o Sol para derreter o terrível peso. Tendo regressado ao seu mosteiro, Zeus-Olympian restaurou a ordem anterior, devolveu as constelações ao céu, e arranjou um casamento da sua neta celestial Harmony com o czarevitch, o músico mortal Cadmus⁷⁴.



⁷³ Losev A. F. Coleção Jubilar de Obras em 9 Volumes: Volume 5: A Mitologia Antiga no seu Desenvolvimento Histórico. Teogonia e Cosmogonia. - http://www.e-reading.club/chapter.php/1016750/60/Losev_-_Mifologiya_grekov_i_rimlyan.html.

⁷⁴ Tsyarkin Yu.B. A Luta do Deus Supremo com Tiffon // <http://skazanie.info/borba-verhovnogo-boga-s-tifonom>; Tsyarkin Yu.B. Mitos de Fenício e Ugarita. - Moscovo: "AST Publishing House LLC"; "Astrel Publishing House LLC", 2003. - - C. 182-184

Na mitologia mesopotâmica, o deus Marduk luta contra o monstro Tiamat. Há uma imagem conhecida desta luta num dos selos cilíndricos: Marduk, rodeado por doze estrelas à cabeça da lua, dispara relâmpagos sobre o inimigo. Mas o que é mais interessante nesta história mesopotâmica é que Tiamat "cria elas próprias as constelações do Zodíaco", ou seja, devido à inclinação do eixo terrestre, o caminho do Sol através do céu começou a cobrir constelações completamente diferentes:

Alguns dos deuses incitaram Tiamat a vingar-se por matar o seu marido.

Tiamat aceitou os seus pedidos.

Hydra, Mushkhusa, Lahama a partir do abismo que criou,

O Leão Gigante, o Cão Feroz,

Escorpião na forma humana,

Demónios da Tempestade, Coolilu e Kusarikku.

O simbolismo do escorpião chama a atenção para o faraó egípcio Menes "Escorpião" (Srj) da chamada "Dinastia Zero": 3200-3090/3060 BC A padroeira de Menes (e aparentemente a sua esposa) foi a deusa Célice/Serket ("Escorpião"), que é representada como uma mulher com um escorpião na cabeça. Há outra deusa escorpião no Egito - Hededet (Hededet). Algumas das suas características assemelham-se à deusa Selket-Serket, em períodos posteriores a sua imagem (como no caso de Selket) fundiu-se com a imagem de Ísis. Isida-Hededet (ou Isida-Hededet) é a encarnação de Isida, a mãe do Monte, que protegeu o seu filho e o curou das picadas de um escorpião obtido nos pântanos do Delta. O texto esculpido na pedra do amuleto da coleção do Museu Egípcio menciona o seu nome: "Isisa Hededet, a mãe de Deus que criou a sua beleza. O sacrifício feito a Ísis, o grande rei, a mãe de Deus, para lhe dar vida, prosperidade, saúde e sabedoria, louvor, amor e existência na terra, seguindo-a num lugar de todas as coisas por Ka Jehuti, sua esposa, o ganha-pão de Hededet, Iret". O culto de Isish-Hededet prosperou em Edfu, onde a deusa foi venerada como a mãe da hipóstase local, Monte, a todo-poderosa feiticeira e curandeira.

A "Avesta" iraniana descreve a catástrofe do mundo da seguinte forma: o espírito da destruição caiu no céu "e arrastou-o para o vazio" ("Bundahishn", 4.3), "E Ahriman saltou sob a forma de cobra, e espezinhou tanto do céu como estava debaixo da terra, e rasgou-o" ("Bundahishn", 4.3). Noventa dias e noites os deuses celestes lutaram no mundo material com o Espírito da Destruição e demónios até serem derrotados e atirados para o inferno. O próprio Homem Primordial, "brilhando como o Sol", testemunhou como, durante a invasão do mundo das forças de Ahriman sob a forma de "arrepios rastejantes", a esfera celestial começou a rodar, e o Sol e a Lua moveram-se, e a terra foi atingida pelo trovão ensurdecador de demónios gigantes e a sua batalha com as estrelas.

A mitologia chinesa conhece a trama da batalha pelo trono real entre o deus da água Gungun e o deus do fogo Zhuzhun. Como resultado, metade do céu desabou e uma chuva e fogo irrompeu do céu. Sob o peso do céu em queda rachou a terra e as águas subterrâneas saíram correndo dela. Tudo isto ameaçava a destruição de todos os seres vivos. O próprio equilíbrio do universo foi abalado pelo espírito das águas de Gungun no Monte Buzhou-Shan. A capataz da humanidade, meio homem-polusmei Nuiva ("Mulher Caracol"), filha do deus Yan Di, do fundo dos mares, rios e lagos recolheu muitas pedras preciosas e juntou uma montanha derramada com todas as cores do arco-íris. Depois cobriu-a com canas cortadas e acendeu-a - a chama acendeu durante nove dias e nove noites e derreteu as pedras numa massa líquida multicolorida. Sete dias e sete noites ela cobriu o buraco Nueva no céu com esta massa líquida que respirava fogo. Depois disso, Nueva arrancou as cinzas da palheta e fendeu-as no solo, bloqueando a estrada para as águas subterrâneas. Para fortalecer o céu, Nueva matou uma tartaruga gigante, cortou as suas quatro patas e colocou-as em quatro partes da terra como suporte. No entanto, o céu nunca regressou ao seu lugar original. É um pouco enviesado, como se pode ver no movimento do sol, lua e estrelas. Além disso, a sudeste do céu havia uma enorme depressão - o oceano - que enchia todos os mares e rios de água. Dando às pessoas o instrumento musical "Sheng" para terem algo para se animar, Nyuva numa carruagem desenhada por um dragão, voou para o céu e senta-se aos pés do Senhor de Jade. Como deusa dos casamentos sob o nome de Gao-mei (Gao, "alta", Mei - "sacrifício em oração pelo dom das crianças"), ela é adorada para se livrar da infertilidade e encontrar descendência, em sua honra são realizadas danças de carácter erótico. Noutras versões, Nueva viu uma ilha no oceano com um palácio maravilhoso e tentou nadar até ela. Mas deixou Lunvan (Dragon King) zangado e levantou uma terrível tempestade no mar, durante a qual Nueva morreu. A sua alma transformou-se numa ave Jinway, que todos os dias, em qualquer clima, usa ramos e pedras das montanhas ocidentais e lança-os ao mar, decidindo adormecer. Desde então, passaram dezenas de milhares de anos, mas a ave Jinwei tem atirado pedras e ramos para o mar.

O irmão mais velho e marido de Nuiva Phu Xi ("trazer animais de sacrifício"; outros nomes - Taihao, Huangshi, Tsanya), o primeiro governante do Império Celestial, deu às pessoas fogo, vários ofícios (tecer redes, tecer roupas, sericultura), música, ritos e ensinou-lhes a escrever, contar a sorte nos trigramas, contar e observar o movimento das estrelas e as mudanças de estação. Fu Xi foi representado sentado sobre uma pedra com cabelo solto e uma grande barba branca, vestido com uma capa de pele de veado, segurando um desenho de oito trigramas, ou com uma circular numa mão e um disco do sol na outra. Por vezes foi representada como uma cobra

humana ou uma ave humana. O filho de Fu Si e Nuwa era Shaodian, e os seus netos eram Yandi e Huandi.

"... No centro do céu, - diz a cosmogonia túrquica, - encontra-se a Estrela Polar, a que os turcos chamavam Altyn kazyk. Nos tempos antigos, o céu e a terra estavam próximos um do outro e as pessoas podiam esgueirar-se para o céu, para as casas dos deuses e aborrecê-los com os seus pedidos. Alguns homens corajosos ou loucos tentaram mesmo convocar os deuses para duelos. Desta confusão, o Céu e a Terra ficaram perturbados. O céu, cheio de convidados inesperados, pressionado sobre a Terra, e a Terra, incapaz de resistir a esta gravidade, abriu-se. O grande caos veio para o universo. Uma tempestade negra declarou a Terra, cinzas da terra misturadas com nuvens, trovões, relâmpagos cintilantes, granizo do tamanho de um ovo de pato. As montanhas movimentaram-se, os rios saíram das suas margens, florestas cobertas de fogo e estepes. A lua, o sol e as estrelas caíram fora do caminho estabelecido, varridos num giro desordenado. Gente, animais e pássaros estavam a gritar, só se ouviam gemidos acima do solo, reinava o medo e a confusão, o sofrimento e a dor. Três anos reinaram o caos, três anos duraram o desastre até que o senhor do céu, o deus Tengri em grande raiva martelou no universo o seu bastão dourado - Altyn Kazyk - e separou a terra do céu. Foi assim que surgiu o eixo do universo. E o final brilhante do pessoal pode ser visto à noite - as pessoas chamam-lhe Altyn Kazyk - a Estrela Polar"⁷⁵.

Um paralelo interessante a esta trama e uma pitada de mudança de vara pode ser a lenda bíblica sobre a construção da Torre de Babel: "... a Torre é o pensamento de que Deus não governa o mundo; e o Dilúvio em si foi uma consequência do movimento das esferas celestes, que pode ser repetido de tempos a tempos. A torre para o céu é necessária para influenciar as esferas"⁷⁶

"... Platão no diálogo "Político" descreveu em detalhe os estranhos acontecimentos na Terra e "cosmos" numa altura em que "o tempo se inverteu" e "o espaço começou a rodar na direcção oposta". A propósito, segundo Platão, foi a "viragem do cosmos" como resultado da colisão das duas direcções do tempo na memória e percepção do antepassado humano e da centelha de auto-consciência nele que colocou o início da história da civilização na Terra"⁷⁷.

⁷⁵ Bisenbaev A.K. *Mitos dos antigos turcos* // http://www.kyrgyz.ru/articles/library/ak_bisenbaev_mify_drevnih_tyrkov/3/.

⁷⁶ *Partida de Basinsky P. Kham. "The Coming Ham" de D.S. Merezhkovsky, à luz da nossa experiência* // *O Novo Mundo*. 1996. -- №11. -- C. 212-228. - http://magazines.russ.ru/novyi_mi/1996/11/basinsk.html.

⁷⁷ Skurlatov V. *O círculo do tempo* // *Técnica - juventude*. -- 1977. -- № 8. -- C. 44

Mas penso que seria mais correcto correlacionar este cataclismo, associado ao eixo de deslocamento da Terra e à mudança da visão das estrelas no céu, com uma trama mitológica especial.



Em particular, é retratado no terreno rochoso de Angkor Wat como "... o momento em que deuses e demónios, criando o universo, lavraram o oceano leitoso"⁷⁸.

Na mitologia indo-ariana há "*Mahabharata*" (livro 1, "*Adiparva*", "*Tale of Astik*", Ch. 15-16), "*Ramayana*" (1.45) e "*Puranas*" ("*Bhagavat Purana*" VIII.). 6-12; "*Agni Purana*" 3; "*Vishnu Purana*" 1, 9; "*Matsya Purana*" 241) história sobre "Pakhtaniya of the Milk Ocean" por duas classes de divindades - Devas e Asuras para obter como resultado desta bebida de imortalidade - Amrita. No decurso do Arado do Oceano Lácteo (Rolling), o majestoso Monte Mandara (Mandara é um coraleiro, *Erythrina Indica*) foi utilizado como um pregado gigante e a cobra Wasuki gigante como uma corda. Os Devas seguraram a serpente pela cauda e asuras pela cabeça, girando assim a montanha e sacudindo o oceano. Contudo, em breve a montanha começou a afundar-se. Vishnu veio em auxílio sob a forma do seu

⁷⁸ *Teatro Marunova I.B. Antigo teatro Khmer. - Moscovo: Science 1980. -- C. 27*

segundo avatar, a tartaruga gigante Kurma, que segurava a montanha nas suas costas. Enquanto lavrava o oceano (cujas águas se transformaram primeiro em leite e depois em manteiga), um pote de veneno mortal (kalakuta; halakhala) apareceu dele, que era tão tóxico que tinha a capacidade de destruir toda a criação. Devas e asuras, que tinham chegado ao horror, foram a Shiva pedir ajuda a conselho de Vishnu. Sentindo pena deles, Shiva bebeu todo o veneno e reteve-o na sua garganta, o que o fez ficar azul. Desde então, Shiva é também chamada pelo nome de Neelakantha ("pescoço azul"). Várias ervas foram lançadas no Oceano Lácteo, que durante o processo de agitação se transformaram em 14 tesouros (ratn), que foram divididos entre Devas e Asuras: Sri Lakshmi (deusa do amor), Kaustubha (gema divina mágica na posse do deus Vishnu e que adorna o seu peito), Paridjata (árvore celeste com flores), Varuni (deusa do vinho), Chandra (lua, que Mahadeva reduziu e reforçou na sua testa), Kamadhenu (vaca maravilhosa que satisfaz os desejos do proprietário), Kalpavriksha (árvore de desejos mágica), Airavata (elefante branco, vahana do deus Indra), Rambha e Apsara (ninfas, amados gandhars), Uchchhaheshravas (cavalo branco de Indra), Sharanga (arco e flechas de Vishnu), Shankha (tubo de concha de mar). Finalmente, do oceano apareceu o deus da cura Dhanvantari o pote de néctar celestial da imortalidade Amrita: "... Então, o rei, quando os filhos de Kashyapa - demónios e semideuses - começaram novamente a arar o Oceano Lácteo, apareceu aos seus olhos um homem maravilhoso. Forte e forte, com braços compridos, distinguiu-se pelo seu físico poderoso. O seu pescoço, marcado com três riscas, era como um lava-loiça. Os seus olhos eram rosados e o seu corpo escuro. Era muito jovem, foi decorado com guirlandas, e todo o seu corpo foi decorado com jóias. Usava roupas amarelas e brincos de pérolas brilhantes. As pontas do seu cabelo estavam cobertas de óleo. Os seus ombros largos e outras características indicavam que ele era forte e forte como um leão. Ele usava pulseiras, e na sua mão segurava um jarro cheio de néctar até às bordas. Foi Dhanvantari, uma manifestação parcial de Vishnu. Ele conhecia a ciência da cura, e como um dos semideuses tinha direito a receber a sua parte durante o sacrifício" (*Bhagavata Purana, canção 8, capítulo 8, versos 31-33*).

Houve uma feroz batalha entre os Devas e os Asuras pelo direito de o possuir. Ao mesmo tempo, uma gota de amrita foi derramada no chão em quatro lugares - Prayaga, Kharidvar, Ujain e Nashik. Acredita-se que desde então estes lugares têm poder místico e é por esta razão (especialmente em Allahabad, antiga Prayaga, na confluência dos rios Ganges, Yamuna e o invisível Saraswati) que uma vez em cada doze anos há um festival de Kumbha Mela ("Jug Fest"), e a cada 144 anos - "Grande Kumbha Mela". Mas no final, os Asuras derrotaram os Devas e tomaram toda a Amrita para si.

Os Devas voltaram-se então novamente para Vishnu em busca de ajuda, que tomou a forma de Mohini, uma rapariga de extraordinária beleza.

Aproveitando o facto de as asuras se terem distraído com a sua beleza, Mohini roubou-lhes a Amrita e deu-a aos Devas, que finalmente puderam saborear a bebida celestial. Uma das asuras chamada Rahu tomou a forma de uma donzela, com a intenção de beber néctar, mas Surya e Chandra reconheceram o impostor e denunciaram-no a Mohini. Rahu começou a beber amrita, mas antes de a conseguir engolir, Mohini cortou-lhe a cabeça com o disco divino Sudarshana-chakra. Como resultado, a cabeça do demónio que já tinha tocado o néctar tornou-se imortal e transformou-se no planeta Rahu, que, querendo vingar-se do Sol e da Lua, por vezes os engole, causando assim eclipses solares e lunares. O resultado final foi que a amrite bebeu e as virgens que tinham ganho força prevaleceram sobre as asuras.

Talvez este mito deva ser interpretado como evidência de algum cataclismo global ligado ao Oceano Índico e por ele lavado Antárctida, representado figurativamente como uma tartaruga gigante Kurma com o Monte Mandara erguido sobre ele, e "pote de veneno" (em "Avesta" - águas e rios venenosos) - são gases vulcânicos libertados das entranhas da terra como resultado de uma erupção.

Mas, contudo, existe outro mito na tradição indiana que pode ser directamente correlacionado com o mito da lavoura. Em Puranas, o universo foi originalmente preenchido com água e acima dela emerge um lótus do qual se pode regozijar. Brahma, o criador secundário do universo. Uma vez fora do lótus, Brahma olha em todas as direcções, mas não consegue ver senão escuridão. Depois o vento sopra, explodindo enormes ondas circulares e balançando o lótus⁷⁹.

De acordo com a variante Heliopolis da cosmogonia do Antigo Egipto no início era o Caos (Freira) - superfície de água sem limites, imóvel e fria, envolta em escuridão. Milénios passaram, mas nada perturbou a paz: o Oceano Primordial permaneceu inviolável. Mas um dia o deus Atum, o primeiro deus do universo, apareceu do Oceano. O universo ainda estava ligado pelo frio, e tudo estava submerso na escuridão. Atum começou a procurar um lugar sólido no Oceano Primordial - uma ilha, mas não havia nada à volta a não ser a água parada do Caos Noona. E foi quando Deus criou Ben Ben Hill, a Colina Original.

No povo dravidiano de língua toda aborígine das montanhas Nilgiri ("Blue Mountains") no sudoeste da Índia "... as operações de ordenha e de chicoteamento de manteiga no leite constituem a base de grande parte do ritual religioso ... e o leite de animais sagrados é batido em quintas leiteiras,

⁷⁹ I.V. *Lendas e Mitos sobre o Cancro do Antigo Egipto*. - São Petersburgo. Neva, 1998. - - C. 20

que podem ser consideradas como todos os templos e assim consideradas pelos próprios humanos"⁸⁰.

Segundo a mitologia de Thorajas da ilha de Sulawesi, no centro do mar existe uma rocha onde as nove correntes convergem, na rocha existe uma caverna, o habitat de um caranguejo, que provoca alterações na maré⁸¹.

Se considerarmos este antigo motivo indiano "Beating up the Milky Ocean with a Mountain" como tendo uma influência Dravido-Elamita no Hindustão, a versão inicial indo-ariana é preservada na lenda "Gonda and Boomia": "...Quando a terra das vespas voltou à vida por feitiços, os Bhagwan disseram aos irmãos Pandawah, "Misturem a terra com água e derrubem-na. Os irmãos Pandawah fizeram um grande caldeirão de pedra tão grande como uma aldeia e encheram-na até à borda com água. Depois puseram um pedaço de terra no caldeirão e iam deitá-lo abaixo, mas descobriram que não tinham nem um redemoinho nem uma corda para o girar. Não havia uma única árvore no chão que pudesse ser utilizada para fazer um redemoinho. Também não havia qualquer fibra para tecer a corda. Os irmãos Pandava não sabiam o que fazer. Finalmente, Bhimsen viu três cobras que trouxeram o rei das tartarugas e os seus companheiros à terra. Agarrou-os e disse: "Não vos deixarei voltar ao submundo até que tenham o máximo de terra que conseguirem para mim. Ou eu mato-o. E Beechimsen pegou na pitão e fez dela uma bagunça. Naqueles dias, as pitões eram muito maiores e mais espessas. Beechimsen enrolou uma cobra de pedra à volta da pitão como uma unidade. Então Byhimsen disse: "Quem vai bater no chão? A corda da serpente pode partir-se se eu a levar. A catma, a sua mãe, disse: "Eu faço-o". E ela começou a bater no chão num caldeirão de pedra. Ela fez e fez, e os irmãos Pandava, os seus filhos, olharam para o caldeirão, e sob o seu olhar a terra levantou-se e inchou: pois o seu olhar tinha poderes mágicos. Depois mergulharam as suas mãos no caldeirão, e a terra espalhou-se ainda mais. E Bhagwan observava do céu o tempo todo. Finalmente ele disse: "Despeje num jarro de bebida embriagante, e a mãe terra subirá ainda mais alto e encherá toda a superfície da terra"⁸².

Na nossa opinião, o paralelo ao mito Indo-Ariano de arar o oceano é o mito Pelasgiano de Ophione: "... No início da Eurinoma, a deusa de todas as coisas, levantou-se nua do caos e descobriu que não tinha nada com que

⁸⁰ Rios W. H. R. *The Todas*. - Londres-Nova Iorque: Macmillan and co., Limited; The Macmillan Company, 1906. - XVIII, 781 p., P. 38.

⁸¹ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites*. - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p., - P. 9.

⁸² Fuchs S. *Lendas e contos de Gondwana*. - Moscovo: Ciência, 1970. - - C. 22-23

contar. Então ela separou o céu do mar e começou a sua dança solitária sobre as suas ondas. Na sua dança ela moveu-se para sul, e nas suas costas havia um vento que lhe parecia bastante adequado para começar a criação. Ela virou-se e apanhou este vento do norte, apertou-o nas palmas das mãos - e a grande serpente Ophion apareceu diante dos seus olhos. Para se aquecer, Eurinoma dançou furiosamente até surgir um desejo em Ophione, e ele envolveu os seus lombos divinos para a possuir. É por isso que o vento norte, que também é chamado Borea, fertiliza... Eurinoma concebeu uma criança da mesma forma. Depois transformou-se numa pomba, sentou-se como um arenque nas ondas e deitou o Ovo do Mundo depois do tempo devido. A seu pedido, Ophione deu sete voltas ao ovo e incubou-o até se dividir em dois. E tudo o que existe no mundo - o sol, a lua, os planetas, as estrelas, a terra e as suas montanhas, os rios, as árvores, as ervas e os seres vivos - surgiu a partir dele. Eurinoma e Ophione estabeleceram-se no Olimpo, mas ele magoou-a, declarando-se o criador do universo. Para isso, ela bateu-lhe na cabeça com o calcanhar, arrancou-lhe todos os dentes e levou-o para as cavernas escuras subterrâneas. Depois disso, a deusa criou sete forças planetárias, colocando à cabeça de cada titanídeo e titânio. Thea e Hyperion eram donos do Sol; Febe e Atlanta a Lua; Dion e Crey o planeta Marte; Metida e Coy o planeta Mercúrio; Themis e Eurimedont o planeta Júpiter; Thethia e o Oceano o planeta Vénus; Rhea e Cron o planeta Saturno⁸³. A própria Eurinoma vive numa caverna e é uma tríade - Noite, Ordem e Justiça. O Hesíodo chama directamente a mãe de todas as coisas Noite (Nickta)⁸⁴.

Também os gnósticos do século I d.C. acreditavam que o mundo foi criado por uma serpente. De acordo com uma versão, Urano (Céu) é o filho de Ofion e de Senior Thetide (*"The First Vatican Mythographer" III 1, 1*). Segundo Ferekid, Ophion é o inimigo de Kronos, o pai dos Ophionists (*Ferekid Sirsky, Fr. B4 Dils Krantz*). Lutou com Kronos em combate corpo a corpo, mas derrubou-o a ele e à Eurinomu e levou-os às profundezas do Oceano⁸⁵.

Como podemos ver, tal como a serpente Indo-Ariana Wasuka foi amarrada à volta da montanha, desempenhando o papel de turbidez ao arar o oceano, também a serpente Pelasgic Ophion está associada a uma montanha especial - o Olimpo.

⁸³ Graves R. *Myths of Ancient Greece / Per. et al. A.A. Taho-Godi. - M. : Progresso, 1992. - - C. 15.*

⁸⁴ Graves R., Patai R. *Mitos judaicos. - Yekaterinburg : U-Faktoria; M. : AST Moscovo, 2008. - - C.23, 32.*

⁸⁵ *Scholia a Licofron. Alexandra 1191 // Notas de N.A. Chistyakova no livro Apollo Rodosky. Argonáutica. M., 2001. - - C.184*

A Cobra Grande (Ophion) está claramente identificada com o Zervan iraniano. Zervan - "Tempo, destino"; é mencionado em "The Avesta" ("*Clear*" 72.10, "*Videodat*" 19).13); Zervan Akaran - "Tempo Eterno" em "Zend-Avesta"; Zervan Daregho-Chvadhat - "Senhor do mundo existente"; Zervan Dargahvadata - "Tempo cujo governo dura muito tempo"; no maniqueísmo Zervan - "Pai da Grandeza", "Pai da Luz". No zoroastrismo, Zervan é o pai de Ormazd (Ahura Mazda), nascido da prática ascética sacrificial de Deus. Ahriman é também o filho de Zurvan, mas nasceu de uma forma não natural (tendo rasgado o ventre de Zurvan bipolar ou a divindade do espaço Tkhvashi, com quem Zervan é mencionado em "Yasna" num casal) por dúvidas sobre a realização dos objectivos do ascetismo. Assim, por exemplo, as *linhas 2-3 de Zaratoustravian Gata* ("... Ambos os Espíritos, que eram originalmente como gémeos no sonho, e ainda permanecem em todos os pensamentos, palavras e acções, a essência do Bem e do Mal"), são considerados o ponto de partida da filosofia do Zervanismo. Podemos imaginar os sentimentos frenéticos do exército persa, que rezava à Ormazda, quando ao seu lado estava o exército greco-macedónio, cantando o hino ao deus da agitação e da embriaguez nascida de forma não natural (da anca de Zeus) Dionísio!

Mas nesta tradição iraniana, a deusa mãe antepassada desaparece. Mas ainda assim, o seu rasto pode ser encontrado. Zurvan em textos sogdianos de carácter budista é chamado Brahmā, o criador do universo do panteão védico, que nas lendas é frequentemente representado por um ganso, que é um companheiro constante de Brahma e do seu "portador" - vahana. Deste pode-se ver a mãe de Ormazd: "... Exclui-se que a imagem de uma ave aquática reflecta a ideia do elemento de água original, que no panteão da Avestia era representado por uma deusa, cujo antigo nome se crê ter sido escondido por detrás do triplo epíteto de Ardi Sura Anahita⁸⁶. "... Aqui é também apropriado recordar que a companheira da grande deusa da água da era Védica Sarasvati era um ganso, que representava o céu que se estendia por todo o lado. E. Kuzmina observa também que na mitologia indo-iraniana, a ave aquática era a personificação e companheira da deusa mãe da água, que era frequentemente retratada como uma "árvore do mundo" com pássaros sentados nela, e um par de patos era um símbolo do amor conjugal no folclore de todos os povos indo-europeus. Ela assinala também que na tradição indo-iraniana, em regra, os cavalos ou pássaros ou apenas pássaros eram colocados ao lado de uma mulher ou seu equivalente - uma árvore - mas ao mesmo tempo, "em todas as tradições indo-europeias, há uma semelhança comum de cavalo e pássaro". Assim, no hino de Rigveda, os cavalos Ashvinov são como águias: "«... Os vossos magníficos cavalos voadores são aves avermelhadas, que vos levem..." , e em Mahabharat os próprios Ashvins

⁸⁶ *Rapoport YA, conspiração cosmogónica sobre navios Khorezmian // Ásia Central na antiguidade e na Idade Média. - - M., 1977. - - C. 67.*

cantam como águias - "maravilhosos, belos pássaros alados"... Respondendo à pergunta por que razão a imagem de uma ave aquática se tornou a imagem do mundo corporal nas mitologias iranianas e ciáticas, os cavalos de D. Rigwedd são semelhantes às águias. Rajewski responde que este representante da fauna terrestre tem a capacidade de se mover nos três elementos - em terra, na água e, finalmente, no ar ... provavelmente, o círculo de imagens antigas formado na viragem do Mesolítico e Neolítico (e, talvez, até mais cedo), constituído por um homem, um alce e uma ave aquática associada a algum complexo arcaico de representações mitológicas, foi transformado ao longo do tempo, e o alce foi substituído por um cavalo, que se enquadra organicamente na antiga composição em três partes⁸⁷.

Na mitologia do Ainu há também um enredo de dança cósmica Pelazgiana semelhante de Ofion e Eurinoma: abraçando-se mutuamente, a Serpente Celestial e a Deusa do Sol fundiram-se no Primeiro Relâmpago. Alegrem-se, desceram à Primeira Terra, porque é que eles próprios surgiram de cima para baixo. Criaram o mundo, e com ele e Ajoin que criou as pessoas, apresentou-lhes artesanato e capacidade de sobrevivência. Mais tarde, quando os filhos de Ayoya se estabeleceram no mundo, um deles, o rei do país de Pan, desejou casar com a sua própria filha. Não havia ninguém por perto que não tivesse medo de ir contra a vontade do governante. Em desespero, a Princesa fugiu com o seu querido cão para o Grande Mar. Ali, numa costa longínqua, nasceram os seus filhos. Foi por isso que as pessoas se afastaram deles, chamando-se "Ainu", que significa "pessoas reais".

Uma variante do mito sobre a criação do mundo foi registada no Baikal Buryats. Nele "Baabain munengen bahana" ("coluna de prata do pai") encontrou-se no oceano primário "echein altan umai" ("barriga de ouro da mãe"), do seu encontro apareceu na terra o primeiro povo.

Existe também uma versão grega da imagem da "montanha", que é fiada pelos deuses. Referimo-nos à história de Platão em "Política/Estado" sobre como no fuso de Ananka ("Inevincibilidade, Necessidade") giram o destino do mundo Moira, a deusa do destino, acompanhando a música celestial das esferas com o seu canto: Cloto canta sobre o presente, Lachis - sobre o passado, Atropos - sobre o futuro ("*Orphica*", f.126 Kern; Platão, "*Estado*" X 617c). Estes "... três Moirs giram o fuso do mundo - um objecto especial, muito complexo, que significa o céu estrelado. Este fuso faz um

⁸⁷ S. Zharnikova. *Possíveis origens da imagem de um cavalo de ganso e um cavalo de alce na mitologia indo-iraniana (ariana)* // <http://www.booksite.ru/fulltext/1/001/001/073/j2.htm>.

movimento uniforme na mesma direcção; mas nas suas voltas os seus ciclos internos (corpos redondos de luz) movem-se na direcção oposta. O fuso gira entre os joelhos da Necessidade (Ananka). Em cada círculo está sentada uma sirene que emite uma voz monótona ao rodar; todos juntos criam os sons da harmonia celestial. Aproximando-se dos Parques, a alma tinha de tirar algum tipo de lote, que representava toda a vida futura, pré-determinada em todos os detalhes. Após uma série de cerimónias, a alma adormeceria. Depois, a meio da noite, houve um trovão, um terramoto, - e a alma espalhada como estrelas no local do seu nascimento (615 C - 621 V)⁸⁸

De acordo com os hinos órficos, o eixo do fuso mundial de Ananke (Platão, "O Estado", X 616c, "Timei" 48a) é a filha de Zeus e Afrodite de Urania ("Hinos Órficos", LV 4), pelo que outro paralelo ao mito de arar o oceano e a saída da deusa do amor Lakshmi dele é o mito dito e etéo-ciprio do nascimento de Afrodite ("Pennoborn"); Um "mergulho, saindo do mar" aadiomna), que ocorreu porque o órgão fértil de Urano, cortado por Cronus, caiu ao mar e derrubou uma espuma branca à sua volta (Hesíodo, "Theogonia", 189-194). Simultaneamente com Afrodite a partir das gotas de sangue de Urano que caíram no chão, nasceram Erinia, as gigantes e a melia (ninfas das cinzas). Afrodite, uma bela deusa, foi feita a esposa de Hefesto coxo, criador de coisas novas. Contudo, ela, de tempos a tempos, enganou-o, e da ligação com o deus da guerra nasceu Ares Harmonia, Deimos ("Horror"), Fobos ("Medo"), Eros, Gimarot e Anterot, as Amazonas, de Dionísio - Charita, Priap, Eunomiya ("Sublime"), O tipo ("Dew"), de Hermes - Hermaphroditum-Atlantium, de Poseidon ou Buta - Volopas, filho de Poseidon, - Eric(-s), o antepassado da elite da Sicília, do czarévitch Anchise - glorificado Enéas, antepassado dos fundadores do Império Romano. O atributo de Afrodite - uma tigela dourada cheia de vinho, a partir da qual um homem recebe a eterna juventude.

Na tradição semita ocidental, na nossa opinião, o mito da queda da deusa / montanha do céu nas águas é idêntico à lenda de que a deusa da fertilidade e do amor carnal, da guerra e da luta Astarta (Ashtoret, Ishtar, Inanna) veio à terra como um meteorito estrela do fogo, caindo perto de Byblos (Jebel moderno) no Lago Alfaka. Em Akkaditsev e Babylonians Astarta, simbolizada por uma estrela de oito pontas, era chamada "o céu e a terra mais antigos", e era filha do deus do céu, Anna, e ao mesmo tempo a sua esposa (Antum), sentada num trono celestial, protegida por leões ("O mito de Ethan"). De acordo com os mitos de Enmerkar, Inanna era originalmente a deusa de Aratta, mas mais tarde o seu favor começou a usar o rival Aratta Uruk, onde o templo principal de Inanna - E-Ana. Em "Hino de Agushay" Ishtar "dança entre os deuses e reis na sua masculinidade" e é

⁸⁸ Freudenberg, O.M. Utopia (Chefe da monografia inédita "Semântica de composição "Trabalho e dias" de Geodesia") // Problemas de filosofia. - - 1990. - - № 5. - P. 148-167 // <http://ec-dejavu.ru/u/Utopia.html>.

identificado com a divindade serpente Irnina! Deus Ea é insultado pelo tumulto da deusa e cria a deusa Shaltum ("Discórdia") a partir da lama de debaixo das suas unhas para desviar a sua atenção. Os opositores giram numa dança muito longa e oposta ("gushtum"). Ishtar implora a Ea para a salvar deste estado humilhante e esgotante de reviravoltas monstruosas e concorda em "regressar à sua caverna". Como sinal deste evento, realizou-se um festival anual de danças de roda, em honra da deusa.

Também muito interessante invariante de cair de um objecto no oceano e chicoteá-lo é o mito cosmogónico ossetiano de que Deus tem uma cauda do Sol e ele, ardendo, correu para o abismo, mas a lua salpicou água sobre ele, e ele arrefeceu, transformando-se na terra. A terra, tendo tomado o seu lugar, continuou a aquecer e a ferver, pelo que em alguns lugares começou a vaguear, em alguns lugares o vento transportou poeira e solo sobre a terra, de onde se formaram montanhas, planícies, colinas e barrancos. Numa outra versão, uma centelha quente do sol caiu do céu, atingindo a terra e transformando-se em cinzas negras. A partir destas cinzas Deus criou Narts (pessoas), e das lágrimas derramadas no céu, tudo o resto apareceu na terra - montanhas, rios, árvores, ervas e animais. Do calor da centelha do sol, o sono e o oceano ganharam vida, o seu patrono Donbettyr, o seu patrono, despertou⁸⁹.

Também na mitologia Ossetiana outras personagens divinas, recém-nascidas, relacionadas com o mundo médio, como se repetisse o arquétipo original de cosmogénese que foi produzido anteriormente no mundo superior: 1) Amran Daredzanti nasceu pela sobrinha moribunda de Deus Maria de forma não natural - cortando e puxando com tenazes de ferro um menino em chamas, e depois é atirado ao Mar Negro; 2) a filha recém-nascida da sobrinha de Deus e a Lua é atirada ao lago com tenazes de madeira, e isto acontece "quando o dia começou a separar-se da noite"⁹⁰.

O paralelo comumente aceite ao mito Indo-Ariano de lavar o Oceano Lácteo é a lenda Bohumil da criação do mundo. Assim, no livro "Razoumnik"

⁸⁹ Takazov, F.M. *Creation of peace in Ossetian mythology (em russo) // Problemas modernos da ciência e da educação*. - - 2014. - - № 5. - <http://www.science-education.ru/ru/article/view?id=14850> ; Takazov F.M. *Arquetipos do modelo mundial na mitologia Osseciana // Estudos fundamentais*. - - 2012. - - № 11. - - C. 1522

⁹⁰ Takazov, F.M. *World Tree in Ossetian mythology (em russo) // Problemas modernos da ciência e da educação*. - - 2012. - - № 6. - <http://www.science-education.ru/ru/article/view?id=7900>

(outro título - "Perguntas e Respostas de Gregório, Basílio e João Teólogo" (século⁹¹ Ō²²) à pergunta "De que é que Deus comeu os céus e a terra?"

As origens deste mito são deduzidas a partir de noções totalmente eslavónicas: "...os rudimentos do mito da lavoura...V. V. Napolskikh, por exemplo, sugere em lendas cosmogónicas eslavas, onde a terra ou o mergulhador que a extrai é criada a partir da espuma do mar ("uma substância de vida" é chamada espuma do mar criada a partir do espeto da grande Mãe Terra, no mito dos índios Zunya). Também encontramos vestígios do mito sobre a lavoura nas crenças sobre bruxas que, mexendo água em nascentes e poços com um pau, podem causar mau tempo, tirar leite às vacas, e, chicoteando leite em frascos, fazer uma pomada mágica ou queijo para Shrovetide (cf. em 'Mahabharata' (1.15.2): 'Lavar o oceano, que é um jarro [de amritas]'). As bruxas guardam os seus frascos de leite e queijo em caves profundas, ou seja, no ventre da terra, e também se pode chamar uma bruxa com um pedaço de queijo ... Também A.N. Afanasiev apontou uma vasta gama de conceitos associados a estas imagens e palavras, o que nos leva aos mitos da criação (em particular, para a palavra queijo fresco havia um significado e "lama mole"), o que também é confirmado pela investigação etimológica moderna ... Provavelmente, com base neste mesmo círculo de identificação consecutiva de queijo - embrião - a terra original nas águas primordiais da Mãe de Deus, houve em tempos um continuum especial de "outro mundo" com uma pedra branca / ilha no mar leitoso. Deste ponto de vista, é também bastante natural pensar na pedra branca como quente - o pressuposto sobre a origem do epíteto "combustível" do "quente" tem sido repetidamente expresso por diferentes cientistas; é confirmado por alguns textos conspiratórios: "...Atacar o meu desejo... nem sobre a água nem sobre a terra. nem à pedra quente branca..."; "...e debaixo desse arbusto, debaixo da pedra de rakit, encontra-se uma pedra quente branca..." A inclusão no contexto do "capataz universal" deixa claro que a pedra milagrosa pode estar no mar, por vezes nas profundezas do mar, bem como nas profundezas da terra. Esta última imagem é apresentada nas histórias generalizadas entre os eslavos (incluindo os eslavos orientais) sobre a inverno de uma pessoa, por vezes - raparigas - num poço, montanha, caverna entre cobras, que lambe uma grande pedra durante todo o Inverno (branca, leve, dourada), onde se encontra a rainha das cobras, e debaixo dela pode haver uma pomada curativa, e a pedra é por vezes directamente chamada "pedra leve Alatyř". Imagens de cobras à volta de uma pedra milagrosa (recordemos a sagrada Levka da Serpente/Ilha Branca), muito provavelmente, transmitem ideias sobre as almas dos mortos, esperando pela sua reencarnação e comendo um certo "elixir de vida" (cf. da antiga mitologia chinesa: "Espíritos e Almas do

⁹¹ Ivanov Y. *Bogomilsky livros e lendas* / Edited by D. Angels. - *Sophia : Ciência e Arte*, 1970. - P.259 ; Asov A.I. *Deuses eslavos e nascimento da Rússia*. - *Moscovo : Veche*, 1999. - C. 23

Céu e da Terra" são tratados com pasta de jade branca, formada e mordiscando no lago aos pés da árvore de Dan). O motivo da lamber é aqui muito indicativo - recordemos a lamber o gelo ou sal da vaca original (ou seja, a lamber o gelo ou sal da vaca original). (ou seja, branco) pedras na mitologia escandinava, da qual nasceram os deuses, e Ilya Muromets lambeu a espuma vinda do moribundo Svyatogor para obter o seu poder... O enredo dos contos de fadas é também comparável a este, em que o herói lambeu uma pedra encontrada no estômago de um monstro que a queria engolir, e recebeu o conhecimento sacro desta pedra - semelhante aos enredos de V. Muromets. J. Propp interpreta também como uma trama rudimentar de absorção com o seu posterior renascimento numa qualidade diferente, e neles os motivos de navegar dentro do monstro por mar até algum mosteiro, uma ilha, um país de antepassados no seu seio, onde o herói encontra por vezes até os seus parentes mortos. É característico que na mitologia eslava oriental o nome do mosteiro ancestral dos Yreyas ou Yreyas, ligado a uma ilha ou a um país distante e quente, vem das noções de lagoa, mar, redemoinho... A concentração da localização da Pedra de Alatyr (o mar ou a profundidade da terra) está ao lado da sinonímia do mar e da *masmorra*, que é conhecida por muitas mitologias: "...Como o Mar Azul Sagrado no campo límpido de Akiyan..."; "Há uma ilha sagrada à distância, no campo límpido... Naquela ilha sagrada está a árvore sagrada do abeto..."; "Naquele mar azul de Okean, num campo claro está uma bétula branca..."; "Num campo claro, numa grande extensão está uma pedra branca Latyr...", ou "... Há uma pedra branca no campo límpido do mar, e há uma pedra branca no mar do mar..."...Neste complexo o mar, o reservatório é aquele líquido interior sobre o qual a vida, o elixir inesgotável da imortalidade é 'misturado'; a ilha com a pedra branca é o útero com o embrião (ou melhor - os embriões potenciais de toda a vida no Universo); e o campo, a terra - é o próprio corpo, a carne da Mãe de Deus (isto é indicado pela compreensão simbólica do motivo de lavar no folclore como um coito, concepção, e palavras mal compreendidas do enigma: "No campo feminino existe um fuso de carvalho....", e muitos outros factos)⁹².

Na mitologia semítica ocidental, o cultivo do oceano terminou na criação da abóbada do céu e da terra⁹³. Os árabes muçulmanos têm muito poucos vestígios do antigo conceito semítico, segundo o qual as montanhas são o fundamento da terra e parte da existência que emergiu antes do resto. Na maioria das vezes pode-se encontrar a vista de que as montanhas são

⁹² Denisova, I.M. *Bridges of times: cosmological archetypes in traditional culture (em russo) // Old Russian cosmology (em russo) / Otv. ed. por G.S. Barankova.* - São Petersburgo: Aleteya, 2004. - - C. 412, 413-415.

⁹³ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites.* - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p. - P. 8

ondas coaguladas do oceano: Alá criou as montanhas a partir de ondas de água. Mas a descrição da criação da terra e do núcleo que a precedeu é dada de uma forma ainda mais desenvolvida: no início, o universo consistia em águas primordiais nas quais repousava o trono de Alá. Nessa altura, Alá enviou uma brisa suave que afastou a água de um lugar que ficou seco como consequência e havia uma abóbada; era o lugar do futuro santuário. O santuário, que flutuou muito tempo no oceano antes da criação da terra, foi chamado "gaeshi el-mae".

Uma brisa suave pode ser uma reminiscência do Espírito Santo no Livro do Génesis dos judeus: "... mas a terra estava cega e vazia, e as trevas sobre o abismo, e o Espírito de Deus foi levado sobre as águas" (*Génesis 1:2*). (Gen. 1: 2.) É ainda relatado: "E Deus disse: Que haja uma firmeza no meio da água, e que ela separe a água da água". E assim se tornou. E Deus criou a dureza, e separou a água que está sob a dureza da água que está acima da dureza. E assim se tornou" (*Génesis 1:6.-1,7*).

Quanto ao santuário sagrado no meio do oceano, talvez deva ser comparado com o mencionado poema babilónico dos primeiros lugares sagrados criados - Erida e Babilónia (o templo de Esagila).

De acordo com outra versão da história muçulmana, o vento soprou as ondas com tanta força que elas começaram a espumar. A espuma libertou vapor para cima, e os céus foram criados a partir deste vapor. O historiador árabe do início do século X at-Tabarî informa que a espuma vermelha ou branca estava num lugar do futuro santuário e formou o início da terra.

Na literatura semita, este lugar anteriormente existente no meio das águas originais, o início do santuário posterior e o centro da futura terra, é chamado o "umbigo da terra"⁹⁴. *Escusado será dizer* que este lugar no centro do oceano também pode ser chamado de "umbigo oceânico", uma vez que o umbigo neste género geralmente significa "centro"; e assim o "umbigo oceânico" e o "umbigo terrestre" são idênticos. A literatura semita não contém tal expressão "umbigo oceânico", mas os gregos contêm, na *Odisseia* (I, 52), com referência a Ogygia⁹⁵.

O próprio universo no conceito Semítico consiste em várias partes semelhantes umas às outras. Por exemplo, diz-se que Alá criou a gema e olhou para ela majestosamente até que derreteu; o vapor que se levantou dela criou os céus, e o resto da gema é terra. Assim, a prevalência original da água, e o fabrico da terra a partir dela, está também ligada ao céu.

Esta tradição pode ser rastreada até ao Antigo Testamento. O Salmo 104(3) refere-se a Jahweh como alguém que "constrói os seus quartos superiores sobre as águas". Porque as "salas superiores" de Yahweh estão no

⁹⁴ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites*. - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p. - P. 7-8.

⁹⁵ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites*. - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p. - P. 9.

céu, por isso os próprios céus são chamados de "águas". Esta é uma ideia geral do antigo mundo semítico, e é conhecida do poema babilónico sobre a criação e, como vemos, pode ser traçada na história bíblica da criação. Tal como a terra foi criada a partir do centro no oceano, também o foram os céus. "Bereshit Rabba" contém a seguinte lenda cosmogónica sobre a aparência do céu: no momento em que G-d disse: que possa haver um firmamento no meio das águas, o ponto que estava no centro, engrossado e enrolado, e assim foram criados os céus inferiores e superiores⁹⁶.

Este conceito também se encontra na literatura cristã e muçulmana. De acordo com o monumento apócrifo sírio do século VII. A "Caverna dos Tesouros", um sólido chama-se "Raqi" porque pela sua natureza é feita de água enrolada⁹⁷.

Na verdade, a lavoura oceânica dos Semitas é comparada com mitos semelhantes dos hindus e japoneses⁹⁸. Por exemplo, em "*O Livro de Daniel, o Profeta*". (7, 1-3) diz, "... No início do discurso, Daniel disse, "Eu vi na minha visão nocturna, e eis que os quatro ventos do céu lutaram no grande mar, e as quatro grandes bestas saíram do mar, ao contrário umas das outras. Segundo os investigadores, esta descrição apresenta uma cena mitológica típica em que a mistura ("aragem") dos oceanos do mundo causa ansiedade aos monstros marinhos, encarnando as forças do caos e da desordem⁹⁹. Os estudiosos da Bíblia acreditam que este episódio de arar o mar sob a influência dos ventos foi influenciado pelo mito mesopotâmico, nomeadamente pelos¹⁰⁰ textos babilónicos e ugaritanos. O episódio seguinte é "The Book of the Prophet Awwakum" (O Livro do Profeta Awwakum). (3, 15): "Tu e os teus cavalos abriram o caminho pelo mar, através do abismo das grandes águas", que vê o açoitamento cosmogónico das águas e uma descrição da batalha cosmogónica entre Yahweh e o monstro do caos cósmico¹⁰¹. Os jogos atribuídos a Deus pelo "*Livro de Job*" e "*Salmos*"

⁹⁶ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites*. - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p. - P. 9.

⁹⁷ Wensinck A. J. *The Ocean in the Literature of the Western Semites*. - Amesterdão: Johannes Müller, 1918. - XI, 66 p. - P. 10

⁹⁸ Metevelis Peter. *Mito na História: Ensaio mitológicos*. - San Jose-New York-Lincoln-Shanghai: Writers Club Press, 2002. - Volume 2. - X, 192 p. - P. 130.

⁹⁹ Walton John H., Matthews Victor H., Chavalas Mark W. *The IVP Bible Background Commentary: Antigo Testamento*. - Illinois: InterVarsity Press, 2000. - 832 p. - P. 740.

¹⁰⁰ Lester G. Brooke. *Daniel Evokes Isaías: Caracterização Alusiva do Domínio Estrangeiro no Livro Hebraico-Aramaico de Daniel*. - London-Oxford-New York-New Delhi-Sydney: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. - 240 p., p. 43-44; Walton John. *O Mito de Anzu como Contexto Relevante para Daniel 7? // The Book of Daniel: Composition and Reception*. - Leiden-Boston-Köln: Brill, 2000. - Volume um. - P. 69-89, P. 69, 83; Nel Marius. *Myth and Daniel 7 // Psalms and Mythology*. - Nova Iorque-Londres: T&T Clark, 2007. - - P. 217-230. - - P. 221.

¹⁰¹ Vicchio Stephen J. *The Legend of the Anti-Christ: Uma História*. - Eugene: Wipf e Stock Publishers, 2009. - XI, 396 p. - P. 9

(103:25-26) com o Leviatã-monstro marinho (hebraico). "livyatan" - "torcido, enrolado", de "lava" - "torcido, enrolado") "... Podes tirar o Leviatã e agarrá-lo pela corda? Irás colocar-lhe o anel nas narinas? Irás furar-lhe o maxilar com uma agulha? Irá ele implorar-te muito e falar-te docilmente? Irá ele fazer um pacto contigo e levá-lo como seu escravo para sempre? Vai diverti-lo como um pássaro e prendê-lo às suas meninas? Os seus camaradas de pesca vão vendê-lo, vão dividi-lo entre os comerciantes cananeus? Vai furar a sua pele com uma lança e a sua cabeça com uma vara de pesca afiada? Ponha a mão sobre ele, e lembre-se da luta: não irá para a frente. A esperança é vã: não cairá à sua vista? Não há ninguém tão corajoso a ponto de o perturbar; quem pode estar diante da Minha cara? Que Me precedeu para lhe dar todas as Minhas coisas debaixo de todo o céu. Não me vou calar sobre as suas pilas, sobre o poder e a bela proporção delas. Quem pode abrir a parte superior da sua roupa, quem se aproximará das suas mandíbulas duplas? Quem pode abrir as portas do seu rosto? O círculo dos seus dentes é terrível; os seus fortes escudos são magníficos; são selados como que por um selo firme; um tocando o outro fechando-se, para que nenhum ar passe entre eles; um com o outro deitando-se densamente juntos, agarrando-se, e não se afastando. A luz é mostrada pelos seus espirros; os seus olhos são como os cílios de um amanhecer; a sua boca é cheia de chamas e faíscas de fogo; as suas narinas são cheias de fumo como uma panela ou caldeira a ferver. A sua respiração é quente com brasas, e da sua boca sai uma chama. O poder habita no seu pescoço, e o medo corre à sua frente. As partes carnudas do seu corpo estão firmemente unidas, não tremendo. O seu coração é tão duro como uma pedra, e tão duro como uma pedra de moinho inferior. Quando ele se levanta, os homens fortes estão com medo, completamente perdidos no terror. A espada que o toca não ficará de pé, nem uma lança, nem um dardo, nem uma armadura. Ele conta o ferro como palha, o cobre como uma árvore podre. A chuva de cebolas não o fará fugir; as pedras justas viram-se para cuspir por ele. Ele conta o maça como a sua palha; ele ri-se do assobio de um dardo. Por baixo dele há rochas afiadas, e ele deita-se na lama sobre rochas afiadas. Ele ferve o abismo como um caldeirão, e o mar transforma-o numa pomada a ferver; deixa um caminho brilhante atrás de si; o abismo parece cinzento. Não há ninguém como ele na terra; ele é criado sem medo; ele olha com ousadia para todas as coisas elevadas; ele é o rei sobre todos os filhos do orgulho" (*Jó 40:20 - 41:26*).

Um paralelo com o Leviatã do Antigo Testamento é a mitologia ugaritana de Latan, um monstro marinho de múltiplas cabeças, o satélite do deus marinho Yam, juntamente com o último Baal derrotado.

O motivo da participação do agitador na narrativa sobre a criação do mundo está presente no alfabeto túrquico: "... É também digno de atenção outro objecto utilizado na vida dos criadores de gado siberianos - o agitador (turbina). A.V. Anokhin observou que o povo Altai tratou com parcimónia e uma sensação de reverência a louça de bétula e turbidez (*pyshkas*), o que abalou o conteúdo de um recipiente de casca de bétula (cevada braga). O mesmo nome foi dado aos Altai Türks por derrubar koumiss e, curiosamente, a um pau rachado no qual foi inserida uma casca de bétula acesa, que foi utilizada para a pesca nocturna. Ambas as ferramentas combinaram provavelmente o valor da extremidade dividida. A turbidez do *dumpling* é mencionada no texto do encantamento do xamã Teleut, no seu discurso a um dos espíritos do caminho terrestre:

O mar da lua está a tremer - agitado (waddler),
A espuma branca foi soprada,
O poderoso choupo revelou-se
E criar raízes...
Pai (meu) Soo-kan, Kairakan..."

...o texto da benevolência do casamento correlaciona directamente a árvore com a lamacentas:

A bétula branca é um agitador.

Assim, podemos assumir que o mar lunar (leitoso) é sacudido por uma árvore invertida. A menção de uma árvore com raízes provavelmente dá a esta imagem um significado simbólico de integridade, elevado ao conceito de eixo mundial (árvore do mundo, montanha do mundo). G.N. Potanin foi o primeiro a prestar atenção à identidade da turbidez e do eixo mundial, que também apontou para uma possível fonte do motivo para abater o oceano mundial. O mais antigo motivo Indo-Iraniano de criação do mundo é considerado o motivo da mistura, mas as imagens da mitologia Altai são mais consentâneas com temas da mitologia Hindu em que a montanha mundial é utilizada para a lavoura do oceano. No entanto, o motivo da criação da terra por uma criatura que se tornou para misturar água do oceano com uma paliçada, uma lança, uma turva, é conhecido de várias tradições asiáticas, e não temos bases para erguer os motivos Altai directamente para as fontes indianas. Os Türks puderam perceber este motivo dos Mongóis, em cuja mitologia o oceano leitoso é conhecido, e engrossando-o ao soprar o vento. O último detalhe está no mito Altai: um dos dois seres acima do oceano primário sopra e cria o vento. Os povos Urais não têm motivos para arar o oceano, mas os mitos Mansy são comparáveis aos mitos Indo-Iranianos por uma série de atributos. Referimo-nos, em particular, ao motivo de uma "inundação de fogo", luta de fogo e água durante a cosmogénese. Representações semelhantes foram registadas para os Evenks. No entanto, a gama de possíveis analogias para o motivo da lavoura oceânica é extremamente ampla. A seguinte história é conhecida na mitologia Yakut.

Yuryung Ayi Toyon, permanecendo sobre o mar, viu uma espuma flutuante (cujo aspecto pode ser interpretado como resultado da mistura e do arado). A espuma revelou-se uma característica que vivia no fundo do mar, onde a terra escondida estava. Por ordem do deus celestial, o diabo traz do fundo um pedaço da terra que cresce e endurece... O vocabulário Türkic permite pensar que o motivo da lavoura está essencialmente ligado ao motivo da criação do mundo (cf. *yai* 'verão'; *ya:y* 'agitar, agitar, ararrar'; *ya:y* 'expandir, desdobrar')¹⁰².

No Shortses, as histórias heróicas tradicionalmente começam com a definição dos acontecimentos descritos abaixo no tempo como "há muito tempo atrás", nomeadamente quando o "desdobramento" do universo se fazia agitando, sacudindo os elementos com um agitador: "Há muito tempo atrás, foi ... Foi na altura em que o agitador foi partilhado, quando a água foi partilhada com o balde"¹⁰³... " .

Os gajos têm um motivo para o nascimento do mundo do oceano mundial chicoteado: "... o acto de separar a terra do caos das tintas de sushi como a fermentação do Tour (ou a sua assistente Puleh) do oceano mundial:" No início, a terra estava debaixo de água. A Tura retirou um punhado de areia da água e amassou o fermento da mesma e colocou-o na água. A água começou a entupir e em quarenta dias a terra foi formada" ... "No tempo original só havia uma água, não havia terra em lado nenhum. A excursão ordenou a Poolekh que pusesse fermento nesta água. Quando Poolekh colocou a levedura na água, a terra começou a rolar na sua superfície. Contudo, antes do endurecimento final da terra, Shuitan causou um vento forte, e as ondas foram para a água. Portanto, montanhas, colinas, vales, barrancos e mares foram formados "... É notável que o caos primordial da água "é fermentado" pelo fermento de leite (kevolok de feltro "fermento por leite") que aponta para a existência deste motivo, mesmo numa época de Chuvashes nómadas ancestrais búlgaros. O motivo da fermentação oceânica mundial encontra paralelos nos antigos mitos indianos sobre a fermentação oceânica. A este respeito, os atributos do demiurgo da digressão na criação da terra são indicativos e operam normalmente "um grande balde com uma pega longa" (uma variante do leitelho) ... No motivo da fermentação oceânica com fermento lácteo, bem como no motivo da lavoura oceânica do mundo, vemos um acto de demiurgo de fertilização (origem masculina) do caos original da água (origem feminina)¹⁰⁴. Também no chuvash enquanto

¹⁰² *Sagalaev A.M. Ural-Altai mitologia: um símbolo e um arquétipo. - Novosibirsk : A ciência, Sib. partiu, 1991. - - C. 50-51.*

¹⁰³ *A visão tradicional do mundo dos turcos da Sibéria do Sul. Espaço e tempo. Mundo Real / E.L. Lvova, I.V. Oktyabrskaya, A.M. Sagalaev, M.S. Usmanovaa. - Novosibirsk : Science, Sib. partiu, 1988. - - C. 120.*

¹⁰⁴ *Matveev G.M. Quadro mítico do mundo do povo Chuvash. - Cheboksary : Chuvash Publishing House. Un-ta, 2004. - - C. 75-76.*

fuma do olho mau, a criança é colocada numa tigela para manteiga, o que simboliza o seu renascimento¹⁰⁵.

"... A quarta versão do mito da criação do mundo é registada pelos enterros Baikal. Nele, Baabain Munguen bahana ("vara de prata do pai") encontrou-se no oceano primário ehein altan umai ("barriga de ouro da mãe"), a partir do seu encontro, as primeiras pessoas apareceram na terra¹⁰⁶. E, sim: "... Segundo a mitologia do Buryat, a divindade Bukha-Noyon, sob a forma de um touro azul, tendo posto uma passagem na montanha, faz do vau no mar leitoso o seu falo e cria um filho"¹⁰⁷. *De forma* semelhante o herói de "*Kalevala*" (47: 13-40; 49: 75-420) Väinämöinen - corta através da arma criada pelo ferreiro Ilmarinen (uma enxada de três dentes) o buraco na rocha, no qual Lovkhi, a amante de Pokhiola, escondeu a lua e o sol, e eles voltam para o céu¹⁰⁸. Os Khanty têm uma lenda semelhante que o sol e a lua foram primeiro no reino subterrâneo de Kul-Otyr ("o espírito da doença"), mas depois roubados de lá pelo patrono celestial dos homens Mir-sunne-hum ("Um homem que observa o mundo")¹⁰⁹. Este último, embora absorvesse as características da divindade indo-iraniana Mitra, cujo epíteto era "olhar sobre toda a terra" (*Yasht*", X 4, 13), mas inicialmente era um herói Ekwa-jumpysi ("Filho de uma Mulher") na imagem de um nadador de água (ganso), o sétimo e o filho mais novo do deus supremo.

No penhasco, no seu núcleo de cobre, onde a anfitriã finlandesa Pohjoly escondeu o sol e a lua, "as víboras bebem cerveja na rocha, as cobras puxam gananciosamente o mosto" ("*Kalevala*", 49: 255-256).

"...Em Rigveda (X. 124.3) há referências surdas a um certo Pai, o "agitador de bebidas doces", que está associado com a noção do mundo original¹¹⁰. Penso que isto se refere ao "Shatapatha Brahman" (século VII a.C.) a história de como o antepassado da humanidade moderna, o Rei Manu Waivaswata, que escapou à inundação mundial por navio (análogo do

¹⁰⁵ Salmin A.K. *Sistema Folk-religion para gajos*. - Saint-Petersburg: Nauka, 2007. - 605 p., - P. 166.

¹⁰⁶ Zhukovskaya N.L. *Mitologia do Buryat e os seus paralelos mongóis // Simbolismo dos cultos e rituais da Ásia estrangeira*. - Moscovo: Nauka, 1980. - - C. 92-116. - - C. 97.

¹⁰⁷ Denisova, I.M. *Bridges of times: cosmological archetypes in traditional culture (em russo) // Old Russian cosmology (em russo) / Otv. ed. por G.S. Barankova*. - São Petersburgo: Aletya, 2004. - - C. 411.

¹⁰⁸ Ayhenwald, A.Yu.; Petrukhin, V.Ya.; Helimskiy, E.A. *Para a reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos (em russo) // estudos balto-eslavos*. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. - - C. 165.

¹⁰⁹ Ayhenwald, A.Yu.; Petrukhin, V.Ya.; Helimskiy, E.A. *Para a reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos (em russo) // estudos balto-eslavos*. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. - - C. 178.

¹¹⁰ Denisova, I.M. *Bridges of times: cosmological archetypes in traditional culture (em russo) // Old Russian cosmology (em russo) / Otv. ed. por G.S. Barankova*. - São Petersburgo: Aletya, 2004. - - C. 411.

Médio Oriente Noé e Utnapishtim), descobriu que era o único sobrevivente (nas versões de "Mahabharata" e "Bhagavaty Purans" com ele são resgatados no navio por outros sete sábios - rishi). Desejando encontrar descendentes, Manu realizou um ritual doméstico especial lançando uma concha de sacrifício em manteiga derretida em água, leite azedo, natas azedas e queijo cottage. Um ano mais tarde uma mulher emergiu desta oferta e quando perguntada pelos deuses Mitra e Varuna "Quem és tu?" ela respondeu: "Sou filha de Manu" e pertence à que lhe deu à luz, e quando veio para Manu, chamou-lhe "Ida" (variante: "Ila"). Com a sua ajuda, nasceram¹¹¹ os descendentes de Manu. Aparentemente, aqui temos uma variante mais arcaica da mitologia indo ariana sobre arar e expandir o espaço habitado com a sua ajuda, porque na variante Avestia o rei Yima, filho de Vivakhvanta (cf. com Vedic Yima, irmão de Manu Vivasvata), com a ajuda de um chicote mágico três vezes alarga a terra, mas depois é forçado a construir uma fortaleza inexpugnável Varu antes da ameaça de inverno rigoroso e depois inundar e esconder nela as sementes de todos os animais e sementes de plantas ("Wendidad", II).

Numa série de tradições indo-europeias "... tecer e bater óleo são metáforas comuns da coitía. Cf. cachub. kerniak " uma ferramenta para derrubar óleo e creme azedo (um círculo com um buraco plantado num pau)" e " pénis"; o nome sinónimo desta ferramenta - pizdník (Central Kashubia) - de forma bastante expressiva ... Por sua vez, "lata de óleo de madeira" é denotada pelas palavras pizda, pizduica, pizdina, pizdaica, pizdovka e pod. ... "Petróleo derrubado" como metáfora da coição é entendido como papa de aveia não só num plano reduzido, mas também num plano elevado, meteorológico e cósmico ... É digno de nota que, de acordo com os materiais de M. Kuusi, gregos, franceses e finlandeses, e de acordo com E. G. Azimzade, e os habitantes de Polesie, representaram um casamento trovejante de espíritos celestes, o seu coito¹¹² ... " .

Nos epos de Bashkir "Ural-Batyr" há muitos paralelos com o mito indiano sobre pakhtaniya: Ural (dr. - "Ural-Batyr"). O Ural (dr. - Turk. ou / ur "ascendente, coluna") com a ajuda de uma espada mágica ou de um cajado mágico mistura o caos da água ("dobradiças"), corta-a em pedaços, e só depois disso a terra pantanosa original ("urna") aparece fora da água, como óleo do leite, que se expande à medida que os irmãos Ural e Shulgan (letras

¹¹¹ Vasilkov Ya. *Mitos mesopotâmicos e antigos mitos indianos sobre a inundação: existem semelhanças aleatórias? // Tamil tanta paricu : uma colecção de artigos em homenagem a Alexander Dubyansky / ed.-sost. O. Vecherina, N. Gordiychuk, T. Dubyanskaya. - M. : Feather, 2016. - - C. 176-177. -*

https://www.academia.edu/25746120/Месопотамский_и_древнеиндийский_мифы_о_потопе_случайны_ли_сходства.

¹¹² Medos A.B. *Culto do pão no Leste Eslovo: experiência de investigação etnolinguística. - Munchen: Verlag Otto Sagner, 1991. - - C. 165.*

"esquerda") vagueiam. "...A terra está cheia de várias criaturas de propriedades tanto positivas como negativas. Antes disso, no lugar onde a terra apareceu (urna) e onde o primeiro par de pessoas começa a viver, há uma paz completa, nenhum sentido de movimento e vida ... O mundo aqui como se estivesse congelado. Apenas com a ocorrência de movimento intencional o Mundo/Donya no verdadeiro sentido desta palavra começa a aparecer, quando ao comando de Yanbirde o Ural e Shulgan saem daquela casa para executar a comissão do pai - para encontrar e destruir a Morte. Em luta do herói positivo dos Urais com forças do mal que personificação num épico se tornam personagens, como Ajdaha, deui e Shulgan que varreu do seu lado, do caos o Mundo ordenado surge; em todo o lado onde chega o Ural, de debaixo das águas do mundo sobe terra, que se apresenta como uma "montanha" (em Bashkir - Tau) ... No epos Shulgan é descrito como o irmão mais velho, ou seja, ele nasceu primeiro, bem como o caos original da água. Portanto, não é por acaso que no epos este personagem está ligado à água, ao mundo subaquático e subterrâneo. No epos "Ak buzat", que os investigadores consideram uma continuação lógica do epos "Ural-Batyr", Shulgan é apresentado como um rei, o governante de um reino subaquático¹¹³. Depois o Ural viaja para o mundo entre o céu e o reino subterrâneo - o país do rei das cobras Kakhaha, apreende o seu cajado, subjuga-o e coloca os derrotados no chão com um anel (imagens semelhantes da cobra no anel como guarda do mundo estão representadas em muitas lendas túrquicas). Mais tarde Shulgan toma posse do pessoal e com a sua ajuda inunda o mundo inteiro com água. Depois de casar com a rapariga terrestre Gulistan, os Urais continuam o seu caminho e chegam ao país da bela Humai, filha de Samrau Sun, rei dos elementos celestes e das aves, e casam com ela. Mais tarde ela é dotada da capacidade de dar às pessoas uma "alma" ("kut / cat"). A sua irmã Aikhilau (planeta Vénus) casa com Shulgan¹¹⁴. Um filho dos Urais chamado Yaiyk (isto é, Rio Ural / Yaik) também tem algo a ver com o "leitelho" do mar: "... Isto também é indicado por dados linguísticos. Em particular, em Turkmens os sacos de couro são chamados "yayyk", também em Turkmens - "yayyk" em tradução para russo significa "borboleta", "pakhthalka", e "yayykta" significa "manteiga de pakhta". A língua de Bashkir preservou a expressão "língua de Maio", "lingualau", que significa "óleo de pakhtata". Aqui, a palavra "linguaklau" é uma versão ligeiramente modificada da palavra "yayyklaui", onde "ya" é substituído pelo interal "z". Na língua Bashkir, como nos parece, há mais uma palavra que ascende a "yayyk" - "saikau, saikatyu", que é traduzida para russo como "balançar, balançar, agitar, abanar"... Neste contexto, lembramo-

¹¹³ Aminev 3. G., Yamaeva JI. A. *Características regionais do Islão nos Bashkirs*. - Ufa: Design-PolygraphService, 2009. - - C. 19-20.

¹¹⁴ Aminev 3. G., Yamaeva JI. A. *Características regionais do Islão nos Bashkirs*. - Ufa: Design-PolygraphService, 2009. - - C. 30-36.

nos de uma descoberta num dos cemitérios de Pazyryk, onde foi encontrado um wand-mixer para chicotear koumiss perto do local de sepultamento. I.V. Polosmak tende a considerar este turbilhão como um modelo de "ferramentas da criação", com a ajuda do qual os deuses criaram o Mundo nos mitos de Altai¹¹⁵ ... ". "... Na primeira vez durante o estudo da cultura Pazyryk dentro deste vaso (uma caneca de madeira com uma pega em forma de dois leopardos - O.G.) foi encontrado um pau-misturador para chicotear koumiss (turbidez) de 38 cm de comprimento, no final do qual foi colocado num botão especial de madeira em forma de foice ... O pau de turbidez é feito de lariço, enquanto o botão de foice é cortado de bétula. Provavelmente, a bétula não foi escolhida por acaso: a sua cor branca, tal como a cor do leite, era a encarnação da pureza sacral. Uma das orações de casamento de Altai diz: "Seja um agitador para a bétula branca". Neste texto, o agitador é o análogo da árvore de bétula do mundo. Esta coisa simples, mas cuidadosamente feita pertence aos objectos sagrados extremamente importantes e tem um elevado estatuto semiótico na tradição cultural dos povos túrquico-mongóis. Na mitologia de Altai, os deuses criaram o mundo usando um agitador. Na mitologia indiana, o universo foi criado lavrando o oceano primário. O bem-estar e a riqueza do povo mongol dependiam da posse de Genghis Khan da turbidez koumissing. O agitador que estamos a considerar é um modelo de "instrumento de criação" investido nas mãos de uma mulher. Talvez não tenha sido tanto uma coisa utilitária, mas um objecto de culto utilizado em algum ritual (adivinhação?).¹¹⁶ ... É interessante que no tradicional rito funerário e memorável dos Cazaques foi deixado pregado (cozido) na sepultura, e o recipiente, concebido para o fabrico e armazenamento do koumiss, juntamente com o pregado foi retratado nas lápides como encarnando a ideia de fertilidade ... e assim o renascimento".¹¹⁷). Nos Bashkirs, relíquias da crença de bater foram preservadas na natureza sacra da turbidez (Beshkak). Bashkirs acredita que não deve ser deitado fora e não deve ser pisado: "Искергән Beshkakte аяк астына ташламаҫка, уны yugaryga elep куйырға karak - "A velha mala de mão não pode ser atirada

¹¹⁵ Aminev Z.G. *Cult of deity "Yayyk" in Bashkir mythology // Problemas reais da história de Sayan-Altai e territórios adjacentes: materiais da conferência internacional científico-prática, 24-26 de Outubro de 2007, Abakan. Número 3. Parte 1 / Nota editorial de I.A.Chebotaev. - Abakan: N.F.Katanaev Khakass State University Publishing House, 2007. - - C.168-174. - <http://urgaza.ru/library-portal/articles/202/1794> ; ver também: Aminev Z. G., Yamaeva JI. A. *Características regionais do Islão nos Bashkirs. - Ufa : Design-PolygraphService, 2009. - - C. 44-45.**

¹¹⁶ Polosmak, N.V. *Enterro da nobre mulher Pazyryk (em russo) // Mensageiro da história antiga. - - 1996. - - № 4. - - C. 152-153.*

¹¹⁷ Riscas N.V. *Ukok Riders. - Novosibirsk : INFOLIO-Press, 2001. - - C. 198.*

debaixo dos pés, deve ser pendurada algures". Numa casa com um redemoinho, há bem-estar e felicidade¹¹⁸.

"...o Mixer-Mixer e as suas desculpas - a concha e a colher com que os elementos estão organizados no início dos tempos - pertencem a objectos sagrados extremamente importantes. Nos textos Altaic, eles são atributos do supremo mestre Ulgen:

O sol e a lua em movimento,
Nuvens brancas rolantes,
Destruição de florestas negras (relâmpagos),
Mediu tudo com uma colher e uma colher de sopa.

- é o que parece dirigir-se a ele. A mesma função de introduzir a ordem métrica com uma colher ou um furo é inerente ao filho mais velho, Ulgen Karsit¹¹⁹.

Na lenda mongol, a carreira de Genghis Khan (as letras "Senhor do Oceano", ou seja, o elemento cósmico celestial) começa com o facto de ele atirar uma turbidez ao seu pai Hormuzd (Rei do céu Hormust-Tengri), que, de facto, derrubou o oceano primitivo¹²⁰. Mais tarde, esta bobina de koumiss, que dá riqueza e felicidade, é raptada pelo filho de Genghis Khan, que foi expulso para o Ocidente por suspeita de coabitação com a sua mãe. Ele torna-se o antepassado dos Quirguizes sob o nome de Quirguizistão, e desde então os Mongóis tornaram-se empobrecidos¹²¹.

Onde exactamente esta "mutovka Genghizkhana" se encontrou, muito provavelmente revela uma lenda popular toponímia que no tracto entre os rios Alamudun e Ala-Archa, alguma mulher perdeu um objecto tão importante na vida quotidiana como a mutovka ("byshkak") por chicotear koumiss, pelo que a área recebeu o nome de Bishkek, de onde provém o nome da actual capital quirguize¹²². Mas outra lenda etnogénica conta as circunstâncias da perda do mutovka-kolotushka: ele, juntamente com a cabeçada como símbolos do campeonato foi roubado pelo filho do antepassado do Kirghiz-Bai, que se tornou (através dos seus netos Abla e Kovla) o antepassado de algumas famílias Kara-Kirghiz. Mas o que é muito

¹¹⁸ *Khisamitdinova F.G. Dicionário mitológico da língua Bashkir. - Moscovo: Nauka, 2010. - - 452 c. - - C. 62.*

¹¹⁹ *A visão tradicional do mundo dos turcos da Sibéria do Sul. Espaço e tempo. Mundo Real / E.L. L'vova, I.V. Oktyabrskaya, A.M. Sagalaev, M.S. Usmanova. - Novosibirsk : Science, Sib. partii, 1988. - - C. 121.*

¹²⁰ *Potanin G.N. Motivos orientais nos epos europeus medievais. - Moscovo: Publicação do Departamento Geográfico da Sociedade Imperial dos Amantes da História Natural, Antropologia e Etnografia, 1899. - - C. 123-128.*

¹²¹ *Potanin G.N. Motivos orientais nos epos europeus medievais. - Moscovo: Publicação do Departamento Geográfico da Sociedade Imperial dos Amantes da História Natural, Antropologia e Etnografia, 1899. - - C. 82, 126.*

¹²² *Malabaev J. M. Bishkek - a capital do Quirguizistão. - Bishkek : Erkin-Too, 2001. - - C. 9.*

interessante é que a própria mãe de Kirghiz-bai concebeu os seus filhos a partir de espuma no lago: "... De acordo com as lendas... a filha de alguns khan com quarenta raparigas, ao regressar de um passeio a casa, encontrou o seu aul completamente saqueado... a princesa e as suas amigas engravidaram da espuma do excitado lago, que tentaram, e depois os parentes expulsaram todos os criminosos de casa. Durante muito tempo, as raparigas vaguearam no deserto com o seu czarevna, mas finalmente rebelaram-se contra ela como culpada de infortúnio, e foram expulsas por (r.) Chu. Aqui a pobre filha de Khan foi encontrada pelo antepassado de todos os Kirghiz e tomou-a como sua esposa, logo a seguir deu à luz um filho de Kirghiz-Bai ... Sofreu muito no início com os seus irmãos, que o aborreciam com origens desconhecidas, privados deles pela morte do seu pai, mas finalmente apareceu triunfante quando conseguiu roubar à yurt da sua mãe um koumiss para koumiss e uzdu - os símbolos da primazia ... Segundo as histórias do Kara-Kirghiz de Aulyaatinsk, "... o pai do Kara-Kirghiz veio de uma miragem (sagym). Ele reinou entre os Kirghiz e casou com uma das suas donzelas, da qual nasceu a sua única filha. O pai pôs 40 empregadas à sua disposição. Uma vez a filha do Khan saiu com 40 criadas para o grande rio, onde reparou na espuma flutuante. Olhando para a espuma, as raparigas ouviram as palavras que dela saíam: "Tens razão e eu tenho razão" (Antalhak mende ak; a forma destas palavras é mais correcta ...: ana el-hak mana el-hak é a verdade, e esta é a verdade). As raparigas, por curiosidade, mergulharam os dedos em espuma, lamberam-nas, e logo se verificou que todas engravidaram. Han Sagym expulsou-os para as altas montanhas, pois não os queria matar. Quando encontraram comida nas montanhas, deram à luz 40 filhos e 40 filhas e apenas 80 crianças. Estes filhos, quando cresceram, casaram entre lutas. As pessoas que foram formadas a partir deles começaram a chamar-se Quirguizes (Kyrk-kyz, 40 raparigas). Os Kara-Kyrgyz permaneceram nas montanhas, enquanto os quirguizes viveram no vale. Com o tempo, alguns dos Kara Kirghiz tornaram-se famosos e deixaram o parto, enquanto outros retalharam e desapareceram sem dar à luz. O nome de um antepassado era Ung (direita), o nome de outro - Sol (esquerda). O primeiro descende da filha do Khan, e o outro da filha do vizir. O parto de Kara-Kyrgyz veio de ambos. Os próprios quirguizes dizem que vêm de quarenta raparigas que foram compradas no sul para um sultão rico e engravidaram de espuma enquanto se banhavam num grande rio"¹²³.

¹²³ Aristov N.A. *Trabalha na história e composição étnica das tribos túrquicas*. - Bishkek: Ilim, 2003. - - C. 44-45; cf. também: V.V. Bartold. *Composições*. - Moscovo: Eastern Literature Publishing House, 1963. - T. 2. PARTE 1. *Trabalhos gerais sobre a história da Ásia Central. Trabalhos sobre a História do Cáucaso e da Europa de Leste*. - - C. 504.

No ritual Udmurt "... a simbólica "substituição da noiva" era um copo de manteiga derretida com uma pena de ganso presa nele ... É bastante óbvio que neste símbolo real, material entrelaçado noções de uma mulher como um direito de nascimento; de uma mulher como um elo de ligação entre antepassados e descendentes, e portanto de uma mulher pássaro ..., uma mulher vaca. A pena e o óleo parecem ser sinónimo do início feminino; a primeira imagem retém ecos da percepção do mundo natural / caótico, a segunda - cultural / cósmica, mas ambas estão unidas pela ideia de criação (pintos, marrecos > crianças; cf.: égua fêmea, camelo fêmea na cultura do gado) ... Óleo, utilizado noutros ritos dos Udmurts (вõй Vsyau - cartas. O óleo é utilizado noutros ritos dos Udmurts: "manteiga a rezar" pelo nascimento de uma criança; pôr óleo na boca de um recém-nascido e de uma criança morta; um prato com óleo na mesa durante um fósforo ou conluio; um encontro de viajantes ou convidados em geral com pão e manteiga) deve ser visto, portanto, não apenas como um símbolo de riqueza, prosperidade, mas como uma personificação do nascimento/renovação/criação, alguma possibilidade de repetir os processos de criação do próprio mundo nos tempos do mesmo"¹²⁴.

A Udmurts recorreu ao simbolismo da árvore mundial ao fazer o pregado: "... O nó nos ritos de maternidade em geral, como veremos a seguir, desempenha um grande papel. Tem um significado mágico, e as manipulações conhecidas com ele podem, segundo a crença de Udmurts, ter este ou aquele efeito. Uma espinha de arenque ou abeto atado num nó na floresta pode ser encontrada com bastante frequência. Uma tal árvore continua a crescer, o nó funde-se para formar um espessamento no seu lugar. Estas mulheres "atadas" tentam cortar e levar com elas, caso contrário a felicidade pode levar outras mulheres. O tronco da árvore é então devidamente triturado e utilizado como "pregado". Tal "whorl" é utilizado para misturar pão ou outra levedura de pão, etc."¹²⁵.

No Cáucaso do Norte, o nó é absolutizado, deslocando a própria ideia de turbidez - a Rede já está a precipitar-se para as Águas da Criação originais: "... Segundo os textos cosmogónicos circassianos (Adyghe), o Universo (Hy, Duneizh) começou com a intervenção inicial - a sua construção pela Rede (Hy): Duneizhir Hykle Shahukhum... Quando o Mundo foi construído pela Rede... Em vez de Uhuans (para construir), por vezes é usada a palavra ublen (início): Duneizhyr Hykle Shaublem... Quando o Mundo da Rede foi iniciado... Inicialmente o mundo estava num certo estado indefinido - não líquido e não sólido (majamyps1e): Daneizhiri shymyjamyhma... A

¹²⁴ Vladykina T.G. *Udmurt Folclore: problemas de evolução do género e sistematização*. - Izhevsk : Udmurt Institute of History, Language and Literature, UB RAS, 1997. - - C. 116.

¹²⁵ Gerd Kuzebai. *Canto uma canção sobre ela...: Poemas e poemas, artigos e obras científicas, cartas*. - Izhevsk: Udmúrcia, 1997. - - 335 c. - - C. 195.

formação da Terra é descrita por endurecimento gradual - utiliza-se o verbo "ptslen", que significa "endurecer", "unir", "colar" em relação a algo não sólido: Dividir¹²⁶ ... " .

Da mesma forma, a rede aparece numa das versões cosmogónicas da mitologia tibetana. Do nada surge a luz branca que deu à luz o ovo perfeito. Dividiu-se e apareceu o homem Emongyelpo ("o rei é o desejo principal"). Viveu no continente, no meio do oceano, sentado num trono dourado. Os espíritos Lu estavam a fazer sacrifícios a ele. Ele ordenou o universo, regulou o fluxo do tempo, convidou os deuses a proteger as pessoas e a conquistar os demónios. Um dia ele saltou para o oceano e foi apanhado nas redes dos pescadores. Desde então, grandes infortúnios têm caído sobre as pessoas¹²⁷.

A rede captura o deus do vento Adapa, um primeiro homem pescador da mitologia suméria. Como consequência, Adapa é convocado pelos deuses, mas recusa um tratamento que lhe dá imortalidade. É na tradição semítica oriental que encontramos a variante de "arar" com uma rede. No mito acima mencionado sobre a luta de Marduk com o monstro Tiamat, a encarnação da água salgada do mar, o deus-herói entrelaça o seu inimigo com uma rede, depois atirou um furacão para a sua boca, e no final deixou entrar uma flecha na sua boca aberta, que lhe abriu o intestino. Como resultado desta vitória, os deuses tomam posse da Tabela de Julgamentos (Eu) de todas as coisas e fenómenos do mundo, e os deuses constroem um grande templo na terra - Esagila, em torno do qual aparece então a Babilónia¹²⁸.

Mas esta transformação de imagens ocorreu não só no Cáucaso, mas também no Antigo Egipto! Deus o crocodilo "... Sebek, funcionando como um pescador ... em relação ... aos filhos do Monte - Hapi e Amset. Sebek ... o deus Ra foi encarregado da tarefa de apanhar os filhos do Monte, que aconteceram na água e se esconderam lá: "Que tragam Sebek, o senhor do país do pântano, para os apanhar numa rede, e ele encontrou-os ... Então Sebek, o senhor do pantanal, disse: "Procurei-os e encontrei-os (soluços?) debaixo dos meus dedos à beira-mar. Apanhei-os com uma rede" ... As provas indirectas do papel de pescador de Sebek podem ser vistas num texto misterioso tardio, no qual o rei, agindo sob o disfarce do deus crocodilo Monte como colecionador de membros de Osíris, é chamado "um pescador que sai à noite¹²⁹ ... " ... " ...

¹²⁶ *Cosmologia e Druidismo de Abkhazians e Adyghe (Circassians)* // <https://ordenxc.org/forum/index.php?topic=5036.0>

¹²⁷ *Ogneva E.D. Três períodos do mito tibetano* // <https://nandzed.livejournal.com/2080066.html>.

¹²⁸ *Yemelyanov V.V. Ritual na Mesopotâmia Antiga. - São Petersburgo. Alphabet Classics; St. Petersburg Oriental Studies, 2003. - - C. 132.*

¹²⁹ *Volkov I.M. O antigo deus egípcio Sebek. - Petrogrado : Tipografia da Academia das Ciências da Rússia, 1917. - - C. 21.*

As mesmas coisas para a lavoura - pregado/misturador e cobra - também se encontram na cosmogonia chinesa. O primeiro antepassado de Fu Xi (Bao Xi) com o corpo de uma cobra verde e a cabeça de um homem recebeu o seu nome, segundo Wen Yi-do, da palavra "paosi" - "concha de abóbora".¹³⁰ que, na nossa opinião, é a imagem da constelação Big Bear (Balde). Fu Si foi o primeiro a tecer redes de pesca a partir da corda, para ensinar as pessoas a pescar e a cozinhar no fogo. Ele é o criador da cultura - inventou a escrita hieroglífica e oito trigramas, vendo os padrões nas costas do in-lun (dragão alado), flutuando para fora do rio Huang He, inventou os instrumentos musicais, ensinou as pessoas a domar os animais selvagens e a praticar a sericultura.

Na tradição iraniana, o motivo da "expansão da terra" não está relacionado com a turbidez (um instrumento para chicotear manteiga do leite fornecido pelo gado), mas sim com outro instrumento, no entanto, também relacionado com a criação de gado. A própria Água Primordial transformase em algo semelhante à espuma / óleo - gelo - devido ao impacto da ferramenta - um chicote.

Na pátria paradisíaca de Arjâne-Vaâja houve uma forte constipação porque o demónio maligno enviou os arianos frio e neve durante dez meses por ano, e o ano transformou-se em um dia e uma noite. "...E aqui chegou o reino de Yima trezentos Invernos. E depois esta terra estava cheia de gado pequeno e grande, pessoas, cães, pássaros e luzes vermelhas em chamas. Foi então que Yima veio à luz ao meio-dia no caminho do sol. Soprou para o corno dourado e chicoteou-o, dizendo: "Doce Spenta Armaiti, partam e estiquem bem". Foi assim que Yima espalhou esta terra um terço maior do que era antes" (*Videvdat*, 2. 8-11). Este cliché textual é repetido mais duas vezes, mas "trezentos invernos" são substituídos por "seis" e depois "nove", e a terra espalha-se por "dois terços" e depois por "três terços" (*Videvdat*, 2. 12-19). Segue-se um aviso sobre os próximos problemas e a necessidade de construir uma Vara salvadora ("fortaleza"), e chega o quarto período escatológico, carregando "frio mortal", "invernos", "nuvens de neve" e depois a inundação (*Videvdat*, 2. 22-24). Os valores numéricos utilizados para descrever as estruturas e elementos do abrigo espelham as três fases de expansão do espaço de vida. Os três distritos de Vara e o número de passagens neles feitas são idênticos à simbolização numérica do acto de Yima na multiplicação-imagem do mundo: "No distrito da frente (Vara, - O.G.) fez nove passagens, em média - seis, no interior - três" (*Videvdat*, 2.

¹³⁰ Romanchuk A. *Migrações Indo-europeias e origem do Taoísmo // Revista de etnografia (Chisinau)*. -- 2005. -- I. - http://www.bulgari-istoria-2010.com/booksRu/A_Romanchuk_Daoizam.pdf.

38). "... Esta sequência é simétrica a uma linha numérica que simboliza a expansão do universo, só que é transferida em forma de espelho, em ordem inversa: 9-6-3. A lógica de tal "contagem decrescente" é dada pelos limites espaço-temporais do reino terrestre de Yima. A sua existência é limitada a 900 anos de aumento do espaço vital, cujos limites no fim do mundo se estreitaram para o distrito exterior de Varus com nove passagens. Fora destes limites estão "frio mortal", "mundo do mal carnal", etc. Consequentemente, os nove dígitos, bem como as nove partes, representam o limite da fronteira espaço-temporal extrema do mundo criada por Yima. Portanto, as nove passagens do distrito exterior de Varus, múltiplo de 900 anos de expansão da terra, estão associadas à simbolização numérica da duração da época auspiciosa do ano com o aumento ou prevalência do tempo de luz do dia. A duração desse calendário e período astronômico faz nove meses: desde o "nascimento" do novo sol após o dia de um solstício de Inverno até ao início da sua "morte" após o dia de um equinócio de Outono"¹³¹.

O mito cosmogônico japonês de lavar o oceano com a ajuda de turbidez especial e obter coisas mágicas e uma bela deusa pode ser comparado.

No Pântano do Oceano Primário, cresceram canas (ou canas) mágicas, e desta cana (ou canas) nasceu um grande número de deuses inferiores. Todos juntos foram chamados Kotoamatsu-kami, e refugiaram-se nos arbustos de juncos (ou juncos). Os deuses celestiais dão a Izanaki e Izanami uma lança ricamente decorada, a naginata Amanonuhoko. Partiram numa ponte flutuante de arco-íris celestial que liga o mundo no topo com o mundo no fundo. Izanaki e Izanami decidem imergir a lança num pântano oceânico e agitar a água para eles, depois retiram a lança. Algumas gotas de água do mar pingam da ponta da lança, engrossam e transformam-se na Ilha Onogoro. Assim, a terra apareceu. Izanaki e Izanami descem da ponte para o terreno que criaram, onde começam a construir uma casa e a erguer um posto. Depois Izanaki e Izanami decidem criar uma cerimônia de casamento, que é a seguinte: Izanaki contorna o poste à esquerda e Izanami à direita. Quando Izanaki conhece Izanami, ela exclama: "Que belo marido". No entanto, uma mulher não deve falar primeiro. Assim, os deuses superiores castigam Izanami, e ela dá à luz uma criança doente. Depois o casal decide repetir o rito, mas o homem fala primeiro. Izanaki e Izanami dão à luz muitas crianças - o resto das ilhas do arquipélago japonês, bem como muitos outros deuses-kami. No final nasce o deus do fogo Kagutsuchi, que queima as

¹³¹ Koptun, I.V. *Seiminsko-Turbinskie Antiguidades e Indo-Arianos (em russo) // Boletim de arqueologia, antropologia e etnografia. - - 2012. - - № 4(19). - <http://cyberleninka.ru/article/n/seiminsko-turbinskie-drevnosti-i-indoarii#ixzz3h6KmjGsC>.*

entranhas de Izanami à nascença. O Izanami doente vai-se embora do mundo para o reino subterrâneo do Yomi. Izanagi segue Izanami na esperança de a salvar. Havia uma escuridão impenetrável no Yomi, mas o deus da vida encontrou a sua amada. Mas quando Izanagi acendeu a tocha, ele viu que o reino dos mortos tinha feito da sua outrora bela esposa um monstro feio. Assustado, Izanagi diz à sua esposa que o seu casamento está dissolvido e foge. Izanagi está furiosa com as acções do seu marido e transforma-se numa morte que ainda ceifa a vida das pessoas¹³².

Quando Izanagi regressou de Yomi, decidiu lavar a casa subterrânea imunda e começou a tirar as suas roupas e jóias. Jóias e gotas de abluções caíram no chão e deles surgiram novos deuses: Amaterasu - deusa do sol, céu e agricultura, Tsukuyomi - deus da lua e da noite, Susano - senhor do oceano, neve, gelo e tempestades.

Susano tinha mau feitio, invejava a sua irmã Amaterasu, insultava-a constantemente e tentava incriminá-la. Izanagi estava farto das artimanhas de Susano e mandou o seu filho para Yomi. Antes do seu exílio, Susano visitou o reino celestial de Takamanoara para dizer adeus a Amaterasu. - Porque veio aqui? - Perguntei a Amaterasu. - Para se despedir de si, irmã, Susano respondeu-lhe. Amaterasu não acreditou no seu irmão, por isso montou um teste para testar a sinceridade de Susano. O deus do oceano teve de criar deuses mais perfeitos do que Amatharasu. Susano produziu cinco belos deuses a partir do colar da sua irmã. Alegrou-se, embebedou-se, destruiu os canais de irrigação, cagou no refeitório e começou a atirar as suas fezes em todas as direcções. No final, esfolou o cavalo e atirou o cadáver para o quarto da sua irmã. Amatharasu ficou muito assustado e fugiu de Susano para o calabouço aterrorizado, em resultado do qual o sol desapareceu e a escuridão caiu. A fim de trazer o sol de volta ao mundo, os deuses decidiram astutamente atrair Amaterasu e convidaram a deusa do entretenimento e da madrugada Ame-no-zume-no. Com uma dança erótica engraçada (strip-tease) animou os deuses, em cujo riso Amaterasu olhou. Ela perguntou porque se estavam a rir e os deuses disseram ter encontrado uma deusa mais nobre e bela do que Amatharasu. Para confirmar as suas palavras, mostraram a Amatharasu o seu reflexo no espelho. Entrando em perplexidade, Amaterasu saiu das masmorras, e o mundo foi novamente iluminado pela luz solar. Os deuses Susano expulsaram os deuses do mosteiro divino para a terra.

Deixando o céu, o deus do mar encontrou um casal de velhos. Em soluços, disseram-lhe que o dragão com oito cabeças de Yamata-Orochi levou e comeu as suas filhas, e em breve virá pela única que resta - a bela Kushinada-Hime. Susano disse que ele mataria o dragão se a rapariga se

¹³² Kapranov S. *Pilar e caverna: arquétipos e toposes do santuário xintoísta // Sinto: memória da cultura e fé viva / Editado por EV Molodiakova. - M. : AIRO-XXI, 2012. - C. 129-145; Kapranov S. *Génese do espaço sacral no ecrã mitológico // Skhidnyi svit. - 2013. - №2-3. - C. 152-159.**

tornasse sua esposa. Quando chegou à besta, embebedou-se e cortou as oito cabeças uma a uma, e criou a espada divina de Kusanagi da sua cauda e trouxe-a para Amatharasu como um pedido de desculpas. Susanoo tomou como sua esposa a rapariga que tinha salvo do monstro e continuou a ser a governante do oceano e das tempestades, permitindo-se de vez em quando tolices imprudentes das quais a terra andava.

Perto da versão japonesa da criação do mito das enguias Ob (Khanty e Mansi) sobre como o herói heróico cultural Ekwa-grubberis (aka Mir Susnehum), nascido numa lombá no meio do Pântano Mundial, cria o mundo com a ajuda de um bastão de sete articulações, onde as suas sete articulações correspondiam às sete camadas do universo.

Também, de acordo com o mito finlandês, "antes do aparecimento da terra, Deus estava sobre um pilar dourado no meio do mar". Quando viu o seu reflexo na água, disse: "Levanta-te. Foi um diabo"¹³³

Os Ainu acreditavam que as divindades malignas surgiram das enxadas com que o criador Pace Kamui criou o mundo e depois o abandonou.

De acordo com o mito cosmogónico dos Ainu, originalmente a terra não estava separada da água e todos os elementos da existência estavam misturados. A terra era como um enorme pântano. Concebido para criar um mundo de pessoas, o deus supremo Pace Kamui apelou à ajuda de Wagtail. Ao descer do céu, começou a abanar a água, a amassar com as pernas e a trabalhar a cauda. Passou muito tempo e os seus esforços fizeram com que a água se transformasse num oceano e nele surgissem áreas de terra à deriva.

Outro invariante do mito do arado oceânico é a lenda popular sobre a origem do mundo entre o povo filipino de Tagalog. No início do mundo, não havia terra, mas apenas mar e céu, e um papagaio voou entre eles. Um dia, o pássaro estava cansado de não ter onde pousar. Depois começou a balançar e a agitar o mar até que a água chegou ao céu. O céu não gostou, e para acalmar o mar, o céu cobriu o mar com muitas ilhas, e em breve a água já não se podia levantar e apenas salpicava entre as ilhas. Depois o céu ordenou ao papagaio que aterrasse numa das ilhas, para ali construir um ninho e deixar o mar e o céu em paz. Nessa altura, o vento da Terra e o vento do mar casaram-se, e o bambu nasceu deles. Um dia, o bambu flutuante bateu num papagaio que estava a caminhar na praia. O pássaro, zangado por algo se ter atrevido a bater-lhe, dobrou o seu tronco de bambu. O barril rachou e um

¹³³ Mansikka V. *variantes finlandesas da lenda dualista sobre a criação do mundo (em russo)* // *Revisão etnográfica*. 1909. - - 1910 - №2-3. - - C. 171.

homem saiu de uma metade, e uma mulher saiu da outra metade. Depois o terramoto chamou todos os peixes e aves para virem e decidir o que fazer com estes dois, e foi decidido que eles deveriam casar. Tiveram muitos filhos, e todas as pessoas na terra vieram destes homens e mulheres. Passado algum tempo, os pais estavam fartos de todos os inúteis que andavam por aí, e queriam ver-se livres deles, mas não sabiam para onde os enviar. Passado algum tempo, houve tantas crianças que os pais não tiveram um momento de paz. Um dia, um pai desesperado agarrou num pau e começou a espancar as crianças com ele. Assustou tanto as crianças que elas correram em direcções diferentes à procura de um lugar para se esconderem. Alguns esconderam-se nas paredes da casa, outros fugiram para fora, alguns esconderam-se na lareira, e outros fugiram para o mar. Agora sabemos que aqueles que encontraram as salas secretas e se esconderam nelas tornaram-se líderes da ilha, e aqueles que se esconderam nas paredes tornaram-se escravos. Aqueles que fugiram para a rua tornaram-se pessoas livres, aqueles que se esconderam na lareira tornaram-se negros, e sobre aqueles que fugiram para o mar, nada se sabia durante longos anos, e quando os seus filhos voltaram, eram brancos¹³⁴ (ver o invariante do mito do enforcamento, onde no início - o conflito do Mar perfurado com o Céu¹³⁵).

O papel da ave na criação da terra ao chicotear o oceano também se encontra na mitologia dos Ainu. De acordo com o seu mito cosmogónico, originalmente a terra não estava separada da água e todos os elementos da existência estavam misturados. A terra era como um enorme pântano. Tendo concebido para criar o mundo das pessoas, Pase Kamui ("o criador e dono do céu") pediu ajuda para abanar a cauda (ave sagrada - totem Ainu). Ao descer do céu, começou a bater com as asas na água, amassar com as pernas, trabalhar com a cauda. Passou muito tempo e os seus esforços levaram ao facto de a água se ter transformado num oceano e de nele terem aparecido áreas à deriva em terra. De acordo com outro mito, o próprio Pace Kamui criou o mundo com a ajuda de ferramentas de pedra (enxadas), e depois o rabo de abanar apenas nivelou o chão.

O motivo filipino e indiano sobre o papel da ave na criação da terra através da mistura do oceano pantanoso original pode ser visto como uma transição entre o motivo na criação da terra pela turbidez e o motivo na ave que ganha terra do fundo do oceano (ver Estudo especial do segundo motivo: ¹³⁶).

¹³⁴ Leon E. *History of creation of the world - version of one of tribes living in Philippines* // <http://kobol-caprica.blogspot.com/2015/12/blog-post.html> ; Cole, Mabel Cook. *Contos Folclóricos Filipinos*. - Chicago : A. C. McClurg and Company, 1916. - P. 187-188.

¹³⁵ *Contos de Fadas e Mitos dos Povos das Filipinas*. R.L. Rybkin; prefácio B.B. Greenickel. - M. : Gl.ed.ed.vostoch.lit'ry edka "Nauka" (Science), 1975. - C. 222.

¹³⁶ Korotayev A.V., Khalturina D.A. *Mitos e genes: reconstrução histórica profunda*. - Moscovo: Librocom Book House, 2011. - 184 c.

Embora os Itelmen de Kamchatka tenham o Corvo Pássaro (Kutchá) como criador do mundo - o malandro Kutchá e a sua irmã Hutlytich demoliram a terra do céu e estabeleceram-na no mar¹³⁷ (em Chukchi o malandro Raven-Kurkyl cria montanhas e rios a partir das suas secreções¹³⁸), - mas, provavelmente, este motivo deve ser correlacionado com o motivo chinês continental sobre o rapto de Gun da terra mágica "sizhen" (baleia) do céu. xīrǎng), que é capaz de um crescimento sem limites e de evitar inundações globais.

Mas então a narrativa chinesa revela diretamente uma ligação com a narrativa sobre arar o oceano com uma montanha através de uma cobra e inimizade entre classes de deuses como consequência disto: Seizhni usa o filho de Gun Yu, que é assistido pelo dragão In-lun (Wan-lun) com a sua família para arranjar o mundo: O dragão adiantou-se a Yu, um enxame de canais com a sua cauda, e a tartaruga navegou atrás do seu barco, carregando a substância mágica "seizhan", através da qual Yu criou as montanhas e colinas que formam agora a geografia da China. Então Yu conduziu todos os deuses da montanha Guizzi ("Gather on the council"), anteriormente chamado "Reed", entra em batalha com o deus da água Gong-Gung. Outros equivalentes são também descobertos: 1) o equivalente de "turbidez" - Yu recebe do primeiro antepassado de Fu Xi uma placa de jade, que tinha a forma de uma barra de bambu um chi e dois tsunya, que pode medir o céu e a terra Yu sempre carregou esta placa para fortalecer a terra e domar a água; 2) o equivalente de um ajudante de pássaros no arranjo do mundo: uma ajuda especial para Yu foi fornecida pelo deus da água Boi¹³⁹.

Além disso, tal como no mito indiano da lavoura, o Monte Mandaru é erguido nas costas da tartaruga gigante Kurma (avatares Vishnu), Tal como na versão chinesa, encontramos o mais velho dos nove filhos do Rei Dragão do Pulmão de Wang Lung, Bishi, sob a forma de uma tartaruga gigante dentada e com chifres de "lingo guyuy" (considerada uma mistura de dragão e tartaruga) com uma estela de pedra ("guygo bey") erguida nas suas costas. De acordo com muitas lendas, tartarugas de pedra com os seus caules navegam secretamente para o mar todas as noites, de modo que algas frescas podem ser encontradas nele todos os dias.

¹³⁷ Krasheninnikov S. *Descrição da terra Kamchatka*. - Spb.: Na Academia Imperial das Ciências, 1755. - Vol. 2 - P. 71-72 ; Goncharova A. A. *Mitos de criação e lendas cosmogónicas de Kamchatka // Kamchatka: eventos, pessoas : materiais de XXV Krasheninnikov. leituras / M na cultura de Kamchatka krai, Kamchatka krai cientista S. P. Krasheninnikov. - Petropavlovsk-Kamchatsky, 2008. - - C. 68-71. - <http://www.kamlib.ru/resources/mify.htm>.*

¹³⁸ Meletynskiy E.M. *Paleo-Asian epos sobre o Corvo e o problema das relações entre o Nordeste da Ásia e o Noroeste da América no campo do folclore // Culturas tradicionais da Sibéria do Norte e da América do Norte. - Moscovo: Nauka, 1981. - P. 182-200*<http://www.ruthenia.ru/folklore/meletinsky8.htm>.

¹³⁹ *Capítulo VII. Gun e Yu domar a inundação // Yuan Ke. Mitos da China antiga. - M.: <http://myths.kulichki.net/lostcivil/china/myth0001/st07.shtml>*

Na nossa opinião, a versão intermédia entre os motivos de uma ave que extrai a terra do fundo do oceano primário, chicoteando o oceano e a criação do mundo com uma lança é a lenda sérvia: "... Caindo do céu, os espíritos malignos levaram o Sol. O seu rei esfaqueou-o com uma lança que segura no ombro, e Deus, tentando devolver o tesouro, envia o Arcanjo Miguel à terra; este último, como um diplomata astuto deveria, faz primeiro uma amizade com o rei dos demónios. Um dia, os seus amigos nadam no mar. O rei dos demónios cria uma pega - especialmente para ela guardar uma lança na costa enquanto ele próprio está a salpicar na água. Entretanto, o Arcanjo Miguel oferece-se para competir quem vai mergulhar mais fundo. O arcanjo mergulha primeiro e traz um pedaço de lama do fundo do mar. Fila a fila para o demónio. Enquanto está debaixo de água, o Arcanjo Miguel leva a cruz e imediatamente o mar é coberto com seis cúbitos de gelo, enquanto o Arcanjo Miguel leva o Sol. Alarmado pelos gritos dos anos quarenta, o rei dos demónios sobe rapidamente à superfície, atinge o gelo, desce novamente ao fundo atrás da pedra, quebra o gelo, apressa-se na perseguição de um fugitivo, mas tudo o que ele consegue fazer é arrancar parte do seu pé ao arcanjo. O Arcanjo Miguel chora diante de Deus, e promete-lhe com conforto que a partir de agora todas as pessoas terão uma parte inferior côncava do seu pé¹⁴⁰ motivo semelhante para os Arcanjos roubarem "rees" mágicos de Sataniel é encontrado na lenda ucraniana: "... Há muito tempo que existe um touro... Esse touro é um ranger de água, e acima dele o céu, sobre o qual Deus e os seus dois servos vivem: Mishka e Grishka... E no céu em si, há Deus Mati a viver lá agora, Satanail vive, e todas as listas do Senhor... Foi isso que o Senhor Deus quis, como Satanail a disparar, e não tanto o fim do tiroteio, como se pode ver o seu trote, na parte de trás do qual, rezem, o poder de Satanail se sentou. Satanail nasceu uma vez, colocou o seu aro numa rocha e colocou-o no mar, o Deus do amor, amaldiçoado, banhado, e o Deus para se sentar no seu céu e maravilhar-se. O Senhor Deus é Satanailom, o Senhor não é capaz de alcançar o fundo do mar, mas Satanail é capaz de o alcançar. O Padre Satanail diverte-se nesse porinati, e o Senhor chama Mishka, e a besta do mar, e Satanail, como um pirata, diverte-se nesse dmukhati sobre o mar. O Takechek e as costeletas. Satanail pirnuit no início, e Bear dmukhati na água - o mar era assim chamado de rei, congelado. Satanail fura-lhe a cabeça e perfura o barco. "Oh, bem, grita, grita, grita, grita, grita, grita, a um amigo!" Bo esperto no seu lugar, bacalhau, bula até três fatias de porinaty. Pirnuve Satanail em casa do seu amigo, e Mishka dmukha, saltam sobre a água; se quiserem, devem ir à

¹⁴⁰ Dumezil J. *Ossetian epic and mythology / Per. et al. V.I. Abaev. - Moscovo: Gl. ed. vost. litera, 1976. -- C. 71-72.*

frente do Senhor. O mar está a arder, mas ainda lá está. A cabeça de Satanás salpica e aquece o barco. O Senhor parece dizer: "Ah, bem, banquete ao terceiro!" O pirata de Satanás, mas Mishka não é trisé, assim no mar, e o Senhor deve chicoteá-lo, regozijar-se e recolher o seu dmukhaty, suficientemente forte, no mar. O mar era tão espesso, Satanail, se o expulsarmos, então não zmiigg já bateu na cabeça do barco, e Grishka fica quieto à uma hora com o seu hálito, e coloca-o no céu. Satanails, sendo mimado, não fritar, arrisca-se a foder o barco - foder o dirk perseguindo Griska e já o alcançando, porque Griska tem duas asas, e Satanail tem seis delas. Se ele não tomou Misha, o krill de Satanásayil tem uma espada e odchukhuravovi. Satanail caiu ao mar, e o seu urso riza foi trazido a Deus por Griska. E os lincas de Qi das cartas de Jesus Cristo foram atormentados até à morte, e quanto a Misha e Grishka o Senhor decapitaram o arcanjo Miguel e Gabriel¹⁴¹.

Ж. Dumezil compara estas duas lendas acima mencionadas com a história circassiana de rapto de fogo do gigante por Nart Sosryko: "... Mas não é fogo comum e o gigante: o gigante dorme enrolado com uma bola, de modo a que as pernas lhe toquem na cabeça, e o fogo está no centro deste círculo extraordinário. Sosryko ainda consegue roubar o fogo, mas o gigante logo alcança o herói e faz prisioneiro. Felizmente, o gigante é estúpido. Sem se nomear, Sosryko oferece-lhe para mostrar "jogos em que Sosryko ganha", e submete o gigante a vários testes de poder ... No final, Sosryko obriga-o a deitar-se no fundo do mar; a seu pedido, a superfície da água é coberta por uma espessa camada de gelo. O gigante, que ainda pensa que é divertido, tenta quebrar o gelo - em vão. Ele está preso, e Sosryko pode decapitá-lo em paz. Depois Sosryko levanta uma fogueira, leva-a para as Narts - aqueles que ainda não congelaram - acende uma grande fogueira e traz de volta à vida¹⁴²Também "...os Circassianos atribuíram a Sosruko, entre outras coisas, poder meteorológico:" Ele é astuto, pode causar geada, neve... ...quando ele lutou, havia neveiro por todo o lado", disseram-me os Circassianos de Uzun-Tarl na Anatólia¹⁴³.

Mas, na nossa opinião, o próprio motivo do eixo (lanças, montanhas) e a sua fiação, chicoteando o mar e cumplicidade no acto da ave separada numa história à parte: "... Sosryko caçando de repente começou a perseguir a Roda Barsagovo - uma roda dentada, uma arma estranha, viva, dotada de

¹⁴¹ Oltarzhevskiy Yu. *Iz Narodnykh Vyvaniy (Razskaz, gravado em Kiev) // Kyevs kaya starina, revista histórica diária. - - 1887. - Ano 6, t. XVIII, Maio. - - C. 196-197.*

¹⁴² Dumezil J. *Ossetian epic and mythology / Per. et al. V.I. Abaev. - Moscovo: Gl. ed. vost. litera, 1976. - - C. 73.*

¹⁴³ Dumezil J. *Ossetian epic and mythology / Per. et al. V.I. Abaev. - Moscovo: Gl. ed. vost. litera, 1976. - - C. 114.*

fala. Rola com grande velocidade e, no início, corta as pernas dos camaradas do herói. Ele, por sua vez, atira-se para a perseguição. Mas como o apanharemos? Em vão pede em vão a diferentes árvores (chinaras, amieiro) que parem a Roda - recusam-se, e ele amaldiçoa-as. A Bétula é mais ousada; graças a ela, Sosyryko consegue derrubar três dentes (zendag) por três setas na Roda primeiro, depois agarrá-lo e atingi-lo com uma espada. Ele abençoa a bétula e conduz a Roda até aos prisioneiros de Narts. Há doze anos que os Narts transportam estrume para os seus campos. Eventualmente pede a sua liberdade... Um pouco mais tarde, quando Sosyryko foi insultado pela filha do Sol, que se banhava na praia, levou a Roda de Barsag ao seu serviço, pagando doze vacas novinhos por ela, e um dia, quando Sosyryko estava a caçar, a Roda rolou de repente sobre ele e cortou-lhe as pernas. O herói mutilado e sem pés pede ao corvo para notificar as Narts of Borat; o corvo recusa-se e Sosyryko amaldiçoa-a. Ele faz o mesmo pedido à andorinha, ela concorda, e ele abençoa-a; a andorinha faz o seu lance. Finalmente, após uma longa resistência, Sosyryko entrega-se para ser enterrado e concorda em mudar-se para a terra dos mortos¹⁴⁴. Ou: "... Durante a caçada, Soshirako conhece uma bela rapariga; ela oferece-se a ele, ele recusa-a e insulta-a. Esta é a filha de "Padre João" (o mesmo: "Marsug celestial"). Ela vai queixar-se ao seu pai, que ordena ao seu criado, a "Roda de Einon" (Einoni tsalh), para ir contra o Soslan. Forçando o ferreiro celestial Kurd-Alaug'a a endurecer-se, a Roda de Onon rola para matar o Ascendente. Aquele que o vê corre atrás dele na sua perseguição. Ele amaldiçoa um a um um amieiro, um chifre, que não conseguiu parar a Roda. Mas aqui chega à avelã, onde se enrosca no lúpulo, e Soslan alcança-a. Ele abençoa estas duas plantas. Ele vai cortar a Roda, mas depois pede um atraso - é um direito inegável dos derrotados no Cáucaso - ele jura que em três dias o esperará no monte de Haram, onde o Sentin pode matá-lo. Soslan deixa-o ir... As pernas de Soslan são cortadas, mas ele ainda se apressa a perseguir a Roda em palafitas que prende rapidamente aos cotos das suas pernas. Ele estava prestes a agarrar a Roda quando Sirdon disse à Roda: "Rolar sobre a terra arável"! É realmente onde as pernas de pau de Suslan ficam presas, e ele não pode continuar a perseguir..."¹⁴⁵».

¹⁴⁴ Dumezil J. *Ossetian epic and mythology / Per. et al. V.I. Abaev. - Moscovo: Gl. ed. vost. litera, 1976. - - C. 103-104, 105.*

¹⁴⁵ Dumezil J. *Ossetian epic and mythology / Per. et al. V.I. Abaev. - Moscovo: Gl. ed. vost. litera, 1976. - - C. 106-107.*



Por mais paradoxal que possa parecer, a lenda finlandesa de conto de fadas e mito sobre Sampo, um objecto mágico com poder mágico e fonte de felicidade, bem-estar e abundância, pode ser correlacionada com esta trama da montanha turva e a criação de coisas que dão abundância com a sua ajuda.

Tradicionalmente, é considerado como um moinho mágico ("pequeno moinho mágico"). Um sampo mói tanto pão que tem o suficiente para comida e mantimentos:

De manhã cedo,
O giz de Meru para as necessidades,
E a outra está à venda,
A terceira medida é para o stock.

Mas nas próprias runas Karelianais, com base nas quais E. Lennroth criou o "Kalevala", o Sampo é chamado apenas de "borda cosida":

O Sampo em Pokyol mudou,
O aro costurado é cosido:
É arável,

Há um lugar para a sementeira,
Ele tem toda a fiança nele.

De acordo com as runas, Sampo forjou Ilmarinen (Ilmerainen), o deus do ar (Fin. ilma) e do tempo, ferreiro (Fin. seppä) - o primeiro a forjar armas a partir do metal:

Do leite de uma vaca.
De um feixe de lã branca,
A partir de um pedaço de fuso.

¹⁴⁶E migalhas de cevada.

¹⁴⁶ *Runas seleccionadas do Arquipélago de Perttunen (em russo) / Per., v. V. Evseeva. - Petrozavodsk : Instituto Histórico Estatal de Karelian-Finnish SSR, 1948. - - C. 17-18.*

Mas antes que o sampo saia da montanha, as cebolas, o barco, a novilha e o arado saem - todos bonitos à vista mas com uma toca má, por isso Ilmarinen atira-os de volta para as chamas.

Assim, segundo o Académico B.A. Rybakov, Sampo é um complexo mágico que ajuda a dar à luz o pão e a demonstrar vitalidade em geral¹⁴⁷.

Sampo serviu de resgate de casamento (uma veia) para a filha da velha Louhi (Fin. louhi "pedra, pedra"), a amante Pohja (Fin. pohja "norte"), para quem o ferreiro cortejou. A Senhora Pohyola esconde o sampo na Montanha da Pedra. O sequestro de Sampo de Pohyola - a parcela central do "Kalevala": Väinämöinen vai a Pohjola acompanhada por Ilmarinen e Lemminkäinen, põe os habitantes a dormir e extrai Sampo de debaixo da montanha. Apenas os três heróis com a ajuda de um touro gigante ("cada chifre era uma sondagem e meia sondagem de um focinho") foram capazes de construir a partir do lugar de Sampo. Leva Sampo de barco, mas a senhora Pohyola, que desperta, apanha os seus raptos; durante a luta Sampo cai, os destroços afundam-se no mar (por isso o mar, segundo as crenças populares, é mais rico do que a terra). Alguns dos destroços, no entanto, pregam ao chão: afecta a colheita. Mas a tampa manchada de Sampo perdeu-se (era suposto ser deixada em alguma ilha coberta de névoa), o que simboliza a cúpula celestial pontilhada de estrelas, girando em torno do eixo central - o suporte sobre o qual todo o mundo repousa. Isto resultou na morte da árvore do mundo no Pólo Norte. Juntamente com isto, o sol, a lua e as estrelas começam a dar a sua luz à terra¹⁴⁸.

Nesta base, de acordo com U. Harv e vários outros investigadores, as ideias sobre Sampo relacionam-se com a imagem do eixo mundial na mitologia fino-úgrica. PT Setyalya afirma que o primeiro executante das runas significava o pilar mundial, cujo topo era a Estrela Polar, que é o centro do céu, o eixo do céu estrelado em rotação, "máquina de rotação celestial". A própria etimologia do nome do objecto (Fin. Sampo), como nas variantes arcaicas esta coisa mágica não se chama Sampo, mas Sammas "pilar, pilar" é produzido a partir do Pra-Aryan *stambhas "pilar mundial"¹⁴⁹; "...instr. *sampa- é emprestado do ar. *skambha- (>dr.-ind. *Skambha-* "...o pilar divino do universo, o pilar mundial" (Atharvaveda 10, 8), a. *-fraskamba- "...pilar, coluna, mática, etc."*¹⁵⁰.

Na tradição védica é Scambha (sânscrito skambha "buttress, pilar"), uma encarnação do conceito abstracto de "buttress, apoio deste mundo em

¹⁴⁷ *Ligação Rybakov B.A. Sampo com seids // <http://www.vottovaara.ru/svyaz-sampo-s-seiedami.html>.*

¹⁴⁸ *Kiuru E. Myth about Sampo // <http://www.vottovaara.ru/mif-o-sampo.html>*

¹⁴⁹ *<http://etymon.cs.helsinki.fi/Etymology-Project/SSA/version-0.8/s/sammas1.xml>*

¹⁵⁰ *Napolskikh V.V. Mythologeme of the World Tree e mitologia dos povos da família da língua urálica (em russo) // Revisão etnográfica. - - 2012. - - № 6. - P. 23. - https://www.academia.edu/4918928/Мировое_Древо_2012.*

todos os seus significados físicos, religiosos e outros", glorificado num hino de "Akhtarvaveda" como uma divindade suprema. Scambha é aqui representado como uma criatura de enorme tamanho, que consiste nos seus membros não só em diferentes partes do mundo material, mas também em diferentes propriedades e conceitos abstractos: zelo ascético, fé, verdade, divisões do tempo, etc. Contém trinta e três divindades derivadas do nada, que constitui o membro mais alto de Scambh e faz parte do mesmo juntamente com o ser. Os deuses que fazem parte de Scambha, como ramos de uma árvore, são obrigados a honrá-lo e a prestar-lhe homenagem. Scambha em outros versos do mesmo hino parece nascer do trabalho de parto e do zelo ascético.

Todos os investigadores das runas Karelianias, começando por Elias Lennroth, o criador do "Kalevala", tentaram compreender o que era na realidade Sampo. Isto é discutido em pormenor por Vaino Cauconen, cujo estudo apresentamos a seguir¹⁵¹. A primeira menção a Sampo está contida num disco de C. A. Gotlund, feito em 1817 pelos finlandeses na província sueca de Dalekaria. Esta gravação é, de facto, uma narrativa da canção. Gotlund publicou a parte principal deste disco no ano seguinte na sua dissertação "De prover-bjs fennicis" ("Sobre os Provérbios Finlandeses"). É uma história sobre a velha Väinämöinen e a jovem Jämpäinen, que foram por mar até Pohyanmaa para produzir šammasa. O Sammas descola nas nuvens, mas Yompainen corta dois dedos com a sua espada. Uma delas cai no mar, de onde o mar se tornou salgado; a outra foi trazida para terra, de onde cresceu a erva no solo. E se mais pudesse ter sido entregue (claro que estamos a falar dos dedos), "o pão teria crescido sem semear". K.A. Gotlund comparou o sampo com o antigo peito de Pandora. Não há razão para duvidar que Lennroth estava familiarizado com a dissertação de Gotlund. Mais uma vez, Lennroth leu sobre sampo no segundo caderno publicado por S. Topelius-senior na colecção "Ancient runes, as well as modern songs of the Finnish people" (I-V, 1822-1831) nas runas intituladas "Miscellaneous acts of Väinämöinen", baseado na gravação de uma canção de Jyrki Kettunen de Chen. Esta runa diz brevemente que Ilmarinen "Days sampo kuyut, à noite a repariga domada, já fez sampo, já domou a repariga", sampo escondido numa montanha de pedra Pokyoly, depois o sampo raptado, e a amante de Pokyoly começa a perseguir os raptores. E. Lennroth ouviu apenas uma vaga dica sobre o sampo na seguinte expressão dos contadores de histórias populares: "Se andar na estrada, terá o sampo".

E. Lennroth expressou a sua primeira ideia científica de Sampo no seu artigo "Aos Investigadores da História Antiga da Finlândia para Pensamentos" nos números de Janeiro e Fevereiro de 1839 da revista Mechilainench ("The Bee"). (edições de Janeiro e Fevereiro). Sugeri aqui

¹⁵¹ *Kaukonen V. Como Lennroth imaginou Sampo / Per. s Fin. // <http://www.vottovaara.ru/kak-lennrot-predstavlyal-sebe-sampo.html>.*

que desde que parte dos antepassados dos finlandeses habitavam em tempos as "Terras dos Pérmicos" ao longo das margens do Dvina do Norte" e que "ainda serviam a divindade Jumala (em "Kalevala" chama-se Ukko, - O.G.), cuja imagem foi cuidadosamente preservada". Este ídolo era sampo. O significado da palavra "sampo" por E. Lennroth no seu artigo publicado no mesmo ano no jornal "Borgo Tidning" deduzido da combinação de palavras russas "o próprio deus". De acordo com esta interpretação, a runa do sampo fala da forja do ídolo, que é o objecto do culto, e do seu posterior rapto. K. chegou a uma yercia semelhante. Krone em 1918 a completamente: a runa do sampo conta sobre o Viking Väinämöinen, que mandou fazer uma escultura da divindade para os habitantes da ilha de Gotland, mas esta relíquia sagrada foi roubada, quebrada na luta pela sua posse e afundada no mar. Também interessante é a hipótese de W. Harv de que o sampo é uma escultura de culto roubada por guerreiros finlandeses na Suécia, que morreram no caminho de volta durante a tempestade.

Após a publicação da segunda edição de "Kalevala" em 1849, E. Lennroth manteve-se em silêncio sobre o assunto, excepto no que diz respeito a palestras para estudantes e à versão abreviada de "Kalevala" publicada em 1862. A única excepção foi um discurso muito importante no qual ele abordou mais uma vez o problema do sampo. Numa noite literária organizada em 1858 para angariar fundos para a construção de uma casa de estudantes na Universidade de Helsínquia, proferiu um discurso intitulado "Três palavras sobre canções finlandesas antigas", que foi então publicado no jornal literário "Literaturblad för allman medborgerlig bildning" fundado por Lennroth e Snelman. No início, E. Lennroth nota que o significado da palavra sampo mudou tanto ao longo do tempo que não sabemos como era originalmente. Depois dá seis explicações diferentes do sampo: instrumento musical, moinho de água ou moinho de mão, ídolo ou templo da divindade, navio mercante, talismã e toda a terra (Suomi). Nenhuma destas interpretações, na sua opinião, não explica satisfatoriamente que as runas folclóricas são contadas sobre o sampo. Afinal, o grande dicionário finlandês-sueco de 1880 de E. Lennroth diz brevemente: "Sampo, sammon s. - ainda um objecto mágico obscuro que proporcionava bem-estar, meios de subsistência".

Acredita-se que Sampo seja o análogo do moinho Grotti, propriedade de Konung Freddy da Little Edda. Nas sagas escandinavas, um herói chamado Amlodi é dono de um moinho de conto de fadas que outrora arrasou ouro, paz e abundância. Dois gigantes gigantes, Fenva e Menya, foram chamados a rodar esta estrutura gigante, pois as potências humanas comuns eram absolutamente insuficientes para a mover. Depois o moinho foi roubado pelo rei do mar Minger e carregado no seu navio. O moinho continuou a moer, mesmo quando o navio começou a afundar-se. Também

gira no fundo do mar, moendo rochas e areia enquanto cria um enorme redemoinho de Malstrim.

De acordo com os índios Cherokee, "o povo do Sul tinha um moinho de milho, mas o povo do Norte, invejoso da sua prosperidade, destruiu o moinho e roubou a farinha de milho. No seu regresso, acordariam a farinha, deixando um rasto branco atrás de si. É aí que se encontra a Via Láctea. Um dos mitos sobreviventes da tribo asteca diz que quando o moinho moeu os ossos de pessoas que morreram durante a inundação global em farinha, e os deuses puseram sangue nela, a carne do povo de hoje acabou por sair. Um tema "moinho" semelhante surge no Japão, América Central, a tribo Maori da Nova Zelândia, etc.¹⁵².

Procedendo do acima exposto, é óbvio que entre certos povos, a trama do moinho mágico do Oceano Lácteo com uma turbidez gigantesca e a origem das coisas abundantes resultantes foram mais racionalizadas através da variante intermédia de menhir/scambhi (como memória da turbidez do luto) na trama do moinho mágico fazendo também os movimentos circulares que moem a abundância.

Também em termos de tradição, as criações não são uma coisa sem vida (embora por vezes atadas por um ser vivo - uma cobra), mas sim um ser vivo - um sapo.

Na tradição greco-romana, o emblema de Afrodite (Vénus) era um sapo, que também se correlaciona com numerosas histórias sobre a sua entrada no leite e a sua sova na manteiga (incluindo a famosa fábula de Ésope):

Um sapo em pânico - o que fazer? –
e desesperadamente espancado
sobre o leite que era forte;
mas não importa o quanto lhe acerte,
e não há apoio de saltos,
e a vontade é igualmente longínqua,
como era... De repente, debaixo do pé...
parecia espesso.
um caroço de manteiga - é isso! –
e com vigor renovado
espancá-lo enquanto o caroço
não se transformou numa ilha¹⁵³.

¹⁵² Popov A. *Mystery of Kalevsky Sampo* // <http://www.vottovaara.ru/zagadka-kalevskogo-sampo.html>.

¹⁵³ *As Fábulas de Esopo. Rã no Leite* // <https://www.stihi.ru/2013/07/05/3538>.

Também nas zonas do Báltico e dos Balcãs há uma ligação de um sapo com leite e em combinação com o sinal de "mobilidade" (movimentos frequentes e pequenos de natação)¹⁵⁴.

Como não recordar que na antiga tradição indiana o Monte Mandara, com a ajuda de uma cobra enrolada à sua volta, chicoteia o Oceano Lácteo em espuma. Também na "Mindfulness" de Bogomil o Senhor toma "creme azedo da água" e desta "espuma de fio" ("gordura") faz uma terra - "pão plano"¹⁵⁵.

O conhecido conto de fadas eslavo "Tsarevna Frog" representa provavelmente uma parte da camada mais antiga de lendas, pois contém obviamente uma imagem da criação do mundo: o Sapo numa festa no Tsar cria a terra, mares, rios, cidades e outros, ou seja, provavelmente uma lenda sobre o início dos tempos.

Na tradição mitológica romena, o sapo actua tanto como um desviador da terra extraída do submarino como como um colador na boca da terra com água¹⁵⁶, o que provavelmente indica ou o cruzamento nesta área dos três motivos de criação do mundo - derrubar, arrancar e moldar, ou a preservação da própria forma arcaica ("espessamento da primogénese"), da qual estes motivos são separados.

Em algumas tradições um sapo actua ou como um antípoda para as serpentes (devorando o seu veneno, salvando o mundo inteiro com ele), ou é ele próprio o rei das serpentes. Na Lapps é o governante do submundo Saivo, localizado na montanha do país da abundância, onde se encontram xamãs, guerreiros que morreram em batalha, e mães que morreram no parto.

Na mitologia de Khanty Tait-Kotl-Torum, um herói muito beligerante e aluno de ferreiro, sendo engolido na infância por um grande peixe, estava na sua barriga como um sapo¹⁵⁷. Aqui vale a pena recordar a história da presença de Väinämöinen no ventre do gigante Antero Vipunen, que se fundiu com a terra ("*Kalevala*". 17:410) e cujo nome vem de vipu "alavanca". Väinämöinen entrou na barriga de Vipunen e aí montou uma forja. Vipunen começou a sofrer muito com o calor e o estrondo no seu interior. Ele teve de revelar três palavras mágicas ao herói de Kalevala.

¹⁵⁴ Sudnik, T.M.; Tsvijan, T.V. *Sobre uma mitologia do sapo (dados de Balto-Balkan) (em russo) // estudos Balto-eslavos. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. -- C. 152.*

¹⁵⁵ Sudnik, T.M.; Tsvijan, T.V. *Sobre uma mitologia do sapo (dados de Balto-Balkan) (em russo) // estudos Balto-eslavos. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. -- C. 151*

¹⁵⁶ Sudnik, T.M.; Tsvijan, T.V. *Sobre uma mitologia do sapo (dados de Balto-Balkan) (em russo) // estudos Balto-eslavos. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. -- C. 150.*

¹⁵⁷ Ayhenwald, A.Yu.; Petrukhin, V.Ya.; Helimskiy, E.A. *Para a reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos (em russo) // estudos balto-eslavos. 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. -- C. 182.*

Väinemeinen regressou a casa e terminou o seu barco a fim de ir a Pohijela para um passeio.

Um sapo no Lapps ("oadz") e os estónios ("cavalo") devoram o primeiro velho e a sua mulher, a irmã do sol, perseguem os casamentos criados por este par de raparigas lunares Akkanaidi, mas ela é salva, tendo chegado a "spolokhami" (personificação das luzes do norte) - equipa invisível do cavaleiro Ninas. O sol agarra a rapariga pelo cabelo e atira-a à lua, e o sol dá à luz uma filha que se tornou a esposa do primeiro pastor de renas¹⁵⁸.

Na versão cosmogónica do mito Komi, os gémeos demiurgo Yen e Āmâl actuam como sapos no pântano, sendo o Yen cego e estúpido e Āmâl avistado e astuto. Do sangue de Āmâl, que caiu no mundo inferior, há animais e uma mulher que se tornou sua esposa, e da lama trazida ao Yen pela pomba emerge a terra, e do bico do corvo que o seguiu há água e oceanos. Yen leva a sua mulher a Āmâl e ela agrada aos seus gémeos Voipel (o deus do vento do norte) e Yomu (o análogo de Baba Yaga; aparentemente, estes são indo-iranianos, primeiros homens mortais Yima e Yami emprestados), que Āmâl atrai para a terra e deles vem toda a gente¹⁵⁹. Na mitologia de Udmurt-Mokshi, o bom demiurgo Skai senta-se como um sapo sobre uma rocha no meio do oceano primário. Em Udmurt-Erzya o seu análogo Nishke senta-se no topo de uma árvore do mundo e distribui destinos, e numa árvore oca em forma de cobra o espírito maligno tem escondido [Ajhenwald A.J., Petruhin V.J., Helimsky E.A. *À reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos // Balto-Slavic researches, 1981 / Ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. - - C. 174, 175].*

O mito de arar o oceano pelos deuses e asuras com a ajuda do rei das serpentes Wasuki na mitologia alemã tomou a forma de uma lenda sobre como o deus Ass Thor, juntamente com o gigante Gimir (Humir) estava a pescar nas profundezas venenosas da cobra Yormunganda (Yormungaard, "o cajado gigante"; Midgard's "World Snake"). Thor queria matar a Cobra, apanhada no anzol, com o seu martelo Mjellner, mas Gimir cortou a linha que se estendia sobre o barco, e a Cobra mergulhou no mar. Num ataque de raiva Thor matou um Himir covarde e deixou-o num barco a afundar, e deixou Mjöllnir seguir a Cobra e, dizem, até lhe esmagou a cabeça. Para recuperar a consciência e acalmar, Thor voltou para casa a pé, caminhando no fundo do mar! Mas a Serpente ainda está viva e no fundo do mar. Cresceu

¹⁵⁸ Ayhenwald, A.Yu.; Petrukhin, V.Ya.; Helimskiy, E.A. *Para a reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos (em russo) // estudos balto-eslavos, 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. - - C. 168-169, 170.*

¹⁵⁹ Ayhenwald, A.Yu.; Petrukhin, V.Ya.; Helimskiy, E.A. *Para a reconstrução das representações mitológicas dos povos fino-úgricos (em russo) // estudos balto-eslavos, 1981 / Otv. ed. Vyach. Vse. Ivanov. - Moscovo: Nauka, 1982. - - C. 171-172*

tanto que cingiu toda a Terra e agarrou-se à sua própria cauda. Por isto, Jörmungand foi apelidado de "Cobra Midgard" ou "Cobra do Mundo". Uma nova e última reunião de Thor e a Serpente terá lugar em Ragnarok quando Jörmungand deixar o oceano e envenenar o céu. Thor explodirá a cabeça de Jormungand, mas só terá tempo para se afastar nove passos - uma corrente de veneno da boca do monstro morto irá matá-lo¹⁶⁰.

A analogia quase completa tanto do mito escandinavo da pesca da Torah como do mito japonês do surgimento das ilhas japonesas é o mito do Maori polinésio sobre o anzol mágico do Maui. Um pescador com os seus irmãos mais velhos fora das costas da terra ancestral do Havai, o trikster deus-herói Maui atirou o seu anzol mágico para o oceano e usou o seu sangue como isco. Foi apanhado por um peixe invulgarmente grande. Para tirar o peixe, teve de pôr o pé numa canoa e sob pressão a prancha caiu à água, transformando-se na Península de Kaikoura. Quando os irmãos viram o peixe de que tinham medo, Maui teve de fazer um enorme esforço para finalmente trazer o peixe à superfície. Era Te Ika, 'o peixe do Maui' conhecido hoje como a Ilha do Norte da Nova Zelândia. Maui disse aos seus irmãos que provavelmente os deuses não ficariam felizes com isso e pediu-lhes que esperassem até que ele restaurasse a paz com as divindades. Quando Maui partiu, os irmãos começaram a discutir e a partilhar o poder sobre a ilha. Pegaram nas suas lanças e começaram a deitá-las fora, bloqueando cada uma das suas parcelas. Nos locais onde as lanças desembarcaram, existem hoje montanhas (ou, de acordo com outra versão, antes de Maui realizar o ritual de acção de graças, os irmãos começaram a cortar o peixe gigante capturado e por isso as ilhas estão cobertas de desfiladeiros e montanhas). A ilha do sul da Nova Zelândia é conhecida como Te Waka a Maui, "o barco de Maui". A Ilha Stuart, situada no extremo sul da Nova Zelândia, chama-se Te Punga a Maui, "a âncora do Maui" porque foi a âncora que segurou o barco Maui quando ele tirou o peixe da água¹⁶¹. A ilha havaiana de Maui também recebeu o nome de um semideus que ensinou os havaianos a pegar fogo, a fazer uma lança, um papagaio e a criar um anzol para eles e um pau mágico da mandíbula da sua avó ogre morta. Também apanhou todas as ilhas do Havai a partir do oceano. Mas aqui, ele, nascido prematuramente, é mais um trapaceiro zombeteiro do que um herói cultural. Em particular, ele fez um deus sol coxo que uma vez salvou a sua vida: "...ele humilhou Tama, o deus sol. Teceu os pêlos púbicos da força da sua irmã e atirou-o à carne de uma mulher grávida. Deus ergueu-se, e Maui está a bater-lhe com uma paliçada mágica do maxilar da avó. Assim, ele permanece crómio para sempre. E agora o sol está lentamente a oscilar pelo céu, para que as pessoas

¹⁶⁰ "Elder Edda, *The Song of Humir*, 16-24 // <http://ulfdalir.ru/sources/42/86/2007/2061> ; Snorri Sturluson, *The Younger Edda, The Vision of Gulvi*, 34; 48; 51 // <http://norse.ulver.com/src/snorra/2ru.html>.

¹⁶¹ Putilov VN, Polinskaya M. S. Maui (em russo) // *Dicionário mitológico / Proc. de E.M. Meletinsky. - Moscovo: Enciclopédia Sov., 1990. - C. 352.*

tenham tempo para o dia e cozam recipientes, e tapas de lixívia, e cultivem o campo, e apanhem peixe. E as pessoas não andam como animais nos quatro (como era antes), mas endireitadas sob o céu alto, que Maui levantou¹⁶².

Aqui ele revela-se tanto Cronus, o guardião do tempo e invadiu o monte do seu pai, como Hefesto e Atlanta, segurando o céu, e Ícaro, que ascendeu sobre as asas artificiais ao céu... Tal como Prometeu, traz o fogo do povo Maui do reino do submundo da deusa Mahooka, e o processo de extracção de fogo é semelhante à queda de meteoritos no oceano, um dos quais causou um cataclismo: "... A deusa conheceu bem Maui, ouviu o seu pedido, arrancou-lhe a unha cheia de fogo e deu-lha. E deu um pequeno passo atrás, atirou a unha para o lago e correu com lágrimas para trás, dizendo que tropeçou e deixou cair acidentalmente a unha na água. Depois Mahuica arrancou o segundo prego e deu-o ao manhoso. Maui atirou-o de volta para o mesmo lago e voltou com lágrimas. Então Maury arrancou um por um todos os pregos das suas mãos e depois dos seus pés, de modo que só restava um prego - no seu dedo grande do pé. Percebi que Machuica estava a enganar o seu parente astuto. Com raiva, arrancou o seu último prego e atirou-o para debaixo dos pés de Maui. O fogo deflagrou rapidamente, logo declarou todo o submundo e, tendo escapado, começou a espalhar-se pelo chão. Maui fugiu, transformou-se num falcão, mas as línguas de chama chegaram-lhe e queimaram-no (daí o falcão castanho). Depois mergulhou no mar. Mas a água do mar também ardeu! Depois chamou os seus pais - orvalho, névoa, chuva, aguaceiros, tempestades e furacões - e eles derramaram quantidades impensáveis de água no solo e no mar. A água foi derrubada pelo fogo, as línguas das chamas foram pressionadas até ao chão. E Mahooika gritou, e atirou-se para as chamas, e a água fugiu, tal como o fogo de Mahoo tinha fugido antes. Mas o fogo apagou-se, e a deusa morreu, deixando apenas uma nuvem de fumo para trás. Apenas algumas faíscas sobreviveram na árvore Kaicomako, da qual até hoje as pessoas estão a extrair fogo com fricção¹⁶³

Maui morre ao tentar destruir a deusa da morte Hine (Gina) e assim conceder às pessoas a imortalidade: tentou subir ao seio da deusa adormecida para sair pela sua boca, mas foi esmagada por ela (foi acordada do sono por um rabo de abanar que não resistiu ao riso)¹⁶⁴. Outros polinésios, de Tonga, acreditam que Maui mantém a terra no seu corpo estendido e quando ele se vira para fazer uma pose confortável, os terremotos acontecem - por isso as pessoas atingem a terra com paus, tentando fazê-lo ficar quieto¹⁶⁵.

¹⁶² Moskaleychik F. *Nedonosok Maui, o fidget de Maui sobre mitos polinésios* // <https://www.proza.ru/2002/12/10-148>.

¹⁶³ Moskaleychik F. *Nedonosok Maui, o fidget de Maui sobre mitos polinésios* // <https://www.proza.ru/2002/12/10-148>.

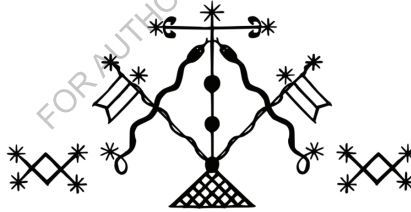
¹⁶⁴ Taylor, E. *Primordial culture (em russo) / Per. of English. Editado por V.K. Nikolskiy. - Moscovo: Gossotsekizdad, 1939. - - C. 229-230.*

¹⁶⁵ Taylor, E. *Primordial culture (em russo) / Per. of English. Editado por V.K. Nikolskiy. - Moscovo: Gossotsekizdad, 1939. - - C. 239.*

Em algumas tradições mitológicas, existe uma ligação entre Mutovka e Rainbow. Por exemplo, nas ideias urálicas: "... Nós Udmurts temos uma piada de mito e verdade sobre o Arco-Íris. Quando aparece no céu, avós e avôs com o brilho escondido da infância nos olhos enviam os seus netos a correr para ele, sem respirar. Àquele que correr primeiro para o Rainbow, eles asseguram-lhe que apresentará um copo de ouro e uma colher. Para todos os anos e idades, embora exista esta lenda como uma ideia relíquia dos tempos da primeira criação, quando a terra foi criada a partir das águas do oceano do mundo, quer por turbidez vulgar, quer por um furo, e talvez, e esta colher de ouro¹⁶⁶.

Mas o folclore de Bashkir conta quem conseguiu obter este presente: nascido da água das cavernas e da luz do sol, o primeiro homem Alp-batyr agarrou numa concha dourada e atirou-a para o céu, e ainda gira a concha de Alypa no céu nocturno como sete estrelas brilhantes (constelação Big Bear)¹⁶⁷.

Em algumas tradições o arco-íris está claramente associado a algum tipo de cataclismo: "... Se para nós o arco-íris está associado a algo agradável e belo, é geralmente nojento para os africanos ou índios. Acredita-se que o arco-íris é fedorento e traz doenças¹⁶⁸ ..."



A mitologia africana conhece uma personagem chamada Aido Hwedo (Aida-Weddo, Haida Wedo, Aida Oedo). Movendo-se no solo, ela criou a superfície da terra e os leitos dos rios, e as montanhas - os seus excrementos.

¹⁶⁶ Vladykina T.G. *Udmurt Folclore: problemas de evolução do género e sistematização*. - Izhevsk : Udmurt Institute of History, Language and Literature, UB RAS, 1997. - - C. 326.

¹⁶⁷ Aminev 3. G., Yamaeva JI. A. *Características regionais do Islão nos Bashkirs*. - Ufa : Design-PolygraphService, 2009. - - C.45.

¹⁶⁸ Berezkin, Yu.E.; Borinskaya, S.A. *De que falavam os nossos antepassados distantes (em russo)* // *Natureza*. - - 2014. - - № 12. - - C. 53.

Depois apoia o chão para que este não se desfaça enrolando um anel e mordendo-lhe a cauda. Mas a serpente torna-se quente e o deus para a refrescar cria oceanos, por isso esconde-se nas profundezas das águas do oceano. Quando a Idoh-Hvedo se move para se tornar confortável, há terremotos, e quando a Idoh-Hvedo flutua até à superfície da água, é reflectida no céu por um arco-íris, por isso é mais conhecida como a "Cobra Arco-íris" (mas por vezes o arco-íris é considerado como uma irmã gémea que vive no céu, a "Idoh-Hvedo vermelha", em oposição à "Idoh-Hvedo azul" que vive no oceano). A sua comida é de ferro, feita para ela pelos macacos vermelhos que vivem no mar. Ela ajuda o herói cultural Mavou-Lisa - torna-se seu criado, acompanha-o, usa na boca quando ele cria o mundo, etc. Ela também ajuda o deus alto Hevioso e o seu filho Gbada a virem à terra. No antigo estado do povo von (especialmente na cidade de Vida (Vaida) no Benin), Ido-Hvedo era venerado como o antepassado da família dominante de Dan: Ido-Hvedo é uma das hipóstases de Dan, o filho dos gémeos Mavou e Lisa (Sol e Lua), nascido pelo deus bípede do céu Nana-Buluku. Dan manifesta-se de várias formas, particularmente num arco-íris, cujo símbolo é uma cobra que morde a sua cauda. Em Vida havia um santuário Ido Hvedo, construído em torno de uma enorme árvore. A árvore era o lar de muitas serpentes da Boa sagrada. Eram invioláveis e foram sacrificados. No culto voodoo, Ido Hvedo é um loa (espírito) da família Rada da fertilidade, arco-íris, vento, água, fogo e cobras, o seu marido é Damballah (deus do céu), e o "néctar espiritual" que criaram é reproduzido no mundo humano como leite feminino e esperma masculino¹⁶⁹.

Cobra grande arco-íris - uma personagem da mitologia australiana, representa o céu, a fertilidade da água. Por vezes os mitos descrevem um par de serpentes arco-íris - representantes da água e do fogo (vida e morte). Mas mesmo que a cobra seja uma só, a sua "iridescência" já é dupla em si mesma (arco-íris liga o céu e a terra). Em alguns mitos, ele participa como criador do mundo, mesmo literalmente cria cadeias de montanhas, mexendo e quebrando a terra. Há também um corpo de mitos em que a Cobra Arco-Íris actua como intruso do tabu do incesto. O mito de matar um pai pelo seu filho para obter todas as mulheres da tribo (sobre a história que Freud descreve em Totem e Tabu) é contado pelos australianos sobre as cobras arco-íris. Era conhecido sob uma variedade de nomes na maior parte da Austrália, pelo que a cultura de massas actual pode ser um símbolo da mitologia australiana, e é amplamente utilizada em livros infantis, lembranças e arte contemporânea.

De acordo com a Bíblia, o arco-íris (hebraico "Kashti") apareceu pela primeira vez no céu após a inundação de Noé. É definido como um sinal da aliança de Deus (Elohim) com a humanidade que ele e todos os seres vivos nunca mais serão destruídos pelo dilúvio (*G nesis 9:12-17*). O significado

¹⁶⁹ Leah Gordon. *O Livro de Vodou : Encantos e Rituais para Dar Força à Sua Vida*. - Nova Iorque : Série Educativa de Barron, 2000. - - P. 50-62.

místico do arco-íris reflecte-se no *Livro de Ezequiel* (1,28): "... como um arco-íris que está numa nuvem no dia da chuva, esta é uma visão de radiância ao redor - uma visão da semelhança da Glória de Deus" (cf. também: *Sira* 43,12-13; *Apoc.* 4,3; 10,1). O profeta compara a visão da glória divina com a imagem do arco-íris. "...As sete cores do arco-íris representam os sete Sefiroths, os sete atributos divinos ou as sete forças básicas que trabalham no mundo¹⁷⁰. O acontecimento do aparecimento do arco-íris foi precedido pela adição de Noé na elevação (bamot" hebraico) do altar (hebraico). "mizbeah" - "o lugar do abate", do verbo "testamentos" - "corte, abate"), onde ele fez o sacrifício. Acredita-se que aconteceu no lugar do antigo altar original de Adão (*Talmud*, "*Hulin*", 60a), depois - Abel e Caim, e o futuro altar de Abraão e o Templo de Jerusalém. O profeta Isaías dá a Jerusalém o nome Ariel (sinónimo do altar), simbolizando o significado redentor dos sofrimentos de Israel (*Isaías* 29:1-2,7). (*Ver Isaías* 29: 1-2, 7.) Mas o que é particularmente importante no contexto do nosso estudo é que no Tabernáculo o grande altar do holocausto era feito do tronco da acácia ("shittim"), e batido com latão (*Ex.* 27: 1-8), e também podia ser transportado pelas aduelas de latão que passavam pelas argolas dos lados do altar. (*Ex.* 27: 1-8.) Todos os acessórios do altar eram também feitos de latão - vasos, pás, taças, garfos, e ângulos. E o nome de cobre em hebraico é "nehoshet" e "nahash" em hebraico é "cobra". Durante o êxodo dos judeus do Egito, por ordem de Deus, Moisés colocou uma imagem de cobre da serpente num poste no meio do campo e aqueles que olhavam para ela foram curados das suas picadas e permaneceram vivos (*Números* 21:4-9). Em "*Hagadah*" é relatado que a serpente de cobre foi atirada ao ar por Moisés, mas a serpente estabeleceu-se miraculosamente no poste ("*Bamidbar*, o escravo", XIX, 12). Esta serpente foi mantida como um santuário, e chamaram-lhe Nehushtan ("pedaço de cobre"); os israelitas adoraram-na durante muito tempo, até que o piedoso Ezequiah a destruiu (*4 Samuel* 18:4). (*4 Reis* 18: 4.) Mais tarde a sua imagem foi utilizada pelos cristãos: "E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna". (*João* 3,14 e 15), mas no próximo Reino de Deus a serpente será libertada da maldição (*Isaías* 65,25) "e o bebé brincará sobre o buraco e a criança estenderá a mão sobre o ninho da serpente" (*Isaías* 11,8).

Neste contexto é necessário recordar também um eixo do mundo dos cajados Hermes (Mercúrio) e Asclepius (Eskulapa), torcidos por cobras, - kerikion, rhabdos, scepter (dr.-grech. κηρύκειον, κηρύκιον, ῥάβδος, σκῆπτρον) ou caduceus. No esoterismo é considerado o símbolo da chave que abre o limite entre as trevas e a luz, o bem e o mal, a vida e a morte. Portanto, como símbolo de superação de obstáculos utilizados pelos

¹⁷⁰ Haskielevich D.B. *Valor de um arco-íris no Novo Testamento* // <http://luther.ru/society/dialog/593-2009-09-12-10-22-50.html>.

embaixadores e comerciantes. Na Mesopotâmia, o deus Ninurta (Ningirsu) foi representado com duas serpentes envolvidas numa vara (na taça decorativa do rei Lagash Gudea, ca. 2100 a.C.). No Egito, a deusa Wadjet (Uto; Wadjet, Uto), o monte do ganha-pão da criança, a guardiã do Baixo Egito, foi representada como uma cobra vermelha (dr. -Egypt. dt), que se enrola em torno de um caule de papiro.



Na página 5 do "Códice Bourbon" está uma imagem da deusa asteca Chalchiuhtlicue. O fluxo de água que corre sob o seu trono, carregando as figuras de dois índios, simboliza a inundação que em tempos imemoriais atingiu a terra da América do Sul (dividindo os séculos IV e V do Sol). O "Código A do Vaticano" tem uma ilustração que mostra que a inundação mundial foi causada pelo planeta Vénus. No desenho asteca, a deusa deste planeta derrama águas azuis celestes sobre os índios que se refugiaram em algum tipo de santuário. À esquerda estão as pedras com uma cauda ardente (meteoritos), que caíram abundantemente no nosso planeta durante este terrível cataclismo. O Codex Zouche-Nuttall tem um desenho semelhante do Dilúvio Mundial, no qual a deusa de Vénus derrama águas celestiais de um cântaro sobre um índio com a máscara de uma águia.

A deusa construiu uma ponte que liga o céu e a terra, e aqueles que veneravam o Chalciut permitiram caminhar sobre ela, e outras pessoas transformaram-se em peixes. Chalciutlikue ("ela usa uma saia de jade"), Matlakue ("ela usa uma saia azul/verde"), na mitologia asteca era a deusa da beleza, paixão, mulheres em trabalho de parto, água doce, lagos, mares e rios, a mãe de Sentzon-Mimishkoa (as estrelas da parte norte do céu) e a deusa da lua Texistecatli Metzli. Foi retratada como uma jovem mulher sentada no meio da corrente de água, usando um toucado de fitas azuis e brancas, com dois grandes fios de cabelo ao longo das suas bochechas. Foi considerada a padroeira dos viajantes aquáticos (Acuecucyotichuati), associada a serpentes.

Foi também chamada a esposa de Ciutecutli (Xiuhtecuhtli "fogo turquesa"; também chamada Huehuetotl "deus velho"), a divindade mais velha do panteão asteca. Ele foi a encarnação da luz na escuridão, do calor no frio e da vida na morte. O deus da luz e do fogo, assim como o coração e os vulcões. Tinha plumagem nas costas, remanescente da cabeça de um dragão, feita de penas amarelas com conchas do mar. Tem sinos de cobre amarrados às suas pernas. Na sua mão esquerda segura um escudo com cinco pedras verdes chamadas Halchuits, que são colocadas como uma cruz sobre uma fina placa dourada cobrindo quase todo o escudo. Na sua mão direita tem uma espécie de ceptro, que era uma placa de ouro redonda com uma abertura no meio, e coroada com duas bolas, uma maior do que a outra. Ele também tinha o apelido de Tlalşiktenica ("sentado no cocó (xictli) da terra") e era um deus do tempo, e os governantes astecas, quando entronizados, eram considerados como a sua encarnação. Em honra do deus, realizou-se em Janeiro-Fevereiro uma festa de Ano Novo com danças sagradas por sacerdotes em torno da "casa de pedra" (izcalli) do deus. Mas as férias foram especialmente magnificamente celebradas no final de cada período de 52 anos. Esta foi a altura em que os calendários sagrados de 365 dias de sol e 260 dias terminaram no mesmo dia, e os astecas celebraram a Ligação dos Anos com a Nova Cerimónia do Fogo. Para realizar o ritual, os sacerdotes marcharam solenemente para o Monte das Estrelas na península perto de Calhuacan para esperar que a estrela Yohaltekuhtli subisse (ou Aldebaran na constelação de Taurus ou Pleiades como um todo). Ao montar isto, arrancaram o coração da vítima e acenderam uma chama num pequeno braseiro de madeira que foi colocado dentro de um buraco deixado no peito da vítima. Os sacerdotes utilizaram o método de perfuração para criar esta chama sagrada. Foi então transferido para varas de pinheiro para acender um fogo em cada lar, incluindo os sagrados assadores de chamas eternas, que contavam com mais de 600 na capital.

Mas o seu outro marido e irmão era o deus do trovão, do fogo e do sul do mundo, Tlaloc (os Maias chamavam-lhe Chuck / Chak). Viveu no topo de uma montanha num palácio (Tlalocan) acima do Golfo do México. No pátio da sua habitação, há quatro grandes cântaros em cada um dos quatro cantos. Contêm chuva, seca, doenças das plantas e aguaceiros. Assim, o Tlaloc foi por vezes representado como um jarro. Os astecas dançaram no Lago Texcoco e sacrificaram crianças por ele, afogando-as na água. Tlaloc podia enviar reumatismo, gota e água afogada (os astecas acreditavam que as pessoas que morriam destas doenças, bem como as que se afogavam, iriam para o paraíso de Tlaloc após a morte). Foi retratado antropomórfico, de cor negra, com círculos em forma de cobras à volta dos olhos. Nas suas mãos estava um cajado ou caule de milho com dentes, semelhante a uma cobra. Aparentemente, a serpente era o seu símbolo principal, porque o nome Tlaloc

significa literalmente "o caminho subterrâneo, uma longa caverna" (de Nahuatl tlalli "terra").

O filho de Tlaloc e Chalciutlike - Tecciztecatl (Deus da Lua Velha) foi retratado como um homem velho carregando uma grande concha do mar branco nas costas. Com o advento da Quinta Idade, lança-se no fogo sacrificial e transforma-se na Lua (Metzli).

Quanto ao whorlpool em si, está presente na cultura asteca como aneloloni - um dispositivo para misturar bebidas de chocolate (cacahuatl "espuma de água") sob a forma de um pau de madeira com três ramos no final, remanescente de um pé de ave, com o qual a "flor de cacau" - espuma (choco) - cresceu. Actualmente, o popular dispositivo centro-americano para misturar cacau (uma recordação preferida de muitos turistas) "molinillo" foi inventado por espanhóis que viviam no México colonial. Nos astecas, o cacau estava associado à terra e ao feminino (ao contrário do milho, que estava associado ao céu e ao masculino). Obviamente, o processo de combinar milho (milho) com grãos de cacau, esfregando-os, adicionando malagueta vermelha, injectando água e chicoteando-os cuidadosamente em espuma foi uma repetição ritual da criação do mundo pelos deuses astecas.

Segundo uma lenda maia, o cacau, uma árvore sempre verde, dando grandes vagens amarelas contendo 30 a 40 sementes do tamanho de um feijão grande, cada uma rodeada de carne branca doce, foi um presente dos deuses. No início, cresceu e deu frutos apenas nos jardins do paraíso, pois os deuses consideravam as pessoas indignas de comer o fruto desta planta. E assim, um dia, nasceu um homem que se previu ser um grande jardineiro. Sendo verdadeiramente dotado, o jardineiro criou um jardim que não tinha igual no mundo. Havia plantas de beleza indescritível que encantaram os deuses. Decidiram recompensar um homem pelo seu trabalho e deram-lhe um cacaeiro. O jardineiro ficou surpreendido com os frutos estranhamente grandes - eram amargos, mas revelaram-se uma bebida extraordinária com não só um aroma agradável, mas também um poder rico. O milagroso elixir rapidamente se tornou famoso e trouxe ao jardineiro não só mais fama, mas também uma enorme riqueza. Isto deixou o jardineiro muito orgulhoso, e ele equiparou-se aos deuses. Tal ousadia fez com que os deuses se irritassem e como castigo o jardineiro perdeu a cabeça. Ao tornar-se louco, destruiu tudo o que tinha criado com trabalho árduo. Mas o que é dado pelos deuses não pode ser destruído pelas mãos de um mortal. No jardim devastado, só resta uma árvore ileisa - o cacau. É preservado no nosso mundo, e ainda nos dá os seus frutos, a partir dos quais é feito o chocolate. Os astecas acreditavam que uma bebida feita de cacau dava não só força, mas também inteligência. Portanto, destinavam-se apenas a imperadores, guerreiros e aos escolhidos¹⁷¹. De acordo com outra lenda, o deus Quetzalcoatl viajou pela

¹⁷¹ *Jardineiro e Cacau* // <https://www.indiansworld.org/legcac.html>.

terra à luz do dia e levou uma árvore espantosa tirada dos jardins do paraíso. Ele deu esta árvore às pessoas e ensinou-as a processar, assar e moer feijões e a fazer uma bebida com o pó resultante, o que deu força e sabedoria. Era uma prática comum para os plantadores de cacau na Mesoamérica pré-colombiana jejuarem durante 13 dias antes de plantarem cacau. Foi apenas no décimo quarto dia que um homem em jejum pôde dormir com a(s) sua(s) esposa(s) e iniciar a plantação de cacau. No Madrid Hieroglyphic Manuscript (um dos três manuscritos hieroglíficos maias sobreviventes dos séculos XVI e XVII), encontra-se um manuscrito dos maias no Hieroglyphic Manuscript of Madrid. Descreve o rito de regar fruta de cacau aberta com sangue retirado de orelhas furadas. Nos mitos dos índios costarriquenhos, diz-se que o cacau é sangue humano para criaturas sobrenaturais. Os espíritos tratam os humanos como o fruto do cacau: uns cuidam deles enquanto outros se alimentam deles. O herói cultural Sibó cresceu comendo apenas cacau e foi capaz de iniciar uma guerra contra demónios e monstros e exterminá-los. No mês da Lua (no século XVI era 22 de Abril - 11 de Maio) foi realizado um rito em honra dos deuses, primeiro de tudo o deus do comércio e do cacau Eck Chuach, durante o qual um cão foi sacrificado com manchas na sua pele que se assemelhavam à forma e cor dos grãos de cacau.

Mas ainda mais! Acontece que os mesoamericanos têm um mito mais próximo do motivo de arar a água com uma cobra (e a origem dos presentes), mas misturado com outro motivo - a criação do mundo a partir do corpo desmembrado do primeiro antepassado (Purusha, Imir, Pangu).

Quetzalcoatl e Tetskatlipoka uma vez olharam do céu para baixo onde viviam e viram apenas água. A deusa gigante Cipactly nadou nessa água, devorando tudo à sua volta com as suas muitas bocas. Os dois deuses viram que tudo o que alguma vez tinham criado era comida por aquele monstro. Eles sabiam que tinham de o parar - transformaram-se em duas cobras gigantes e mergulharam na água. Um dos deuses agarrou a deusa pela mão enquanto o outro a envolvia à volta das pernas. Começaram a puxar a deusa cada um para o seu lado, e antes que ela resistisse, rasgaram-na. A sua cabeça e ombros tornaram-se terra e o seu corpo inferior tornou-se o céu. Outros deuses, quando viram o que Tetzkatlipoka e Quetzalcoatl tinham feito, zangaram-se com eles e decidiram que, como compensação pelo desmembramento, permitiriam que as partes do seu corpo servissem às pessoas como condições necessárias para a sua sobrevivência. Assim criaram árvores, erva e flores a partir do seu cabelo, grutas, fontes e poços a partir dos seus olhos, rios a partir da sua boca, colinas e vales a partir do seu nariz e montanhas a partir dos seus ombros. Mas a deusa permaneceu infeliz, e as pessoas podiam muitas vezes ouvi-la chorar à noite. Sabiam que ela estava a chorar por causa da sede de sangue humano, e que não daria comida do solo até ter saciado a sua sede. Por isso, foi-lhe dado um presente de corações

humanos. Assim, aquele que providencia a existência humana requer vidas humanas para a sua própria existência. Assim foi - assim será sempre¹⁷².

Segundo as lendas Maias-kiche registadas em "Popol-Vuh", a tranquilidade original e o silêncio das profundezas do mundo do oceano, que eram habitadas pelos antigos sábios deuses liderados pelo governante e vencedor Kukumatx (Yukatek Maya - Kukulcan, Aztecas e Toltecas - Quetzalcoatl; simultaneamente o deus do planeta Vénus) e Tēpiu (o Conquistador, o Poderoso), uma cobra de penas brilhantes com cabeça e corpo humano escondidos na concha do caracol, foi quebrado pelo "ídolo" descendente da tríade dos deuses celestes Thunder Lightning ("Coração do Céu"), antigos servos do deus do vento Hurakan ("uma perna"), "aquele que lança para baixo" (os astecas - Tescatlipoca - "espelho fumegante"). Ao mesmo tempo, este "ídolo" é a "palavra" "Coração do Céu". Tendo falado com ele, os deuses do mar e os deuses do céu concordam sobre a necessidade da criação da terra, da luz e, finalmente, do homem, chamado no futuro a alimentar os deuses. Na sua aparência - o principal significado e o principal propósito do plano de Deus. E finalmente, pela ordem geral da água e dos deuses celestes, a terra ergue-se do fundo do mar, e pelo poder da magia, montanhas, rios e riachos aparecem sobre ela, e as plantas criam raízes. As primeiras pessoas criadas por Hurakan - Balam-Kuitx (jaguar com um sorriso terno), Balam-Agab (jaguar da noite), Mahakutah (nome glorificado) e Iki Balam (jaguar da lua) - revelaram-se muito semelhantes aos próprios deuses, o que causou o desagrado do criador. Portanto, o concílio de deuses voltou a realizar-se, e decidiu que as pessoas deveriam tornar-se uma tribo menos perfeita. Ao desfocar os olhos das quatro criaturas para que só pudessem ver uma parte do reino terreno, Hurakan mergulhou-as num sonho. Depois disso, criou quatro mulheres para elas. Posteriormente, a raça humana veio dos sindicatos dos primeiros homens e destas mulheres¹⁷³.

O acima mencionado "ídolo / ídolo" como principal objecto de excitação das águas profundas está próximo da ideia da tribo Cayoese de que o seu povo apareceu neste mundo graças ao tronco maciço de uma grande árvore sagrada, e eles, viajando para sul do rio Wellowston, encontraram algures no seu caminho um fetiche invulgar, que é um boneco - Tai-Me¹⁷⁴.

¹⁷² *Nascimento na terra* // <https://www.indiansworld.org/legazsip.html>

¹⁷³ *Popol-Vuh. Genealogia de Lord Totonicapan / Per. com kiche. Izd. podgot. RV Knozhalov ; otv. ed. Yu. - M. - L. : Publicado na Academia de Ciências da URSS, 1959. -- c. 10-11, 196, 197-199; El Popol Vuh o Pop Wuj. Primera Parte : Capitulo 1 // <http://www.maya-aztec.com/2010/06/11/el-popol-vuh-o-pop-wuj-primera-parte-capitulo-1/>.*

¹⁷⁴ *Argüelles X. Xamanismo dos Índios Americanos (Turcos) / Per. do Inglês // <http://www.mesoecrasia.org/archives/16050>.*

Com o motivo de atirar um objecto pesado para a água, associado ao aparecimento de doenças e morte / cura e imortalidade, e a serpente como participante nos eventos pode ser correlacionada com um grupo de mitos, "... ligando o noroeste da América do Norte e as regiões da América do Sul situadas a leste dos Andes, ... pertencendo provavelmente ainda à herança africana. Este é um dos motivos que explica porque é que as pessoas não vivem para sempre. Estão mortos porque se assemelham a uma pedra afogada e perdem a oportunidade de se assemelharem a orgânicos que ressurgem na água... Na América do Norte, este motivo encontra-se não só na Costa Noroeste e no Subártico ocidental, mas mais a sul, até ao Sudoeste. No entanto, deve ter sido transferido para o sul durante a migração dos atapas do norte há cerca de 500 anos, e anteriormente estava limitado ao noroeste da América do Norte.

Tagish (Atapaska Yukon). Uma raposa atira um talo seco de ruibarbo para a água para que as pessoas não morram. O urso atira uma pedra, a pedra afunda, por isso as pessoas são mortais.

Kayova Apache (Oklahoma atapaches). Um coiota atira um núcleo de árvore para a água. Surge, portanto, a vida será eterna. Um corvo atira uma pedra, ele afunda-se, a morte é definitiva.

Ramkokamecra (família, terras altas do Brasil). O sol quer que os mortos renasçam como uma árvore pop-up. Um mês decide que eles vão morrer como uma pedra que vai para o fundo.

Chamacoco (Paraguai). O mês propõe tornar as pessoas mortais para que a terra não se encha em demasia. O sol atira frutos para a terra. O mês diz que não é bom: o fruto deixará as sementes, a vida voltará. Depois o sol atira uma pedra, cai num lago e afunda-se, de modo que as pessoas são mortais.

Concluamos com exemplos de motivos específicos para o Leste da América do Sul que revelam paralelos em diferentes partes da América do Norte. O primeiro, apresentado na costa ocidental do Pacífico, pode ser definido da seguinte forma: uma pessoa que tenha comido carne ou peixe invulgar ou proibido transforma-se num réptil ou num peixe.

Ngaju (Sul de Kalimantan, Indonésia). As pessoas começam a queimar e a cortar uma árvore que bloqueou o seu caminho. As cobras fogem do tronco, uma cai no fogo. Atraído pelo cheiro apetitoso, um homem come-a. À noite, transforma-se gradualmente numa enorme cobra de água. Rastejando para a água, a serpente diz-lhe para sacrificar arroz e promete ajudar em qualquer problema.

Caddo, Arkansas. Um dos dois caçadores mata uma cobra grande, cozinha e come a sua carne. De manhã, transforma-se numa cobra e pede a um amigo para o levar para o buraco no monte. Quando as pessoas vão à caça, devem deixar-lhe presentes, então ele irá ajudá-las.

Canelo (Quechua do Equador Oriental). Dois irmãos encontram uma serpente no oco e queimam uma árvore. Os mais novos, tendo comido carne de cobra cozida, começaram a sofrer de sede, beberam muito e rebentaram. A inundação começou. O irmão mais velho subiu à árvore e começou a atirar sementes para baixo para ver se a água era profunda. O irmão mais novo transformou-se numa cobra, engoliu o irmão mais velho, mas ele esfaqueou-o no coração e saiu.

Outro motivo é que a personagem usa o osso afiado da sua própria perna como instrumento de apunhalamento. Por este motivo, popular tanto na América do Sul como na América do Norte, no Velho Mundo, não foi possível encontrar analogias. Apenas uma história africana gravada pelo Nzakara da República Centro-Africana menciona um jogo de matar rapazes com a sua perna afiada.

Corvo (Sioux das Grandes Planícies). Dois jovens regressam de uma caminhada e passam a noite numa cabana. Um deles corta, ferve e come carne da sua própria perna, afiando-lhe a canela. Depois persegue o seu camarada. Ele sobe a uma árvore, depois a outra. O perseguidor quebra todas as árvores uma a uma. Os pardais aconselham o jovem a subir a uma árvore com madeira dura. O osso fica preso no tronco, e o monstro com a perna pontiaguda morre.

Kraho (família, terras altas do Brasil). Um homem vai caçar com o marido da sua irmã. À noite, vê o seu companheiro queimar o pé na estaca e afiar o osso com a borda do lavatório. O homem corre para casa. Um monstro com um pé afiado permanece na floresta e mata os caçadores que lá se encontram. As pessoas fazem uma boneca a partir de uma casca grossa, na qual o monstro apunhala o pé. Fica preso, eles matam-no"¹⁷⁵.

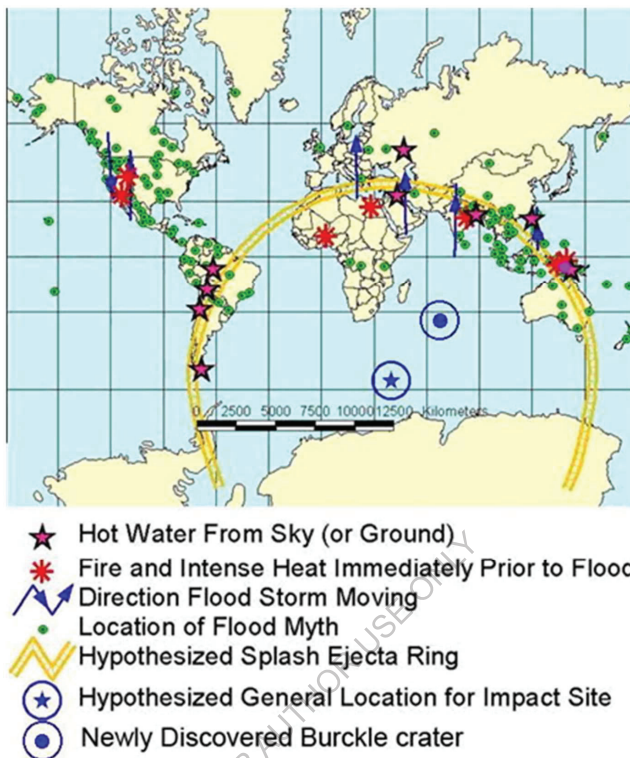
Se procurar razões geofísicas para o mito de arar o oceano, vale a pena prestar atenção à hipótese de um especialista do Laboratório Nacional de Los Alamos dos Estados Unidos Bruce Masse, que em 2004 falou na conferência internacional "O perigo do cometa e do asteroide e o futuro da humanidade" com um relatório invulgar. Ele analisou 175 lendas e mitos de diferentes nacionalidades de 40 países, descrevendo uma catástrofe natural global que resultou na morte de quase todos ou de uma parte significativa dos membros deste grupo cultural. A catástrofe começou com uma severa tempestade atmosférica, precedida em muitos lugares por tremores sísmicos e incêndios, continuou com muitos dias de chuva forte e terminou em inundações, que destruíram a maior parte da população mundial na altura. Uma análise detalhada de textos, lendas e contos antigos e as suas referências a

¹⁷⁵ *Vasilyev SA, Berezkin Yu, Kozintsev A... G. Sibéria e os primeiros americanos. / 2ª ed. - São Petersburgo: Faculdade de Filologia, Universidade Estadual de São Petersburgo, 2011. - - C. 101-103.*

fenómenos meteorológicos e geofísicos, a sua sequência temporal e distribuição geográfica permitiram a B. Massa não só propor uma hipótese sobre a natureza cosmogénica desta catástrofe causada pela queda de um cometa gigante (vários quilómetros de diâmetro) no oceano, mas também indicar um local aproximado da queda. Esta é a parte sudoeste do Oceano Índico perto de Madagáscar. Indicações míticas para a época do ano (Primavera no hemisfério norte) e fenómenos astronómicos anteriores (a cauda do cometa, a ligação de cinco planetas, um eclipse lunar parcial) sugeriram também uma data possível para este evento: Maio-Junho de 2807 a.C. Isto coincide com a festa de Shabat Ashtoret (sábado de Astarte), celebrada no dia 2 de Junho, como sinal da descida da deusa do céu como um meteorito ardente!

A explosão maciça equivalente a TNT de cerca de duzentos gigatoneladas que se seguiu à queda destruiu as rochas subjacentes da crosta terrestre, libertando milhares de milhões de toneladas de rocha para a atmosfera, que em dezenas de minutos começou a assentar na Terra como gotículas de derretimento, causando incêndios generalizados. A explosão também desencadeou um tsunami. Cerca de uma hora e meia após a queda do corpo cósmico, ondas de 90 metros chegaram a Madagáscar. Cinco horas mais tarde, o tsunami cobriu as costas da América do Sul, Austrália e Índia. Mas o pior acontece a seguir: à medida que uma poderosa explosão se evaporou e libertou enormes quantidades de água do mar para a atmosfera, num dia começaram a cair na Terra sob a forma de chuva contínua, que transformou as partes costeiras e as terras baixas de todos os continentes em lagos sólidos com picos salientes de montanhas e colinas altas¹⁷⁶.

¹⁷⁶ (Repin A.) "Plato's Key" : Search South Atlantis // <http://roipa.org/report.htm>.



FLOOD COMET ca. 2807 B.C.

Segundo a hipótese, esta catástrofe causada pela queda do cometa destruiu uma civilização consideravelmente desenvolvida na altura, localizada algures no Oceano Índico e dispersou a rede dos seus postos avançados portuários no oikoumene (então na mitologia dos povos locais representados como monstros a sair do mar - o Dragão, Tiamat, Hydra, Lun, etc.) e cujos nativos, fugindo, trouxeram para as terras circundantes (Egipto, Suméria, Índia, China, Japão) as suas conquistas culturais, que foram retratadas ou como uma saída do oceano dos deuses-professores, ou como o aparecimento do oceano de coisas muito importantes para a cultura (com os seus deuses-criadores/guardiões).

Parte II.

CIVILIZAÇÕES DA ANTÁRCTIDA

Capítulo 5. As pegadas do deus Virakochi

Outro paralelo ao mito de lavar o oceano, a emergência de coisas mágicas e a saída do deus curandeiro Dhanvantaris com amrita é o mito dos Incas do Peru sobre o deus Viracocha ("espuma do mar"¹⁷⁷; Kontixi Viracocha; Tunupa), um conhecedor da cura, da construção de muros e estradas e feitiçarias, o dono de armas terríveis sob a forma de "fogo celestial", o organizador da ordem de mergulhado no caos do mundo.

É particularmente interessante que o nome ritual completo do deus Viracochi Illatici Huira Cocha possa ser traduzido como "The Magnificent (Shining) Foundation and the Abyss - the Storehouse of All Things" (de acordo com o historiador jesuíta Fernando de Montesinos (1593-1655), que tem repetidamente e caçadoramente referido como "Amautas" - "sábios indianos", "antigos poemas indianos" - bem como escritores coloniais muito conhecidos e muito completos, como Polo de Ondegardo e Juan de Betansos¹⁷⁸ - como suas fontes de informação). Viracocha mata quase todas as pessoas que vivem à volta do Lago Titicaca com uma enorme inundação chamada Unu Pachacuchi ("mudança de águas de eras"). Permite apenas a sobrevivência de duas pessoas que estão destinadas a trazer a civilização para o mundo. De acordo com outra lenda, Viracocha criou as primeiras oito pessoas civilizadas.

Viracocha juntamente com a sua esposa Mama Kocho (mãe marinheira) deram à luz o filho Inti (sol) e a filha Mama Kilya (lua). Os seus filhos, Manco Capac e Mama Oclio, que saíram da gruta subterrânea, fundaram a capital, Cuzco ("umbigo da terra"). Fernando de Montesinos, em particular, declarou: "Amautha diz que no segundo ano do reinado de Manco Capac, o quarto Sol da Criação chegou ao fim, pouco menos de quatro mil anos de idade, e 2.900 anos após a inundação geral"¹⁷⁹).

¹⁷⁷ Hancock G. *Traços dos Deuses*. - M.: Veche, 1998. - Parte II, Capítulo 5 // http://samlib.ru/g/gomonow_s_j/zzzzhankok.shtml ; Hancock Graham. *Impressões digitais dos Deuses*. - Nova Iorque : Three Rivers Press, 1995. - - P. 51.

¹⁷⁸ Montesinos F. de. *Antigas memórias históricas e políticas do Peru* : Las Memorias Antiguas historiales y rolntísas de Rígue / Per. sop. Talah ; Com. A. Skromnitsky. - - K., 2006-2009. Livro II. Capítulo XI // <http://bloknot.info/fernando-montesinos-memorias-antiguas-historiales-y-politicas-del-peru-al-ruso/>.

¹⁷⁹ Montesinos F. de. *Antigas memórias históricas e políticas do Peru* : Las Memorias Antiguas historiales y rolntísas de Rígue / Per. sop. Talah ; Com. A. Skromnitsky. - - K., 2006-2009. Livro II. Capítulo XI // <http://bloknot.info/fernando-montesinos-memorias-antiguas-historiales-y-politicas-del-peru-al-ruso/2/>.

Aqui, em Cuzco, Manco Kapak e a sua esposa construíram o templo de Viracoche - Koricancha e havia uma imagem de Deus. Segundo relatos de espanhóis que o viram, a estátua de mármore da divindade com barba, cabelo, construção, traços faciais, roupas e sandálias assemelhavam-se a São Bartolomeu ou São Tomé, tal como eram retratados por artistas europeus da época: homens magros de pele clara com barba, idosos, vestidos com sandálias e vestidos com longas capas fluidas. Os próprios Incas, barbudos e espanhóis de pele clara, foram confundidos com os companheiros do deus Viracotí, o que assegurou que F. Pizarro conquistasse com sucesso o seu império¹⁸⁰. Em 1932, quando o arqueólogo Bennett fez escavações e Tiahuanako, deparou-se com uma estátua de pedra vermelha representando o deus Contixi Viracoche num longo manto, com uma barba. O seu capuz foi decorado com serpentes com chifres e dois pumas. Na costa peruana, Viracoche foi imortalizada em cerâmica e desenhos, uma vez que não havia pedra para as estatuetas. Os autores destes desenhos são as tribos Chimú e Pea.

Até hoje, os quechua do Peru e da Bolívia realizam um ritual especial de carnaval dedicado ao "Amanhecer da Neve" (Qoyllur Rit'i), que é mantido nos esporões de gelo dos Andes pelos poderosos super-humanos que ali vivem - Apus. Na montanha sagrada Ausangata (6384 m) em Junho, quando a constelação Pleíades aparece no céu, dão aos peregrinos, cujo número aos santuários no sopé da montanha no vale do Sinakara chega por vezes a mais de 50 mil) "gelo mágico", contribuindo para a sorte e cura de doenças (e se derreter e irrigar o campo com esta água, a terra será generosa para os camponeses). Em resposta ao presente do Apu Quechua, são trazidos chapéus de malha, ponchos e cobertores, assim como cartas que são depois queimadas no altar. Depois as mais corajosas, mascaradas e vestidas de "ukuku" ("meias-mulheres, meias-urso"), numa dança contínua, sobem ao glaciar Kolkepunku ("Silver Gate"). As ligaduras "Ukuku", os blocos de gelo com tiras de couro e, tendo-os empilhado de costas, voltam para trás do glaciar. Após uma descida perigosa, alguns blocos de gelo são deixados no santuário - "uaka" (a uma altitude de 4800 m), e o resto dos blocos de gelo são esmagados e santificados com eles derretem a água recolhida nos recipientes. Aqueles que trazem "gelo mágico" para a sua aldeia natal tornam-se anciãos. Cada índio peruano faz uma peregrinação à "Estrela de Neve" mais cedo ou mais tarde. Caso contrário, ele já não é um índio Kechua. Os próprios Apu são pastores de montanha "Huayno", ajudando-os, e estão em guerra com "condenados" - "mortos-vivos", vagueando nas montanhas. Os peregrinos chegados "ukuku" nesta luta, são ajudados - afastados por ataques de chicotadas, infligindo-os uns aos outros - e assim a encosta nevada floresce com padrões vermelhos de sangue derramado. Aqueles que morrem nesta procissão devido a espancamentos, greves de neve gelada,

¹⁸⁰ Hancock G. *Traços dos Deuses*. - M.: Veche, 1998. - Parte II, Capítulo 5 // http://samlib.ru/g/gomonow_s_j/zzzzhankok.shtml.

queimaduras de gelo, queimaduras de gelo, coração ou quebras de pulmões são considerados mortos na glória dos justos. A Api é descrita como "pessoas loiras": às vezes "rapazes", às vezes "anciãos de barba longa" machu, com os olhos a arder como brasas¹⁸¹.

Em 1681, o jesuíta Fry Lucero gravou uma história que veio dos índios de que havia "uma cidade onde vivem os brancos, uma nação chamada curveros" num lugar chamado Yurachuasi - "Aldeia Branca". Ainda antes, em 1559, os membros da expedição hispano-peruana de Pedro de Ursua falavam dos brancos e das mulheres guerreiras, que se chamavam Amazonas. O cronista espanhol Sieza de León também escreveu em 1553 que, segundo lendas indianas na ilha sagrada do Lago Tiahuanaku "...vivia um povo, branco como nós, e um líder local chamado Kari com os seus homens veio a esta ilha e fez guerra contra este povo e matou muitos ...". Num capítulo especial da sua crónica sobre os edifícios antigos de Tiahuanaku, Ciez de León diz o seguinte: "... Perguntei aos locais se estes edifícios tinham sido construídos na época inca. Eles riram-se da minha pergunta e disseram que sabiam com certeza que tudo isto tinha sido feito muito antes dos Incas. Eles viram homens barbudos no Lago Titicaca. Eram homens de mente fina que vinham de um país desconhecido, e eram poucos, e muitos deles foram mortos em guerras...". Quando o francês Baudelot 350 anos depois começou as escavações nestes locais, as lendas ainda estavam vivas e foi-lhe dito que a ilha nos tempos antigos era habitada por pessoas semelhantes aos europeus, casaram com mulheres locais, e os seus filhos tornaram-se Incas ... Em 1925, arqueólogos descobriram duas grandes necrópoles na península de Paracas, no sul da costa central do Peru. O local do enterro continha centenas de múmias de antigos dignitários. A análise radiocarbónica determinou a sua idade de 2200 anos. Junto às sepulturas, os investigadores encontraram em grandes quantidades de detritos de árvores de madeira dura, que eram normalmente utilizadas para construir jangadas. Quando as múmias foram abertas, verificou-se que elas eram surpreendentemente diferentes do principal tipo físico da antiga população peruana. M. Trotter analisou o cabelo de nove múmias. De acordo com os seus dados, a sua cor é geralmente castanho-avermelhado, mas em alguns casos as amostras deram uma cor de cabelo muito clara, quase dourada. O cabelo das duas múmias era diferente do resto das múmias.

¹⁸¹ S. Whistunov. *Crianças de "Snow Star" // Em todo o mundo.* - - 1996. - - № 11. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1389/>; Lligonya P. *Festival de Qoyllur Rity : una de nuestras experiencias humanas mbs fuertes...* // <https://tourdumondeen366jours.wordpress.com/2011/06/27/festival-de-qoyllur-rity-una-de-nuestras-experiencias-humanas-mas-fuertes.../>; Neviza TV Turismj: *Qoyllur Rity Spot 2017* // <https://www.youtube.com/watch?v=h4SVALCNSzM>; Paz W. *Documental Qoylluritt'I : Peregrinação Andina* // <https://www.youtube.com/watch?v=Ltc0D15i7kl>

Muitas lendas concordam que Viracoca navegou em canaviais até às margens do Lago Titicaca e criou a cidade megalítica de Tiahuanaku. Daqui ele enviou embaixadores barbudos a todas as partes do Peru para ensinar as pessoas e dizer que era o seu criador. Mas no final, insatisfeito com o comportamento dos habitantes, decidiu deixar as suas terras. Ao longo do vasto Império Inca, até à chegada dos espanhóis, os índios chamaram unanimemente a forma como Viracoche e os seus associados partiram. Desceram para a costa do Pacífico e navegaram para oeste com o sol.

E sim, é sabido que as civilizações Maia e Inca devem as suas vidas aos misteriosos rangers culturais Viracoche e Quetzalcoatl, que vieram do estrangeiro. As pirâmides mais antigas do Caral, cerca de 3000 anos a.C., estão situadas na costa peruana. Aqui foram as primeiras cidades que estranhamente emergiram sem um período de desenvolvimento cerâmico. Numa das pirâmides do Caral foi encontrada a primeira pilha, uma carta nodal dos futuros incas. Na costa de Paracas, o gigante Tridente ainda se destaca, aparentemente um marco para os antigos marinheiros transoceânicos...

Nas lendas dos índios Cayapo que vivem no norte do Brasil (Estado do Mato Grosso), diz-se que uma vez apareceu uma criatura misteriosa no povoado de Cayapos. Os índios chamam-lhe Bep Cororotti. O estrangeiro estava vestido de "bo", um fato que o cobria da cabeça aos pés. Nas suas mãos, segurava um "polícia" - "arma do trovão". Para mostrar o seu poder às pessoas, apontou-o a uma árvore, e ela transformou-se em cinzas, apontou-a a uma pedra, e ela desmoronou-se. Bep Cororotti revelou-se "gentil" e permaneceu na aldeia e lá passou muitos anos. Ensinou aos aldeões como contar, mostrou-lhes como curar feridas, melhorou as técnicas de caça e trouxe muitas mudanças à vida da tribo. No entanto, enquanto caçava com todos, nunca "comia comida de caiaque". Passado algum tempo, Bep Kororoti casou com uma jovem rapariga da tribo e em breve o casal teve filhos. A lenda diz que os novos kayapos eram "diferentes" e muito mais inteligentes do que o resto da população. Bep Kororoti certificou-se de que o conhecimento que transmitia à tribo não se perdia. Para o fazer, "reuniu alguns jovens homens e mulheres e ensinou-lhes todo o tipo de sabedoria. Um dia "o mensageiro do céu foi a uma montanha alta para subir dela para o céu". Quase toda a tribo o seguiu para guiar o seu benfeitor. Bep Cororothy subiu a montanha, onde "uma nuvem desceu sobre ele, trovões soaram, relâmpagos piscaram", poeira e fumo envolveram todos os presentes. "Numa nuvem ardente" e Bep Cororothy desapareceu nas alturas celestiais... Até agora, os índios Kayapos têm o costume de celebrar o "deus Bep Cororothy". Os índios tecem vestes rituais feitas de folhas de palma, que simbolizam a imagem da divindade, o seu traje "bo". Os Cayapos vestem-se neles e executam várias danças rituais. Os dançarinos seguram paus de palma nas mãos, o que designa a misteriosa arma "polícia".

As lendas da tribo brasileira dos índios Tupanimba (Tupanimba; grupo linguístico Guaraní) referem-se ao poderoso deus Monana, que criou o universo e o homem. De acordo com as lendas desta tribo, o deus Monan viveu naqueles tempos distantes entre pessoas que o veneravam. Mas depois as pessoas começaram a "viver para além dos pactos de Monan" e a negligenciá-lo. O furioso Monan foi para o céu "numa grande nuvem cintilante de fogo" e de lá decidiu castigar as pessoas pelos seus pecados e transgressões. Ele enviou "fogo celestial" à terra, que destruiu todos os homens. Apenas um homem foi poupado por Monan. O seu nome era Irene-Maget, e foi perdoado pela sua "grande adoração" à divindade. Depois do incêndio ter parado de se incendiar, Irin-Mage tomou uma das filhas de Monan como sua esposa e desceu à terra para continuar a raça humana. A sua terra natal ficava no sopé dos Andes bolivianos. A partir daí deslocaram-se para oeste, colonizando quase toda a costa atlântica brasileira antes da chegada dos europeus, incluindo as áreas onde as cidades do Rio de Janeiro e Salvador (Bahia) estão agora localizadas. Os Tupi Guaraní, sendo agricultores sedentários (ao contrário de outras tribos itinerantes na floresta amazônica, as suas aldeias pareciam proto-históricas), no entanto, eram militantes, varrendo para longe aqueles que tentavam impedir o seu avanço. Mesmo os Incas mal refletiam a sua investida: para o fazer tiveram de erguer todo um sistema de fortalezas e muitos quilómetros de muros - defensivos no extremo oriental do seu estado. Dos Andes ao Atlântico, o Tupus Guaraní preservou invariavelmente o antigo costume de comer os cativos, que eram considerados os primeiros antepassados encarnados castigados pelo deus Monan. Estima-se, por exemplo, que no Leste da Bolívia, membros de uma das tribos Guaraní no século XVI capturaram e sacrificaram cerca de 60 mil Arawaks Chane. Para além do canibalismo ritual, a cultura das tribos era também irracional. A crença no mítico "País sem maldade", cujos habitantes são sempre felizes e imortais, era generalizada entre estes índios. De vez em quando, este ou aquele xamã declarou-se profeta que conhecia o caminho para a terra prometida. Os seus tribos, tendo abandonado as suas aldeias e a maioria das suas propriedades, seguiram-no, por vezes ultrapassando centenas e milhares de quilómetros, as selvas desoladas da Amazônia e das cordilheiras andinas. Por exemplo, em 1539, durante uma viagem de nove anos, o destino final era Chachapoyas no norte do Peru. Estas realocações tiveram lugar perante os olhos dos europeus no século XVI. Mas há razões para acreditar que já o foram antes¹⁸².

No Outono de 2015. Os meios de comunicação social relataram que, com a ajuda do serviço Google Earth, os cientistas conseguiram encontrar vestígios da civilização antiga, que pode ser o lendário Eldorado!

¹⁸² Berezkin, Yu.E. *Tupinamba // Mundo Índio*. - <http://www.indiansworld.org/tupinamba.html#.Vhk4ryt3uHs>

De acordo com investigadores, na bacia amazónica superior, na fronteira do Brasil com a Bolívia, encontraram mais de 200 estruturas maciças de terra. Nas fotografias de satélite parecem "recortadas" no solo figuras geométricas de grandes dimensões, mas os cientistas acreditam que estes são os restos de estradas, pontes, valas, ruas e praças. Os autores do trabalho científico salientam que cerca de 60 mil pessoas poderiam viver no coração da civilização antiga, num espaço de 155 milhas de comprimento. A datação aproximada das estruturas ainda varia entre o século III a.C. e o século XIII d.C.

Em Fevereiro de 2017, os meios de comunicação social do mundo voaram as notícias na selva amazónica e encontraram misteriosas estruturas terrestres semelhantes ao Stonehenge britânico. Especialistas argumentam que as estruturas têm semelhanças com os geoglifos do complexo britânico - círculos e quadrados de cerca de 300 metros no solo. Os objectos foram descobertos com a ajuda de zangões, que exploraram as terras baixas da Amazónia após a desflorestação. Os investigadores argumentam que os antigos habitantes da América do Sul queimaram ou cortaram as florestas, e depois, no seu lugar, formaram um padrão geométrico terrestre. Os cientistas salientaram que a idade das descobertas é de 1,4-2,3 mil anos atrás, enquanto que os geoglifos de Stonehenge apareceram há cerca de 2,5 mil anos a.C., o que, segundo os arqueólogos, delinea o atraso cultural e histórico entre um mundo e outro. Até agora, os cientistas concordam que os geoglifos brasileiros apareceram esporadicamente e provavelmente desempenharam funções rituais.

Na edição de 19 de Setembro de 2003 da revista Science, arqueólogos da Universidade da Flórida e os seus colegas relataram ter descoberto os restos de um sistema rodoviário pré-colombiano que liga grandes povoações no centro do Brasil, perto do alto do rio Hingu, o afluente sul da Amazónia. Havia estradas largas, estradas com calçadas, praças e parques bem conservados. Os aborígenes da Amazónia não construíram pirâmides, provavelmente devido à escassez de pedra. Mas os espanhóis que os viram pela primeira vez ficaram impressionados com o número de pessoas saudáveis e com a abundância de alimentos em cada aldeia amazónica. Antes da chegada dos europeus, os índios tinham aprendido a cultivar pelo menos 83 espécies de plantas, incluindo batata doce, cacau, tabaco e ananás. Três a cinco mil espécies vegetais não se tornaram cultivadas, mas foram activamente utilizadas pelo homem. A flora de muitas das florestas aparentemente naturais da Amazónia mostra na realidade sinais de domesticação. Num outro estudo, arqueólogos britânicos descobriram que a parte sul da Bacia Amazónica, que se pensava ter sido desabitada antes da chegada de Cristóvão Colombo, era o lar de um milhão de pessoas. A descoberta foi feita por uma equipa de arqueólogos da Universidade de Exeter que utilizaram imagens de satélite para fazer o levantamento da bacia

superior do rio Tapayosa no Brasil. Os especialistas conseguiram descobrir pelo menos 81 novos sítios arqueológicos. Em particular, a equipa encontrou provas de numerosas aldeias fortificadas datadas de 1250 a 1500 DC. Além disso, os cientistas encontraram cerâmicas, eixos de pedra polida, vestígios de solo fertilizado e lixeiras domésticas. "Há uma concepção errada comum de que a Amazónia é uma paisagem prístina com comunidades nómadas dispersas. Não é. Descobrimos que algumas populações longe dos grandes rios são muito maiores do que se pensava anteriormente, e estas pessoas influenciaram o ambiente, e ainda hoje podemos encontrar as suas pegadas", disse o arqueólogo Jonas Gregorio de Souza. No total, existiam cerca de 1.300 povoados indianos tão antigos no sul da Amazónia. Foram distribuídos por uma área de cerca de 400.000 quilómetros quadrados. Estima-se que a população total destes povoados possa variar entre 500 mil a 1 milhão de pessoas. A análise dos resíduos de pólen e carvão vegetal, depósitos de lagos e estalagmites mostrou como era o clima na Amazónia de 700 a 1300, mostrando que a mudança do clima levou à morte de comunidades que eram intensivamente agrícolas e tinham uma forte estrutura de classe. Aqueles que viviam sem hierarquia política, cultivavam culturas mais diversificadas e cuidavam mais da terra eram capazes de se adaptar. Os conflitos entre as comunidades e a migração também contribuíram para a queda da civilização amazónica. Mas alguns grupos sobreviveram porque trabalharam com o seu ambiente natural, não contra ele. Para aqueles que estavam intensamente empenhados na agricultura, era mais difícil de lidar. Por exemplo, a tribo Marahoara vivia em grandes montes, cada um dos quais podia albergar cerca de 2.000 pessoas. Estas tribos entraram em colapso depois de 1200. Pensava-se que isto tinha acontecido devido à chegada dos nómadas, mas a investigação mostra que a diminuição da precipitação também desempenhou um papel. As comunidades utilizavam carrinhos de mão para controlar a água, tornando-os susceptíveis a secas prolongadas.

Mas há também provas de assentamentos de cidadelas mais antigas na região amazónica.

Cidades César no Brasil

Em Dezembro de 2019, os meios de comunicação social mundiais voaram as notícias: arqueólogos brasileiros aprofundaram-se na Amazónia e encontraram artefactos de culturas desconhecidas. Em particular, foi descoberta uma cidade inteira, que se acredita ser a famosa "cidade Z", que procurava um famoso explorador Percy Fosse - uma misteriosa, possivelmente habitada no território de Mato Grosso, apenas supostamente idêntica à cidade dos lagostim em 1753. A origem do "Z" permanece desconhecida; lendas esotéricas desde o tempo de P. Fossett até hoje ligam esta cidade mítica à teoria de Paula Terra. A própria cidade encontrava-se nas profundezas da selva, onde recentemente existiam tribos hostis. No entanto, deixaram os seus lugares há alguns anos e os investigadores

puderam lá passar. A arquitectura da cidade não se assemelha às cidades maias ou astecas, mas tem estranhas semelhanças com a arquitectura dos povos mais setentrionais. A investigação sobre a cidade proposta de Z ainda está em curso. A população da cidade poderia ser de 50 a 100 mil pessoas¹⁸³. Os apoiantes do chamado "Hitlerismo esotérico" M. Serano e Savitri Devi acreditam que esta é a chamada "Cidade dos Césares", fundada por imigrantes de Roma para preservar os tesouros desta civilização europeia dos bárbaros que a destruíram.

Isto não deve ser uma surpresa, embora em termos convencionais, a bacia amazónica pareça ser uma floresta tropical intransitável. Mas quando o homem começou a desenvolver esta área, era bastante diferente da moderna: "... os períodos de glaciação eram acompanhados nos trópicos pela secagem do clima. Os primeiros migrantes encontraram florestas muito mais pequenas na América Central e do Sul do que actualmente. A savana prevaleceu. Devido aos níveis mais baixos do oceano do que agora, os rios estavam a lavar canais mais profundos, especialmente nas zonas mais baixas. Fluíam mais depressa mas eram muito mais baixos do que são agora. Tudo isto tornou o interior da América do Sul mais transitável para o homem do que na era geológica moderna... As vastas áreas do planalto boliviano entre 15.400 e 11.500 anos atrás foram ocupadas por um lago. Agora resta o Lago Popo e enormes pântanos salgados. As áreas pouco profundas da plataforma continental, em particular uma grande parte do Golfo do México e do Mar das Caraíbas adjacente à Península de Yucatan e aos estados de Tabasco e Veracruz, eram terras. As pequenas Bahamas foram agora substituídas por várias grandes ilhas. Extensas massas de terra, agora submersas no Oceano Atlântico, estendidas ao longo das costas do Brasil, Uruguai e Argentina. Durante o pico glacial, as Ilhas Malvinas estavam ligadas à Patagónia, embora quando a raça humana apareceu na América do Sul, o estreito entre elas já tivesse aparecido. Mas o Estreito de Magalhães, que separa a Terra do Fogo da Patagónia, apareceu mais tarde e não foi um obstáculo ao avanço dos índios de Palaeo. As áreas adjacentes ao Oceano Pacífico não eram tão vastas durante a era glacial. No Peru, por exemplo, a linha costeira estava no máximo a 25 e pelo menos 5 km a oeste da actual... A cultura dos habitantes mais antigos da América Central e do Sul é conhecida quase exclusivamente pelas suas ferramentas de pedra e muito raramente pelas suas ferramentas ósseas... a diversidade cultural na América do Sul foi mais elevada do que na América do Norte durante vários milénios após o aparecimento dos primeiros humanos. Alguns complexos diferem tanto que é impossível supor que vieram de uma única fonte comum... No Brasil oriental e central, as primeiras provas da aparência humana remontam ao mesmo tempo que no extremo sul do continente sul-americano. A maioria das datas de

¹⁸³ Arqueólogos encontraram a cidade da civilização desconhecida // [https://www. facenews. ua/news/2019/467507/](https://www.facenews.ua/news/2019/467507/)

radiocarbono para as camadas mais baixas das primeiras bancadas são de 13.000 a 10.000 anos atrás ... No nordeste do Brasil, há pinturas rupestres do estilo Nordeste. Este estilo é muito espectacular, é caracterizado por cenas complexas, imagens de pessoas e árvores... Podemos ainda assumir que as pinturas nordeste criadas quer pelas pessoas Itaparica (cultura arqueológica - O.G.), quer por aqueles que viveram no Brasil imediatamente a seguir a elas, quando a savana começou a dar lugar à floresta tropical"¹⁸⁴.

A famosa lenda da terra acarinhada de El Dorado (El Dorado - "dourado") está associada ao herói cultural Bochik ("tecelão alienígena") da civilização dos Chibcha Muisca ("muisca" - "povo"; a família linguística Chibcha, abrangendo a Colômbia, Panamá, Costa Rica e Honduras), que viveu no planalto da Cordilheira Oriental na Colômbia moderna (Bogotá era a capital de um dos seus reinos). Muisques aos deuses sacrificavam figuras de amuletos semelhantes a animais (tunjos, chunso) feitos de ouro, pó de ouro e várias jóias. O sacerdote Sheke, revestido com barro e polvilhado com pó de ouro, levou as figuras de chunso douradas numa jangada para o mar ou lago e mergulhou-as na água, depois banhou-se a si próprio. No lago Guatavita, que é habitado como duas enormes cobras, a deusa mãe Bachue e o seu filho, marido Guachacha, este rito foi realizado pelo próprio rei. Com este rito, o rito da Chibcha Muisca foi a base da lenda de Eldorado. Os papagaios também foram sacrificados aos deuses, e em casos especialmente solenes, sacrifícios humanos. De 15 em 15 anos um rapaz era criado para o último fim, representando uma imagem de um deus errante, e num ambiente solene era morto por padres especiais que levavam uma vida ascética em instituições especiais.

As miskas da Boschik incorporam as características da divindade solar, herói cultural, organizador social, patrono da caça, guerreiros e da nobreza. Bočík veio do oriente na forma de um homem velho com barba longa cinzenta, branca, casaco e pés descalços. Ele contornou todas as tribos locais, pregando bons costumes e boas maneiras, ensinando as pessoas a tecer mantas feitas de algodão; para não esquecer os padrões, que devem decorar tecidos, Bočík batia em ornamentos sobre rochas e rochas. É mencionado em "Informação histórica sobre as conquistas das Índias Ocidentais" (1625). Juan Manuel Vargas Manchuca (1581-1631) mencionou que Gonzalo Jiménez de Quesada, o conquistador dos Muisques, ainda - prestava atenção às "inscrições sagradas" nas rochas, mas os índios locais não lhe podiam dizer nada sobre a sua origem: eles acreditavam que estes desenhos apareciam nas rochas muito antes do seu aparecimento nesta terra.

¹⁸⁴ Vasilyev SA, Berezkin Yu, Kozintsev A... *G. Sibéria e os primeiros americanos. / 2ª ed. - São Petersburgo: Faculdade de Filologia, Universidade Estadual de São Petersburgo, 2011. - - C. 56, 57, 60.*

Em 1795, o monge José Domingo Duquesne escreveu a sua "Dissertação sobre o Calendário Muisca dedicada ao Señor Mutis". Nesta dissertação, tentou decifrar várias inscrições nas pedras que, na sua opinião, tinham um significado astronómico e provar que o antigo povo indiano tinha uma escrita hieroglífica e um calendário. Miguel Triana, historiador, engenheiro, proeminente cientista colombiano da primeira metade do século XX. Nas obras "Civilização de Chibcha" (1924) e "Hieróglifos de Chibcha" (1926) ele desenvolveu as ideias de Domingo Duquesne. Ele acreditava que o conteúdo principal das imagens sobre as pedras e pinturas rupestres muiscas eram cenas mitológicas que traziam alguma informação "étnica": sobre o herói cultural da Muisca Bocica, sobre a natureza divina do poder, sobre as migrações muiscas. O principal objectivo de tais pedras de fronteira era proteger o território, dirigindo-se a espíritos e criaturas mitológicas. Na segunda metade do século XX, o famoso arqueólogo Guillermo Muñoz teve a ideia, apoiada pela comunidade científica, de que os petróglifos, como as pinturas rupestres, eram atribuídos aos Chibcha Muiscas, com origens mais antigas¹⁸⁵.

Existe uma lenda que Bochica, sendo um mensageiro do deus demiurgo Chiminigagua, ensinou o conhecimento de um espírito superior chamado Ruchik (provavelmente idêntico ao Chiminigagua) e transformou-se numa rocha de uma enorme águia (Dagara), que se rebelou contra o Ruchik e oprimiu os índios. Depois de completar a sua missão, Bochica morreu ou desapareceu. Segundo uma versão do mito, quando o deus Chibchakum (Chibcha-chum; "suporte, vara, poder de Chibcha"), o filho da deusa Yubekaguayi, zangado com as pessoas, inundou o vale de Bogotá, Bochik apareceu diante das pessoas sobreviventes num arco-íris, com uma vara dourada nas mãos. Na onda da sua mão o pescoço de Tekendam Falls abriu, e de uma altura de 130 metros as águas do vale de Bogotá correram para o rio Magdalena. Depois entrou numa batalha com o vingativo Chibchakum, derrotou-o e mandou segurar nos seus ombros a terra, que costumava descansar nas árvores do Guayako. De tempos a tempos, Chibchakum desloca a terra de um ombro para o outro para um descanso, pelo que ocorrem terremotos. Para isso, as pessoas devem sacrificar ouro ao Chibchakum. Quando um homem vagueia pelas montanhas, Chibchakum tenta falar com ele, nascendo assim um eco de montanha. Bochik tinha uma bela esposa, Guitaka. Adorava diversão, festivais onde as chichuas são bêbadas, e homens bonitos, ensinando as pessoas a divertir-se bêbadas, a andar e a dançar. Mas ela também era má: gostava de estragar e destruir tudo o que o seu marido fazia. Ao seu comando, os rios saíram da margem e trouxeram de novo o desastre ao povo. Bochik furioso expulsou a sua esposa, fazendo dela a lua (Chia), cuja essência é a variabilidade e a impermanência.

¹⁸⁵ Ostrirova, E.S. *Chibcha-Muisk epigrafia: história de um mito científico (em russo) // mundo indiano*. - <http://www.indiansworld.org/Articles/epigrafika-chibcha-muiskov-istoriya-odnogo-nauchnogo-mifa.html#.Vh1CqCt3uHs>.

Desde aqueles dias, em memória da grande inundação, os Chibcha Musicians deificaram a água em pé (não a fluir). O próprio Bochika desapareceu na aldeia de Iza, onde a sua pegada permaneceu e o local tornou-se o centro de peregrinação.

Algumas tribos de Bochik's Chibcha chamadas Sue ("sol"), Sugumonshe ("sol que se torna invisível") ou Sugunsua ("sol que desaparece" ou "sol abrasador"). A chegada de Bochik do Oriente e o seu desaparecimento em Soghou, onde existia o famoso templo do sol, bem como o aparecimento de Bochik no arco-íris, enfatizaram a solaridade da sua imagem. Na aldeia de Boyaka, os espanhóis encontraram um ídolo com três cabeças, a que os índios chamavam Sugunsua. Todas as noites Sue "Sol" desce para além do horizonte e passa pelo submundo. Para sair de lá novamente, as pessoas têm de o ajudar sacrificando o seu sangue. Portanto, é uma honra ser sacrificado à Sue. Rapazes de quinze ou dezasseis anos foram também sacrificados ao Sol, chamando-lhes mensageiros, "mojas".

Como as línguas e culturas Chibcha são essencialmente intermédias entre as línguas e culturas das Américas, é útil traçar paralelos de Bocica na gama mexicana.

Os astecas tinham uma ideia do deus do céu, do sol e dos guerreiros Tonatiu ("O Sol"; outros nomes: Kuautemok - "Águia que cai", Pilcintekutli - "Jovem Mestre", Totek - "Nosso Líder", Shipilli - "Turquoise Tsarevich", Naui Olin - "Quatro Movimentos"). Para manter a sua força e juventude, Tonatiu deve receber o sangue do sacrifício humano todos os dias, caso contrário pode morrer enquanto viaja pelo submundo durante a noite. Entre os mitos astecas sobre a origem do Sol, o mais comum é o seguinte. Após a criação do mundo, os deuses reuniram-se para decidir qual deles se tornaria o deus sol. Construíram uma fogueira onde o escolhido seria atirado; mas todos temiam o terrível calor. Finalmente, o velho Nanauatl ("Boubboned"), sofrendo de uma terrível doença, atirou-se para as chamas, onde "começou a crepitar como carne frita de carvão". Foi seguido por Tekkischetkatl ("In the seashell"), que tentou três vezes antes de Nanahuatl saltar para o fogo, mas retirou-se do calor insuportável. Nanahuatl tornou-se o Sol, o deus de Tonatiu, e Tekkischetkatl tornou-se a Lua, o deus de Meztlí. Mas nem o Sol nem a Lua se moveram até que os outros deuses se sacrificassem. O Codex Borjia representa Nanahuacin-Tonatiu como um homem que emerge do fogo. Além disso, Nanahuatzin apareceu em vários outros mitos sobre a criação. Por exemplo, na lenda de Quetzalcoatl ("A Cobra Pernate"), Nanahuatsin ajuda-o a obter os primeiros grãos que se tornaram alimento para as pessoas. Tonatiu também transformou o seu amado Shochitl ("Flor") em girassóis.

Mas também em diferentes partes do império asteca houve variações no culto das culturas do sol. Assim, na cidade de Sapotlana (no estado de Jalisco, México) Tonatiu-Toteka foi venerada como Schipe-Toteka ("O

nosso senhor com a pele fora", "O nosso líder é despojado", outros nomes: Tetzkatlipoca Tlatauki - "Red Tetzkatlipoca", Iztapaltotek - "Our Leader of the Flat Stone"), o deus da agricultura, da primavera e das estações, bem como joalheiros e embriagadores da bebida de Outubro. Para o crescimento tanto do milho como das pessoas, cortou a sua carne e ofereceu-a às pessoas como alimento (tal como as sementes de milho plantadas que deixam cair a sua casca superior antes de germinarem). Depois de ter atirado fora a sua velha pele, aparece como um deus renovado, brilhante, e dourado. Em sua honra todos os anos, no início da Primavera, eram sacrificadas pessoas (os sacerdotes vestidos com a pele do povo sacrificado dançavam solenemente juntamente com os soldados que capturaram os cativos). Shipe-Totek era também um deus do lado ocidental do mundo. Acredita-se que foi ele quem enviou doenças, epidemias, cegueira e sarna a pessoas. Era mais frequentemente retratado com um casaco de pele humana descascada e lacada nas costas; as mãos da vítima penduradas nos cotovelos com os dedos rasgados. Ele usava uma máscara de pele humana (lábios duplos são típicos), um chapéu cónico com duas decorações em forma de cauda de andorinha, uma vara figurativa com um guizo no topo e um escudo. Juntamente com Tetzkatlipokoi, Quetzalcoatl e Huitzilopochtli, nasceu um casal divino de criadores do mundo Tonakatekutli ("Senhor da nossa existência") e Tonakasihuatl ("Mulher Cobra"; Tonantsjn - "nossa mãe"; Kilaztli).

Também os maias fizeram sacrifícios humanos a Itzamna ("casa de lagarto, iguana"; raiz "Itz-" significa bruxaria, magia), velho desdentado de nariz romano. Mas também foi retratado como um dragão celestial com as características de um pássaro e uma onça-pintada. Foi venerado como criador da paz e da escrita, fundador do sacerdócio, patrono das cidades maias, governantes e senhor do céu (a sua cabeça é a terra e o seu tronco é o céu; ao mesmo tempo, as iguanas simbolizavam o universo: elas seguravam a terra com as suas cabeças e caudas formavam os céus). Mas o deus do céu, ele tornou-se apenas na era Olmec. Na época Dolmek, o Caimão era retratado e venerado como o governante dos caracóis e algas comestíveis. Gradualmente, Itzamna recebeu novo poder - foi-lhe atribuído um comando sobre os elementos. Depois já existia em várias encarnações: Itzamna-Kavil com pernas de cobra (deus da colheita, guerra, elementos, espelhos), Itzamna-Tul (deus das chuvas nocivas), Itzamna-Kinich-Ahav (deus do sol), Itzamna-Kab (deus da terra), Itzamna-Kabul (criador do mundo). O próprio Itzamna era considerado o filho de Ku ("templo", "deus", "sacralidade"), que dava sacralidade a tudo o que tocava e com quem entrava em contacto. Ele, como pai de todas as coisas e deuses - Hunab-Ku, mantém e protege o universo, que é apoiado nos quatro cantos pelos irmãos Bakab.

Ish-Chel ("Mistress of the rainbow"; outro nome - Ish-Kanleom "teia que apanha o orvalho da manhã"), deusa da fertilidade, arco-íris, parto, medicina e tecelagem. No último período da civilização Maia, Ish-Chel foi

o senhor das cheias e dos ventos dos furacões. No período pré-moderno, Ischel é retratada como uma mulher semi-nua sentada com um coelho no colo, enquadrada por um símbolo abstracto da lua. Mais tarde retratado como uma mulher velha com cobras no cabelo, com olhos e presas de um jaguar, garras em vez de mãos. Estes sinais estão relacionados com Ish Chel com a deusa Coatlique, venerada como antepassado de todos os seres vivos. Tem-lhe sido atribuído um caso de amor com muitos deuses. A deusa Ish Chel foi sacrificada a belas raparigas e bebês.

A colombiana Chibcha diz-nos que um dia a filha de uma guaceta de caxemira, tendo decidido escalar uma colina verde alta, cansou-se e adormeceu em cima dela. Foi aí que a Sue reparou nela. O deus sol sentiu-se atraído pela beleza da rapariga e decidiu tomá-la a seu cargo. Durante o seu sono, os raios do sol penetraram no seio da menina, e assim ela concebeu uma criança pela Sue. Quando acordou, a menina voltou para o seu pai e disse-lhe que se tinha tornado a escolhida do Sol. No início, ele não acreditou nela, estava zangado e queria castigá-la, mas depressa se revelou que a rapariga continuava casta. Foi aí que as pessoas começaram a tratá-la com o maior respeito. Nove meses mais tarde, a menina deu à luz uma grande "chukut" de esmeralda, e alguns dias mais tarde a esmeralda transformou-se num rapaz chamado Garanchacha. Ao atingir a idade de vinte e quatro anos, Garanchacha partiu para vagar e percorreu todas as terras das uniões tribais Tunhi e Sogamoso. Em todo o lado, ele era venerado como filho de Sue. Contornando as terras Chibcha, como o seu pai, que estava a contornar o céu acima delas, Garanchacha ensinou às pessoas as leis correctas e estabeleceu costumes entre elas. Matou o Kasik Ramikiri, que não queria ouvir Garanchacha e introduziu leis más, e tornou-se ele próprio um líder. Ainda mais tarde, tornou-se o governante de Tunha e ali depositou um belo templo para o seu pai, o Sol.

Thomagata ("besta portadora de luz alienígena", "deus do fogo alienígena") foi o assistente mais próximo de Garanchachi. Thomagata tinha um olho, uma cauda de jaguar e quatro orelhas; e sabia como dar a volta a um jaguar. A sua bravura e honestidade eram conhecidas entre todas as tribos Chibcha. Thomagata, como líder militar, honrou Sue e era tão dedicado a ele que todas as noites, quando todos iam para a cama, Thomagata contornou cada um dos santuários Tunhi e trouxe os louvores de Sue para que o Sol pudesse passar mais facilmente através do submundo. Por esta razão, Sue deu-lhe o poder de transformar inimigos em pedras ou animais, e graças a este presente Thomagata derrotou repetidamente os militantes estranhos que vieram para as terras dos Chibcha. Para tornar Thomagata leal apenas a ele, Sue privou-o do seu poder fértil.

Obviamente, estamos a falar de uma união masculina especial, a Ordem do Sol. Por exemplo, os Chibcha Tyrans (kogi), relacionados com os muçulmanos Chibcha, tinham "casas para reuniões de homens" (nahue), que

os padres católicos denunciavam como uma manifestação de homossexualidade. Hoje em dia, o povo kogi tem rituais masculinos, alguns dos quais duram vários dias e incluem comer koki e meditação. Obviamente, o afastamento de homens de mulheres durante um certo período ritual, característico da Chibcha Muisca, foi a razão do nascimento da lenda amazônica na América do Sul: "... Quando o campo estava no vale de Bogotá, recebemos a notícia de um povo de mulheres que viviam sozinhas sem índios [homens] a viverem com elas; por isso chamámo-lhes Amazonas. Estes, como dizem aqueles que nos falaram deles, de alguns escravos comprados por eles, fazem [filhos]; e se dão à luz um filho, enviam-no ao seu pai; e se ele é uma filha, criam-na para aumentar esta sua república. Dizem que utilizam escravos apenas para a sua concepção, que são imediatamente enviados de volta, e por isso no momento certo são enviados de volta e têm-nos da mesma forma¹⁸⁶

Enquanto os Chibcha-Muisques criaram a sua civilização no interior do continente (400x100 km), a civilização Chibcha-Tyrone (séculos I-XVI d.C.) existiu na costa da planície pré-caribenha rodeada pelas montanhas da Serra Nevada de Santa Marta e nas próprias cadeias montanhosas florestadas. Os povos Kogi, Viva, Aruako (Ichka, Ifca), Arsario e Kankuamo que vivem hoje nestes lugares são considerados descendentes directos da cultura Chibcha Tairon.

"... fontes espanholas, - aponta Yu. E. Berezkin, - pouco é relatado sobre o Tyrone, a principal informação obtida graças aos arqueólogos. Tyrone controlava o território entre a costa do Mar das Caraíbas e a Serra Nevada de Santa Marta - cerca de 70x70 km ... A população das maiores cidades era de uma a três mil pessoas. O maior deles, Burritaka-200, cobrindo 26 hectares, foi fundado nas montanhas durante o desenvolvimento dos vales superiores. Pueblito (20 hectares) estava localizado perto da costa das Caraíbas e parece ter tido a sua origem mais cedo. O resto das cidades (Nuliquandecue, Pirâmide, etc.) têm uma área de 13 hectares ou menos... A cultura ancestral Nahuanhe para a própria Tairona parece ter tido origem sob a influência de migrantes do leste da Costa Rica... Ao contrário da América Central, não existem grandes esculturas de pedra no norte da Colômbia, mas existem muitas semelhanças na construção de casas e na estrutura dos assentamentos. Em particular, as estradas de pedra são típicas apenas para as culturas costa-riquenhas e para o Tyrone... O Tyrone foi o único na Colômbia que utilizou amplamente a pedra na construção (terraços, escadas, bases de

¹⁸⁶ Juan de Sant Martin e Antonio de Lebrija, "Report on the conquest of the New Kingdom of Granada", Julho 1539 / Per. de Espanha. // <http://bloknote.info/juan-de-sant-martin-antonio-de-lebrija-relacion-del-descubrimiento-del-nuevo-reino-de-granada-y-fundacion-de-bogota-al-ruso/>.

casas). Grandes edifícios de 20-25 m de diâmetro tinham obviamente funções administrativas e de culto"¹⁸⁷.

Agora a palavra "tarona" significa "homens" ou "filhos do tigre" em diferentes línguas de uma determinada área. Mas na língua dos índios que viviam perto da montanha e do vale de Tyrone, a palavra "tayrona" significava inicialmente "forjar", e de acordo com os primeiros cronistas existiam várias fundições. Os antigos artesãos colombianos preferiam trabalhar com uma mesa-de-cabeceira, ou saco de tûmulo, uma liga de ouro e cobre numa proporção de cerca de 30 (ouro) a 70 (cobre). O Tumbaga foi valorizado porque não exigia um ponto de fusão elevado, pode ser obtido a partir de uma variedade de tonalidades, alterando a relação de componentes. Primeiro, o tûmulo foi aquecido até que o cobre fosse combinado com oxigénio para produzir óxido. Com a ajuda de uma infusão especial de ervas ou urina, preliminarmente envelhecida, o cobre foi removido da superfície, onde permaneceu uma fina camada enriquecida com ouro. Tumbagu foi cozinhado em tubos de soldadura, cadinhos de fusão e caixas de cadinhos que trabalhavam com carvão. Não foi fácil chamar "mestres do fogo" aos joalheiros. Dois factores contribuíram para o desenvolvimento de jóias na Colômbia pré-espanhola: a descoberta em tempos antigos, vastos depósitos de ouro, cobre, esmeraldas e a excepcional criatividade dos seus habitantes. A arte da joalharia remonta ao século VII a.C., mas pode ter surgido em tempos ainda mais antigos. Foi aperfeiçoado durante dois milénios e não desapareceu mesmo com o início do genocídio indiano. Chibchi era o único povo na América pré-colombiana que tinha dinheiro. Pequenos discos dourados com um diâmetro de 3-4 cm foram utilizados como unidade de troca¹⁸⁸.

Um dos monumentos arqueológicos Tayron mais bem pesquisados era conhecido como Ciudad Perdida ("Cidade Perdida"; pelo nome da zona - Burritaka-200; nome indiano da cidade - Teyuna). Era uma grande cidade, a parte central da qual tinha uma área de cerca de 13 hectares. Foi fundada cerca de 800 d.C., ou seja, 650 anos antes de Machu Picchu. Obviamente, isto aconteceu quando o Chibcha Teyuna foi forçado a entrar nas montanhas sob pressão das Caraíbas invasoras (aravac - guahiro). Foi descoberta por "arqueólogos negros" em 1972, mas está agora protegida pelo Instituto Colombiano de Antropologia e História (actualmente o Parque Arqueológico Nacional). Pesquisas demográficas recentes mostram que entre 2.000 e 8.000 pessoas viviam na cidade numa área de cerca de 1.700 metros quadrados em 184 casas redondas localizadas em terraços rochosos. Existem outros monumentos arqueológicos de tamanho semelhante ou mesmo maior. A

¹⁸⁷ Berezkin YE. *Entre a comunidade e o Estado. Sociedades de Média Escala da América Nuclear e da Ásia Ocidental em Dinâmica Histórica.* - São Petersburgo. : MAHE RAN, 2013. - - C. 130, 133.

¹⁸⁸ Palacio M. "Golden Cultures" Colômbia // http://www.tiwy.com/pais/colombia/articulos/culturas_del_oro/.

maior povoação, Pueblito, estava situada ao largo da costa. De acordo com o arqueólogo colombiano H. Reichel Dolmatoff, consistia em pelo menos 254 terraços, e a sua população era de cerca de 3000 pessoas. Estudos arqueológicos da região mostraram que existiam assentamentos ainda maiores na encosta ocidental da Serra Nevada em Santa Marta, tais como Posigüieca e Ciudad Antigua. Pequenas aldeias formaram uma vasta rede e estavam ligadas umas às outras por pontes de pedra. Aldeias especializadas na produção e pesca de sal - como Chengue no actual Parque Tyrone - testemunham uma economia Tyrone bem desenvolvida, baseada em produtos especializados. Pelo menos 100 terraços foram encontrados em Chengue Village; de 1400, 800-1000 pessoas viveram lá em 15 hectares de terra. Os taironianos são conhecidos por terem construído terraços de pedra, fundações de casas, escadas, esgotos, sepulturas, e pontes. As cerâmicas, tanto domésticas como cerimoniais, foram utilizadas intensivamente. Na costa das Caraíbas da Colômbia, a cerâmica mais antiga data de 2500 a.C. A civilização tirocrónica é famosa pelas suas jóias características. As primeiras jóias de ouro remontam ao período Neguanche (cerca de 300-800 AC). Acredita-se que as jóias de ouro não foram utilizadas apenas pela elite. Entre os artefactos de ouro encontram-se pingentes, alicates, anéis de nariz, colares e brincos. Os pingentes em forma de ouro da cultura Tyrone (conhecidos como "kasiki"), em particular, diferem das jóias de outras culturas pré-colombianas em detalhes. As figuras retratam seres humanos, sejam eles nobres ou chefes, usando roupas decoradas e grandes máscaras de animais no rosto. Muitos elementos das suas poses (tais como mãos nas ancas) e vestuário reflectem o seu estado agressivo e deveriam, de acordo com vários investigadores, ter transmitido ou a sua posição de poder ou o facto de que a cultura Tairon nessa altura travou guerras frequentes, ou ambas¹⁸⁹.

O povo Chibcha Tyrone kogi tem uma ideia da montanha de Gonavindua - o "Coração do Mundo" (Pic Crystal Colon) e a sua missão como os "grandes irmãos" da humanidade para cuidar desta montanha. A correcção dos rituais e costumes, a manutenção da harmonia mundial são observados por sacerdotes-sacerdotes especiais, que são chamados "mamãs" (na língua do kogi "sol"; em fontes espanholas do século XVI - "Naomas") e são considerados como sendo dedicados à deusa mãe Aluna. Mas, segundo os kogi, os seus "irmãos mais novos" (ou seja, o resto da humanidade) não prestam atenção aos preceitos dos seres superiores, pelo que há constantes desastres no mundo.

Os linguistas há muito que notam que a língua japonesa é muito parecida com a língua basca. Sabe-se, por exemplo, que o nome de uma das cidades portuárias do Japão Yokohama é retirado da língua basca: em basco

¹⁸⁹ Berezkin, Yu. E. *Tyron // Povos Desaparecidos : uma colecção de artigos (sobre os materiais da revista "Nature") / Candidato a Filosofia S. S. Neretin; sob a redacção do Dr. P. I. Puchkov. - Moscovo: Nauka, 1988. - - C. 127-136*

"Yokohama" significa "cidade à beira-mar"¹⁹⁰. *Existem* muitos outros paralelos linguísticos conhecidos, entre os quais o basco "gondu" - "mergulhar, cair, oeste", o nome da ilha japonesa de Hondo e do país centro-americano Honduras ...

Outros etnólogos encontraram a identidade da palavra basca "goyko" - "deus" e o nome do deus dos índios Siu-Dakota Khaoka ou Heioka, e as lendas sobre estes deuses coincidem (quando ele está alegre - chove, quando está triste - ensolarado).

Alguns especialistas na história inicial da Espanha acreditam que a tribo ibérica de arewaks, que lutou heroicamente contra Roma, pertencia ao tipo de raça mongolóide, e que arewaks ultrapassou o oceano e ficou conhecida como a tribo Arawak da costa brasileira e das ilhas das Caraíbas. No final do segundo milénio a.C., os arawaks começaram a instalar-se a partir das savanas da bacia do Orinoco como resultado da transição para uma agricultura mais desenvolvida (cultivo da mandioca amarga). No final do primeiro milénio a.C., mudaram-se para as Antilhas e Guiana, no início do primeiro milénio d.C. para Montana, no século VII d.C. para o leste da Bolívia, e no século X d.C. para a parte superior de Shinga. Os Arawaks estão divididos em vários grupos: os Taino, que ocupavam as Grandes Antilhas, os Nepoya e Sapoyo, que viviam em Trinidad, e os Igerianos nas Caraíbas e Antilhas Menores e outras tribos que habitavam a costa oriental da América do Sul até ao Brasil. Em Arawakic, "taino" significa "paz", que é como os Arawaks gritaram quando Colombo chegou, e este nome também foi mantido por eles. Tainoes apareceram nas ilhas das Caraíbas provenientes da América do Sul, atravessando o mar em grandes canoas. Mil anos antes deles, era habitada pelo povo da Idade da Pedra, os Sibonaeans, que vagueavam em busca de alimentos. Ao contrário dos Sibonaeans, os Arawaks mais civilizados eram sedentários: estavam envolvidos na agricultura, viviam em aldeias com comunidades de cinquenta pessoas cada uma. No século XIII, os Arawaks tinham passado das Antilhas Menores para as Grandes Antilhas. A população indiana estava a crescer e pequenos pedaços de terra já não conseguiam alimentar todos os vermelhos. Além disso, o povo beligerante das Caraíbas do Sul. Estavam envolvidos em pilhagens e violência. As crianças nascidas de prisioneiros eram comidas pelos caraíba. A carne dos homens e dos rapazes era especialmente valorizada, e eles foram primeiro desenterrados e alimentados. Alguns cientistas consideram as Caraíbas como sendo a mesma aravka, mas mais "selvagens". A expressão feroz desta parte dos Arawaks foi conseguida através do uso de uma tábua amarrada à testa durante anos. Este procedimento desagradável fez com que ficassem com um aspecto borbulhante e completamente selvagens.

¹⁹⁰ Seidler A. *Atlantis / per. da Polónia*. - M. : Mundo, 1966. - - C. 228

Os aravaki chamavam aos seus deuses "zemi" - "poder mágico". Eram feitos de tudo o que pudesse ser habitado por bons espíritos. Os zemi eram controlados, acompanhados e influenciados pelo homem, a sua actividade, o crescimento das colheitas, a caça e a pesca. O Deus Supremo chamava-se "Yokahu" - "dar mandioca", e ele vivia num vulcão. Para além de "Yokahu", os Atabeyra reverenciavam "Atabeyra", que era responsável pela fertilidade e parto. Também controlava o movimento da água e da lua. Opil Vaobiran, o filho das trevas que guardava as almas dos mortos, era também uma divindade altamente reverenciada. Os restos mortais dos antepassados dos Arawaks foram pendurados em cestos debaixo do tecto das casas. Eles acreditavam que se cuidassem dos ossos desta forma, os mortos também cuidariam deles. Com a religião e numerosas divindades "cobras" os cientistas correlacionam desenhos sobre pedras, petróglifos. Estas imagens de espíritos excepcionalmente bons foram aplicadas a grandes pedras a fim de vedar a área da influência de espíritos maus. Muitos petróglifos foram encontrados nas proximidades de rios que correm através de densas florestas.

Sabe-se que a maior parte da população moderna de Porto Rico era originária dos Arawaks. Aproximadamente 2.450 arahuacos de raça pura vivem agora na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. A maioria dos habitantes de Aruba, Porto Rico, República Dominicana e Haiti são descendentes dos Arawaks. Na República Dominicana é sobretudo um mistério, no Haiti são os Sybonians. Actualmente, um pequeno número de pessoas da Jamaica, Haiti, República Dominicana, Santa Lúcia, Cuba, Granada falam as línguas dos antigos arahuacos. Por exemplo, o Presidente da República Sul-Americana do Suriname, Desi Bouterse, foi reconhecido como o líder da aldeia arahuaca de Theo Yubitana e chefe do conselho local. Os ameríndios dos Arawaks constituem 3% da população do Suriname, embora sejam indígenas. Portanto, quando Bouterse decidiu apoiar os ameríndios na sua luta pelo seu território, a tribo Arawak tinha decidido torná-lo chefe da aldeia e deixá-lo liderar o conselho, o que encorajou os aldeões a continuar a luta pela sua terra. Outros Arawaks famosos que sobreviveram são Wayuu (Wayu, Wayu), ou Guajiro (Wahiro), o povo indiano que vive no deserto de Guajiro na península do mesmo nome no norte da Colômbia e noroeste da Venezuela. Ele fala a língua do Guajiro da família Arawak. O número na Venezuela é de cerca de 300 mil e na Colômbia cerca de 150 mil Guachiro estão divididos em vários grupos tribais (Arpushana, Uriana, Ipuana, etc.). Não se consideram índios, aos quais pertencem apenas as tribos vizinhas, e são os únicos na região que não obedeceram aos espanhóis, constantemente revoltados contra o seu domínio. São os únicos que dominaram o cavalo e as armas de fogo e têm uma certa estrutura da sociedade. E o mais interessante: 44% da Península de Vayu Guajira tem no seu ADN o haplogrupo europeu R1.

Capítulo 6. A maldição do sábio Durvas.

Em 1974, o engenheiro e investigador Flavio Barbiero sugeriu que a mudança de pólo ocorreu há 11.000 anos e se reflectiu na mitologia como a morte da Atlântida, de que Platão nos falou, e do continente Mu, que supostamente se encontrava no Oceano Pacífico. Na sua opinião, a causa deste cataclismo foi a colisão da Terra com um cometa, e a Atlântida desaparecida deve ser procurada debaixo do manto de gelo da Antárctida.

Os famosos investigadores contemporâneos Rand e Rose Flem-At em "When the Sky Fell" (1995) e Graham Hancock em "Traces of the Gods" (1995; Russ. traduzido em 1998) estão unidos a esta identificação e causa de morte da civilização antiga.

Em particular, "... Hancock apresenta e defende convincentemente a hipótese: a Antárctida é a Atlântida, que desapareceu da face da Terra em 10 450 AC. Sob a poderosa concha de gelo de dois quilómetros da Antárctida estão escondidas ruínas das cidades da civilização atlântica, assim como cadáveres congelados dos habitantes dessas cidades sobreviveram até aos dias de hoje. Assim como os mamutes em áreas do actual permafrost, todos os habitantes da Atlântida congelaram instantaneamente, congelaram quando a Atlântida "se mudou", por assim dizer, para baixo e se encontrou no Pólo Sul"¹⁹¹.

Correlacionamos a própria civilização dos habitantes da Antárctida com a causa directa do arado oceânico - Rishi Durvas (de dur "mau", "mau" e vāsa "habitat", "casa", "casa"), que amaldiçoou a Indra.

Uma vez que o poderoso sábio Durvas Mooney amaldiçoou os deuses, porque tiveram de perder todas as suas forças. A razão foi o desrespeito da Indra pelo presente do sábio Durvasa, a grinalda de lótus que a Indra, em vez de usar como sinal de reconhecimento da sua lealdade à tradição Védica, usou no seu elefante equestre Ayrawata. Mas como a grinalda, dando ao seu dono a eterna juventude, exsudou um cheiro forte e as abelhas estavam a enxamear à sua volta, o elefante não gostou dela e arrancou-a e pisou-a (cf. o motivo do rapto de Gilgamesh da flor da "eterna juventude" pelo "dragão da terra" - uma cobra!) A maldição de Durvas, que soube do destino do seu dom, agiu imediatamente. Os deuses foram ficando cada vez mais fracos, começaram a perder a sua juventude, transformando-se em homens velhos, enquanto o poder das asuras aumentava. Os semideuses não foram perturbados por brincadeira, por isso foram a Vishnu pedir ajuda. Ele deu-lhes conselhos: "Enquanto os demónios forem mais fortes do que vós, não

¹⁹¹ Prima A. *Antárctica é Atlântida!* // Prima A. *Paz do avesso*. - http://www.e-reading.club/chapter.php/46442/63/Priima_-_Mir_nainzanku.html

tenteis combatê-los. Faça deles seus amigos e peça-lhes que o ajudem a abater o oceano leitoso. O Monte Mandara será a vossa turbidez, e Wasuki, o rei das serpentes, será a vossa corda. Quando abater o oceano leiteiro, verá aparecer um veneno autóctone na superfície, mas não deve ter medo dele. Eu irei em vosso auxílio. Depois, quando se abater o oceano de leite, o néctar aparecerá. Quem bebe o néctar, a amrita, encontrará a imortalidade. Recuperarás a tua antiga força e glória, provando o néctar divino". Acredita-se que o significado secreto da maldição de Durvas era trazer este último ao poder no universo através de um conflito entre asuras e deuses.

Durvas também amaldiçoou a Kabandha handharva (sânscrito "barriga, barriga"), porque não gostava de cantar e tentou desafiar a opinião de Durvas, declarando o sábio ignorante. Devido a esta maldição, o handkharwa transformou-se num demónio rakshasa e sofreu violência e desonra terríveis (devorando até ao seu estômago tudo o que caiu nas suas longas mãos). Uma vez Rama e Lakshman meteram-se entre as suas mãos, mas ele não conseguiu fazer-lhes mal e foi morto por Rama, e assim "foi salvo dos pecados".

A peça de Vishnu Puran e Kalidasa "Abhijnyana-Shakuntala" descreve como Durvasa amaldiçoou Shakuntala, que não lhe mostrou o devido respeito. Shakuntala era filha de Rishi e do Rei Vishwamitra e Apsara Menaki. Para evitar o ascetismo de Vishwamitra, Indra envia-o primeiro para seduzir Rama, mas Vishwamitra transformou-a em pedra. Depois a Indra envia Menaka, que consegue distrair Vishwamitra, para o mesmo fim. Shakuntala, abandonada pelos seus pais imediatamente após o nascimento, cresceu no ashram de Rishi Kanwa, um descendente de Saptarishi Angiras, transformando-se numa bela e humilde rapariga. Um dia, enquanto Kanwa está em peregrinação, o rei Hastinapura Dushianta encontra acidentalmente o ashram do sábio enquanto caçava. Atraído pela extraordinária beleza de Shakuntala, Dushianta propõe-lhe e casa com ela. Contudo, em breve Dushianta é chamado a Hastinapura para deveres reais. Antes de deixar a sua esposa, ele dá-lhe o seu anel, em cuja apresentação ela será reconhecida como a esposa real no palácio e aceite em conformidade. Logo o sábio Durvas, conhecido pelo seu carácter zangado, chega ao ashram. Shakuntala não o aceita devidamente e Durvasa amaldiçoa-a que o seu marido Dushianta irá esquecer a sua existência. A única coisa que pode lembrar a Dushianta de Shakuntala é um anel que lhe foi dado anteriormente. Shakuntala vai a Hastinapura para se encontrar com o marido, mas ao atravessar o rio, ela deixa cair o anel na água. Ao chegar ao palácio, Dushianta recusa-se a reconhecer a sua esposa. Em desespero, Shakuntala reza para que a terra se abra e a absorva, e depois, no brilho do relâmpago, a sua mãe Menaka desce do céu e leva-a embora. Em breve, porém, um pescador encontra um anel na barriga de um peixe que apanhou. Dushianta apercebe-se do seu erro, mas é demasiado tarde. Depois Dushianta derrota o exército das Asuras e, como

recompensa, leva Indra a viajar para os planetas do paraíso. Depois de regressar à Terra, Dushianta conhece acidentalmente Shakuntala e o seu filho e reconhece-os. Na versão original da história descrita em "Mahabharata", Shakuntala só se reúne com o seu marido depois de Dushianta encontrar o seu filho Bharata a brincar com leões no topo do Monte Hemakuta, no mosteiro dos antepassados dos deuses do santo sábio Kashiapa. Bharata tornou-se o primeiro governante a conquistar todo o território do subcontinente indiano, que em sua honra ficou conhecido como Bharatavarsha (Bhāratavarṣa). De acordo com *Mahabharata*, Bactria, Afeganistão, Turquemenistão, Uzbequistão, Tajiquistão, Kirgizia, e Pérsia também faziam parte do Império Bharata. Em alguns *Puranas*, os Bharatawarshas são referidos como o globo inteiro, não apenas a Índia. Na mitologia jainiana, Bharata conquistou não só toda a terra, mas também planetas paradisíacos, alcançando o topo do Monte Meru e içando a sua bandeira sobre ele. No entanto, tendo-se encontrado no topo, encontrou ali muitas bandeiras deixadas por outros heróis que já lá tinham estado antes dele. Cheio de humildade, Bharata aceitou o jainismo, virou as costas ao mundo e chegou ao nirvana.

O próprio Durvas era um dos três filhos do grande Rishishi, Atri Pradjapati, nascido da mente de Brahma ("manasa poutra" - "filho da mente"), e Anusuya ("livre de inveja e ciúmes"). Há uma lenda especial sobre o seu nascimento e ele é considerado a encarnação do deus irado Rudra (Shiva), daí o temperamento irado de Durvas. Devi Anusuya, esposa de Rishi Atri, desejava ter um filho. Um dia teve uma revelação de sonho: teve de realizar actos ascéticos a fim de propiciar Tridev (Brahma, Vishnu e Shiva). Na altura em que Devi Anusuya estava a praticar actos ascéticos, muitas pessoas chamavam-lhe Maha Sati (Sati é a esposa do Senhor Shiva, a personificação da virtude, castidade, sacrifício, serviço e ascética). As esposas de Trideva - Sarasvati, Lakshmi e Parvati - começaram a opor-se a este título, concedido à mulher mortal, porque na sua opinião, só elas eram Maha Sati. Exigiram que esta mulher fizesse os ascetas mais severos antes de conseguir o que queria. Depois Trideva apareceu no ashram de Atri, com o disfarce de três irlandeses a pedir uma esmola. Isto aconteceu numa altura em que o próprio Atri estava ausente - ele foi convidado para outro ashram para realizar uma cerimónia religiosa. "Rishi pediu a Devi Anusuya que os alimentasse, mas ela teve de os servir nua. Como mulher casada, Anusuya recusou. No entanto, Rishi insistiu por ela própria. Graças à sua "visão divina", a sua divya drishti, Anusuya apercebeu-se de que estava perante Brahma, Vishnu e Shiva. Ela transformou-os em bebés e depois alimentou-os, nus, como eles pediam. Então Tridevy, as esposas dos deuses, foi obrigada a reconhecer Anusuya Maha Sati, pois ela comportou-se como a mãe dos seus maridos. Anusuya pediu aos deuses agradecidos que se encarnassem como seus filhos. Brahma encarnado como Soma, Vishnu

como Dattatraya, e Shiva ou Rudra como Durvasa. Pela sua natureza, Rudra está furioso e zangado com as pessoas que caíram do caminho do dharma. Durvasa tem um carácter semelhante. Como encarnação de Shiva, ele foi capaz de controlar e orientar dez mil dos seus discípulos no caminho da aprendizagem da verdade.

A própria mãe de Durvas Anusuya era uma das nove filhas do Golden Rishi Yoga de Kardama Muni e Devahuti, a filha de Manu. O seu palácio ficava na margem do rio sagrado Saraswati, a descer do céu. "Srimad Bhagavatam" (canção 3, cap. 24) conta como Kardama e Devahuti tiveram um filho divino Kapila - a encarnação do próprio Vishnu (com epítetos de Madhusudan - "vencedor do demónio Madhu" e Kaitarbhardan - "vencedor do demónio Kaitabhi"), cuja missão era ensinar às pessoas "a filosofia das sanções"). Quando desceu à terra, semideuses, que tomaram a forma de nuvens de trovão, tocaram instrumentos musicais nos céus, músicos celestes, handharves, cantaram a sua majestade, e dançarinos celestes, apsares, dançaram, cobertos de júbilo, depois semideuses, que subiram aos céus, começaram a aspergir a terra com flores e por toda a terra, em todas as lagoas e nas mentes de todos os seres vivos, paz e tranquilidade. O próprio Brahma apareceu a Kardama e à sua esposa num navio de cisne e abençoou-os, instruindo-os a passar as suas filhas como sábios justos e destes casamentos multiplicará a população do universo, dando vida a numerosos descendentes. Kalu Kardama Muni deu a sua filha Marichi como sua esposa, e a sua outra filha Anasuya - sage Atri, Shraddha - Angira, Havirbha - Pulastia, Gati - Pulakh, virtuosa Kriya - pela sage Krata, Khyati foi dada a Bhriga, Arundhati - Vasishtha, e Shanti, que contribui para a realização bem sucedida de sacrifícios, ele deu à sua esposa Atharva.

A lenda conta como Durvas tentou derrubar o demónio ardente que tinha criado com um tridente na mão sobre a civilização indo-ariana, mas Krishna usou o seu disco de combate (Sudarshany Chakra) para destruir o demónio e começou a perseguir o próprio Durvas, que tentou esconder-se em Brahmalo, Shivalo e outros mundos superiores: "... Tentando salvar-se, Durvas Muni estava em todo o lado - ele subia ao céu, corria no chão, escondia-se em grutas, escondia-se no fundo do oceano, procurava refúgio nos planetas dos mestres dos três mundos, e mesmo nos planetas celestiais - mas onde quer que estivesse, via imediatamente Sudarshana-chakra, que corria atrás dele nos calcanhares e ardia de calor insuportável. Finalmente, chegou ao mundo espiritual de Vaicuntha e caiu nas pegadas de Narayana, que lhe disse que não podia perdoar aquele que insultou Vaichnav. Dever-se-ia pedir perdão por tal pecado ao Vaishnav que ele insultou. Portanto, Narayana aconselhou Durvas a voltar ao marajá Ambarisha da família Manu Vaivaswat (o análogo do Noé do Médio Oriente que foi resgatado da arca) e pedir perdão, o que ele fez. O envergonhado rei justo Ambarisha começou a oferecer orações à grande arma de Krishna, pedindo-lhe que

parasse de perseguir Durvas. Para sua salvação, Brahman Durvas deu ao rei as suas melhores bênçãos.

Uma vez Durvas trouxe dez mil discípulos para Hastinapura e decidiu viver com eles durante quatro meses na capital. Os *Kauravas convidaram-no para o palácio e ofereceram-lhe uma generosa hospitalidade* e aos seus seguidores durante estes quatro meses. Mas não o fizeram por justiça, mas porque tencionavam usar este homem sábio para os seus maus propósitos, e por isso estavam preparados para responder com prontidão sem precedentes aos desejos dele e da sua grande comitiva. No entanto, quando o sábio estava em estado de raiva, os Kaurabs, pendurando a cabeça e impondo as mãos, aceitaram-no humildemente. Assim, Saint Durvas foi suavizado e subjugado por eles. Um dia, quando Durvasa estava a descansar depois de um magnífico jantar, veio para a sua cama e respeitosamente sentou-se do lado dela de Duryodhan. O homem sábio disse-lhe: "Ó rei, o teu serviço é tão agradável para mim. Pede-me qualquer graça, e por mais difícil e valiosa que seja, eu dou-ta. Duryodhana retratou extrema humildade quando lhe pediu que o fizesse: "Professor! O facto de usufruir do nosso serviço já é, por si só, mais valioso do que um milhão de presentes. É o suficiente para mim. De que mais poderia eu precisar da riqueza ou da glória? Mesmo que eu ganhe poder sobre os três mundos, não encontrarei nele alegria. Só lamento que, quando vos servi durante esses quatro meses, os irmãos Pandavas não estivessem comigo. Que eles também possam encontrar a salvação por poderem servir tão raramente, é esse o meu desejo. Por favor, siga-os até ao seu abrigo florestal com os seus discípulos e dê-lhes também esta oportunidade. O meu irmão mais velho Dharmaraja é um seguidor do Darma tão raro que, apesar dos nossos protestos e orações, preferiu ir para a floresta mas não quebrar a sua palavra. Ouvi dizer que também oferece hospitalidade e grande acolhimento a muitos hóspedes e visitantes. Pode recebê-lo com grande luxo e tratá-lo com as melhores refeições. Se pretende derramar a sua graça sobre mim, peço apenas um favor: venha até ao Pandavas depois de Draupadi ter tratado da sua comida. Com estas palavras, Duryodhan caiu nas pegadas de Durvasa para ganhar ainda mais favores. O pedido escondeu uma má ideia. Consistia no seguinte: uma vez, ao amanhecer, quando os Pandavas adoravam o Sol, ele, tendo piedade do seu estado, deu-lhes um navio Akshayapatra, cujo conteúdo não está a diminuir, por muito que o utilizem. Draupadi, como a justa esposa dos Pandavas, geralmente só comia depois de os cinco irmãos terem comido, e até ela terminar a refeição, o recipiente estaria cheio de comida, independentemente do número de pessoas que participassem na refeição. Quando o Draupadi tinha acabado de comer e estava a limpar o recipiente, já não dava mais comida. Uma vez por dia havia muita comida no recipiente, e o Draupadi podia alimentar milhares, ou mesmo milhões de pessoas. Depois de ela própria o ter comido e limpo, o recipiente perderia essa capacidade até ao fim do dia. A peculiaridade do

recipiente era que tinha de conter um único pedaço de comida para que pudesse ser multiplicado e utilizado o mais possível. Duryodhana pediu a Durvas para vir ao Pandavas e pedir hospitalidade depois de Duraupadi ter terminado de comer porque sabia desta peculiaridade do recipiente. Quando este sábio zangado pede comida e os Pandavas não conseguem satisfazê-lo nem a ele nem à sua enorme comitiva, ele, sofrendo de fome, irá certamente lançar uma terrível maldição - e isso irá destruir completamente os Pandavas. O difícil problema da coabitação com eles será resolvido, e os Kauravas serão capazes de governar todo o país em paz. Essa era a má intenção de Duryodhana. O sábio compreendeu a sua intenção insidiosa e riu-se, mas, no entanto, aceitou o pedido de Duryodhana e apareceu perante os Pandavas, acompanhado por dez mil discípulos, precisamente quando Draupadi, tendo limpo o vaso sagrado, descansou depois de comer, falando com os seus maridos. O panda foi cordialmente saudado, lavou-lhe os pés, e estendeu-se respeitosamente à sua frente. Durvasa, cansado após uma longa viagem, ficou claramente irritado ao dizer: "Vamos ao rio para realizar rituais de ablução nocturna, preparar comida para o nosso regresso para mim e para os meus dez mil seguidores. Após esta declaração, toda a procissão avançou rapidamente em direcção ao rio. Os pandavas estavam deprimidos, com medo do que lhes iria acontecer agora. "O convidado que veio até nós é o famoso Durvasa, cujas capacidades e realizações são conhecidas do mundo. "Com um pensamento, ele pode transformar aqueles que o apodreceram em cinzas!" - pensou ela, tremendo de medo. Draupadi chamou Krishna, e as lágrimas brotaram dos seus olhos e o seu coração estava de luto. Ela não pensou no que seria dela, rezou apenas pela salvação dos seus maridos e pela preservação da dívida irrepreensível de uma mulher casada (braseiro). Os irmãos Pandava ouviram o seu soluço, e a sua angústia duplicou. Gritaram também a Krishna, o seu único protector. "O Nandanandana! Perdoa-nos os nossos pecados e as nossas ilusões, salva-nos deste terrível perigo, ajuda-nos a agradar ao sábio e à sua grande comitiva". Krishna olhou para as orações do Pandavas e, ao mesmo tempo, na margem do rio Durvas e dez mil dos seus discípulos sentiram que os seus estômagos estavam literalmente cheios de comida, a sua fome tinha desaparecido. Tendo escapado à agonia da fome que os tinha atormentado há apenas um minuto, sentiram a maior felicidade e contaram um ao outro sobre este milagre, primeiro em gestos e depois em palavras. "Os nossos estômagos estão tão cheios que também não há lugar para um grão de arroz neles. Dharmaraja estará à nossa espera com uma exuberante festa de comida gourmet e insiste que apreciemos a sua hospitalidade. Mas onde podemos encontrar um lugar para os seus petiscos? Estamos verdadeiramente numa posição difícil"! Os alunos falaram ao professor sobre o seu estado e as suas suspeitas. O homem sábio que soube da misericórdia de Krishna abençoou os Pandavas em abundância e amaldiçoou aqueles que o enviaram com

motivos pecaminosos. Durvas e os seus discípulos foram para o outro lado, contornando o ¹⁹²local de colonização dos irmãos Pandav.

O Mahabharata descreve que Durvas foi precedido pela morte de Krishna quando este se esqueceu de limpar os vestígios de comida dos seus pés ao mesmo tempo que lhe oferecia hospitalidade. Conta também a história de como Durvas recompensou o Kunti que lhe agradou com o dom especial de convocar qualquer donzela de quem ela desejasse ter um filho.

Os irmãos de sangue de Durvas eram os grandes reis da sabedoria: Artham (Chandra) e Dattatraya. Arthama (sânscrito "para fins") foi viver para Chandra-mandala (mundo lunar), Durvasa tornou-se ascético, e Dattatreya, sendo uma encarnação conjunta de Brahma, Vishnu e Shiva, ficou com os seus pais e tornou-se o chefe e fundador de facto da ordem esotérica de Nath (perfeito siddha-yogs). Dattatraya é descrito como o guru do Rei Yadu, o antepassado de Krishna e dos Yadavs, e Brahma Parashurama ("Rama com um Machado"), o avatar de Vishnu. É também o autor dos mais antigos textos hindus, Tripura Shahasya, Avadhuta Gita, Jivanmukta Gita Yoga Shahasya e Yoga Shastra. O seu habitat sagrado - Monte Abu (Arbu) - é o pico mais alto da cordilheira de Aravalli, no estado do Rajastão, no oeste da Índia.

¹⁹² Sai Baba. *Bhagawata Wahini*, capítulos 20-21 // <http://ashram.ru/bhagavathawahini21>.

Capítulo 7. Jambudvipa, Potala, Lanka.

A tradição indo ariana também fala de um continente especial e arredondado rodeado pelo oceano, o Jambudweep (uma ilha com uma macieira rosa). É mencionado em "Puranas" e é descrito em pormenor por Shukadeva Goswami em "Bhagavata Puran". O diâmetro da Jambudvipa é de 100 mil yojan ou 1,3 milhões de quilómetros (enquanto o diâmetro da Terra é de 13 mil km e o comprimento do equador da Terra é de 40 mil km).

É o Monte Mandara, mencionado no mito da lavoura oceânica, juntamente com o Monte Merumandara, o Monte Suparshva e o Monte Kumuda que rodeiam a montanha central do continente, a Sumerah. Consiste em ouro puro, expande-se para cima e sobe sobre a terra em 84 mil yojan (cerca de 1,1 milhões de quilómetros - três vezes a distância da Terra à Lua, de acordo com os astrónomos modernos). De acordo com outra versão - Jambudvipa, juntamente com outros continentes - ilhas rodeiam a montanha Meru, localizada no centro do oceano. Além disso, Jambudvipa tem lagos de água límpida. Há também jardins chamados Nandana, Chitraratha, Waibhrajaka e Sarvatobhadra. O Monte Sumeru está rodeado por vinte cadeias de montanhas, incluindo a Kuranga, Kurara, Kusumbha, Waibhrajaka e Trikut. A leste de Sumeru encontram-se as montanhas Jathara e Devakuta, a oeste as montanhas Pavana e Pariyatra, a sul as montanhas Kailas e Karavira e a norte as montanhas Trishring e Makar. Estas montanhas são o lar de mangueiras, macieiras cor-de-rosa, cadamba e banyan trees.

No topo do Monte Sumeru encontra-se Brahmapuri, a residência de Brahma. Em redor de Brahmapuri encontram-se as cidades do Rei Indra e sete outros semideuses. Cada uma destas cidades tem quatro vezes o tamanho de Brahmapuri.

Na mitologia de Jain, é o continente Jambudvipa que está localizado no centro do mundo habitado, do meio, e à sua volta existem círculos concêntricos de outros continentes e oceanos. São os Jainistas que acreditam que o Monte Mandara está no centro do Jambudvipa (mudado para o Monte Meru em textos muito posteriores). O continente de Jambudvipa está dividido de oeste para leste por seis cadeias de montanhas em sete terras: o extremo sul de Bharata ou Bharatawarsh (identificado com a Índia), no norte - Eravai ou Airavata. A faixa central é ocupada pelas terras Mahavideh, a sul das quais se encontram as terras de Hariwarsh e outras. Uma parede de diamantes ergue-se à volta do círculo de Jambudvipa, seguida por uma grelha de pedras preciosas. Na parede e na grelha existem quatro portões orientados para os lados do mundo. Jambudvipa está rodeada pelo oceano da Lavanada, que tem quatro cadeias de ilhas chamadas Antardvipa, bem como ilhas pertencentes às luas, sóis e divindade Lavanada - Sushthita. Depois vem o continente de Dhatakikhand. No norte e no sul, as cadeias montanhosas

dividem-na ao meio, e cada metade repete a estrutura da Jambudvipa. No meio de cada metade há a sua própria Mahawideha com o seu próprio Monte Mandara (Meru), uma cópia da Mandara central mas de menor tamanho. A isto se seguem numerosos oceanos e continentes, na sua maioria copiando-se uns aos outros. O continente extremo e o oceano são chamados Swayambhuramana. A "vimana" central mais alta (habitação palaciana), localizada no topo do cone superior do mundo, corresponde em tamanho à forma de Jambudvipe. Acima dela há o Ishatpragbhara, que tem a forma de um guarda-chuva aberto que coroa o mundo. Ainda mais alto, o mundo acaba, e na sua última parte há siddhis.

Na realidade, o canônico Jain "*Stananga Sutra*" (8,67-85) descreve montanhas, rios, grutas e "capitais" no continente Jambudvipa:

"... 8.67 No continente de Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e em ambas as margens do grande rio Sita, oito montanhas de Wakshaskara elevam-se: Chitrakuta, Pakshmakuta, Nalinakuta, Ekashayla, Trikuta, Vaishramanakuta, Anjanakuta e Matanjanakuta.

8.68 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e em ambos os lados do grande rio Sitoda, oito montanhas de Wakshaskara elevam-se: Ankawati, Pakschmavati, Ashivisha, Sukhavah, Chandraparvat, Suryaparvat, Nagaparvat e Devaparvat.

8.69 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sita, há oito Vigaja Ksheter: Kachchha, Sukachchha, Mahakachchha, Kachchakawati, Awarta, Mangalawarta, Pushkala e Pushkalavati.

8.70 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sita, há oito Vigaja Ksheter: Watsa, Suwatsa, Mahawatsa, Watsakawati, Ramya, Ramania e Mangalavati.

8.71 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sitoda, existem oito VJs: Pakshma, Supakshma, Mahapakshma, Pakshmaqawati, Shankha, Nalin, Kumuda e Salilavati.

8.72 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sitoda, há oito Vigaja Ksheter: Wapra, Suwapra, Mahawapra, Waparakawati, Valga, Suwalga, Gandhila e Gandhilavati.

8.73 O continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sita, é o lar de oito capitais: Kshema, Kshemapuri, Rishtapuri, Khadgi, Manjusha, Aushadhi e Pundarikini.

8.74 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sita, há oito capitais: Sushima, Kundala, Aparajita, Prabhankara, Ankawati, Pakshmavati, Shubha e Ratnasanchai.

8.75 Há oito capitais no continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sitoda: Ashwapuri, Sinhapuri, Mahapuri, Vijayapuri, Aparajita, Aparā, Ashoka e Vitashoka.

8.76 Há oito capitais no continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sitoda: Vijaya, Vaijayanti, Jayanti, Aparajita, Khadgapuri, Avadhya e Hayodhya.

8.77 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sita, o maior número de arkhats, chakravartins, baladevs e vasudevs no passado, presente e futuro é de oito.

8.78 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sita, o maior número de arkhats, chakravartins, baladei e vasudevs no passado, presente e futuro é de oito.

8.79 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sitoda, o maior número de Archaats, Chakravartins, Baladevs e Vasudevs no passado, presente e futuro é de oito.

8.80 No continente de Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sitoda, o maior número de arhats, chakravartins, baladevs e vasudevs no passado, presente e futuro é de oito.

8.81 No continente de Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sita, há oito montanhas cada uma, as Dirgha-Waitadhya, as Grutas de Tamisra e as Grutas de Khandakapatapa, e os oito deuses de Kritamalaka, Nrityamalaka, Gangesakunda e Sindhukunda, e as oito montanhas de Rishabhakuta com as suas respectivas divindades.

8.82 No continente Jambudvipa, a leste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sita, há oito montanhas cada uma, as grutas Dirgha-Waitadhya, as grutas Tamisra e as grutas Khandakapatapa, vivem sobre os oito deuses de Kritamalaka, Nrityamalaka, Raktakunda e Raktavatikunda e estão nas oito montanhas de Rishabhakuta com as suas respectivas divindades.

8.83 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a sul do grande rio Sitoda, há oito montanhas cada uma, as cavernas Diirgha-Waitadhya, Tamisra e Khandakapatapa, Os oito deuses de Kritamalaka, Nrityamalaka, Nrityamalaka, Gangakunda e Sindhukunda, correm através dos oito rios Ganges e Sindhu e ficam nas oito montanhas de Rishabhakuta com as suas respectivas divindades.

8.84 No continente Jambudvipa, a oeste do Monte Mandara e a norte do grande rio Sitoda, há oito montanhas cada uma, as grutas Dirgha-Waitadhya, as grutas Tamisra e as grutas Khandakapatapa, vivem sobre os oito deuses de Kritamalaka, Nrityamalaka, Raktakunda e Raktavatikunda e estão nas oito montanhas de Rishabhakuta com as suas respectivas divindades.

8.85 A largura do Pico do Mandarachulik na sua parte intermédia é de oito yojan¹⁹³.

¹⁹³ Stananga sutra. O Terceiro Hanga-agama do Quinto Ghanadhara, Sri Sudharma Swami // <http://www.jainworld.com/JWRussian/jainworld/Sthananga/chapter8b.asp>.

O estudioso persa *Al-Biruni* ("*Índia*", XXII: 120) conhece a lenda indiana ligada às terras próximas do Pólo Sul: "... Tiveram em tempos um rei chamado Somadatta, que foi honrado no paraíso pelas suas boas acções; no entanto, ele não podia aceitar a ideia de que o seu corpo estava separado da sua alma quando foi para outro mundo. Depois apareceu a Rishi Vasistha e disse-lhe que amava o seu corpo e que não queria separar-se dele; mas Vasistha fê-lo desesperar do seu desejo de mover o seu corpo terreno deste mundo para o paraíso. Depois expressou o seu desejo às crianças de Vasishtha, e elas cuspiram-lhe na cara, ridicularizaram-no e transformaram-no num chandalo com brincos em ambas as orelhas e vestido com uma camisa nova. Então ele veio em tal estado a Rishi Vishwamitra ... Vishwamitra ficou indignado com a sua indignação, e, invocando os brâmanes para fazer um grande sacrifício ... disse-lhes: "Quero fazer outro mundo e outro paraíso para o bem deste rei justo, para que ele pudesse alcançar ali a realização do seu desejo. E começou a fazer o Polo e o Urso Grande (o Urso Grande em indiano é chamado "Saptarshaas" - "Seven Rishi (Sages)" - O.G.) no sul, mas ele tinha medo da Cabeça Indra e dos seres espirituais. Vieram ter com ele humildemente, pedindo-lhe que deixasse o caso por ele iniciado na condição de que movessem Somadatta com o seu corpo, tal como está, no paraíso. Fizeram-no, e Vishwamitra deixou de fazer o segundo mundo, mas o que ele já tinha feito até essa altura já tinha sido deixado¹⁹⁴.

"Mahabharata conhece Somadatta ("Darovan Somoi") como um rei do país Wahliki (Bahliki), um apoiante dos Kaurabs. Ele é o filho de Bahliki, o irmão mais velho de Shantanu.

Mas o Bhagavat Gita conhece Somadatta como o filho de Krishasha. Fez um sacrifício a Ashwamedha, propiciou Vishnu e atingiu uma posição invulgarmente elevada - ascendeu ao "planeta" dos grandes iogues místicos. O filho de Somadatta era Sumati, e o seu filho era Janamedja. Todos estes governantes, descendentes da família Vishala, aumentaram a glória do rei da Terra Trinabinda ("*Srimad Bhagavatam*", 9.2.36). *Trinabindu* era filho de Budhi, o primeiro homem de Manu Waivaswat¹⁹⁵.

Esta história também é contada no "*Ramayana*" (*Livro 1, Cap. 57-60*), mas o seu herói chama-se Satyawart ou Trishanka, e não Somadatta. Irritado pela recusa da Indra em aceitar Sathyawart no seu paraíso, Vishwamitra ameaça criar "outra Indra". Variantes da mesma história encontram-se em "*Vishnupuran*" e "*Harivansh*"¹⁹⁶.

¹⁹⁴ *Abu Reikhan Beruni. Índia / Izd. podgotov. A.B. Khalidov, YN Zavadovsky, V.G. Erman. - Moscovo: Ladimir, 1995. -- C. 22-228.*

¹⁹⁵ "*Srimad Bhagavatam*", *Canção 9. Capítulo 2 // <http://vedadev.ru/text/sb912.htm>*

¹⁹⁶ *Abu Reikhan Beruni. Índia / Izd. podgot. A.B. Khalidov, Yu.N. Zavadovsky, V.G. Erman. - Moscovo: Ladimir, 1995. -- C. 516.*

Os budistas acreditam que no meio da Jambudvīpa existe o reino de Magadhah, o lar dos Budas do passado, presente e futuro; no norte da Jambudvīpa, entre as montanhas Snowy e Blagovonnaya, existe a morada do rei dos dragões e do mapam do mar quadrangular (do qual correm os rios Ganges, Sindhu (Indus), Bakchu e Sita), na sua margem existe a árvore Jambu; mesmo a norte existe o rei das árvores Sala. A oeste está o reino de Uddiyana, onde os dakinis vivem num palácio de diamantes. No sul, na foz da montanha Potala, encontra-se a residência de Avalokiteshvara, no sopé da montanha encontra-se a residência de Tara (Dar-ehe). A leste, há o Monte Utaishan e a casa de Manjushri. Mais tarde, na tradição budista, o nome Jambudvīpa foi aplicado a todas as terras habitadas.

A mítica ilha Potala ("Cais dos navios"), enterrada no oceano, é narrada por textos budistas. O Sexto Panchen Lama Lobsan Baldan Yeshe (no século XVII.) escreveu: "... Navegando a partir do grupo de Rameshwari (a sul do Hindustão) na direcção sul, deslocando-se para o movimento (ilha) de Singala (Ceilão), chega-se depois à terra de Singala. A partir daí chegamos ao Monte Potala por navio na direcção sul"¹⁹⁷. O Palácio Dalai Lama em Lhasa tem o epíteto "Segundo Potala" ("Dunzin nybo"), considerado a encarnação do senhor da ilha de Potala, bodhisattva Avalokiteshvara ("Senhor a olhar para fora")¹⁹⁸. O próprio Avalokiteshvara é uma interpretação budista da asura védica de Hayagriva ("Com pescoço de cavalo"), que roubou o Veda-struto (sabedoria védica) e o escondeu no fundo do mar. Vishnu, tendo tomado a imagem de Peixe (Matsya), tendo arrastado o navio do rei Satyavratha (sob o disfarce do qual se escondia Manu, o análogo do Antigo Testamento Noé), matou a asura e devolveu Veda-strute

¹⁹⁷ *O budismo. Os cânones. História. Arte / autor. Coleções: A.M. Strelkov, E.A. Torchinov, M.V. Mongush, S.V. Ryabov. - Moscovo: IPC "Design. Informação. Cartografia", 2006. - - C.48*

¹⁹⁸ "...Segundo os budistas do norte, cada novo Buda terrestre torna-se um reflexo ou encarnação de um Buda celestial correspondente (dhyānibuddha) que não é criado, mas produz um filho, um bodhisattva celestial (dhyānibodhisattva) - "uma criatura em busca de iluminação". O Buda celestial Gotham é conhecido como Amitabha, e o seu bodhisattva celestial, padmapati, "segurando a flor de lótus", ou Avalokiteshvara, que se traduz como "amoroso", "olhando graciosamente para as pessoas" ... Nos textos budistas pode-se encontrar **108 formas diferentes que Avalokiteshvara toma**. Uma das mais populares no Camboja é a **multiarmas Avalokiteshwar ou Lokeshwar**, pois soa mais familiar aos cambojanos. Nesta capa serve como **Criador, cada poro na pele de Lokeshvara é um espaço separado, contendo o seu próprio universo**. O seu tronco, tornozelos e braços até ao cotovelo estão cobertos com imagens de numerosos Budas sentados. Num feixe de cabelos na sua cabeça há uma figura do dhyānibuddha Amitabha, cuja encarnação é Lokeshvara. Em oito mãos há vários atributos: uma flor de lótus e uma caixa com as suas sementes, um disco de batalha, um livro, um rosário". [*Bagdasarov R., Zhukov Dm. Buddha - como o vemos // [155](http://family-values.ru/religioznoe-znanie/budda-kakim-my-ego-vidim</i>].</p>
</div>
<div data-bbox=)*

a Brahma, *para que* pudesse continuar a Criação com a sua ajuda ("*Bhagavata-purane*", VIII.24). Segundo outra versão, foi à imagem de Hayagriva Vishnu ("*Ramayana*", IV. 6,5) que ele matou as asuras Madha e Kaitabha e devolveu o Veda-*struto* roubado por eles.

No budismo japonês Avalokiteshvara Hayagriva é reverenciado como Bato-Kannon ("Com cabeça de cavalo") sob a forma do papel da Mãe Divina, que derrama a Água da Criação a partir de um recipiente de cristal. O fluxo desta Água Benta salpica numa multidão de bolhas, em cada uma das quais se encontra um bebê com asas dobradas em oração (cf.: das lágrimas do bodhisattva Avalokiteshvara apareceu a deusa Tara). Existem trinta e três santuários (Saikoku-Sanju-san) dedicados a Kannon. Todos eles estão cuidadosamente numerados e localizados em províncias próximas de Quioto. Segundo a lenda, quando Tokudo Shunin, o grande abade budista, morreu no século VIII, apareceu perante Emma-O, o senhor dos mortos, no seu palácio ultramarino, brilhando com ouro e prata, pérolas cor-de-rosa e muitas jóias cintilantes. A luz também veio do próprio Emma-O, e um sorriso brilhou no rosto desta divindade horripilante. Ele obrigou Takudo Shonin a pregar a ideia de uma peregrinação aos três lugares sagrados do Kannon Misericordioso, para que as pessoas se enchessem de poder espiritual e pudessem pisar todo o mal, quebrando em pedaços todos os cento e trinta e seis círculos do inferno. Como símbolo da sua missão, Emma-O apresentou o monge com o seu selo decorado com pedras preciosas. Muitas divindades xintoístas locais foram declaradas avatares (suijaki) da essência original (honji) de Kannon.

Na China, Avalokiteshvara (japonês: Kannon, Cor. Kwanyim) é conhecida como Guan-yin - uma bela mulher que ajuda um homem em apuros, se disser apenas o seu nome. De acordo com a lenda, ele vive nos mares do sul. Ela já foi filha de um rei da dinastia Zhou e o seu pai mandou cortar-lhe a cabeça por se recusar a casar, mas a espada do carrasco partiu-se sem sequer a arranhar. Mais tarde disse no "Garland Sutra" que a sua alma foi para o Inferno, mas a alma de Guan-yin irradiou tal beleza que apenas uma das suas presenças transformou o Inferno no Paraíso. O governante do Inferno, para manter intacto o seu reino escuro, enviou Guan-yin de volta à terra e, transformando-o numa flor de lótus, transferiu-o para a ilha de Putuo (cujo nome é a pronúncia chinesa do sânscrito "Potala"). Tal como em Lhasa o Palácio Dalai Lama é o "Segundo Potala", o "Segundo Putuo" está localizado no sul da Ilha de Putuo (Prefeitura de Zhoushan Archipelago, Província de Zhejiang; 150 km a sudeste de Xangai) na Montanha Putuo é o complexo do templo Guan Yin com a sua mil face (Ulao), erigido pelo famoso peregrino japonês Hueye em frente a uma grande estátua do Buda Maitreya (outras montanhas, Wutai, Jihua e Emei são dedicadas aos bodhisattvas de Manjushri, Kshitigarbha e Samantabhadra). Putuo é também conhecido como o Bodhimandala, o Lugar do Iluminismo, e é conhecido

pela sua paisagem esfumada, que dá aos objectos silhuetas invulgares. A ilha é por vezes referida como "um paraíso budista no mar" ou "a borda dos pêssegos floridos e a montanha sagrada".

No nome Avalokiteshvar propriamente dito, aconselhamos a prestar atenção ao componente - kitesh - nele e ao nome do Antigo Russo, escondido debaixo de água (variantes: Subterrânea; ou em pé sobre colinas mas invisível), a cidade secreta do "povo justo" Velikiy Kitezh no lago Svetloyar (perto da aldeia Vladimirskiy no rio Lunda que corre no rio Vetluga, 100 versos de Gorodets, distrito de Makarievka, província de Nizhny Novgorod), construída, de acordo com a lenda, em 1167. Príncipe Georgy Vsevolodovich, filho do santo Príncipe Vsevolod-Gavriil de Pskov (o Príncipe Georgy é classificado pela Igreja Ortodoxa como um santo, Com. 4 de Fevereiro)¹⁹⁹. Provavelmente, a ideia do "Grande Kitezh-Grad" foi trazida à Rússia pelos Polovtsy Kumans, que, sendo cristãos nestorianos, tomaram muito emprestado das ideias dos seus antecessores na Grande Estepe - os Pecheneg Kangars, que eram os seguidores do budismo pelos Vajraianos com o Bodhisattva Avalokiteshvara ocupando um lugar importante na mesma. Tipologicamente, houve outro empréstimo no cristianismo da tradição budista: a história atribuída a São João de Damasco sobre os santos czarevitch Joasafá (Iosaphat) e o eremita Balaam (Barlam) é uma reinterpretação da narrativa budista sobre o czarevitch Siddhartha Gautam Shakyamuni Buda (de acordo com D. Jimara a etimologia dos nomes das personagens principais: Ind. Bodhisattva através de um árabe. Budhasf (Budisatif) e carga. Yudasif (Yiwasif) por causa da mistura de árabe b/y [/] e d/w [/] deu grego e glória. Joasaph, e o árabe. Bilawhar (Bilawhar) através do peso. Balahvar (Balavar) deu em grego. Βαρλαάμ (Barlaam)²⁰⁰).

Os indo arianos dizem que originalmente a Ilha Lanca (Ceilão) e o oceano Sagara pertenciam ao deus da prosperidade e riqueza Vitesvara, apelidado de Kubera ("Ter um corpo feio") e Vaishravan ("Clear Hearing"). É o filho do sábio Vishravas (filho do sábio Rishi Pulastia Prajapati) e Devavarnini (ou Ilabila), filha de Rishi Bharadwaja, que aparece como uma vaca. Kubera tornou-se um deus graças à sua piedade, está encarregado dos tesouros subterrâneos de Indra e da carruagem (vimana) de Pushpaka, que pode voar no ar.

O seu meio-irmão foi Rakshas Ravana (letras "Warring"; imagem simbólica dos Tamils), que expulsou Kubera de Lanka e se estabeleceu nos Himalaias, fundou ali a capital de New Alaka (Alakapuri), construída pelo

¹⁹⁹ Durylin S. *A Igreja do Castelo Invisível (1913)* // <http://artpolitinfo.ru/tserkov-nevidimogo-gradal/>.

²⁰⁰ *A Enciclopédia Ortodoxa: Barlaam e Joasaph.* - <http://www.pravenc.ru/text/154239.html>.

divino construtor Vishvakarman perto da montanha tibetana Kailas. No Tibete Kubera é chamado Dzambala (Jambhala; pertence à gênese (gothra) de Tathagata Ratnasambhawa; também é dividido em Jambhala Preto, Branco e Amarelo, que pronunciam mantras separados), em Jainismo - Sarkvanubhuti, em Budismo - Vaishnavan (as letras "Sarkvanubhuti" e "Vaishnavan"). No jainismo - Sarkvanubhuti, no budismo - Vaishnavan (letras "Clear Hearing"), na China - Do Wen Tian (letras "Hearing"), na Mongólia e Buryatia - Namsre (Namsaray; do Tibete. Namto shay "Son of Rest"), no Japão - Bisyamou-ten (Bisyamonten).

Quanto à última lenda, há mais de seis milhões de anos Goho Mao Song (Gohomaoson; o Terrível Rei dos Conquistadores do Mal e da Personificação do Espírito da Terra) desceu de Vénus para o topo do Monte Curama (a norte de Quioto). Mao Son veio à Terra com uma grande missão - era salvar a humanidade. Durante vários milhões de anos, o seu grande espírito residiu no Monte Kurama, governando a vida de toda a vida na terra. Em 770, um monge chamado Gantai viu um cavalo branco nas montanhas e seguiu-o. O cavalo levou-o a um lugar sagrado. Ali Gantei foi iluminado, tornando-se uma das reencarnações de Bisyamou-ten (Guardião dos Limites do Norte do Paraíso e do Espírito do Sol). Imediatamente após a iluminação, Gantei iniciou a construção do Templo Kurama-Dera da Escola Tântrica (Vajrayan) de Singon ("A Palavra Certa; Mantra"). Como resultado, a "Energia da Vida do Universo" (Son Teng), que assume três formas - amor, luz, e poder - é emitida do templo. Bisyamonten (Weishravana) apoia a luz (Sol), Senseiu-Kannon Bosatsu (Avolokiteshwara) apoia o amor (Lua), e Goho Mao Song apoia o poder (Terra).

Kubera é dono do jardim mágico de Chaitraratha, localizado no sopé da montanha mundial Meru, o seu servo Manibhadra - o deus do comércio, o seu amigo - o deus Shiva, que lhe ensinou os segredos do Tantra e do yoga, e Lakshmi. A sua suite são vários espíritos naturais de yakshi, kinnara e gukhjaki, o seu povo é "itarajana" ("outras pessoas"), ou "punyajana" ("pessoas puras"). a mulher de Kubera - Yakshini (a mais próxima da sua comitiva), ou, sob outra versão, - Radhi (encarnando a prosperidade, análogo do semítico Lilith), do qual nasceu o filho de Nalakuwara, de três cabeças e seis braços (a personagem principal do romance *Xu Junlinya "Nomeação para o posto dos deuses", século XVI*).

A propósito, Kubera foi considerado zarolho (perdeu um olho pela maldição da mente por esprear para ela quando estava sozinho com Shiva), branco (amarelo e dourado), com um corpo grande e arredondado e uma expressão zangada do rosto. Na sua cabeça havia uma tiara com pedras preciosas de cor vermelha, azul e verde, brincos nas orelhas. À volta da sua cabeça encontra-se uma auréola verde com um perímetro vermelho. Na sua mão direita segura uma faixa de vitória (faixa guarda-chuva - sânscrito "dhvaja", dhvaja), e na sua mão esquerda - um mangusto, um animal

associado à riqueza e prosperidade, que arrota pedras preciosas. Kubera Weishravan também é representado com peixes dourados, conchas, vasos preciosos, flores de lótus, e uma roda (o aro mágico "Qiang Kun Quan" - "um aro de trigramas "criatividade" e "encarnação" através do qual ele derrota demónios).

Mas também Kubera - e o governante (marajá) do Norte, sentado sobre um leão ou homem branco como a neve. O seu próprio reino é o mundo do "Povo Simples Celestial dos Traumas", onde nasceram heróis de guerra que defenderam a sua pátria e tiraram o trabalho ao povo do seu país, cirurgiões qualificados que salvaram as pessoas do sofrimento físico. Contudo, apesar destes méritos, as condições mais importantes necessárias para o renascimento do "Povo Celestial dos Traumas" no mundo do "Povo Celestial dos Traumas" continuam a ser a prática do sacrifício e a observância dos mandamentos morais. Aqueles que praticam, guardam os mandamentos e levam uma vida moral são recompensados com tudo o que possam precisar.

Muitas das características mencionadas do Indo-Aryan Kubera aproximam-no muito das divindades dos ramos do norte dos Indo-Europeus: tanto os escandinavos como os alemães com o seu Odin de um olho só (Wotan), cujo palácio (Valhalla) revive heróis caídos, e que tem a ver com a riqueza da terra e os espíritos da natureza que os mantêm, os peixes em que Loki transformou o seu rival) e os gregos com o seu Bacchus Dionysus, com um corpo feminino, enfurecido e sentado no representante dos gatos predadores (leopardo, tigre) ...

Capítulo 8: Tamililam, Taprobana e Panhaya.

Os precoces tamilianos preservaram o mito de que os seus antepassados na "era Uji" migraram do grande continente de Tamalaham (Tamilam), "700 Kawadams" a sul do Hindustão, no Oceano Índico, ou seja, cerca de sete mil quilómetros de comprimento, "destruídos e absorvidos pelo mar".

Um épico tâmil do sul da Índia, Silappadhikarama, menciona frequentemente uma vasta extensão de terra chamada Kumara Nad, também conhecida como Kumari Kandam. Estende-se muito para além da costa moderna da Índia. Os antigos comentadores do Sul da Índia também escreveram sobre a submersão de dois rios, o Kumari e o Pahroli, no meio do continente, sobre um país cheio de cristas de montanha, sobre animais e vegetação.

A propósito, como afirmam os geólogos, ostensivamente o subcontinente hindustânico "engatou" a Lemúria, tendo-a arrancado da Antártida milhões de anos antes da ocorrência da humanidade...

Outras lendas indianas falam do país de Ruga e do país de Daityah, também afundado nas ondas do oceano.

Não sem razão, os seus restos são considerados como sendo a ilha do Ceilão (os Hindus chamam-lhe Sri Lanka, e os Dravids chamam-lhe Nawalam), que, juntamente com uma parte maior da terra era uma parte integrante do continente, chamada pelos cientistas Lemúria (incluía Madagáscar, Seicheles, Irão, Afeganistão e fragmentos tibetanos de Gondwana). É por isso que os separatistas Tamil no Sri Lanka acreditam que estão a lutar pela libertação da sua pátria original, o Tamil Eelam. Este reino da Pandia, segundo a lenda, existiu de 30.000 a 165.000 a.C.

Foi em Tamalaham, a sua capital de Madurai do Sul (Madhurai), que surgiu a mais antiga "sangha" (tamil afundou), uma comunidade dos melhores poetas e estudiosos tâmiles. O²⁰¹.

Também "... um descendente da elite tâmil parayyar, L. Iohee Taese, provou que ... antes da chegada dos arianos, os tâmiles praticavam o budismo, que os arianos lhes tiravam, distorcendo o seu significado. Iohei Thace iniciou um movimento para o renascimento do budismo tâmil ... Depois foram desenvolvidos por S.K. Biswas, que identificou a antiga civilização indiana com os antepassados dos tâmiles, a "raça dos Asurs". Ele pintou a sua população por budistas pacíficos, que partilhavam as ideias de liberdade e igualdade"²⁰².

²⁰¹ Kondratov A. *Tamalaham - pátria de Tamil // Kondratov A. Morada - Lemuria? - Leninegrado : Hydrometeoizdat, 1978. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97376/38/Kondratov_-_Adres_-_Lemuriya_.html*

²⁰² Shnirelman V.A. *Ariysky myth in the modern world - Moscovo: Nova Revisão Literária, 2015. - VOL. 2 - P. 283.*



O próprio Vasudeva (Shiva), como é dito em "Bhagavadgita" (início do capítulo IV), identificando-se com a divindade Suprema (Sri Bhagavan) informa Arjuna que uma vez que contou os seus ensinamentos - ancestral do yoga da humanidade moderna, o Homem Vivasvanta ("filho do Sol"), que escapou da inundação mundial na arca, que por sua vez entregou este ensinamento aos seus descendentes, sábios reinantes da dinastia solar. Este último incluiu Shatanik, neto do fundador da dinastia Parikshit, que recebeu uma revelação adicional do sábio Shaunaki da tribo Brighi - "o yoga mais alto", percorrendo a linha de Brahma a Brigh e Ushanas sobre a reverência pela essência de Narayana ("*Vishnu Dharmottara*", primeiro capítulo).

Os Dravids estão na realidade associados à civilização Proto-Índia (Indo-Indiana) (3300-1300 AC), famosa pelas cidades de Moenjo-Daro, Harappa, Changhu-Daro, Lotkhal, Kalibangan, Rakhigarhi, Dholavira, Amri e outras. É sobre os artefactos desta civilização, os famosos selos, que se pode ver a imagem do grande deus Shiva, o "senhor do yoga", na imagem de Pashupati, o patrono e protector do gado.

A civilização Elam (3200-549 a.C.) na costa sudoeste do Irão, fazendo fronteira com a Suméria, está material e espiritualmente relacionada com a civilização Proto-Indiana. A sua capital era a famosa Susa (Shushen). Os Elamitas são conquistados pelos persas, mas adaptam de tal forma a cultura do país escravizado que Joseph Flavius até chamou aos Elamitas os antepassados dos persas (*Joseph Flavius, "Jewish Antiquities", livro 1, cap. 6:4*). No início da nossa era, os Elamitas ainda mantinham a sua identidade étnica e estavam presentes em Jerusalém na celebração do Pentecostes (*Actos 2:9*).

Sabe-se que por volta do terceiro milénio a.C., algures na região do Irão, houve uma divisão da civilização unificada proto-Elamo-Ubaido-Dravidiana e da sua única língua em três partes independentes - os Dravids, os Ubaidianos e os Elamitas.

Os Dravids mudaram-se para o Hindustão no 4º milénio a.C. (onde mais de 200 milhões de pessoas falam actualmente línguas dravidianas), assimilaram tribos australóides locais (a área de propagação da civilização

está bem correlacionada com a propagação do grupo Y-haplogroup L, que surgiu há 30 mil anos), e também chegaram ao Turquemenistão moderno (o chamado complexo arqueológico Bactrian-Margiana; "civilização oxiana"). Mas só em 1800 a.C. é que foram expulsos das cidades fortificadas pelos índios de Pra-Indo-Iranianos ("arianos"; cultura Andronov), mudando-se das estepes Urais, fazendo depois o mesmo com os portadores da civilização proto-indiana (apenas os antepassados do povo de língua dravidiana de Bragui (cerca de 2 milhões de pessoas) permanecem no Paquistão, Turquemenistão e Irão). A. Lubotsky pesquisou o vocabulário indo-ariano, que não tem análogos no dicionário All-Indo-Iranian, e observou que estas palavras se referem à construção complexa, terminologia agrícola e pecuária (*jharmya "casa permanente" (ou seja. não yurt)", *ильта "tijolo, barro", *sikata "areia, cascalho", *mayukha "alfinete de madeira", *kha "fonte", *cat "poço", *yawiya "canal de drenagem", *ancu "planta a partir da qual é feito o sumo de peixe-gato", *magha "oferta ritual, sacrifício", *atharwan "pai", *ucig "função sacerdotal", *гъи "rishi, vidente", *bhiľajı "erva medicinal" (a medicina tem sido sempre o negócio dos sacerdotes) e os nomes de algumas divindades *Āarwa "Sharva", *Indra "Indra", *Gandharwa "Gandharwa", *ульта "camelo", *khara "burro", *kačyapa "(sea) tartaruga(sea)", *kapauta "pomba", *jajhuka "porco-espinho", *matsya "peixe", *warajiha "javali", *kaiča-gaiča, *stuka "vistas do penteado", *atka "capa", *pawasa "tecido" (mas há um ukr. "*suči "agulha", *dača "fronteira"), *kapara "prato", *naiji(s) "cuspo", *wači "machado, faca", *gada "mace, vara"), que correspondiam às realidades da civilização Bactro-Margentina, e são muito susceptíveis de pertencer à linguagem de substrato desta civilização²⁰³. Do mesmo modo, os vestígios do substrato dravidiano encontraram o seu caminho para a língua herdeira indo ariana na Ásia Central (cf. Bragui e Old Turkic: balun : beDu"k 'big', ilum : ogly 'brother', ka : kel 'go, come', xisun : qyzyl 'red', xaxo : qarga "corvo", xaf : qulgak "ouvido", xan : ko"z "olho", ira : eki "dois", kalur : ku"l "cinzas", tubo "lua" : tu"n "noite".

Os Ubaid (Ubeid) foram para a Mesopotâmia do Sul em 6500 AC. Eram agricultores sedentários, tinham gado, viviam em casas feitas de tijolos crus que formavam os assentamentos, que se agrupavam em torno do santuário religioso central - o templo. Os assassinos fizeram-nos conhecer a primeira, embora ainda muito primitiva, armadura (eram ligaduras de couro com placas de cobre costuradas nelas), e os seus chefes ou padres usavam estranhos capacetes ou máscaras da ilha, cobrindo todo o rosto e imitando o focinho dos répteis, com um topo alongado e oco voltado para trás.

²⁰³ Lubotsky A. *Quem eram os habitantes de Gonur e que língua falavam? // No caminho da descoberta da civilização. Procedimentos da expedição arqueológica de Margiana. - São Petersburgo: Aleteya, 2010. -- C.18-22. -*
[https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/23213.](https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/23213)

Estatuetas com cabeças de lagartos e fendas estreitas de olhos inclinados eram uma característica desta cultura. O mais famoso deles é um lagarto humanoíde que segura e alimenta o seu filho. Havia outras estatuetas com o corpo de uma mulher e a cabeça de um lagarto. Têm triângulos gravados no peito e nos genitais, nos ombros - placas (decorações nos ombros), na cabeça - "chapéus" altos ou perucas feitas de betume (asfalto natural). Apesar do sucesso no desenvolvimento do artesanato e na construção de templos, nem grande prosperidade nem grande poder os assassinos não alcançaram, porque não foram capazes de realizar trabalhos de irrigação em grande escala. Sem irrigação na Mesopotâmia, era impossível obter grandes colheitas, e sem elas, atingir um nível de economia e acumulação de reservas que permitisse o rápido desenvolvimento da cultura, manter o topo do poder e exigisse o aparecimento de uma carta de contabilidade económica. Tudo isto foi oferecido por sumérios que vieram do norte no terceiro milénio a.C. e assimilaram os ubaidianos. Após a descoberta da cultura de Leilatepe (4350-4000 AC.), havia razões para acreditar que parte dos portadores da cultura Ubeid-Uruk migrou para o Cáucaso do Sul (monumentos da cultura Leylatepe), e depois para o Cáucaso do Norte (monumentos da cultura Maikop), e a expedição síria de arqueólogos da Academia das Ciências russa revelou a semelhança dos artefactos da cultura Maikop e Leylatepe com os encontrados recentemente durante as escavações da antiga cidade de Tell Khazna I no norte da Síria (o vale Habura perto da cidade de Khabura). Acredita-se que os Hurrianos, tendo assimilado parte do Ubeid, levaram deles os autodenominados Subareanos - "os habitantes do país Subari/Subartu", localizados no rio Tigre, a norte da Babilónia. Linguisticamente, a língua dos ubeidianos é chamada "banana" - alguns termos do ofício e alguns nomes (incluindo os nomes dos deuses) com sílabas repetidas (replicação) são estruturalmente semelhantes à palavra inglesa banana (a lei da sílaba aberta; também típica da Minoan e da Velha Eslava). Tais são, por exemplo, nomes dos deuses Alalu, Kubaba (Huvava), Zababa, Inanna, Bunene, Bilulu, etc. Uma vez que as noções deuses do Ubeid têm aparecido muito autoritárias nas deidades do Próximo Oriente com nomes de "banana" continuaram a ser estimadas na Ásia do Próximo Oriente até aos tempos antigos.

Também não é assim tão simples com os antigos habitantes da Arábia. Muitos antropólogos, tanto a nível da população como a nível individual, notam uma influência muito forte da Austrália. Toda a história genética da Arábia (até ao 2º milénio a.C.) é um processo de deslocação/assimilação pelos proto-semitas da população australóide autóctone relacionada com os dravidianos do Hindustão até os australóides serem deslocados para a periferia sudeste da península. Antes da chegada dos Proto-Semitas (que trouxeram para a Arábia, depois uma estepe/semi-deserto seco contínuo, pastoreio nómada primitivo), os Paleo-Semitas estavam envolvidos na caça

e recolha de camelos ao longo das costas do Mar Vermelho e do Oceano Índico, embora as tribos que viviam ao longo da costa do Golfo Pérsico parecessem ter sido fortemente influenciadas pelos Elamitas²⁰⁴.

Alguns estudos sugerem que a pátria ancestral protodrauidiana (prototulu) se situava na Etiópia, ou seja, de facto num "país ultramarino" de cerca de 2000 a.C. atravessou a Península Arábica para a região de Piraca (actual Paquistão) e de lá, juntamente com os indo-arianos que atravessaram o Hindu Kush, entrou no Hindustão, onde a população austro-asiática local (parentes de Munda e Bragui) foi grandemente assimilada²⁰⁵.

Na opinião de alguns cientistas, a civilização naturofina proto-Ubaydo-chumero-Elamo-Drauidiana, por sua vez, era um fragmento ou, mais correctamente, baseava-se num substrato de uma civilização inicial (quase-mordial) que é do subcontinente hindustão para o sul. É por isso que é também chamada a civilização "surdica" ("sul").

Os seus representantes eram melancolóides caucasianos, pessoas de pele escura e com características europoides, semelhantes aos actuais habitantes da Etiópia e do Indostão todos - os habitantes das Montanhas Azuis (Nilegyri). "A Pequena Raça Etíope está agora localizada na junção de Europoids e equatoria. A cor da pele varia dentro de diferentes tonalidades de castanho. A cor do cabelo e dos olhos é escura. O cabelo é geralmente encaracolado, ondulado de forma estreita. O cabelo do terciário está enfraquecido. O nariz é normalmente direito, com tolerâncias bastante elevadas e não largo. O rosto é estreito, os lábios são de espessura média. O comprimento do corpo é médio e acima da média, o corpo é dolichemórfico. Diferentes variantes desta raça estão amplamente representadas entre as etnias etíope, somali, queniana e sudanesa. Restos ósseos morfologicamente próximos foram encontrados na área do Neolítico Mesolítico. É bastante provável que esta seja uma variante original antiga, que em épocas posteriores foi constantemente influenciada pelo fluxo de genes de europeus e equatorianos.

Ao considerar as lendas das terras perdidas no Oceano Índico, não se pode, evidentemente, contornar o testemunho da Ilha Taprobana a sul da Índia, descrito por geógrafos antigos (*Strabo*, "Geografia", II. 14). O comprimento da ilha foi estimado em 5000 etapas, "sem distinção entre o comprimento e a largura da ilha" (*Strabo*, "Geografia", II. 14). (cerca de 1000 km - uma tal distância da ilha de Rodes até à colónia de Bizâncio). *Strabo* compara o tamanho da ilha com a Grã-Bretanha.

²⁰⁴ *Os australóides da Shaposhnikova LV vivem na Índia. - Moscovo: Pensamento, 1976. - - 295 c.*

²⁰⁵ *Ravi Mundkur. Evolução da Língua Tulu // Estudos Tulu. - - 2011. - <http://tulu-research.blogspot.com/2007/10/43-evolution-of-tulu-language.html>*

Em regra, é identificado com o Sri Lanka (o comprimento máximo da ilha é de 432 quilómetros, largura - 224 quilómetros), mas isto não corresponde ao facto de Strabo indicar que da Índia está separado por um estreito largo (mais de 3000 etapas) e "... que da ponta sul da Índia até Taprobana deve nadar 7 dias. E outro antigo autor chama mesmo 20 dias, e salienta que entre a Índia e Taprobana são muitas outras ilhas, Taprobana é a mais meridional delas. O famoso Plínio chama o número de 4 dias (mas também é óptimo para uma verdadeira navegação da Índia para o Ceilão)"²⁰⁶.

E, de facto, nos mapas medievais de Fra Mauro e Phiri Reis perto da ponta sul do Hindustão, a ilha de Silam (Ceilão, Sri Lanka), a sudeste da mesma, encontra-se outra grande ilha chamada Taprobana. Há informações sobre a segunda terra perto do Ceilão e nos "modelos do mundo" budistas sobreviventes (mandalas) quase inalterados. Ao mesmo tempo, a misteriosa ilha chama-se Saran Dvīpa, muito semelhante ao antigo nome árabe Taprobana - Serendība: "... os geógrafos árabes relatam que o oceano de Al-Hindh tem 1370 ilhas, em torno da ilha Tabrobani (Taprobana), também conhecida como Serendīb, existem 59 outras ilhas habitadas. Serendīb, localizada "no limite extremo do Oceano Índico", tem quase 5000 quilómetros em círculo, há aqui grandes montanhas a subir, numerosos rios a correr, a ilha produz rubis e safiras"²⁰⁷.

"... Taprobana na descrição dos antigos geógrafos é habitada por elefantes (não se encontram no Ceilão), existem 500 cidades (que também não existiam no antigo Ceilão), o tamanho de Taprobana é várias vezes maior do que o tamanho da ilha do Ceilão. De acordo com Pliny, as sombras em Taprobana são lançadas não a norte mas a sul, o sol nasce à esquerda mas põe-se à direita. Isto significa que a ilha está no hemisfério sul - entretanto o Ceilão está localizado entre 6-8 graus de latitude norte! E Plínio refere-se às provas da liberta Annie Plokam, que viveu no século I d.C. - e não há muito tempo atrás os arqueólogos encontraram na costa do Mar Vermelho inscrições em grego e latim, relacionadas com o século I d.C., feitas pela liberta Annie Plokam! Será que tudo isto não significa que Plokam não visitou a ilha do Ceilão, mas a ilha de Taprobane, que se encontrava no Oceano Índico, alguns dias navegando a partir das costas da Índia - e agora esta ilha repousa no fundo?! "²⁰⁸».

²⁰⁶ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea // Kondratov A. Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

²⁰⁷ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea // Kondratov A. Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

²⁰⁸ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea // Kondratov A. Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

Por exemplo, a ilha é mencionada por poetas antigos. Alexandre de Éfeso: "Taprobana é uma ilha de quatro lados no mar, um reino de animais cheios de elefantes com um olfacto aguçado"; Dionísio Periegetus: "Taprobana é a mãe dos elefantes nascidos na Ásia" (citação para: ²⁰⁹). Strabo também escreve sobre elefantes em Taprobana, referindo-se a Eratosfen de Kirensky (*Strabo, "Geografia", XV. I. 14*).

Mas o que é particularmente perturbador e chama a atenção no contexto do nosso estudo é o facto de Pomponium Mela, um dos maiores geógrafos da antiguidade, escrever, referindo-se a Hiparco, que "... nunca ninguém navegou em Taprobana, e por isso é bem possível que não seja sequer uma ilha, mas sim o "início de outro mundo", o extremo norte dos "antictónos", ou seja, "anti-vivos"²¹⁰...".

Os geógrafos também notaram que a meio caminho de Hindustan a Taprobane está Sunny Island: "... Aprendemos sobre Sunny Island no segundo livro da "Biblioteca Histórica" de Diodor, que conta sobre um certo Yambula, que foi trazido para esta ilha pelos etíopes após quatro meses de navegação em águas agitadas. A ilha tinha cerca de 5000 etapas em círculo (ou seja, mil quilómetros). Estava localizado no equador, pois "o dia lá dura sempre tanto como a noite, e ao meio-dia nenhum objecto lança sombras, porque o sol está no zénite". A terra traz aos ilhéus tudo o que precisam, os habitantes são de longa duração - vivem até 150 anos - e não conhecem doenças, "não há rivalidade entre eles, não têm discordância pública, dando um preço elevado à ordem jurídica interna". Os habitantes da Ilha Sunny são muito conhecedores da "ciência das estrelas", escrevem de cima para baixo, colunas. Esta última circunstância permitiu expressar uma hipótese de que a Ilha do Sol é Madagáscar, porque havia aqui uma espécie de escrita, cujas linhas iam de cima para baixo (como as linhas da escrita japonesa ou chinesa)"²¹¹.

É sobre Sunny Island perto do equador que Stok Yambul (II-I cc. BC) nos diz. Aqui, entre as pessoas que admiram o sol, reina a completa igualdade, a liberdade do trabalho e do casamento, bem como uma comunidade de esposas e filhos²¹². Em resposta às afirmações de que a noção

²⁰⁹ Ilyushechkina, E.V. À pergunta sobre as fontes da periegesis de Dionísio de Alexandria: Pós-Sidoni Rhodes // *Mundo antigo e arqueologia*. - Saratov, 2006. - Exposição. 12. - P.429-435 // <http://ama-sgu.narod.ru/ama12/ama1230.html>.

²¹⁰ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea* // Kondratov A. *Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

²¹¹ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea* // Kondratov A. *Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

²¹² Panchenko, D.V. *Yambul e Campanella (Sobre alguns mecanismos da criatividade utópica)* // *Antique heritage in the Renaissance culture (em russo)* / Nota editorial. L.M. Bragina (em russo) // *Património antigo na cultura renascentista*. - Moscovo: Nauka, 1984. - -- C.98-110

deste estado do Sol é uma fantasia utópica causada pela experiência histórica dos escravos rebeldes, que foi criada por Pergamum (Ásia Menor) sob a liderança da Aristónica. "Estado Solar" nos anos trinta do século III a.C., é necessário destacar a localização geográfica da ilha do Sol como uma descrição do facto real que não poderia ser inventado por Yambul: "... Mas porque é que Yambul, tendo colocado a sua ilha do Sol muito a sul, fala do seu clima ameno? De acordo com todas as teorias antigas, o clima, quanto mais a sul, mais quente e mais quente, e a vida torna-se impossível devido ao calor. Este facto - o clima ameno da ilha deitada muito a sul - foi muito embaraçoso para Diodorus da Sicília, transmitindo a história de Yambul. Entretanto, as ilhas que se encontram no Oceano Índico na zona, o clima é de facto ameno. Yambul não inventaria um detalhe tão incrível, do ponto de vista dos seus contemporâneos, pessoas de cultura antiga, a fim de dar credibilidade à narrativa ... Talvez a ilha ensolarada seja Madagáscar? Isso é o que alguns investigadores pensam. Na sua opinião, "a indicação de que a ilha tem num círculo de 5000 etapas (1000 km) e que as 7 ilhas constituem, no seu conjunto, um arquipélago não contradiz a sua identificação com Madagáscar. Os viajantes podem ter confundido a foz dos rios com as mangas do mar, o que explica a subavaliação do tamanho da ilha". O explorador alemão Lassen não identifica a Ilha do Sol com Madagáscar, mas sim com Java, situada no extremo oposto do Oceano Índico no arquipélago indonésio. Contudo, os próprios autores antigos indicam uma localização diferente da Ilha do Sol: não no extremo este ou oeste do Oceano Índico, mas algures no seu centro. Pliny, no entanto, acredita que a Ilha do Sol está situada entre a Índia e Taprobana, num estreito largo que separa estas terras (claro que não poderiam ser recifes e ilhotas da Ponte de Adão entre a Índia e o Sri Lanka) ... Pomponius Mela na sua obra "Sobre a posição da Terra" escreve: "Em frente à foz do Indo jazem as chamadas Ilhas do Sol. Estas ilhas são desabitadas: qualquer pessoa que entre na sua terra sufocará ao mesmo tempo - esta é a pressão do ar aqui derramado". É claro que esta descrição das "Ilhas do Sol" não corresponde à descrição dada por Yambul, apenas os nomes correspondem. Mas na descrição das ilhas chamadas "Happy", "Golden", "Blessed", pode encontrar muito em comum com a descrição da Ilha do Sol, e estas ilhas eram conhecidas dos geógrafos indianos, árabes e antigos. O nome da ilha de Sokotra provém provavelmente do antigo índio "Dvip Sukhadara" - "Land Giving Happiness", ou seja, "Ilha Feliz". Na descrição de "Ilhas Felizes" perto da Arábia, encontramos características típicas da Ilha do Sol e Panhaya: também estão cheias de fragrância, os habitantes não estão conscientes de catástrofes, etc. Entretanto, no verdadeiro Sokotra, chamado Dioskorida, o autor do Periplus do Mar da Eritreia relata secamente que a ilha é "muito grande, mas quase desabitada, embora rica em água; tem rios e crocodilos, muitas cobras e lagartos muito grandes que comem carne e usam gordura como azeite; e a ilha não produz

fruta, nem uvas ou grãos. Poucos dos seus habitantes vivem num dos seus lados norte, onde está virado para o continente; é uma população que veio e está misturada com árabes e índios, e mesmo gregos que vieram para cá para fazer negócios. Igualmente breve e seco é o relato do geógrafo árabe Masudi sobre Sokotra: "Sokotrian aloe cresce sobre ele. Está situada entre o país de Zinja (isto é, África, - A.K.) e o país dos árabes. A maioria dos seus habitantes são cristãos". Como podem ver, não há aqui nada da Ilha Feliz. Provavelmente, estamos perante outra contaminação: para o verdadeiro Sokotra foram transferidas características inerentes às lendárias "Ilhas Felizes", e apenas geógrafos bem informados evitaram este erro e descreveram Sokotra como realmente era". Fenómenos semelhantes são encontrados ao descrever outras ilhas no Oceano Índico. Busurgh Ibn Shahriyar escreve sobre a ilha de Andaman, o Grande. As verdadeiras Ilhas Andaman são habitadas por pessoas que ainda vivem na Idade da Pedra. Entretanto, "Maravilhas da Índia" diz que Andaman, o Grande, "tem um grande templo dourado. Tem um túmulo, que é especialmente venerado pelos nativos, eles e este templo dourado erguido por reverência a ele ... Nenhum dos que visitaram esta ilha não regressou a nós". Pomponius Mela escreve que "perto do Cabo Tamus está a ilha de Cristo, e perto da boca do Ganges - Argyr. Segundo uma antiga lenda, o solo de Cristo contém ouro, e o solo de Argyr - prata. Obviamente, ou às ilhas foram nomeadas por estas propriedades, ou, inversamente, os seus nomes foram a fonte da lenda". Geógrafos árabes relatam uma ilha Yahontov, Jazirat al-Yaqut, localizada no equador, ou uma ilha de pedras preciosas, Jazirat al-Juakar. Ao noroeste do Cabo Ambre, em Madagáscar, colocam as "Ilhas Abençoadas". Mas talvez ainda mais interessante é a informação dos geógrafos árabes sobre o "centro da terra", localizado na linha do Equador. No meio do Oceano Índico, entre a Etiópia e a Índia, encontra-se a ilha em que a "Cúpula da Terra" - Arin. O académico I. Yu. Krachkovsky explica da seguinte forma a origem desta ideia da "Cúpula da Terra". De acordo com a teoria dos antigos cientistas, as longitudes eram contadas a partir do meridiano que passava pelo centro da terra habitada. Tal centro é a ilha de Lanka, localizada no equador, "onde são iguais dia e noite" (o Sri Lanka, como é conhecido, fica algumas centenas de quilómetros a norte; desconhece-se se isto é um erro dos astrónomos da antiguidade, ou "contaminação" do moderno Sri Lanka e do misterioso Lanka-Taprobana). O ponto em que o equador e o meridiano que atravessam o centro da terra habitada se cruzam foi chamado "Cúpula da Terra" ou simplesmente "Cúpula" por astrónomos e geógrafos árabes. A ilha de Lanka, "que não manteve o seu nome indiano dos árabes, foi inadvertidamente transferida por eles para o Ocidente, também no equador, mas nas suas ideias no meio entre a Índia e a Abissínia", - escreve Krachkovsky. Quer seja assim ou não, uma coisa é conhecida: foi aqui, no Oceano Índico, cientistas e filósofos europeus medievais colocaram não só o "centro da terra", mas

também o paraíso terrestre, e alguns viajantes tentaram mesmo encontrar este "paraíso terrestre", e estar lá! "213» .

Outro facto que atesta a credibilidade da Ilha do Sol é "... não confiável", do ponto de vista dos seus contemporâneos, mas de facto um detalhe surpreendentemente verdadeiro na história sobre a Ilha do Sol é a mensagem sobre a carta utilizada pelos seus habitantes, "muito conhecedora da ciência das estrelas". Eles, segundo Yambul, "não escrevem em linhas transversais como nós, mas verticalmente, de cima para baixo... Têm 28 sons, mas apenas 7 caracteres, cada um dos quais pode ser representado em 4 versões diferentes. O mundo da antiguidade não conhecia esta forma de escrever - de cima para baixo. No entanto, está difundido no Extremo Oriente, Sudeste Asiático e Madagáscar, onde foi trazido por indonésios que habitavam a ilha há cerca de três mil anos e *visitaram-na* várias vezes em épocas posteriores²¹⁴.

Outra terra misteriosa e fabulosa no extremo sul para os europeus desde os tempos antigos foi Panchaya (Panchaya; Παρχαία, Panchaia, Panchaea "All Wonderful").

Panhaya era famosa pelas suas raras plantas aromáticas. A primeira menção ao "incenso Panhaya" foi feita em 58 AC. no poema de *Lucretia "Sobre a natureza das coisas" (II, 410:52)*, depois "trazer incenso ao Panchaia" e "altares fumegantes de Panchaeis" no poema de Virgílio (século I a.C. - século I d.C.) "*Georgianos" (II, 135; IV, 375²¹⁵)*. Mais menção a elas tornou-se um lugar comum na poesia europeia: "... De facto, não rimas prometem a fênix da sua amada Arábia, a coroa de Ariadne, os cavalos do Sol, as pérolas do Sul, o ouro de Chervonia e o bálsamo de Pankaya. Aqui dão plena vontade às suas penas - pois não devem prometer nada que não vão e não podem cumprir" (*M. de Cervantes, "Dom Quixote", 1615; II, 38; Per. N. Lyubimova*). A ilha é também mencionada num dos elegium *Albia Tibulla* (século I a.C.) como um lugar rico do qual, como alguns *Ligdamus* esperam, trará presentes para o seu túmulo: "*Illic quas mittit diues Panchaia merces ... sic ego componi uersus in ossa uelim" (Tib. III 2:23, 26²¹⁶)*.

Este continente-ilha foi mencionado pela primeira vez pelo mitologista grego Eugemer (século IV a.C.). Descreve-o como um lugar de vida de uma sociedade composta por várias tribos étnicas diferentes e a sua viagem até lá para o seu principal trabalho sobre a história sagrada, da qual apenas fragmentos sobreviveram. Estes foram utilizados pelo falecido

²¹³ *Andrey K. Happy Islands // <http://lemuriya.ru/schastlivye-ostrova/>*

²¹⁴ *Andrey K. Happy Islands // <http://lemuriya.ru/schastlivye-ostrova/>*

²¹⁵ *<http://www.all-poems.ru/vergily2.html>*

²¹⁶ *<http://www.thelatinlibrary.com/tibullus3.html>*

historiador grego Diodorus da Sicília (século I a.C.) e pelo escritor cristão Eusébio de Cesareia (século IV d.C.).

Eugemeer descreve Panhea como uma ilha paradisíaca racionalmente construída, localizada no Oceano Índico. Chegou lá, viajando através do Mar Vermelho e à volta da Península Arábica. No templo da ilha dedicado a Zeus Triphylus, o escritor descobriu um registo de nascimentos e mortes dos deuses, provando que se tratava simplesmente de ²¹⁷figuras históricas.

Diodorus da Sicília, parafraseando Eugemire, descreve Panhea da seguinte forma: "... 42. (2) Há muito digno de descrição histórica em Panghay. É habitada por autóctones chamados Panhayas, bem como por alienígenas - os oceanos, os índios, os Scythians e os Cretans. (5) A ilha tem uma grande cidade, Panara, famosa pela sua prosperidade. Os seus habitantes são chamados os admiradores de Zeus Triphilius, e só eles, de todos os habitantes de Pangha, gozam de auto-governo e não estão sujeitos à realeza. Todos os anos nomeiam três arquões que não têm poder para passar a pena de morte, mas tratam de todos os outros casos, e os casos mais importantes eles próprios se referem aos sacerdotes. (6) A uma distância de cerca de sessenta etapas da cidade de Panara está o santuário de Zeus Triphilia, que se encontra numa zona plana e é particularmente admirado pela sua antiguidade e pelo esplendor da sua construção, bem como pela beleza da natureza envolvente. 43. (1) A planície em redor do santuário é densamente plantada com todo o tipo de árvores e não só árvores de fruto, mas também outras que são agradáveis à vista - há muitos ciprestes de tamanho extraordinário, bem como árvores planas, loureiros e murtas, e as águas de nascente correm por todo o lado. (2) Junto ao santuário há uma nascente de água doce tão grande que se torna um rio navegável. As suas águas correm amplamente sobre o solo, irrigando-o, e em toda a planície são substituídas por densos bosques de árvores altas, onde no Verão muitas pessoas passam tempo e nidificam muitos tipos diferentes de pássaros, dando grande prazer e plumagem e cantando de forma variada. Por toda a parte há todo o tipo de jardins e prados com ervas e flores diferentes, de modo que a aparência divina de tudo isto parece digna dos deuses ali presentes. (3) Há também tamareiras com troncos altos e frutos abundantes e muitas nogueiras com frutos cobertos de casca, o que dá aos nativos o maior prazer. Além disso, há uma abundância de uvas de todos os tipos, que sobem alto e se entrelaçam de forma bizarra, proporcionam um espectáculo doce e estão sempre prontas para desfrutar dos poros [próprios]. 44. (1) Há também um grande templo de pedra branca, dois plegamas longos e correspondentemente largos, com colunas altas e grossas, decorados em intervalos de espaço com relevos habilidosos, com magníficas estátuas dos deuses, [criados] com extraordinária perícia e admiração pela sua massividade. (2) Em redor do

²¹⁷ Truesdell S. Brown. *Euhemerus and the Historians* // *Harvard Theological Review*. - 1946. - Vol. 39, N 4. - P. 259-274, DOI:10.1017/S0017816000023245

templo há habitações de sacerdotes que serviram os deuses e que dispõem de tudo o que está relacionado com o santuário. Do templo, há uma estrada de quatro etapas com uma largura de um plef. (3) Em ambos os lados da estrada havia enormes caldeiras de cobre sobre pedestais quadrados, e no final da estrada as nascentes do rio acima mencionado estavam a escorrer. A sua corrente é notável pela sua água leve e doce, que é muito propícia à saúde daqueles que a bebem, chamada o rio "Água do Sol". (4) As suas origens são tomadas inteiramente numa luxuosa moldura de pedra, estendendo-se por quatro etapas de cada lado, e até ao fim da moldura é proibido a todos excepto aos sacerdotes. (5) A planície abaixo, estendendo-se por duzentas etapas, é dedicada aos deuses, e o rendimento derivado dela vai para os sacrifícios. Atrás desta planície ergue-se uma alta montanha dedicada aos deuses, chamada o Trono de Urano, ou Olimpo de Trifilo. (6) Um mito diz que em tempos antigos, Urano, que era então o rei do universo, adorava passar tempo aqui, observando o céu e as estrelas da montanha, e mais tarde a montanha foi chamada de Olimpo do Trifilo porque os seus habitantes pertenciam a três tribos (φυλαί), chamadas os Panghaeans, os oceanos e os doi, que mais tarde foram expulsos por Ammon. (7) Diz-se que Ammon não só os expulsou, mas também os destruiu e aplanou as suas cidades de Doi e Asteruscia. Nesta montanha [cheia de] grande piedade, os sacerdotes fazem o sacrifício todos os anos. 45. (1) Para além desta montanha, do outro lado do Panchea, existem muitos tipos diferentes de animais. Há muitos elefantes, leões, leopardos e antílopes, bem como muitos outros animais de aparência notável e poder espantoso. (2) Há também três grandes cidades nesta ilha - Hirakia, Dalida e Oceanide. O país inteiro é fértil, e existem especialmente muitos vinhos diferentes. (3) Os homens vivem aqui como beligerantes e lutam em batalhas de carruagem como nos tempos antigos. A sociedade é constituída por três partes: a primeira parte é constituída por padres, a segunda é constituída por agricultores, a terceira é constituída por guerreiros, e há também pastores. (4) Os sacerdotes são os governantes sobre todos: resolvem disputas em tribunal e todas as outras questões sociais. Os agricultores trabalham na terra para fornecer à comunidade uma cultura, e aqueles cujo trabalho é considerado particularmente bom recebem um presente especial na distribuição da cultura, com os padres determinando o primeiro, o segundo, e todos os outros, até ao décimo, para encorajar os outros. (5) Da mesma forma, os pastores também dão à sociedade sacrificial e outros [animais] - uns por número, outros por peso, com a conta exacta. Em geral, não têm outra propriedade privada que não seja uma casa e jardim, e todo o crescimento e todos os rendimentos são recebidos pelos padres, que determinam a equidade de cada um, e apenas os padres recebem uma parte dupla. (6) Estão vestidas com roupas macias, porque as suas ovelhas têm uma lã particularmente macia. Não só as mulheres mas também os homens usam jóias de ouro, usando anéis curvos à volta do pescoço, pulseiras nas

mãos, e brincos nos ouvidos, como os persas. Os seus sapatos são cintados e pintados com cores muito grosseiras. 46. (1) Os guerreiros, que recebem o salário adequado, guardam o país das fortalezas e campos localizados em locais diferentes, pois em algumas partes deste país existem também abrigos para os insolentes e criminosos que emboscaram e atacaram os agricultores. (2) Os sacerdotes são muito superiores a todos os outros na sua pureza, pureza e outros luxos: estão vestidos em linho invulgarmente macio e fino, e por vezes em lã muito macia, usam mitras bordadas de ouro na cabeça, e nos pés usam sandálias multicoloridas de trabalho habilidoso, e usam jóias de ouro, tal como as mulheres, excepto brincos. Estão principalmente empenhados em servir os deuses, glorificando-os em hinos e louvores, contando em cânticos sobre os feitos dos deuses e as suas bênçãos aos homens. (3) Um mito diz que estes sacerdotes de Creta nasceram e foram trazidos a Panchea por Zeus quando [ele] reinou sobre o mundo entre os homens. Prova disso é o seu advérbio, indicando que continuam a chamar muitos objectos em cretenses, herdando dos seus antepassados um sentimento de parentesco e amizade para com [os cretenses], e este rumor tem sempre passado de geração em geração. Mostram também os registos do que se diz ter sido escrito por Zeus na altura em que ele fundou o santuário, quando ainda estava entre os homens. (4) Este país tem os depósitos mais ricos de ouro, prata, cobre, estanho e ferro, mas é proibido tirar tudo da ilha, e os sacerdotes não podem sair do santuário, e aquele que quebrar esta proibição é livre de matar a primeira pessoa que encontrar. (5) Em honra dos deuses, uma grande quantidade de dons de consagração de ouro e prata foram aí erguidos, e ao longo do tempo estes dons de consagração têm-se acumulado. (6) As portas do templo são lindamente decoradas em ouro, prata e marfim, bem como em madeira de incenso. A cama do deus tem seis cúbitos de comprimento e quatro cúbitos de largura, todos feitos de ouro, e algumas partes dela são lindamente decoradas. (7) A cama é semelhante em tamanho e acabamento luxuoso à mesa de Deus. No meio da caixa ergue-se uma enorme coluna dourada sobre a qual estão escritos, chamada sagrada dos egípcios, que conta os actos de Urano e Zeus, e depois acrescentou por Hermes a história de Artemis e Apolo "(Diodoro da Sicília, "Biblioteca Histórica" V, 42, 4-46).

O Herói Eaklid, segundo Eugemer, descobriu a extracção e fundição de ouro em Panghai²¹⁸.

O rei Ammon expulsou de Panghay três tribos - os Panghay, os Oceanites e os Doi, e destruiu as suas cidades Doi e Asterusya (Diodor da Sicília, "Biblioteca Histórica", V 44, 6-7).

²¹⁸ Comentário D.O. Torshilov // Gigin. Mitos. - São Petersburgo. Aleteya, 2000. -- C.292

Capítulo 9. Dilmun é o lar dos deuses.

Os Sumérios preservaram o mito da deslocação dos seus antepassados do sul, da terra nas águas do mar - Dilmun (act. Tilmun). Na mitologia Suméria-Acadiana Dilmun é a residência de Ziusura (Ut-Napishtima), o filho do rei da cidade de Shuruppak Ubar-Titu e um homem que escapou da inundação, para onde Gilgamesh nada após a sua morte Enkidu em busca do segredo da vida eterna. Na versão babilónica Ut-Napishtim é dada a imortalidade e ordena-se que se instale "à distância, na foz dos rios", e na versão suméria diz: "Anu e Enliel amaram Ziusudra e deram-lhe vida, os deuses tais, a existência eterna enviou-o. E ordenaram ao rei Ziusudra, guardião de todo o crescimento e semente da humanidade, que vivesse no país de transição, no país Dilmun, o lugar onde o sol nasce.

É provável que através da mediação akkadiana (Tilmun) a palavra tenha entrado em arménio como tilm (տիլմ) "Iodo, lama, lama", til (տիլ) "lama; água lamacenta".

O Dilmun é mencionado pela primeira vez nas inscrições comerciais das cidades-estado Sumério do III milénio a.C., onde a ilha desempenha o papel de mediador no comércio da Suméria e da civilização Harapp do Vale do Indo (aparentemente o país de Melukha nos registos acádios). Cobre, pedras preciosas, pérolas e vegetais seleccionados foram exportados através da Dilmun para a Suméria, e uma variedade de produtos agrícolas foram exportados da Mesopotâmia. Dilmun permaneceu um importante centro de comércio internacional mesmo após a unificação de Sumer e Akkad sob o domínio de Sharrumken e Ur-Nammu; de facto, a documentação do tempo de Sargon Akkadsky afirma que o rei "recebeu navios de Melukha, Magana, Dilmun".

Acredita-se que o Dilmun histórico seja a ilha do Bahrain, na costa norte da qual os arqueólogos encontraram um grande aglomerado urbano, cobrindo uma área de cerca de 19 hectares e habitada por vários milhares de habitantes. O povoado foi perturbado em várias fases entre cerca de 2800-1800 AC, o que corresponde à época em que o Dilmun foi mencionado em fontes mesopotâmicas. Monumentos arqueológicos reminiscentes dos encontrados numa povoação no Bahrain encontram-se também na costa sul do Golfo Pérsico e em várias ilhas do Golfo Pérsico. Oito pratos do Templo Ningal dizem respeito ao comércio de Dilmun, todos cerca de cem anos mais velhos do que os da casa Ea Nasir. A maioria deles datam de 1907 a 1871 a.C. A lista dos dízimos (impostos) e doações ao Templo Ningal, que foi levantada à sombra do zigurat de Ur, pode dizer muito sobre a composição da carga que chegou a Ur de Dilmun. Cobre com uma mistura especial de níquel, fornecido a Dilmun a partir das minas Magana (território de Omã, mais precisamente, no vale que se estende desde o oásis de Buraymi na fronteira entre Abu Dhabi e Omã até ao porto de Es-Soharna na costa de

Maskat; também foram encontradas cerâmicas do período de prescrição do Sul da Mesopotâmia IV mil a.C., a cultura Jemdet Nasr), foi o artigo principal do comércio. A lã permaneceu o artigo principal das exportações mesopotâmicas para Dilmun e um quarto de milénio mais tarde: "...que o santo Ur, trono do reino..., cidade, vos entregue (isto é, Dilmun) grãos, óleo de sésamo, tecidos nobres; tecidos finos, marinheiros". Nos séculos seguintes, a ilha perde a sua importância comercial: durante o período do Império de Novosibirsk, foi considerada um vassalo da Assíria, e mais tarde passou a fazer parte do reino da Nova Babilónia sem reter direitos autónomos. A recente abertura do Palácio Ras Al Qalah na ilha do Bahrein deverá trazer novas informações sobre o período tardio da história de Dilmun. As seguintes referências à ilha, já com o nome grego Tilos, datam do período helenístico. O comandante de Alexandre o Grande, Neroarca, pode ter navegado para a ilha, mas não aterrou na mesma. A inscrição do rei Assírio Sargão II (721-705 a.C.) afirma que entre os governantes que lhe prestaram homenagem estava "Upperi, Rei Dilmuna", cuja residência estava no meio do "mar onde o sol nasce" em trinta horas duplas de navegação. Ou seja, a viagem por mar da Mesopotâmia até Dilmun demorou sessenta horas (trinta Beru). Um navio silencioso navegando no vento dominante de noroeste a uma velocidade de cerca de 8 km por hora demoraria cerca de sessenta horas a chegar ao Bahrain a partir da foz do Shatt el-Arab, uma distância de cerca de 480 km.

Strabo argumenta que os próprios fenícios, ou seja, os cananeus (semitas ocidentais), consideravam a ilha no Golfo Pérsico como a sua pátria ancestral. Ele escreve que no Golfo Pérsico existem "ilhas de Tyre e Arad, onde existem santuários semelhantes aos fenícios". Pelo menos os ilhéus afirmam que as ilhas e cidades fenícias com o mesmo nome são as suas colónias" (*Strabo "Geografia", XVI, 3,4*). Na verdade, os cananeus nómadas, sendo "confederados" da segunda dinastia de Ur, invadiram a Palestina e o Líbano em 2300-2100 AC, trazendo as suas ideias mitológicas percebidas na Mesopotâmia (culto de Adonis-Tammuz)²¹⁹.

Mas muito provavelmente junto ao Dilmun histórico e claramente localizado geograficamente (Bahrain; de acordo com outras versões - a costa de Zagros, a costa indiana, Sinai) havia também um Dilmun mitológico, que é uma espécie de cronótopo sacral.

Em particular, o hino "Eki e Ninhursag", gravado em Nippur do período Starovavilon (o fim da segunda dinastia Ura) diz que ...

Anki e a sua mulher deitavam-se ali,
Essa terra é pura, essa terra é brilhante.
E ele próprio está lá, em Dilmun,
Anki... estabelecido...

²¹⁹ *Enigmas fenícios de Volkov A.V. - Moscovo : Veche, 2004. - - C.46, 48, 91.*

Essa terra é pura, essa terra é brilhante.
E ali, em Dilmun, o corvo não grita.
A ave da morte não clica na morte...
Não há golpes de leão.
O lobo cordeiro não vomita...
Há ali uma mulher velha que não diz: "Sou uma mulher velha".
Há ali um velho que não diz: "Sou um homem velho".

"... À medida que a lenda continua, torna-se claro que existe uma razão para a pureza, pureza e imortalidade da Terra-Dilmoun - a ausência total de vida nesta era primitiva. O texto explica que isto se deve a uma falta de água. É por isso que Enki chama Uta, o deus sol, para encher a terra com "as bocas de água corrente e costeira". Otu concorda de bom grado, e em breve Dilmun transforma-se num paraíso florido. Depois a lenda descreve toda uma série de concepções espantosas da Enki²²⁰.

"...Depois de Utu ter enchido a Terra com água (Dilmun), tornou-se um paraíso verde governado pela deusa Nintu, Mãe da Terra.

Então a Anki decidiu impregná-la.
Anki (para) sábio Nintu, Mãe Terra,
Pulverizou o seu falo na barragem,
Inundou as palhetas do seu falo
Anki... derramou a semente no ventre do Ninhursag...
Nove dias ela tem nove meses, meses de "maturidade".
Tornou-se pleno, pleno, régio,
Até (Nintu) ter dado à luz Ninma... na margem do rio.

A primeira coisa a notar nesta passagem é que Nintu, mãe da terra (ou seja, a terra), foi apelidada de Ninhursag, cujo nome significa literalmente "Senhora da Montanha Principal". Mais uma vez, somos confrontados com a fertilização da "montanha". E mais uma vez encontramos o jogo das palavras "água" e "semente" quando a Terra foi fertilizada por um rio com água como uma semente. Parece ser uma repetição da história de Utu, mas agora o papel principal é desempenhado por Anki. Quanto ao nascimento de Ninmu "na margem de um rio", na minha opinião, este é novamente o caso do rio celestial. Aparentemente, uma margem desse rio era o Céu e a outra era a Terra, onde nasceu Ninmu. Então Ecki apaixonou-se tanto pelo recém-nascido que exclamou: "Não posso beijar o bebê, amor?" Com o seu "barca" e "vento poderoso", voltou a "derramar a semente no seu ventre" e nove meses mais tarde Ninmu deu-lhe à luz Nincurra. A mesma história foi

²²⁰ Elford A.F. *Quando os deuses desceram do céu*. - M. : Veche, 2008 // http://www.e-reading.club/chapter.php/1002317/49/Elford_Alan_-_Kogda_bogi_spustilis_s_Nebes.html

repetida mais tarde com Nincurra, em cujo ventre Anki também derramou a sua semente divina, e finalmente, aconteceu com a sua filha Uttu. Uttu, a terceira filha, recebeu uma atenção especial de Ecki - ele cuidou dela, polvilhando-a com fruta fresca (pepinos, maçãs e uvas), e finalmente possuiu-a na "casa". Mas quando Anki estava prestes a lançar a sua semente no útero da sua terceira filha, Ninhursag arrancou-a do seu útero e plantou-a no chão. Em breve, a semente de Anki cresceu em oito "plantas" diferentes. Se isso lhe parece estranho, é ainda pior. Vizier Ishimud arrancou as plantas uma a uma e deu-as a Anki. Então a deusa Ninhursag, aparentemente assustada com isto, lançou uma maldição sobre Enki para sofrer uma dor intolerável durante toda a sua vida, e só quando ele morrer é que ela o olhará com os seus "olhos da vida". Uma lenda estranha torna-se cada vez mais estranha! A raposa astuta convenceu Ninhursag a voltar e libertar a pobre Anki da maldição, plantando-o dentro da sua vagina. Ao fazê-lo, a deusa cujo nome era "Senhora da Montanha" removeu oito partes do corpo doentes de Eki, das quais nasceram oito deuses [da agricultura]. Uma destas partes do corpo era uma costela - este facto é frequentemente mencionado em ligação com a lenda sobre Adão e Eva.²²¹.. " .

Abau, o pai das plantas (identificado com Ninurta - "Senhor da Terra", filho de Enlil, patrono das plantas, fertilidade da terra, gado e pesca), foi o primeiro a nascer pela palavra da mãe da terra, e passou o cume de Anca. E depois, um após outro, apareceram o senhor dos cabelos, que curou as raízes de cabelo insuportavelmente dolorosas, e a deusa, que curou o nariz, boca, garganta, braços, costela, e Enshag (Enshag) - "Senhor da boca" (Enshag - "senhor da palma da tâmara"). Em agradecimento, Enki proclama a boa sorte aos deuses recentemente revelados: "Que Abau se torne o senhor das plantas. Que Ninsikila seja Magana-san! Que Ninkiruta seja a esposa de Ninazu. "Que Ninkasi seja o portador do prazer". Que o nazi seja a esposa de Umundara. Que Azimua seja a esposa de Ningishzid! Ninti será a dama dos meses. O Enshag será o Sr. Dilmuna"!

Selos e cerâmica com a inscrição e2-gald In-zak "Templo do deus Inzak" foram efectivamente encontrados no local do templo no Bahrain (perto de Barbar; a chamada "cultura Barbar"), que existiu entre 2500 e 1800 a.C. e deixou de existir após a invasão dos Cassites. A outra governante justa, Dilmun Enshag, foi a governante de Magana Ninsikila ("Dame Immaculate / Pure"). É, numa versão do mito, por causa da oração do seu Enki e extrai água fresca para Dilmun.

Sim, a ideia do "êxodo sul" da Suméria (auto-nome sag-gig-ga "blackheads"; acad. *šalmat qaqqadim*) no início parece estranha, porque se sabe que os sumérios vieram da pátria montanhosa do norte.

²²¹ Elford A.F. *Quando os deuses desceram do céu*. - M. : Veche, 2008 // http://www.e-reading.club/chapter.php/1002317/15/Elford_Alan_-_Kogda_bogi_spustilis_s_Nebes.html

V.V. Emelyanov resolve este problema da seguinte forma: "... o texto "Enki e Ninhursag" é uma construção ideológica da era Suméria tardia, na qual os deuses Dilmun e Magan são considerados como descendentes dos deuses Sumérios, enquanto os fundadores Sumérios do panteão são eles próprios colocados em Dilmun. Entretanto, nos antigos textos cosmogônicos sumérios, o universo começa com Eredu e Nippur. Admitir Dilmun ao estatuto do primeiro país habitado do mundo, sem mencionar Ered, Nippur e Aratta, permite-nos datar a construção do fim da III Dinastia Ur - a fase inicial do período Starabyloniano. Tal datação tem a sua explicação histórica. Estes mesmos anos foram a época da maior actividade comercial das cidades de Dilmun e, provavelmente, até da influência política de Dilmun ... Após a morte da Suméria, focas em língua acádia começam a aparecer no território de Dilmun, activamente construídas por babilónios sobre velhas amostras de templos em honra das principais divindades locais. Ao mesmo tempo, muito provavelmente, há uma geminação de divindades sumerianas com divindades dilmunianas. Os textos sobre Enki e Ninhursag reflectem este tempo vago em que os povos do Dworechye, tendo esquecido a versão tradicional da criação do mundo, começam a considerar-se como tendo vindo do Bahrein, um lugar verdadeiramente paradisíaco onde são perfuradas nascentes frescas do fundo do mar salgado, onde existem numerosas plantações de tâmaras e um próspero comércio marítimo. No mesmo lugar, os deuses colonizam Ziusudra após a inundação em Dilmun. A vida como se começasse duas vezes com Dilmun - após a criação dos primeiros deuses e após a inundaç o²²².

Mas ainda assim, aos olhos dos habitantes da Mesopotâmia, uma tal "reforma" de ideias religiosas e cosmológicas deveria ter alguns fundamentos para a "lealdade   tradição" recebida dos seus antepassados.

II. Deaconov continuou a substanciar a hipótese de parentesco entre a língua Suméria e as línguas do grupo Munda (agora habitando o Bengala montanhoso; cerca de 2 milhões de pessoas), que fazem parte da família Australiana (do Mon-Khmer e Vietnamita, Nikobar, etc.). Em 2001, Ian Brown fez um forte argumento para a afinidade da língua sum ria com o grupo linguístico sino-tibetano (especialmente o tibetano antigo), dando 341 correspondências lexicais, incluindo indicadores da 1  e 2  pessoas da unidade pronomes, numerais, denominações de partes do corpo e termos de afinidade (em 2004 acrescentou a lista de correspondências lexicais a 341). Por exemplo, as semelhanças mais indicativas são as da Suméria.   "man (homem (homem adulto))" - Tibete. lu-s "corpo", Burm. lu "homem"; Sumer. mn (signo SAL) "mulher" e Tibete. mi "homem"; Suméria. ki "terra" - sa tibetano; sa-ca; sa-ga (                      - ) "terra"; Sumer. nunuz "ovo" - Tibete. nu-nuz (<*nuz-nuz <*nu -nu ), ppg-nur-po "oval, oblongo";

²²² Yemelyanov V.V. *Antiga Suméria. Ensaio sobre cultura*. - São Petersburgo. *Estudos Orientais de São Petersburgo*, 2001. - // <http://www.litmir.com/br/?b=241590&p=42>.

buzzer. igi "olho" - Tibete. yanjing, ngaan5 "olho"; buzzer. љu, silig2 "mão", < *si-lig é Tibete. lag, tangut. z-la, burm. lak "mão"; Suméria. dshg, du10 "knee" - r-dog "foot"; berm. du "knee"; Sumer. ib "5" - Tib "5" - Tibete. lña, burm. ña "5" [Braun, Jan. *Sumério e Tibeto-Burman. - Varsóvia : Agade, 2001. - 93 p.; Braun, Jan. Sumério e Tibeto-Burman. Estudos adicionais. - Varsóvia : Agade, 2004. - - 36 p.]. Em 1996 P.K. Manansala publicou os seus argumentos utilizando dados fonéticos e morfológicos e lexicais a favor do parentesco sumério com as línguas do grupo austro-nesiano, onde incluiu, além de Munda, o japonês. No entanto, vestígios de uma afinidade detectável nas línguas austronésia e munda parecem ser vestígios de um substrato nestas línguas pertencentes ao grupo linguístico sino-tibetano. É possível que o sumério tenha sido o primeiro a ser separado do sino-tibetano, o que explica tanto os arcaísmos que desapareceram noutras línguas sino-tibetanas como uma série de inovações que estão ausentes do sino-tibetano, mas tipologicamente inerentes ao nostático e australiano.*

Assim, os sumérios, que vieram do norte, assimilaram tanto os ubaydianos como os pró-semitas-frasianos ("... A presença das palavras do fundo principal entre o léxico afro-raziano-sumeriano de contacto parece indicar uma língua de substrato afro-raziano, que foi sobreposta pelo sumério no 4º milénio a.C.").²²³, adoptaram também a visão do substrato da pátria no sul, nas águas do mar.

E esta população de substrato, que veio do sul, é simbolizada pela imagem do deus cultural Eka (Sumer). "o senhor da Nizza/Terra"; os acádios da Babilónia chamavam-lhe Ea, e os gregos, aparecendo mais tarde na Mesopotâmia, mantiveram o seu nome como Hannes; acredita-se que é conhecido no Antigo Testamento como o justo Enoque).

Foi assim que o honraram:

Enki, Mind Extensive, Anunnaki.

o líder dos poderosos.

Um criador de olhos claros e amaldiçoado.

Um doador de palavras lúcido, um visionário.

Nos julgamentos desde o nascer do sol.

e até ao pôr-do-sol de conselhos sensatos, o candidato.

Anki, o senhor de todas as palavras verdadeiras, por assim dizer.

Que eu vos glorifique!

²²³ Militarev, A.Yu. *Afro-Asiático-Sumeriano relações lexicais (em russo) // Reconstrução linguística e a história mais antiga do Oriente. Materiais para discussão na Conferência Internacional (Moscovo, 29 de Maio - 2 de Junho de 1989). Ч. 1. - Moscovo: Nauka, 1989. - - C. 60.*

O país do tesouro do sul chamava-se Abzu (Suméria "águas distantes"; acad. Apsu), por isso o templo que lhe foi dedicado na cidade de Erida chama-se "Eabzu" - "casa Abzu" ou "casa Engurra" (mais tarde também chamada de reservatórios de água benta nos pátios dos templos babilónicos e assírios; aparentemente, na terra natal de Enki Abzu existia também uma piscina (lago) semelhante com água fresca e sagrada). EAbzu serve de protótipo para o palácio celestial de Marduk, e este último para o santuário com o zigurate na Babilónia - o centro sagrado do mundo terreno.

No epos cosmogónico babilónico "Enuma elish" Abzu, "o primogénito, todo criador", é apresentado como um elemento a partir do qual é criada a ligação com o abismo de Tiamat (o oceano de águas salgadas) a segunda geração de deuses - monstros Lakhmu e Lahamu, que deram à luz Ashar (Anshara) e Kishar. Estes últimos eram os pais de Ana (céu) e Eyi (isto é, Eyki), o deus da terra, da água e da sabedoria. Os jovens deuses eram maliciosos e faziam tanto barulho que perturbavam Abzu e Tiamat. Abzu queixou-se amargamente: "Não tenho descanso durante o dia, não durmo durante a noite. Quero arruiná-los, conduzi-los em diferentes direcções. "Que haja silêncio, nós queremos dormir! Embora Tiamat não concordasse com isso, Abzu e o seu conselheiro Mummu fizeram planos para destruir os deuses mais jovens. Mas Aya encantou Mummu com o seu poder mental, a sua aura, os seus "raios de luz", depois pôs Abzu a dormir e matou-o. Depois Aya criou a sua casa em Abzu, onde o seu filho Marduk nasceu (Akkadsk. MAR.DUK "filho do céu puro"; noutras interpretações: "Marduku" - "filho da colina do mundo" ou "amar utuk" - "bezerro do deus Utu-Sun"), o deus supremo da Babilónia, que derrotou Tiamat e criou a partir de partes do seu corpo o mundo habitado. A grandeza do seu Marduk mostra também que pela sua palavra estrelas desapareceram e apareceram (ou seja, havia instabilidade no céu).

O facto de Anki ter morto Abzu e a guerra dos deuses com Tiamat ter acontecido por causa disso, indica que Anki (Aya) só capturou o território com o lago sagrado (reservatório) Abzu (do qual o nome do território em que se situa o lago), e depois veio de lá para Sumer e construiu uma cópia do seu templo - "Eabzu" na cidade de Eredu.

É assim que Anki o proclama:
O meu pai [Anu], rei do céu e da terra,
Deu-me vida no Céu e na Terra.
O meu antepassado, rei de todas as terras,
Reuniu todas as leis divinas,
Ele deu-me todas as leis divinas.
De Mount House, a casa de Enlil,
Trouxe diferentes curiosidades ao meu Abza em Erida.

Em Abzu trabalharam assistentes de Enki - sábios Abgallu (Akkad. Apkallu), os fundadores das primeiras sete cidades sumerianas (erigindo, por exemplo, as primeiras muralhas da fortaleza de Uruk).

Aqui, em Abzu, foram guardados os comprimidos divinos "Mae" (Destino, Essências) descidos do sétimo céu pelo deus Anom, que o rei Tiamat uma vez recebeu. "Mae" atrai a deusa Inanna (Ishtar), filha de Ecki, de Ecki, que adormeceu, e sobre uma torre celestial leva-as ao povo de Uruk. Eki não devolve as "tabelas do destino" e o povo está satisfeito com os dons da civilização.

Eki encomenda também à sua esposa, a deusa mãe Ninmah, para moldar a partir do barro "retirado do próprio núcleo de Abzu", o primeiro homem a quem o sangue do rei deus-traidor assassinado foi misturado.

Mitos sobre o resgate de Enki da inundação global do primeiro homem Ziusudra na arca, o aparecimento do deus-mestre Onnes sob a forma de peixe e dos sete sábios Abgallu, que guardam os sinais "Mae" pedem paralelos com mitos hindus sobre o resgate do primeiro homem Manu Waivaswata na arca, sobre o avatar de Vishnu Matsya ("Peixe") e sobre os sete sábios rish que deram às pessoas "Vedas"... Estes mitos, que não são conhecidos de outros indo-europeus, provavelmente vieram aos indo-arianos da civilização Dravidiana do Indo, relacionados com os mesopotâmicos (Subareanos).

Provavelmente de uma forma inacreditável para representar a Aya; Equi, filho de Zeus, sábio (mas muitas vezes bêbado) governante do submundo, das águas doces e da ilha de Dilmun, que construiu o templo em Erida, chegou aos gregos, onde apareceu como Carvalho, rei da ilha de Aegina (Henona), guardião das chaves do Hades, Uma sábia dádiva de Deus, fundador do primeiro templo (segundo Warron), construtor dos muros de Tróia, genro de Centauro de Ferro, participante na marcha de Dionísio eternamente violento e bêbado para a Índia, purificador de águas de veneno de cobra, O seu filho era Telamon ("O Portador"), o pai de Ajax, e Pelay, o pai de Aquiles... O mito de como Zeus tomou a ilha de Henon pela ninfa Aegina, filha do deus Asaop, e Eak nasceu como consequência, O pai de Telamon (pela revelação de Sísifo do mistério do raptor, Zeus envia Tanatos "Morte" à humanidade), é semelhante ao mito sumério sobre a posse do deus Enliel da donzela justa Ninhursag ("Senhor da Floresta / Montanha Principal"). Mais tarde tornou-se seu marido, mas como a "Senhora da vida/rebra" (Ninti), tornou-se Anki, celebrando o casamento em Dilmun.

Na tradição mitológica arménia, Hayk, o antepassado gigante dos arménios que participaram na construção da Torre de Babel, corresponde a Eka (Eya) e Eaku. De acordo com a lenda, Hayk passou da Mesopotâmia para a costa de Van no Verão de 2492 AC, liderado por 300 maridos e suas famílias. Hayk fundou um estado arménio e desenhou as suas fronteiras à volta de três lagos: Van, Urmia e Sevan, e todos juntos à volta do Monte Ararat. O governante da Babilónia, o tirano Bel invade o reino estabelecido

por Hayk, e a 11 de Agosto de 2492 AC. A 11 de Agosto de 2492 a.C., tem lugar uma batalha entre eles em Hayots Dzor (Faia "Hayk Valley"). Nesta batalha, Ike mata Bel com um tiro com arco e flecha. O corpo de Bel, morto pelo rei arménio, foi elevado ao topo da montanha e queimado. Pela vontade de Deus, as cinzas que restaram dele transformaram-se em água, e os guerreiros de Bel e as suas caravanas de camelos ficaram petrificados. Hayk tornou-se o fundador do reino arménio. Ele próprio é deificado entre os arménios e o povo, começa a chamar-se a si próprio a palavra "feno", enfatizando o seu pedigree do lendário gigante. Antes da sua morte, Hayk dá o poder no país ao seu filho mais velho, Aramanyak. Em nome de um dos seus bisnetos, Aram, várias formas derivadas têm lugar, que esta nação é chamada pelos seus vizinhos: Armani, Armenianos, Arménios, Aryms, Ermeni, etc. O 11 de Agosto é considerado como o início do calendário nacional arménio e este dia ainda é o dia de Navasard, o Dia de Ano Novo arménio. Acredita-se tradicionalmente que os antepassados dos arménios deixaram a Mesopotâmia do Norte por causa da ameaça de um ataque dos amoreanos de Isin, que derrotaram a 3ª dinastia de Ur por volta de 2075 a.C. Durante o reinado do usurpador aramaico Ishbi-Era (2075 - 2047 a.C.) e dos seus sucessores, o poder de Isin espalhou-se para Nippur, Elam, Ur, e Dilmun. Na Mesopotâmia, o nome de Bel ("Mestre"), pelo qual o inimigo de Hayk foi nomeado na versão arménia, foi aplicado ao deus sumério Enlil, que era rival de Enlil por possuir Ninmakh (Ninhusag, Nintu, Damgalnuna, Mama).

Obviamente, no caso arménio houve uma história da noção mitológica da luta cosmológica de Ano Novo do deus Aya com Abzu entre os povos da Mesopotâmia, e depois uma substânciação no país escondido onde a arca salva da inundação mundial uma vez parou (na versão suméria - Monte Nazir em Dilmun, no arménio - Ararat). O mesmo aconteceu com a história mitológica do moribundo e ressuscitado Tamuz e do invasor Ishtar, que adquiriu a forma de uma lenda histórica sobre o rei arménio Ari Beautiful, descendente de Hayk, e Shamiram...

O motivo de origem de oito deuses do corpo de Enki e das relações sexuais não triviais pode ser comparado ao mito hindu sobre como grandes criaturas Prajapati ("senhores dos nascimentos") - Marichi, Atri, Angiras, Pulastia, Pulaha, Kratu, Prachetas (caso contrário - Daksha), Vasishta, Bhrigu e Narada tiveram lugar a partir do corpo de Manu Swayambhuva, filho de Brahma e Viraj ("Brilhante"). Diz-se que encarnam moralidade, engano, misericórdia, orgulho, engenho, engenho, rivalidade, humildade e prudência, respectivamente. Estas dez Prajapati "criaram deuses e santuários divinos, bons espíritos e gigantes formidáveis; selvagens sanguinários; coristas celestiais; ninfas e demónios; cobras enormes e pequenos arpejos;

pássaros com asas poderosas; e colecções separadas de pitrinas, ou seja, os antepassados da humanidade" ("*Leis Manu*"). Dez prajapati também criaram sete rishis ("sapta rishis"; também conhecida como a constelação do Grande Urso) da nossa época, o Vaivaswata Manu. Estes são Kashjapa, Atri, Vasishtha, Vishwamitra, Gautama, Jamadagni e Bharadwaja. Em Brikhadaranyaka Upanishade, sete rishishi são literalmente comparados com diferentes partes do corpo humano: "Estas duas orelhas são Gotham e Bharadwaja. Estes dois olhos são Vishwamitra e Jamadagny. Estas duas narinas são Wasishtha e Kashyapa. A língua é Atri, pois os alimentos são comidos com a língua. Na verdade, "come" significa a mesma coisa que o nome Atri. Aquele que o conhece torna-se o comedor de tudo, e tudo lhe serve de alimento". Noutro lugar, há a seguinte identificação: "Vasishtha é respiração, Bharadwaja é mente, Jamaadagni é olho, Vishwamitra é ouvido, Vishwakarman (Atri) é fala. Mahabharata fala-nos deles:

Sete rishishi... ..anunciou a Doutrina mais alta (Shastra)
e juntou-se aos quatro Vedas no grande Monte Meru...

Estas são sete figuras (no mundo), o oitavo auto-sacrificial (Manu).

Eles sustentam os mundos, deles as leis (Shustra),

sobre um pensamento concentrado, egocêntrico ,

regozijando-se no equilíbrio dos Muni (sábios),

conhecendo o passado, presente, futuro,

estão plenamente comprometidos com a Lei:

"Esta felicidade, este Brahma, este bem eterno",

(Então), com um coração atento aos mundos, eles criaram as Leis (Shustra)

Então esses antepassados do mundo, reflectindo sobre os objectivos do mundo, espalharam este Dharma, o Eterno Longo.

Sete rishis viviam com as suas esposas no Pólo Norte da esfera celeste. Aconteceu que o deus Agni na forma de Adbhuta (fogo sacrificial) viu como Rishishi, "tendo-se refugiado nos seus mosteiros, eles calmamente cederam a abluções, como altares dourados e puros como a luz da lua; brilhantemente competiam com o próprio "Comedor das vítimas", e cada um era como uma estrela maravilhosa. Agni tinha uma paixão pelas esposas de Rishi e penetrou nelas sob a forma do fogo de garhapatia, enquanto a filha de Rishi, Dakshi Swakha, estava apaixonada por ele. Ela tomou o disfarce de cada uma das esposas rishishi e assim satisfez as suas paixões e as da Agni. Seis vezes em cada duas semanas, Swaha, o amado de Agni, atirava a sua semente para um recipiente e, finalmente, um rapaz, o deus da guerra, ladrões e antepassados malditos de Skanda (Kumara, Kartikeya, Murugan, Chandabhairawa) aparecia dessa semente recolhida com calor. As esposas de Rishi, embora inocentes, foram deixadas pelos seus maridos (excepto Arundhati, esposa de Vasishthi) e transformadas numa constelação de Plêiades. Para observar como a humanidade aderiu aos seus preceitos, sete rishis tornaram-se eles

próprios a constelação do Urso Grande: quatro estrelas formaram uma concha, e três outras formaram uma caneta.

No Livro de Enoque encontramos esta descrição: "... E foi terrível o que ali vi: sete estrelas, como grandes montanhas ardentes e como espíritos que me perguntaram. O anjo disse-me: "Este é o lugar onde o céu e a terra terminam; é o calabouço para as estrelas do céu, e para o exército do céu. E estas estrelas, que estão a rolar sobre o fogo, são as próprias estrelas que transgrediram o comando de Deus antes do seu nascer do sol, porque não vieram na sua hora certa. E Ele estava zangado com eles, e amarrou-os até ao fim da sua culpa - o ano do mistério" (*Enoque 4:20-23*).

Em "Apocalipse" João diz que ouve uma voz nas suas costas e vira-se e vê sete lâmpadas douradas. Explica-se-lhe: "O mistério das sete estrelas (το μυστηριον των επτα αστερων) que viu na minha mão direita e os sete castiçais dourados (τας επτα λυχνιας τας χρυσας) são estes: as sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete castiçais que viu são as sete igrejas (*Apocalipse 1:20*); "... E do trono vieram relâmpagos e trovões e vogais, e as sete lâmpadas de fogo arderam diante do trono, que são a essência dos sete Espíritos de Deus (τα επτα επτα πνευματα του θεου)" (*Apocalipse 4:5*) E João continua a descrever os anjos do Apocalipse, que soprarão nas sete trombetas, derramarão as sete taças sobre a terra, e ferirão as sete chagas. Os anjos estão divididos em três e quatro. Ou seja, quatro anjos também controlam os quatro lados do mundo e seguram quatro ventos, quatro elementos.

Dois estrelas do Urso Pequeno (Kirghiz) são confundidas com um par de alienígenas celestiais, e sete estrelas do Urso Grande são confundidas com guardas. O diabo na imagem de um lobo há muito que espera por estes pacers, e quando conseguir comê-los, os guardas correrão - e depois haverá "o repouso da luz". E os Khakasses dizem que as sete estrelas são cães com garras de ferro, que são amarrados ao céu quando quebram as suas correntes - o fim do mundo virá.

Isto pode ser comparado com a descrição em "Atharvaged" o curso do tempo cósmico: "... O tempo transporta, é um cavalo com cerca de sete raios, mil olhos, sem saber a destruição e cheio de frutuoso. Os Sábios Iluminados (Rishi) movem-se sobre ele; as suas rodas - todos os mundos. Assim, o Tempo move-se sobre sete rodas: tem sete raios; a imortalidade do seu eixo. Agora ele é todos estes mundos. O tempo avança o primeiro Deus. Um recipiente cheio está fechado no Tempo. Vemo-lo como existente em muitas formas. Ele é todos estes mundos no futuro. Chamam-lhe "Tempo no Céu Altíssimo" ("*Atharvaveda*", 1-3, *Hino XIX, 53:1-3*)²²⁴.

No século XV. em Roma havia um santo cartomante Amadeus, ao qual apareceram sete arcanjos, tradicionalmente conhecidos pelos nomes dos

²²⁴ Blavat E.P. *Doutrina Secreta. T.2* // http://www.economics.com.ua/writer/235/textbook/9710/blavatskaya_elena_petrovna/teosofiya_-_4_taynaya_doktrina_tom_II/read/72

epítetos: Miguel - "quis ut Deus", "como Deus", Gabriel - "o poder (ou autoridade) de Deus", Rafael - "virtude divina", Uriel - "luz e fogo de Deus", Saaltiel - "discurso de Deus", Yehudiel - "glória de Deus" e Barachiel - "bênção de Deus". Estas criaturas revelaram os seus verdadeiros nomes ao visionário e pediram-lhe que construísse um templo para elas. Ao mesmo tempo, foram descobertas pastilhas antigas representando sete bebidas espirituosas, assinadas com os seus nomes reais. No século XVI, sete espíritos apareceram a outro vidente - Antonio Duka. Agora os Arcanjos exigiram a construção de um templo no local das Termas Deoclecianas, onde na antiguidade se realizavam rituais mágicos, e que foi marcado pelo Papa Pio IV como um lugar de "objectivos mais profanos". A Igreja foi incapaz de cumprir este requisito. Os verdadeiros nomes dos Arcanjos foram cuidadosamente destruídos por ordem do Papa Clemente XI. Mas, entretanto, os sacerdotes continuaram a realizar secretamente rituais de alguma forma ou de outra forma associados com os sete espíritos. Um deles pode ser considerado o ritual "Libertação do Buraco" (sobre o qual Elifas Levi escreveu), que utilizava os nomes de anjos e sangue. O Vaticano tem um velho servo católico ricamente ilustrado, onde se vislumbram alguns dos nomes dos deuses sabesianos: "Saaltiel, o mensageiro; Eudiel, o galardoador; Rafael, o curandeiro; Michael, o vitorioso; Gabriel, o vocalista; Barahiel, o ajudante; Uriel, o forte". O texto do documento contém missas em homenagem aos vários arcanjos. O "Templo dos Sete Espíritos" foi no entanto construído em Roma depois de metade da cidade ter sido extinta da peste de que os Anjos desfrutavam. Michelangelo foi convidado a realizar este projecto e os verdadeiros nomes dos "Sete Espíritos" foram restaurados. Dentro de três anos neste templo, Antonio Duka recebeu muitos feitiços, orações e revelações dos espíritos. E cem anos mais tarde, os verdadeiros nomes desapareceram misteriosamente de novo. Segundo o clero católico, os verdadeiros nomes eram "perigosamente mágicos", porque o nome continha uma vibração que, sendo fielmente reproduzida, dava sempre uma resposta, e estas vibrações eram indiferentes aos conceitos humanos do bem e do mal. E no século VIII, por cronologia cristã foi o julgamento do Bispo de Magdeburg Adalbert, que usou em rituais mágicos os nomes dos sete tronos de Deus, e particularmente o nome de Uriel. Não foi o próprio facto do trabalho mágico que foi condenado, mas sim o uso de nomes. Uriel teria respondido aos pedidos do bispo, que estavam de certa forma em desacordo com os princípios cristãos. No julgamento, foi decidido que não era de facto o Arcanjo Uriel, mas sim um demónio com um nome semelhante²²⁵.

²²⁵ Banshee Danu. *Grande Mãe e Anjos do Apocalipse: Um manual prático para trabalhos mágicos com a constelação do Grande Urso*. - - 2012. - P.23-25 // http://invertedtree.ucoz.ru/load/velikaja_mat_i_angely_apokalipsisa/17-1-0-245

3. Sitchin prestou atenção a um interessante paralelo à narrativa suméria sobre uma origem de oito deuses de um corpo de Enka na mitologia egípcia: "... Nos textos teológicos egípcios de Memphis também se afirma que oito deuses "nasceram do coração, da língua, dos dentes, dos lábios e de outras partes de um corpo de Ptah. Aqui, bem como em fontes mesopotâmicas, é dito que após o nascimento destes deuses Ptah lhes deu terras e casas: "Depois de ter dado à luz os deuses, fundou cidades, dividiu as terras, e colocou os deuses em habitações sagradas; construiu os seus santuários e ofereceu-lhes sacrifícios. Tudo o que fez foi "para agradar ao coração da Senhora da Vida"... ²²⁶).

Ptah, o deus da sabedoria, artes e ofícios, surgiu do oceano primordial e criou os primeiros oito deuses (qualidades primárias da criação, ou manifestações da sua essência divina), consistindo em quatro pares: Nun e Nunet (abismo; variante: Niau e Niaut), o próprio uso de um par de nomes, masculino e feminino, é uma indicação simbólica da capacidade de dar à luz a vida; Huh e Huhet (inumerabilidade, abrangendo tudo, infinidade), Cook e Cooket (escuridão, possuindo também os potenciais de criação; variante: Sombra e Sombra); Amon e Amonet (inocência, ausência de uma certa imagem; variante: Gerekh e Gerech). Esta última desova uma colina pura (Ben Ben Ben) e um ovo mundial sobre ela (por vezes é posto por um ganso branco - Cacan-Huer - "Grande Gogotun"). O Demiurge Sun Atum (chamado filho do meio-dia) nasce do ovo do mundo. O último dá à luz juntamente com a mão direita dos deuses Iusat Shu e Tefnut (ar e água), atrás deles surgem Geb e Nut (a terra e o céu), os pais Osiris, Seth, Isis e Neftides.

Ptah cria o mundo e tudo o que nele existe (animais, plantas, pessoas, cidades, templos, artesanato, arte, etc.) com "linguagem e coração", tendo concebido a criação no seu coração e chamando-lhe a linguagem concebida. Luz e Verdade vieram de Ptakh, e Ele é também o criador do reino (do reino como um princípio de organização da vida). Em 647, "Os Textos de Sarcófagos" contém um discurso em nome de Ptah: "Eu sou Aquele que está a sul do Meu muro, senhor dos deuses, rei dos céus, criador de almas, governante de ambas as terras (céu e terra - nota.), o criador de almas, que dá a coroa, a essência e a existência das almas, eu sou o criador de almas e a sua vida na Minha mão, quando desejo, eu crio e elas vivem; pois eu sou o criador da palavra que está na Minha boca, e a sabedoria que está no Meu corpo, a Minha dignidade nas Minhas mãos, eu sou o Senhor. Uma imagem peculiar da existência misteriosa e incompreensível de Ptah era a própria localização do Templo de Ptah de Memphis - fora da cidade de Memphis, fora da muralha sul, e o epíteto "O Um", Quem está por detrás do muro do sul" (sul no simbolismo egípcio é uma imagem da eternidade), noutra palavra

²²⁶ Sitchin Z. *Wars of the gods and men. Capítulo 8 //*
<https://www.litmir.co/br/?b=270&p=34>

Ptah é um deus do lado sul do Egípcio, praticamente não ocorre em textos rituais (textos das pirâmides), onde o nome Ra ou Amon Ra é utilizado principalmente. Mas em nome de Ptah são produzidos muitos nomes pessoais e humanos (por exemplo, o nome do famoso sábio egípcio antigo Ptahotep). Um nome honrava a natureza estrangeira de deus ao mundo dos povos, o outro - a singularidade da natureza. Este paradoxalmente expressa a ideia de que o homem é simultaneamente um ser divino e um ser terreno; ao mesmo tempo criatura e filho de um deus, o homem é um "ícone" auto-poderoso desta divindade inexprimível. Ptah foi retratado como uma múmia com a cabeça aberta, com uma vara ou bastão em pé sobre um hieróglifo, significando verdade. O touro sagrado Apis foi reverenciado como a encarnação viva do deus Ptah. Tal como Eki teve Abau, o deus das plantas, e Ptah teve Sekhmet, o filho de Nefertum, o deus da vegetação, tal como o poderoso filho de Eki se tornou o filho do sol Marduk (Amar-utu(-k)), assim também o maior filho e ajudante de Ptah foi o deus do sol Atum (Jtm), o guardião da lei mundial (Maat):

Eu sou Atum. Eu é que estava sozinho.

Eu sou Ra na sua primeira aparição.

Eu sou um grande Deus, um samotvoret,
Criador dos seus nomes, Senhor dos Deuses,
Que nenhum dos deuses se aproximará.

Eu fui ontem, eu sei que amanhã.

O campo de batalha dos deuses surgiu quando eu nada disse.

Eu sei o nome do grande deus que está dentro.

"Praise Ra" é o seu nome.

Eu sou a grande Fénix que está em Heliopole.

Enquanto Equi (Eya, Hannes) vem para a Mesopotâmia a partir do mar do lado sul, e o deus egípcio Demiurge Ptah vem para o Egípcio a partir do oceano do lado sul do mundo.

Os egípcios, por seu lado, mantiveram a notícia de que um país de tesouro localizado no sul tinha desaparecido nas ondas de Quadj Ur ("Grande Verde"; oceano). Também o conto de fadas sobre as viagens do mercador egípcio por estas águas à ilha Cobra, onde fica a saber que a estrela gigante caiu e destruiu toda a sua espécie - "75 cobras com os meus filhos e os meus irmãos" ficou. Neste conto de fadas perante o egípcio o senhor do chão feliz - a enorme Serpente de barba, um corpo fixado em ouro, e sobranceiras de lápis lazúli também apareceu. A serpente perguntou: "Quem te trouxe, seu humilde, quem te trouxe para a ilha deste mar, cujas margens estão nas ondas?" O egípcio falou dos seus infortúnios. A serpente revelou-se um mestre hospitaleiro, dotou os naufragos com os dons mais ricos da sua terra - girafas, presas de elefante, canela, incenso, etc. - E mandou o *naufregador* para casa, para o Egípcio, despedindo-se: "Quando se afastar deste lugar, nunca mais verá esta ilha, pois ela vai transformar-se em ondas" ("*O Conto*

dos Naufragados"). Segundo V.S. Golenishchev, esta é a ilha de Socotra, situada no Oceano Índico, em frente à entrada do Golfo de Aden. Outros investigadores identificam-na com a ilha de São João no Mar Vermelho, porque nos tempos antigos havia a crença de que outrora era habitada por cobras. Outra "morada" é possível - uma pequena ilha perto de Aden, chamada pelos árabes "Abu Haban", ou seja "Pai das Serpentes". Mas o egiptólogo E. N. Maximov acredita que é impossível falar de qualquer identificação exacta - e mesmo aproximada - de uma ilha de conto de fadas, pois "... é dotada de características típicas da terra prometida, a ilha paradisíaca dos abençoados, onde um homem tem tentado penetrar mentalmente durante muito tempo, e por vezes tentou realmente penetrar" (Quote za: ²²⁷).

Também, segundo as lendas, o lar ancestral dos deuses egípcios "Nutheru" era um país rico e fabuloso e chamava-se "Ta Nutheru" - "Terra dos Benditos": "... Acreditava-se que Ta Nutheru tinha uma localização terrestre específica algures a sul do antigo Egipto, para além dos mares e oceanos - mesmo para além do país das especiarias Punt; este último encontrava-se supostamente nas margens da Somália, na África Oriental. Para o confundir definitivamente, Punt foi também por vezes chamada a Terra Divina, a Terra dos Deuses; era uma fonte de incenso e mirra de cheiro doce, cujo cheiro os deuses são particularmente favorecidos. Outro paraíso mítico, também ligado a Neter, é a "morada dos abençoados", onde por vezes se leva o melhor das pessoas e que "se encontra atrás de um amplo espaço aquático". Como escreveu Wallis Budge na sua obra "Osíris e a Ressurreição Egípcia", "os egípcios acreditavam que este país só poderia ser alcançado por barco ou com a ajuda pessoal dos deuses que ali poderiam trazer os seus favoritos ... "Aqueles que têm a sorte de lá chegar encontram-se num jardim mágico "em ilhas onde a água corre através dos canais, o que os torna sempre verdes e férteis". Nas ilhas deste jardim "o trigo atingiu uma altura de cinco cúbitos (dois metros e meio), incluindo dois cúbitos - espigas, três - caules, e a cevada cresceu até sete cúbitos, dos quais três cúbitos eram espigas e os caules - quatro" Este país, com a sua excelente irrigação e agricultura cientificamente organizada, não chegou ao Egipto no alvorecer da primeira vez, quando Osíris, o professor de agricultura, que detém o título de "Senhor da Terra do Sul", chegou? E não era desta terra, que só pode ser alcançada por via navegável, a que está na máscara Ibis, que atravessou os mares e oceanos para trazer um presente inestimável de astronomia e geodésia aos habitantes primitivos do vale pré-histórico do Nilo? Não poderia ser que a iconografia marinha na antiga arte egípcia, a construção dos seus navios e a sua paixão por observar as estrelas testemunhem um

²²⁷ Kondratov A. *Islands of the Eritrean Sea* // Kondratov A. *Mysteries of the three oceans*. - L. : Hydrometeoizdat, 1971. - http://www.e-reading.club/chapter.php/97380/35/Kondratov_-_Taiiny_treh_okeanov.html.

legado que passou aos seus antepassados num passado distante de um povo desconhecido de marinheiros? Só um povo assim, uma civilização marinha tão esquecida, poderia deixar vestígios sob a forma de mapas que reflectissem com precisão o mundo tal como este parecia antes do fim da última Idade do Gelo. Só uma tal civilização, que durante dez mil anos comparou o seu curso com as estrelas, pôde detectar e calcular com precisão os fenómenos associados à precessão do equinócio, que se reflectiam em mitos antigos. E há todos os motivos para afirmar que só essa civilização poderia medir a Terra com precisão suficiente para chegar às escalas da Grande Pirâmide"²²⁸ .

FOR AUTHOR USE ONLY

²²⁸ Hancock G. *Traços dos Deuses*. - M.: Veche, 1998. // http://samilib.ru/g/gomonow_s_j/zzzzhankok.shtml

Capítulo 10. Os deuses nas carruagens aladas...

O investigador Alexey Repin assumiu a versão que os mitos gregos sobre a distribuição entre os povos da Terra dos benefícios de uma civilização pelos deuses (Tryptol, Apollo, Hermes, Dionysus, etc.) sobre "carruagens aladas" (mas as carruagens são também atributos de divindades marítimas, símbolos de navios, mas por vezes directamente mencionados e "arca") devem ser interpretadas como lendas sobre mensageiros de uma civilização mais desenvolvida ("Atlântida"), que é uma rede de portos-fábricas comerciais tanto nas costas dos oceanos como no interior dos continentes com um culto especial de grãos, bebidas intoxicantes e megalitismo. Com a permissão de A. Repin, vamos citar as suas reflexões:

"...Atlantis, como empresa comercial centrada em rede, não precisava de ter capital ou alguma ilha. Os navios eram feitos nos estaleiros de Lotkhala, o cedro era extraído para eles nos vales dos rios Indus e Saraswati, e exportado ainda mais através do antigo Dvarka. Toda a riqueza da Índia, Ceilão e Afeganistão foi exportada através dela. Deve ter existido um cofre bancário onde a riqueza acumulada. E muito provavelmente foi na Arábia do Sul, por onde passaram todas as rotas comerciais. Onde estava o "Iram multicoluna" mais rico. Agora tudo lá está coberto de areia - e lá tem de esperar por novas descobertas ... Cobre para bronze foi extraído em Chipre e nas montanhas dos antigos Balcãs, e talvez no Lago Michigan (enormes depósitos de cobre nativo), estanho para ele em Cassiterídios, e talvez na Bolívia. Todos precisavam de ferramentas e jóias de bronze, mas acima de tudo para o fabrico de megalitismo, que faziam parte do culto planetário global do megalitismo. E os trabalhadores, construtores megalíticos, eram alimentados com pão e alimentos que eram comprados em todo o lado, o seu trabalho era pago com cereais, o que equivalia a caridade com uma percentagem de super lucros, e ao mesmo tempo havia a promoção de um novo modo de vida e religião, que estavam associados à agricultura organizada. Ordens de "pedreiros livres" vieram para construir megalitas, que levavam sempre estas ferramentas com eles após a construção. O segredo do bronze era estratégico. Incluindo a construção de navios - a principal "arma" dos atlantes. E o bronze em si foi feito por hephaestos desconhecidos para nós "para as trinta e nove terras", que navegavam facilmente navios atlantes, mas onde não havia movimento de aborígenes primitivos. E outros empresários curiosos ... A construção de megalitas provavelmente começou com o aparecimento do culto Gebekli-Tepe em 9-10 mil a.C., quando havia condições únicas para a recolha de cereais, e talvez para as primeiras tentativas de domesticação de trigo da subespécie selvagem que crescia na montanha Karacadağ a 30 km de Gebekli-Tepe. Acredita-se que o culto de Göbökli Tepe desempenhou um papel fundamental na

emergência da agricultura. Ao mesmo tempo, o culto das festas e sacrifícios rituais parece ter-se desenvolvido aqui. E quando aprenderam a fazer cerveja a partir de cereais, então as festas adquiriram o papel de ações mágicas, que ficaram para sempre na memória dos povos antigos. Basicamente antigos megalíticos foram construídos em 6-4 mil AC. , relativamente não muito longe do mar e dos rios navegáveis. Os megalitas mudaram a área, tornando-se faróis de nova vida, atraindo os aborígenes densos para fora das densas florestas. Além disso, segundo Robert Temple, os megalitas eram excelentes pontos de referência para os pombos-correio, "carteiros divinos" dos padres atlânticos, que nessa altura trouxeram rapidamente toda a informação necessária, e comercial e política... A principal tarefa da antiga Atlântida era arrancar a população primitiva do modo de vida auto-suficiente do caçador e colecionador de "caught-eat-sleep...", para desbloquear a economia natural do homem primitivo. Incluindo seduzindo a nobreza com jóias, vinho fino, incenso, corantes, bem como microlitros de obsidiana para ferramentas e caça. Afinal, alguém tinha de trabalhar para que os chefes locais comprassem tal luxo. E carcaças de veados, raízes e lagartos, não se pode safar - é preciso moeda forte - cereais! Liberta a economia natural do homem antigo, e perto da rede comercial dos deuses ricos! Esta é uma nova hipótese sobre a forma como a agricultura organizada se estava a espalhar. Capital de arranque: a riqueza da região da Índia e da Mesopotâmia. Depois do Antigo Egito, organizado pelos atlantes, ou melhor, o povo de Anna (em sumério), juntou-se a este sistema. O ponto alto é que tal estrutura centrada em rede apareceu perante os estados com as suas fronteiras. Ela própria era global, e não tinha fronteiras! E a chave de tal civilização - "navios e metais" ... [Era] o comércio de impérios. A thalassocracia minóica, por exemplo. Isso é um estado? A talassocracia fenícia, que não era de alguma forma fortemente centralizada... Não era um único estado, nem pensar. Cartago independente, a propósito, como os EUA de Inglaterra. A East India Company era praticamente independente da Inglaterra... Muito provavelmente Tartess e Hades eram independentes de Creta... Havia também um império comercial terrestre, Olmec. E também não era um Estado com fronteiras. Havia centros rituais e culturais dispersos... rotas comerciais, a sua influência estava muito para além deste conglomerado de centros culturais e religiosos. Acredita-se que os Olmecs tenham tido a mais forte influência na Mesoamérica em geral. Cartago não era o centro, como o era a Bíblia, como era Tiro, bem como Sidon e uma dúzia de outras cidades! Eram parceiros iguais... Cartago - sim, claro que era "Nova Atlântida" de F. Bacon. Um satrapium para as nações que o rodeiam. Mas era uma unidade puramente comercial nas relações internacionais ... Em resumo, a base para o surgimento de uma rede comercial de Atlanta (sul) poderia ser as cidades-estados costeiros. unidos por um único culto religioso. O que, a propósito, foi muito útil, uma vez que o atlante se sentia como um atlante em todo o lado, desde a Índia à Grã-

Bretanha... Havia também um sistema único de medidas e pesos... Tal como o ouro não podia tornar-se um metal precioso sem cobre (o seu substituto), também o comércio marítimo internacional precisava de uma moeda dura intermédia. Naturalmente, foram então os famosos talentos do cobre. Mas antes disso, apenas o cereal podia ser uma moeda tão simples (no povo comum de Shekel grin, "shekel" - "grain") ... o cereal pode ser cultivado, moeda para operações comerciais. E o grão, que tem todas as características de uma moeda tão universal (é alimento e álcool, facilmente porcionado e armazenado durante muito tempo, pode ser cultivado novamente), talvez, e cresceu tal como a moeda no início da Atlântida comercial. E não é por acaso que Mercúrio foi primeiro um deus do pão, por mais estranho que possa parecer! E depois um deus do conhecimento e do comércio, e um mensageiro náutico de deuses. E a propagação da agricultura pode ter sido um pouco antinatural. Espalhou-se pelas rotas comerciais atlânticas como uma necessidade para "cultivar dólares", sorrindo. Ou seja, a cultura de cereais como ligação entre o estanho e o cobre. É muitas vezes discutido nos fóruns - porque é que um caçador e um coletor aram no campo... Mas o cereal abre novas perspectivas, e um novo modo de vida, se o considerarmos isolado da economia natural do troglodite (a nossa observação: "Bem, também para fazer cerveja a partir do cereal. É também o equivalente a uma troca. E então Dionísio vem e oferece vinho em vez de cerveja", - O.G.) "...²²⁹ ... Segundo Midrash Tanghum, Noé é um herói cultural: ele ensinou as pessoas a usar uma charrua, foice, machado e outras ferramentas. Note-se que os seus dedos foram adaptados para trabalhos físicos rápidos, o que o ajudou no trabalho de carpintaria na arca" ... Removidos no momento da partida do rebanho, dez ou duas mil toneladas de grãos (e talvez muitas toneladas de cobre e ouro) podem muito bem ter sido úteis para a fundação da "Nova Humanidade". Mais ou menos, a Arca transformou-se num verdadeiro Templo flutuante com as suas riquezas... Não parece fantástico, se fosse tradição de uma civilização antiga (na minha hipótese) navegar até aos nativos com enormes stocks de cereais e metais, a fim de "trazer prosperidade, luz do conhecimento e nova religião". E, claro, abrir novos factos comerciais e dar novas ordens sociais para a construção de templos megalíticos à alegria dos aborígenes eternamente famintos ... Algo semelhante estava na política de expansão marítima da China Antiga com os seus tesouros baochuan ("1421 - quando a China descobriu a América" por G. Menzis), quando vieram subornar os aborígenes no sentido literal²³⁰ ...".

Sim, os mitos da Grécia descrevem coloridamente o herói de Tryptolem, a quem a deusa Deméter deu sementes de trigo, e ele lavrou e

²²⁹ Alexey Repin, da correspondência com o autor, 16 de Fevereiro de 2016) // <https://www.facebook.com/groups/972914239465221/permalink/972919272798051/>.

²³⁰ Alexey Repin, da correspondência com o autor, 25 de Junho de 2016) // <https://www.facebook.com/groups/972914239465221/permalink/1058405660916078/>.

semeou primeiro o campo. Depois, por ordem de Demeter, Tryptollem voou por todo o mundo numa carruagem com serpentes aladas e ensinou as pessoas a cultivar em todo o lado. As pinturas de vaso e outras obras de arte dão-nos um quadro detalhado desta actividade de Tryptolom - principalmente ele parece estar sentado ou em pé numa carruagem alada, desenhada por um par de dragões, e retrata ou o momento da sua partida numa longa viagem, na presença de Demeter e Perséfone, que lhe dão ferramentas e grãos de pão, ou o momento do voo no ar, quando Tryptol espalha os presentes de Demeter em frente de pessoas surpreendidas. Em Alexandria, devido à fertilidade do solo e sob a influência do culto de Osiris, surgiu um novo Eleucine, e algumas características da divindade egípcia nomeada foram transferidas para Tryptolom. Após a sua morte, Tryptolom recebeu honras divinas; segundo Platão, ele era um dos três juizes do reino do submundo. Tryptollem foi identificado com a constelação Volopas, ou, de acordo com uma versão mais rara, com Jason, próximo dele na funcionalidade mitológica - com a constelação Gemini. A mãe de Tryptolem era a filha de Amphicktion, o filho invasor de Devkalion (associado ao Dilúvio do Mundo).

"... É sabido que as "cidades-estados" comerciais foram formadas muito antes da própria aparição dos estados. E este modo de vida pode ser rastreado até aos Sumérios, as culturas proto-indígenas e Proto-Dunai. E depois os Gregos e Fenícios. Mesmo em Creta, não havia um estado centralizado! Era mais fácil para os Antigos amantes da liberdade viver desta forma. E muito provavelmente, o mitológico "imã multicoluna" do Corão não significa uma cidade, mas uma rede de cidades comerciais ricas na Arábia do Sul! Iram de alguma forma ressoa com Irim de Midrash, e em geral explica a essência destes "anjos caídos". Estes são comerciantes que levavam "todas as delícias" da vida da cidade na altura para os agricultores analfabetos. Sodoma e Gomorra são sem dúvida uma daquelas cidades que faziam parte da antiga rede de comércio. A esta luz, a mística das antigas cidades "falecidas e secretas", "agregadoras", é vista de uma forma muito diferente. Sem dúvida, a riqueza e o conhecimento secreto, a chave para os obter, estavam envoltos num halo de magia. Que, em tempos posteriores, degeneraram simplesmente em noções primitivas da chamada "magia cerimonial". Tal como, a fórmula - havia um gin - trouxe riqueza e poder. Tal era o processo de aquisição de riqueza para os antigos agricultores analfabetos! Onde é que a alfabetização, a escrita e o conhecimento tinham um significado mágico? Penso que a Atlântida não deve atribuir um misticismo excessivo, o que cria um enorme campo para especulação e numerosas fantasias. A fonte do poder da civilização pré-histórica centrada na rede é clara - o comércio internacional! A sua base estrutural é constituída por cidades-estado espalhadas por todo o mundo. Eles próprios poderiam tê-los fundado como factores de comércio e juntar-se ao sistema já existente.

Porque era benéfico para ambas as partes. O verdadeiro milagre da "subtileza" é que lançou este mecanismo único, e normas uniformes universais tornaram possível trabalhar em todo o mundo antigo. O que era vital naquele caótico e primordial oceano humano! Alguém inventou os princípios do comércio centrado em rede, talvez normas de dinheiro, medidas e pesos, e navios, além disso. E criou a primeira religião comum para tal sistema, provavelmente com base no culto matrimonial neolítico, como foi na thalassocracia minóica e na fábrica de microlitos, a cultura Chatal-Guyuk. E para isso não é necessário pensar num certo estado isolado da Atlântida, o que é certamente mais habitual para nós e para os gregos da época da Macedónia²³¹...".

Em oposição ao A. Repin A. Kapultsevich sugeriu que esta "civilização errante" dos benfeitores da humanidade ("atlantes") estava envolvida não tanto no comércio como na mineração de metais de terras raras. Os seus locais de mineração estão estritamente correlacionados com os lugares das antigas civilizações e os seus grandiosos artefactos: "... França (perto das Ilhas Britânicas) - ouro, nióbio, tântalo; África Ocidental - nióbio, tântalo; África do Sul - ouro; Egipto - ouro, nióbio, tântalo; Arábia Saudita (perto do Egipto) - elementos de terras raras; Índia, ouro, nióbio, tântalo, elementos de terras raras; Afeganistão (perto da Índia), tântalo; Tailândia (a caminho da Índia para a China), tântalo; China, ouro, nióbio, tântalo; Brasil, ouro, nióbio, tântalo, elementos de terras raras. México - ouro... Além disso, mais uma peculiaridade da trajectória é impressionante (andaças de 'atlantes', - O.G.) - se nos desviarmos dela para a direita ou para a esquerda no decurso do movimento, mesmo que ligeiramente, é fácil estabelecer que as reservas de metais raros e de terras raras tendem praticamente a zero. É claro que nos países mencionados há muitos outros minerais, muitos dos quais de grande valor para a indústria moderna, mas os metais acima mencionados por uma estranha coincidência foram encontrados em áreas onde antigas civilizações foram criadas²³² ...".

"... (Atlântida) não é nem um continente nem uma ilha, mas uma "ilha" artificial criada pelos atlantes em 3760 AC. De acordo com a hipótese proposta, era para navegar nos oceanos, mineração e processamento de minerais - principalmente elementos de terras raras e raras: lantanídeos, tântalo, nióbio, e ouro. À medida que se deslocavam ao longo das linhas costeiras dos continentes, os atlantes cumpriram outra missão - criar várias civilizações que agora chamamos antigas - a Suméria, o Egipto e outras. O objectivo é óbvio - acelerar o desenvolvimento da sociedade humana, tendo transferido para ela alguns conhecimentos técnicos e tecnológicos, tendo

²³¹ Alexey Repin, da correspondência com o autor, 15 de Maio de 2016) // <https://www.facebook.com/groups/972914239465221/permalink/1032618100161501/>.

²³² Kapultsevich A. E. Nova hipótese sobre Atlantis // *International Journal of Applied and Basic Research*. -- 2016. -- №6 (3). -- C.16-17.

conhecido elementos do Estado e do direito. Tendo completado ambas as missões, os atlantes inundaram a "ilha" da Atlântida, presumivelmente na área do Triângulo das Bermudas²³³.

Se aceitarmos as hipóteses acima referidas de um comércio de roaming ou de um "reino de roaming" de produção de metais, devemos concordar com as seguintes conclusões:

"...Alguns no Oceano Índico, emergiu uma civilização marinha muito forte que poderia sobreviver mesmo após uma catástrofe monstruosa. Podia não só restaurar a civilização na Suméria Antiga, mas também trazê-la para o Antigo Egito Era o seu centro alguns localizado na ilha, ou no continente, talvez não tão importante. A questão da localização desta Atlântida do Sul é objecto de um estudo separado. Era uma poderosa formação centrada em rede, uma rede comercial representada figurativamente pelos gregos como uma Hydra com várias cabeças, e ruidosa - como a formidável Tiamat, a senhora matrimonial dos mares. Os titãs de cem olhos e os deuses mitológicos multiarmas são, naturalmente, também um símbolo deste ²³⁴império comercial centrado em rede.

Mas também, segundo A. Repin, juntamente com o culto dos grãos e megalitas, "Atlanta" também espalhou a lenda do "Dilúvio Universal" a lugares onde não foi realmente observado e lembrado: "... As lendas do Dilúvio não testemunham um cataclismo global, que não tem estado na Terra desde a queda do "meteorito do pesadelo" em 10 825 a.C. (possivelmente a cratera do Barkle, a energia da explosão de 1000 gigatons), mas um acontecimento relativamente suave, a queda do "Cometa da Inundação" no Mar Árábico. A energia da explosão é de apenas 5 gigatoneladas, como a de Minoan Santorin. E não em 2701 AC. mas apenas o Septuagiente, em 3201 AC. Se assim for, então os mitos sobre o Dilúvio dos mais diferentes povos do mundo não foram provas de observações, mas apenas uma recontagem do que os trouxe aos atlantes. E aqui segue-se a conclusão, inesperada para os atlantologistas, inacreditável para os historiadores, de que o "alcance" dos mitos sobre a Inundação se espalhou apenas significa o alcance da actividade económica, comercial dos atlantes. Com a correcção, claro, para a deriva territorial dos povos e mitos, e claro, a nova queda de fragmentos de cometa das famílias de "Tungus e Águia" após a primeira Inundação"²³⁵ .

²³³ Kapultsevich A. E. Nova hipótese sobre Atlantis // *International Journal of Applied and Basic Research*. -- 2016. -- №6 (3). -- C.18.

²³⁴ Repin A. A catástrofe de 2807 AC. (asteróide caiu no Oceano Índico perto de Madagáscar) // <http://kobil-caprica.blogspot.com/2015/05/2807.html>

²³⁵ Repin A. Atlântida Comercial // <http://mithologia.forum24.ru/?1-17-0-00000003-000-0-0>

Assim, a "Inundação Mundial" teve lugar na Suméria, a julgar pelos dados da arqueologia (camada de areia de 3 metros), no século 29 a.C., após o que se inicia o primeiro período histórico, real e histórico pós-inundação da 1ª fase do período do início da Dinástica: cerca de 2750-2615 a.C. Após este evento no Antigo Egito aparecem pirâmides, a primeira das quais estranhamente copia zigurates sumérios. O culto de Osíris e Ísis aparece, e o deus do conhecimento Que Jehuti, juntamente com outros deuses, vem de algum lugar distante, do mar, do Sul. Do mesmo modo, o sumério "Kulturtreger" Hannes chega "da água", ou seja, do Sul, das águas do Golfo Pérsico. Curiosamente, Mohenjo Daro também emergiu por volta de 2600 AC.

Ou seja, acontece que só mais tarde é que a lenda sobre a "Inundação Mundial" foi gravada na mente dos "clientes atlantes" por um evento semelhante mas em menor escala, enquanto que os "atlantes" estavam relacionados com um cataclismo maior que tinha acontecido muito mais cedo e depois espalharam eles próprios a notícia sobre o assunto.

Sim, os eventos da segunda, mais pequena, "Inundação" podem ser identificados. Já mencionámos, a propósito da procura do equivalente geofísico da aragem da investigação do Oceano Índico por Bruce Masse, especialista do Laboratório Nacional de Los Alamos dos EUA, que falou na conferência internacional "O perigo do cometa e do asteróide e o futuro da humanidade" com um relatório invulgar. Ele analisou 175 lendas e mitos de diferentes nacionalidades de 40 países, que descrevem uma catástrofe natural global que resultou na morte de quase todos ou de uma parte significativa dos membros deste grupo cultural. A catástrofe começou com uma severa tempestade atmosférica, precedida em muitos lugares por tremores sísmicos e incêndios, continuou com muitos dias de chuva forte e terminou em inundações, que destruíram a maior parte da população mundial na altura. Uma análise detalhada de textos, lendas e contos antigos e as suas referências a fenómenos meteorológicos e geofísicos, a sua sequência temporal e distribuição geográfica permitiram a B. Masse não só propor uma hipótese sobre a natureza cosmogénica desta catástrofe causada pela queda de um cometa gigante (vários quilómetros de diâmetro) no oceano, mas também indicar um local aproximado da queda. Esta é a parte sudoeste do Oceano Índico perto de Madagáscar. Indicações míticas para a época do ano (Primavera no hemisfério norte) e fenómenos astronómicos anteriores (cauda do cometa, ligação de cinco planetas, eclipse lunar parcial) permitiram-nos adivinhar a possível data deste evento: Maio - Junho 2807 a.C. A mais forte explosão equivalente a TNT de cerca de duzentos gigatoneladas que se seguiu à queda destruiu as rochas subjacentes da crosta terrestre, libertando milhares de milhões de toneladas de rocha para a atmosfera, que em dezenas de minutos começou a assentar na Terra sob a forma de gotículas derretidas, causando incêndios generalizados. A explosão também desencadeou um tsunami. Cerca de uma hora e meia após

a queda do corpo cósmico, ondas de 90 metros chegaram a Madagascar. Cinco horas mais tarde, o tsunami cobriu as costas da América do Sul, Austrália e Índia. Mas o pior acontece a seguir: à medida que uma poderosa explosão se evaporou e libertou enormes quantidades de água do mar para a atmosfera, num dia começaram a cair na Terra sob a forma de chuva contínua, transformando partes costeiras e terras baixas de todos os continentes em lagos sólidos com picos salientes de montanhas e colinas altas.

Eis como são reconstruídos os acontecimentos do cataclismo na antiga Mesopotâmia: "... Na versão babilónica da descrição do acontecimento - o Conto de Utnapishtim foi escrito o seguinte: "De manhã começou a chover, e nas nuvens apareceu o deus das tempestades, o deus da morte e outras divindades formidáveis, carregando morte e destruição". Mesmo ali, no sul (coordenadas Ura - 30,96 ° N, 46,10 ° E) no final de Novembro - início de Dezembro a manhã chega bastante tarde, por exemplo, no dia 1 de Dezembro de 2014 neste ponto o Sol nasceu às 6:35 minutos ... Como os cálculos demonstraram, não houve um clarão de luz na queda, e em qualquer caso, não se podia ver a uma distância de 1990 km quando a explosão na superfície do mar, devido à curvatura da Terra. Portanto, a primeira em Ur aproximadamente 1,7 horas após a queda do objecto foi uma onda de choque aéreo - de acordo com os cálculos, bastante fraca (a pressão máxima sobre ela não era cerca de 0.No entanto, imediatamente após a onda de choque, enormes massas de vapor de água da caverna resultante na camada de água do Mar Arábico com o diâmetro de cerca de 16 km, profundidade máxima de 3,5 km e volume de cerca de 400 km³ estavam a espalhar-se na atmosfera, o que deveria ter levado a uma intensidade sem precedentes de aguaceiros. E o golpe principal foi causado por uma onda de tsunami de cerca de 8 m de altura, cerca de 10 horas após a chegada da onda de choque aéreo, ou seja, à noite após o pôr do sol, que durante este período do ano ocorre cerca de 17 horas. A duração das horas do dia em Ura durante este período foi inferior ao tempo necessário para que um tsunami chegasse a esta cidade. E através de cidades mais distantes, a onda passou ainda mais tarde. Assim, as pessoas que estavam atónitas com o que estava a acontecer não conseguiam ver nada na escuridão e não compreendiam o que tinha acontecido no momento do principal impacto da catástrofe - as cheias vindas do mar. Algo semelhante, mas numa escala muito menor, pudemos ver recentemente na cidade de Krymsk ... Enquanto no início de Junho, o tempo de luz dura mais 2 horas, e a onda de tsunami ainda podia ser vista ... Com as quedas de meteoróides ocorreram cerca de 6 horas e 18 minutos (mesmo antes do nascer do sol em Ura) ... Assim, a inundaçãõ de meteoróides entrou na atmosfera da Terra a uma velocidade de cerca de 18,8 km / seg. Tinha cerca de 765 m de tamanho, pesando cerca de 130 Mt, o seu impacto e energia de explosão $E_e \approx 4.5$ Gt em energia meteoróide total $E_0 \approx 5.4$ Gt em equivalente TNT. A pressão máxima de uma onda de choque aéreo em Ura era de cerca de 0,46 kPa, e o

diâmetro estimado da cratera que criou no fundo do Mar Arábico era de cerca de 5 m, ou seja, na realidade não havia nenhuma cratera. O Potop meteoroid pode muito bem ser chamado de "destroço" do núcleo do cometa, uma vez que cerca de 75 desses objectos poderiam ser "escavados" do pequeno cometa 67P/Churyumov-Gerasimenko, e seriam 70 vezes maiores em massa do que o Chelyabinsk meteoroid. A energia da onda na superfície líquida à semelhança geométrica é proporcional ao quarto grau da sua altura ... Tendo diante dos seus olhos as consequências de passar a altura da onda de cerca de 3 m em águas pouco profundas na margem esquerda do rio Adagum na cidade da Crimeia ..., podemos assumir que a onda de oito metros com uma energia 60 vezes maior do que a da Crimeia (ou 100 vezes maior em alturas de onda bastante possíveis 2,7 e 8,5 m), espalhando-se ao longo do canal do Eufrates numa planície plana, pouco acima do nível do mar, poderia destruir quase tudo o que nele se encontrava. A onda de um tsunami moveu-se para cima num canal do Eufrates como Bor - uma onda de maré ..., e também em planícies planas da Mesopotâmia já repletas de muitas horas de duches. Além disso, uma fina camada primária teve de ocorrer antes da chegada da onda principal, porque as ondas gravitacionais na superfície da água rasa têm uma forte dispersão - quanto maior for a onda, maior será a sua velocidade. E a componente de onda longa do pacote de ondas, que surgiu quando os detritos do cometa caíram no oceano, deveria ter estado à frente da onda principal, preparando as condições para a sua propagação numa planície plana durante uma longa distância. O mesmo parece ter acontecido ao longo do leito do Tigre, mas nessa altura não havia aglomerados urbanos visíveis. Em geral, o impacto e a energia de explosão de um tsunami de 8 m de altura na Mesopotâmia devido à queda do corpo celeste é várias vezes superior ao de Krakatoa em 1883 (1,1 Gt em equivalente TNT) e, muito próximo do de Tambora em 1815 (5,4 Gt)... Ou seja, um cataclismo natural de escala comparável ocorreu na Terra há não mais de dois séculos, mas sob "condições de fronteira" bastante diferentes... A inundação, duas catástrofes mesoamericanas e o incidente do século X em Dublin, juntamente com as explosões de Tungus e Chelyabinsk, levaram a uma estimativa do número de invasões de membros muito grandes da família Tungus à atmosfera da Terra em pelo menos 6 no tempo histórico. Juntamente com o Grande Nevada Bolide da família Eagle, tais invasões foram registadas 7. Quantos objectos deste tipo explodiram sobre oceanos e desertos sem deixar rasto para a humanidade é provável que permaneçamos desconhecidos para sempre²³⁶... " .

Mas aparentemente, o "meteoróide árabe" tinha um irmão gêmeo, cuja queda piorou significativamente a situação climática. Há mais de 150 anos que os cientistas tentam decifrar a inscrição na chamada "placa planisférica"

²³⁶ Lobanovsky Yu.I. Ameaça de meteorito Cometa : aspecto histórico // <http://www.synerjetics.ru/article/history.htm>.

encontrada por Sir Austin Henry Layard em meados do século XIX nas ruínas da biblioteca do palácio real de Nínive. Está agora em exposição no Museu Britânico, no número K8538. Mostra constelações e texto cuneiforme. Os cientistas acreditam que foi feita por volta de 700 a.C., uma cópia de notas de um astrónomo sumério que observou o céu nocturno. Ele descreve o asteróide como "uma bola de pedra branca que se aproxima", que "varreu" pelo céu. Cerca de metade dos ícones da placa foram preservados, e metade do texto sobrevivente conta a história do asteróide. O resto dos registos regista a localização de nuvens e constelações. Mark Hampsell, Professor Principal em Astronáutica na Universidade de Bristol, e Alan Bond, Director Geral de Motores de Reacção, uma empresa de desenvolvimento de motores espaciais, pegaram na chave da placa e notaram que a placa é um excelente relatório sobre observações astronómicas e é uma excelente descrição científica. A imagem mostra a trajectória de um grande corpo celeste que se move através da constelação de Peixes que coincide com a trajectória do famoso asteróide cientista que colapsou nos Alpes austríacos com uma precisão de um grau. A descoberta dos cientistas Mark Hampsell e Alan Bond é descrita em pormenor no livro "Sumerian observations of the Köfel asteroid" (Observações Sumérios do asteróide Köfel). Utilizando um computador, os cientistas foram capazes de restaurar o céu estrelado, correspondendo às horas pré-mortas de 29 de Junho de 3123 a.C. A trajectória do asteróide indica que o asteróide mais de meia milha (mais de 800 metros) atravessou - tangencialmente (cerca de 6 graus) - o solo nos Alpes austríacos, na cidade tirolesa de Köfels. Segundo os investigadores, a colisão com um asteróide explica a origem dos vestígios de antigos depósitos de aluimento de terras encontrados em Köfels, com 5 km de largura e 500 metros de profundidade. A ausência de qualquer cratera de impacto explica-se pelo facto de o meteorito ter explodido primeiro a uma certa altitude, provavelmente sobre o Mediterrâneo oriental, formando uma bola de fogo com um diâmetro de quase 5 quilómetros. Depois, cerca de dois terços do asteróide sob a forma de destroços apressaram-se mais na direcção do seu movimento, caindo nos Alpes e, como uma carapaça cumulativa, espalhados em pó no topo da montanha Gamskogel de cinco quilómetros na área da moderna cidade de Langenfeld (a 11 quilómetros de Köfels). A temperatura ao longo do seu percurso chegou a +400 graus Celsius (752 Fahrenheit), matando assim tudo no seu caminho. A água na superfície estava a ferver e o deserto, até ao Rift da África Oriental, aqueceu até ao ponto em que queimou todas as árvores semi-secas, criando muitos incêndios. Cerca de 1 milhão de quilómetros quadrados de superfície foi devastada (isto corresponde à área da actual Ucrânia, Polónia e Bielorrússia juntas), e a força da explosão foi comparável à de uma explosão de 1000 toneladas de equivalente de TNT. Depois, uma nuvem de detritos rochosos levantada pela explosão de asteróides foi levada para sudeste até ao Mar Morto e colapsou

a alta velocidade, incendiando e destruindo toda a vida. M. Hampsell diz que a destruição do tipo e escala pela qual uma colisão de asteróides pode ser caracterizada foi reflectida em pelo menos 20 mitos antigos, incluindo a história do Antigo Testamento da destruição de Sodoma e Gomorra ("E o Senhor derramou uma chuva de enxofre sobre Sodoma e Gomorra, e um fogo do Senhor do céu, e o derrube desta cidade, e de todos os seus arredores, e de todos os seus habitantes ..."). E olhou [Abraão] para Sodoma e Gomorra, e para toda a extensão da paisagem circundante, e viu: Eis que o fumo sobe da terra como o fumo de uma fornalha" (*Gênesis 19:24-28*), e no mito grego do filho de Hélio Phaethon, que, não tendo dominado o controlo da carruagem do céu do seu pai, caiu no rio Eridan, algures a noroeste da Grécia. Talvez nem um asteróide tenha caído ao chão, mas um enxame deles. Afinal, é estranho que fosse 13 de Agosto de 3114 AC - a data de criação do mundo pelo calendário maia mesoamericano, à meia-noite de 23 de Janeiro de 3102 AC. começou no Hinduísmo a última época - Kali-Yug, que marcou a "partida" do mundo de Krishna, e 6/7 de Outubro de 3761 AC - o início da era judaica, a data de criação do mundo pelo calendário judaico (3491 AC - datação por Jerónimo)²³⁷.

Como podemos ver, este segundo cataclismo não foi tão "inofensivo". É por isso, embora haja razões para supor, que houve uma "Inundação", após a qual a "Atlântida" se espalhou, mas devemos falar de duas catástrofes ("Inundações Mundiais"), e que depois da segunda (entre 3200-2800 a.C.) a mesma coisa aconteceu em termos culturais como depois da primeira, que tinha acontecido vários milénios antes. E, provavelmente, ambas as vezes (se não mais) o cataclismo tocou exactamente a mesma civilização desenvolvida, por causa da qual surgiu tanto a ideia de eventos cósmicos cíclicos (e catástrofes escatológicas) como a prática de comportamento para superar as consequências catastróficas.

²³⁷ Semochko V. Catastrophe 3123 BC (asteróide caiu nos Alpes e causou a morte de Sodoma e Gomorra e o mito de Faeton) // <http://kobil-caprica.blogspot.com/2015/05/3123.html>.

Parte III.

ARTEFACTOS DE ANTARCTOS

Capítulo 11. Cidades antárticas

O primeiro a fazer uma hipótese sobre a Antártida como a pátria ancestral da humanidade foi o professor-paleontólogo de Berlim Heinrich Ephraim Weber. Em 1887 defendeu a sua dissertação sobre o tema "Imaginários da Terra do Sul no Antigo Oriente". Na véspera da Primeira Guerra Mundial, quando Scott e Amundsen corriam em direcção ao Pólo Sul, um após outro, os seus livros "A Pátria de Gelo da Humanidade", "Os Construtores das Pirâmides", "De onde viemos? Em particular, cita um tratado de Amon sobre a criação do mundo: "... E quando a terra foi criada com as pessoas, Amon dividiu-a em duas metades. Habitou a Terra do Norte com animais, e a Terra do Sul com pessoas. Mas as pessoas aprenderam rapidamente e aprenderam a construir grandes torres iluminadas por Thoth. Navegaram para norte e chegaram às margens da Terra do Norte, o país de Puntland. Aí se estabeleceram, e dali percorreram toda a Terra do Norte, tendo fundado no seu coração, nas margens férteis do Nilo, a cidade de Tebas. Mas Amon, ao tomar conhecimento disso, ficou furioso e forçado a esquecer os conhecimentos sobre a construção de grandes navios. Assim, a ligação com a Terra do Sul foi cortada"²³⁸.

O seguidor de G.E. Weber Otto Gott publicou o livro "Civilização Antártica" nos anos 30 do século XX. Nele se perguntava: se os antigos habitantes do continente do sul tinham grandes navios, é impossível imaginar que não tivessem escrito! Era uma civilização com um nível de desenvolvimento bastante elevado, muito à frente de todas as outras. Consequentemente, se a Antártida tivesse sido tão O. Gott chamou os presumíveis habitantes do continente - deslocados para África ou América com toda a sua água-pesqueira, o seu núcleo civilizacional teria sobrevivido e muito provavelmente sobrevivido até aos dias de hoje. Por conseguinte, deveríamos falar de pequenas expedições de investigação que poderiam facilmente dissolver-se no resto dos nossos antepassados, aumentando anteriormente significativamente o nível cultural destes últimos. Obviamente, os contactos entre a Antártida e o resto da humanidade não foram um episódio isolado. A antiga lenda sobre Atlanta deve-lhes a sua origem. Platão colocou erradamente a Atlântida no Oceano Atlântico - talvez porque os navios da Antártida chegaram ao Mediterrâneo por esta via. E depois os contactos foram interrompidos por uma razão obscura. O. Gott acreditava que a civilização antártica continua a existir nas profundezas do

²³⁸ *Hipótese de Weber* // <http://www.base211.ru/?mn=def&mns=rtzjqv6u94c7>

continente em "oásis quentes", mas devido ao seu significativo nível de desenvolvimento, excedendo a humanidade moderna, eles não querem entrar em contacto com o resto da população e de todas as formas impedi-la. Mas talvez, algum tempo depois, a opinião dos habitantes do continente do sul sobre a humanidade mude - e haverá um verdadeiro encontro de civilizações. Na esperança de obter a tecnologia da Antártida, os nazis subornam O. Gott criando um departamento antártico para a sua investigação na organização de investigação "Heritage of ancestors" ("Anenerbe")²³⁹.

Também no seu extraordinário ensaio "The Chiles", 1921.), o Professor Roberto Rengifo sugeriu as origens antárticas da civilização de pele clara: tiveram origem na Antártida como a "raça andina" (Anteos, Antis), migraram de sul para norte ao longo das costas das Américas, e depois, através das Antilhas, um ramo penetrou na Europa (sob o nome dos atlantes) e o segundo ramo entrou na Eurásia e contribuiu para o desenvolvimento da civilização na China, Índia e Suméria. Esta ideia tem ressonância na investigação do etnólogo argentino Francisco P. Moreno. Ele assinala, em particular, que o chamado "núcleo zoológico patagónico" levou o antropólogo francês Pierre-Paul Brock a afirmar que as origens do homem deveriam ser procuradas no Novo Mundo, e não no Velho Mundo, e o antropólogo Paul Topinar a perguntar-se se o Neandertal não era um homem aleatório na Europa do Quaternário e se era a verdadeira pátria da América do Sul²⁴⁰.

O historiador chileno Rafael Saw Eissmann, autor de "Irminsul". *Simbolismo en torno al origen de la raza polar* ("Irminsul. Simbolismo na origem da raça polar"), cita lendas gravadas do extinto povo nativo de combate ao fogo Selk'nam (Karuninka; Sel'nam, Karuninka), que descrevem algumas criaturas "hoven" (Howen) - raça astral imortal de deuses que criaram a Terra, a natureza, os animais e os seres humanos. Hoven é representado antropomórfico, chamado às estrelas e constelações, e, além disso, a maioria destes deuses tem cabeças cónicas (em particular, portanto um destes seres - "o homem da luz" K'ternnen, K'ternnen foi representado) que é o factor geral nas representações de deuses antigos em todo o globo. Esta característica - cabeças cónicas - está também ligada a um fenómeno cultural nos índios da América como os ²⁴¹crânios alongados.

²³⁹ *Averyanov V. Havia uma civilização pré-histórica na Antártida?*
<http://bibliotekar.ru/mmAntarktida.htm>.

²⁴⁰ *Rafael Videla Eissmann. Antártida. O Mistério da Terra Austríaca // O X Planeta. - 2019. - 12.09. - [https://www.thexplan.net/article/541/Antarctica-The-Mystery-of-the-Terra-](https://www.thexplan.net/article/541/Antarctica-The-Mystery-of-the-Terra-Australis/en?fbclid=IwAR0mnHspR5qkVMp6VFr2AnZ7Ixf5GUc0NprxTn8jqIXIGtxCIxqP4DTktg)*

²⁴¹ *Rafael Videla Eissmann. Antártida. O Mistério da Terra Austríaca // O X Planeta. - 2019. - 12.09. - <https://www.thexplan.net/article/541/Antarctica-The-Mystery-of-the-Terra->*

Charles H. Hapgood, professor no Keene College, New Hampshire, EUA, partilhou as suas opiniões sobre a pátria ancestral da civilização na Antártida e descobriu um mapa desenhado por Oronteus Phinius (1531) na Biblioteca do Congresso em Washington no final de 1959²⁴². Até à sua morte em 1982, tentou compreender onde estava a pátria dos marinheiros que traçaram os contornos exactos da Antártida. Chegou finalmente à conclusão de que a sua pátria era o continente do gelo, a terra de ninguém²⁴³.

Esta hipótese foi mais desenvolvida no livro de Flavio Barbiero "Civilization under Ice" (Una Cicilta sotto Ghiaccio). A Atlântida Antártica mistura-se completamente com lendas antigas, uma vez que se encontra simultaneamente nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico. Em total conformidade com a história de Platão, os seus habitantes poderiam controlar as costas de três continentes ao mesmo tempo. A África Austral, por exemplo, é relativamente próxima. Com a América do Sul, de acordo com estudos geológicos recentes, a Antártida poderia ser ligada por uma ponte terrestre sob a forma de uma estreita faixa de terra ou cadeia de ilhas (mostrada, a propósito, no mapa de Finews). As costas do Hindustão podiam ser alcançadas a partir da costa africana ou das ilhas da Oceânia, que eram então muito maiores. A inclusão da Antártida na evolução da civilização humana explica porque é que o grande filósofo da antiguidade, Aristóteles, o famoso astrónomo Hiparco, e o geógrafo Ptolomeu acreditavam que o Atlântico estava rodeado por um único continente de todos os lados, e porque é que Heródoto chamava ao Mar do Oceano Atlântico e ao Mar Mediterrâneo o Golfo. De facto, a Antártida é o elo que falta que une a Europa, Ásia, África e América num só continente.

Em Setembro de 1946, o almanaque de Chicago "Amazing Stories" ("Histórias Incríveis"), editado por Raymond Palmer (1911-1977), presidente do "Jules Verne Prize Club", que atribuía prémios por realizações no campo da ficção, publicou uma série de artigos de um certo William Hefferlin. Aparentemente, desde 1927, William Hefferlin era amigo de um homem chamado Emery, que fez experiências com a instalação, permitindo que os pensamentos fossem transmitidos à distância. De acordo com as recordações das testemunhas, estas experiências foram muito bem sucedidas - para a transmissão telepática não houve praticamente distâncias ou obstáculos. Assim, durante as experiências, Emery e Hefferlin conseguiram encontrar um canal de comunicação com sete "cristais" que podiam transmitir pensamentos e imagens mentais. Existem sete cristais no total; o cristal principal encontra-se no Tibete, enquanto os outros se encontram no Irão, Índia, Turquia, Marrocos, Egipto e nos Andes. Durante uma viagem ao

Australis/en?fbclid=IwAR0OmnHspR5qkVMp6VFr2AnZ7Ixf5GUc0NprxTn8jqIXlGtxCIxqP4DTktg

²⁴² Hapgood C. *Maps of the Ancient Sea Kings / Per. from English // <http://oritan.org/gipotezi/hapgood.htm>*

²⁴³ Recordar N.N. *Antártica é o antepassado da nossa cultura? // <http://articles.org.ru/blog/?p=3161>*

Tibete, Emery conheceu o "Grande Lama do Vale da Harmonia Mundial, a que chamamos Shangri-La". Emery contou os seus planos ao Lama, que ficou muito impressionado e dedicou a Emery o segredo dos senhores dos destinos humanos - "Os Três Mais Antigos". Nas suas notas, descreveu cidades subterrâneas - ou melhor, geladas... na Antártida! Hefferlin, contudo, estipulou que as cidades há muito que foram abandonadas pelos habitantes, mas tais estruturas subterrâneas grandiosas só poderiam ser construídas pela civilização mais poderosa da antiguidade. Cópias manuscritas e escritas à máquina dos textos de Hefferlin começaram a sua viagem até Livingstone. Montana, nos anos 40; o próprio autor afirmou ter ouvido falar pela primeira vez de cidades abandonadas sob o gelo antártico em 1940. Segundo a teoria de Hefferlin, os habitantes da antiga Antártida deslocaram-se de Marte para lá, onde a atmosfera se estava a deteriorar gradualmente. Os colonos fundaram sete cidades - a maior Hefferlin chamada "Rainbow City". No entanto, como resultado da guerra com um certo "povo cobra" que veio do espaço, os marcianos da Antártida espalharam-se pela Terra, e as cidades foram abandonadas. Como resultado desta guerra, o eixo da Terra deslocou-se e o outrora tropical Antártica tornou-se um pouco mais frio...²⁴⁴

Mas acontece que a lenda sobre as cidades geladas da Antártida tem os seus predecessores.

No século XVII, um certo escritor francês-utopista Gabriel de Foigny (1630-1692) no seu livro "La Terre australe connue" ("The Known Southern Land", 1676.) descreve a viagem de um certo Jacques Sadeur ao continente do sul do Terre australe, habitado por hermafroditas nus, pacíficos e de coração triste, mas beligerantes para todos os "heterossexuais", que consideram monstros do mesmo sexo Jacques Sadeur. Entre eles, o herói viveu 35 anos. As suas cidades são caracterizadas pelo "urbanismo geométrico"²⁴⁵.

Em 1720 foi publicado o livro de Thomas Killigrew *Miscellanea aurea* : A Lucky Shipwreck, ou uma descrição de Nova Atenas na Terra Australis Incognita.

Os mistérios dos povos que habitam a Antártida foram escritos, em particular, pelos génios do visionarismo e da liturgia: Edgar Allan Poe (1809-1849), Howard Phillips Lovecraft (1890-1937) e Miguel Serrano (1917-2009).

EA sobre o tema Antártico romance dedicado "As Aventuras de Arthur Gordon Pim": "... O enredo do romance é uma longa viagem por mar, terminando entre o gelo branco do extremo sul. Ali os viajantes encontram-se (na ilha de Tsalala/Tsalala, - O.G.) com nativos negros representando um povo desconhecido do homem branco, cujo comportamento lhes causa uma

²⁴⁴ *Lemúria : culto ou diagnóstico* // <http://atlasenigma.ru/lemuriya-kult-ili-diagnoz/>.

²⁴⁵ Foigny, Gabriel de. *La Terre australe connue*, 1676; ed. criada, apresentada e anotada por Pierre Ronzeaud. - Paris: Societe des textes français modernes, 1990. - XCVIII, 242 p.

mistura complexa de sentimentos opostos, onde a simpatia e a repugnância se misturam. As últimas páginas descrevem um caminho suicida que parece levar apenas ao horror do desconhecido, a um redemoinho louco cujo fim não está em nenhum centro ou em nenhum cume. As respostas são demasiado tímidas, quase ingénuas. Há mistérios a resolver, mas ninguém está destinado a ser bem sucedido... Segundo aquele que causa horror nos negros: tinham medo do branco, da ausência de qualquer cor que preenchesse toda a área, e do grito desesperado de Tekeli-li, porque ele serviu como um presságio nojento da sua iminente vinda. E também, o mistério volta imediatamente para nos esconder sob a sua capa: uma visão terrível, a última imagem do romance é o aparecimento de um gigante branco, "cujo tamanho era muito maior do que qualquer outro habitante da terra", uma visão inédita que atingiu a Nu-Nu negra. Que tipo de criatura é esta? Qual é a origem misteriosa da Nu-Nu e de outros nativos? O que é a alegoria escondida por medo do homem branco? O que Edgar Allan Poe tem a dizer com tudo isto? À medida que o viajante se aproxima do centro do pólo, sente um aumento gradual da temperatura, por outras palavras, quanto mais nos aproximamos do centro, mais as forças mais hostis da natureza perdem gradualmente a sua influência. E embora este facto, relatado por Poe na sua história, hoje possa parecer não ter qualquer valor científico, no entanto, é possível que algum viajante antártico possa sentir o mesmo. Apontemos um exemplo curioso de um "oásis antártico" em que a água atinge uma temperatura relativamente alta do que noutras partes do Antártico. Edgar Allan Poe conhecia este fenómeno...²⁴⁶"?

G.F. Lovecraft tem um poema "Antharktos":

"Nas profundezas do meu sono, uma grande ave sussurrou estranhamente.

O cone negro dos desertos polares,
Subir acima do glaciar é solitário e sombrio,
Partida e desfigurada por tempestades loucas de eras.
Nenhuma das pessoas que vivem na terra vem aqui,
Apenas as luzes polares pálidas e sóis escuros
Brilha sobre aquela rocha comida, cuja origem
Os Anciãos estão a adivinhar vagamente.
Se as pessoas olhassem para lá, só ficariam surpreendidas,
Que terrapleno estranho, a estrutura da Natureza que encontraram;
Mas o pássaro falou-nos das terras maiores que estavam à espera.
A sua hora sob a mais profunda mortalha gelada.
Deus ajuda um sonhador cujas visões loucas reflectem
O olhar de olhos mortos nos abismos de cristal!"²⁴⁷

²⁴⁶ Roa S.F. *Antarctica a laucraftian myth / per. s v. Ignatyeva* // <http://www.nb-info.ru/revolt/antarktida220813.htm>.

²⁴⁷ Sergio Fritz Roa *sobre Miguel Serrano em mitos antárticos* // <http://www.base211.ru/?mn=pag&mns=8jcvnsa8ist9q>.

GF Lovecraft escreve uma história, "As Pontes da Loucura", cuja acção se está a desenvolver na Antárctida. Aqui diz: "Novas cidades foram construídas, e as mais majestosas - na Antárctida, uma vez que esta terra, o lugar das primeiras povoações, foi considerada sagrada. De agora em diante, a Antárctida foi, como antes, o centro da civilização dos Antigos, e todas as cidades construídas pelos descendentes de Cthulhu foram destruídas". Mais tarde, o protagonista do romance Lovecraft, que descobriu mapas da antiga cidade polar indicando que as cidades antigas da era Pliocena estavam localizadas abaixo do paralelo 50 da latitude sul"²⁴⁸.

Também mencionada nas obras visionárias de G.F. Lovecraft e seus seguidores (a chamada "mitologia de Cthulhu") é a "Cidade Abandonada de Startsev" na Antárctida. Estes Anciãos (os Anciãos; os Anciãos; Coisas Antigas, Antigos, Anciãos), segundo o romance *Madness Ridges* (1936) - criaturas alienígenas, reproduzindo disputas, com um sistema nervoso incrivelmente complexo e altamente desenvolvido: "*... Sendo em alguns aspectos extremamente primitivo e arcaico, esta criatura tinha um sistema de gânglios e fibras nervosas próprias de um organismo altamente desenvolvido. O cérebro, constituído por cinco secções principais, estava surpreendentemente desenvolvido, e existiam sinais dos sentidos. Entre eles havia pêlos duros na cabeça, embora fosse impossível compreender completamente a sua função - não havia nada como isso noutras criaturas terrenas. Talvez, a criatura tivesse más de cinco sentidos: é difícil imaginar um comportamento e um modo de vida baseados em estereótipos conhecidos*". Os anciãos criaram tudo o que vive na Terra, que mais tarde se desenvolveu em formas mais perfeitas. Por vezes suprimiram o desenvolvimento de espécies biológicas não rentáveis. Os anciãos também criaram um protótipo de humanos e macacos, a fim de criar carne deliciosa e como um brinquedo decorativo, bem como - Shohgoths (massa que pode mudar a forma e tem a semelhança da mente), que mais tarde se rebelaram contra os seus criadores. Como sugere o protagonista do romance "As Pontes da Loucura", a estrutura estatal dos anciãos era socialista. Os anciãos lutaram pelo espaço da Terra com os descendentes de Cthulhu e Mi-Go, raças de alienígenas do espaço, servos dos Grandes Antigos - divindades terríveis que vieram das profundezas do espaço, de outras dimensões. As Deidades Anciãos são apenas condicionalmente "boas" para os humanos, e na realidade não são menos estranhas aos humanos do que as Grandes Antigas.

Miguel Serrano, diplomata hereditário chileno, secretário de Hermann Hesse e amigo de Carl Gustav Jung, escreveu os livros *Antárctida e Outros Mitos* (Santiago, 1948) e *Calling on the Ice*. (Santiago, 1957). Em 1947-48

²⁴⁸ Sergio Fritz Roa sobre Miguel Serrano em mitos antárticos // <http://www.base211.ru/?mn=pag&mns=8jcvnsna8ist9q>.

viajou para a Antártida como parte de uma expedição estatal chilena com a missão secreta de procurar um "oásis de águas quentes" - graças a este evento, uma das montanhas do continente de gelo recebeu o seu nome. "... M. Serrano liga numerosas lendas a este continente: as belas histórias da tribo Onya (os antigos habitantes da Terra do Fogo), o conto de fadas da Donzela do Gelo, o continente da Lemúria, a imagem do Gigante na história de Poe, bem como a ousada ideia de que Adolf Hitler vive na gelada Antártida. Parece não existir qualquer ligação entre estas lendas, mas existe, como todos eles contam sobre os misteriosos habitantes da Antártida. Todos os três autores estão unidos nisto. Serrano conhece o trabalho de Poe e aponta para a imagem do Gigante Branco: "Poe conhecia a lenda dos Selknames e Yons, os habitantes da Ilha Branca. "Será que ele também sabia do prisioneiro da Antártida, que vive nas profundezas negras, por isso tudo o que ele pode ver parece-lhe branco?" ...a antiga tribo dela (os Selknames eram uma das suas tribos) acreditava na existência de Yons, povo de origem aristocrática, dotado de poderes sobrenaturais e de conhecimentos secretos. "Eram os Yons, os magos Selknamian da Terra do Fogo, que guardavam os segredos de Cuenos embalsamados no gelo do sul, que se ergueriam de novo renovados num futuro distante. Os Selknames também dizem que os Yons vivem no Sul, na "Ilha Branca Celestial", onde os espíritos dos seus antepassados vivem e estão para sempre livres da ansiedade". "Neste continente de esquecimento e morte está a vida. O prisioneiro move-se com fogo abrasador e eterno". O mesmo pensamento aparece na sua outra obra, "Crying in the Ice". ...Serrano atribui particular importância aos mitos da tribo Ona, que contêm as chaves dos segredos escondidos: "Foram os Cuenos que desceram dos céus e criaram a terra. Mas antes disso, de barro branco, criou Hohuen, criaturas gigantes e transparentes como os anjos. Imediatamente após a criação, os Hohuenes começaram a lutar entre si. Mas eles não podiam morrer". ...a sua mitologia indica que Hohuen (Antigos) foi criado no gelo. Este facto aponta de facto para uma localização geográfica específica - Antártida"²⁴⁹.

Em 2014, uma sensação voou pelos media do mundo: o arqueólogo Damian Waters e a sua equipa do Instituto Smithsonian em Nova Iorque (EUA) descobriram três crânios alongados na região antártica chamada La Paille (Straw, França; não é claro onde se encontra exactamente esta região). A descoberta foi uma surpresa completa para o mundo da arqueologia, pois os crânios foram os primeiros restos humanos a serem descobertos na Antártida e acreditou-se que o continente nunca tinha sido visitado pelos humanos até à era moderna. "Simplesmente não podemos acreditar! Não encontramos apenas restos humanos na Antártida, encontramos crânios alongados! Tenho de me beliscar sempre que acordo, simplesmente não

²⁴⁹ Sergio Fritz Roa sobre Miguel Serrano em mitos antárticos // <http://www.base211.ru/?mn=pag&mns=8jcvnsa8ist9q>.

consigo acreditar! Isto vai fazer-nos repensar a nossa visão da história humana como um todo", explica Waters entusiasmado. "Crânios alongados foram previamente encontrados no Peru e no Egípto, o que sugere que civilizações antigas entraram em contacto muito antes dos livros de história nos contarem. Mas esta descoberta é absolutamente inacreditável. Mostra que houve contacto há milhares de anos entre civilizações em África, América do Sul e Antártida. Acredita-se que os crânios alongados tenham sido criados por deformação deliberada. As crianças da elite em muitas culturas antigas têm sido expostas. Isto foi conseguido enrolando bem a cabeça do bebé com um pano quando o crânio ainda não estava sólido. Esta característica foi utilizada para dar uma marca de distinção às classes superiores da sociedade perante as classes inferiores. Infelizmente, as fotografias dos crânios encontrados na Antártida não foram publicadas em lado nenhum. No entanto, muitos dizem que estes crânios alongados são muito maiores do que os crânios humanos comuns. A deformação do crânio alvo pode alterar a forma do crânio, mas não pode aumentar o seu volume. Além disso, estes crânios têm várias outras características físicas importantes que diferem significativamente dos crânios humanos normais. Não há dúvida de que os crânios pertenciam a um grupo de pessoas incrivelmente misterioso²⁵⁰.

Corey Hood, um conhecido infiltrado no programa espacial secreto, diz o seguinte. Em 1939, uma expedição alemã à Antártida descobriu grandes lajes de pedra com escritos antigos. Depois disso, os alemães começaram a enviar para lá expedições secretas. Apressaram-se a arranjar espaço e começaram a usar o que encontraram. Nas cavernas, os alemães viram artefactos da civilização antiga²⁵¹. Este é um grupo alienígena que se despenhou aqui há 55.000 anos. Em tempos foi habitada por Marte e Maldek. Foram obrigados a viajar após guerras e desastres nestes planetas, provocados principalmente pelos seus próprios actos há meio milhão de anos. Chamamos-lhes "pré-adamitas". Têm 4 a 5 metros de altura e têm crânios alongados. São muito compridos, magros e finos. Tinham um saco flácido no estômago. Depois de terem fugido de Marte e Maldek, estes refugiados passaram primeiro algum tempo na lua. Depois foram forçados a voar para longe e deixaram a Lua, onde pareciam ter sido atacados. Mas as suas naves espaciais estavam demasiado danificadas para deixar o nosso sistema solar ou chegar a outro planeta. E quando as suas naves foram naufragadas e forçadas a aterrar na Terra, decidiram estabelecer-se principalmente num continente - Antártida. Tinham três enormes "naves-mãe" e a única tecnologia que lhes restava era a daquelas três naves que aqui

²⁵⁰ Vendido D. *Três novos crânios alongados encontrados na Antártica* // http://www.planetanovosti.com/news/tri_novykh_udlinennykh_cherepa_obnaruzhili_v_antarktide/2014-04-08-6603.

²⁵¹ Cory Hood on the Preadamite Civilization // <https://michael101063.livejournal.com/857168.html>

se tinham despenhado. E isso era tudo o que lhes restava. Assim, logo que se despenharam, tiveram de dismantelar a sua nave espacial e adaptar a tecnologia à sua disposição para sobreviver. Tomaram o controlo dos reptiloides que há muito viviam na Antártida, mas depois ocorreram dois cataclismos e os pré-adamitas perderam poder e perderam o acesso à sua tecnologia na Antártida. Artefactos da antiga civilização dos pré-adamitas, as suas fontes escritas foram mantidas durante muito tempo na Biblioteca de Alexandria, e depois sob o disfarce de fogo foram transferidas para Roma, e agora estão guardadas nos gigantescos cofres subterrâneos da Biblioteca do Vaticano. Os Preadamitas foram inicialmente incapazes de operar com muito sucesso no nosso ambiente. Criaram uma raça híbrida dos seus próprios genes e dos das pessoas que viveram aqui na Terra. Portanto, os seus representantes, que sobreviveram aos cataclismos, foram principalmente fruto de experiências genéticas. Um grupo estabelecido nas regiões da América Central e do Sul, outro grupo de linhagem absolutamente diferente estava na Ásia e na Europa. Já não se podiam visitar ou comunicar entre si. Foram separados até meados do último milénio. Os descendentes híbridos dos pré-adamitas conseguiram penetrar a tempo em todas as dinastias reais governantes e constituem agora a chamada "aristocracia negra", acreditando que graças ao ADN pré-adamita que tinham, têm todo o direito de governar os povos do mundo. De acordo com Corey Hood e outras pessoas internas, é a linhagem dos Kabal - o que os conspiradores chamam os Illuminati - que lidera a sua linhagem a partir dos Preadamitas.

O famoso filósofo-tradicionista Vladimir Wiedemann publicou uma vez um poema interessante "Iniciativa":

As profundezas das cavernas da Antártida,
dormem nelas antes da hora do imã,
de modo que à uma hora o crítico ArcticNam
revelou um verdadeiro imã.

O pólo do mundo mover-se-á sobre um firmamento, o
Pleroma subirá em altura, o
Homem livrar-se-á da morte,
enchendo o espírito do vazio.

Hans-Ulrich von Krantz no seu livro "The Swastika on the Ice". (2006), referindo-se às memórias do seu pai, um oficial das SS e empregado de "Anenerbe", fala sobre a descoberta antes da Segunda Guerra Mundial na Antártida, uma expedição alemã liderada pelo famoso oceanólogo Alfred Ritscher, a misteriosa "Cidade Morta": "...Conseguiram encontrar e fotografar um dos "oásis" localizados nas profundezas do maciço

montanhoso. De acordo com os pilotos, de uma altura eles podiam ver vestígios de algum tipo de vegetação; talvez o lugar fosse adequado para outra estação! Mas o verdadeiro choque para os investigadores veio quando as fotografias foram mostradas e impressas. O filme mostrou claramente as estruturas artificiais que estavam a encher todo o vale da montanha. Pareciam mais um aeródromo com uma pista larga e curta. Bormann ordenou imediatamente uma expedição ao vale chamada Flughafen - Aeroporto - com dois "dorniers". Os pilotos confirmaram que o local estava rodeado de montanhas intransponíveis e só podia ser alcançado por via aérea... A 14 de Outubro de 1938. Os nossos aviões circularam sobre o vale da montanha durante muito tempo - os pilotos compreenderam que não teríamos duas tentativas de aterrar, e tentaram não cometer um erro. O nosso "dornier" foi o primeiro a aterrar. Fora das janelas, as rochas íngremes cintilam. Finalmente, tocamos o chão. O carro rola em alguma cobertura, como na pista de aterragem do aeródromo de Berlim. Mas não podemos relaxar até ao último segundo: quem sabe o que está à nossa frente? Finalmente, o carro pára. Saímos para o ar fresco. O segundo "dornier" senta-se ao nosso lado, mas não estamos a olhar para ele; o panorama de uma cidade morta está a abrir-se à nossa frente! Ao ver as fotografias no campo, alguns cépticos sugeriram que não há realmente cidade e que "ruína" não é mais do que uma criação bizarra da natureza. Agora já não estão a tentar provar nada, mas estão ao meu lado com a boca aberta. O facto de termos uma pequena cidade à nossa frente é certo. Os restos de edifícios com aberturas de portas e janelas, degraus de escadas e obeliscos pretos são os primeiros detalhes que os nossos cérebros avidamente absorvem. Aquilo em que nos encontramos é uma superfície rochosa plana. Nunca conseguimos perceber o que era: uma saliência ou blocos de pedra cuidadosamente envoltos em rocha, ajustados uns aos outros com uma precisão impressionante. Nas profundezas pode ver-se um templo escalonado, reminiscente das pirâmides astecas. Em breve, muito em breve estaremos a escalar todas estas ruínas ao longo e através... No mesmo dia, os cientistas pisaram um levantamento sistemático da cidade. O povoado foi dividido por ruas suficientemente largas em blocos rectangulares, construídos com casas de pedra. Algumas casas deixaram apenas fundações, outras estavam quase completamente intactas. A "Pista", que corria pelo centro da cidade, parecia ser a rua principal, talvez o local de festividades e cerimónias. Numa extremidade, repousava sobre uma pirâmide escalonada - um enorme templo que parecia surpreendentemente semelhante a edifícios religiosos astecas semelhantes. O outro era os restos de um grande edifício, que os cientistas apelidaram de "palácio". Na praça em frente da pirâmide havia um longo obelisco preto coberto com letras e imagens. Os cientistas esperavam ver os hieróglifos, mas, aparentemente, aqueles que deixaram a inscrição tinham algum tipo de alfabeto, remotamente parecido com o rúnico. Naturalmente, todas as inscrições

foram cuidadosamente fotografadas. Nos cantos da praça havia quatro esculturas que se assemelhavam a gigantes da Ilha de Páscoa, mas que tinham cerca de metade do tamanho. Os cientistas não conseguiram encontrar a entrada para a pirâmide, mas subiram ao seu topo e olharam para o panorama da cidade morta. Aproximadamente no meio da ampla auto-estrada foi dividida em duas metades por outra rua perpendicular a ela. Não tão largo, ela estava a descansar sobre pedras em ambas as extremidades... Estamos a mover-nos ao longo de uma rua perpendicular. Tiramos fotografias de tudo o que é mais ou menos interessante. Infelizmente, não há quase nenhum objecto pequeno que possamos levar connosco. As casas do centro para a periferia estão a tornar-se cada vez mais simples, sem delicadeza. Kuno diz que o melhor achado para nós seria um cemitério, onde encontraríamos todos os artigos em que estamos interessados, bem como os restos mortais dos habitantes locais. No silêncio do cemitério, as suas palavras são sinistras. Claro que não encontrámos nenhum cemitério, e desconhece-se onde os residentes locais enterraram os seus mortos - talvez debaixo do chão da sua própria casa, ou talvez os tenham queimado ao fogo e espalhados ao vento. Quando falamos sobre isso, chegamos ao fim da rua. Descansa sobre as mandíbulas abertas de uma caverna, em cujos lados existem dois obeliscos de pedra. Fotografamos cuidadosamente as inscrições e desenhos. Depois entramos nos cofres das cavernas. É uma boa ideia ter aqui cordas e lanternas potentes, mas decidimos não ir fundo, mas voltar com equipamento no dia seguinte. No entanto, algumas dezenas de metros de viagem - e percebemos que não temos de voltar atrás. A estrada está bloqueada por uma queda de rocha. Exploramos o chão e as paredes da caverna. Sob os seus pés - uma superfície plana com dois sulcos estreitos e pouco profundos. Uma pista de carros? Parece que sim. Kuno volta a brincar que o faz lembrar os carris do eléctrico. Há um ornamento invulgar nas paredes, linhas bizarramente entrelaçadas. Vamos sair para apanhar um pouco de ar fresco. Todos sentimos que estamos a ser vigiados de perto. Observar esta cidade morta a partir das tomadas oculares vazias das suas janelas e portas. Pode ser um pouco assustador à noite. Os cientistas não conseguiram determinar a idade da cidade morta - não havia equipamento adequado. De acordo com estimativas aproximadas, poderia ter tido tanto 500 como 5.000 anos de idade. Alguns pedaços de pedra foram cortados das paredes das casas. A escavação de teste não deu quaisquer resultados significativos: a meio metro da superfície havia um solo rochoso sólido. Weizsäcker e os seus companheiros compreenderam que uma grande expedição tinha de ser enviada para cá. Uma semana mais tarde, voaram de volta para a base de Horst Wessel. Bormann ouviu atentamente o seu relatório e ordenou a preparação de um acampamento permanente em

Flüghafen. No entanto, os exploradores alemães não estavam destinados a regressar ao vale da montanha²⁵².

Significativamente mais tarde, a cidade anteriormente descoberta pelos alemães reabriu em 1983, investigadores soviéticos da base "Bellingshausen" na Península Antártica: "... Em" Flughafen "(os russos, compreensivelmente, não conheciam esta designação alemã, mas o leitor, penso eu, há muito que adivinha que este é o local), montaram um acampamento bastante grande, desimpediram o heliporto. Gradualmente libertando a cidade antiga da cobertura de neve, não se cansavam de ser surpreendidos. Afinal, os arqueólogos (e foram os arqueólogos que chegaram apressadamente da Rússia à Antártida) que tinham um quadro emocionante da nova civilização! O solo congelado foi escavado com entusiasmo sem precedentes, na esperança de encontrar pelo menos alguns pequenos objectos. Todas as inscrições eram cuidadosamente copiadas e analisadas, mas ainda não era possível decifrar a língua dos antigos. Passado algum tempo, foi possível encontrar a entrada para as grutas cheias de pedras. A remoção dos escombros demorou vários meses, mas os resultados valeram a pena: nas paredes do túnel abriram-se cada vez mais novos elementos de ornamentação e inscrição. Ao mesmo tempo, várias dezenas de lajes de pedra com linhas rúnicas curtas do mesmo tipo foram encontradas nas rochas próximas da entrada do túnel. Os cientistas compreenderam imediatamente: à sua frente - um cemitério, onde os habitantes da cidade descansam! No entanto, tendo aberto várias sepulturas, ficaram desapontados: as câmaras funerárias estavam completamente vazias. Apenas num deles foi encontrado um pequeno pedaço de falange de um dedo. Foi cuidadosamente medido e chegou à conclusão que certamente pertence a um homem, mas um tipo racial desconhecido - a falange era mais longa do que a de qualquer outra raça existente no planeta. O túnel, entretanto, revelou mais e mais segredos aos cientistas. Dentro das suas paredes foram encontradas placas que brilhavam pouco no escuro. Não reflectiam a luz, mas serviam como suas fontes. Nunca foi possível remover as placas da parede e determinar a causa do brilho. A meio quilómetro da entrada, o túnel foi dividido em dois. As pistas também foram divididas, caminhando no seu andar. Ambos os novos corredores, contudo, logo descansaram sobre uma divisória de pedra semelhante à encontrada nas cavernas do carste. Foi feito de uma liga desconhecida para a ciência, extremamente forte e não sujeita a qualquer esforço dos arqueólogos. A única saída era construir um túnel de desvio na rocha espessa. De facto, foi isto que os russos planearam fazer quando a perestroika começou na sua terra natal e as graves dificuldades económicas a acompanharam. O financiamento foi limitado no início, e depois cessou. O acampamento no vale da montanha teve de ser encurtado. Os russos já não

²⁵² *Abertura da Cidade Morta // <http://www.base211.ru/?mn=def&mns=ldjqj1vzuiu83>*

regressavam aqui, mas, não querendo dar a ninguém os frutos do seu trabalho, mantiveram o achado em segredo. Mas a história não acabou aí. No início dos anos 90, os criptoanalistas de um instituto de investigação conseguiram decifrar uma carta rúnica - pelo menos parcialmente. Os resultados destes estudos são ainda mantidos em segredo; tudo o que se sabe é que a cidade abandonada foi chamada Okmaron e foi construída há cerca de 6 mil anos²⁵³.

Dmitry Berange dedicou uma bela canção a Okmaron (pode ver o vídeo no Youtube²⁵⁴):

OKMARON

Coberta de gelo, uma bela cidade antiga.
Ele dorme bem no velho continente.
Bateu-lhe com a sua espada com um frio mortal.
Ele está todo abandonado, todo esquecido.
Envolto na tristeza das paredes dos Templos.
Permeado com a majestade da Era.
Para não contar com as terríveis cicatrizes nelas...
Para onde olhava o todo-poderoso Deus antigo?

O refrão:

Vem ter comigo nos meus sonhos distantes.
E dá-me um trono espelho.
Retire do seu coração a sua tristeza e o seu medo.
A minha gloriosa cidade de Ockmaron.

Os jardins foram outrora mágicos.
Nas suas ruas.
E o castelo negro correu no pôr-do-sol,
E o coração da estrada teve o mais pequeno toque.
A Grande Riqueza de Ocmaron
Os reis têm estado escondidos em si mesmos há séculos.
Toda a sabedoria que veio da Apeiron,
E queimaram a sua loucura por dentro.

O refrão.

²⁵³ Krantz G-W. von. *Os segredos místicos do Terceiro Reich*. 85. *Em Ockmaron* // http://www.e-reading.club/chapter.php/133092/85/fon_Kranc_-_Misticheskije_taiiny_Tret%27ego_reiia.html.

²⁵⁴ https://www.youtube.com/watch?v=qM5O9l_0B00

Além disso, todas as publicações de conspiração citam constantemente a declaração do Grande Almirante Carl Dönitz em Outubro de 1944 (falando aos cadetes da Escola Naval em Laboé, perto de Kiel), sobre isso que "a frota de submarinos alemã se orgulha de ter construído para o Führer um paraíso terrestre, uma fortaleza inexpugnável longe da borda da terra" ... No entanto, acredita-se que tenham sido atribuídos ao Almirante pelo escritor israelita Michael Bar Zohar no seu livro "Os Vingadores", publicado em 1967.

Mas não é assim tão simples...

O explorador anglo-irlandês Ernest Henry Shackleton (1874-1922), durante a chamada "expedição de Nimrod" em 1907-1909, examinou o território da Antártida e nas coordenadas 40-50 km da costa do mar Ross, que ele próprio indicou ter visitado anteriormente em 1901-1904. Robert F. Scott (1868-1912). No entanto, E. Shackleton não encontrou nenhuma instalação de armazenamento com alimentos e coisas quentes, o que foi descrito por R.F. Scott. Scott, alegadamente localizado no topo de uma rocha com mais de 40 m de profundidade: ou não foi encontrado nessas coordenadas, que ele próprio disse a Scott (e entre elas formou uma relação muito hostil), ou os proprietários do armazém mudaram o local de "localização" ... Mas nos seus diários, o inglês deixou um registo de um estranho incidente que aconteceu a um dos seus satélites - um certo Jerry. Durante uma violenta tempestade de neve repentina, ele perdeu-se, mas uma semana depois... ..apanhado pelos seus camaradas. Ao mesmo tempo, "não parecia exausto e falava de um buraco profundo, de onde, debaixo do chão, batia as teclas quentes. As aves vivem lá, as ervas e as árvores crescem lá. Chegou a este buraco por acidente e passou lá o dia inteiro, recuperando as suas forças. Nenhum de nós acreditava particularmente nele - o pobre homem estava provavelmente a alucinar"...

Γ. -W. von Krantz afirma também que em 11 de Outubro de 1938 Hitler ordenou a atribuição de 5 submarinos com números laterais especiais - de UA-1 a UA-5 - para o estudo da Antártida. No início de Novembro, os UA-4 passaram por um túnel submarino na área da saída da corrente quente de 800 m, entraram na espessura da montanha e emergiram num lago com água doce quente numa caverna gigante ligada a outras cavernas por túneis. Obeliscos com inscrições foram encontrados nestas cavernas. No mesmo ano, a 20 de Dezembro, foram encontradas minas artificiais com paredes planas e lisas, que desciam abruptamente, e ao seu lado - uma estátua de pedra de um animal de quatro patas com presas flamejantes. Em 1939-1941, foram encontradas mais duas cidades abandonadas com entradas para as grutas.

No final de Dezembro de 1973, o explorador francês Jacques Yves-Cousteau descobriu a entrada para um túnel subaquático. Mergulhando nela, os mergulhadores, 200 metros depois, entraram numa enorme caverna, dentro da qual foram encontrados obeliscos com letras incompreensíveis e

esculturas de caninos. Enquanto investigava o túnel, morreram misteriosamente 5²⁵⁵ pessoas.

Nos anos 2000, a imprensa publicou uma declaração de investigadores noruegueses que viam uma estrutura incompreensível nas profundezas da Antártida, construída de blocos de gelo com 28 metros de altura! Durante muito tempo, esta estrutura foi escondida por derrapagens de neve e só depois do aparecimento de fortes tempestades²⁵⁶.

Em 2001, a conceituada revista americana *Weekly World News* publicou uma reportagem em que cientistas noruegueses descobriram uma misteriosa torre nas profundezas do continente antártico, a cerca de 160 quilómetros do Monte McClintock. A altura da estrutura é de cerca de 28 metros. A torre foi construída com centenas de blocos de gelo e assemelha-se, segundo os cientistas, a uma torre de vigia de um castelo medieval. Assume-se que a torre foi construída pelas SS, considerando a predilecção dos nazis pelo simbolismo medieval, que se consideravam os sucessores das ordens cavalheirescas alemãs.

Pode, evidentemente, argumentar-se que a visão das "cidades geladas" - é, de facto, apenas um jogo de imaginação. Por exemplo, é assim que Jean-Baptiste Charcot (1867-1936), um famoso explorador polar francês, oceanógrafo, médico e desportista, percebe o visível: "... o sol põe-se de forma completamente insensível, os inúmeros e ternos tons de azul dos icebergs tornam-se mais profundos; em breve só há azul-negro de fendas e fendas, depois gradualmente com uma lentidão tentadora toda cor-de-rosa, e parece que na realidade se vê um belo sonho. É como se estivesse rodeado pelas ruínas de uma beleza gigantesca da cidade, construída do melhor mármore, e acima da cidade estão anfiteatros e templos, criações de arquitectos pela graça de Deus. O céu transforma-se no interior de uma concha de pérola, em cuja madrepérola brilham e fundem-se sem se escurecerem mutuamente, todas as cores da natureza" (citação para: ²⁵⁷).

Mas aqui, se a humanidade tivesse desaparecido da face do planeta, então durante dezenas de milhares e até milhões de anos, a natureza com as suas próprias forças e elementos teria transformado todos os artefactos arquitectónicos, então se houvesse algum arqueólogo na Terra depois disso, é improvável que acreditassem que espalhados num planeta de elevação, rochas e cavernas fossem originalmente de origem artificial. Portanto, vale a pena deitar fora os dados conhecidos, em vez de os estudar mais a fundo?

²⁵⁵ Koltypin A.V. *Gelo e cavidades subterrâneas da Antártida - é um conto de fadas semelhante ao passado, ou é verdade, semelhante à ficção?* //

http://www.dopotopa.com/podlednye_i_podzemnye_polosti_antarktidy.html

²⁵⁶ *Antártida - um continente misterioso* //

http://avergor.net/publ/antarktida_tainstvennyj_materik/9-1-0-71.

²⁵⁷ *Blon J. A Grande Hora dos Oceanos : Mares Polares / Primeiro que tudo ; relatório pós-venda do Presidente da Assembleia Geral. V.A. Dygalo, A.V. Shumilova ; comentário. A. M. Grigorieva et al. - M. : Thought, 1984. - - C.83*

Capítulo 12. Anomalias em pirâmides e antiáctica

Também com o advento da Internet, a Antártida começou a atrair a atenção de dezenas de milhares de investigadores em todo o mundo. Muitos "exploradores virtuais" do continente do gelo apareceram na web. Com a ajuda de imagens de satélite de Google Terra, os cientistas já conseguiram encontrar uma longa "auto-estrada" com uma ponte, uma misteriosa fonte de luz e muitos outros objectos espantosos, cuja origem ainda não é clara... Muitos concordaram que recentemente na Antártida estão a esconder vestígios de alguma civilização antiga ou alienígena.

Por exemplo, na parte sul da Península Antártica, no Maciço de Vinson (a cordilheira mais alta da Antártida), existe a famosa Pirâmide Quadrilátero Antártica, que foi descoberta por alpinistas em 2010 e que todos os utilizadores do Google podem ver. Os mapas podem ver para além de 79°58'12.0"S 81°56'24.0"W.

Também um arqueólogo virtual que desejava permanecer anónimo, estudando imagens no serviço GoogleEarth, na Terra de Queen Maud, localizada no território da Antártida, encontrou várias formações estranhas, muito semelhantes às pirâmides espalhadas pela Terra (73 ° 42'46.11 "S, 4 ° 16'33.97 "W). Além das pirâmides, o utilizador prestou atenção a um maciço montanhoso muito estranhamente ordenado, mais semelhante às ruínas de uma cidade antiga do que à formação natural (73°42'46,11"S, 4°16'33,97"W). O investigador sublinha que mesmo antes de 2010, todas estas formações estavam sob uma camada de gelo e neve e só recentemente apareceram na superfície.

Em 2018, um dos investigadores utilizou imagens de satélite para encontrar um local estranho onde, na sua opinião, silhuetas claramente visíveis de vários edifícios, construídos sob a forma de um triângulo. O observador até reparou em quatro torres. De acordo com o investigador, esta "fortaleza" é muito provavelmente parte de alguma cidade antiga.

Por exemplo, um ufólogo do Arizona conhecido como Michael e pseudónimo MrMBB333 afirma ter descoberto algo surpreendente nas imagens de satélite da Antártida. De acordo com o americano, havia um objecto gigante que consistia em várias elevações descendentes uniformes, atravessadas pela mesma linha recta. Os cépticos afirmam que se trata apenas de neve erodida, mas Michael está convencido de que a natureza não poderia criar um padrão simétrico tão perfeitamente plano. Surpreendido com a sua descoberta, o investigador sugere que se trata de uma enorme antena com três campos de futebol de largura e quatro de comprimento. Mas quem poderia construir uma estrutura tão majestosa no continente do gelo? Talvez um governo mundial secreto? Algum tipo de raça antiga? Algum tipo de civilização extraterrestre? De uma forma ou de outra, Michael pensa que é

necessário enviar uma expedição ou pelo menos um veículo aéreo não tripulado, que examina minuciosamente este objecto no local.

Ou, por exemplo, arqueólogos virtuais descobriram recentemente uma escadaria gigante na Antárctida. A estrutura misteriosa, que é na realidade muito semelhante a uma escada que conduz ao topo de uma montanha, destaca-se muito acentuadamente entre a paisagem habitual deste continente gelado - simplesmente não deveria estar aqui (coordenadas: 68,919172, 88,035386). Outros sugeriram que isto não é de todo uma escadaria, mas um desabafo para uma enorme base subterrânea de extraterrestres.

Também devido ao derretimento dos glaciares a partir do gelo, parecia algo fora do comum, como uma espécie de base, realmente, abandonada. É difícil dizer exactamente o que foi gravado, mas a descoberta é definitivamente feita pelo homem. A estrutura é bastante grande, com um comprimento de trezentos metros e uma largura de cerca de cinquenta. A altura da estrutura varia dentro de dez metros. A estrutura poderia ter sido construída numa altura em que a Antárctida não estivesse coberta de gelo. Pode ver a descoberta por si próprio: basta introduzir 69°53'42.03"S 8°42'22.02"E no serviço de mapas.

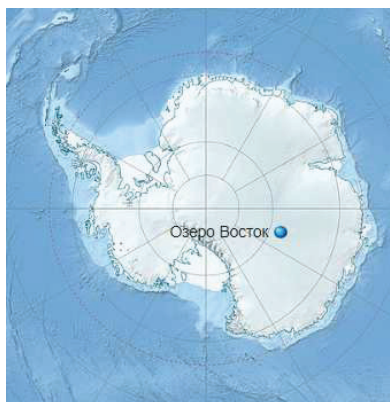
Em Março de 2002, dois satélites gémeos NASA GRACE foram lançados do local de lançamento de Plesetsk, sob a liderança de Ralph von Frese e Laramie Potts. Deviam medir o campo gravitacional da Terra. Estes dados são utilizados na investigação climática, na exploração mineral e no estudo das falhas da crosta terrestre e da actividade vulcânica. E assim, durante a sua passagem sobre a Antárctida, os satélites detectaram um pulso gravitacional inesperado. Foi detectada uma forte anomalia gravitacional positiva. Vinha de um enorme espaço de vegetação rasteira com cerca de 500 quilómetros de diâmetro. Acima dela estendia-se durante milhares de quilómetros a planície nevada do glaciário antártico até aos 4 mil metros de espessura. Único à anomalia antártica está localizado numa área chamada Wilkes Land na Antárctida Oriental e perto do Lago Este. A cratera tem um diâmetro de funil de cerca de 482 km. Segundo os cientistas, foi formada há cerca de 250 milhões de anos no período Permian-Triássico, em resultado da queda de um asteroide de pelo menos 48 quilómetros em toda a Terra. A cratera é 2,5 vezes maior do que a cratera de Chicksulub no Yucatan, que ocorreu quando um meteorito caiu, causando a extinção do Paleogene Cretácico há 66 milhões de anos.



Os radares nesta cratera encontraram uma enorme, extremamente densa e presumivelmente metálica massa ("concentrado de massa", "mascons") de aproximadamente 300 quilómetros de largura e 848 metros de profundidade. No início, foi sugerido que esta "panqueca" poderia ser uma concentração de magma derramada para fora do interior da terra ("pluma manta"). Fenómenos semelhantes, por exemplo, têm sido testemunhados na Lua. Mas esta hipótese foi rapidamente rejeitada. Então os cientistas começaram a falar sobre a probabilidade de deitar sob o gelo da Antártida restos de um enorme asteróide (6 vezes maior do que o meteorito Chicksuluba), que na realidade causou a extinção do Permian-Triássico há cerca de 250 milhões de anos. Hoje em dia, é quase impossível que este corpo astronómico penetre. Para tal, teria de criar uma estação especial, trazer toneladas de equipamento, que em termos de custo pode estar próximo do custo aproximado de um voo tripulado para Marte. E os cientistas teriam de sobreviver a temperaturas de 80 graus negativos no Inverno.

Os meios de comunicação social divulgaram informações que os EUA em 2001, enviaram para a área de detecção de atividade magnética anormal elevada perto da costa sudeste do lago gelado fresco do Leste (77° de latitude sul, 105° de longitude leste), uma expedição com plataformas de perfuração e equipamento pesado para escavações. Foram confirmados no livro pelo explorador americano Terence Aime "Mistérios do Universo". 25 histórias verdadeiras do tempo e do espaço". Aqui, em Abril de 2001, acredita-se que um satélite espião americano tenha descoberto uma estrutura ou aparelho

antigo que se encontrava aprisionado a quilómetros de gelo grave do Antártico. Um misterioso projecto de escavação do local foi iniciado imediatamente após a descoberta. A notícia do aumento da actividade dos EUA na Antártida chegou aos ouvidos do topo europeu: "Se isto é algo que os militares americanos construíram nas profundezas, estão a violar os tratados internacionais sobre a Antártida", disse Nicole Fontaine, oradora assistente do Parlamento Europeu. - Se não, é algo que existe há pelo menos 12 mil anos, tanto gelo cobre a Antártida. Depois poderia ser chamada uma das estruturas artificiais mais antigas do planeta. O Pentágono deve estar atento às chamadas do Congresso e relatar tudo o que está escondido. Alguns observadores militares afirmaram que os dispositivos robóticos foram imediatamente enviados para o Pólo Sul. Havia especulações de que a Força Aérea Americana tinha mesmo transportado um enorme túnel nuclear para a base secreta C5 na Antártida. O aeródromo militar americano continuou a zumbir devido à actividade tempestuosa, os voos chegaram e foram para a Antártida a um ritmo vertiginoso. Maquinaria pesada, bastante exótica, apareceu nos sombrios glaciares antárticos. Em breve houve notícias sobre ajuda médica oculta e urgente a alguns empregados não nomeados da expedição do Ártico. Como resultado, foram evacuados no meio do Inverno antártico. Não foram feitos comentários oficiais. A anomalia magnética no Lago Este, após este caso, aumentou significativamente. Quando os meios de comunicação social americanos e europeus pressionaram fortemente o governo e os militares americanos para obterem pelo menos alguma informação plausível, o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001 teve lugar na Antártida durante muito tempo. Mais tarde, foram divulgadas à imprensa informações escassas que, em Dezembro de 2006. A Força Aérea Americana, como parte da Operação "Deep Freeze", levou a cabo um ataque de pára-quedas em grande escala de 40 toneladas de carga directamente para o Pólo Sul utilizando transporte militar pesado C-17 Globemaster III.



Em 2007, a perfuração foi suspensa a uma profundidade de 3.665 metros. Foi retomada anos mais tarde e a 5 de Fevereiro de 2012 na estação Vostok cientistas russos, a uma profundidade de 3769,3 m, completaram a perfuração e chegaram à superfície do lago subglaciar. Depois entregaram solenemente um frasco de água ao Presidente do país e novamente em silêncio. A paragem da perfuração foi motivada pelo desejo de prevenir a poluição da água, que poderia prejudicar o ecossistema único do lago. 11 de Março de 2013. O Instituto de Investigação do Ártico e Antártico de Roshydromet (AARI), depois de estudar amostras de água obtidas em Maio de 2012, emitiu uma declaração sobre a descoberta de um tipo desconhecido de bactérias no lago glaciar Vostok na Antártida, que durante milhões de anos esteve isolado do mundo exterior por uma camada de gelo de 4 quilómetros e que é o único análogo terrestre dos oceanos de gelo dos satélites de Júpiter (Europa, Ganimedes, Calisto) ou Saturno (Enceladus). Assim, as condições num reservatório de gelo podem estar próximas das da Terra durante o Proterozóico Final (750-543 Ma), quando a glaciação global da superfície da Terra ocorreu várias vezes e durou até 10 Ma (a chamada Idade do Gelo). "Terra com neve, quando o planeta estava completamente coberto de gelo) e após a sua conclusão houve uma chamada explosão Cambriana (um súbito aumento da biodiversidade - o aparecimento de restos como acorde, artrópodes, moluscos e equinodermes). O lago pode ser habitado por autotrofos micróbios-quemolíticos que extraem energia de reacções redox em vez de matéria orgânica. O Professor John Priscu da Universidade de Montana passou 27 anos no campo antártico e concluiu que a cobertura de gelo da Antártida se comporta como um organismo vivo. É permeado por veias microscópicas de água líquida, servindo de refúgio para bactérias espantosas. Por exemplo, bactérias antigas, com 420 mil anos de idade, encontradas em amostras de gelo retiradas de três quilómetros de profundidade, começaram a mostrar sinais de vida de forma surpreendentemente rápida. Começaram a crescer em água derretida. "Não sabemos se estavam a hibernar ou se o processo da sua vida é apenas muito lento", disse Priscu. Em Julho de 2013, foram publicados os resultados do estudo de amostras de gelo provenientes do poço utilizando métodos metagenómicos. Foi possível separar 3507 sequências únicas de ADN das amostras, para 1623 das quais foi estabelecida a pertença taxonómica (antes do género ou espécie). Cerca de 94% das sequências pertencem a bactérias, 6% a eucariotas (a maioria deles cogumelos), e apenas duas a arqueanos. Várias sequências pertencem a animais multicelulares (rotíferos, amêijoas, artrópodes). Como algumas das bactérias encontradas são parasitas dos peixes, os investigadores sugerem que os peixes podem viver no lago.

Até 2019, os cientistas concluíram que existem mais de 300 lagos desconhecidos sob a Antártida, que não congelam devido ao núcleo quente da Terra. Há incríveis criaturas marinhas desconhecidas, que viveram por

toda a Terra há milhões e milhares de milhões de anos, mas que só lá permaneceram devido ao seu isolamento do mundo.

Mas não menos intrigante é a presença de uma anomalia magnética significativa registada por cientistas na Universidade de Columbia, na margem sudeste do lago. Difere do campo magnético de fundo por mais de mil nanotelles. O participante da investigação Michael Stadinger sugeriu que isto poderia ter sido causado por uma crosta terrestre muito fina perto do lago, mas os seus colegas acreditavam que a proximidade do interior da terra quente e vermelha iria, pelo contrário, aquecer as rochas e assim reduzir o nível do campo magnético. As disputas científicas levaram à teoria de que os restos de uma cidade antiga com as suas estruturas metálicas foram encontrados na margem do lago.

E os apoiantes da teoria de visitar a Terra por civilizações alienígenas acreditam que sob o gelo da Antártida se esconde uma enorme nave espacial que serve de base para os alienígenas, ou mesmo de portal para o "interior da Terra". A misteriosa anomalia antártica foi novamente recordada no final de Dezembro de 2016, depois de o Secretário de Estado norte-americano John Kerry ter subitamente visitado a Antártida em Novembro de 2016. Surgem imediatamente rumores de que Kerry tinha alegadamente visitado uma base alienígena secreta na montanha piramidal recentemente descoberta.

Anteriormente, em 1969, o estúdio soviético "Diafilm" lançou um estranho diafilo em duas partes "Ghosts of the white continent" (autor A. Shalimov, artista V. Shevchenko), contando sobre uma aventura invulgar de um grupo de cientistas ocidentais na Antártida, que foi salvo por uma expedição soviética. Como se verificou, os americanos descobriram primeiro nas montanhas de Queen Maud Land adits, e depois entraram em contacto com alguns "yeti eléctricos", mas depois de uma série de fracassos e medos, foram estabelecidos representantes da humanidade com criaturas estranhas. Verificou-se que estes são alienígenas do planeta Plutão, cuja civilização está muito à frente da Terra - eles utilizam um "tipo especial de energia" com a qual as suas naves espaciais ultrapassam longas distâncias. Voam para a Antártida para o "minério especial" que já não existe no seu planeta... Dois terrestres, Jack Russell e Toivo Latikäinen, concordaram de boa fé em ir numa missão educacional a Plutão.

Na fantástica história de Charles Stross "The Very Cold War" (2000; publicada na Coleção Mistério de Arthur Gordon Pim, 2006) parte da acção tem lugar no Lago Este, onde um portal interplanetário e formas de vida invulgares são descobertos. No fantástico romance de Vasily Golovachev "Atlantarctica", o Lago Vostok desempenha um papel central, uma vez que descobriu uma estrutura funcional dos antigos Antártico-Atlantes capaz de influenciar a realidade física da Terra globalmente, o que provoca um conflito de interesses de russos e americanos, cada um dos quais tenta ser o primeiro a chegar ao poderoso artefacto.

Cientistas americanos que trabalharam para a NASA, juntamente com o notável cientista alemão Werner von Brown, dizem que ele estava convencido de que Hitler estava certo, que chamou à Antártida "Atlântida sob o gelo".

O historiador e escritor russo Mikhail Demidenko no seu livro "In the footsteps of the SS in Tibet" relatou que, desmantelando os arquivos ultra-secretos das SS, encontrou documentos que diziam que um esquadrão de submarinos alemães durante uma expedição ao País da Rainha Matilde encontrou todo um sistema de cavernas ligadas umas às outras com ar quente. Durante os próximos cinco anos, os alemães realizaram um trabalho cuidadosamente escondido para criar uma base subterrânea secreta nazi 211 na Antártida, com o nome de código "Nova Berlim". O Bergmann no seu livro "German Flying Scots" afirmava que a partir do mesmo ano, durante vários anos, o equipamento mineiro e outras máquinas, incluindo caminhos-de-ferro, carruagens e enormes cortadores de túneis, tinham sido constantemente enviados para a Antártida... Investigadores bem conhecidos dos mistérios antárticos do Terceiro Reich R. Vesco, V. Terziyski, D. Childress relataram que desde 1942, milhares de prisioneiros dos campos de concentração foram transferidos para o Pólo Sul como força de trabalho. Em Setembro de 1944, foi aberta a comunicação aérea directa entre a Alemanha e o Queen Maud Land na costa atlântica da Antártida, chamada Nova Suábia (actualmente San Martin, propriedade da Argentina). Em Janeiro-Abril de 1945, as fábricas alemãs foram aí evacuadas. De 1 a 5 de Maio, cerca de 150 submarinos partiram para o continente do gelo. No seu quadro poderiam acomodar cerca de 10 mil pessoas. Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães construíram um bunker para submarinos perto da antiga Templar La Rochelle, que sobreviveu até aos dias de hoje. Devido à forte resistência dos invasores, La Rochelle foi a última cidade libertada em França. O comandante alemão só se rendeu à meia-noite do dia 8 de Maio de 1945.

Em 1946 em Madrid, Odessa (uma sociedade de antigos membros das SS) foi fundada sob a liderança de Otto Scorzeny, que transportou secretamente os nazis para uma colónia na Antártida. De acordo com estimativas do diplomata alemão Ernst Weizsäcker, a sua população em 1946 excedeu 60 mil pessoas - no Jardim do Éden acima do solo e na cidade subterrânea de Valhalla. No início da década de 1950, a população da Nova Suábia era de 150-200 mil pessoas. De 1946 a 1952 entre 20 e 30 mil raparigas de todo o mundo foram enviadas para a Antártida. Por exemplo, seleccionados pela agência de casamentos "Gloria" imediatamente depois de 1945 na Argentina, as belezas que contavam cerca de 5 mil sob o pretexto de entrega nos EUA foram carregadas no navio, que saiu para o mar e ... ninguém mais o viu.

Especialmente muitas publicações foram dedicadas à expedição do Contra-Almirante Richard Byrd da Marinha dos EUA em 1947 para as costas da Antártida. A operação foi chamada "Salto Alto". A flotilha de 13 navios com 33 aeronaves, incluindo o porta-aviões, foi levada a cabo numa campanha para consolidar o controlo dos EUA sobre a maior parte da Antártida. Talvez o comando dos EUA acreditasse nos mitos de que a Alemanha poderia equipar a sua base secreta nas profundezas do continente e deslocar para lá alguma tecnologia militar avançada. Diz-se que os marinheiros americanos estavam à procura de entradas disfarçadas no submundo. A propósito, cavernas com entradas parecidas com o perfil de placas de OVNI foram notadas nos picos da cordilheira semimarcada. A esquadra chegou em segurança à Rainha de Matilde Land a 1 de Fevereiro de 1947 e iniciou a investigação de rotina. Durante o mês foram tiradas 49 mil fotografias, vários planaltos de montanha anteriormente desconhecidos foram mapeados e foi fundada uma estação polar. E de repente aconteceu algo que as autoridades oficiais dos EUA permanecem em silêncio até aos dias de hoje. A expedição, que tinha acabado de começar e deveria durar 6-8 meses, foi abandonada urgentemente a 3 de Março de 1947, e os navios apressaram-se a regressar a casa. Pelo menos um navio, treze aviões e dezenas de pessoas foram perdidas. No início de 1948, nas páginas da revista belga "Frey" e das revistas alemã ocidental "Damestish" e "Brisant", um certo Karel Lagerfeld relatou ao público que ao regressar da Antártida, o Almirante Baird deu uma longa explicação numa reunião secreta da comissão especial presidencial em Washington, D.C.; o seu resumo foi o seguinte: navios e aviões da 4ª expedição à Antártida foram atacados ... estranhos "discos voadores" que "...escavados fora de água e, movendo-se a grande velocidade, causaram danos significativos à expedição". Na opinião do próprio Almirante Baird, estes espantosos aviões foram provavelmente produzidos nos nazis disfarçados na espessura do gelo antártico, cujos desenhadores dominaram alguma energia desconhecida utilizada nos motores destas máquinas. A mesma opinião foi defendida pelo já mencionado D. Stevens, que se referiu ao relatório sobre a expedição da Marinha dos EUA às costas da Antártida em 1947. Ele escreveu que muitos marinheiros da esquadra Berda viram aparecer subitamente, debaixo de água, objectos voadores de formas disco e fenómenos atmosféricos estranhos que lhes causaram depressão.

O mais surpreendente é que, segundo as memórias dos antigos espões soviéticos e polacos, que em tempos tiveram acesso aos arquivos dos serviços secretos ocidentais, ao mesmo tempo perto do Queen Maud Land estava perfeitamente equipado e liderado por almirantes e generais polares experientes (Papanin, Krenkel, Fedorov, etc.) da Frota Ártica da Marinha Soviética, conduzida pelo navio diesel-eléctrico "Slava".

De acordo com outra versão, a 11 de Fevereiro de 1947, R. Bird descobriu uma área rochosa sem neve com lagos, que cobria uma área de cerca de 100 milhas quadradas na área de Banger Hills ("Banger Oasis"), perto da prateleira Chuckleton Island, na parte ocidental de Wilkes Land (!!!). Num relatório de informação naval, o site foi chamado "Shangrella", com a sugestão de que havia ali vegetação num ²⁵⁸tom irónico.

Em Agosto de 2018, os meios de comunicação social mundiais noticiaram que dois especialistas de primeira classe da Antárctida NZ se tinham demitido. Eles são Peter Beggs, director executivo da agência estatal, e Sharon Hunter, membro da direcção. Ambos nomearam as circunstâncias familiares como o motivo da partida, mas foi isto que causou perplexidade e muitas perguntas no ambiente da conspiração. O facto é que razões tais como o desejo de aproximar as crianças dos avós que vivem no Reino Unido (Peter Beggs), ou do nada apareceram de repente a cuidar da saúde de uma filha de 18 anos (Sharon Hunter) no meio da reconstrução da "Scott Base", parecem estranhas, para o dizer de forma suave. Especialmente porque a NZ é um negócio muito importante para a Antárctida (150 milhões de dólares de investimento), por isso a liderança da agência neste caso concordaria com quaisquer termos dos especialistas de que ela necessita. Além disso, este tipo de partida, que faz fronteira com o voo (muito semelhante), ameaça tanto os mendigos como os caçadores quase que cruzaram as suas carreiras. E, no entanto, estão a correr, não importa o quê. E este não é o primeiro caso de tal fuga dos gestores de topo da Antárctida, apenas neste caso, a discrepância de importância da situação, agora formada na "Antárctida NZ", com as razões mencionadas, por que estes dois principais especialistas abandonam subitamente o misterioso continente. Como os conspirólogos salientam, não se poderia prestar atenção a uma tal fuga, digamos, de trabalhadores-contratantes comuns, que podem não gostar de alguma coisa, mas que, à pressa, deixam a Antárctida liderando gestores de projectos internacionais, ou seja, especialistas que podem definitivamente saber algo importante. E este "importante" faz com que deixem a Antárctida à pressa, cuspidos na sua carreira e até mesmo possíveis assédios. E isto já é muito grave...

O petróleo foi imediatamente adicionado à conspiração do fogo, que recordou que o recentemente reformado Coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, um antigo astronauta da NASA Buzz Aldrin (Buzz Aldrin) escreveu no Twitter, que na Antárctida é um mundo maléfico concentrado e que os terráqueos por esta razão estão em perigo mortal.

O que Aldrin significava, ninguém sabe realmente, mas é isso que é surpreendente:

²⁵⁸ *Koltypin A.V. Gelo e cavidades subterrâneas da Antárctida - é um conto de fadas semelhante ao passado, ou é verdade, semelhante à ficção? //*
http://www.dopotopa.com/podlednye_i_podzemnye_polosti_antarktidy.html

- Representantes da elite mundial, por exemplo, o Secretário de Estado americano John Kerry ou o líder do Partido ROC Kirill, "cavalgam" constantemente para a Antártida - como se estivessem a observar ou a negociar;

- As estranhas anomalias naturais dos últimos anos são acompanhadas por ondas electromagnéticas vindas deste continente gelado;

- Os gestores de topo (hoje são especialistas da Nova Zelândia Antártica NZ) deixam o misterioso continente com pressa e sem razão aparente.

É claro que se pode culpar tudo por algumas coincidências, aleatoriedade - apenas uma pequena coisa acontece na vida. Obviamente que os jornalistas dos principais meios de comunicação social do mundo o farão. Mas a questão continua em aberto, porque o grau de fiabilidade das publicações das agências noticiosas do mundo há muito que é questionado pelas pessoas. Pelo menos, pessoas que pensam...

FOR AUTHOR USE ONLY

Capítulo 13. O que foi encontrado na Ilha Kerguelen

O navegador francês Yves Joseph Tremerc de Kerguelen (1734-1797) competiu com James Cook na descoberta da Terra do Sul, que contou o arquipélago vulcânico por ele descoberto em Fevereiro de 1772 a 49 graus de latitude sul (mais tarde, em 1776, nomeado por D. Cook no início da Desolação - "Serenidade", e depois - Kerguelensky) parte da desconhecida Terra do Sul, que ele se apressou a relatar a Paris.

Na realidade, a distância do arquipélago de Kerguelen até à costa da Antártida é de cerca de 2000 km, 3,4 mil km até à Reunião e cerca de 4,8 mil km até à Austrália. Em 1999, o navio de investigação JOIDES Resolution descobriu um continente com cerca de um terço do tamanho da Austrália moderna no fundo do Oceano Índico. A investigação mostrou que se afundou há 20 milhões de anos. O site recebeu o nome da ilha de Kerguelen. O cientista Mike Coffin da Universidade do Texas (EUA) confirmou que é provável que o microcontinente de Kerguelen em tempos tenha ligado a Índia e a Austrália num único continente. Actualmente, geograficamente, o arquipélago de Kerguelen pertence à Antártida e politicamente aos territórios do Sul e Antártico franceses.

Os hidrografistas anunciaram recentemente que foi encontrado um fluxo sem precedentes no Oceano Índico a uma profundidade de 3 quilómetros. O fluxo de água, que é 40 vezes mais potente do que a Amazónia, encontra-se no Oceano Índico. A sua velocidade é de quase um quilómetro por hora, transportando cerca de 10 milhões de metros cúbicos por segundo. Milhões de metros cúbicos de fluxo de água gelada para a Austrália. Começa no Arquipélago de Kerguelen.

Kerguelen já era conhecido dos cartógrafos chineses. De acordo com G. Menzis, na "História da Dinastia Ming" e no mapa de "Mao Kun" do lote "Wu Pei Chi" ele é mencionado sob o nome Ha-bu-er²⁵⁹.

O famoso explorador militar polar James Clark Ross escreveu que durante uma expedição em Maio de 1840 numa ilha no arquipélago de Kerguelen, encontrou rastos de ferraduras invulgares no chão, na neve e na rocha. Pareciam vestígios de um cavalo ou burro, mas não existiam tais animais nem na ilha nem na sua expedição...

De acordo com as memórias de outro membro da expedição, DK Ross, um certo marinheiro Peria Clarke, as pegadas conduziram ao longo de uma linha perfeitamente recta até à colina rochosa e começaram apenas a partir dos destroços de uma bola de metal partida em pedaços. O segundo, inteiro, P. Clark levou consigo e mais tarde fotografou mesmo com ele (no daguerreótipo). Na opinião de P. Clark, os balões encontrados por eles

²⁵⁹ Menzis G. 1421 - ano. *Quando a China descobriu o mundo / Per. de Inglês - M. : Exmo ; Yauza, 2006. - - C. 206.*

"caíram do céu", acrescenta que durante a sua estadia na ilha, não deixou uma sensação de presença constante perto dos membros da expedição de alguns olhos invisíveis, não desiludindo-os. Marinheiros supersticiosos exigiram que P. Clarke ou deitasse fora uma lembrança ou deixasse ele próprio o navio. O marinheiro escolheu o segundo, contratado na Tasmânia num outro navio, escondendo o seu achado. Em 1842, após a sua reforma da Marinha Britânica, P. Clarke instalou-se no Condado de Devonshire, na cidade costeira de Tinmouth, situada a 10 km a sudoeste de Exmouth. Escondeu uma arca com uma misteriosa lembrança na cave da sua casa, onde foi guardada durante 13 anos, até 3 de Fevereiro de 1855, quando, na companhia de amigos embriagados, se vangloriou do achado. Após vários golpes na bola com um martelo pesado, apareceu uma fenda na sua superfície, que aumentou significativamente após algum tempo e ameaçou dividir a bola. 7 de Fevereiro de 1855 no diário de P. Clarke havia apenas uma frase - que o dia em que Clarke atira a bola ao mar na praia de Tinmouth, e depois vai a Exmouth e passa o fim-de-semana com um amigo. Essa fita foi a última. De acordo com a certidão de óbito, Clark Perry morreu de ataque cardíaco na noite de 8 para 9 de Fevereiro de 1855, em Bicton, um dos distritos de Totnes.

Foi em 8 de Fevereiro de 1885, no sul de Inglaterra, no condado de Devonshire, numa manhã ensolarada e gelada, que as pessoas saíram das casas da cidade de Exmouth, que na foz do rio Axe, que desagua no Golfo de Cal, viu os estranhos vestígios na costa, claramente distinguidos pela neve fresca. Pareciam pequenas pegadas de cascos. Cada uma tinha 10 centímetros de comprimento, 7 centímetros de largura, e a distância entre duas estampas adjacentes era de 20 centímetros. Mas o mais surpreendente foi que as pegadas foram esticadas numa linha perfeitamente direita e, por isso, só uma criatura que se movia as podia deixar... em duas pernas! Uma cadeia suave de pegadas, sem um centímetro de desvio da linha recta, atravessou as vedações, subiu aos telhados das casas e aos palheiros de três metros de altura. Num caso, os carris foram deixados numa calha de escoamento de água da chuva suspensa do telhado, enquanto noutra casa, na estreita borda do segundo andar da casa. E em todas estas situações improváveis, o comprimento do degrau permaneceu 20 centímetros. Desta forma, a criatura desconhecida passou por Exmouth e correu para norte, depois virou bruscamente - em ângulos rectos - para oeste, atravessou o estuário de Exmouth com três quilómetros de largura, aqui novamente virou bruscamente para sul, chegou à cidade de Tinmouth e estava na costa coberta de gelo da Baía de Lyme. Aqui, os vestígios foram quebrados. Mas os localizadores incansáveis encontraram-nos na costa oposta. Mais uma vez em terra, a criatura dirigiu-se para sudoeste e, após passar por várias aldeias e cidades, passando por campos cobertos de neve e pastagens, chegou a Bicton, uma das áreas de Totnes, onde o trilho já se tinha quebrado

completamente. A extensão total do percurso do viajante misterioso foi superior a 160 quilómetros.

Mas o que impressionou a imaginação das pessoas em geral, é que cada estampa da crosta de gelo da cobertura do casco, o que deu aos vestígios uma grande clareza. Tais impressões só poderiam aparecer se os cascos (ou o que deixou estas impressões) estivessem na neve grossa durante muito pouco tempo e estivessem ao mesmo tempo ... quente! Os habitantes da cidade estavam em pânico - eles decidiram que o próprio diabo tinha vindo visitá-los. O pastor local, Reverendo J.M. Mazgrave, acalmando os paroquianos excitados, assegurou-lhes que nada de especial tinha acontecido, que os vestígios na neve deixaram um canguru fugitivo ... canguru. Foi precisamente de onde os cangurus tiraram os cascos, e como conseguiu caminhar 160 quilómetros numa noite com tempo gelado, acenando através de cercas e subindo aos telhados das casas, o Santo Padre não conseguiu explicar. Henrietta Fersdon, filha de um pastor de Dawlish, no livro de enigmas e notas de Devon e Cornwall, publicado na viragem dos anos 50-60 do século XIX", recorda: "Os vestígios apareceram à noite. Como o meu pai era pastor, outros clérigos da nossa diocese anglicana vieram ter com ele, e todos começaram a falar sobre estas pegadas invulgares, que podiam ser vistas em toda a Dawlesh. As pegadas tinham a forma de um pequeno casco, e dentro de algumas delas eram visíveis como pegadas de garras. Uma cadeia de vestígios, que se estendia desde o limiar da nossa casa até à sacristia, destacou-se especialmente acentuadamente no pátio coberto de neve da igreja. Uma outra cadeia de pegadas veio até à parede do columbário, caiu à sua frente, e depois continuou do outro lado. Havia também muitas dessas pegadas nos telhados em diferentes partes da cidade. Ainda me lembro quão claras eram estas pegadas estranhas e sinistras, quantas eram, e que medo incutiam na minha alma. Nessa altura, pensei que tais vestígios poderiam ter sido deixados por enormes gatos selvagens, e tinha muito medo que os criados se esquecessem de trancar todas as portas à noite...". Em alturas diferentes, a imprensa noticiou o novo aparecimento de vestígios de ungulados bípedes misteriosos - na neve ou em praias arenosas - não só em Devonshire e Kerguelen: na Escócia, no Inverno de 1839-1840. (Times de 13 de Março de 1840), na Polónia, em 1855. (Illustrated London News, 17 de Março de 1885), na Bélgica, em 1945. (Dúvida nº 20, 1945), no Brasil em 1954. (livro de Bernard Huvelmans "In the Footsteps of Unseen Animals").

No Outono de 1957, a revista Tomorrow publicou um artigo do explorador paranormal Eric Dingwall intitulado 'The Devil Walks Again'. Incluía uma história de Colin Wilson de 26 anos (mais tarde o famoso escritor dos fenómenos paranormais) sobre como, no Verão de 1950, numa das praias marítimas desertas de Devonshire, ele viu na superfície lisa e densa da areia molhada, tamponada pelas ondas do mar, estampas estranhas como vestígios de cascos. As impressões pareciam frescas e muito claras,

"como se tivessem sido cortadas com uma lâmina de barbear ou carimbadas com um instrumento afiado". A distância entre as impressões era de cerca de 180 centímetros, e eram muito mais profundas do que as deixadas na areia dos pés descalços de Wilson (e ele pesava mais de 80 quilos). Estranhas pegadas vinham da própria borda da água, mas não havia pegadas traseiras na água. Parecia que eles tinham aparecido apenas alguns minutos antes da chegada de Wilson. Mais tarde K. Wilson juntou-se às fileiras de investigadores deste enigma, e em 1988 em Londres publicou o seu livro *The Encyclopedia of Unsolved Mysteries*, onde no capítulo sobre "Devonshire Devil", o autor escreve: "... Os vestígios pareciam como se esta criatura estivesse à procura de algo. Vagueou pelos quintais das casas e telhados, e pareceu-lhe completamente alheio ao modo de vida humano. E então Wilson diz algo sensacional: talvez em 1855 e 1950, as pessoas viram vestígios da mesma criatura, apenas nos últimos 95 anos, "ela cresceu e amadureceu"²⁶⁰.

O motivo de dois ovos e a criatura nascida deles está presente em várias mitologias.

Assim, na mitologia grega, derrotada pelos Olímpianos Cronus deus de Hera, esposa de Zeus, dois ovos unidos com as suas sementes, ela enterrou-os sob o Monte Arim e deles nasceu o Typhoon (*Scholia to Homer. Iliad II 785*²⁶¹). O próprio tufão é um gigante poderoso, superior a todos os seres em altura e poder. A besta tem uma força incrível de braços e pernas e tem 100 cabeças de dragão na parte de trás da cabeça, com línguas negras e olhos ardentes; das suas bocas ouve-se a voz vulgar dos deuses, o rugido de um touro terrível, o rosnar de um leão, o uivo de um cão, o assobio agudo que ecoa nas montanhas. Typhon é a encarnação das forças ardentes da terra e da sua evaporação, com as suas acções destrutivas (o nome Typhon da mesma raiz com o verbo τύφω, que significa "fumar, ferir"). De Echidna, Typhon foi o pai de monstros míticos (Orphus, Kerber, a Hidra de Lernaean, o Dragão de Colchis, o Leão Nemeiski, etc.) que ameaçaram a raça humana sobre e sob a terra até Heracles destruir a maioria deles (excepto a Esfinge, Kerber e Quimera). A "Ilíada" menciona a luta de Typhon com Zeus e a sua estadia na clandestinidade. Concorde Ésquilo, Zeus atingiu-o por um raio e atirou-lhe a montanha Etna na Sicília e fez guarda Hefesto que estabeleceu as bigornas nas suas costas (*Ésquilo, "acorrentado Prometheus" 351-372; Pseudo-Apollodor, "Biblioteca Mitológica" I 6, 3 mais adiante; Strabo, "Geografia" V 4, 9 (página 248.); Virgil, "Aeneid" IX 716; Antonin Liberal, "Metamorphoses" 28, 4*).

Na mitologia indo ariana ("Mahabharata", "O Conto do Astik") é relatado que nos dias de Devuga ("Era dos Deuses"; também conhecida como "Satya-Yuga" - "era da verdade", "idade de ouro") Prajapati (Daksha) tinha

²⁶⁰ *Condado de Devonshire // http://darkbook.ru/publ/anglija/grafstvo_devonshir/36-1-0-128*

²⁶¹ *A.F. Losev. Mitologia dos Gregos e Romanos. -- M., 1996. -- C.837-838.*

duas filhas - Kadru e Vinata. Eram ambas esposas de Rishi Kashyapa ("Tartaruga"). Muito tempo depois, Kadru trouxe mil ovos, e Vinata trouxe dois ovos. As criadas colocaram todos os ovos em recipientes úmidos. Quinhentos anos depois, os filhos de Kadru nasceram, enquanto Vinata não o fez. Fora da pestilência, o impaciente Vinata partiu o ovo e viu um filho com um corpo meio desenvolvido. Um filho zangado traiu a sua maldição, segundo a qual ela se tornaria escrava dentro de quinhentos anos. Vinata pode ser libertada da escravatura pelo seu segundo filho se ela esperar quinhentos anos pelo seu nascimento. Então o primeiro filho de Vinata, chamado Aruna, levantou-se no ar e tornou-se um prenúncio do sol, desde que apareceu todos os dias ao amanhecer. O Garuda nasceu do segundo ovo no momento apropriado. Um dia Vinata foi ordenado por Kadru para a levar para o abrigo de cobras localizado no ventre do oceano. Vinata levava a Kadra, e a Garuda levava as cobras por ordem da sua mãe. Ao chegar ao local, os Garuda aprenderam com a sua mãe a razão da sua escravatura. As serpentes ofereceram os Garuda como resgate da escravatura para lhes trazer uma amrita. Os deuses, liderados pela Indra, resistiram a privá-los de amrita, pelo que os Garuda tiveram de lutar com eles. Tendo derrotado os deuses, os Garuda tiraram a amrita e voaram de volta. No ar, conheceu Vishnu, que se mostrou favorável aos Garuda e lhe ofereceu o dom da escolha. O Garuda desejava ser imortal e intemporal sem utilizar a amrita, bem como tornar-se sobre Vishnu e, tendo recebido estes presentes, ofereceu a Vishnu um presente de retorno. Vishnu escolheu-o como carruagem/vahan e colocou-o no cartaz, colocando-o assim acima de si próprio. Os Garuda fizeram então uma amizade com a Indra e concordaram em devolver os Amrita aos deuses após a redenção de Vinata da escravatura. Voltando às serpentes, obteve deles o consentimento para o resgate da sua mãe da escravatura, e deixou a amrita na relva. As cobras foram à ablução antes de provarem a amrita, e entretanto a Indra devolveu a amrita.

Existe uma lenda entre os tibetanos dos nove continentes, o país do Mar do Oceano Sul. Nele, os Si ("ghouls"), celestiais e terrestres, apareceram no Castelo do Caveira. Depois houve seres masculinos e femininos. O pai si chamado "Ave Negra do Céu com uma Asa Quebrada" e a mãe si chamada "Rato Alado (Marmota?)" vieram deles, 13 ovos de existência surgiram do seu casamento, dos quais 13 classes si eclodiram. Os C's são prejudiciais para os homens, mulheres, especialmente para as crianças que ainda não nasceram. Vivem no solo e em locais de sepultamento²⁶².

Na Alta Idade Média acreditava-se que no território (ou parte dele) da Terra Desconhecida do Sul viviam "carecas", "pessoas com cabeças de porco", gigantes, dragões e outros monstros.

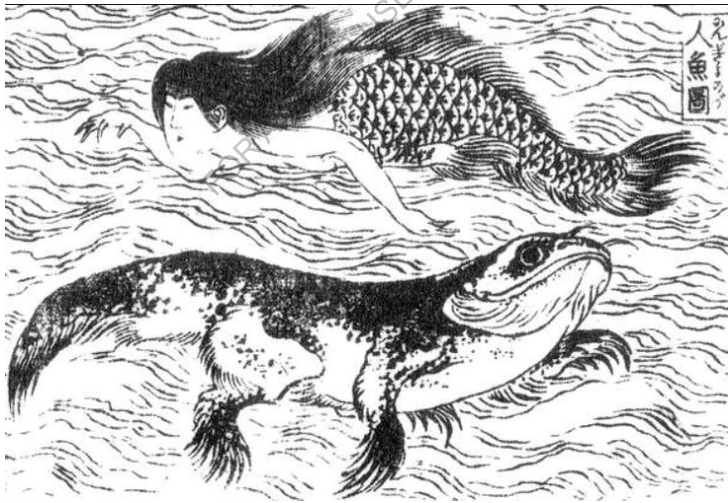
²⁶² Ogneva E.D. *Três períodos do mito tibetano* // <https://nandzed.livejournal.com/2080066.html>.

No Japão, o Programa de Investigação da Vida das Baleias (JARPA) do governo de 1987 tem vindo a divulgar histórias aos participantes desde 2007 sobre a existência de humanóides gigantes nas águas geladas da Antártida chamados "ningens" ("ningyo"), que significam "peixes humanos", e estas criaturas são ditas por testemunhas oculares como sendo grandes, cetáceos gordos, anatomicamente semelhantes aos humanos. Nas descrições de ningen aparece sempre o rosto, em vez das pernas têm uma cauda, seja baleia ou sereia semelhante, e alguns relatórios também mencionam as mãos e até as mãos. Aqueles que têm a sorte de ver os ningens dizem que têm 20-30 metros de comprimento. A pele das criaturas é quase branca, é desprovida de pigmentação. Os encontros com estes humanóides gigantes parecem ter lugar sobretudo à noite, quando são extremamente difíceis de fotografar. Em algumas imagens, os ningens parecem um iceberg, mas quando se faz zoom, é possível olhar para eles com mais detalhe²⁶³.

No folclore japonês há também nomes de gyojin ou hangyojin (meio peixe humano meio peixe). Não há lendas padrão sobre a ningyō japonesa. Tinham um aspecto diferente e comportavam-se de forma diferente com as pessoas. Ao contrário das sereias europeias, os ningyos japoneses não são bonitos. Têm um corpo de peixe e uma cabeça humana/monkey/reptiloide. Por vezes, a cabeça era desenhada de forma desproporcionalmente grande, com chifres ou presas. Existe uma espécie de ningue chamada amabi ou amabico, coberta de escamas, com a cabeça de uma ave. De acordo com as lendas, ningyō tinha poderes mágicos. Por exemplo, as suas lágrimas foram transformadas em pérolas, e os amabis souberam prever o futuro - uma boa colheita e uma peste. Aconselhava as pessoas a fazer uma imagem dela para se protegerem da peste. Alguns ningos não eram tão simpáticos para as pessoas. Poderiam mudar a sua aparência e atrair os homens para o mar. A crença mais famosa sobre a ningyō é que a sua carne dá vida eterna ou longevidade. Um dos contos populares japoneses mais famosos sobre ningyō chama-se "Yao Bikuni" (cartas. "ou "Happyaku Bikuni". A história conta como um pescador que viveu na província de Wakasa uma vez pescou um peixe invulgar. Durante todos os anos que teve de pescar, nunca tinha visto nada assim, por isso o pescador convidou os seus amigos a visitarem-no para provar a carne da criatura que tinha apanhado. Um dos convidados, contudo, olhando para a cozinha, notou que a cabeça deste peixe se assemelhava a um rosto humano, e avisou os outros para não tocarem na comida duvidosa. Assim, quando o pescador terminou de preparar a sua refeição, e ofereceu aos seus convidados para provar a carne frita do ningyō, embrulharam-na secretamente em papel e esconderam-na sobre si próprios para a deitarem fora no caminho para casa. Mas um homem, não muito bêbado, esqueceu-se de deitar fora o peixe estranho. Tinha uma filha jovem que, quando o seu pai

²⁶³ Peipins W. Ningen // *Mistérios do século XX*. -- 2011. -- № 38. - <http://antarctida-jambudvipa.tumblr.com/post/125089927375>.

chegou a casa, lhe exigiu um hotel, e descuidadamente lhe deu a carne frita. Quando voltou a si, o pai tentou impedi-la de comer alimentos estranhos por medo de envenenamento, mas nessa altura já era demasiado tarde, a sua filha já tinha comido tudo. E como nada de mal tinha acontecido à rapariga, este homem já não estava preocupado com o que tinha acontecido. Anos mais tarde, a menina Yao-hime cresceu e casou-se. Mas depois disso, ela já não envelheceu; ainda tinha o mesmo aspecto jovem de uma rapariga de 15 anos enquanto o seu primeiro marido envelhecia e morria. Depois de anos de juventude e viuvez repetida, a mulher tornou-se freira budista e percorreu vários países. Finalmente, regressou à sua cidade natal, em Vakasa, onde terminou a sua vida com a idade de 800 anos. E um templo foi construído em sua honra. O templo de Tenseo-Kyos tem o corpo de um ningyō. Segundo a lenda, um dia apareceu um ningyo perante um príncipe japonês. A criatura, a morrer, contou ao príncipe como se transformou num ningyō. Este ningue foi em tempos um pescador que atravessou as águas proibidas para pescar, foi amaldiçoado e transformado num ningue. O pescador aprendeu uma lição e pediu ao príncipe para estabelecer um templo onde os seus restos mortais seriam guardados. Qualquer pessoa que olhe para o corpo desta criatura será lembrada da santidade da vida.



É muito semelhante aos contados nas obras visionárias de G.F. Lovecraft Deep, Deep Ones - uma raça de anfíbios inteligentes: "...[Mhe parecia que na sua massa eram cinzentos-verdes, mas com barrigas brancas. A maioria deles brilhava e parecia mole, e as arestas das suas costas estavam cobertas com algo parecido com escamas. Eram apenas remotamente semelhantes aos antropóides, enquanto as suas cabeças eram definitivamente

peixes, com olhos convexos, mesmo convexos, que nunca fecharam. Do lado dos seus pescoços havia guelras agitadas, e entre os ramos das suas longas pernas havia tímpanos cintilantes, e saltavam para cima e para baixo com dois ou todos os quatro membros, e fiquei contente por ver que tinham apenas quatro. As suas vozes roucas, ladradas, claramente criadas para uma espécie de discurso, carregavam muitas sombras sinistras e escuras, mais do que compensadas pela pequena expressividade do seu focinho" ("*Sombra sobre Insmuth*"). As primeiras pessoas a conhecer o Deep Sea foram polinésios de uma ilha perto de Ponapé. Os contactos entre eles começaram após o terramoto ter levantado uma das cidades das profundezas do mar do fundo do mar. As águas profundas fazem por vezes contratos com pessoas: trazem peixes e trazem ouro do fundo do mar, em troca de sacrifícios humanos e da possibilidade de acasalamento com pessoas, porque a população das águas profundas está a crescer lentamente, depois, para acelerar este processo, cruzam-se com pessoas. A criatura resultante parece inicialmente um ser humano, mas logo começa a adquirir características, e depois transforma-se no Mar Profundo e vai para o mar. E tal destino aguarda não só um meio humano, mas também os seus filhos (e parcialmente - descendentes mais distantes). Alguns mestiços já nascem com sinais do mar profundo - e a sua transformação é muito mais rápida. A possibilidade de cruzamentos pode indicar uma uniformidade de origem entre os seres humanos e as profundezas do mar. São muito hábeis em fazer jóias de liga de ouro com "algum metal branco". O culto ao Pai Dagon e à Mãe Hidra, e (em menor medida) a Cthulhu. Algum capitão Lunch March, que soube da sua existência pelos nativos de uma das ilhas que visitou. De regresso à sua cidade natal de Innsmouth, o Capitão Marsh fundou a "Ordem Secreta de Dagon" para coordenar as relações com os Deep Seas que viviam perto de Innsmouth (uma pequena povoação portuária em Massachusetts), sob o Recife do Diabo, na cidade subaquática de Y'khan Tlei. Em 1846, todos os membros da Ordem foram presos e os sacrifícios pararam. A furiosa Deep Sea saiu do oceano e destruiu a maior parte da população de Innsmouth que não pertencia à Ordem. Depois disso, o poder da Ordem sobre Insmut tornou-se ilimitado. Em 1927, o governo interessou-se pela fonte de ouro Insmut e pelas actividades dos habitantes da cidade. Foi realizada uma rusga e os membros da Ordem foram novamente presos, mas desta vez um submarino torpedeou o recife do Diabo. Acredita-se que isto resultou na destruição do Y'ha-tee. Privada da Ordem e do apoio do Mar Profundo, Innsmouth caiu finalmente em desgraça. As histórias e romances de Brian Lumley fornecem muitos novos detalhes sobre a biologia e a civilização do Mar Profundo. Em particular, de acordo com o conceito B. Lumley, as águas profundas são capazes de atravessar não só com seres humanos mas também com outras espécies biológicas, e estão divididas numa série de subespécies. Mestiços do Mar Profundo e humanos nem sempre são completamente transformados;

alguns deles são mesmo indistinguíveis ou quase indistinguíveis dos humanos normais. Além disso, muitos seres humanos são portadores de genes no Mar Profundo que podem ser activados sob certas condições. Nos livros de B. Lamley, o Profundo Mar tem planos de longo alcance sobre a captura de um planeta e a limpeza dos Grandes Deuses Antigos escravizados por feitiços dos Deuses Sêniores.

"... Os primeiros contactos humanos e casamentos com o Mar Profundo tiveram lugar na ilha de Ponapé, na Micronésia, e depois espalharam-se a partir daí para a América do Norte. Curiosamente, é nas proximidades de Ponapé que se encontram as ruínas da cidade pré-histórica de Nan-Madol, que pertence a uma cultura desconhecida. A cidade foi construída com vários milhares de blocos megalíticos de basalto, a noiva de onde veio a ilha. Uma lenda local diz que os irmãos, os deuses Olosope e Olobike, subiram a montanha e viram uma bela cidade submarina - Hanimweiso, e decidiram construir o seu reflexo em terra, que se tornou Nan-Madol²⁶⁴

O povoamento de Temehua Tohua na ilha de Nuku Khiva, que é o maior atol do arquipélago de Marquesas na Polinésia Francesa, tem talvez as estátuas de criaturas mais bizarras. Têm olhos enormes, cabeças longas e grandes, roupas que lembram os fatos de astronauta modernos ou fatos de mergulhador. Condicionadamente, as estátuas na ilha de Nuku Khiva podem ser divididas em 2 tipos: algumas delas retratam criaturas serpenteantes, outras - criaturas com construção skinny, notavelmente diferentes em construção do primeiro tipo. É de notar que na maioria dos casos, as esculturas retratavam famílias inteiras, as mulheres eram retratadas mais frequentemente com crianças. Quem serviu exactamente de modelo para as estátuas na ilha de Nuku Hiva? Estudos mostram que os primeiros colonos chegaram aqui há 2.000 anos de Samoa e depois colonizaram o Taiti no Hawaii, Ilhas Cook e Nova Zelândia. Dizem as lendas que a divindade onipotente Ono prometeu à sua esposa que construiria a casa num dia, e ao recolher as terras criou as ilhas, chamando-lhes partes da casa.

A lenda do historiador babilónico Beroes (c. 350/340 - 280/270 a.C.) também deveria provavelmente ser associada ao Mar Profundo.), o sacerdote do deus Bel: "... No primeiro ano, uma terrível criatura chamada Oan(-es) apareceu do mar, no local perto da Babilónia, o seu corpo era todo peixe, e de debaixo da sua cabeça, de debaixo da sua cabeça, outra cabeça cresceu, e de forma semelhante, as pernas humanas cresceram ao lado da cauda do peixe. Mas ele tinha uma voz humana. A imagem dele ainda lá está. Esta criatura passou dias entre as pessoas sem comer qualquer alimento, e ensinou às pessoas a alfabetização, matemática e domínio das artes de todos os tipos, ensinou-as a viver nas cidades, a fundar templos, a estabelecer leis, e

²⁶⁴ *Komogortsev A.H.F. Lovecraft e a Nova Mitologia do Século XXI // https://history.eco/komogorczev_lavkraft_i_novaya_mifologiya_xxi_veka/*

ensinou-lhes geometria, e mostrou-lhes como colher cereais e fruta, e ensinou-lhes geralmente tudo o que se relaciona com a vida cultural. Desde então, nada mais foi inventado. Ao pôr-do-sol, esta criatura, Oan(es), mergulhou de volta no mar e passou as noites no abismo. Porque era um anfíbio". "... No relato de Apollodor há alguns detalhes sobre o aparecimento de criaturas como Oan: "Do Mar Vermelho (Golfo Pérsico) surgiu o monstro Oan, Annedot... A primeira coisa que atrai a atenção - nomes, epítetos, mostrando a atitude dos antigos babilónios em relação ao aspecto invulgar destas criaturas: "Musar" - "abominação", "annedot" - "alguém nojento" ... Estreitamente ligados à lenda sobre os anedóticos estão as noções Suméria-Akkadianas sobre Abzu (Abzu, Akkad. Apkallu) - os fundadores das primeiras sete cidades Suméria que apareceram às pessoas do abismo de água doce do mundo Abzu (Apsu, Engurra). Abgallu serviu como os primeiros reis sumérios como conselheiros, ministros e sacerdotes do deus Enki, que os criou, que vieram das "águas distantes" Abzu. Na literatura suméria IV-III milénio a.C. este último é também considerado anfíbio: "Enki nos pântanos, nos pântanos jaz, alongando-se... Na mitologia grega Anedotas Sumérios da Babilónia corresponde ao criador da escrita, o fundador de Atenas e o primeiro rei da Ática - Rei Kekrop. Ele e o seu filho Erichthonius são descritos como seres com um corpo humano e caudas de peixe (uma variante - cobras)... Numa época da Dinastia Han (século III a.C.) [os primeiros antepassados dos chineses] Fu-si e a sua irmã, a esposa de Nu-wa, são frequentemente retratados com caudas entrelaçadas, normalmente seguram um cotovelo de carpintaria e uma bússola ... Entre as duas figuras principais desta cena retrata-se um bebé anfíbio com duas caudas em vez de pernas ... A inscrição diz que estas criaturas governavam o mundo a partir das profundezas do mar. Também aqui temos uma analogia directa com o Dogon "Nommo Pond", que "vive nas águas da Terra", e Lovcraft Deep Sea. Ao mesmo tempo, alguns relevos alados Fu-si e Nu-wa, não reflectidos em monumentos escritos. Este motivo arcaico, que liga as figuras dos fundadores anfíbios da antiga civilização chinesa com os elementos celestiais, aproxima-os ainda mais da imagem dos descendentes dos anfíbios do céu Nommo e dos Grandes Anciãos dos Dias, cujo governante também é representado com asas²⁶⁵.

Na mitologia indiana ("*Vishnu Purana*", "*Mahabharata*") há uma imagem de nivatakavaachi (nivatakavah) traduzida do sânscrito como "aqueles cuja armadura é impermeável"²⁶⁶. É possível que os seus corpos estivessem cobertos de carapaças duras como as das tartarugas. O seu número na "*Mahabharata*" é determinado pelo número de "trezentos

²⁶⁵ Komogortsev A.H.F. *Lovecraft e a Nova Mitologia do Século XXI* //

https://history.eco/komogorczev_lavkraft_i_novaya_mifologiya_xxi_veka/.

²⁶⁶ Koltypin A.V. *Nivatakavachi - "aqueles cuja armadura é impermeável"* //

<http://www.dopotopa.com/nivatakavachi.html>.

milhões". Viviam debaixo de água e em terra, a sua cidade estava no oceano. Parece que passaram grande parte do seu tempo debaixo de água, que era o seu ambiente mais familiar, e os seus filhos cresceram e foram educados em terra. Eles próprios eram um povo altamente desenvolvido: viviam numa bela cidade na costa do oceano, que era mais bela que a capital dos deuses Amaravati, tinham cidades fortificadas debaixo de água, possuíam armas destrutivas, e respeitavam a ordem inerente à sociedade mais avançada. Nivatakawachi possuía magia perfeitamente - eram grandes feiticeiros e feiticeiros, podiam criar várias ilusões e causar pânico entre os inimigos, e também possuíam a capacidade de serem invisíveis. Eles próprios pertenciam à classe dos Danawans, e eram inimigos do deus Indra. Este último deu a Arjuna a roda mágica sob o controlo de Matali, com a ajuda da qual ele penetrou no oceano até às portas da capital "nivatakavachi e combateu-os primeiro com armas acústicas - a concha mágica Devadattu, e depois - o raio Vajra. Arjuna entrou vitoriosamente na cidade dos derrotados, aterrorizando as suas esposas, que se escondiam em casas de pedra.

Na mitologia japonesa, existe uma lenda sobre um povo subaquático semelhante, a kappa ("criança do rio")²⁶⁷, que está dividida em espécies: "Seko, um Kappa que escalou as montanhas com a idade de 2-3 anos, Mintuci, uma criatura da mitologia Ainu, um fantasmagórico meio-humano-semi-besta, e Suiko, uma criatura também encontrada na mitologia chinesa e japonesa, literalmente traduzida como um "tigre de água". A imagem artística mais comum de uma kappa é algo entre uma rã e uma tartaruga: uma pele de rã em vez de um nariz - um bico, dedos nas mãos e pés podem ser ligados por tímpanos de natação, cabelos curtos na cabeça, nas costas pode haver uma concha de tartaruga, o corpo exala um cheiro de peixe. No topo da cabeça kappa tem uma espécie de pires, o que lhe confere capacidades paranormais e psíquicas. Deve ser sempre enchida com água, caso contrário a kappa perderá a sua potência ou mesmo morrerá. Mas também há imagens de kappas semelhantes a macacos: todo o corpo está coberto de lã, há presas na boca, o nariz é quase invisível, nas mãos há um polegar, no osso do calcanhar das pernas. Em contraste com a habitual kappa, em vez de um pires na cabeça - um oco na forma de um pires oval, e a casca da tartaruga pode não o ser. O habitat típico é um rio ou um pântano, mas também há rumores de kappas marinhas. Acredita-se que uma kappa adora partidas, mas não faz mal aos humanos. Ele é também muito cortês, do que pode até magoar-se a si próprio: se o adorarem educadamente, então ele irá certamente adorá-lo em troca, mas a água do disco na sua cabeça irá verter e ele irá perder todas as suas forças.

Também conhecido médico, alquimista e filósofo natural Theophrastus Paracelsus (d. 1541) no seu famoso *tratado "Sobre ninfas, silfos, pigmeus e salamandras"* (1536) escreveu: "... Deus envia-nos um

²⁶⁷ Korothevich S. Como ficou o nivatakawachi // http://www.dopotopa.com/s_korothevich_kak_vygljadeli_nivatakavachi.html.

anjo, apresenta-lhe a sua criação e depois leva-o de novo embora. E da mesma forma que estes seres são apresentados perante os nossos olhos. Isto é o que acontece a uma tribo aquática. Eles vêm até nós das suas águas, tornam-se conhecidos, agem e fazem negócios connosco, voltam às suas águas, voltam novamente - e tudo isto para permitir ao homem contemplar as criações Divinas. Agora são humanos, mas apenas do lado de um animal, sem alma. Segue-se que eles casam com homens. Uma mulher aquática toma um homem de Adão como seu marido, dirige a sua casa e dá à luz filhos. Sabemos das crianças que herdarão do seu pai. Como o pai é um homem de Adão, a criança recebe uma alma e a criança torna-se como um homem comum que tem uma alma eterna. Além disso, também é bem conhecido e deve ser tomado em consideração que tais mulheres também recebem almas ao casarem com pessoas, que são salvas perante Deus e salvas pelo próprio Deus, como outras mulheres. Isto tem sido testado de muitas maneiras que não são eternas, mas quando são casados com um homem, tornam-se eternos, ou seja, é-lhes dada uma alma como um homem. Deve compreender isto da seguinte forma: Deus criou-os tão semelhantes a um homem e tão reminiscentes dele que nada mais pode ser mais semelhante, e um milagre aconteceu que eles não tinham alma. Mas quando entram numa aliança com o homem, então esta aliança dá-lhes uma alma. Tal como a união estabelecida por Deus, que o homem tem com Deus e Deus com o homem, nos permite entrar no reino de Deus. Se não existisse tal união, qual seria o benefício para nós na alma? Nada. Mas agora existe tal aliança com o homem, e portanto a alma é em benefício do homem, caso contrário a aliança não teria qualquer significado. Isto também é demonstrado pelas ninfas: não têm alma, morrem, e nada resta delas, a não ser uma besta, até entrarem numa aliança com os homens, e depois recebem a alma. E a pessoa que não está em aliança com Deus é exactamente como eles. Assim demonstram que são bestas sem homem, e como eles, um homem sem união divina não é nada. A união de dois seres um com o outro pode alcançar tanto, pois o mais baixo beneficia do mais alto e ganha o seu poder. Segue-se que eles cuidam do homem, e que o procuram diligente e secretamente.

Na mitologia irlandesa e escocesa existem personagens especiais - "sedas", poluputílenos. A sua aparência assemelha-se a focas de tipo humano com olhos castanhos. Têm um temperamento manso, mas se forem ofendidos, traídos, podem causar tempestades, naufrágios. Estas pessoas vivem no mar, mas de nove em nove dias chegam ao solo. Depois deixam cair o seu couro e transformam-se em pessoas. Se um homem toma posse da pele, pode comandar as sedas, na maioria das vezes desta forma elas são tomadas como esposas. As sedas podem viver em casamento durante muito tempo, mas a atracção pelo mar não lhes dá paz. Normalmente encontram uma tocaia escondida e regressam ao mar para sempre, deixando a família, só se reunindo periodicamente com os seus filhos. As raparigas-seda

procuram frequentemente parceiros entre as próprias pessoas. Se um jovem encontrar um chapéu vermelho na costa, isso significa que está interessado na seda. E se aceitar a oferta, deve ir no dia seguinte ao pôr-do-sol para a costa, onde será de seda. Pode convocar sedas da seguinte forma: sentar-se na costa à noite e deixar cair 7 lágrimas no mar. A história diz que um certo pescador estava a caminhar ao longo da costa e de repente ouviu um riso sonoro. Aproximou-se e viu os jovens a nadar no mar. Não muito longe, na areia, havia peles de foca. Um pescador roubou um deles. Quando todos os outros saltaram para as focas e navegaram para longe, ficou uma rapariga bonita na costa. Ela implorou ao pescador que lhe desse couro, mas ele amou a rapariga à primeira vista e levou-a como sua esposa. Começaram a viver juntos e eram felizes, mas a mulher do pescador sentia como se algo pesasse sobre ela: por vezes olhava para o mar com saudade. Um dia, a sua filha mais nova perguntou-lhe o que havia no celeiro de pedra - tão prata com riscas castanhas. A mulher atirou-se para o celeiro, agarrou a sua pele e correu para o mar. Quando navegou para longe da costa, foi recebida por um barco com um pescador sentado no mesmo. Ele olhou para o selo e reconheceu o olhar da sua esposa, mas já era tarde.

A Igreja Católica Irlandesa também homenageia a sereia Muirgein, a sagrada sereia local. Segundo lendas irlandesas, em tempos antigos viveu Lee Ban - Princess, que sobreviveu a uma monstruosa inundação antes da chegada de São Patrício a essas terras. As terras do seu pai foram inundadas pelo Lago Loch Ney, e Li Ban e o seu cão transformaram-se numa sereia e numa lontra, pescando durante trezentos anos. Tendo ouvido cantares angélicos nas águas do lago, no século VI a sereia encontrou o santo irlandês Komgall que a baptizou e deu um nome Muirgein ("nascido do mar"). Li Ban sabia que no baptismo daria a sua alma a Deus, e em vez de viver 300 anos de sereia, preferiu tornar-se um mártir sagrado. Foi canonizada e nomeada para um dia de recordação - 27 de Janeiro.

Vale também a pena recordar a famosa "Pequena Sereia" ("Den lille Havfrue" - "Pequena Dama do Mar", 1837) do famoso contador de histórias Hans-Christian Andersen, que conta a história de uma jovem sereia que está pronta a desistir da sua vida no mar para conseguir a alma humana e o amor do príncipe. Contudo, se ela não conseguir o que quer - amor e alma - a sereia transforma-se na filha do ar. Outras filhas do ar explicam que ela se tornou igual a elas, porque ela tentou com todo o seu coração obter uma alma imortal. A sereia receberá a sua própria alma no futuro através de boas obras, e ela acabará por subir para o reino de Deus²⁶⁸.

Na mitologia grega há uma ideia de ninfas do mar - Nereids, filhas de Nereus.

Os Ondines.

²⁶⁸ [https://ru.wikisource.org/wiki_\(Andersen/Gansen\)](https://ru.wikisource.org/wiki_(Andersen/Gansen))

O mito lituano conta como a deusa Jūrātė viveu no fundo do Mar Báltico num palácio de cor âmbar e seguiu a ordem do mar. Um jovem pescador, Castitis, da aldeia de Sviantoji, despertou a raiva da deusa ao pescar demasiado peixe. Yurate levantou-se das profundezas como uma donzela do mar para castigar o pescador, mas apaixonou-se e levou o jovem ao seu palácio. Viveram felizes para sempre até que Perkunas, que falava alto, aprendeu sobre o amor de uma deusa e de um mero mortal. Perkunas zangaram-se e esmagaram o palácio de âmbar em milhões de pedaços, enquanto Yurate o acorrentou a uma rocha no fundo do mar. É por isso que, segundo a lenda, a costa báltica está salpicada de âmbar após a tempestade. Castitis morreu, e Jūrātė chora-o até hoje: as suas lágrimas caem com âmbar (puro e transparente, como Jūrātė e Castitis amava), e os seus soluços são levados a uivar da tempestade.

A primeira menção de sereias como criaturas de carne e sangue, não deuses ou seus ajudantes, encontra-se na crónica islandesa "Speculum Regale" (século XII): "Ao largo da costa da Gronelândia existe um monstro, a que as pessoas chamam "Margiger". A criatura parece uma mulher até à cintura, tem seios femininos, braços longos e cabelo macio. O seu pescoço e cabeça são os mesmos em todos os sentidos que as pessoas. Da cintura e abaixo do monstro é como um peixe - ela tem um rabo de peixe, escamas e barbatanas. Com o desenvolvimento da navegação, há mais provas. Assim, Cristóvão Colombo em 1492 observou que ao largo da costa de Cuba existem sereias "com plumagem de galo e rostos semelhantes aos do homem". Em 1531 toda a corte do rei polaco Sigismundo II teve a oportunidade de olhar para a sereia capturada no Mar Báltico, mas infelizmente não por muito tempo - no terceiro dia o prisioneiro morreu. Em 1560, ao largo da costa da Ilha de Mandar, perto do Ceilão, um navio holandês apanhou sete belezas de uma só vez. No entanto, os pais jesuítas, nem sequer chegaram aos pescadores, mergulharam em discussões sobre a alma destas criaturas perdidas, e por isso o mistério permaneceu um mistério. M. Boske, médico pessoal da vice-reitoria holandesa em Goa (então o centro do comércio das Índias Orientais Europeias) tentou fazer uso prático dos prisioneiros. Para tal, armou-se com um bisturi e estripou os sete prisioneiros, tentando chegar ao fundo da questão, por assim dizer. No final, chegou à conclusão de que as sereias não são apenas externas, mas também internas completamente semelhantes aos seres humanos. Depois de descobrir este facto, as discussões entre as pessoas da categoria espiritual foram aquecidas com um novo poder, porque era necessário descobrir urgentemente se as sereias têm alma e se têm, será apropriado comê-las no futuro? Afinal de contas, na então colónia portuguesa de Angola, os nativos varreram o povo marinho capturado em busca de uma alma doce... O famoso navegador e geógrafo Henry Hudson (cujo nome é a baía no Canadá, o rio e o estreito), passando por Novaya Zemlya, escreveu no diário de bordo: "Esta manhã, um dos meus tripulantes,

olhando para o mar, reparou numa sereia. Foi quando ele começou a chamar pelos outros e veio outro. Entretanto, a sereia aproximou-se muito do navio e escrutinou-os. Um pouco mais tarde, a onda derrubou-a. Do umbigo e acima das suas costas e peito eram como uma mulher. tinha a pele muito branca, longos cabelos pretos pendurados para trás; a sua parte inferior do corpo terminava numa cauda como uma toninha ou um golfinho, mas brilhante como uma cavala. Os nomes dos marinheiros que a viram são Thomas Hills e Robert Rynar. Data: 15 de Junho de 1608". Eis o que o capitão da marinha inglesa Richard Whitburn escreveu no seu livro: "Não posso deixar de dizer algumas palavras sobre uma estranha criatura que conheci pela primeira vez em 1610. De manhã cedo, quando eu estava na margem do rio no porto de St John's, na Terra Nova, uma estranha criatura veio ter comigo muito rapidamente, olhando-me alegremente na cara. Tinha cara de mulher: olhos, nariz, boca, queixo, orelhas, pescoço e testa eram proporcionais e muito bonitos. Ela tinha muitas riscas azuis na cabeça que pareciam cabelo, mas definitivamente não era cabelo. Eu e o homem da minha tripulação, que estava então comigo e que ainda hoje está vivo, olhámos para a criatura durante bastante tempo. Quando se aproximou de nós, eu, temendo que não se atirasse a mim, dei um passo atrás, mantendo o comprimento de uma lança a partir dela. A questão é que já vi mais de uma vez, a nadar como grandes baleias e outros peixes enormes a saltar para fora da água, saltando alto. Afastar-se, garanto-vos, era tudo o que queria dizer. A criatura é que quando reparei que me retirei, mergulhei e nadei até ao local onde aterrei há algum tempo atrás. E muitas vezes virou-se contra mim. Agora podia ver os seus ombros e costas até à sua cintura, que eram quadrados, brancos, e lisos como um homem. Não consegui ver o seu corpo pela frente, pelo pescoço e por baixo. Algum tempo depois, a mesma criatura navegou para o barco em que o meu servo Horidge, agora capitão da Companhia das Índias Orientais, se encontrava nesse momento. A criatura agarrou a borda do barco com duas mãos e tentou entrar nele. Os homens no barco estavam assustados, e um deles bateu-lhe na cabeça com todas as suas forças. Depois deixou-os em paz. Mais tarde, aproximou-se de mais dois barcos no mesmo porto que se encontravam junto à costa. Os marinheiros saltaram para terra com medo e olharam para ele a partir daí. Em 1619 dois conselheiros do rei dinamarquês, Christian IV, navegando da Noruega para a Suécia, notaram subitamente uma criatura como uma sereia. Os bons marinheiros atiraram um pedaço de bacon decente ao mar, plantado sobre um gancho poderoso com uma linha robusta. A criatura de águas profundas que tinha sido apanhada como uma truta foi puxada para fora do convés, mas gritou tão ferozmente e perigosamente que acabou por ser empurrada de volta ao mar. O padre colonial dinamarquês François Valentine recordou: "No dia 1 de Maio de 1714, com o tempo claro e calmo, vi-me a uma distância de cerca de três comprimentos do navio alguma criatura

humanóide, o habitante do mar, cinzento-azulado. Estava a subir acima do nível do mar e tinha uma espécie de chapéu de pesca ou uma espécie de crescimento musgoso na cabeça. Para além de mim, toda a tripulação o viu. Tinha as costas para nós, mas sentiu-nos chegar, podia ver-nos chegar, mergulhou debaixo de água, e nunca mais apareceu. Como prova de que existem criaturas como a descrita na gravura, referir-me-ei a um testemunho que é absolutamente digno de confiança. Em 1652 ou 1653, um tenente ao serviço da companhia viu duas dessas criaturas no Golfo perto das ilhas de Keram e Boero, Departamento de Amboina (o território da Indonésia actual - O.G.). Nadavam nas proximidades, sugerindo que eram fêmeas e machos. Seis semanas depois, no mesmo local, voltaram a aparecer, e viram-nos agora um homem de cinquenta anos. Estas criaturas eram cinzentas-esverdeadas, e da cabeça à cintura tinham uma aparência e braços perfeitamente humanos, mas a sua parte inferior do corpo estava a estreitar-se, indo como se nada fosse As sereias foram em tempos estudadas por vários naturalistas e mesmo pela Comissão Real Dinamarquesa, criada em 1823 especificamente para esclarecer a questão. Em 1830, no Museu Britânico, uma sereia múmia foi mostrada a todos os visitantes. Dois outros sedutores marítimos de peluche foram mantidos no Royal College of Medicine, mas infelizmente não sobreviveram a uma das rusgas nazis a Londres. Em 1960, o hidrobiólogo inglês Alistair Hardy sugeriu que durante uma certa fase da evolução, os antepassados do homem habitaram o mar e talvez alguns aí tenham permanecido²⁶⁹.

A imagem das sereias / homo aquarius é popular na cultura de massas moderna, o que reflecte a consciência mitológica do homem comum. / criaturas da água.

Por exemplo, apenas em 2017 foram lançados dois filmes populares: "Cold Skin" (na edição russa - "In the intoxicating silence"), baseado no livro do escritor Albert Sanchez Pignol. "Pele Fria"; na bilheteira russa - "Atlantis") filme de terror espanhol-francês dirigido por Xavier Jeanne, onde o papel da principal "sereia" bela actriz espanhola Aura Garrido; "A Forma da Água" ("A Forma da Água") - melodrama de fantasia americano dirigido por Guillermo del Toro e Vanessa Taylor. O protótipo para o homem anfíbio foi o homem das brânquias do filme "A Criatura da Lagoa Negra" (1954), que del Toro fascinou quando criança. David Zindel, filho do escritor americano Paul Zindel, acusou o filme de plágio, dizendo que repetia quase inteiramente o enredo da peça "Deixa-me ouvir-te sussurrar" ("Deixa-me ouvir o teu sussurro"), escrita por Paul Zindel em 1969.

Mas em Janeiro de 2020, uma sensação voou pelos media do mundo: como resultado do trabalho de investigação, o candidato das ciências geológicas e mineralógicas Alexander Koltypin descobriu fragmentos de um

²⁶⁹ Vasilyev E. Sereias - pessoas misteriosas // OVNI. -- 2007. -- № 31. - Modo de acesso : http://www.ufostation.net/readarticle.php?article_id=225.

assentamento pré-histórico perto da ilha da Sicília. Segundo o cientista, esta cidade foi outrora habitada por criaturas anfíbias inteligentes. Graças às pesquisas realizadas, descobriu-se que as primeiras ruínas da cidade encontrada apareceram há cerca de três milhões de anos, e os cientistas também conseguiram recuperar o aspecto dos habitantes desaparecidos há muito tempo da misteriosa cidade. De particular interesse para os investigadores foi a imagem de um humanóide pré-histórico encontrado numa das galerias.

FOR AUTHOR USE ONLY

Parte IV.

MISTÉRIO DA TERRA DE HONNÉVILLE

Capítulo 14. Para onde foi o de Honneville?

Acima dos 50 graus de latitude sul é colocada por cartógrafos a sul de África Índia do Sul, que parece ter sido descoberta em 1504 pelo francês Binot Polmier de Honneville. Fez a tradicional viagem da Europa à Índia através do Cabo da Boa Esperança (ponta sul de África) a bordo do navio Esperança, e foi atingido por uma tempestade. A tempestade fez com que o francês se desviasse do curso dado e inesperadamente atrasasse para a terra desconhecida no hemisfério sul. B.P. de Honneville chamou à terra descoberta acidentalmente Nova França. Mais tarde, porém, não foi capaz de localizar com precisão a localização exacta da terra aberta, pois o diário de bordo do navio morreu durante um ataque de piratas. Segundo ele, viveu na terra com um clima temperado durante seis meses, comunicando com os seus mansos e amáveis habitantes: "... as pessoas são simples, amam uma alegre vida de férias, comem os produtos da caça e da pesca, frutos silvestres e alguns vegetais e raízes que se cultivam sozinhas. Os jovens andam meio nus, os mais vestidos usam um avental desde as coxas até aos joelhos e um peleerin de um tapete ou de uma pele decorada com penas. As roupas das mulheres são mais compridas e decoradas com colares feitos de ossos ou conchas. O objecto da pompa masculina é uma arma, nomeadamente, uma rogatina queimada na estaca e um arco com setas com pontas de osso. Mulheres e raparigas caminham com a cabeça descoberta, o cabelo levantado e enfiado com uma trança de ervas de cores vivas. Os homens, por outro lado, usam cabelo comprido que cai sobre os ombros e é esticado na cabeça com uma fita de plumas coloridas²⁷⁰ ...".

Regressando a França, de Gonnville trouxe de lá um príncipe nativo de 15 anos chamado Essomeric, filho de um líder tribal, Arosa Carico, acompanhado pelo seu mentor, Namoa (em breve morreu de enjoos marítimos alguns dias após a sua partida). O príncipe casou em França, tornando-se membro da família Honnaville (com a sobrinha de Honnaville, Suzanne Polmier, herdeira de uma fortuna em Cotangens). A família e amigos de Honneville abandonaram o equipamento da segunda expedição e o navegador retirou-se com dignidade para a sua propriedade familiar, para que nunca mais falasse da sua viagem.

O abade Jean Polmier de Courton, bisneto do príncipe nativo, cónego da catedral de Lisieux, emitiu em Paris em 1663 um relatório sobre a viagem

²⁷⁰ *Unforgettable N.N., Nizovsky A.Yu. Secret of "Parrot Lands" //*
http://www.ezospirit.com.ua/index/taj_66/0-3178.

do seu filho B.P. de Gonnaeville, dedicando-o ao Papa Alexandre VII sob o título "Nota relativa ao estabelecimento de uma missão cristã no Terceiro Mundo, também chamada Terra Australiana, Sul, Antártida e Desconhecida".

Desde que de Honnéville assinalou que a terra que tinha descoberto era habitada por pessoas completamente nuas e papagaios coloridos, a edição de 1570 mostra que a terra era habitada por pessoas completamente nuas e papagaios coloridos. mapa mundial do cartógrafo flamengo Ortelius (Abraham Ortelius), um discípulo do famoso Mercator, em parte do grande Continente do Sul, da Terra do Fogo e da África oriental-sul, é uma área chamada "Terra do Papagaio" (Psit(t) acorum Regio) com a próxima lenda: "sic a Lisitanis appellata ob in: credibile carum avium ibidem magnitudinem" ("como os portugueses lhe chamavam porque é o lar de aves incrivelmente caras do mesmo tamanho).

Naturalmente, podemos assumir que os franceses tomaram os pinguins que viviam na Antártida como grandes e curiosos "papagaios" (muito mais tarde os europeus consideraram-nos, por exemplo, uma espécie de patos). Mas também se sabe que espécies endêmicas de papagaios viviam em latitudes subantárticas! Assim, na Ilha Macquarie (cerca de 1,5 mil km a sudeste da Ilha da Tasmânia) e nas Ilhas Antípodas (a sudeste da Nova Zelândia) viveu um papagaio saltador (lat. Cyanoramphus erythrotis) como uma subespécie de cacarica. Foram exterminados por gatos deixados na ilha pela expedição russa de F. Bellingshausen.

Em 1847, contudo, Pierre Margri, curador do Arquivo Naval, encontrou uma cópia de um relatório para o Procurador da Coroa em Rouen na viagem de Esperança de Gonnaeville. Verificou-se que o documento se referia directamente ao Brasil (na foz do rio São Francisco del Sul), onde Cabral tinha desembarcado alguns anos antes. Alguns investigadores acreditam que o navio de Honneville passou pelas águas costeiras da ilha de Tristão da Cunha, cheio de camadas de algas, para a América do Sul, onde as pessoas vivem realmente papagaios incrivelmente curiosos, andam nuas e usam capacete com penas.

Mas, muito provavelmente, de Gonnaeville escondeu deliberadamente a verdadeira razão da expedição, dizendo ao Procurador da Coroa que visitou o Brasil e até "fornecendo provas" - o nativo. Foi apenas séculos mais tarde que o seu antepassado, baseado em documentos e lendas familiares, correu o risco de revelar a verdadeira direcção da busca de um antepassado - a Terra Desconhecida do Sul ("Austrália").

Mas o que fez de Gonnaeville esconder o propósito da sua viagem?

O próprio navegador de Gonneville, como fidalgo normando, pertencia aos descendentes de uma família da qual um certo Joffroy de Gonneville - Prior da Ordem dos Templários Aquitânia e Poitou. Este último estava no seu tempo (1308.) foi trazido pela Inquisição sob acusações de

heresia, juntamente com o Grão-Mestre Jacques de Molay, mas por alguma razão escapou à execução e "viveu a sua idade sob protecção", admitindo todas as acusações: "...o irmão Joffrois de Honnéville, que, sendo interrogado sobre o tempo e a forma como foi admitido na Ordem, respondeu que tinham passado pelo menos vinte anos desde que foi admitido [na Ordem] pelo seu irmão cavaleiro Robert de Torville, traidor das Casas de Inglaterra, na capela do comandante londrino. Depois o Preceptor - depois de lhe ter amarrado o manto do Templo - mostrou-lhe a cruz desenhada no livro e disse-lhe que tinha necessariamente de renunciar a quem o quadro retratado no livro; e - uma vez que ele não estava absolutamente disposto a fazê-lo - o Preceptor insistiu bastante fortemente. Mas assim que nada tinha conseguido, e vendo que não tinha conseguido persuadi-lo, o pretor disse-lhe: "Jura-me que dirá a todos os irmãos - se alguém lhe perguntar - que fez uma renúncia se eu não o obrigar a fazê-lo? E ele respondeu concordando, prometendo dizer que renunciaria se algum dos outros Templários lhe pedisse isso; e não houve outro tipo de renúncia. Então o preceptor disse-lhe que tinha de cuspir naquela cruz; e - como ele não estava absolutamente disposto a fazê-lo - o preceptor pôs a mão no livro para fechar a cruz, e disse-lhe: "Cuspa em cima da minha mão! Mas ele temia que, no final, o preceptor lhe retirasse a mão e que alguma parte da sua saliva caísse na cruz, pelo que se limitou a cuspir no chão na direcção onde estava a cruz. Quanto ao vício da sodomia, o ídolo em forma de cabeça, beijos obscenos e outras questões sobre as quais os Templários tinham sido difamados, ele respondeu que não sabia de nada. Quando lhe perguntaram se os outros Templários tinham sido admitidos na Ordem de acordo com o procedimento seguido no seu caso, respondeu que na sua opinião lhe tinha sido feita a mesma coisa que a todos os outros. Quando lhe perguntaram se tinha confessado, a pedido de alguém, quer por uma recompensa monetária ou um favor, quer por concessões, quer por medo ou ódio, quer por convicção, quer por submissão à violência ou por medo da tortura, ele respondeu negativamente. Depois o irmão Joffrois - que renunciou a esta e qualquer outra possível heresia da forma já mencionada, jurou solenemente, tocando os Santos Evangelhos, e pediu humildemente a graça da justificação - concedemos esta justificação pelo poder da nossa fórmula habitual da Igreja, e devolvemo-la ao seio da Igreja, devolvendo-a à comunidade dos crentes e à execução dos sacramentos²⁷¹.

Entrevistas com Joffrois e outros Templários foram conduzidas num dos castelos reais de Chinon, nas margens do Loire, que acabou por cair na posse do Cardeal Richelieu, que o deixou aos seus descendentes. No entanto, o Duque de Richelieu submeteu o castelo a uma remodelação radical: destruiu a sala do trono e alguns outros edifícios, "não de acordo com o

²⁷¹ *Investigação de Cardeais - Comissários Pontifícios no Castelo de Chinon (o chamado "pergaminho Shinon" ou "manuscrito Shinon") / Per. s italiano. // http://www.monsalvat.globalfolio.net/frglorios/ricarstvo1/tamp1_chinon.html*

espírito dos tempos modernos", mas porque mais tarde no castelo reinou a desolação, o chão e os tectos ruíram, há uma sugestão de que o castelo não queria restaurar, e nele algo procurava ... Talvez isto faça parte da acta de interrogatório dos líderes da Ordem, não fornecida ao tribunal. Aparentemente, por engano, entre os muitos documentos, a publicidade recebeu "... a acta do testemunho do cavaleiro Jean de Chalon, onde ele afirma que na noite anterior às prisões de Paris saíram três carroças cobertas carregadas de arcas com os tesouros do Templo. Os vagões eram acompanhados por um comboio de 42 cavaleiros, liderado pelo Mestre Hugo de Chalon e Gérard de Villiers. Os cavaleiros e a carga deveriam chegar a um dos portos onde os aguardavam dezassete navios da Ordem. A desproporção entre o número de navios e o conteúdo das três carroças é impressionante. Mas talvez houvesse outros vagões a dirigir-se para este porto..."²⁷². A propósito, durante uma das revoltas do niello parisiense, o Rei Filipe IV escondia-se de uma multidão furiosa em Tample (Mosteiro da Ordem em Paris; agora o bairro de Tample). Aí ele próprio supostamente viu a riqueza da Ordem.

Assim, havia uma lenda que a frota templária, constituída por grandes navios (as próprias naves, que se tinham desenvolvido), capazes de fazer longas viagens oceânicas, carregados com os valores da Ordem, navegou do porto de La Rochelle para além do horizonte (amers franceses) do oceano.

Muito provavelmente, a frota templária navegou para o local onde durante séculos a Ordem (fundada em 1128 por São Bernardo de Clairvaux) recebeu o metal precioso do qual ele estampou moedas em grandes quantidades. Com este dinheiro, foi lançada uma campanha para construir ao estilo gótico em menos de cem anos "oitenta catedrais enormes e setenta templos mais pequenos".

Sabe-se também que apenas para La Rochelle as estradas estavam livres de buscas reais. O mais surpreendente é que não havia nada para levar a este porto em princípio - a América não foi "descoberta" na altura. E no entanto, por toda a França até La Rochelle e de lá, vagões rastejados sob a protecção de sargentos da Ordem. Não foram cobradas taxas por isto, e qualquer comerciante que tivesse depositado dinheiro no escritório de um comandante, poderia obtê-lo noutra através de uma carta de empréstimo. Este sistema bancário era único na altura. Mesmo a riqueza incalculável dada aos Templários, a gestão prudente, e a usura proibida aos cristãos não lhes poderia trazer tanta prata. Simplesmente não estava nas lanças de toda a Europa em quantidades suficientes para cobrir os pagamentos sem dinheiro

²⁷² Mayer J. de. *Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - 1993. - Nº4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

dos comerciantes. Os rendimentos dos Templários estavam em constante crescimento, e eram apelidados de "homens de prata"²⁷³.

Claro que tal riqueza não podia deixar de causar inveja e raiva entre os concorrentes. Se tivermos em conta que o Papa Clemente V (Raymond Bertrand de Goh), que organizou o pogrom da Ordem com o Rei de França, divulgou algumas informações sobre a fonte da riqueza da Ordem na época, quando foi arcebispo na cidade portuária de Bordéus perto de La Rochelle, é muito provável que a promessa de desvendar o "mistério da riqueza dos Templários" tenha sido a razão pela qual ele, não um cardeal, foi eleito para o trono sagrado.

FOR AUTHOR USE ONLY

²⁷³ *Ivanov G. Templars: puzzles e modernidade. Primeira parte // <http://www.infrance.ru/france/hist-links/templiers/templiers1.html>*

Capítulo 15. E mais uma vez, os Templários e a sua frota

Em 1587, os Guaranis do Brasil falaram aos portugueses sobre as lanças de prata nas ilhas da "Upa Assu" ("Grande Lagoa"), que consistia em pântanos e lagos com cerca de 200 quilómetros de largura no meio do moderno rio São Francisco del Sul (onde mais tarde veio de Gonville!) entre a moderna cidade de Remanso e as cataratas de Paolo Afonso. O rio Pioi, que é um afluente do Parnaíba, corre para fora da lagoa. Esta rota era navegável no Inverno, desde a lagoa até ao oceano. Também no estado moderno de Minas Gerais foram encontradas numerosas minas e aqui os portugueses se encontraram no século XVI. tribo de barbudo e pele branca²⁷⁴. "... Os cientistas que estudam a história da Ordem dos Templários citam outros factos que confirmam indirectamente as viagens dos navios da Ordem para as costas da América. Incluindo imagens de alegados índios americanos num dos selos da Ordem e a pintura da empena do templo na cidade de Verelai, que foi construída pelos Templários²⁷⁵ ; "... Outra prova de que os Templários sabiam da existência do continente, a que agora chamamos América: recentemente no Arquivo Nacional de França foram encontrados selos da Ordem, capturados pelo povo de Filipe, o Belo, em 1307. Num deles, anexo a um documento sob a autoridade do Grão-Mestre, pode ver a inscrição "Secretum Templi" - o Mistério do Templo. No centro está a figura de um homem que só pode ser um índio americano. Está vestido com uma tanga com uma ligadura de penas na cabeça que é a mesma que os índios da América do Norte, México e Brasil, ou pelo menos alguns deles. Na sua mão direita segura uma cebola, abaixo, debaixo do arco, mostra uma suástica - uma cruz com pontas curvas, um símbolo comum na Escandinávia Viking Age (assim como nos próprios ornamentos índios de ambas as Américas - O.G.)²⁷⁶.

Os templários limitavam-se muito provavelmente ao contacto com a costa sul-americana, contentando-se em ser fornecidos como trocas comerciais pelos governantes de uma poderosa potência inca: "... A extracção de metais preciosos no Peru estava perfeitamente organizada, o ouro em particular a nível industrial. Foi lavada em rios que correm dos Andes, e a água da neve derretida foi trazida para terra dourada através de muitos quilómetros de canais. Tais canais foram encontrados perto de Tiahuanaku e em Chungamayo, perto de La Paz. O ouro também tem sido extraído em operações mineiras. Restos da fábrica de fundição de ouro

²⁷⁴ Mayer J. de. *Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - 1993. - -- Nº4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

²⁷⁵ Rogoz V. *O que estavam os Templários a fazer na América. ...muito antes de ser descoberto por Colombo?* // <http://shkolazhizni.ru/archive/0/n-30398/>

²⁷⁶ Mayer J. de. *Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - 1993. - -- Nº4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

Huabamba, onde o ouro foi fundido a partir do minério, ainda hoje podem ser vistos. E em Machu Picchu, foram encontradas ruínas de um moinho para moer quartzo de ouro. A prata foi extraída principalmente de minas na região de Porco, localizada na cordilheira no extremo oriental do planalto boliviano, a sudeste de Tiahuanaco. Estas montanhas foram mais tarde chamadas Sierra de la Plata pelos espanhóis, a Montanha da Prata, e Villa de Plata, a Cidade da Prata. Os Incas não tinham trabalhadores mineiros profissionais. Havia um sistema de trabalho. Todos os anos, os jovens incas iam com as suas esposas às minas e durante quatro dos meses mais quentes do ano extraíam metal precioso. Durante os outros oito meses, o trabalho foi proibido. No entanto, durante o último Império Tiahuanaku, nem toda a prata recuperada das minas sul-americanas foi utilizada localmente. Grande parte, talvez juntamente com o ouro, foi para o oceano ... que extraiu a prata nas montanhas, construiu um sistema de estradas ("peaviru" - em língua Guarani), que levou à costa do oceano e chegou a ele em dois pontos: perto do Golfo de Santos e em frente à ilha de Santa Catarina. Na estrada do norte que conduz ao porto de Santos, existe o enorme complexo Serro Cora. Um objecto foi aí descoberto, o que esclarece muito no nosso estudo. Entre as ruínas das paredes de uma estrutura semelhante a uma fortaleza, encontramos um molde para fundir metal em lingotes. A sua origem pré-colombiana é indubitável... As tribos locais não utilizavam ferramentas metálicas. Ainda assim, havia palavras na sua língua que denotavam metais, o que, à primeira vista, parecia muito estranho. Por exemplo, no dialecto sul do Guarani, o metal é chamado Quarepoti, que significa "uma pedra arrancada de um buraco na montanha". Desta palavra derivam todos os outros nomes de metais: ouro - cuarepotihu (metal amarelo), prata - cuarepotihu (metal branco), aço - cuarepotihu (metal duro) ... Além disso, lendas locais dizem que até 1290 na estrada da Sierra de la Plata para o oceano passaram regularmente caravanas transportando grandes quantidades de metal. Os Lamas foram sem dúvida utilizados como animais de carga... prata e talvez ouro, mas em quantidades menores, foram fundidos em lingotes porque o metal estava a ser preparado para exportação. Em barras, é fácil de contar e de prestar contas. Para além da estrada de Tiahuanaku através do Paraguai, ... utilizaram meios tão convenientes para transportar metais preciosos como os rios da bacia amazónica. 800 quilómetros a sul da foz do Amazonas, nas margens do delta do rio Parnaíba navegável, foram descobertas as ruínas das poderosas muralhas da fortaleza feitas de pedras cimentadas. Aqui, aparentemente, no local da moderna cidade de Parnaíba, estava outro porto atlântico... Qual foi o objectivo destas obras ciclópicas? O principal era estabelecer uma via navegável permanente entre a área onde as mais ricas minas de prata eram extraídas e o Oceano Atlântico. Zona onde entraram não só as minas Upa-Assou, mas também território do estado moderno de Minas Gerais onde também foram encontradas numerosas minas

e onde os portugueses se encontraram no século XVI uma tribo de barbas, com uma pele branca de gente... Então, vamos supor, que a prata que foi utilizada pelos Templários para o financiamento da construção de catedrais góticas na Europa, foi extraída na América do Sul. E o porto de La Rochelle, na costa atlântica da França, foi construído para importar prata americana"²⁷⁷.

Quando os espanhóis chegaram ao montanhoso Lago Titicaca nos Andes, descobriram as ruínas da maior cidade antiga de toda a América do Sul, Tiaguanaco. Viram uma montanha cuja superfície tinha sido transformada numa pirâmide escalonada. Nos seus enormes degraus havia estruturas de enormes blocos de pedra, cuidadosamente processadas e ajustadas umas às outras, bem como muitas estátuas humanas elevadas. Eles perguntaram aos índios que tipo de pessoas tinham deixado estas impressionantes ruínas. De acordo com o famoso cronista Cieza de León, os índios responderam que a cidade foi fundada muito antes do Império Inca. E foi construído por homens brancos e barbudos que se assemelhavam aos próprios espanhóis. Os homens brancos acabaram por abandonar a cidade e foram com o seu líder, Con-Ticci Viracocha, primeiro para a cidade de Cuzco, e depois navegaram para o Oceano Pacífico. Os incas deram-lhes o nome Viracocha, que significa "espuma marinha", que significa a cor branca da sua pele e o facto de desaparecerem tão rapidamente como a espuma na crista de uma onda marinha desaparece.

Em 1553, o Chronicle of Peru de Pedro Siesa de León publicou pela primeira vez uma história indiana que os "brancos" se infiltraram na província de Guamanga, no Peru, muito antes dos espanhóis, e até governaram ali antes dos incas: "... O maior rio aqui chama-se Vinaque, onde existem grandes estruturas muito antigas, visivelmente dilapidadas do tempo e transformadas em ruínas, devem ter sobrevivido muitos séculos. Perguntando aos índios locais que construíram esta antiguidade, eles dizem que outros brancos e barbudos, como nós, que governaram muito antes dos Incas; dizem que vieram para estas paragens e fizeram aqui um lar. Estes e outros edifícios antigos deste reino parecem-me diferentes daqueles que construíram ou encomendaram os Incas. Porque esta estrutura era quadrada, e os incas eram longos e estreitos. Há também um rumor de que havia algumas cartas numa única laje de pedra deste edifício. Não reivindico e não acredito que no passado algumas pessoas vieram aqui, tão espertas e inteligentes que construíram estas e outras coisas que não vemos" (*Cieza de León, Pedro, "Crónicas do Peru", Parte I, capítulo LXXXVII*). Em 1555 compara directamente a Atlântida de Platão com os reinos do Peru, as terras do Império Inca, o secretário do conselho real de Castela, e o cronista Agustín de Sarate no seu livro História da descoberta e conquista da

²⁷⁷ Mayer J. de. *Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - 1993. - Nº4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

Província do Peru. (publicado em Antuérpia), dando diferentes pontos de vista dos historiadores sobre a proveniência das pessoas na América. A. de Saraté cita como desculpa para a sua posição que os 9000 anos de Platão desde a inundação - este é o relato de anos nos egípcios não pelo sol, e as luas, ou seja, meses, e portanto deve ser considerado como 750 anos. E os costumes dos índios peruanos, o seu culto e a sua arquitectura imperial, cobertos de placas de ouro, apenas de acordo com A. de Saraté, correspondem à descrição em Platão²⁷⁸.

Thor Heyerdahl estudou crónicas espanholas do século XVI, a época da conquista espanhola da América do Sul, que continham informações que entre os cabelos escuros da massa total dos incas eram ruivos, que, segundo a lenda, eram os últimos descendentes dos vicaracos - deificados pelos índios barbudos brancos, que eram como os próprios espanhóis.

Primeiro, os antigos peruanos reconheceram os espanhóis como "seus" e até os chamaram "Incas", e depois os espanhóis, tendo estudado lendas locais, chegaram à conclusão de que os Incas são descendentes de uma das "tribos de Israelitas" desaparecidas, e da sua suprema divindade Vira Kocha - Apóstolo Bartolomeu. Diz a lenda que um dos primeiros imperadores incas, Pacha Kutek, quando ainda era um príncipe, de alguma forma num sonho, apareceu um certo marido, barbudo, em grande parte, até ao calcanhar, com roupa solta, com "animal desconhecido" sobre uma trela. O fantasma foi chamado um antepassado divino - Vira-Kochay (imperadores incas, a fim de enfatizar a sua origem celestial, também tinham este nome como título), "tio" do príncipe, avisou-o da próxima rebelião dos índios Changka e prometeu-lhe assistência. Mais tarde, quando Pacha Kuteku com a sua milícia conseguiu derrotar o exército dos Chanks, alegou que os seus antepassados, "homens barbudos", participaram secretamente na batalha do seu lado. E quando se tornou imperador, ele próprio fez a estátua de Vira-Kochi. Desenhou um homem esbelto com longas vestes, com barba no calcanhar. Sim, e o próprio Pacha Kutek ainda tinha barba - o cronista indiano-espanhol Ayala desenhou-a com alguma semelhança disso. O aparecimento da esposa principal do Imperador também foi original. Foi até apelidada de Mãe Runtu (Ovo Mãe) pela sua cor de pele, que era "mais branca do que é normalmente encontrada nas mulheres indianas". Os incas monitorizaram cuidadosamente a pureza da sua linhagem, evitando o incesto, e tinham a sua própria língua secreta que era falada entre eles, pois não era compreendida pelo resto dos índios, e não lhes era permitido estudá-la porque era uma língua divina.

Dois investigadores russos, Alexander Afanasiev e Alexander Nikitov, ofereceram a sua própria perspectiva sobre a origem dos "deuses brancos de cor vermelha" dos Incas. Começaram com um auto-nome e o

²⁷⁸ Zarate, Agustin de. *História da descoberta e conquista da Perù // Biblioteca Peruana Primeira série - Lima: Editoras Tücnicos Associates, 1968. - Volume II. - — P. 110-113.*

título mais alto - "Inca". Os cronistas espanhóis preferiram a ortografia com um "g" - "inga", embora não houvesse um "g" em quíchua. O detalhe é bastante característico, porque "ing--" é a raiz dos etnónimos de um grande grupo de tribos germânicas: os ingleses, os anglos, os ingleses, os angrivarianos. Claro que isto poderia facilmente ser considerado uma coincidência, se neste paralelo Inco-Hermânico o significado das palavras também não coincidissem: "Inca" (senhor, rei) é o antigo Yngvi islandês (literalmente - o nome do antepassado de um dos clãs escandinavos, em sentido figurativo - "príncipe", "líder", os antigos autores alemães anexaram o epíteto "povo de Yngvi" aos escandinavos germânicos). Assim, a comparação apresenta semelhanças muito próximas em três indicadores principais - som, significado e utilização (como um etnónimo). Deve-se dizer que as classificações, títulos e títulos são um dos elementos mais estáveis do dicionário. Foram analisados mais três títulos de tinta: "rock", "auki", "kapak". A primeira palavra foi incluída nos nomes de dois imperadores da tinta (Sinchí Roca e Ink Roca), mas o cronista de la Vega salientou que na língua nacional quechua não tinha significado, acrescentando: "Na língua especial dos incas tinha de significar algo (significado), embora eu não saiba o quê. O pai de Blas Valera diz que "pedra" significa "um príncipe maduro e prudente". Só podemos recomendar a opinião do Santo Padre pelo seguinte facto: em Old Icelandic ríkr (e em Old English ric) significa "rei", "magnífico", "forte". Passemos portanto ao título seguinte - "auki" ("infante" - o filho mais novo do rei, um jovem da família real antes do casamento). O seu análogo exacto é o antigo auka islandês (literalmente "reabastecimento", também significa "semente", "rudimentos"). Na palavra kapak ("grande, rico, poderoso") o segundo "k" nesta palavra serve como sufixo participio na língua quechua. É fácil encontrar um paralelo muito preciso em islandês antigo: kappi é "um herói, um vitorioso, um valente, um escolhido". Atrai não só a intimidade semântica, mas também a identidade de utilização. Os antigos escandinavos, distinguindo pessoas excepcionais, adicionaram frequentemente esta palavra a nomes (Bjorn Bradwicking Kappi), ou seja, usaram-na da mesma forma que os Incas (Manco Kapak, Vaina Kapak). Assim, todos os quatro títulos Tinta certamente eram cópias dos correspondentes termos escandinavos. Há apenas uma explicação: empréstimo directo. É interessante comparar outras palavras: Inko-Kechuan "Avara" - "anta", "yavar" - "clã, tribo, abrigo", "aillo" - "parentesco, genealogia" e Old Saka evur - "javali", avaro - "descendentes, descendentes", al "todos, todos". Os Saxões também deixaram a sua marca na toponímia do Peru antigo. Saxa Wamana era a principal fortaleza capital, Saxa Wamana era o vale perto de Cuzco. E o próprio nome da capital tem provavelmente a mesma origem. Agora é geralmente traduzido como o "umbigo da terra", mas esta interpretação só poderia vir quando a cidade se elevasse acima das outras. Mas em Ancient Saks kuskó significa "puro", "puro", "virgem",

enquanto no dicionário Inko-Kechuan a palavra "pedaços" - "terra não cultivada" é ²⁷⁹ preservada.

Jacques de Mayer tentou estabelecer quando os alemães penetraram no Peru: "... em 967 Viking Yarl Ullman pôs os pés na terra da América em Panuco, no Golfo do México. Aterrou de sete navios com setecentos Vikings, homens e mulheres. Tornou-se o quinto rei dos Toltecas, Quetzalcoatlam Warrior. Vinte anos depois, com alguns dos seus homens, partiu numa campanha para a Península de Yucatan, o país maia. Lá, encontrou resistência das tribos locais e teve de voltar para trás. Estes acontecimentos são retratados em frescos na capital do estado maia no templo Chichen Itza, onde se pode ver a imagem das batalhas entre índios e brancos... Depois Ulman deixou o México, desceu em navios ao longo da costa para a América do Sul e desembarcou na Venezuela. Depois os Vikings atravessaram o continente e alcançaram o Oceano Pacífico. Na América do Sul, os Vikings fundaram a cidade de Tiahuanaku nas margens do Lago Titicaca, que logo se tornou a capital de um vasto império. As fronteiras do império estendem-se desde Bogotá moderna na Colômbia até Valparaiso no Chile. Ensinaram aos índios vários ofícios, incluindo a arte de produzir e processar metais. E enviaram prata para a costa do Oceano Atlântico. Em 1290, tribos de Araucanos, nómadas e criadores de gado, desceram das montanhas e invadiram o Império Tiahuanaku. Os descendentes de vikings que escaparam à morte foram dispersos. Alguns foram a terra para o oceano, construíram jangadas de balsa, zarparam e chegaram às ilhas da Polinésia. Outros fugiram para as selvas da Amazônia e do Paraguai. Outra parte chegou a Cusco, onde ela fundou um novo império Inca²⁸⁰ ... " .

Mas é provável que os escandinavos também se tenham infiltrado na América em tempos anteriores: "... está bem. 1000 a.C. no vale do Mississippi e especialmente no vale tributário do Ohio, está a emergir uma cultura de montes funerários, a maioria dos quais estão associados à cremação. Portadores desta cultura têm procurado verter montes funerários em locais elevados - tal como os habitantes da Idade do Bronze da Dinamarca e Suécia, como os heróis de Homero, e como aqueles que construíram os montes em Karia. Esta cultura chama-se Adena; move-se relativamente suavemente para a posterior cultura Hopewell, e nem sempre é fácil distingui-los. Muitos monumentos estão irrevogavelmente perdidos, mas alguns deles no segundo quarto do século XIX. conseguiram explorar e descrever Squire e Davis ... Da mesma região no sentido lato da palavra (Vale do Mississippi) são produtos conhecidos com motivos ornamentais ...,

²⁷⁹ Afanasyev A. *O Império Inca: Menos o Terceiro Reich?* - - 1992. - - № 10. - P.38-40 ; Nikitov A. *ou Inglaterra do antigo Peru ... // Técnica - juventude.* - - 1992. - - № 10. - - C.40-41.

²⁸⁰ Mayer J. *de. Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - - 1993. - - №4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

com muitos paralelos nos monumentos europeus do Bronze Final - Início da Idade do Ferro ... Durante a escavação de um dos montes foram encontradas, em particular, "pulseiras" de cobre. Pulseiras deste tipo - ou melhor, anéis de mão, pois nem sempre são usadas no pulso (chamam-se armrings, Armringe) são encontradas na Europa desde Inglaterra até aos Urais. Na Escandinávia, onde se encontram, particularmente no contexto funerário, são típicos do período Jutlândia IV ... Três anéis ... chamaram especial atenção do Escudeiro e de Davis: notaram que estes anéis têm o mesmo tamanho e o mesmo peso - em 4 onças ... O mesmo peso dos anéis sugere a existência de um certo padrão de peso na cultura da sua origem. A presença do padrão de peso, por sua vez, sugere a existência de um comércio desenvolvido. Tudo isto parece bastante inesperado para o Vale do Ohio no início do 1º milénio a.C. (há razões especiais para pensar que o enterro, de onde vêm os anéis, pertence à cultura Adena, não mais tarde à Hopewell ...). Entretanto, há uma série de dados que indicam a existência de padrões de peso na Europa na Idade do Bronze Final ... e para a Mesopotâmia, Egito e o Mediterrâneo Oriental no final do 2º milénio, eles são certificados de forma fiável. Na abertura de uma das cúpulas do túmulo, Squire e Davis encontraram uma pedra com buracos em forma de taça de origem claramente artificial e grandeza diferente. Assumiram que estes recessos eram utilizados para fazer os botões de cobre que encontraram e artigos semelhantes... No coraço do século XIX ainda não tinham conhecimento das numerosas descobertas de recessos em forma de taça feitas nas Ilhas Britânicas, na Escandinávia e na esfera de influência da cultura escandinava. Tais descobertas da Idade do Bronze foram feitas muitas vezes no local de colinas e aterros (cairns), e a ideia de que tais pedras estão ligadas a costumes funerários reflecte-se no folclore estónio... Ainda mais interessante é outra descoberta feita pelo Escudeiro e Davis. O contexto da sua descrição sugere que foi feita em Tomb Hill 8 "Mound City" ... Os investigadores falam de "ornamentos em forma de estrela" feitos de conchas envoltas em tiras de cobre e prata com um buraco no meio. Eles não acompanharam a ilustração das descrições destes "ornamentos únicos", mas os cientistas que trabalharam com a colecção de Squire e Davis no Museu Britânico, identificaram-nos confiantes ... Produtos de forma e tamanho semelhantes (2-3 cm) são fixos, como parece, apenas na Dinamarca, e uma parte muito limitada ... Estes são os chamados botões em forma de cruz. A partir de 1960, eram conhecidas cerca de 400 peças - uma de bronze, o resto de osso - 22 das quais deveriam ser datadas. Todos eles vêm do norte da Jutlândia, todos do 4º período... Fora da Dinamarca "este tipo não é encontrado". ...uma vez que os artigos em questão não são encontrados ao lado de artigos tipicamente masculinos, acredita-se que tenham sido jóias femininas. Evidentemente, a forma em si não é tão complexa que não represente a sua aparência independente em diferentes partes do mundo. Uma coisa não é apenas a forma, mas o produto,

igualmente encontrado no contexto funerário, para além da cremação e da colina de sepultura ... Sugere-se que os artigos encontrados pelo Escudeiro e Davis sigam o padrão dinamarquês, especialmente porque os anéis, semelhantes aos encontrados em Ohio, também encontram fósforos na Jutlândia durante o 4º período. Este é obviamente o caso dos produtos locais. Isto decorre não só da utilização de novos materiais, mas também do facto de a forma adequada ter entrado no repertório de motivos ornamentais da cultura do Vale do Mississippi ... Passemos ao próximo, talvez o paralelo decisivo. "Entre os achados frequentes encontram-se pequenos tubos de cobre formados pela torção das chapas deste metal. Não são soldados, e embora os seus bordos estejam quase fechados (sobrepõem-se uns aos outros muito de perto), podem ser facilmente separados por uma lâmina de faca" ... O tamanho destes tubos era aproximadamente. O tamanho destes tubos era de cerca de 2,5 cm ... O material dinamarquês dá uma analogia completa ao achado de Squire e Davis ... A natureza das arestas encaixa, o tamanho é aproximadamente o mesmo (na Dinamarca varia de 3 a 5 cm incompletos ...), o contexto típico dos achados - funeral. Além disso, a descoberta de tais tubos (em relação ao material escandinavo, são chamados de bronze) em enterros bem conservados em câmaras de carvalho permitiram determinar com o maior grau de probabilidade o seu objectivo: estavam presos a saias... Além disso, "as experiências mostraram que tais saias estavam alegremente amarradas" ... territorialmente vêm tanto da Jutlândia como das ilhas dinamarquesas ... bem como da Suécia. Há mais de cinquenta achados no total... Na mesma colina tumular número 8 foi feita uma descoberta notável - quatro belos retratos escultóricos de pedra ... O carácter individual pronunciado de cada um deles faz pensar que transmitem com bastante precisão as verdadeiras características das pessoas que capturaram. Dois deles, Squire e Davis, são definidos como femininos; um parece talvez um retrato de uma mulher europeia ... Assim, Squire e Davis exploraram no Vale do Ohio a cultura dos montes funerários que tinham surgido, como mais tarde determinaram, está bem. Assim, Squire e Davis exploraram no Vale do Ohio a cultura de montes funerários que mais tarde foi descoberta, c. 1000 a.C. Kurgans foram erguidos em locais elevados (como na Escandinávia). Entre as alfaias funerárias encontraram anéis de mão de cobre, semelhantes aos encontrados na Europa ao mesmo tempo, em particular nas Ilhas Britânicas e na Escandinávia; uma pedra com ocos em forma de copo, com análogos na Idade do Bronze no Noroeste da Europa; decorações em forma de cruz típicas da Jutlândia no final do 2º milénio a.C. A.C.; tubos de cobre, bastante semelhantes aos utilizados nas saias de mulheres escandinavas da Idade do Bronze; uma representação escultórica de uma mulher de tipo dificilmente local. Além disso, os três últimos achados provêm quase certamente do mesmo local de enterro. Além disso, a investigação metalúrgica recente encontrou na colecção de achados americanos de

objectos Squire e Davis feitos de bronze - uma liga indubitável de mel e estanho ... Não vejo como evitar a conclusão de que a penetração do Vale do Ohio de nativos do Noroeste da Europa, muito provavelmente - da Jutlândia. Poderiam ter lá chegado de duas formas completamente diferentes - norte, passando pela Terra Nova e subindo o rio St. Lawrence, e sul, através do Golfo do México e subindo o Mississippi. Seja qual for a forma escolhida, os vestígios que deixaram encorajam a pensar numa expedição ou numa série de expedições, em vez de um punhado de pessoas acidentalmente abandonadas pelos caprichos dos elementos²⁸¹.

É possível que ao fornecerem prata aos Templários, os Incas estivessem a cumprir o pacto dos seus antepassados europeus de explorar e desenvolver novas minas e, quando cheguem a altura, de assegurar a entrega de minério à costa...

Mas os Incas (com os Vikings), afinal, não foram os primeiros a desenvolver minas e a conduzir um comércio extensivo de recursos fósseis.

Por volta de 1580 AC. - Em 1172 AC, havia uma cultura Tiwanaku altamente desenvolvida, mais tarde substituída pela própria cultura Inca. A capital do Império Tiwanaku, localizada a uma altitude de 3600 metros, tinha mais de 40 mil habitantes no século XII. Esta cultura é considerada uma das primeiras civilizações na América do Sul, onde a construção de estruturas de pedra começou.

Mas o que é especialmente importante é que os portadores desta cultura produziram minas de estanho, enquanto que o produto final para o qual foi produzido, o bronze, não teve qualquer utilização no Novo Mundo. Segundo Zachariah Sitchin, a lata foi extraída para exportação como metal estrategicamente importante para o Velho Mundo.

Uma vez que os limites da sua propagação estão próximos da gama actual do povo aymara na Bolívia ocidental e sul do Peru, os seus criadores consideram este povo muito interessante e misterioso. As lendas antigas de Aymara dizem que era uma vez um povo alto, de olhos azuis e barbudo, que chegou às suas terras de navio, que ensinou Aymara sobre agricultura, metalurgia, construção, e também introduziu a monogamia. A palavra "antepassado" em Aymar soa como Samo название аймара consiste nas palavras "ai" (haya "antepassado") e "mara" (ano, tempo).

Os próprios Aymara, antes da colonização pelos espanhóis, tinham um culto xamânico religioso muito primitivo: veneração das montanhas (Apu), ancestrais (Achachil), Mãe Terra (Pachamama), espírito subterrâneo (Tio), etc. Entre os seus festivais, vale a pena celebrar o festival Alasitas em honra da antiga divindade do bem-estar Ekeko, que é retratado com um chapéu com penas. O nome da festa é traduzido como "compra" e é utilizado para

²⁸¹ Panchenko, D.V. *Vikings da Idade do Bronze e a sua herança histórica (em questão)* // *Stratum plus.* - - 2012. - - № 2. - - C. 128-129.

danças rituais de "metade touros e metade pessoas"²⁸². Por exemplo, a língua aymara tem uma característica espantosa: os índios representam o tempo ao contrário - o futuro para eles está no passado, e o passado ainda não foi experimentado. A língua do próprio Aymara é considerada quase matematicamente sintética, ou seja, as características linguísticas do Aymara foram realizadas e estabelecidas como se já o tivesse sido antes. A sintaxe desta língua é tão estável, e os significados linguísticos são definidos a tal ponto que é simplesmente impossível na língua moderna. Ou seja, a linguagem Aymar foi criada de acordo com os mesmos princípios sobre os quais as linguagens de programação informática são desenvolvidas. Em tempos, o investigador Ivan Guusman de Rojas sugeriu mesmo a criação de um algoritmo de tradutor electrónico universal de todas as línguas com base na língua Aymara: o texto é traduzido para Aymara e затем - na outras línguas. Na nova e bastante inesperada hipótese de Mary Sargsyan (filha do famoso cientista Paris Geruni) pode-se encontrar afirmações de que uma camada significativa do vocabulário desta língua tem analogias formais e semânticas directas em arménio. Chamou a sua atenção para a palavra aymara "kalasaya" que significa "ainda ("como pilares", "firme") pedras grandes em pé". No início, Mary Sargsyan encontrou 57 por cento das 600 palavras Aymar semelhantes a армянскими - почти. Depois mais 60 coincidências entre 3100 palavras. Aqui estão apenas alguns deles: jura - água ("júri"), kita - рыба caviar ("dzkkit"), lallava - excelente, bom ("lava"), nayra - olho ("nayir") - смотри; " - взгляд), ruaka - живот ("por"), siri - amor ("sul"), haya - ancestral (divindade arménia Aya-Haya, assim como o próprio nome армян - "hai", hay), Mamakota (nome do Lago Titicaca) - "leite materno" ("mor kat"), Andes - montanhas (exército e montanhas). " - "ali, do outro lado"). Segundo Mary Sargsyan, o próprio nome do deus aymar Virakoch, em tradução de arménio, pode significar "chamado de cima" (e a fé de Kochvats). Há também estudos de Leyla Stepanyan, que encontra vestígios da língua arménia na Polinésia, até à famosa Ilha de Páscoa... Há também um famoso navio de pedra guardado no Museu do Ouro da cidade boliviana de La Paz, no qual ao lado de sinais cuneiformes estão gravadas cartas de arménio алфавита - того, que, segundo a ciência oficial, Mesrop Mashtots criou apenas no século V d.C. Sepotiusanen, um doutor em ciências biológicas da Nicarágua, finlandês por nacionalidade, afirma ter encontrado genes arménios apenas no Aymar²⁸³.

Foi possível obter estes dados porque os antepassados de Aymar enterraram os seus conhecimentos em chullpas - torres cilíndricas ou rectangulares de dois metros, feitas de pedra ou tijolo em bruto e que se assemelhavam a torres de xadrez. Em algumas partes dos Andes do Sul,

²⁸² Booker I. *Os índios aymaras não viram os espanhóis*. - Modo de acesso : <http://www.pravda.ru/science/mysterious/past/03-05-2012/1113388-aymara-0/>

²⁸³ Tumanyan A. *Aymara - Arménios sul-americanos? // - armyane-yuzhnoj-ameriki*

especialmente na área do Lago Titicaca, foram construídos cascalhos mesmo depois da invasão inca. Algumas das meias são pouco sofisticadas, enquanto outras, pelo contrário, estão cobertas com intrincados ornamentos²⁸⁴. Um método semelhante de manter a torre ("dakma" - "torre do silêncio") foi generalizado no Médio Oriente, especialmente no Irão pré-islâmico e na Arménia pré-cristã. Dakma é uma torre oca alta, sobre a qual é colocado o corpo do falecido, onde os abutres são espalhados. Os restos do cadáver transformam-se em cinzas sob a influência do tempo e de fenómenos naturais e caem dentro da torre através das barras. Quando o dakma é preenchido no topo, é deixado como um lugar proibido e é construído um novo... Como A. observou. Repin (em correspondência pessoal com o autor), os frescos de Chatal Gyuyuk também retratam a torre com grifos, e que o "Horizonte Celestial" arqueado nele se encontra tanto nos frescos do palácio de Knossos como nos hieróglifos egípcios, exactamente como o "horizonte celestial" (Ahet) e a "porta do horizonte".

E o nome original do "esfinge" egípcio Aker, o deus de ontem e de amanhã, que guarda as pirâmides dos faraós em Gizé, - "Guardião do horizonte", "Guardião das primeiras portas do Duat" (o seu rosto é dado um retrato parecido com o faraó Chephren, filho de Cheops, c. Gizé. 2575-2465 a.C.; nos templos do deus Monte foi representado não com a cabeça de um homem mas com um falcão carregando à alma do faraó para o sol). As representações mais antigas de mankolv foram encontradas durante as escavações de Goebekli-Tepe (datadas do 10º milénio a.C.).



²⁸⁴ Booker I. *Os índios aymaras não viram os espanhóis.* - Modo de acesso : <http://www.pravda.ru/science/mysterious/past/03-05-2012/1113388-aymara-0/>

E é bem conhecido que a ideia de estar representado como um animal era bastante comum na América pré-colombiana. Cada ser humano foi correspondido pelo espírito de um animal, o que poderia influenciá-lo e torná-lo mais adequado para a guerra. Isto não é muito diferente de usar mascotes com caras ferozes para elevar o seu fervor de combate²⁸⁵. Mitos sobre as origens de uma nação a partir do casamento de um homem e de uma besta são também comuns na América Central e do Sul. Por exemplo, os Olmecs apareceram como resultado do coito de um animal divino Jaguar com uma mulher mortal. Desde então, o Jaguar tornou-se um totem de Olmecs - daí a imagem de "faces de gato" nas suas imagens em esculturas - altares, estelas e as chamadas esculturas de "cabeças de basalto" em pedestais (algumas das quais atingem um peso de 40 toneladas e têm quase três metros de altura)²⁸⁶. E eles - com claras características negróides, com o mesmo que a Esfinge egípcia!

Thor Heyerdahl escreveu uma vez: "... As semelhanças entre as primeiras civilizações do Egito e do México não se limitam às pirâmides ... Tanto no México como no Egito existia um sistema altamente desenvolvido de escrita hieroglífica ... Os cientistas notam a semelhança da pintura a fresco em templos e túmulos, desenhos semelhantes de templos e habilidosos colonatos megalíticos. Especifica-se que na construção de abóbadas a partir de placas os arquitectos de ambos os lados do Atlântico não conheciam a arte de construção do actual arco. Chama-se a atenção para a existência de figuras humanas de pedra ciclópica europeia, sobre conhecimentos astronómicos surpreendentes e sistema de calendário altamente desenvolvido no México e no Egito. Os cientistas comparam a prática surpreendente da perfeição da trepanação de um crânio humano, característica das culturas do Mediterrâneo antigo, México e Peru, e também especificam o costume semelhante egípcio-peruano de mumificação. Estas e outras numerosas semelhanças culturais, consideradas em conjunto, poderiam apoiar a teoria de que os navios do Mediterrâneo atravessaram uma ou várias vezes o Oceano Atlântico e trouxeram os fundamentos da civilização aos nativos do México ... Em nenhum lugar - nem no México nem noutra parte da América - sublinha - os arqueólogos não encontraram certos sinais de desenvolvimento cultural evolutivo. Por todo o lado, como as escavações demonstraram, a civilização floresceu de imediato, como se fosse trazida do exterior. Por todo o lado encontramos vestígios de emigrantes que vieram de algum lugar e trouxeram uma civilização madura e sofisticada para áreas onde havia povos bastante primitivos. Em lado nenhum encontramos o centro a partir do qual começou

²⁸⁵ Bukker I. *Mil anos de segredos da Mesoamérica desconhecida* // http://www.pravda.ru/science/mysterious/past/27-12-2011/1103116-golden_chief-0/.

²⁸⁶ Bukker I. *Mysterious Olmecs herdado dos Jesuítas* // http://www.pravda.ru/science/eureka/discoveries/12-12-2011/1101581-olmec_puebla-0/.

a evolução das primeiras civilizações americanas. E, ainda mais impressionante, a primeira civilização americana (que significa a cultura Olmec) estava limitada a uma área muito desconfortável da selva tropical e subtropical da América Central. Mas é aqui que a grande corrente oceânica de Gibraltar e das Ilhas Canárias flui para o Golfo do México²⁸⁷

Afirma que as pirâmides de Teotihuacan e Chola, a que os apoiantes das influências transatlânticas gostam de se referir, foram construídas algures no final do primeiro milénio a.C., enquanto que a construção das famosas pirâmides dos faraós parou completamente no segundo milénio a.C., e a única etapa de construção do Egipto, semelhante à americana, - "Pyramid Joser" - em geral, erigida no início do terceiro milénio a.C., bem como que as suas grandes diferenças e estilos de ornamentação, equipamento de construção, materiais, construção e mesmo na nomeação, não resistem às críticas, uma vez que a construção americana, o seu material e propósito é uma tentativa de repetir a paisagem sagrada nativa, tão familiar a eles e aos seus antepassados há milhares de anos.

A ciência, por sua vez, afirma que os Olmecs apareceram no estado mexicano moderno de Tabasco há cerca de 4 mil anos. Vieram por mar e instalaram-se na aldeia de Tamoanchane ("Estamos à procura da nossa casa"). A lenda menciona que os sábios navegaram e o resto do povo instalou-se nesta terra e começaram a chamar-se a si próprios depois do seu grande líder Olmec Wimtoni (onde "Olman" é "o país da borracha")²⁸⁸.

A arqueologia das povoações de Olmec de La Venta, Tres-Sapotos, Trapiche, San Lorenzo, Viejona, Alvarado e outros monumentos na costa do Golfo do México sugere que os Olmecs entraram na cena histórica por volta de 1600 a.C., mas as características da Pra-Olmec são encontradas por volta de 2500 a.C. As primeiras formas da cultura Olmec apareceram na área de San Lorenzo Tenochtitlán, perto da costa oceânica, no sudeste do moderno estado mexicano de Veracruz.

Culturalmente, os Olmecs tinham precedido os maias e astecas durante milhares de anos, e mantiveram as suas lendas sobre eles. Os Olmecs estiveram entre as primeiras tribos americanas a construir cidades, construir pirâmides, usar hieróglifos, viver segundo o calendário, construir estradas e canos de água, beber chocolate a partir de grãos de cacau pela manhã, e o mais importante, fazer coisas de jade, obsidiana, e forrar edifícios com basalto. Foram os primeiros a utilizar o método de plantação de diferentes culturas numa parcela (o que abranda o empobrecimento do solo). As tribos vizinhas adoptaram a cerâmica dos Olmecs, que incluía uma série de

²⁸⁷ Heyerdahl T. *In the footsteps of the Sun god / per. from English // Abroad.* - - 1969. - N.º 21, 23-29 de Maio. - - C. 31.

²⁸⁸ Bukker I. *Mysterious Olmecs herdado dos Jesuítas //* http://www.pravda.ru/science/eureka/discoveries/12-12-2011/1101581-olmec_puebla-0/.

características peculiares: vasos com uma base plana; ornamentos aplicados com a ajuda de um "carimbo de caminhada", apertando sobre o barro com a ajuda de cordas e tecidos; padrões pontilhados, prevalência de ornamentos esculpidos e ranhurados; recipientes com pegas em forma de estribo; taças de fundo plano com corola exterior larga e curva; imagem de garras; ornamentação por zonas; cozedura de produtos cerâmicos em fornos especiais; cerâmica preta com corola branca, etc. д. Foi dos Olmecs que os Maias tomaram emprestado o sistema de contagem de anos, escrita, métodos de observação de luminárias celestiais e muitas outras coisas. São também responsáveis pela tradição de sacrifícios sangrentos, em que o coração foi retirado aos cativos²⁸⁹.

O livro muito interessante de D. Sodi "The Great Cultures of Mesoamerica" presta muita atenção aos Olmecs e merece que o leitor ²⁹⁰o conheça em pormenor.

A cultura Olmec floresceu num local extremamente conveniente para o cultivo, caça e recolha de milho, mas não há pedra na área, pelo que os habitantes locais tiveram de entregar enormes blocos de pedra para as suas esculturas monumentais de áreas muito remotas por água, por grandes jangadas, ou por terra. Os Olmecs trabalharam em andesite, basalto, jaspe, quartzo, diorite, jade e outras pedras de trocas comerciais. Também esculpíram pedras preciosas e semipreciosas em verde azulado, que depois usaram para fazer magníficos ornamentos e figuras graciosas. Mas recentemente, no estado mexicano de Chiapas, os cientistas descobriram um antigo monumento que eles acreditam ter sido criado pelos Olmecs. O monumento, que se estima ter sido criado há cerca de 3.000 anos, mostra um homem com o braço erguido, um toucado, uma tanga e várias decorações, incluindo um par de pentes semelhantes a orelhas, um colar e um cinto com um fecho de cabeça de jaguar. Os arqueólogos acreditam que esta poderia ser a imagem de um governante, de um sacerdote ou de algum tipo de deus. Há muita controvérsia entre arqueólogos sobre a estela número 3 de La Venta, um monumento gigante de granito com cerca de 4,5 metros de altura e 50 toneladas de peso. É decorado com alguma cena complexa e incompreensível, realizada em técnica de baixo relevo. Duas pessoas com chapéus fantasiosos estão de pé um contra o outro. A personagem da direita tem um tipo Europoid pronunciado: com um longo nariz de águia e uma barbicha estreita, como se estivesse colada. Muitos arqueólogos brincam a chamá-lo "Tio Sam" porque ele é realmente muito semelhante a esta figura satírica tradicional. O rosto de outro personagem, um adversário do "Uncle

²⁸⁹ Evseev A. *O Calendário Maya foi inventado antes deles* //

<http://www.pravda.ru/science/mysterious/past/28-02-2011/1068031-olmeci-0/>.

²⁹⁰ Sodi D. *Olmecchi* // Sodi D. *Great Cultures of Mesoamerica* // Sodi D. *Great Cultures of Mesoamerica* // per. from Spain. - M. Knowledge, 1985. -- 208 c. - <http://historic.ru/books/item/f00/s00/z0000013/st006.shtml>

Sam", foi deliberadamente danificado na antiguidade, embora alguns dos detalhes sobreviventes sugiram que temos uma imagem de um homem Jaguar. Em 1955, em La Venta, arqueólogos encontraram uma plataforma de barro, rompendo-a, caíram num buraco estreito e profundo no fundo do qual dezasseis pequenos homens de pedra - participantes em alguma performance dramática desconhecida - congelaram solenemente em frente a uma cerca de seis eixos-celtas colocadas verticalmente. Quando perguntado: "Quem são eles?" foi sugerido que o décimo sexto participante - uma figura solitária esculpida em granito áspero (ao contrário dos outros), se ergue pressionado contra a cerca com as costas. As outras quinze estatuetas são feitas de jade e têm um aspecto puramente olmec (olhos oblongos mongolóides, nariz achatado, lábios torcidos inchados e cabeça alongada e deformada artificialmente). Virados na mesma direcção, olham de perto para o "homem do granito". À sua direita aproxima-se uma procissão de quatro figuras sombrias com máscaras faciais congeladas. Quem é ele, este homem solitário? O sumo sacerdote que administra o ritual pagão solene, ou o sacrifício que é imediatamente lançado sobre o altar sangrento de um deus desconhecido?

Os seus templos piramidais em honra dos omnipotentes deuses Olmec construídos à imagem e semelhança dos altos e inexpugnáveis picos montanhosos de muitos vulcões extintos nas montanhas vizinhas de Tustla. Os índios acreditam que foi dentro de tais picos vulcânicos que os deuses do fogo e o interior da terra viveram. Nos cálculos do arqueólogo americano Robert Hejzer é estabelecido que o volume da Grande Pirâmide de La Venta faz 4700 mil pés cúbicos que para a sua construção foram necessários 800 mil homens-dias.

No centro da cultura Olmec de La Venta, perto da "Grande Pirâmide", existe um largo e plano quadrado delimitado por todos os lados por colunas verticais de basalto. No meio dela havia uma estranha estrutura - uma plataforma feita com as mesmas colunas de pedra. Quando a plataforma foi limpa, uma espécie de casa de basalto, meio escondida no chão, apareceu perante os arqueólogos. O seu lado longo consistia em nove colunas colocadas verticalmente, enquanto o seu lado curto consistia em cinco. De cima, esta estrutura rectangular foi coberta com um carretel das mesmas colunas de basalto. A "casa" não tinha janelas nem portas. Antigos construtores sem a ajuda de argamassa e quaisquer fechos especiais tão habilmente ajustados uns aos outros gigantescos pilares de pedra que entre eles não escorregariam e rato, e afinal, cada um deles pesava sem uma pequena duas ou mesmo três toneladas e tinha até 3 metros de comprimento com um diâmetro de 30 centímetros. Com a ajuda de um guincho manual e de cordas resistentes, os trabalhadores puxaram o topo da misteriosa estrutura. Na espaçosa sala interior foram encontradas coisas espantosas de Olmec: um pequeno pingente elegante na forma de um jaguar canino

esculpido em jade verde, um espelho oval de uma peça de hematite preta cuidadosamente polida. Nos fundos da sala, havia uma plataforma feita de barro e forrada com pedra. Na sua superfície havia uma grande mancha de tinta púrpura brilhante. Dentro dele foram encontrados ossos humanos pertencentes a pelo menos três pessoas enterradas. No entanto, a água penetrou as fendas na tampa de pedra, e a acção química da argila destruiu quase completamente os ossos do próprio esqueleto. Junto aos esqueletos encontram-se todo o tipo de artigos feitos de jade precioso em tons verdes e azuis: pequenas figuras engraçadas sob a forma de homens sentados com caras de bebé inchadas, anões e aberrações, rãs, caracóis, bocas de jaguar brilhantes, flores e contas curiosas, um dente de tubarão gigante, etc. Havia também uma das imagens mais notáveis da escultura de jade da América pré-colombiana - uma figura feminina sentada de pedra azul polida com um espelho hematita redondo. As mãos da mulher estão dobradas no seu peito, de modo que a direita está acima da esquerda. O cabelo comprido finamente penteado cai até aos ombros. O escultor retrata as características do rosto oval fofo de forma tão expressiva e precisa que parece viver a sua própria vida interior especial: o espectador pode ver claramente tanto a sombra do sorriso maligno nos lábios gorduchos como o misterioso olhar de olhos ligeiramente inclinados em forma de amêndoa. Foram também encontradas duas coisas incomparáveis: uma estátua de jade nua de um homem nu com olhos inclinados e uma cabeça alongada, deformada artificialmente, e um longo instrumento feito de jade azul com uma ponta pontiaguda, como uma bola. Exactamente os mesmos instrumentos eram utilizados por antigos mexicanos e tribos maias para furar as orelhas durante sacrifícios sangrentos aos seus deuses. No canto sudoeste da plataforma funerária havia um estranho toucado que se assemelhava a uma "coroa de espinhos" em vez de um símbolo de poder e elevado estatuto social do seu proprietário. Seis longas agulhas de ouriço-do-mar foram enfiadas num cordão resistente, separadas por ornamentos de jade em forma de flores e plantas estranhas. Além disso, os arqueólogos encontraram duas grandes "bobinas" de jade - ornamentos de orelhas, uma espécie de brincos - e os restos de uma máscara funerária de madeira com incrustações de conchas e pedaços de jade. Segundo uma lenda que ainda existe entre os índios de La Venta, aqui, entre as ruínas da cidade antiga, está enterrado nada mais nada menos que o último imperador asteca - o malfadado Montezuma II, que morreu em 1519 em Tenochtitlán às mãos dos seus compatriotas indignados. E quando a noite cai à terra, sai de um túmulo húmido e escuro para dançar com os seus cortesãos nos raios fantasmagóricos do luar nas ruas desertas e largas praças da capital adormecida dos Olmecs. Tudo isto é, claro, um fruto da fantasia popular, uma bela lenda. Mas o significado científico do túmulo de basalto de La Venta é pouco provável que seja menor porque em vez de Montesuma está enterrado nele um poderoso governante que viveu 9-10 séculos antes dos

astecas no vale da Cidade do México. Não longe do túmulo, os trabalhadores escavaram a trincheira e inesperadamente depararam-se com uma escultura oca representando um jaguar enrolado num anel.

Em 1990, no estado mexicano de Veracruz, foi descoberta uma placa ("bloque de Cascajal"), em cujo lado côncavo processado foram escritas cartas previamente desconhecidas (três dos 28 caracteres são escritos quatro vezes, seis outros são repetidos quatro vezes, e 12 caracteres em dois exemplares. Algumas das personagens são semelhantes a insectos, outras a uma espiga de milho estilizada), que são reconhecidas como Olmec. Falando dos problemas da escrita Epiolmec (Isthmian Script), o investigador A.V. Tabarev escreve: "... A recente descoberta de um selo de cilindro de argila em San Andrés (a cinco quilómetros de La Venta) com a imagem de uma ave "pronunciando" alguma frase escrita em hieróglifos permite-nos atribuir o tempo de existência da verdadeira escrita Olmec a 650 a.C. À luz desta descoberta, podemos considerar de forma completamente diferente os sinais marcados por especialistas em celas (eixos rituais), máscaras, figuras, estelas e outras obras de arte. Contudo, o corpo de inscrições é ainda extremamente pequeno para se poder falar sobre a possibilidade de ler estes sinais ou textos inteiros. Durante mais de uma década, os linguistas Terrence Kaufman e John Justeson estiveram envolvidos na decifração da escrita epiolmica. Na sua opinião, a escrita Epiolmec é em parte logográfica (semântica), em parte fonética e pertence à família linguística do Mixe-Zoqueano, ou melhor, à língua do Proto-Zoqueano. As línguas desta família são faladas pelos povos do Sul do México moderno e da Guatemala²⁹¹. No entanto, C. Wichmann nega estas construções: de acordo com a sua reconstrução, muitos dos empréstimos em questão são feitos a partir das línguas soké e não da pralíngua, um período posterior ao apogeu da cultura Olmec.

Os sábios astecas contaram ao monge espanhol de Sahagún sobre o povo que veio de barco de algum lugar no norte, deixando a sua pátria ancestral - as lendárias Sete Grutas (ou Sete Casas), o caminho para onde as estrelas do Urso Grande apontavam. Durante muito tempo estabeleceram-se em Tamoanchan, a futura cidade natal de Quetzalcoatl. Em maia, a palavra "Tamoanchan" significa literalmente "país de chuva e nevoeiro". "... Há muito tempo atrás, em tempos que ninguém se lembra, apareceu um povo poderoso nestas paragens... As pessoas vaguearam muito antes disso em busca da terra prometida... Primeiro, em grande número chegaram nas suas torres à costa norte. E o local onde deixaram os seus barcos chama-se Panutla (*uma cidade moderna na costa do Golfo do México, na parte norte de Veracruz, - O.G.*). Imediatamente, deslocaram-se à beira das águas... Não andaram sozinhos. Foram conduzidos por padres, o próprio Deus mostrou-lhes o caminho... Finalmente, chegaram à zona de Tamoanchan e fundaram ali o seu reino".

²⁹¹ Booker I. *Pre-Columbian America cannot be translated* // http://www.pravda.ru/science/mysterious/past/13-10-2011/1094543-olmec_veracruz-0/.

Pensa-se que Tamoanchan estava localizado algures na costa norte do Golfo do México, desde Boca del Rio até La Huásteca na província de Morelos, e possivelmente também incluía parte do território de Olmec propriamente dito, ou seja, a parte sul de Veracruz e a parte norte de Tabasco. A lenda citada pelo historiador V. Jimenez Moreno menciona que o primeiro homem foi criado na caverna Tamoanchan, que estava localizada na terra de Kuaunauaca (Cuernavaca, capital do estado de Morelos). A própria caverna é proposta para ser identificada com a caverna adaptada para o observatório astronómico próximo da antiga povoação pré-colombiana Shochikalco (astek. Xochicalco "casa das flores") 38 km a sudoeste da cidade de Cuernavaca na parte ocidental do estado mexicano Morelos. Shochikalco floresceu como um centro político, religioso e comercial e, em termos de arquitectura e iconografia, assemelha-se a Teotihuacan, a cidade da civilização Maia e a cultura Matlacinca do Vale de Toluca. As lendas dizem que o povo de Tamoanchan foi rezar em Teotihuacan, o que sugere que esta cidade estava próxima. Também foi dito que, tal como Cholula, Tamoanchan foi construído por gigantes.

Diz a lenda que um dia os seus sábios embarcaram novamente nos seus navios e navegaram para leste, assegurando ao resto deles que só regressariam antes do fim do mundo. Depois vários anciãos que ficaram em Tamoanchan, entre eles Osomoko e Sipaktonal, fizeram alterações ao calendário.

De Sahagún continua a dizer que os restantes Olmecs (Olmecs-Uishtotins) começaram a colonizar as terras circundantes, deixaram Tamoanchan, inventaram o vinho e a cataplasma: "Quando todos estavam em Tamoanchan, várias famílias estabeleceram-se nas províncias, agora chamadas Olmeca Uishtoti. Antigamente conheciam o feitiço e a magia, e o seu líder e mestre chamado Olmecatl Uishtotli fez uma aliança com o diabo. Diz-se destas pessoas, que se chamavam Olmecatl-Wishtotli pelo nome do seu líder, que quando saíram de Tullan, seguiram os Toltecas e seguiram para leste, levando consigo desenhos que retratavam as suas acções mágicas. Chegando à costa (no porto), ficaram porque não podiam atravessar o mar. Deles vêm aqueles que agora se chamam os Anauaca Mištekami. Os seus antepassados instalaram-se ali porque o seu mestre escolheu aquela terra, muito boa e muito rica. Inventaram uma forma de fazer vinho a partir da terra. Foi iniciada por uma mulher que aprendeu a picar as folhas de um mágico e a produzir mel a partir do qual se faz vinho chamado Mayauele. Aquele que primeiro encontrou as raízes que foram atiradas ao mel chamava-se Patecatl. E os autores da receita para fazer pellets, como ainda hoje fazem, chamavam-se Tepuestecatl, Kuatlapanki, Tliloa, Papastaczocaca, todos eles inventaram uma forma de fazer pellets na montanha, chamado Chicinauia (actualmente Colina Chicinautsin, a noroeste de Tepostlán, onde os deuses Pulque eram venerados, e entre eles Tepústektel), e uma vez que este vinho

forma uma espuma, também chamaram a esta montanha Poposonaltepetl, que significa montanha espumosa; Tendo feito vinho, convidaram todos os mais velhos, anciãos e velhotas para a montanha já mencionada, onde deram comida e bebida a todos os que tinham feito vinho; a todos os que estavam no banquete foram dadas quatro taças de vinho, e a ninguém foi dada uma quinta, para não se embebedarem. E havia um Cuestek, o chefe e mestre de Cuestek, que bebeu cinco taças de vinho e perdeu o juízo, e estando sem mente, rasgou as suas roupas e expôs os seus lugares vergonhosos, porque é que estes inventores do vinho fugiram, terrivelmente ofendidos, e se uniram todos para o castigar; mas assim que Cuestek soube disso, fugiu deles com os seus vassallos, que compreendiam a sua língua; e todos eles foram para Panotlan, de onde vieram, que agora se chama Panotlan, e os espanhóis chamam-lhe Panuco. E quando chegaram ao porto, não podiam ir mais longe, por isso instalaram-se lá, e agora o seu nome é toneyome, que significa em indiano (no mexicano) Touampooan, e em românico - "os nossos vizinhos"; e tiraram o seu nome ao vosso líder e senhor, chamado Cuestekatl. É sabido de várias fontes que os Toltech-Chimeks treinaram até se tornarem escravos dos Olmecs em Cholula. Mais tarde, conseguiram expulsar os seus conquistadores com as suas próprias armas e começaram a lutar contra os povos vizinhos - Shochimilki, Ayapanki, Teshaloki, etc. Os Toltech-Chimeki eram também conhecidos por terem sido escravos dos Olmecs em Cholula. Contudo, estes Olmecs, após a sua expulsão de Cholula, deslocaram-se em duas direcções: uma para a Sierra Sacatlan, no estado actual de Puebla (os Olmecs de Sacateca), e a outra para o sul (os Olmecs de Shikalanka). Existem também outros Olmecs históricos, os Nonoalki. O historiador V. Jiménez Moreno diz o seguinte sobre eles: "Aparentemente, os não-Olmecs correspondem aos masateco-polares parcialmente assimilados pelo Naha. Foram também os últimos representantes da cultura Teotihuacan, especialmente no período Teotihuacan IV-V". Os Olmecs mais recentes mencionados nas crónicas do monge espanhol Bernardino de Sahagún (Livro X da sua História Geral da Nova Espanha) são os Olmecs da Costa do Golfo do México, contemporâneos do "império" asteca que viviam no território na época da Conquista. Os informadores de Sahagún chamavam-lhes "Olmecauishtotin Mistek". Dizia-se que falavam uma língua bárbara, ou seja, não a língua asteca (Nahuatl) dos informadores. Na ciência histórica, estes "decadentes" Olmecs e os povos que adoptaram a sua cultura. São definidos como "epiolmecs" (onde o prefixo "-epi" significa "depois"). Em particular, o centro religioso e político Tres-Sapotos (até 250 d.C.), famoso desde a antiga Olmecs, continuou a prosperar.

Ou seja, os Olmecs desapareceram, assimilando-se aos povos circundantes, gradualmente, sem sobreviverem apenas algumas centenas de anos antes da chegada dos conquistadores. Portanto, não é surpreendente que se encontre uma abundância de elementos da cultura arqueológica e

espiritual dos Olmecs entre muitas tribos indianas não só na Mesoamérica mas também na América do Sul (Panamá, Equador, Peru).

Vamos, amigos, antes que seja tarde demais.
Vamos flutuar para encontrar um novo mundo.
Vamos levantar as velas, e ficar quietos, tudo bem,
Vamos bater os guizos.
É minha intenção governar a vela até ao pôr-do-sol,
Para além dele, e antes de morrer,
Estar onde as estrelas ocidentais se afundam.
Talvez o abismo do mar nos engula,
Talvez consigamos chegar às Ilhas Feliz,
Veremos ali o grande Aquiles,
Que nós conhecíamos. Muita gente desapareceu,
Mas muitos ainda o fazem.
E nós não temos o mesmo poder dos velhos tempos,
Que ele hesitou sobre a terra e o céu,
Mas nós somos nós. O endurecimento dos corações dos destemidos,
Enfraquecido tanto pelo tempo como pela rocha,
Mas por uma forte e implacável vontade...
Procurar, encontrar, reter, não ceder.

(A. Tennyson, "Ullis"; traduzido por C. Balmont)

Mantendo o monopólio da navegação para o Ocidente, é claro, os Templários desmantelaram a história de algumas ilhas misteriosas no oceano chamadas "Mar das Trevas" que já existiam há muito tempo nas margens do Atlântico europeu. Foi o próprio Homer que os ajudou:

...O crepúsculo está sempre lá e o nevoeiro. Nunca um sol leve
Não ilumina as pessoas que habitam a região,
Deixa a terra para entrar no céu estrelado,
Ou descendo do céu, rumo de volta à terra.
A noite está rodeada por uma tribo sinistra de pessoas infelizes.
(Homer, "A Odisseia", XI, 14).

Mas ao mesmo tempo é a Ilha do Beato, que é o lar dos antigos deuses e heróis gregos, mas inacessível aos meros mortais. À medida que os marinheiros se aproximam deles, os fantasmas desaparecem.

A tais ilhas, por exemplo, velas e um representante do ramo ocidental da tradição cristã - São Brendan (484-578), cujas viagens são descritas na "*Viagem de São Brendan o Navegador*" ("*Navigatio Sancti Brendani Abbatis*", século IX), que foi muito popular na Europa desde o século XII e despertou a imaginação. A aventura dos heróis foi inspirada pela visão da ilha do Beato pelo Santo Monge Barint. Há sete anos que anda em círculos pelos mares juntamente com sessenta companheiros antes de lhe ser permitido pelas mais altas forças chegar à "terra encantada" - a Ilha dos

Abençoados (Tyr na Noga, Cartas "Ilha dos Jovens"). Ele navega para além do cone da montanha do inferno, abraçado pelas chamas, encontra Judas sentado numa rocha, depois chega a uma rocha solitária, onde vive um eremita nu Paulo, 30 anos sem comer: "... São Brendan e aqueles que estavam com ele, navegaram para a ilha daquele homem, e ele esteve com eles, e ali estocou comida durante quarenta dias. Depois, durante quarenta dias, navegaram por mar para o leste. E o homem mostrou-lhes o caminho. Após quarenta dias, à noite, encontravam-se diante de um véu de névoa tão alto quanto podiam ver. O procurador disse a Saint Brendan: "Sabe o que é esta névoa? St. Brendan disse: "O que é isto?" Foi aí que ele disse: "Este nevoeiro rodeia a ilha que procura há sete anos". Uma hora mais tarde, a sua luz brilhante brilhava, e o navio chegou a terra. Quando saíram do navio, viram uma grande planície cheia de árvores a dar frutos como se estivessem no Outono. Desde que andassem por esta terra, nunca foram apanhados durante a noite. Comeram tanta fruta quanto gostaram, e beberam das nascentes, e assim caminharam durante quarenta dias, mas não conseguiram encontrar o limite da terra. Uma tarde, viram um grande rio a correr no meio da ilha. Então St. Brendan disse aos irmãos: "Este rio que não podemos atravessar, é por isso que não vamos medir o tamanho desta ilha. Quando começaram a discuti-lo entre eles, de repente um rapaz apareceu diante deles, beijando-os com grande alegria e recebendo cada um pelo nome. Disse ele: "Bem-aventurados aqueles que habitam em Tua casa; louvá-los-ão continuamente" (Salmo 83: 5). Quando disse isto, dirigiu-se a São Brendan com as palavras: "Esta é a terra que procura há muito tempo. Mas não o pôde descobrir imediatamente, pois Deus quis revelar-lhe muitos mistérios no grande oceano. Agora regresso ao país onde nasceu, levando o máximo de frutos e pedras preciosas desta terra que o seu navio possa levar. A sua [última] viagem está a chegar quando você e os seus pais descansam juntos. Após muitos anos, esta terra abrir-se-á aos seus herdeiros quando a perseguição dos cristãos começar. O rio que se vê divide esta ilha ao meio. E os frutos são tão maduros porque permanecem sempre de dia e a noite não chega aqui. Mas esta luz é Cristo". Depois, tirando dos frutos desta terra e de todo o tipo de pedras preciosas, St. Brendan deixou o homem abençoado e o rapaz, juntamente com os seus irmãos subiram ao navio e nadaram através do denso nevoeiro. Depois chegaram a uma ilha chamada a Ilha da Alegria. Ali passaram três dias, e depois, abençoado, São Brendan regressou ao seu lugar.

Cristóvão Colombo contou com as lendas de S. Brendan nos seus argumentos sobre a existência de uma rota marítima através do Atlântico para a Ásia. Em 1976, o explorador irlandês Tim Severin construiu galinhas com pele de cavalo (tipo de barco grande) e em dois verões navegou da Irlanda para Newfoundland via Hebrides, Faroeres e Islândia para mostrar que a viagem do santo era possível. Na sua viagem viu icebergs e animais

marinhos como as baleias e os botos, que poderiam ser os verdadeiros análogos de visões fantásticas das lendas de Brendan.

Em 563, na ilha sagrada de Ayon, ao largo da costa leste da Escócia, Brendan conheceu São Colombo (521-597), com quem a famosa viagem dos seus discípulos Snowdog e McRiley, descrita por Adamnan em *A Vida de São Colombo*, e no texto das *Visões de Adamnan*, está associada. "... E foi nesse país que entraram no início - que era o País dos Santos, um país fértil, brilhante, gracioso e espantoso, os santos foram lá vestidos com roupas de linho branco, cobriram as suas cabeças com tachas brancas. Santos das terras orientais ocuparam a parte oriental da Terra dos Santos, das terras ocidentais - ocidentais, santos das terras do norte e do sul - norte e sul. Todos os que se encontravam na Terra dos Santos ouviam música e estavam imersos na contemplação de um navio que continha nove fileiras do céu. Por vezes os próprios santos interpretavam música maravilhosa que glorificava Deus, e por vezes ouviam a música da hóstia celestial, pois não tinham nada com que se preocupar senão com a música e a contemplação do brilho divino, pois estavam cheios dos aromas que enchiam esta terra. A sudeste, há um reino maravilhoso fechado por uma cortina de cristal da Terra dos Santos, e a sul, um portão dourado, através do qual se pode ver o aparecimento de todas as fileiras da hóstia celestial. Os santos e a hóstia celeste não estão separados um do outro pelas trevas ou cortinas, pelo aparecimento da hóstia do outro lado da hóstia celeste, e pelo brilho inelutável que dela provém, nunca são escondidos dos santos. Além disso, o anel de fogo rodeia esta terra, e qualquer pessoa pode entrar e sair dela, pois não prejudica os justos. Os doze apóstolos e a Virgem Maria estão ao lado do Senhor Todo-Poderoso, enquanto os patriarcas, profetas e discípulos de Cristo estão ao lado dos apóstolos e as virgens sagradas estão à direita da Virgem Maria. Estão rodeados de bebês e crianças que apreciam o canto dos pássaros do sonho da hóstia celestial. Os brilhantes desprendimentos dos anjos da guarda cozem-nos com humildade e cuidado para sempre no rosto do Rei dos Céus. Na verdade, nenhum homem neste mundo pode verdadeiramente descrever aqueles que lá estão! Os justos permanecem no país dos santos, em grande glória, até ao dia do julgamento, e estarão lá para contemplar o rosto do seu Senhor, que não lhes esconderá nem um véu nem uma sombra para todo o sempre. Embora o brilho, a felicidade e a luz que envolve a terra dos santos sejam majestosos e belos, eles são mil vezes maiores do que a planície da hóstia celestial que se estende à volta do trono do Senhor. E é assim que o trono é: é como um assento de copa das árvores que repousa sobre quatro pedras preciosas. A partir daí pode-se ouvir a melodia harmoniosa destas colunas de pedra. E só isso é prova da glória e grandiosidade do trono. Três nobres aves sentam-se diante do rei do céu, e os seus pensamentos são sempre dirigidos para o Criador. O seu canto, que glorifica e exalta o Senhor, significa a vinda de cada uma das oito horas de oração, e depois delas o canto

é retomado pelo coro dos arcanjos, e são repetidos a todas as hostes celestiais, santos e virgens. O arco majestoso sobe acima do trono real do Senhor, coroando o Criador como se fosse um capacete pintado ou uma tiara real. Se os olhos humanos o virem, ficarão imediatamente cegos. Três círculos separam o Senhor da hóstia celestial. Mil vezes seis mil anjos sob a forma de cavalos e pássaros rodeiam um trono flamejante. Então devemos dizer sobre o Senhor Todo-Poderoso que ninguém senão Ele ou a Sua hóstia celestial pode conseguir descrever o Seu resplendor, o poder que vem d'Ele, o Seu resplendor e majestade, a Sua extraordinária generosidade e firmeza, bem como toda a multidão de anjos e arcanjos que o alegam cantando, e servos que se revezam para se aproximarem dele e o deixam com breves mensagens para cada uma das fileiras, e a sua afabilidade e grande bondade para com uns e a sua severidade e rigidez para com outros. Se alguém olhar constantemente para Ele - do oeste ou do leste, do norte ou do sul - certamente verá a face do Senhor diante dele, brilhando mais brilhante que o sol. Verdaderamente Ele não aparece na forma humana, com pernas e cabeça, mas como uma grande nuvem que brilha com cores vermelhas em todo o mundo, e cada uma se estende diante d'Ele com medo e tremor. A sua luz transborda todo o céu e a terra, e o brilho como uma estrela real rodeia-o. O canto dos três mil coros que cantam cada melodia funde-se num coro da hóstia celestial. Estas três mil melodias são mais doces do que qualquer música do mundo. Aqui está uma descrição do Castelo, onde se encontra o trono: sete coloridas paredes de cristal rodeiam-no. Cada parede sucessiva é mais alta do que a anterior. A base e o fundo do Castelo são feitos de cristal transparente. A Hóstia Celestial é muito humilde e muito amistosa, não há benefício que não tenham, este Castelo é habitado por santos e peregrinos que são fiéis a Deus. É impossível descrevê-lo, mas a sua estrutura e ordem são tais que nem as suas costas nem os seus lados se voltam para o outro, mas graças ao poder do Senhor estão face a face, à mesma altura e à mesma distância em torno do trono, e ao mesmo tempo os seus rostos estão voltados para Deus. Uma barreira de altar feita de cristal separa cada dois coros um do outro, é decorada com prata, ouro e três outras gemas que brilham de cima, que produzem um som suave e melódico que é combinado com a doce música dos coros. Sete mil anjos na imagem de línguas de fogo iluminam a cidade de todos os lados, outros sete mil anjos ardem no seu coração, iluminando o que está à volta. Pessoas de todo o mundo são reunidas num só lugar, e por mais numerosas que sejam, o aroma que nasce de uma língua desta chama é suficiente para as saturar a todas. Este é o aspecto da hóstia celestial, o sonho [do justo], e do anjo da guarda. Em frente ao portão principal do Castelo estão duas cortinas de fogo e uma cortina de gelo, e as suas partes superiores colidem uma com a outra ao longo da eternidade. Quando isto acontece, o som do impacto espalha-se por todo o mundo. A tribo de Adão, quando a ouve, cai no chão de horror, tremendo e tremendo.

Para os amargos e medrosos, este som parece aos pecadores. Mas se estiver do outro lado das cortinas, onde está a hóstia celestial, não ouve quase nenhum trovão terrível, transforma-se em música doce, que se espalha por todo o lado. A localização deste Castelo é majestosa, pois apenas "pouco de muitos" podíamos contar sobre todo o tipo de maravilhas e curiosidades... À medida que vagueavam pelas ondas do mar do Oceano, viram uma bela ilha, na qual cresciam árvores de folha caduca espalhadas com belas flores cheias de mel. No meio da ilha havia um lago, cujo fundo estava cheio de pérolas e pedras preciosas, e as ervas aromáticas cresciam à sua volta. Os marinheiros viram ali enormes pessoas feias com crina de cavalo, cabeças de cão e corpos humanos. Depois dos irmãos desembarcarem na ilha, ficaram cheios de medo e horror de pessoas estranhas e desconhecidas. Havia pedras penduradas das quais pendiam ramos de amoras silvestres com espinhos e cobertas de bagas, e havia uma bela e espantosa floresta cheia de todo o tipo de frutos e bagas. Os clérigos começaram a recolhê-los e a comê-los, e quando tinham recolhido tantas bagas quantas pensavam ser suficientes, deixaram a ilha. Cansados de vaguear, viram a ilha, na margem da qual encontraram um velho, cinzento e humilde clérigo vestido com roupa branca de igreja. Cumprimentaram-se e perguntaram um ao outro sobre as notícias. Ele perguntou-lhes: "De onde é que veio?" E contaram-lhe a sua história do princípio ao fim, dizendo-lhe que tinham navegado da Irlanda e que vagueavam em mar aberto durante muito tempo de uma bela ilha para outra. Ele respondeu: "Fica aqui, encontrarás um abrigo e terás peixe, vinho e pão suficientes. Foram com ele e passaram três dias e três noites nesta ilha, depois entraram no seu barco e navegaram. Adormeceram e acordaram do guizo do fundo do barco contra a areia da costa. Levantaram-se e viram os campos de pão maduro que cobriam a ilha e pessoas terríveis com cabeças de porco e corpos humanos. Aqueles que repararam no barco tentaram chegar até ele, apanharam pedaços de terra e atiraram-nos aos irmãos, que, com medo, nadaram ao longo da costa. Depois as terríveis pessoas desceram à água e entraram no mar ao longo do pescoço. Ó irmãos de Colombo", gritaram eles, "não se aproximem de nós, pois somos da linhagem de Caim, amaldiçoados, e não temos outra casa senão esta ilha que devemos cultivar! Os clérigos passaram por eles e enviaram o seu barco para o mar nas altas ondas do Oceano. As suas cabeças tornaram-se pesadas, os seus corações cheios de tristeza e horror, e limpavam um mar de lágrimas, de modo que as suas roupas no peito ficaram encharcadas. Pensavam em Colombo incessantemente e rezavam e cantavam salmos. Passou-se pouco tempo e uma ilha apareceu diante deles, de onde se ouviu um canto de melro e o canto das mulheres que tinham vindo ao encontro do barco. E era isso que estavam a cantar: "Que a bênção de Deus nos guie, que o Filho de Maria nos abrace!" Os clérigos disseram: "Cantai-nos outra vez! A julgar pela melodia, acreditamos que esta música, instrumentos, e a canção das mulheres de Eire".

As mulheres responderam-lhes: "Vinde connosco para o palácio, e aí falareis com o rei". Foram com as mulheres ao palácio onde vivia o rei, que as acolheu e lhes pediu que o fizessem: "De onde veio e qual é a sua origem"? Eles disseram: "Somos da Irmandade de Colombo, somos da Irlanda". - "Sabeis", perguntou o rei, "quantos filhos de Domnalla, filho de Aeda, ainda estão vivos"? - "Apenas um sobreviveu", responderam eles. - Os homens de Ross mataram Fiahu, o segundo filho, e nós preocupamo-nos com aqueles que o mataram, incluindo Diarmite Olmar e Aillillil, mas não sabemos nada sobre o seu destino desde então. - "A verdade é o que vós dizeis, clérigos", disse o rei, "e nós somos o próprio povo que matou o filho do rei". Não vivemos velhos nem morremos e ficaremos aqui até ao Juízo Final, quando Elias e Enoque sairão para combater o Anticristo. Juntamente com eles, iremos para a batalha e morreremos com eles também. E até lá, estamos nesta ilha, à sombra do ouro e da prata. E se se encontrar novamente na Irlanda, diga que há dois lagos, um lago de fogo e lagos de água, e se não fosse Martin e Patrick, a água e o fogo já teriam caído sobre a Irlanda há muito tempo. - "É uma pena, responderam os clérigos, que não tenhamos conseguido ver Enoque e Elias, pois gostaríamos de falar com eles. - "Isto é impossível", disse o rei, "pois eles estão num lugar secreto e lá permanecerão até que saiam para combater o Anticristo". Então os clérigos prepararam-se para navegar, e o rei disse-lhes: "Fiquem connosco, pois é tão bom ver-vos [novamente]. Mas eles decidiram apressar-se. E era assim que esta ilha era: na sua base havia um fluxo rápido, e os clérigos mergulhavam nela para se lavarem, e a água que ali corria quente ou fria de acordo com os seus desejos. Esta fonte foi alimentada pela água da chuva. Depois foram para a morada do rei. Abençoada era esta casa, abençoadas eram as suas câmaras, e maravilhosos eram os móveis, pois havia uma centena de portas nesta casa, e em cada porta havia um padre com o corpo de Cristo, e uma grande multidão de homens e mulheres procurava a comunhão. Os clérigos entraram na casa e saudaram-nos, e depois foram com os homens e mulheres para ouvir a missa. Depois disso, foi-lhes servido vinho, e o rei disse ao clero: "Informem o povo da ilha de Eira que lhes será imposto um grande castigo. Estranhos, homens em navios, guerreiros com lanças, desprovidos de qualquer fé, virão do outro lado do mar, povoarão metade da ilha e pagarão tributo a eles. Este é o castigo que sofrerão por ignorarem os mandamentos de Deus e os Seus ensinamentos. Passará um ano e um mês no mar, e regressará ileso, e informará o povo da Irlanda sobre as suas viagens²⁹².

St Moon's Lives também nos diz que o abade Munn veio a um monge britânico com sapatos de areia molhada. O monge surpreendido reuniu reverentemente esta areia no seu lenço e perguntou a Munn: "Em nome de Deus, Abade, por favor, diga-me, o que é esta areia? Ele disse: "... Estou de

²⁹² *St. Columbus Clerics Swimming* // http://www.e-reading.club/chapter.php/101390/16/Gorelov_-_Plavanie_Svyatogo_Brendana.html

regresso da Terra Prometida, onde São Columbano, São Brendan e São Kenneth têm estado comigo. Foi a vontade de Deus que fôssemos transportados para lá e devolvidos. De lá trouxe esta areia, e ela será deitada na minha sepultura".

No século XIV, o código., conhecido como o *Livro de Leinster*, regista que vinte e quatro homens foram com Saint Albay de Munster para o oceano para chegar à Terra Prometida, e aí permanecerão até ao dia do Juízo Final: "... Um dia, quando St. Albay e os seus irmãos estavam sentados numa rocha na costa do mar, no distrito de Korhou Dairin, viram um enorme navio a voar pelo ar, envolto em cobertura, aproximando-se deles pelo mar, e ouviram vozes do mesmo como se fossem de um coro. O navio parou no mar não muito longe deles. Assim, Saint Albay enviou um dos irmãos para cumprimentar os que estavam no navio, mas o irmão não recebeu resposta. Depois, todos os irmãos monges que estavam presentes revezaram-se para ir ao navio, mas todos regressaram sem nada. Por fim, Saint Albay, calçado, foi por mar até ao navio, e imediatamente a tampa que escondia o navio abriu antes dele, e embarcou no navio e o navio regressou ao oceano. Os irmãos de Albay que ficaram no porto sofreram e choraram até que um anjo apareceu diante deles dizendo: "Não fiques triste, pois na mesma hora em que Albay te deixou, ele voltará para ti". No dia seguinte, viram novamente o mesmo navio que tinha vindo para o mesmo lugar. Albay foi a terra, carregando na mão um ramo encimado por fruta. E este ramo esteve constantemente com Albay durante três anos, e depois foi transportado por um anjo²⁹³.

Segundo uma crença popular em Castela e Portugal durante a invasão árabe, sete bispos piedosos do Reino de Westgotha, liderados pelo bispo do Porto, navegaram para oeste para o Oceano Atlântico e chegaram à ilha onde fundaram as sete colónias, fugindo dos conquistadores. Em algumas versões da lenda, estes acontecimentos coincidem com a captura de Mérida pelos Mouros no século XII.

Começando com o portulano do Atlântico Norte de Venetian Zuane (Giovanni) Pizzigano em 1424 (em particular, retrata os Açores descobertos entre 1427 e 31, ou seja, alguns anos após a elaboração do mapa), no Atlântico Oeste, cartógrafos italianos colocaram uma ilha rectangular de Antilhas, com as suas margens cortadas em sete enseadas, cada uma representando uma cidade por cidade. Aparentemente, a informação sobre a lendária ilha foi obtida de marinheiros espanhóis ou portugueses familiarizados com a lenda do voo de sete bispos para o oeste. Os nomes das cidades variavam de mapa para mapa (por exemplo, Aira, Antuab, Ansalli, Ansesseli, Ansodi, e Con). Por vezes, em vez de Antilhas, a ilha era chamada "Ilha das Sete Cidades". (porto. Ilha das Sete Cidades, Septe Cidades). Em 1528, os membros sobreviventes da expedição de Narvaez às costas da

²⁹³ *The Wonders and Wonders of St. Albay* // http://www.e-reading.club/chapter.php/101390/13/Gorelov_-_Plavanie_Svyatogo_Brendana.html.

Florida (incluindo Cabeza de Vaca) regressaram à Nova Espanha com a notícia de que algures a norte, segundo relatos indianos, existem sete cidades cheias de tesouros fabulosos. Em 1539, Francisco Vázquez de Coronado, que foi capturado por estes contos, enviou o franciscano Marcos de Niza para explorar as terras do norte, e no seu regresso convenceu os espanhóis de que existiam Sete Cidades de Sibola, localizadas no país do povo Zuni, no Novo México. Em 1540, Vázquez de Coronado apresentou-se em busca das Sete Cidades. Ao chegar à zona de Pueblo, ouviu uma nova história dos índios - a rica cidade de Quivira, onde um certo "turco" governou. Tendo chegado com grande dificuldade ao destino onde Sibola e Quivira deveriam ter estado, o conquistador não encontrou senão cabanas de índios pobres.

A tribo indígena Algonquin disse aos colonos europeus que ao norte do rio St. Lawrence, na zona do actual Saguinay-Lac Saint-Jean (Quebeque), existia um reino de contos de fadas de pessoas loiras que possuíam armazéns de ouro, prata e peles. O líder de Donnacona, capturado pelos franceses e levado para França nos anos 1530, também falou ao rei sobre este reino mítico de Saguenay (P. Royaume du Saguenay). Em 1960, 8 escavações e uma ferraria foram descobertas na pequena aldeia piscatória de L'Anse-aux-Meadows, na ilha de Terra Nova. Os cientistas acreditam que os Vikings que fundaram a colónia em L'Anse-aux-Medose vieram da vizinha Gronelândia, onde Eric o Vermelho tinha fundado uma colónia normanda pouco antes (1987). Estima-se que a Terra Nova foi habitada por não mais de 50-100 pessoas que deixaram a ilha em poucos anos, enquanto que a colónia escandinava na Gronelândia era mais durável, tendo existido durante cerca de cinco séculos, mas devido ao arrefecimento do clima e a outros factores desconhecidos pela ciência, desapareceu no final do século XV - início do século XVI. No século XIII, durante o seu apogeu, o número de escandinavos na Gronelândia atingiu provavelmente 5 mil pessoas. Conhecido como "Mapa de Wineland" de origem desconhecida, supostamente o mais antigo dos que representam a América - sob a forma de uma grande ilha de Wineland a oeste da Gronelândia. Ficou conhecida do cientista pela primeira vez em 1957, quando caiu nas mãos da Universidade de Yale sob o disfarce de um documento do século XV, baseado no século XIII original. Em 1965, estudiosos do Museu Britânico que tinham estado a estudar o mapa anunciaram finalmente a sua existência, tendo-se realizado em breve uma conferência especial sobre o assunto no Smithsonian Institution. A Biblioteca do Congresso ofereceu à universidade dez milhões de dólares. Na altura, o Conselho Académico não conseguiu resistir. Em breve, o cartão mudou de dono.

Mas é improvável, como J. de Mayer sugere²⁹⁴, que o objectivo da chegada da frota templária fosse o México, com os seus cultos pagãos sangrentos e temerosos... Uma coisa é comércio, troca, e outra é abrigo, mesmo que pareça temporário...

Existe uma lenda que "...um monte de Templários foi enterrado em Oak Island perto da costa canadiana (Oak Island, uma das 360 pequenas ilhas que compõem o arquipélago, localizada em Mahon Bay no condado de Lunenburg perto da costa ocidental da Nova Escócia). Os tesouros da Ordem foram escondidos nela pelo Conde escocês Heinrich Sinclair, um descendente de um dos líderes da Ordem. Quando as prisões dos Templários começaram, o antepassado de Sinclair conseguiu escapar para a Escócia, levando consigo parte do tesouro e livros secretos dos Templários, que escondeu no castelo da família Rosslyn. Temendo a perseguição, o príncipe descendente dos Templários, Henry Sinclair, decidiu transferir o tesouro para terras distantes. Depois de aprender as histórias dos marinheiros Viking (quando os navios Viking chegaram às costas da América), o Conde assumiu o risco de equipar a expedição. Em Abril de 1398, Henry Sinclair zarpu, a sua flotilha de 13 navios com uma tripulação total de 300 cavaleiros. A expedição foi bem sucedida, e os cavaleiros chegaram às margens do Novo Mundo. Numa das ilhas debaixo do carvalho (por isso a ilha recebeu o nome de Oak Island - Oak Island), Sinclair mandou cavar um poço profundo, no qual as arcas do tesouro e os vasos com manuscritos secretos dos Templários foram baixados. Depois de completar a missão, Sinclair regressou à Escócia. Morreu como guerreiro em 1400, aos 55 anos de idade. A mina do tesouro (Money Pit, - O.G.) foi encontrada em 1795 por Daniel McGuinness e seus amigos Anthony Vaughan e John Smith, que tinham 16 anos de idade. Os varredores conseguiram chegar a uma profundidade de 3 metros, onde encontraram uma laje de madeira. Romperam a laje, mas não podiam ir mais longe - a mina estava a ir fundo. Os Sweepstakes voltaram a procurar alguns anos mais tarde, em 1813, conseguiram descer a uma profundidade de 30 metros, mas a água penetrou na mina, enchendo-a até às bordas. A busca teve de parar. Em 1848, Jack Lindsay e Brandon Smart decidiram continuar a sua caça ao tesouro. Construíram uma instalação de bombeamento de água e criaram uma empresa de caça ao tesouro, a Oak Island Association, mas 20 anos de trabalho não tiveram sucesso. Em 1863 os trabalhadores conseguiram encontrar os baús, mas não conseguiram elevar o achado à superfície - os baús caíram a uma profundidade de 70 m (- O.G.). Tentativas de chegar ao fundo da mina foram feitas repetidamente, mas tudo acabou em fracasso. Os trabalhadores contratados eram frequentemente mortos, o que causava rumores supersticiosos sobre fantasmas que guardavam o tesouro. O achado mais valioso é uma placa com uma inscrição cifrada (de facto, duas

²⁹⁴ Mayer J. de. *Minas Templárias de Prata / Per. dos Franceses // Em todo o mundo.* - 1993. - - Nº4. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1492/>.

pedras com inscrições - O.G.). Em 1967, um caçador de tesouros Daniel Blankenship baixou uma câmara para dentro da mina e conseguiu arranjar os baús que tinham sido perdidos por anteriores caçadores de tesouros. A câmara também capturou os contornos dos ossos humanos. A mina foi revendida hoje em dia, mas ninguém se atreveu a começar a procurar. Em 2006, foi decidido continuar o trabalho, cujos pormenores não são revelados"²⁹⁵.

É verdade que há relatos de que o primeiro grupo de caçadores de tesouros, liderados por Daniel McGuinness, a quem os registos do tesouro foram entregues pelo seu avô John McGuinness, uma vez um marinheiro (afogado em 1805), encontrou um tesouro. Após uma pesquisa cuidadosa, verificou-se que a "mina de dinheiro" acima da qual o edifício McGuinness estava localizado era apenas uma parte de um gigantesco complexo aquático, do lado da Baía do Contrabandista na ponta norte da ilha, estava ligada a pelo menos vários túneis de drenagem que enchiam constantemente os níveis inferiores com água do mar, impedindo assim o acesso ao conteúdo. Por esta razão, o primeiro grupo de investigadores passou vários anos a tentar bloquear os túneis e, finalmente, a 23 de Agosto de 1813. (como evidenciado pelo diário milagrosamente conservado de Joe Sellers) um barril de carvalho foi removido para a superfície. Os vestígios de caçadores de tesouros são então perdidos. Nenhuma descoberta oficial foi relatada, e o destino dos principais personagens desta história é também desconhecido. A exceção é Anthony Vaughan, cujos vestígios foram encontrados em Londres (Reino Unido), onde possuía grandes propriedades no Canadá e Inglaterra, e o filho de Anthony Vaughan, Samuel, num dos leilões comprou jóias da sua esposa no valor de cerca de 50 mil libras esterlinas (quando convertidas a preços modernos - cerca de 200 mil dólares).

Também, durante a busca em 1896, um berbequim levanta fragmentos de pergaminho com as letras "w" e "i" da mina para a superfície, mas mais uma vez, esta descoberta permanece sem consequências. No início do século XX. as buscas na mina começaram "Companhia dos Tesouros Perdidos" (fundada em 1909, com um capital foral de 250 mil dólares). Os seus directores incluíam o futuro Presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt. Sendo advogado em Nova Iorque na altura, ele, acreditando que o tesouro da Rainha francesa Maria Antonieta, que desapareceu na queda da monarquia, investiu 5 mil dólares em busca de tesouros, mas como muitos outros, foi obrigado a deixar a ilha de mãos vazias após dois anos.

Segue-se uma grande citação da investigação de A. Biriuc "O Mistério da Ilha do Carvalho", uma vez que este texto desapareceu agora da Internet:

"... Em Maio de 1929, a empresa alemã Deschimag Frankfurt recebeu autorização para realizar trabalhos de prospecção. Há muito pouca

²⁹⁵ Rudenko E. *Tesouro Templário em Oak Island* // <http://lenarudenko.livejournal.com/123624.html>.

informação sobre as especificidades do trabalho realizado por esta expedição sobre o Carvalho. Só foi possível estabelecer que, ao contrário de todas as outras expedições que operavam na ilha antes e depois do Deschimag, todo o equipamento, equipamento, trabalhadores e mesmo provisões que a empresa trouxe directamente da Alemanha - a expedição não teve absolutamente nenhum contacto com o continente. Todos os contactos dos membros da expedição com a população local foram mantidos ao mínimo, o local de trabalho foi vedado com uma cerca alta e arame farpado, e cuidadosamente guardado por numerosas espingardas armadas com cães e holofotes. O trabalho de levantamento continuou até Setembro de 1929, e após a sua conclusão, cujos resultados ainda hoje são desconhecidos, a expedição mergulhou no navio em que chegou e deixou a ilha. Segundo histórias locais, pouco antes da partida da expedição na parte oriental da ilha, ocupada por uma estranha concessão, durante todo o dia e toda a noite, as poderosas explosões agitaram-se. Poder-se-ia supor que os trabalhadores estavam a romper novos túneis, mas quando os caçadores de tesouros deixaram a ilha, a família Sellers, que queria olhar para o local de trabalho, encontrou apenas minas explodidas. Os alienígenas até queimaram o quartel onde os trabalhadores viviam, e levaram com eles todo o arame farpado. Se os caçadores de tesouros o encontraram ou não, permaneceu um mistério. Os Vendedores não encontraram absolutamente nada que lhes permitisse julgar o sucesso do seu trabalho. Embora um jornal noticiasse que a expedição ao Carvalho nada encontrou, foi muito estranho... Documentos oficiais canadianos e britânicos da época não fornecem quaisquer dados, como se o Carvalho não fosse uma concessão estrangeira, e o seu próprio Ministério da Defesa. Estes documentos limitam-se a afirmar simplesmente que foi celebrado um contrato entre os representantes da Daschimag Frankfurt para a realização de trabalhos de inquérito e que a parte alemã cumpriu todas as regras e regulamentos anotados no contrato. Quer o tesouro tenha ou não sido de facto encontrado - isto não parece ser de grande interesse para as autoridades canadianas ... Agora era necessário fazer inquéritos sobre a própria firma Daschimag Frankfurt. No entanto, como era de esperar, todos os arquivos desta firma foram perdidos, sabe-se apenas que a firma foi fundada em Frankfurt em 1928, mas por alguma razão teve a sua sede em Hamburgo. Durante o ano da sua "actividade", ela mostrou pouco, e em breve "morreu" calmamente. Não foi necessária muita inteligência para compreender que "Deshimagus" era uma empresa fictícia. Havia uma pergunta - quem estava por detrás de todo este empreendimento? Mas em nenhum documento oficial da época houve qualquer pista do misterioso organizador da expedição por detrás do tesouro de Carvalho. No entanto, foi possível encontrar uma referência ao navio em que a expedição chegou a Oak. De acordo com documentos canadianos, o navio chamava-se "Hamburgo" e era um cargueiro de 10 mil toneladas de deslocamento.

Contudo, em 1929 não constava na lista do Lloyd's de um navio a vapor com tal nome, a partir do qual se podia concluir que o nome era falso, ou que o navio não constava das listas da frota mercante alemã, e era militar... Neste caso, verificou-se que a expedição ao Carvalho representava os interesses de todo o Estado, e foi organizada pelo Governo, porque em tempo de paz, é pouco provável que a própria frota possa levar a cabo uma acção tão ultra-secreta, independentemente dos objectivos que perseguia. Mas então o facto de ser muito ultra-secreto deu origem à questão mais importante: porquê? PORQUÊ TUDO ISTO? E de facto - porque é que o governo de um Estado teve de assumir o risco de se comprometer como resultado de um possível fracasso do verdadeiro esquema destinado a enganar o governo de outro Estado em questões tão distantes dos problemas das grandes políticas, como uma tentativa de roubar a propriedade de outra pessoa? - talvez seja algum tipo de operação conjunta Canadá-Alemanha? Nesse caso, todos os vestígios iam ainda para Hamburgo... À luz da próxima investigação, pode parecer muito estranho que tenha sido uma empresa comercial envolvida na caça ao tesouro naquele momento difícil, e não uma sociedade anónima especialmente estabelecida, como é habitual nesses casos. Dashimag não emitiu quaisquer acções, e todo o poder interno estava concentrado nas mãos de uma pessoa - o director Dietrich Clausen. Durante a sua curta existência, a firma não fez quase nenhuma transacção mais ou menos notável, justificando o aparecimento nas suas contas de uma quantia bastante grande de cem mil deutschmarok, que foram contratados por algum Julius Bregger, que assumiu o trabalho de levantamento na ilha de Oak ... Se antes da criação do "Dechimag" Clausen não era dos pobres, o novo, 1930 ele conheceu o proprietário de um complexo turístico na Áustria. Contudo, alguns anos mais tarde, pouco antes de a Áustria aderir ao Terceiro Reich, cancelou apressadamente todos os seus negócios na Europa e afastou-se do pecado - para a América, onde os seus vestígios, infelizmente, se perderam. Assim, a "falência" da empresa de Hamburgo não teve qualquer efeito sobre o bem-estar do seu director, mesmo pelo contrário, e isto indica ainda mais que em 1929 o tesouro do Carvalho ainda foi encontrado. Mas como foi lá parar? Não foi Clausen quem aproveitou o trabalho de Bregger, pois não? E é improvável que o próprio Bregger tenha liderado todo este empreendimento - é evidente que nas suas costas estavam forças mais poderosas ... Quatro anos antes da criação de "Deshimaga" Bregger "iluminado" noutra caso - a sua assinatura estava num documento de acompanhamento, armazenado nos arquivos portuários de Stettin. De acordo com este documento, Bregger era o representante da empresa alemã Seebruggen, que fretou um navio a vapor chamado Edmund Hugo Steennes para o transporte de maquinaria agrícola para a URSS. Agora muitos fãs da história nacional já sabem bem que para a maquinaria agrícola foi transportada exactamente a 28 de Junho de 1925 por este navio a vapor de Stettin para Leninegrado. Eram 50 lutadores

holandeses "Fokker-DXIII" comprados para a escola aérea secreta alemã em Lipetsk... Assim, acontece, onde a curiosidade pelos segredos dos tesouros de Oak Island pode trazer! Em alguma fase da solução deste interessante enigma juntou-se o historiador alemão Herbert Fraser, autor da monografia de 1989 "Raízes alemãs da aviação soviética" ... (Em 1930. Chegou a Lipetsk da Alemanha com o novo comandante da escola Mako Mor como chefe do laboratório fotográfico, mas um esquadrão de Karl Opelbaum, que tinha uma experiência considerável do movimento revolucionário comunista, foi um dos líderes dos marinheiros da revolta em Kiel, mas depois emigrou para a União Soviética, onde trabalhou para o Comintern, mas em 1928. ele aparece novamente na Alemanha, em Hamburgo, como proprietário de um estúdio fotográfico, o que lhe traz muitos rendimentos. Logo no início de 1929, fundou a empresa A.M.S.A.G. trade and intermediary firm, cujo nome não pode ser decifrado e que vende plataformas de perfuração. E foi em 5 de Março de 1929 que 100.000 Reichsmarks foram transferidos das contas da A.M.S.A.G. para as contas da Dechimag Frankfurt - exactamente como um dia depois, em 6 de Março, Julius Bregger, que tinha celebrado um contrato com esta empresa, recebeu-o. Após a transferência do dinheiro para Deschimagüe, a sua empresa sobreviveu à empresa de Clausen apenas duas semanas, após as quais os vestígios do fotógrafo desapareceram novamente em direcção a Moscovo. Aparece então na Península Ibérica e é evacuado de Espanha após a queda do regime republicano sobre o último barco a vapor soviético que retirou o tesouro da República Espanhola. A 3 de Julho de 1941, a sede do 21º Corpo de Infantaria, ao qual Karl Opelbaum foi atribuído como intérprete, foi rodeada por Gdoszew e capturada pelos alemães. Opelbaum foi identificado e imediatamente transportado para Berlim, onde foi pessoalmente tomado pelo Chefe de Segurança do Reich, Walter Schellenberg. Nos registos de Schellenberg, não incluídos nas suas memórias do pós-guerra, mencionava o envolvimento do Opelbaum na busca dos diários de um certo Ivan Ustyuzhin, que alegadamente queria nos anos 20 por ordem do próprio Estaline. Como testemunhou Opelbaum, a sua primeira tarefa ao serviço dos comunistas russos foi a de procurar todos os documentos relacionados com a expedição do Coronel Benevsky, realizada em 1771. Passado algum tempo, Opelbaum foi entregue ao chefe Muller da Gestapo. Segundo o próprio Schellenberg, após a guerra Muller fugiu para os russos, porque tinha colaborado secretamente com eles desde 1943, ou mesmo muito antes - O.G) ... Ivan Ustyuzhin era membro da expedição Moritz (Mauritia) de Benevsky, conhecida na história como a "Odisseia dos Bolcheviques Ostrozhniki". Benevsky era um coronel polaco, que caiu no massacre de Kamchatka em 1765 pela sua participação na rebelião de Katowice contra Catarina II, que após a morte do último rei polaco, em Agosto III, planeou levar a Polónia às suas mãos. No dia 27 de Abril de 1771, eclodiu uma rebelião em Bolsheretsky ostrog em Kamchatka,

cujo instigador, é claro, foi este mesmo polaco. Os rebeldes torceram pequenos guardas, "derrubaram" o governador militar de Kamchatka e iam partir na direcção sul na galé "São Pedro", atribuída à cidade armazenada, mas não adaptada para a navegação de longa distância. A companhia de viajantes era muito diversificada, era constituída por aristocratas e antigos oficiais do exército czarista, e pelos bandidos mais esfarrapados. Além disso, a expedição, destinada a regressar à Europa, juntou-se a muitas pessoas livres: comerciantes, soldados, marinheiros, industriais, e alguns reunidos num caminho perigoso, mesmo com esposas. Beneowski declarou-se "o residente da mais gloriosa República da Polónia e Sua Majestade Imperial o Camareiro Romano" e assumiu toda a liderança. Duas semanas após o golpe, "São Pedro", carregado de mantimentos retirados dos armazéns da prisão, levantou as velas e partiu ... A viagem em torno da Ásia e África durou um ano..... Em 7 de Julho de 1772, este navio, tendo finalmente atravessado três oceanos, ancorado no porto da cidade francesa de Port Louis, e esgotado por longas viagens de viajantes espalhados pela Europa, que é onde ... Então Benevsky vai para a América, e a proclamação da independência dos Estados Unidos apanhou-o em Baltimore, onde está ao serviço de uma rica casa comercial "Vesop & Co. Filho como administrador financeiro... Em 1784, um polaco inquieto consegue persuadir os seus mestres a enviar uma expedição a Madagáscar para estabelecer ali colónias prósperas e realizar um comércio lucrativo com os habitantes locais, apesar dos franceses em fúria. A bem equipada e armada Brigada do Capitão Pratt deixa Baltimore para África em breve... A última produção do Pólo da Sorte foi a galera francesa "Anjeblois", que, segundo o governador da colónia francesa na Índia, Marius de la Guellera, continha ouro e diamantes numa quantia verdadeiramente fantástica - pouco menos de quinze mil milhões de francos. Após a captura de "Anjeblois" Benevsky finalmente deixou o Oceano Índico e desapareceu juntamente com a colossal exploração mineira durante um ano e meio. Mas em 1787, "Capitão Pratt" encontrou-se subitamente nas proximidades de St. Pierre, o centro administrativo da colónia francesa de Michelon, situada ao largo da costa da Terra Nova no Atlântico Norte. Benevsky tenta atacar a Brigada "Chopin", que acaba de chegar de França e entrega provisões e outros bens para os colonos. No entanto, desta vez a sorte não esteve do lado do antigo governador de Madagáscar - as armas dos fortes costeiros de St. Pierre carregavam "Capitão Pratt" na poeira, e ele próprio e a maioria da sua equipa são mortos pela explosão das caves de pólvora ... As autoridades francesas estão muito interessadas nos piratas sobreviventes, na esperança de nos dizerem onde se perderam os valores de Beneuve capturados no Anjeblois e outros navios franceses no Oceano Índico - um levantamento exaustivo dos restos dos destroços nas águas rasas do "Capitão Pratt" mostrou que não há ouro a bordo. Mas os prisioneiros prefeririam morrer a revelar o segredo. O governador francês decide então enviar testemunhas

valiosas para França, onde pensa que elas serão desamarradas com certeza. 16 de Fevereiro de 1787 "Chopin" regressa a França, tendo a bordo piratas presos no número de 23 pessoas, mas o navio desaparece algures no vasto Oceano Atlântico, e o mistério permanece um mistério até ao nosso tempo. Mas, como se revelou mais tarde, naquele infeliz dia para o próprio Benjovsky, quando o seu navio descolou, faltava um homem ao "Capitão Pratt", que foi um companheiro constante do Polaco durante dezasseis anos e que se dedicou a todos os assuntos e até aos segredos do seu patrão. Este homem era o mais leal dos seus discípulos - "filho popovsky" e navegador Ivan Ustyuzhin, que poucos dias antes da batalha de St. Pierre foi secretamente desembarcado em Halifax por causa de uma doença, que em condições de navio não conseguia enfrentar. Não foi possível descobrir que tipo de doença, mas o facto é que a testemunha mais importante no caso do tesouro de Anjeblois evitou com sucesso o destino do seu professor e dos seus camaradas! Após a morte do "Capitão Pratt" e a sua recuperação, Ivan Ustyuzhin fica muito tempo no estrangeiro, e depois vem para a Rússia. Em São Petersburgo, graças ao seu conhecimento de línguas, entra ao serviço do Colegiado Estrangeiro. Nada diz que tenha conseguido utilizar os valores escondidos por Benevsky, mas desde 1791 até à sua morte, que ocorreu em 1799, ele tenta repetidamente interessar os funcionários reais, bem como os empresários e industriais privados, nas perspectivas de organizar uma expedição equipada com ... Labrador! Dado que Ustyuzhin era um estudante de Benevsky, conhecido pelo seu empenho nas ideias de colonização de Madagáscar tropical, este interesse pelo deserto e pelas margens inóspitas das terras circumpolares não pode ser considerado mais do que inadequado, e mesmo uma maravilha estúpida. Contudo, considerando as tentativas deste homem invulgar de estar novamente ao largo da costa da América do Norte à frente de uma expedição bem preparada e equipada à luz do velho tema dos tesouros desaparecidos, é fácil calcular que Labrador não está tão longe da Nova Escócia, perto da qual se encontra tão infame ilha Oak! O apelido de McGuinnis (isto é, o marinheiro cuja casa estava na própria mina de dinheiro! - O.G.) também aparece nos materiais sobre Ivan Ustyuzhin, que "bombardeou" os burocratas de São Petersburgo até 1799. Um dos relatórios apresentados pelo escrivão Khotinsky ao Coronel de São Petersburgo do Colégio Marítimo fala de um certo McGuinnis - o "companheiro" de Ustyuzhin na "viagem" passada, que, "...sendo um súbdito da Aglitz, deu a favor do Império Russo alguns segredos relativos, nomeadamente, à informação sobre a Passagem Noroeste sobre o Novo Mundo há muito procurada pelos marinheiros de todas as nações, que poderia ser utilizada pelos navios russos que se dirigiam de São Petersburgo e Arkhangelsk para as costas de Kamchatka e da América russa ... Contudo, estas pistas permaneceram pistas até que algum arquivista viu um artigo no jornal "Izvestia" datado de 12.3.1920, dedicado a vários rebeldes da época dos

czares, começando por Bolotnikov, Razin, Pugachev e terminando com os bombardeiros - nacionalistas. Neste artigo foi também mencionada a rebelião em Bolsheretsky ostrog em Kamchatka, em 1771. Um autor desconhecido deste artigo, encriptado sob o pseudónimo "Oktyabrsky", afirmou saber a localização dos diários de I. Ustyuzhin, o associado mais próximo de Benevsky, que durante quinze anos manteve a crónica deste "glorioso lutador pela felicidade nacional... .. e o criador de um remoto Madagáscar livre de qualquer exploração da povoação chamada Liberstadt ("Liber" - Latim para a Liberdade) ... Assim, no final de 1929, um joalheiro parisiense chegou a Berlim num outro leilão para fixar o preço das "bugigangas" do Hermitage e de outros museus, exibidas por agentes de Estaline para venda. E de repente afirma na imprensa que reconheceu muitos dos artigos que estavam presentes no inventário de um carregamento de jóias submerso em 1786 em "Anjeblois", belo trabalho de artesãos indianos e chineses. Em apoio das suas palavras, ele atordoou o original deste mesmo inventário, extraído de alguns arquivos antigos. Mas no dia seguinte, o joalheiro desaparece subitamente sem deixar rasto juntamente com o seu jornal. Não passa um ano enquanto os "malditos burgueses", um após outro, começam a reconhecer a URSS como uma das principais forças mundiais e enviam os seus melhores embaixadores e diplomatas a Moscovo. E a industrialização soviética está a ganhar força, e mesmo as crises mundiais mais terríveis já não são boas para ela. Estaline ganhou a sua primeira batalha com inimigos externos, e o mérito do coronel polaco Benevsky é óbvio... Como resultado da manobra, Estaline recebeu a técnica e vendeu o ouro, cuja origem era tão duvidosa que em outros tempos poderia levar a consequências imprevisíveis. E para isso não precisava de fazer quase nenhum esforço²⁹⁶... " .

Mas também - é possível que o Rei de Madagáscar, o Conde da coroa francesa e do Sacro Império Romano, um general brigadeiro e um cavaleiro da Ordem de São Jorge. Louis Mate Moritz Michael Ferenc Serafin Augustus de Beneuve (1746-1786), sendo um "templário" maçónico (relatou pessoalmente a George Washington o projecto de criar uma "Legião Americana" de voluntários europeus, apoiantes da liberdade, e era amigo do enviado americano em Paris, Benjamin Franklin, que mais tarde tomou parte activa na educação dos seus filhos), em contacto com os círculos de descendentes dos grandes navegadores (fascinado pela ideia de colonização de Madagáscar, Jean-Hyacinth de Magellan, membro da Royal Society of Science de Londres, descendente do famoso navegador), foi dedicado a algum "mistério sobre onde é melhor esconder o tesouro" (o facto de na ilha ter encontrado moedas espanholas do século XVI. O facto de as moedas espanholas terem sido encontradas na ilha no século XVI indica que ele era um "pedaço de terra" muito famoso) e usou-o para esconder o seu (talvez com a ajuda de um talentoso

²⁹⁶ *Biryuk A.V. Oak Island Mystery // <http://www.4ygeca.com/oakisle3.html>.*

engenheiro russo Grigory Ryumin, que em 1749 fugiu para o Novo Mundo pela sua participação numa conspiração contra Catarina II). Foram então encontrados pelos agentes do Kremlin que fingiam ser alemães, o que contribuiu significativamente para a superindustrialização da União Soviética, mas ... Isto não permitiu o verdadeiro mistério da Ilha do Carvalho!

Em 1955, uma empresa chamada Texas Petroleum Syndicate opera em Oak Island. Através da hiper-perfuração é possível estabelecer que por baixo da ilha existem extensas cavidades cársticas cheias de água do mar. Daniel Blankenship, juntamente com o seu parceiro David Tobias, fundou a Triton Alliance Ltd. em 1967 e comprou a maior parte da ilha para continuar a escavação. Passou vários anos a preparar-se cuidadosamente, tentando obter todas as informações possíveis sobre a própria ilha e o trabalho na Mina do Dinheiro, incluindo cópias de ambas as pedras cobertas de inscrições encriptadas. É D. Blankenship quem detém as tentativas de descodificação. Também inspeccionando a costa da Enseada do Contrabandista, descobriu as ruínas do antigo cais trazidas pela areia ... Colocaram um peão com o nome 10X no noroeste da mina. A uma profundidade de 65 m, a broca descansou na base rochosa da ilha, mas a perfuração continuou, e finalmente foi encontrada uma caverna subaquática. As câmaras subaquáticas registaram uma escova humana cortada, uma imagem desfocada do crânio, contornos igualmente desfocados de arcos, peças de madeira e várias ferramentas. No entanto, as imagens revelaram-se de muito má qualidade, e não foi possível estabelecer definitivamente o que nelas foi retratado. No final, a grelha ruiu, a escavação teve de ser feita novamente, mas o trabalho parou devido à falta de fundos e desacordos entre parceiros. Os processos continuaram até ao ano 2000, e desconhece-se quem foi autorizado e selou o rumor de que D. Blankenship, descendo para o navio, viu ali algo que o fez fugir da ilha em pânico. Mais tarde, foi morto num incidente de furto em lojas, que também foi atribuído à "maldição da ilha". (anteriormente, uma família de quatro homens de Restals sufocados num dos fossos). Em 2005, parte da ilha, originalmente propriedade de David Tobias, deixou o leilão por 7 milhões de dólares. A agência de viagens de Oak Island ofereceu-a ao governo canadiano, mas foi recusada. Em Abril de 2006, a ilha foi comprada pela Equipa de Perfuração Subterrânea de Michigan. O montante exacto do acordo permanece em segredo. Em 2013, a caça ao tesouro foi continuada por dois irmãos, Rick e Marty Lagina. Os resultados do seu trabalho em conjunto com o mesmo Daniel Blankenship foram mostrados na série de televisão documentário de três estações "The Curse of Oak Island" (2014-2019) no canal de televisão Discovery-History.

A versão sobre um açude pirata numa mina em Oak Island não resiste a críticas, porque, em primeiro lugar, os piratas (alcaparras) não tinham conhecimentos em hidrotécnica e mineração sem os quais a Mina do Dinheiro e o seu complexo associado não poderiam ser construídos, e em

segundo lugar, os peritos calcularam que tal trabalho, que faz lembrar as estruturas hidráulicas francesas (mesmo tendo em conta que no início a mina era uma cavidade cársica criada pela natureza, semelhante aos poços sagrados dos senados Maias para sacrifícios de mergulho), exigiria com conhecimentos e instrumentos do século XVIII. Seis meses de trabalho para cerca de 100 pessoas, e, em terceiro lugar, caches tão complexos contradiziam a própria psicologia pirata, que se baseava em "viver num dia", uma vez que o dia seguinte já não podia vir.

A crença no trilho templário é também apoiada pela descoberta de uma camada de esponja de coco na mina a uma profundidade de 18-19 metros, que se encontrava abaixo do nível da água na chamada Smith's Bay. Acreditava-se que estes eram os restos de um antigo sistema de drenagem que impedia a água do oceano de entrar nas profundezas da ilha. Era fibra de coco que tinha sido usada há muito tempo para fazer cordas e cordame de navios. Uma amostra do material encontrado na baía foi enviada para a Smithsonian Institution (EUA), onde foi finalmente confirmada como uma esponja de coco. A análise radiocarbónica (1960) mostrou que as fibras de coco tinham cerca de 600-800 anos, ou seja, a palmeira da qual as fibras foram extraídas foi cortada em 1200-1400.

Foi também encontrada uma pedra com um petroglifo estrelado de oito pontas 60 km a nordeste da Ilha de Oak. É semelhante a um símbolo bíblico antigo semelhante da terra, e alguns investigadores ligam este achado aos tesouros perdidos do Templo de Salomão em Jerusalém, segundo a lenda, encontrados e levados pelos cavaleiros templários ("Templários").

A tradição de construção na Europa sob os mosteiros de armazenamento, onde ouro, jóias e obras de arte foram acumulados, tem sido de mais de mil anos. As galerias subterrâneas do Carvalho e as passagens subterrâneas escavadas sob antigas abadias inglesas são surpreendentemente semelhantes. Se pusermos de lado as pequenas discrepâncias, podemos assumir que elas foram feitas pelas mãos dos mesmos mestres. Por exemplo, em 1560, quando o parlamento inglês dissolveu a abadia na Catedral de Santo André, o tesouro da abadia desapareceu subitamente²⁹⁷. Provavelmente da mesma forma que os tesouros templários já tinham desaparecido antes.

Esta ilha canadiana de carvalho (Oak) é conhecida dos europeus desde a época romana. No final de 2015, a edição americana do "Boston Standard" foi reunida que um grupo de arqueólogos norte-americanos descobriu um antigo gládio-espada romano e o esqueleto de um navio em Oak Island, localizado ao largo da costa da província canadiana da Nova Escócia. O investigador Jovan Pulitzer e os seus colegas da Society for the Preservation of Ancient Artefacts, que descobriram estas descobertas, disseram que no início de 2016 pretendem publicar artigos sobre a descoberta na Internet e

²⁹⁷ Babenko V. *História incomum da ilha de Oak // Em todo o mundo. - - 1974. - - №4.*
- <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/5056/>.

várias publicações científicas. Vale a pena notar que a espada foi descoberta por pescadores locais que tinham medo de contar a sua descoberta, uma vez que as leis da província prevêem sanções severas para aqueles que tentam recuperar objectos de valor dos naufrágios. O homem que tinha levantado o gladiador do fundo tinha acabado de morrer e os seus parentes tinham decidido entregar a arma aos arqueólogos. A tripulação do Pulitzer aguarda agora autorização das autoridades da Nova Escócia para escavar e recuperar o antigo navio romano.

Também no continente canadiano (sudeste do Ontário), na área da cidade de Peterborough, na costa do rio Otonabi, existe um Parque Petroglyph Provincial, alguns dos quais se crê terem sido gravados numa laje de calcário cristalino por comerciantes escandinavos há vários milhares de anos. As imagens de animais, símbolos solares, formas geométricas, barcos e figuras humanas reflectem o estilo utilizado no Velho Mundo e não o típico dos índios Algonquin. Por exemplo, de acordo com o Professor Robert Shoch da Universidade de Boston, um graduado do Departamento de Geologia da Universidade de Yale, o grande navio é retratado ao estilo escandinavo - tem um grande remo de direcção na popa, que era utilizado apenas em navios com mais de 30 metros de comprimento, e a população indígena local não fazia barcos tão grandes.

B. Fell declarou no seu livro "The Bronze Age of America" (1982) que os símbolos de pedra de Peterborough propriamente dito são feitos para ter em conta os acordos comerciais do rei escandinavo da Idade do Bronze Vodan-Lithy. Algumas das inscrições Fell traduziram-se da seguinte forma: "O grande rei de Ringerica Wodan-Lithy ordenou a gravação das runas. Levou um navio com o nome de Gunnir... Para uma barra de cobre de excelente qualidade, o rei veio por testes". Mas D. Kelly, que goza de grande autoridade nos círculos científicos através da descodificação de personagens maias, questionou a exactidão da tradução de Fell, mas concordou que os petróglifos são provavelmente feitos por comerciantes escandinavos. B. Fell datado dos petróglifos de 1700 a.C., e D. Kelly estimou que eles foram gravados em 800 a.C. Depois, a maioria das inscrições nas rochas de Peterborough foram feitas pelos índios Algonquin, tentando imitar o que os escandinavos escandinavos esculpiram originalmente do calcário. Não por nada, entre os índios, estes petróglifos de Peterborough são conhecidos como "pedras de aprendizagem". Diz a lenda que eles são um lugar de comunicação com os espíritos que uma vez trouxeram presentes²⁹⁸.

O biólogo e epigrafista de Harvard Barry Fell e o epigrafista e arqueólogo graduado de Harvard David Kelly determinaram que estes petróglifos correspondem ao estilo da escrita proto-tífnea líbia (numidiana)

²⁹⁸ MacIsaac Tara. *Petroglifos deixados no Canadá pelos escandinavos 3.000 anos atrás?* // *Epoch Times*. - - 2015. - 24 de Agosto. - <http://www.theepochtimes.com/n3/1734445-petroglyphs-left-in-canada-by-scandinavians-3000-years-ago/?photo=7>

no Norte de África, na região das Montanhas Atlas, e que esta escrita antiga era utilizada na Idade do Bronze na Escandinávia, Itália e Norte de África. "...O pró-fina", assinala R. Shoch, "deu aos escandinavos analfabetos a oportunidade não só de tomar notas mas também de compreender os registos dos seus parceiros comerciais mediterrânicos. Os noruegueses pediram o alfabeto emprestado e depois transmitiram-no através do Atlântico para o Novo Mundo ... A antiga proto-tipinologia escandinava não é mais estranha que o iídiche moderno, um dialecto alemão que utiliza o alfabeto hebraico ou maltês, a única língua árabe do alfabeto latino. Os actuais Tufig Berber Tuaregs do Sara podem ler estas inscrições arcaicas mas não compreendem o seu significado. Isto é compreensível se recordarmos as palavras do linguista francês A. Basset: "Tentar decifrar as inscrições líbias utilizando a língua berbere moderna é tão inútil como interpretar as inscrições latinas utilizando a língua dos subúrbios parisienses". Na ciência linguística, é geralmente aceite que o alfabeto Tifinagh deriva da antiga escrita turdetana do sul de Espanha (a civilização Tartess) e da escrita Guanche das Ilhas Canárias. De facto, estudos sobre a ilha de Gran Canaria estabeleceram que os Guanches deixaram pinturas rupestres, que representam vários tipos de navios antigos. Alguns deles assemelham-se a navios de petroglifos escandinavos e, ao mesmo tempo, aos navios retratados nas rochas do Deserto Núbio e em vasos do Dodinasty Egypt²⁹⁹.

Além disso, a arte de "tecer" padrões mágicos de "runas" (signos), presentes em petroglifos e arte tatuada como a Escandinávia Germano-Finlandesa, Escócia Celta-Picta, Cárpatos Hutsul, Eurásia Turco-Mongólia, Ilhas Japonesas, Oceânia Polinésia, e culturas ameríndias da América do Norte, Central e do Sul, também tem as suas raízes na magia atlanta-berberiana e na tradição visual do ornamento facial negro Harqus, desenhado ou tatuado, arqueologicamente documentado já nos anos 3000. B.C. Os padrões de Harqus são naturais e simbolizam fertilidade, protecção contra espíritos malignos, agricultura, adoração de elementos naturais - sol, lua, terra, fogo. A base do corante preto é o óxido de ferro preto (óxido de ferro preto), é resistente à água e permanece na pele, não suja, não manchada e não lavada, e removeu o álcool isopropílico. Agora, devido aos requisitos mais estritos do Islão, as mulheres berberes retiveram alguns elementos do harcue - uma tatuagem de hena de casamento ou mehendi temporária. Desenhos nos braços dão leveza, nas pernas - proteger dos maus espíritos da terra, tatuagem no peito aumenta a sensualidade, nas costas - cura a infertilidade. Mas o verdadeiro padrão berbere, que como um todo é a essência de um harcourt como uma tatuagem facial, tem pouco em comum com os padrões de mehendi. O simbolismo dos padrões de um harcouse é muito versátil, mas a tatuagem mais comum é o diamante. Simboliza a

²⁹⁹ *O desconhecido N. Blondes com um passado vago. Dez segredos dos antigos Guanches // Em todo o mundo. -- 1996. -- № 7. - <http://www.vokrugsveta.ru/vs/article/1285/>.*

origem feminina, a fertilidade, a unidade dos opostos. A próxima mais comum - uma lua crescente com três pontos - significa renovação, desenvolvimento. Além disso, pode-se encontrar sementes, o sol e outros sinais sagrados. As marcas de tatuagem de Harcus não são frequentemente interpretadas separadamente, e a mensagem só é lida quando os detalhes são resumidos. Tudo isto é o simbolismo de mulheres Imazighan ("pessoas livres") orgulhosas e livres, pessoas que foram capazes de preservar a sua cultura antiga sem a dissolver na religião introduzida a partir do exterior. Nesta síntese, os sistemas simbólicos têm uma essência misteriosa, uma espécie de poder universal - "Poder", chamado "Baraka". Em árabe e árabe significa "bênção" e na tradição sufi é entendida como "o sopro da vida", uma força positiva universal do universo. O poder sagrado do baraka passa para o fogo, fumo para fumar (sandália e mirra), plantas (henna e oleandro), cerâmica, têxteis bordados e homem, protegendo tanto o objecto como o seu criador. Reclamando-se através dos padrões do harco, o "Poder" invade a consciência do homem, abre-se para ele, por isso a atitude para com as "runas" deve ser ritual, muito íntima e cultural. As "runas" berberes pertencem a uma camada de existência completamente diferente, que, por estranho que pareça, está em nós, à nossa volta, debaixo de nós e acima de nós. Quando nos familiarizamos com eles, abrimos as "portas da percepção" para as energias "daquele mundo". O seu corpo abre-se, ele começa a sentir que está a comunicar com energias e influências completamente reais em cada uma das direcções individuais. Foram as tatuagens que desempenharam a função codificadora da comunicação humana com o mundo dos espíritos - elas atraem energia especial do espaço secreto, que deve ser eliminada de forma humilde e sem falhas. A tatuagem é um processo de transe meditativo, o artista é como que entre mundos, para que o desenho tenha a sua carga mágica e carregue o significado que o cliente pediu. Fazer runas lembra o processo de nascimento de uma criança: cria-se um "corpo", que depois leva "alma". É por isso, diz James Jareb, o autor do livro "Artes e Ofícios de Marrocos", que os padrões devem ser tratados como um tesouro sem preço. Antes da propagação do Islão, com os seus rígidos princípios da Sharia proibindo a tatuagem do corpo, os padrões de harkuz eram generalizados não só entre os tuaregues do Norte de África, mas também em muitas tribos da Jordânia, Turquia, Iraque, Iémen, e Ásia Central. Mas mesmo após a propagação do Islão, o harcus não desapareceu. Documentação exaustiva em clínicas no final do século XIX - início do século XX. mostra quão difundidos estavam os sinais de harcus em muitos grupos tribais do Norte de África até à Jordânia e do Iraque até ao Turquestão, onde havia aldeias onde 90% das mulheres muçulmanas tinham algumas tatuagens de harcus. Além disso, pinturas de estilo harkuz podem frequentemente ser vistas nas faces dos bailarinos de Tribal Bellidens porque a dança usa movimentos de dança folclórica africanos e orientais e decorações corporais correspondentes sob a forma de desenhos e tatuagens para complementar a imagem.

Capítulo 16. A terra de Yoda Kozma Indikoplov

É improvável que as representações geográficas que existiam durante o tempo dos Templários lhes pudessem ter dado a impressão de que tinham descoberto o "Novo Mundo".

Mas certos factos atestam que os Templários tinham alguma ideia sobre as "grandes terras" no Oceano Atlântico.

Por exemplo, o chamado "Mapa do Mundo de Evesham" é conhecido. Este mapa invulgar do mundo foi criado na abadia da cidade inglesa ocidental de Evesham por volta de 1390. Foi descrito pela primeira vez em 1995.³⁰⁰ Foi descrita pela primeira vez em 1995, embora tenha sido mencionada já em 1936. Ao contrário dos mapas geográficos anteriores que sobreviveram, esta cópia descreve áreas muito grandes no Oceano Atlântico, a oeste de Espanha e no Estreito de Gibraltar. Em vez de uma única ilha da Grã-Bretanha, o mapa de Evesham mostra um arquipélago inteiro com estreitos de mar entre a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales. Em segundo lugar, a costa sul da "Inglaterra" estende-se quase até ao Norte de África, vizinha das tropicais "Ilhas Feliz" da antiguidade. Esta característica não é encontrada em nenhum outro mapa do mundo.

A Abadia da cidade de Evesham, a terceira maior e mais importante da Inglaterra, com as igrejas de Todos os Santos e São Lourenço, foi fundada em 702 por S. Bispo Egwin no local da visão da Virgem, tendo nas suas mãos um livro aberto. O próprio abade Egwin, fundador do mosteiro, fez várias viagens a Roma por mar. O seu emblema era um grande peixe com uma chave na boca. O interessante é que a cidade de Evesham...(Eofeshamme 'House of Pigs') está situada na fronteira sudeste do País de Gales no condado de Wicawon (condado de Worcestershire), outrora um reino tribal anglo-saxónico separado Hwicce (577-804; desde 628 vassal ao reino de Mercia e governado pelos descendentes do rei Merciano Penda), e cujo nome Wychawon vem do Dr. Eofesham. Hwicca, Wiccia, que significa "arca, peito", "árvore oca", "navio sagrado". No rio Avon (Avon), o povo de Hwicca navegou até ao rio Severn e de lá até à baía de Bristol.

³⁰⁰ Barber Peter. *O mapa do mundo de Evesham: Uma visão inglesa medieval tardia de deus e do mundo // Imago Mundi.* - Vol. 47, N 1. - P.13-33. - <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/03085699508592811>



...Naturalmente, séculos após a descoberta do Novo Mundo por Colombo, os subsequentes Guardiães Templários do Mistério tiveram um conflito entre o quadro religioso e científico do mundo. Mas não notar que a sua fonte de prata "Terra Além do Oceano" se revela idêntica ao continente recém-descoberto, dificilmente poderiam ...

Contudo, a finalidade da frota templária deve sem dúvida estar ligada às representações geográficas características da época em que os Templários eram "ativos". E estes, antes de mais, são consagrados pela tradição cristã da cosmografia.

O geógrafo e comerciante bizantino Kozma de Alexandria, apelidado de "Indicople" - "Nadando para a Índia", que rejeitou o sistema pagão de Ptolomeu ("Topographia Christiana", 547-549), tinha um respeito especial. Para além da Índia, visitou a Etiópia moderna, Irão, Arábia e a ilha do Ceilão como mercador. Assim, ele não era apenas um "teórico", mas também um "praticante", o que elevou particularmente a sua credibilidade aos olhos de todos os envolvidos na geografia aplicada - navegação. As opiniões religiosas de Kozma e os métodos dos seus exegetas estão mais próximos do antioquiano ou sírio oriental (falando de Cristo e da encarnação, Kozma usa a língua nestoriana, e intitula-se um estudante dos famosos seguidores de Nestorius - Mar Aba, que tomou o nome grego de Patrick, Theodore de Tarsia e Theodore de Mossouestia, e amigo do teólogo nestoriano Thomas de Edessa), o que aumenta a hipótese de atenção a ele, os cavaleiros do templo, mais de uma vez acusados de ligações com schematistas não-católicos. A sua obra era muito popular, correspondia e traduzia. Veio até nós em várias listas, das quais as principais são as seguintes: Vaticano (grego 699), datando dos séculos VIII-IX; lista de Florença da biblioteca Laurette (n.º 9, lista 28), do século X e lista do Sinai n.º 1186, do século XI. Também

o esquema cosmográfico de Kozma é repetido pelo escritor arménio do século VII Anania Shirakatsi na sua "Cosmografia". As próprias ilustrações da "topografia cristã", como ela própria, tiveram uma forte influência no pensamento medieval³⁰¹.

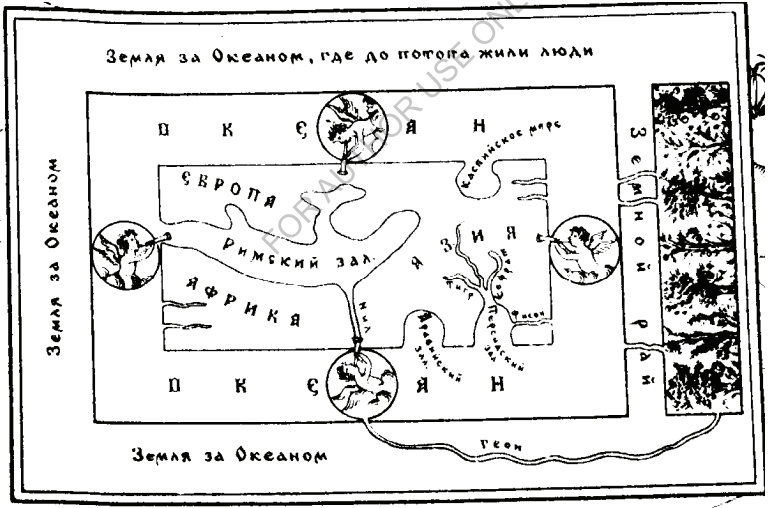
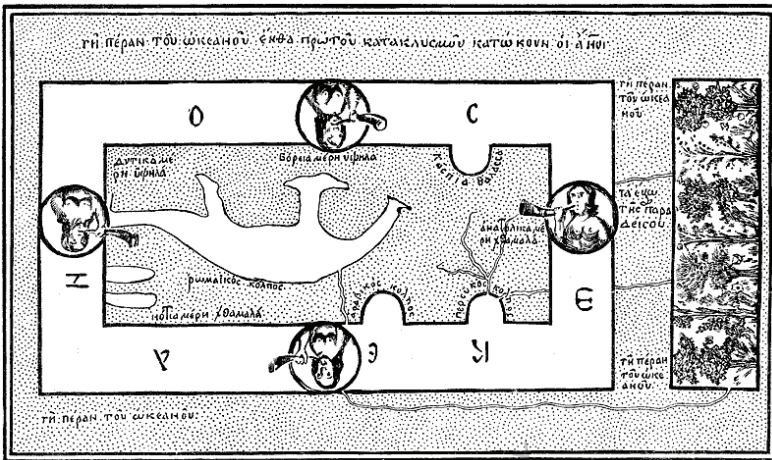
Como salientam, "... o Cosmos do Indikople na sua "Topografia Cristã" inclui a Atlântida no seu esquema cosmográfico, modificando alguns deles de acordo com as Sagradas Escrituras. Ele acreditava que a terra era plana e que o vasto continente estava rodeado por um oceano. O homem apareceu pela primeira vez neste continente, e, afirmando a existência deste continente, Cosmas Indicople refere-se à autoridade de "Timea". A história de Platão, como ele pensava, era a herança da antiga tradição mosaica, mas a Atlântida deve ser procurada no Oriente - era a terra de dez gerações de Noé"³⁰².

Na verdade, a enorme ilha da Atlântida, localizada no oceano a oeste de Gadir (Gadir, Cádiz), Kosma Indioplov identifica-se directamente com a mencionada terra caldeia sábia Berossom, que foi habitada pela população antes das inundações e sobre a qual durante 2242 mil milhões de anos reinaram dez reis (Alorus, ou seja, Adão; segundo Alaaprus, Seth; terceiro Almkdfn, Enoch; quarto Ammefn, Cainan; quinto, Ammegalaros, Malelaeil; sexto, Daonus, pastor de ovelhas, Jaredé; sétimo, Enoque; oitavo, Amempsinachus, Matusalém; nono, Otiortes, Lamech; décimo, Xisuthrus, Noé) e que foi na altura do décimo, conhecido pelo nome caldeu Xisuthrus, que ocorreu a inundação mundial, que deveria ser identificada com a inundação mundial descrita na "Bíblia" na época de Noé, à qual de Adão são 2242 anos. Ao mesmo tempo Kosma menciona a campanha militar dos Atlantes descrita no diálogo "Timey" de Platão, dizendo que "dez reis, tendo comprado mercenários dos países daquela ilha, vieram de uma terra distante e conquistaram a Europa e a Ásia, mas foram mais tarde conquistados pelos atenienses, enquanto a própria ilha foi submersa por Deus no mar" (*Kosma Indkoplov, "Christian Cosmography", Livro XII, 453*³⁰³).

³⁰¹ Pigulevskaya N. *Byzantium on the Ways to India: da história do comércio bizantino com o Oriente nos séculos IV-VI*. - M.-L.: Academia de Ciências da URSS, 1951. - http://www.history.vuzlib.su/book_o021_page_18.html

³⁰² Spence L. *Atlantis. História da Civilização Desaparecida / Per. do Inglês* - Moscovo: ZAO Tsentropoligraf, 2004. - - C. 43

³⁰³ <https://archive.org/stream/christiantopogra00cosmuoft#page/326/mode/2up> ; http://www.tertullian.org/fathers/cosmas_12_book12.htm



Карта Козьмы Индикоплова (549 г.)

E como na "Bíblia" oriental coloca o Paraíso (de Heb. ray "riqueza, felicidade") - "... E o Senhor Deus plantou um jardim no Éden (gan be Eden, de Sumer. idim "fonte de água doce" <e-dim2 "vala construída")³⁰⁴) no leste (kedem, "leste, início, tempos originais"), e aí colocou o homem que tinha criado. E o Senhor Deus cresceu da terra toda a árvore que é agradável na aparência e boa para o alimento, e a árvore da vida no meio do céu, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saiu do Éden para irrigar o paraíso; e depois foi dividido em quatro rios. O nome de uma Physon [Ganges]: flui toda a terra de Habyliah, aquela com ouro; e o ouro dessa terra é bom; há ídolos e pedras ônix. O nome do segundo rio Gikhon [Nilo]: corre toda a terra do Kush. Nome do terceiro rio Hiddekel [Tigre]: corre antes da Assíria. O quarto rio Eufrates" (*Livro de Génesis 2:8-14*), assim, na realidade, o Kozma Indikoplov colocou ali, a leste, sob a forma de terra rectangular paralela ao oikumen habitado, rodeada por quatro mares (golfos do Oceano), "a terra para além do oceano, onde as pessoas viviam antes da inundação". A partir dele, como do Paraíso, os rios começam, mas depois correm através do oceano e aparecem novamente na parte habitada da terra. Esta é a última ideia do desaparecimento e do aparecimento de rios que ele tem da História da Igreja. (433) Philostorg bizantino. Ele "... está interessado na questão da localização na terra do "paraíso" do qual, de acordo com a tradição bíblica, os "grandes" rios Fison, Nilo, Tigre e Eufrates devem fluir. Os seus argumentos baseavam-se na experiência, de modo que toda a terra "a sul", até à costa do mar, disse ele, era habitada e tinha um clima quente. A julgar pela direcção do rio Fison, ele acredita que o "paraíso" é a nordeste do "oceano, contra a ilha de Taprobana". Num outro caso, ele diz que no lado oriental, o "Paraíso" é lavado pelo "mar exterior" (της εξωθεν θαλάσσης), ou seja, as águas do oceano que rodeiam toda a terra. O ar bonito e as águas límpidas fazem sobressair o melhor do "Paraíso". A fim de justificar a teoria de que os rios são originários do "Paraíso" quando a sua direcção real a contradiz, Philostorg defende a teoria do longo fluxo do Tigre e do Eufrates no subsolo antes de regressarem à superfície. Entretanto, conhece bem o lugar da verdadeira nascente de ambos os rios: o Tigre nasce perto de Apiliot "abaixo do Mar de Hirkan", ou seja, o Mar Cáspio, e o Eufrates flui da Arménia, do Monte Ararat. Philostorg descreve em pormenor a direcção de ambos os rios, o seu curso e o seu caudal para o "Mar Persa". Na mesma ligação, é forçado a acreditar que o Nilo também corre sob o Oceano Índico para chegar às suas fontes perto das montanhas da Lua, dirigindo-se para lá a partir do "paraíso" ... Um dos argumentos para a existência do paraíso na terra Philostorg cita o facto de que a Física, pela qual ele provavelmente se

³⁰⁴ Yemelyanov V.V. *Old Testament Edem de acordo com os dados dos textos cuneiformes (à etimologia do termo Edem)* // P.106-113. - https://www.academia.edu/32808145/Ветхозаветный_Эдем_по_данным_клинописных_текстов_к_этимологии_термина_Eden_.

refere ao Ganges, traz com a sua cariofilia das águas. A cariofilia, ou cravinho, era considerada uma "árvore do paraíso", e como "acima", ou seja, a norte deste rio a terra está completamente vazia e estéril, é óbvio que o rio traz um cravo "ou fruto ou cor" do paraíso ... Philostorg indica o fluxo da Física para o oceano "contra a ilha de Taprobana", ou seja, o Ceilão. Esta vista pode ser comparada com um mapa de Kastoria, onde a afluência do grande rio da Índia é contra a Ilha Taprobana"³⁰⁵.

Poucas pessoas notaram que no Antigo Testamento existem dois (!) Paraíso (!) mencionados, e o segundo é o Éden do inferno (*Ez 31,16*), onde o Faraó está condenado a ser derrubado, e onde existem outras "árvores do Éden" - reis passados.

Mas o que é particularmente importante é que no mapa de Kozma, o oceano transforma-se num mar interior, abraça de todos os lados "terra para além do oceano onde as pessoas viviam antes da inundaçãõ".

E as suas partes ocidental, meridional e setentrional não estão tão longe da Europa Ocidental, ainda mais perto da Palestina. "...Kosma Indikoplev chamou a terra dos povos ocidentais pré-inundados como Yod Land"³⁰⁶

Também a "terra Yod" ocidental e os seus habitantes, de acordo com G. Jemal, são mencionados no "Alcorão": "... Quanto à viagem de Zul-Karnain (Alexandre o Grande, - O.G.) lá, "onde o Sol se põe numa nascente nublada": ([Ia] e finalmente chegou [ao lugar onde] o pôr-do-sol, e descobriu que se põe numa nascente nublada e quente. À sua volta ele encontrou os [infiéis]. Dissemos: "Ó Zul carmine! Ou os castigará ou os agraciará") (*Alcorão, 18 sura, 86 ayat*) é um tema ainda mais interessante. A fonte lamacenta é a Corrente do Golfo, que atinge a partir do fundo do Golfo do México por falhas vulcânicas. É de facto a água quente e lamacenta que forma uma corrente subaquática que aquece a Europa e permite que as civilizações existam nesta Europa. Sabe-se que se não houvesse Corrente do Golfo, a temperatura média em Inglaterra e no Norte da Europa seria inferior a 15 graus. E dificilmente, neste caso, estes territórios eram de interesse para a colonização. Contudo, mesmo aqui não estamos a falar de um acto físico do Sol a afundar-se numa fonte particular de água turva, mas sim de um paradigma civilizacional. As civilizações Maia e Inca (sic! - O.G.) que existiam em torno do Golfo do México viam o Sol como uma divindade representada por uma cobra emplumada Quetzalcoatl. Esta figura do panteão indiano estava apenas ligada ao simbolismo do pôr-do-sol e, de acordo com algumas tradições, a "cobra emplumada" levou o sol poente para a

³⁰⁵ Pigulevskaya N. *Byzantium on the Ways to India: da história do comércio bizantino com o Oriente nos séculos IV-VI*. - M.-L.: Academia de Ciências da URSS, 1951. - http://www.history.vuzlib.su/book_o021_page_13.html

³⁰⁶ Voronin A. *Estátuas do Rei Oga e da Rainha Magog da terra sagrada da Atlântida-Ogygia* // <http://lah.ru/text/voronin/og.htm>.

transportar de oeste para leste. Acrescentemos a isto que (retirando para parênteses os dados da geofísica moderna, que por vezes não só são fantásticos, mas também não interessantes) a Corrente do Golfo surgiu como resultado da catástrofe que destruiu a Atlântida, da qual o profeta Noé (Noé - O.G.) escapou.³⁰⁷ .. "

O próprio nome "Yod land" vem da tradição mística judaica - "pouco contém muito". Em primeiro lugar, adquire o seu significado como os antepassados da humanidade pós-Século (Noé e os seus filhos), como no alfabeto do Médio Oriente Yod (ascende pictograficamente da imagem de "mão" - "yad", prasemita. yadh; yadh" judeu, "yota" grego, "yadh" árabe), embora a mais pequena das letras judaicas, mas todas as outras letras vêm dela, por isso no misticismo cabalístico - de Yod como pequeno ponto "pendurado", simbolizando o potencial Divino original (capacidade de Criar), "oculto" e "limitado" ("fonte oculta de todas as coisas"), a partir do qual o mistério dos dez Sephiroths é revelado - os "canais Divinos de luz" através dos quais Deus cria continuamente o Seu mundo: "... Ele produziu a carta Yod, que domina a obra, coroou-a e combinou-a com a Virgem no universo, Elul (Setembro) no ano e com a sua mão esquerda no homem". (*Sefer Yecira*, 5, adicionar. 6). Depois, na própria mística do Novo Templário: "Yodine é a primeira letra do Tetragrammaton, simbolizando o Pai, que é Sabedoria; ele é a forma mais elevada de Mercúrio, Logos, Criador de todos os mundos" (A. Yecir. Crowley "*Livro de Toth*"); mas ele é em virtude da sua solidão e ocultação - o Eremita como uma forma oculta de Hermes / Mercúrio / Toth, fazendo sair do inferno para iluminar Cora - "Virgem" como uma alma jovem (A. Crowley, "*Tarot Thoth*").

... O conhecimento de que as distâncias são muito maiores entre a Europa e outras partes do mundo tem sido um trabalho árduo para os Templários e, claro, tem tornado os periplos (mapas de navegação) inacessíveis aos não iniciados, cujas ideias sobre o mundo se têm revelado muito inadequadas à realidade. Para ter a certeza de que nas mesmas "colunas" posteriores deveria ter sido sobre a sua própria experiência amarga, difícil de ultrapassar posições teóricas e tradições nas visões aparentemente estabelecidas de uma vez por todas.

O feito cartográfico de Cosma foi repetido um milénio mais tarde pelo senhor cientista Urbano Monte (Monti) de Milão, descobrindo como era o mundo inteiro. O seu trabalho tornou-se um enorme projecto, tanto em termos de esforço como de dimensão. Em 1587, criou o seu mapa da Planasfera como um manuscrito de 60 páginas³⁰⁸. E o atlas foi criado apenas

³⁰⁷ Jemal G. *Quem foi o Corânico Zul Karnain?* // http://poistine.org/kem-by-l-koranicheskiy-zul-karnayn#.Vm_OfNKLTs1.

³⁰⁸

<https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/workspace/handleMediaPlayer?lunaMediaId=RUMSEY~8~1~303661~90074314>

80 anos depois de Colombo ter descoberto a América, num período de tempo muito curto para produzir um mapa tão detalhado com novas descobertas em mente. Ao publicar versões originais das folhas do atlas, o David Ramsey Center remontou-as como se o mapa Monty tivesse sido criado na projecção Mercator utilizada na maioria dos mapas modernos, numa única peça de dez pés, o maior mapa inicial conhecido no mundo. Também, para transmitir este milagre da cartografia do século XVI para o século XXI, transformaram o Planisphere num modelo tridimensional no Google Earth, uma ferramenta cartográfica que Monte dificilmente poderia imaginar, embora como o olhar revela o seu trabalho, não lhe faltasse certamente imaginação. Urbino Monty imaginou a Terra a partir da altitude de um avião moderno ou da órbita da Terra: a Terra é representada não como uma esfera, mas como um disco convexo, centrado no Pólo Norte. A "planisfera" incluiu descobertas recentes do seu tempo, tais como as ilhas da Terra do Fogo no final da América do Sul, vistas pela primeira vez pelo explorador português Fernão de Magalhães em 1520, bem como um Japão invulgarmente detalhado, baseado em informações da primeira delegação oficial japonesa na Europa em 1585. (embora não retratados verticalmente, mas horizontalmente). E de acordo com o estilo cartográfico da época, era ainda mais bizarro na descrição de espaços menos conhecidos: "Os animais vagueiam pela terra, e os oceanos abundam em navios e monstros. A sua habilidade em desenhar e decorar o mapa encarna o design ao mais alto nível, e a sua visão do mundo oferece-nos um recurso histórico profundo, enumerando lugares, formas de espaços, e comentários entrelaçados com o mapa³⁰⁹.

O que é particularmente importante para nós é que este mapa de todo o mundo (Europa, Ásia, África, América do Norte e do Sul no centro; os dois últimos estão ligados à Ásia) apresenta um mapa das terras que pode ser tirado como uma fotografia do continente do Sul, mas não coberto por gelo e muito povoado por diferentes criaturas.

O próprio livro de Kosma, *Topografia Cristã*, é o único livro que sobrevive, mas não o único escrito por ele. Ele próprio assinala que também escreveu um livro para uma certa Constantina, no qual descreveu o universo "...do outro lado do Oceano, estas (= locais) e todas as regiões do Sul desde Alexandria até ao Oceano Sul", ou seja, o Rio Nilo, todo o Egipto, Etiópia, o Mar Árabe (Ἀράβιος κόλπος) e as regiões adjacentes a ele. Também descreveu "cidades, regiões e povos" banhados pelo Oceano e pelo interior. O Código Sinai para o Capítulo XI da "Topografia Cristã" diz ἕτερος λόγος ἐξωθεν της βίβλου - aparentemente, não pertencia originalmente, estava "fora", não fazia parte da "Topografia Cristã", como é o seguinte, o Capítulo

³⁰⁹ Marshall C. *O Maior Mapa Primitivo do Mundo é montado pela primeira vez: Ver o Mapa do Mundo Enorme, Detalhado e Fantástico de 1587 // Cultura Aberta. - - 2018. - 23 de Janeiro. - <http://www.openculture.com/2018/01/the-largest-early-known-map-of-the-world-gets-assembled-for-the-first-time.html>*

XII, que contém provas da antiguidade e do valor da Bíblia por escritores pagãos. É surpreendente que ao mesmo tempo com a obra de Kozma Indikoplov o filósofo alexandrino John Philopon na sua obra "Exegesis for the Cosmogony of Moses" ("Ἰοάννου τοῦ τοῦ Φιλοπόνου των εις την Μωσέως κοσμογονίαν ἐξηγητικῶν"; "De orificio mundi", 546-549) procure provar que a cosmogonia de autores antigos se desenvolveu em harmonia com as construções de Moisés, em alguns casos dependendo dele. No título do segundo parágrafo do primeiro livro, escreveu "que Platão na palavra de origem do mundo imitou (εἰμιμήσατο) Moisés", e afirmou que Platão pediu emprestado a Moisés a ideia da criação do homem "à imagem de Deus".

Kozma Indikoplov argumentou que o seu esquema da estrutura mundial dos quatro países do mundo é feito "por Euphorus"³¹⁰. Referimo-nos ao famoso historiador grego antigo Ephorus (405-330 AC), autor de uma obra histórica em 30 livros, que foi a primeira tentativa de história geral entre os gregos, diferenciada pela massa de material recolhido. Por exemplo, é dele que temos provas da história arcaica de Esparta. A parte geográfica da história de Euphoro foi especialmente processada. Ephorus nasceu da cidade malaia de Kima, situada nas margens do Mar Egeu e fazia parte do Eólito - ou seja, colonizado pelos eólicos. O famoso mitógrafo Hesiod nasceu na mesma cidade de Kima.

Também, muito provavelmente, a cosmografia de Kozma Indikoplov não poderia ignorar a geografia sagrada das obras hagiográficas cristãs. Em particular, as descrições das terras celestiais do Oriente em "*A Vida de Macário de Roma*" (também conhecidas dos séculos XIII-XIV): "... Caminhámos durante quarenta dias e de repente ouvimos os sons das vozes de muitas pessoas e desfrutámos da fragrância - das vozes do canto veio a fragrância. Enquanto dormíamos, adormecemos e levantamo-nos quando os nossos lábios começaram a colar-se de uma doçura superior à do mel e do favo de mel. E quando nos levantamos, vimos a igreja, e era do gelo e enorme, no meio daquela igreja - o altar. E no meio daquele altar havia uma fonte de água, branca como leite. E viram os maridos terríveis à vista, à volta da água em pé. E cantavam canções angélicas. E nós, vendo isso, trememos e morremos, e então um deles, bela vista, disse, vindo até nós: "Esta é a fonte da imortalidade, à espera que os justos desfrutem. Mas quando ouvimos isto, glorificámos a Deus, e partimos daquele lugar com medo, e na alegria de grandes coisas fomos testemunhas de Deus. Mas os nossos lábios foram enfraquecidos por essa água, e durante três dias os nossos lábios ficaram colados como mel. E chegámos ao grande rio, e bebemos com a água, e desfrutámos da bondade, e glorificámos a Deus. E quando chegou a nona hora, eles sentaram-se na margem daquele rio, a pensar no que faríamos a seguir. E essa luz era sete vezes mais brilhante do que a luz do dia no rio. E

³¹⁰ Bagdasarov R. *Prisma Ecuménico Indikoplova* // <http://www.pereplet.ru:18000/text/bagdasarov.html>

rezámos nos quatro lados daquela terra, e havia ventos naquela terra de aparência diferente: o vento do oeste era verde, e do nascer do sol, e do céu, um vento vermelho e um amarelo; e do norte, o vento era como sangue fresco, e do sul, o vento era branco como a neve. O sol é sete vezes mais quente do que o nosso, e as árvores são mais altas, mais bonitas, mais densas, mais férteis, e as outras não têm frutos. E as montanhas são mais altas do que as nossas, e a terra tem duas faces - vermelha e branca, e as aves são diferentes na aparência. Depois, atacam a caverna de São Macário em vinte corridas do Paraíso: "... E disseram São Macário: "Os meus filhos são encantadores! Nenhum homem na carne, nascido do pecado de uma mulher, pode ver nem o lugar, nem esses milagres, nem o poder do Senhor nosso Deus Jesus Cristo. Eu, um pecador, tentei muitas vezes e implorei a Deus que me deixasse ver esses milagres. E o anjo disse-me: "Não te zangues com o Senhor teu Deus, que te criou. Ninguém pode ir a esse lugar". E eu perguntei: "Porquê então, meu senhor?" E ele respondeu-me: "Deste lugar em vinte corridas há duas cidades - uma de ferro e outra de cobre. E por detrás dessas cidades está o paraíso de Deus, onde Adão e Eva costumavam estar. A leste para além do Paraíso, o céu converge com a terra. E fora do Paraíso Deus colocou querubins e serafins com armas de fogo nas suas mãos para guardar o Paraíso e a árvore da vida. E os querubins são homens dos pés aos pés, e os seus peitos são de leão, e as suas cabeças são diferentes, e as suas mãos são como gelo, e as suas armas são ardentes nas suas mãos fora das muralhas das cidades. E ninguém pode entrar ali, pois aqui as forças são formidáveis e numerosas, e aqui há pilhas de anjos, e os cintos do céu aqui, onde descansam os céus. E quando ouvimos do homem de Deus Macário, o que o anjo lhe disse, tivemos medo, cobertos de grande temor; glorificámos Deus e São Macário. E ficámos contentes por ele nos ter falado das maravilhosas maravilhas de Deus³¹¹.

Em "*The Walk of Agapia to Paradise*". (preservado na "Coleção Dormition", séculos XII-XIII.) conta como um vagabundo entra numa terra maravilhosa com pássaros e frutos curiosos e encontra ali os maridos em roupas brancas e um deles dirige-se ao homem chegado com um discurso: "... Eu sou a águia que vos mostrou o verdadeiro caminho, eu sou a criancinha que vos transportou através do mar, eu sou o vosso Deus vosso Deus, e os céus e a terra e todas as criaturas visíveis [criaturas] e invisíveis. Estes 12 maridos são apóstolos, estes rostos que vedes são querubins e serafins, e esta glória que vedes é-vos enviada para o sétimo céu. E estes lugares são celestiais, e estes frutos são alimento apostólico e almas justas. E estas aves, que ouvís, são celestiais, e o seu canto é enviado para o céu; [eles] sentam-se no trono de Querubins. Agapius disse: "O Senhor tenha piedade de mim! Dá-me, deixa-me terminar a minha vida aqui. E o Senhor

³¹¹ *The Tale of Macarius of Rome // Apocrypha of Ancient Russia / Composição, prefácio M. Christmas. - São Petersburgo. Amphora, 2002. -- C.179-190*

disse-lhe: Não foi por esta razão que Ele te trouxe [a ti] aqui, mas por ela [glória], e por esta razão nós abandonamos tudo, e te seguimos; e por esta razão nós estamos aqui, mas tu irás e verás a glória maior do que isto. Agapius disse: "Senhor, onde nos conduzes? E o Senhor respondeu: Vós seguis este caminho que nós viemos até vós. E à medida que se caminha neste caminho, chega-se às paredes que vão do céu à terra. E encontrarás um caminho estreito, e nesse caminho irás, e encontrarás uma janela na parede e bater-lhe-ás. E o ancião sairá a ti, e te tomará, e te conduzirá à parede, que ali será indicada... E quando Ágapeus entrou, viu [Ágapeus] sete vezes a luz daquela luz. Os seus olhos não conseguiam olhar para a luz. E [Ágapeus] caiu ao chão sem ninguém. E o velhote levou-o e conduziu-o à cruz. E a sua altura era tão alta como o céu, e a cruz brilhava mais forte que o sol. E o chão caiu diante da cruz, e eles rezaram. E então Ágapeus começou a suportar a luz [brilhante]. E tomou Ágapeus, e levou-o ao local onde a cama e a refeição eram para ele. A cama e a refeição foram decoradas com pedras caras, e sobre a mesa havia pão mais branco do que a neve. E a fonte, mais branca do que o leite e mais doce do que o mel. E as uvas estavam com cachos diferentes, uns - escarlate, outros - vermelho, terceiro - branco, ninguém viu tal. Agapiy disse ao velhote: Senhor, diga-me, o que significa isso? O velhote respondeu-lhe: ...Eu sou Ilya Fezvityan, que foi criada numa carruagem de fogo e tinha cavalos de fogo. O Senhor abençoou-me [a estar] no céu. E [o Senhor] desceu e pôs-me aqui e [aqui] esperou pela segunda vinda do Senhor. Estas mesmas coisas que se vêem são almas humanas. Esta fonte que se vê é chamada paraíso, e flui sob as árvores do paraíso. Esta luz é de almas angélicas e justas... E deu-me um sabor da fonte, e a minha mente foi iluminada. E o velhote levou-me e levou-me à refeição, à oração que tinha criado. E ele pegou no pão, cortou uma moeda e deu-mo. E eu afastei-me um pouco [da refeição e], vendo [que] o pão estava inteiro, por mais partido que estivesse. Além disso, ninguém o viu, e eu disse-lhe [o velhote] tudo o que era impossível de dizer a alguém. E conduziu [o ancião] à cruz, e rezou comigo. E ele conduziu-me para fora da janela. E nós beijámo-nos. E o ancião disse-me: Que a paz seja para ti, Ágapeus, vai pelo caminho de Deus. O Senhor Deus está convosco. E eu curvei-me e segui o caminho que Elíjah me guiou. E assim caminhei durante muitos dias. E eu fui para o mar...." ³¹².

Atinge a terra abençoada e o herói de "Zosima's Ways to Rahman": "...se não fosse um homem de Deus, não conseguiria atravessar o rio. Pois a largura desse rio e das nuvens é de 30 versos, e a nuvem dele [o rio] atinge os céus, e a profundidade desse rio atinge o abismo" ... Da "Palavra dos Rachmans": "O povo de rahman é piedoso, e vive absolutamente sem rigidez, e tendo tomado o lote que lhe foi enviado pelo destino de Deus, vive nu perto

³¹² *Vita e feitos do Reverendo Padre da nossa Agapy, o Trabalhador Maravilhoso // Apocrypha da Rússia Antiga / Composição, prefácio de M. Natal. - São Petersburgo. Amphora, 2002. - - C.173-178*

do rio e louva sempre a Deus..., ... estão saturados de humidade da chuva doce e estão livres de quaisquer doenças e corrupção, estão satisfeitos com uma pequena quantidade de fruta e água doce, e acreditam sinceramente em Deus, e rezam constantemente. E os maridos vivem de um lado do Oceano, e as suas esposas vivem do outro lado do rio chamado Gala, que corre para o Oceano em direcção à Índia. Diz a lenda que Alexandre o Grande também encontra estes mesmos rahmans, atravessando o mar. Estes são os habitantes das Ilhas Macarene (as Ilhas Benditas): "... perguntou Alexandre: "Diz-me como nasceste, pois não vejo o sexo feminino em ti". Jovante disse-lhe: "Temos esposas, mas não aqui, mas noutra ilha, um dia chegamos até elas e, tendo ficado com elas durante trinta dias, voltamos; mas quando alguém tem um filho, este já não é combinado com a sua mulher. E quando o bebé tem três anos de idade, levamos o macho, mas a fêmea permanece com as esposas. Alexander disse-lhe: "Gostaria de ver aquela ilha, se me permitem". - "Chegará a esta ilha, mas não verá lá nada, pois quando lá chegar, não olhe para dentro, pois não restará nenhum homem vivo se olhar para dentro". Alexander levantou-se e foi para a ilha, e encontrou lá uma estrutura feita de cobre, como uma parede, e à sua volta, não se pode ousar olhar para dentro, para Deus só é possível, e as pessoas - ninguém - ninguém. (...) perguntou Alexandre: "Diz-me, bem-aventurado Jovanthus, o que está para vir"? Esse respondeu-lhe: "O rio em que estão as nossas ilhas, o Oceano é chamado, todo o universo corre, e todos os rios correm para ele. Deste lado - a montanha que se vê, decorada com diferentes frutos - é um lugar chamado Éden, onde o Senhor Deus do Sabaoth criou o paraíso no Oriente no início dos tempos³¹³.

A própria Apócrifa eleva a origem dos justos Rachmans ao Rech do Antigo Testamento (ou Rehav, *Jer. 35:1-19*), cuja linhagem foi levada pelos anjos do Senhor desde Jerusalém da ira do rei até às terras do paraíso. A identificação dos "Rehavitans" com os indianos "(b)rahmans" é explicada pela influência de A.N. Veselovsky de fontes gregas: em "Alexandria" Pseudo-Kallisphen trata-se do encontro de Alexandre o Grande com os Brahmans indianos, e a história sobre os Brahmans de Palladium³¹⁴.

O personagem principal do bizantino "Vida de Andrew, o Tolo" (século X), numa visão causada por um estado de morte clínica, encontra-se na terra do paraíso: "... E de repente senti algum calor, e abri os olhos, vi um jovem, uma vista muito bonita, e o seu rosto brilhava como o sol. E na sua mão segurava um ramo dourado de lírios e rosas humedecido pelo orvalho, não como há neste mundo, mas multicolorido e diversificado na natureza e

³¹³ *Caminhada de Zosima a Rahman // Apocrypha da Rússia Antiga: Textos e investigação / Ed. V.V. (EM RUSSO) // APOCRYPHA. Milkov. - Moscovo: Science, 1997. - - C.107-113*

³¹⁴ *Sergeyeva E. V. "Mundo do Outro" nos contos de fadas russos e Apocrypha Cristã (2013) // <http://www.religiopolis.org/publications/6746-zerkala-inogo-mira.html>*

aparência. E ... vi-me num belo e belo jardim, e fiquei surpreendido na minha alma e raciocinei o que era: "A minha vida estava em Constantinopla, e o que estou a fazer aqui, não sei" ... Senti-me como que privado de carne, porque não me apercebi que sou carne. E o chiton em mim era cintilante, branco e coberto de pedras, e regozijei-me muito com a sua beleza. E olhei para o meu toucado; estava a usar uma coroa, dourada brilhante, tecida de todo o tipo de flores. Tinha sandálias nas pernas, e o meu cinto era vermelho, notavelmente brilhante. E o ar deste jardim brilhava com uma luz inexplicável, cintilando com tons de flores de rosa. As fragrâncias, que mudaram bizarramente, chegaram às minhas narinas, alegrando os meus sentidos. Como um rei, caminhei no jardim de Deus e desfrutei, percebendo que a minha bem-aventurança é sobre-humana. Mas Deus criou ali numerosas plantas, não como neste mundo, não, mas sempre verdes e diversas, meladas, com uma alta e terna coroa, dobrando-se umas às outras num movimento ondulatório, portando deleite, a partir da contemplação do céu transparente, criado para os abençoados, transformando a alma no fogo do prazer, da alegria e da alegria. E o estranho é que todas as plantas eram de diferentes espécies e diferentes belezas, e algumas plantas recebiam flores eternas e imperecíveis, e outras recebiam apenas folhas, pois algumas eram embelezadas com frutos, e outras tinham flores e folhas, e doçura, e a aparência de um fruto maravilhoso, e sem preço, delicioso e incomparável. E o maior milagre foi que as aves nas árvores, pardais, cigarras e outras belas criaturas, de asas douradas e brancas de neve, cantavam e chilreavam, sentadas nas folhas, para que o som das suas belas e doces vozes fosse ouvido até ao cimo do céu. Mas tentei ver estas aves, e a minha mente estava em admiração e deleite, pois a beleza destas aves era tão maravilhosa e majestosa como as rosas, ou os lírios, ou algum outro tipo de flor, que eu poderia nomear. E assim, impressionado pela beleza do primeiro pássaro na minha mente e na minha mente, fui repentinamente levado por outro, tendo plumagem e coloração de outro tipo e dignidade. E depois vi outro pássaro refinado. E foi para mim uma grande alegria a sua canção, silenciosa e encantadora. E quem descreverá a estranha e imponente beleza do que lá vi? Todas aquelas belas árvores estavam alinhadas como uma linha de batalha atrás da outra. Oh, como é abençoada a mão que os levantou! E assim, avançando sempre de novo para as profundezas do maravilhoso jardim - pois pensei que já não veria a escuridão deste mundo (pois o que está aqui é escuridão comparado com o que está lá) - vim para um lugar espaçoso e vejo: aqui o grande rio corre no meio do jardim, irrigando serenamente todas estas plantas, lavando as suas raízes. Também nele, estas belas aves encontraram frescura, agitando para cima e para baixo e chilreando continuamente. E à volta do rio estende-se uma vinha, decorada com folhas douradas, cujos ramos são como uma lâmpada ou a primeira pedra, de acordo com o reitor: "Sou uma pedra de canto com arestas vivas. Mas estendia-se por todo o

jardim, carregado de enormes e magníficos cachos, de modo a que o entrelaçamento dos seus ramos fosse coroado e decorado com árvores que aí cresciam. Quando o vi, gritei no meu coração, levando a minha alma do medo à surpresa e da surpresa ao deleite. E durante muito tempo fiquei em silêncio, respirando uma corrente de incenso deste vento, de modo que pensei, como se os anjos fumassem incenso perante o Filho de Deus no céu. Mas quando este vento chegou a um verso, ouvi do ocidente o som de outro vento, que me deu um prazer insondável, e cuja respiração produziu vapor como a neve. E o esplendor das árvores que ali cresciam estava repleto de uma fragrância maravilhosa que ultrapassava todos os perfumes terrenos, por isso esqueci-me das maravilhas encantadoras que já tinha passado e desfrutado. Às aves, com os seus chilreios e cânticos flamejantes e jubilosos, fiquei surpreendido na minha mente, quer fossem aves ou anjos, sabe Deus. E novamente outro vento sobrenatural aparece do norte, parecendo ardente, com um brilho como se fosse um amanhecer ao pôr-do-sol. E quando ele sopra, as árvores deslumbrantes ficam suavemente excitadas. Mas soprou, o aroma escondido nas árvores, de modo que eu, ficando em silêncio durante muito tempo, provei o gaudério e o encanto deste doce incenso vindo do vento. Temia, contudo, a incredulidade do que estava a acontecer, perguntando-me como uma coisa tão bela me poderia ter acontecido. O terceiro vento tinha finalmente chegado. E quando de repente veio o silêncio mais profundo, eu avancei um pouco, passando aquele rio. E assim que pisei aquele largo lugar, olhando para a riqueza inexprimível do Deus Todo-Poderoso, em abundância ali (não sei como descrever por lábios humanos a incompreensível riqueza do Senhor); Assim, como disse, ao aproximar-me da grande extensão deste jardim, e ao olhar para o Santo dos Santos, de repente soprou de novo um vento muito perfumado, como se no lado norte, doce como rosas e lírios, e púrpura como violeta. E estas plantas balançaram, exsudando uma fragrância superior à pomada e ao almíscar que penetrou no meu coração. E pareceu-me que os meus olhos eram ou corporais ou espirituais, sabe Deus. Pareceu-me que eu estava lá sem a minha carne, pois não havia peso ou desejo no meu corpo, ou qualquer outra coisa que fosse peculiar à minha carne: e fiquei impressionado com o pensamento de que eu estava aqui sem o meu corpo, mas assim que Deus, que tem consciência dos corações, soube. E assim que o número invulgarmente grande destas plantas se excitou com o sopro do quarto vento, fazendo sons e uma melodia agradável, mais uma vez uma fragrância e doçura marcantes penetraram através das minhas narinas nos meus sentidos. Fiquei parado, silencioso, e um brilho inexprimível permeou a minha mente. Mas enquanto o contemplava, o meu coração rejubilava muito, e o meu espírito rejubilava. E quando o quarto vento morreu, vi uma grande maravilha: pois em tão longo tempo nunca houve noite para mim, mas a alegria e a vida estavam comigo. Então, um arrebatamento veio sobre mim, e eu perdi a minha voz, e pensei

que estava de pé sobre o firmamento do céu; e um jovem vestido com um manto, cujo rosto brilhava como o sol, passou diante de mim. Pensei que tinha sido quem me deu uma palmadinha na cara quando estava a morrer de frio, e quem ordenou aos seus ajudantes que me levantassem. E aconteceu, ao passar diante de mim, que vi o seguinte: havia uma cruz, uma vista grande e bela, e quatro cortinas à sua volta, e uma nuvem brilhante como ela, e duas delas brilhando como um raio, e duas delas brancas como a neve. E à sua volta há cantores, belos, estatuetas e brancos como a luz, emitindo raios de fogo dos seus olhos. E cantaram uma canção para a glória do Crucificado na Cruz. E depois o jovem com o seu manto, que me guiava, beijou a cruz ao passar, e deu-me um sinal para o fazer. E eu, claro, ao obedecê-lo, caí e beijei-me. E quando estava a beijar aquele fogo precioso, enchi-me de mel espiritual e fragrância que nunca tinha inalado, mesmo naquele jardim. Quando levantei os olhos, de repente vi um abismo de mar abaixo de nós".³¹⁵

Encontramos uma descrição interessante no apócrifo "*Livro de Enoque*" (*Etiópe*): "... E fui mais para o sul, que arde dia e noite, - onde há sete montanhas de pedras preciosas, - três para o leste e três para o sul: e as do leste, uma de pedras coloridas, uma de pérolas, e uma de antimônio; e as do sul, de pedras vermelhas. O meio, porém, que chegava ao céu como o trono de Deus, era de alabastro, e o topo do trono era de safira. E vi um fogo flamejante que estava em todas as montanhas. E vi ali um lugar do outro lado da grande terra: havia águas que se juntavam ali" ("*O Livro de Enoque*", 4:14-17³¹⁶); "... De lá fui para o cimo daquelas montanhas a leste, e segui em frente, passando sobre o Mar da Eritreia, e afastei-me dele, e passei sobre o anjo Tzutel. E vim ao Jardim da Verdade e vi uma grande variedade dessas árvores; havia muitas árvores grandes - brilhantes, grandes, muito bonitas e magníficas - e uma árvore de sabedoria que trouxe grande sabedoria àqueles que dela provaram. E parece queratonia; o seu fruto, como um pincel de uva, é muito bonito; o cheiro da árvore espalha-se e penetra longe. E eu disse: "Como é bela esta árvore e como é bela e encantadora a sua aparência"! E o santo anjo Rufal, que estava comigo, respondeu-me e disse-me: "Esta é a própria árvore da sabedoria da qual os seus antepassados, o seu velho pai, e a sua velha mãe provaram e adquiriram o conhecimento da sabedoria, e os seus olhos foram abertos e aprenderam que estavam nus e foram expulsos do jardim. De lá fui aos confins da terra e vi ali grandes bestas, cada uma diferente da outra, e aves, cada uma diferente na sua beleza e voz exterior. E a leste desses animais, vi os limites da terra em que o céu repousava, e as portas abertas do céu. E vi as estrelas do céu a sair, e contei as portas de onde saíram, e gravei todas as suas saídas, cada uma especialmente, de acordo com o seu número, os seus nomes, as suas ligações, a sua posição, o seu

³¹⁵ Moldavo A.M. *Vida de Andrei Yurodivy em Eslavic script - M. : Azbukovnik, 2000. -*
- 760 c.

³¹⁶ <http://old-ru.ru/03-50-1.html>

tempo, e os seus meses, como o anjo Uriel me mostrou, que estava comigo. Ele mostrou-me tudo, e escreveu-me; os seus nomes também escreveu para mim, e as suas leis e os seus despachos³¹⁷E aqui vi outra visão, a saber, as habitações dos justos e as pousadas dos santos. Aqui os meus olhos viram a morada ao lado dos anjos e as suas caixas ao lado dos santos, vi-os a rezar e a pedir e implorar pelos filhos dos homens, e a verdade fluía diante deles como água, e a misericórdia como orvalho na terra: assim acontece entre eles de idade em idade. E naqueles dias os meus olhos viram o lugar dos escolhidos da verdade e da fé, e como a verdade reina naqueles dias, e como são inumeráveis os justos e escolhidos perante Ele de idade em idade. E vi as suas habitações sob as asas do Senhor dos espíritos, e vi como todos os justos e escolhidos são adornados perante Ele com uma espécie de resplendor flamejante; e os seus lábios estão cheios de louvor, e os seus lábios louvam o nome do Senhor dos espíritos, e a verdade não vem perante Ele. Aqui desejei viver, e a minha alma ansiava por aquela morada; aqui o meu destino já tinha sido preparado para mim; pois é tão decretado a meu respeito pelo Senhor dos Espíritos" (*Enoque 7: 10-14*³¹⁸).

Os Padres da Igreja John Chrysostom, Ephraim Sirin, e outros representantes da escola de Antioquia fizeram suposições sobre a localização exacta do paraíso na terra - pensava-se que o paraíso era um oceano separado deste mundo ou localizado na própria borda da terra³¹⁹.

No caso de J. Le Goffe, somos confrontados com uma indicação de que é na Índia que a tradição medieval da Europa Ocidental coloca o paraíso terrestre³²⁰.

E havia boas razões para essa actuação. Desde os tempos antigos, a Europa tem estado interessada na sabedoria dos Brahmanes indianos. Segundo a lenda, sete grandes Rishishi, estando nos seus cadeados e num infeliz estado de samadhi, foram forçados a deixar o samadhi por causa de uma visão de brilho invulgar, em cujo centro apareceu uma deusa feminina de beleza deslumbrante: "... Eu sou aquele que reverenciais como Lakshmi em sattva, Saraswati em rajas e Kali em tamas. Eu sou a força original que cria o mundo no início de um novo ciclo, eu sou o próprio Brahman na forma do Shakti, graças ao qual todos os grandes deuses existem. Eu sou

³¹⁷ <http://old-ru.ru/03-50-1.html>

³¹⁸ <http://old-ru.ru/03-50-2.html>

³¹⁹ Grigoriev A. V. *A velha Cosmologia e Geografia Prática Russa. De acordo com os dados das ideias medievais sobre o paraíso (em russo) // Antiga cosmologia russa (em russo) / Ed. por G.S. Barankov. - São Petersburgo. Aleteya, 2004. - P. 216-220; Milkov V. V. Conceito do Paraíso Terrestre na Velha Apócrifa Russa // Apócrifa da Rússia Antiga: Textos e Estudos / Ed. NOTA EDITORIAL: V.V. Milkov. - Moscovo: Nauka, 1997. - - C. 229-254.*

³²⁰ *Le Goff J. Medieval West and the Indian Ocean : a magic dream horizon // Other Middle Ages : Time, work and culture of the West. - Yekaterinburg, 2002. - - C. 177-179.*

Mahamaya, eu sou Brahma vidya, eu sou Makheshwari, o criador de todas as coisas, desprovido de todas as qualidades e atributos e aceitando todas as formas e qualidades. Quando o mundo ainda não existe, quando não há Brahma, Vishnu, Shiva, Hun, Kala (tempo), eu na forma de Chit Shakti, Adi Shakti e Chit Rupini recrio o oceano do caos primordial - Ekarnava e dou à luz três grandes deuses, encorajando Brahma a criar o universo, Vishnu a apoiá-lo, e Shiva a destruir no fim da criação. Agora tomei a forma de Tara, porque nesta forma salvo os meus devotos do terrível sofrimento e ignorância de sansara, ajudando-os a atravessar o oceano dos delírios, levando ao sofrimento de um ciclo interminável de nascimentos e mortes. O rishi! Saiba que agora muitas pessoas - seres vivos de Bhurloki (o mundo da Terra) - procuram sinceramente a Libertação, mas as suas mentes estão demasiado confusas com a minha irresistível ilusão material, cheia de confusão, ofuscada por desejos egoístas e ideias erradas baseadas na noção de "Eu sou o corpo". Os seus destinos estão cheios de obstáculos e pouco mérito divino, e os seus arredores estão cheios de outros seres Rajásicos, ainda mais delirantes, e não promovem a meditação. Têm dificuldade em compreender textos sagrados, as suas vidas passam em vaidade material sem sentido, são muitas vezes prejudicadas pelo cuidado com o corpo carnal imperfeito, doenças, obstáculos de outras criaturas e elementos. Eles são tímidos, hesitantes, e são poucos os que têm as qualidades adequadas de professores e santos. No entanto, mesmo em tais condições, lutam arduamente pela Libertação e executam um jardim difícil, o que por si só é surpreendente e exige respeito, mesmo pelos celestiais. Chegou o momento de criar um mundo novo puro dentro deste universo, Brahma, favorável à vida e à prática da Libertação em todos os aspectos, agradável aos olhos dos homens e dos deuses, e agradável aos seus ouvidos. Que este mundo contenha sinais do meu âmbar como testemunho da minha bênção. Que seja criado para a alegria do meu admirador Brahmadatte, rei da terra do Karmabhumi, e outros.

Inspirados pela grande deusa, os sete Rishishi decidiram reunir-se num canto remoto e deserto do cosmos para discutir estas visões e questões invulgares de sustentação da vida no universo. Para tal, usaram o seu poder mágico para criar uma enorme montanha - uma cópia do Monte Meru, e no seu cume pelo poder de siddhi criaram instantaneamente um enorme palácio que sobe no céu. Depois mudaram-se para este palácio com a sua comitiva e sentaram-se em tronos decorados com pedras preciosas, ouro e brocado. Estavam rodeados por numerosos deuses, vidyadhars, vikings, apsars, kinnars, siddhas, que são as suas próprias energias. Eram Rishi Vasishtha, Vishwamitra, Kashyapa, Jamadagny, Bharadwaja, Gautama, Atri. Depois foi tomada a seguinte decisão: entre o mundo dos deuses libertados, o mundo dos deuses do sansara, o mundo das pessoas, acima do mundo do pitrice (espíritos dos antepassados) para criar um mundo de pura beleza, onde as

pessoas pudessem levar livremente uma vida espiritual serena, cheia de harmonia, e realizar sadhana para alcançar uma maior libertação.

As condições deste novo mundo eram as seguintes:

- não deve haver doença, não deve haver obstáculos, não deve haver velhice, não deve haver dor, não deve haver sofrimento de desejos mundanos;

- Apenas aqueles que veneram os santos, lideram um sadhana sincero, em busca de libertação, que controlam as suas mentes e mantêm o seu samai e os seus votos, os principais dos quais são Achimsa e o desejo de libertação, podem entrar nele;

- O povo deste mundo deve viver muito tempo como deuses ou ser imortal para poder cumprir os seus votos e alcançar a Libertação.

Com esta decisão, os sete Rishishi decidiram criar este mundo onde se reuniram. Para este fim, criaram um enorme quadrilátero âmbar pelo poder da razão, cada lado do qual era um milhar de yojan. No interior foi colocado um lótus de oito pétalas. Uma cópia do Monte Meru, no qual Rishi se sentou, tornou-se o centro deste mundo, e o palácio que eles criaram tornou-se o trono da divindade principal - o Senhor do mundo, o centro desta montanha e do mundo. A este país chamaram "Mundo Divino" - "Divya Loka". Depois chamaram Vishvacarman ao criador de divindades de formas e explicaram-lhe a essência do seu plano. Para que apenas os dignos, aqueles que estão livres de paixões egoístas grosseiras, pudessem entrar neste mundo, criaram áreas de Lokapalas e chamaram os defensores do mundo (Lokapalas), ordenando-lhes que se sentassem em magníficas torres de palácio douradas em oito lados do mundo - norte, sul, leste, oeste e quatro lados intermediários. Estas torres são magnificamente decoradas do exterior e têm muitos salões espaçosos, salas decoradas, corredores, varandas, sótãos, jardins e terraços. Para que os habitantes vivessem muito tempo, quase para sempre, criaram oito lagos sagrados com água curativa. Se o beber ou lavar, o seu corpo fica cheio de energia e fragrância durante muito tempo. Além disso, Vishvacarman e os seus deuses assistentes criaram muitos dispositivos (âmbar) - poços arco-íris, templos, elementos de harmonização, acumulando energia e saturando os corpos de todos os comers. Para que a bênção dos deuses nunca acabasse no país, eles criaram uma esfera cintilante iridescente de cinco cores pelo poder de siddhi, que manteria o mundo ligado ao centro da galáxia - Vishnu Nabhi (o umbigo de Deus Vishnu, o guardião do universo), e alimentaria este mundo com o seu poder. Para o proteger de influências adversas e visitas de asurs, rakshas, demónios, com o seu poder divino Rishi cobriu-o com cinco cúpulas transparentes. Que todos os vinte e quatro elementos que compõem o universo, estavam em harmonia, criaram vinte e quatro dispositivos elementares mágicos (tattava-yantra) e colocaram-nos nos lugares certos nas margens do Arya-vart continental. Para que os cinco grandes elementos do universo estivessem sempre em harmonia e o mundo não fosse destruído durante a Pequena Pralaya como os mundos

materiais comuns e existisse infinitamente como Mahar-loka, Satya-loka e Tapa-loka, foi criada uma mandala dos templos dos Cinco Grandes Elementos (mandir Pancha Tattva) e os templos dos cinco elementos estavam localizados nas profundezas do continente de Creta. A fim de fazer o mundo feliz para muitos semideuses - pessoas, siddhas, rishis, semideuses, apsar, gandhars, kinnars, yakshees, etc. - mesmo nas margens dos lagos sagrados foram criadas oito grandes cidades belas: Hiranyapur, Ekachakra, Shantipur, Bhoja, Prajotisham, Amaravati, Pushpataka, Tvashtar. Em cada cidade foram construídos muitos templos maravilhosos, palácios e belos edifícios decorados com ouro, pedras preciosas. Em torno de cada cidade Rishi foi ordenado que se criassem oito cidades acolhedoras, agradáveis à vista e agradáveis aos ouvidos, pequenas cidades satélites.

Na cosmografia mitológica chinesa (o tratado do taoísta Le Yukou "*Le Tzu*", também conhecido por: "*Chun Xu Zhen Jing*" - "*A verdadeira maneira de quebrar o vazio*"; século IV a.C.) há uma história sobre montanhas flutuantes perto do Grande Abismo Guysyu, no t.incluindo o famoso Monte Penglai: "... A leste de Bohai (o país do leste, - O.G.), a uma distância de milhares desconhecida, existe um verdadeiro abismo sem fundo no Grande Oceano. Chama-se "Entrada no Vácuo" (Guishui, - O.G.). Todas as águas dos Oito Limites do Mundo fluem para o mesmo. Nove regiões e o Rio - Celestial. Dentro dela há cinco montanhas, cujos nomes são Daiyu ("Chariot of Reception", - O.G.), Yuanjiao ("Round Top", - O.G.), Fanhu ("Square Bowl", - O.G.), Inzhou ("Abode of Beauties", - O.G.) e Penlai ("Shelter of the Precious", - O.G.). Estas montanhas atingem uma altura de trinta mil li e o mesmo número no círculo. O planalto nos seus picos tem uma largura de nove mil li. A distância entre as montanhas é de trinta mil li, mas são considerados vizinhos próximos. As torres e terraços são feitos de jaspe e ouro, os animais e pássaros são feitos de seda branca, há bosques inteiros de árvores feitas de pérolas e corais, flores e frutos exalam um aroma - maravilhoso, e aqueles que os provam nunca envelhecerão e nunca morrerão. Os homens imortais vivem lá, que voam dia e noite em incontáveis números de uma montanha para outra. Contudo, essas montanhas não têm base, por isso sobem e descem com as ondas do oceano e nem um único momento fica parado. Os imortais estavam muito insatisfeitos com isto e queixaram-se ao Senhor Supremo. O Overlord teve medo de ir para o Ocidente e de perder a morada das almas mais sábias, pelo que ordenou a Yuitsyan que enviasse quinze enormes tartarugas para apoiar as montanhas nas suas cabeças, juntando-se a este serviço em três turnos, e cada turno dura sessenta mil anos. Desde então, as montanhas têm estado paradas. No entanto, um gigante viveu no reino do Príncipe Dragão, que chegou a estas cinco montanhas em apenas alguns passos. Atirou uma cana de pesca e apanhou seis tartarugas num anzol, pegou-as nas costas e saiu. Aí queimou as suas conchas para adivinhar para eles. Há duas montanhas, Daiyu e Yuanquiao, navegadas para norte e afundadas no grande oceano, e com elas são incontáveis celestiais. Deus estava muito zangado e um decreto especial

cortou o território do reino do Príncipe Dragão e encurtou o crescimento dos seus habitantes. Mas nos dias do povo Fushi e Shennun naquele país ainda atingia uma altura de várias centenas de cotovelos³²¹.

Mas talvez o explorador indonésio Dhani Irwanto se tenha aproximado do paraíso desbravador de Kosma Indikoplov, no extremo oriente. Ele fez uma interessante suposição de que o Jardim Bíblico do Éden se situava na ilha de Kalimantan. E os fundamentos para essa suposição são numerosos. Afinal, foi no Sudeste Asiático que o homem moderno, após emigrar das savanas semidesérticas de África, descobriu pela primeira vez as condições climáticas ideais para o desenvolvimento, e foi lá que inventou a agricultura e a civilização. Tudo isto teve lugar durante o Pleistoceno, a última das eras geológicas, que terminou há 11.600 anos. Quando a Idade do Gelo chegou ao fim, a água do mar estava a subir e a enorme plataforma continental do Sudeste Asiático, a Sundaland, afundou-se para sempre, causando a dispersão da população que fundou as culturas neolíticas da China, Índia, Mesopotâmia, Trouxe novas ideias e competências na construção megalítica, cultivo de cereais, domesticação de animais, transporte marítimo, astronomia, navegação, comércio e meios de utilizar e controlar o trabalho de agricultores e artesãos. Trouxeram magia, religião e conceitos de estatuto de Estado, bondade e hierarquia social. Um estudo do folclore, por exemplo, mostra que analogias para quase todos os arquétipos mitológicos do Médio Oriente e da Europa, incluindo a "inundação mundial", podem ser encontradas nas ilhas da Indonésia e do Sudoeste do Pacífico. Mas mesmo prestando atenção ao Sudoeste Asiático, os investigadores não encontraram lá vestígios do Jardim do Éden. É por isso que Dhani Irwanto diz que eles estavam a procurar no lugar errado. E oferece um vislumbre de uma vasta planície rodeada por cadeias de montanhas na parte sul da ilha de Kalimantan. Os quatro rios que atravessam a planície podem ser identificados com quatro rios bíblicos do paraíso: Kahayan como Fison, Kapuas como Gijon, Barito como Hiddechel (Tigris) e Negara como Perat (Eufrates). Por exemplo, se na Bíblia o rio Fison corre através das terras de Havila, famoso pelo ouro (*Génesis, 2: 11-12*), então o rio Kahayan é portador de ouro, e as suas margens são famosas pela extracção de vários minerais e pedras preciosas, pelo que Kalimantan tinha outro nome - Nusa Kensana ("Ilha do Ouro"). Outros rios são interpretados pelo investigador da mesma forma. Devido à baixa localização da planície em relação ao nível, humidade extrema e precipitação, ocorreram aqui várias vezes inundações, que também podem ser correlacionadas com a lenda bíblica da "Inundação Mundial", que descreve uma precipitação contínua de até 40 dias³²².

³²¹ *Le Tzu, Capítulo 5. Tang's Questions, - http://ki-moscow.narod.ru/litra/zen/le_tzi/le_tzi_5.htm*

³²² *Dhani Irwanto. O Jardim Bíblico do Éden foi na ilha de Kalimantan // <https://atlantisjavasea.com/2015/09/07/the-biblical-garden-of-eden-was-in-kalimantan-island>*

no ar cobriram o Sol durante muitos anos; chuvas de ácido sulfúrico choveu em ambos os pólos; foi encontrada chuva tufa a 7000 km do vulcão no Lago Nyasa em África e no fundo do Noroeste do Mar Arábico; o evento reduziu a temperatura média global em cerca de dez graus, com o frio a durar várias décadas) e um momento na história da humanidade não africana conhecido como o "efeito gargalo de garrafa" - uma redução no património genético (t. c.).(isto é, diversidade genética) de uma população como resultado de um período durante o qual, por várias razões, há um declínio crítico no número de habitantes, mais tarde restaurado, mas a diversidade genética não é restaurada. Os geneticistas estabeleceram que, há cerca de 70 mil anos, o número de pessoas diminuiu para 2 mil³²⁴. "... Esta catástrofe climática, que praticamente roubou os trópicos de vegetação, provavelmente também afectou os nossos antepassados, que provavelmente tiveram de confiar mais uns nos outros para sobreviver. Estes rudimentos de comportamento cooperativo podem ter ajudado mais tarde a empurrar outras espécies para fora do planeta", disse o Professor Stanley Ambrose, citado pelo Gabinete de Imprensa da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign³²⁵.

Também as seguintes populações no território do "Jardim do Éden" poderiam ser afectadas e o motivo da "expulsão do paraíso pelo anjo do fogo" poderia ser fixado na sua representação mitológica pelas múltiplas erupções catastróficas subsequentes dos super vulcões vizinhos - Tambora (na ilha indonésia de Sumbava, a partir das ilhas de Lesser Sound), Krakatoa (entre as ilhas indonésias de Java e Sumatra) e Pinatubo (na ilha filipina de Luzon), registadas pela história...

³²⁴ Falcões, Hunley K., Sang-Hee Lee, Wolpoff M. *Bottlenecks Population Bottlenecks and Pleistocene Human Evolution // Molecular Biology and Evolution (Oxford)*. - 1999/ - Vol.17, Número 1. - - P. 2-22. - <http://mbe.oxfordjournals.org/content/17/1/2.long>; Behar D. M., VILLEMS R., Soodyall H. etc. *The Dawn of Human Matrilineal Diversity // The American Journal of Human Genetics*. - - 2008. - Vol. 82, Número 5 - P.1130-1140. - <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajhg.2008.04.002>

³²⁵ A erupção do vulcão Toba quase destruiu pessoas há 73.000 anos atrás // <http://ria.ru/natural/20091124/195205261.html>.

Capítulo 17. Viagem "má" de Bouvais.

Provavelmente muito antes, com base nos documentos encontrados no Castelo de Shinnon, soube-se a direcção em que a frota templária desapareceu - oeste e depois sul ...

Em 1642, o Cardeal Richelieu, proprietário do Castelo de Chinnon, deu autorização para a criação da Companhia dos Mares Orientais, que iria colonizar Madagáscar e as ilhas mais pequenas da região. Em 1664, a empresa foi fundida com uma empresa semelhante das Índias Orientais pelo Ministro das Finanças, Jean-Baptiste Colbert. Sob o seu patrocínio, foram fundadas a Academia de Inscrição e Literatura (1663), a Academia Real das Ciências (1666), o Observatoire de Paris (1667), a Academia Real de Música (1669), e a Academia Real de Arquitectura (1671), porque tinha uma visão ampla e estava habituado a estabelecer objectivos elevados. Foi a Companhia Francesa das Índias Orientais, oficialmente baseada na história da viagem de Gonneville, mas provavelmente estabelecendo um objectivo e resolvendo o mistério da frota templária que tinha desaparecido juntamente com o tesouro, que equipou as expedições.

A primeira foi a expedição do Almirante Etienne de Flacour (1607-1660), conhecido pela sua obra "A História da Grande Ilha de Madagáscar" (1658, pp. 1661), mas ao largo da costa de Portugal os navios alegadamente atacaram os corsários berberes, o que forçou os franceses a saltar para o mar, após o que se afogaram. Mas sabe-se que "... em Portugal, os antigos Templários criaram a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, e, ela tomou sob a protecção pessoal do rei. O centro da Ordem era o Castelo de Tomar, construído pelos Templários. Membros da família real reverenciaram a honra de fazer parte da nova ordem, e o Príncipe Enrique (Henrique) Navigator tornou-se mesmo o seu grande mestre. O enfoque da Ordem na navegação manifestou-se claramente nas suas actividades. O príncipe criou uma escola náutica, que reuniu os melhores especialistas em assuntos marítimos da Europa e do Médio Oriente ... Mas o mais importante, o príncipe gastou uma quantidade significativa de dinheiro (não dos tesouros templários?) para adquirir mapas, loções, descrições de campanhas marítimas e tabelas astronómicas. Não menos dinheiro foi investido na construção de grandes navios, lembrando de forma impressionante os corredores templários e a criação de um observatório. E onde havia bons navios e cartas náuticas misteriosas, houve novas descobertas. Em breve os portugueses descobriram a Madeira e alguns anos mais tarde os Açores. O caminho para o Atlântico foi pavimentado, passaram vários anos e os portugueses pisaram a terra da misteriosa Índia. É curioso que muitos dos líderes destas expedições fossem nativos ou servidos em Tomar - a "capital" da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, é possível que tenham sido membros da Ordem. De acordo com a

versão oficial da busca de um atalho para a Índia era o objectivo da viagem de Colombo, que logo se seguiu. Não podemos excluir que esta informação tenha sido apenas uma cobertura para os verdadeiros planos do grande navegador. Curiosamente, existe uma clara cadeia desde Colombo até aos sucessores portugueses da Ordem dos Templários. A esposa de Colombo, Filipe Monis de Pererello, era filha de um cavaleiro de alta patente da Ordem de Cristo, companheiro de Henrique o Navegador. Não foi daqui que nasceu a confiança de Colombo no sucesso da sua expedição e, na Ordem, obteve cartas náuticas misteriosas? E o dinheiro com que a expedição estava equipada, claramente não foi recebido sem a ajuda da Ordem. Se se lembrar do aparecimento dos navios "descobridores" da América (há muitas imagens deles), o círculo fechar-se-á - nas bandeiras e velas das caravelas de Colombo cruces templárias³²⁶. Também Vasco da Gama e outros cavaleiros errantes Tomarans navegaram com o emblema da Ordem. As aspirações comerciais dos Cavaleiros Não-Comissionados de batina dificilmente se poderiam dar bem com os restos da forma medieval da vida cavaleira militar. Muitos membros da Ordem coabitavam com mulheres, o que levou o Papa Alexandre Bordzh a substituir os votos de celibato e pobreza nos votos de fidelidade conjugal e a contribuir com uma certa parte dos rendimentos para o tesouro da Ordem. O Rei Manuel I de Portugal, que viu nos Tomares um dos pilares do poder real, como um grande mestre tem secularizado consistentemente a Ordem de Cristo. O seu sucessor, João III, declarou o posto de Grão-Mestre hereditário entre os reis de Portugal.

Aparentemente, os Templários portugueses tinham ciúmes (e bastante hostis, o que é compreensível) que o rei francês tentou mais uma vez invadir o seu segredo, que se tinham comprometido a guardar e que consistia em conhecer o caminho para as Lanças de Prata e o local de armazenamento do arquivo e os valores da Ordem.

Mas assim que em Portugal sob o reinado de D. João V (1706-1750), a Inquisição finalmente se vingou, a secularização significativa dos Templários não foi para proteger os obscuros e onerosos pactos da Ordem. Sim, e o próprio Rei Mestre não se apressou a dedicar-se ao segredo, criando um "círculo interior" de particular zelo dedicado - "o mais alto desconhecido" ("mestres ascendidos"). Devido aos significativos laços políticos e culturais entre Portugal e Inglaterra, os "Superiores Desconhecidos" face ao misterioso "Cavaleiro da Pena Vermelha" inspiraram a formação da Maçonaria em Inglaterra.

Logo, em 1754, em França, Alemanha, Itália, Suíça e mesmo na Rússia, a sua organização subsidiária conhecida como a Carta Escocesa (mais tarde chamada "Carta de Observação Estrita (Templária)") foi estabelecida sob a liderança do Barão Johann Gottlieb (Gottfeld) von Hund

³²⁶ Rogoz V. *O que estavam os Templários a fazer na América. ...muito antes de ser descoberto por Colombo?* // <http://shkolazhizni.ru/archive/0/n-30398/>

(1722-1776), que se declarou o guardião dos antigos documentos templários e de um certo "Plano", cuja execução dá a "chave" de grande poder. O próprio Von Hund disse que doze anos antes tinha sido consagrado ao Capítulo Clermont da Ordem do Templo e foi autorizado a espalhar a sua influência. Mas o ideólogo do "Novo Templário" sob o nome cavalheiresco de Eques ab Eremito foi o Chanceler do Capítulo da Ordem do Templo em Lyon, Jean-Baptiste Willermoses (1730-1824), que continuou o comércio ancestral, produzindo prata (!) e seda, e o seu irmão Pierre-Jacques era um famoso químico e membro do Clube Enciclopédico. Mais tarde, ambos os irmãos fundaram uma caixa chamada "O Capítulo Soberano dos Cavaleiros da Águia Negra do Rose-Crest", concebida para encontrar "a arte de Great Delance". Foi J.-B. Willermose e Louis-Claude de Saint-Martin antes da sua partida para o Haiti que Martínez de Pasqualli nomeou os "Juizes Soberanos" e o "Alto Desconhecido" "Ordem dos Cavaleiros-Mestres dos Coenes Seleccionados do Universo". Mais tarde, J.-P. Willermose dá uma iniciação com o nome Josephus a Floribus ao célebre Joseph de Mestre.

Alguns maçons acreditavam que o lugar de esconder os mistérios da Ordem dos Templários poderia ser as Índias Ocidentais, que era procurada por Colombo - e sob o pretexto de receber a herança de Martinez de Pasquali, fundou o templo da sua Ordem dos Cohens Eleitos em La Rochelle, dirigiu-se ao seu primo, Arman Robert Canier de Lester, Secretário-Geral do Departamento Naval em San Domingo (Haiti), onde fundou as caixas (templos) para revelar o mistério dos templos, mas morreu (1774.) ... A propósito, Martínez de Pasqualeis foi o Grande Prior Provincial da Ordem da Frankmason de Auvergne, e segundo a lenda, como mestre da Ordem dos Templários Jacques de Molay foi substituído por Pierre d'Auvergne, Prior da Auvergne, e também chefiou a Ordem após a sua proibição na Escócia.

O enfraquecimento dos Templários portugueses permitiu que a Companhia Francesa das Índias Orientais enviasse uma expedição de Jean-Baptiste Charles Bouvet de Lozier (1705-1786) em 1738 para procurar o País de Honneville no Atlântico Sul. 1 de Janeiro de 1739 Jean-Baptiste Bouvet de Lozier a 54 graus de latitude sul viu uma zona montanhosa coberta de gelo, e chamou-lhe Cabo Sirconscion (Senhor Circuncisão). Mas era uma ilha deserta solitária, mais tarde chamada Bouvet (também chamada Lindsay, Liverpool).

Mas foi um fracasso?

Pela sua expedição, J.-B. de Bouvet recebeu os postos de Governador das ilhas da Reunião e Maurícias.

A própria Ilha Bouvet está a mil milhas equidistante dos continentes. Cobre uma área de 59 quilómetros quadrados e está 935 metros acima do nível do mar. O vulcão Olavtoppen, cuja erupção formou a ilha, é o ponto mais alto, atinge uma altura de cerca de 780 metros e está localizado na parte norte da ilha. O relevo da ilha é montanhoso, as encostas das colinas e

montanhas estão quase completamente cobertas de glaciares. Há mais duas montanhas na parte sudoeste da ilha - Mosbitopen (670 m) e Likketopen (766 m). A forma da linha costeira é quase correctamente arredondada sem baías e baías. Glaciares que cobrem as encostas das montanhas caem para a costa, pequenas praias nuas que consistem em areia de lava negra. Na parte ocidental da ilha, que é relativamente livre de glaciares e consiste em campos de lava, existem mais de 10 espécies de aves marinhas que nidificam. Devido à falta de humidade líquida, solos vulcânicos escassos e ao clima subártico rigoroso, apenas algumas espécies de musgo e líquenes crescem na ilha. A fauna é composta por um grande número de focas, elefantes e algumas espécies de pinguins que visitam a ilha para procriar. Em 2005, foi instalada uma estação meteorológica automática na ilha, que funciona autonomamente sem intervenção humana e só é impedida uma vez por ano. A rota de cruzeiro da Antártida no navio "Alexey Maryshev" passa regularmente pela ilha uma vez por ano, o que faz uma paragem de dois dias perto da ilha, naturalmente sem desembarcar pessoas.

Há uma sugestão de que a ilha vulcânica sub-Antártica de Bouvet não é desabitada, mas é a base secreta de alguém ao mais alto nível. Tem mesmo um domínio de topo oficialmente registado .bv na Internet e a partir desta ilha há também ataques da Internet a diferentes países em todo o mundo, mas principalmente nos EUA.

Por exemplo, a 22 de Setembro de 1979, foi registado um ensaio nuclear na área da Ilha de Bouvet. Nenhum país reivindicou a responsabilidade por esta explosão. Acredita-se que esta explosão, bem como a que se seguiu em 1981 sem anúncio, foi levada a cabo pela África do Sul por si só ou em projectos de ensaios nucleares conjuntos com Israel.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os blockbusters e raiders alemães entraram no Oceano Índico ou na Antártida oriental, tinham anteriormente vindo para a área das Ilhas Bouvet. Além disso, durante a transição para a Antártida, a Suábia esteve de facto na Ilha Bouvet durante três semanas. Mais tarde, outros raiders fascistas vieram também aqui - cruzadores auxiliares "Atlantis", "Penguin" e "Comet", regressando de "Asian" raiding.

Em Abril de 1964, foi encontrado um navio de passageiros sem marca perto da ilha de Bouvet, naufragado, fortemente carregado de provisões e álcool. Surpreendentemente, o barco estava quase no meio da ilha, todo cheio de comida, e completamente intocado. Mas não foi encontrado nenhum vestígio dos passageiros nem do navio nem do barco na ilha.

Como se verificou, em Maio de 1959, A. Crawford, então a trabalhar na Cidade do Cabo (África do Sul), foi abordado pelo conde italiano, que se intitulava Major Giorgio Costanza Beccaria, com um pedido para o assistir no afretamento de um navio para a ilha de Bouvet. Como se verificou, o objectivo do Conde era ajudar algum Professor Silvio Zavatti a sair da ilha para a investigação científica. A. Crawford fez o que pôde para ajudar os

italianos a encontrar um navio adequado, mas sem sucesso, e o Conde regressou a Itália. Contudo, em Junho de 1960 A. Crawford recebeu uma estranha carta do Professor Zavatti, na qual afirmava que não só tinha ido a Bouvais, como também se atrevia a desembarcar em Março de 1959. A carta apanhou A. Crawford de surpresa por não conhecer nenhum navio em nenhum porto sul-africano que pudesse levar o italiano à ilha, especialmente porque as autoridades marítimas sul-africanas não deram autorização para a expedição. No entanto, o professor italiano até publicou o livro "Viaggio All Isola Buve", no qual descreveu as suas aventuras. A. Crawford nota que o livro foi escrito para crianças e ilustrado com apenas uma foto que podia ser tirada em qualquer jardim zoológico e sugere que todo o episódio com a expedição do professor italiano é um engano. Mas o pressuposto é que o navio encontrado na ilha tem algo a ver com esta expedição. Mais promissora é a menção de outra expedição. Em 1959, cinco anos antes da chegada dos sul-americanos, nesta parte do oceano estava a Expedição Soviética Antártica. Sabe-se que pelo menos um cientista, G.A. Solyanik conduziu algumas observações ornitológicas na ilha de Bouvet, como evidenciado pelo título do seu trabalho científico "Algumas observações sobre a vida das aves na ilha de Bouvet". Infelizmente, é quase impossível encontrar este trabalho, pois foi publicado em 1964 numa revista de difícil acesso chamada "Soviet Antarctic Expedition". Boletim informativo". Mas o próprio G.A. Solyanik é um verdadeiro investigador da Estação Biológica de Odessa e participou na Primeira Expedição Soviética da Antártida de quatro anos (1955-58), que navegou a bordo do quebra-gelo "Ob". Possivelmente, este puzzle está ligado à expedição soviética. Mas dificilmente podemos resolver o mistério de uma das descobertas mais misteriosas, porque tudo isto aconteceu no auge da Guerra Fria e foi estritamente classificado, bem como outras expedições soviéticas, que, presumivelmente, tiveram mais do que interesse científico³²⁷.

A própria ilha tem estado sob a jurisdição da Noruega desde os anos 20 do século XX, que foi reconhecida pela Noruega, mas foi disputada em 1939 pela URSS.

No fantástico filme "Alien vs. Predador" (2004) a acção desenrola-se na antiga pirâmide descoberta sob o gelo na ilha de Bouvet, que combina as características da cultura egípcia, asteca e cambojana e constrói, a pretexto do cientista Sebastian de Rosa, a civilização primária. Sebastian decifra hieróglifos nas paredes e explica que a pirâmide foi construída para uma espécie de "safári" sobre extraterrestres, organizado pelos Predadores, que as pessoas da primeira civilização adoravam como deuses. Ao mesmo tempo, acontece que quando falharam, os Caçadores Predadores se destruíram a si próprios juntamente com os Alienígenas e a civilização.

³²⁷ *A descoberta mais misteriosa de um navio abandonado // <http://nosecret.com.ua/stati-kategorii/zagadki-planeti/item/351-samaya-zagadochnaja-nahodka-sudna>.*

Mas a África do Sudoeste também se encontra no Atlântico Sul. Dificilmente valerá a pena atirá-la fora da nossa consideração.

Por exemplo, em Novembro de 1885, Guillermo Farini, um equilibrista canadiano, inventor e aventureiro, escreveu um relatório sobre uma cidade estranha e misteriosa que conheceu numa viagem notória através do deserto africano do Kalahari na Namíbia. Apresentou o seu trabalho à Sociedade Geográfica de Berlim e, em 1886, à Royal Geographical Society of Great Britain. No mesmo ano, Farini chegou mesmo a imprimir o seu próprio livro, no qual descreveu a sua descoberta em pormenor. Na sua edição, o viajante descreveu as misteriosas formações rochosas, que, segundo o autor, eram as ruínas de uma cidade antiga. O canadiano afirmou que a cidade foi construída sob a forma de um enorme arco, e que algumas partes foram enterradas nas profundezas da areia. Farini não encontrou quaisquer inscrições ou símbolos distintivos no seu lugar, pelo que decidiu que esta cidade deveria ter vários milhares de anos de idade. Após muitos anos, a descoberta do viajante foi considerada uma ficção, e os rumores de uma cidade antiga mesmo no meio de um deserto sem vida enterrado na areia foram quase esquecidos. Mas não demorou muito. As palavras de Farini foram confirmadas pelos Gontentots (povo africano). Os Aborígenes também afirmaram que no deserto foi em tempos uma cidade muito antiga, que não foi construída pelos seus antepassados. Mais tarde, o historiador Gustav Prelude disse aos seus colegas que os Gontentots queriam levá-lo às ruínas de uma cidade antiga desconhecida e a outro lugar, onde outrora até encontraram as pedras preciosas. Isto estimulou os historiadores a fazer mais investigação e a partir para uma nova busca da cidade perdida para confirmar o que o Farini tinha dito. Ao contrário de todos os esforços, as notícias da cidade descobertas pelos canadianos ainda se transformaram num mito ao longo do tempo, embora as pessoas tenham relatado repetidamente que no meio do deserto viram as pedreiras abandonadas ou naufrágios errados. Todos estes rumores também nunca foram confirmados. O Professor Clemente acreditava que os Farini tinham encontrado formações invulgares de origem natural de dolerite (rocha vulcânica), o que é muito facilmente confundido com algo feito pelo homem. Mas em 2016, como parte de um programa de televisão no Travel Channel, outra expedição foi para o Kalahari, e no deserto os membros da equipa encontraram paredes e pedras que correspondem às descrições dos Farini.

A atenção dos investigadores atrai outras ilhas do Atlântico Sul.

São também as Ilhas Falkland (Malvinas), às quais a Grã-Bretanha se agarra tão diligentemente, mesmo há muito deixou de ser um império colonial.

Isso e o Arquipélago de George do Sul.
Ilhas Sandwich do Sul.
As Ilhas Orkney do Sul.

As Ilhas Shetland do Sul ao norte da Península Antártica: "...num mapa de Phiri Reis ... As Ilhas Shetland do Sul ... 3 ilhas são delineadas com especial cuidado: Ilha da Neve a oeste, Ilha do Engano em forma de ferradura em forma de cavalo a sul e Ilha de Livingstone com quatro montanhas a norte. A Ilha do Engano tem uma inscrição no mapa que diz "Está calor aqui" ... A Ilha do Engano tem um vulcão, e está activa. Os modernos navios de passageiros ancoram frequentemente na lagoa local para permitir aos turistas nadar nas quentes águas vulcânicas da chamada Enseada de Benjamin. Com excepção da ilha do Engano, as Ilhas Shetland do Sul são íngremes rochosos desabitados onde só há glaciares e pilhas de rochas cobertas de neve. A erva aqui não pode ser vista nem mesmo no verão ... devo dizer, ... aqui os chineses estavam no próprio ponto do nosso planeta, sobre o qual "pende" Alfa - a estrela principal do Cruzeiro do Sul da constelação (62 °49' ironia do sul) "³²⁸.

Acima assinalamos que no mapa mundial de Ortelius, numa parte do grande Continente do Sul, desde a Terra do Fogo e de leste a sul de África, existe uma área chamada "Parrot Land" (Psittacorum Regio) com a seguinte lenda: "sic a Lisitanis appellata ob in: credibile carum avium ibidem magnitudinem" ("é assim que os portugueses lhe chamavam porque é o lar de aves incrivelmente caras do mesmo tamanho). Isto levou-nos a comparar esta mensagem com o desenrolar da imagem de G. Menzis num mapa da Ilha Bird (um cartucho com uma bússola) da Ilha Bird, a noroeste da Geórgia do Sul: "...há muitas aves que utilizam este pedaço de terra como uma espécie de base para sair em busca de alimento nas águas ricas em plâncton do Oceano Antártico. Esta ilhota tem 2 milhas de comprimento e meia milha de largura e é interessante com milhares de pés de falésias no lado norte e praias de areia plana no sul. A abundância do mapa da bússola mostra que ... os cartógrafos viram esta ilha como um "³²⁹ponto importante para si próprios ...".

Mas mesmo assim, é necessária uma referência especial para a natação. Está no Hemisfério Norte (Estrela Polar), mas não está no Hemisfério Sul! Com as estrelas Canopus e Southern Cross no Hemisfério

³²⁸ Menzis G. 1421 - ano. *Quando a China descobriu o mundo / Per. de Inglês - M. : Exmo ; Yauza, 2006. - - C. 200-201, 202.*

³²⁹ Menzis G. 1421 - ano. *Quando a China descobriu o mundo / Per. de Inglês - M. : Exmo ; Yauza, 2006. - - C. 206.*

Sul, é possível determinar com muita precisão a latitude geográfica, mas não há nenhum ponto de referência para o comprimento geográfico³³⁰.

Igor Sid (Sidorenko), o presidente do Crimean Geopoethic Club, que trabalhou durante algum tempo como investigador arqueólogo nas águas costeiras da Antártida, chamou a atenção para o facto de os arqueólogos argentinos terem encontrado vestígios de visitas humanas à Antártida (que se acreditava ter sido descoberta em 1819 ou 1820) pelo menos 200 anos antes da "descoberta oficial". Nos locais de caça costeira do início do século XVII foram encontrados utensílios, sapatos, fragmentos de vestuário e edifícios de madeira. As pessoas que chegaram à Antártida vindas da província argentina da Patagónia pescavam leões marinhos e elefantes. Mas aparentemente eles também não foram os descobridores do continente gelado. Vale a pena recordar os restos dos antigos - em pregos de madeira! - O navio, deitado durante séculos perto da estação Antártica "Artigas" (Uruguai) na ilha Antártica do Rei Jorge, e é a partir destas placas antigas que se construiu o famoso índice de distâncias a partir deste ponto na Antártida para diferentes partes do mundo. Depois I. Sid descobriu na edição russa de meados do século XIX - a única edição do "Travel journal" (o actual predecessor da famosa revista "Around the World") um grande estudo de um certo M.I. Konovtsev sob o intrigante título "To the history of two settlements of Icelandic Normans, or Vikings, in the subpolar Antarctic". De acordo com a investigação, verificou-se que "... uma parte destes aventureiros nórdicos fez incursões experimentais ao sul de Gibraltar, ao longo da costa africana. É difícil até teoricamente nomear a distância máxima dos ataques Viking em navios piratas de super velocidade para a sua era. Mas não foram apenas os roubos e a necessidade de desenvolver novas terras que forçaram os Vikings a abandonar as suas casas. Havia outra razão - para escapar à vingança de sangue. Por matar um homem livre de outra comunidade familiar, os Ting (Veche local) declararam o chefe da família - e portanto toda a família - fora-da-lei. Esta condenação - "proscrita para sempre" - deu a todos o direito de matar uma pessoa condenada em qualquer altura. Assim, as comunidades familiares "condenadas" deixaram, juntamente com o seu chefe, as suas famílias, os seus dependentes, e os seus escravos, levando as tradições e costumes estabelecidos para as novas regiões. No início da década de 970, um homem que estava destinado a liderar a colonização das terras antárticas estava entre esses "detractores". O seu nome era Eirik Torvaldson, apelidado de Red, "um homem de energia irreprimível e, além disso, voluntarioso", como os investigadores modernos escrevem sobre ele. Foi por isso que se tornou o líder dos Normandos da Antártida. Fugindo da vingança de sangue, Eirich fugiu da sua Noruega natal. Depois, na Islândia, no seu Eirikstadur ("Eirik's Manor"), o nosso herói

³³⁰ *Menzis G. 1421 - ano. Quando a China descobriu o mundo / Per. de Inglês - M. : Exmo ; Yauza, 2006. - - C. 202-203.*

arranjou um colapso da encosta sobre a casa do seu vizinho Valtiov. Os amigos do vizinho mataram os escravos de Eirik em vingança. Eirik matou primeiro um dos amigos do vizinho, Eyolva, e depois o famoso brawler Khrafna. Os pais de Eyolva entraram com uma acção judicial. E pela decisão do ting Eirik Red foi ilegalizado, quase condenado ao exílio. Mas Eirik não se acalmou, e em breve, segundo o escritor norueguês E. Bulstad, foi condenado. Para um carácter ambicioso e carismático, como foi Eirik Torvaldson, não significava tanto perigo ou vergonha, mas uma desculpa feliz para ir à procura de novas terras. De tradição oral islandesa, Eirik e os seus contemporâneos sabiam que, cem anos antes, um navio Torbjørn tinha invadido o extremo sul de Gibraltar para as rochas desconhecidas que saíam da água (acredita-se que as ilhas mais jovens da Madeira ou Canárias tenham entrado no folclore chamado o skher Torbjørn). Foi decidido ir para sul em busca deles. Na Primavera de 980 (de acordo com outras fontes, 982) Eirik e os seus camaradas deixaram o Hwamsfjord islandês em seis grandes navios. Mas os marinheiros perderam o seu caminho. Partindo para a sua esquerda, a leste, os skerries Torbjorn e toda a África, o Flibustier Corps, após dois meses difíceis cheios de aventuras perigosas, chegaram à costa brasileira e argentina. As sagas silenciam sobre os contactos na estrada com a população das terras recém-descobertas. Muito provavelmente, os desembarques curtos serviram apenas para reabastecer de alimentos, e uma pequena flotilha desesperada continuou a deslocar-se incansavelmente para sul. A hipótese romântica de Konovtsev, que explicava este "vector sul" pelo mesmerismo dos viajantes e do seu líder com a constelação do Cruzeiro do Sul, que se lhes abriu em todo o seu esplendor na travessia dos trópicos do Norte (cerca de 25 graus de latitude norte), poderia ter sido negligenciada. Mas aqui é necessário considerar que pouco antes da expedição houve uma grandiosa disputa "teológica" entre Eirik e o seu filho Leyva. Este último serviu o Inverno no norueguês Trondheim como vigilante na corte do famoso Viking Olav Trygvason, que não só se tornou ele próprio um cristão, como também plantou activamente o cristianismo entre os normandos. Leive recebeu a missão de Olav para baptizar os seus camaradas e familiares, algo com que o seu pai ficou inicialmente muito insatisfeito. Pode-se imaginar o choque quando uma majestosa cruz celeste brilhou subitamente perante os viajantes, nunca vista pelos seus companheiros de tribos em casa, nas suas latitudes! Evidentemente, a cruz foi vista como uma revelação, como um farol, como uma estrela guia. Apontava quase exactamente para o sul. À sua frente estava a Península de Tierra del Fuego, o Estreito de Drake. e Antártida. Ainda hoje, nos seus "oásis" costeiros sem gelo, existe alguma vegetação: musgos, líquenes, cogumelos, várias espécies de ervas ...; grandes mamíferos marinhos já foram discutidos. Há milhares de anos, uma flora e fauna mais ricas da região poderiam muito bem proporcionar a existência de pessoas duras, habituadas às condições da região Circumpolar. Detalhes de

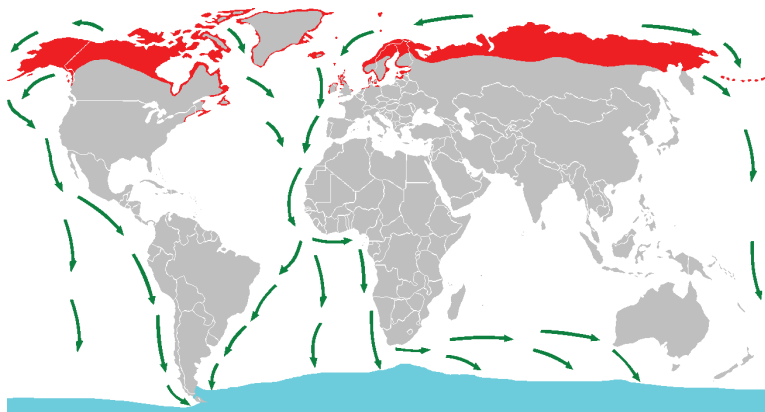
como Eirik o Vermelho com os seus camaradas de armas e com os seus quatro filhos adultos - os seus filhos Lev, Thorwald, Torstein e a sua filha ilegítima Freudis - chegaram à península Antártica e fundaram na sua costa mais setentrional, ou seja, a costa mais quente, primeiro o novo Eirikstadur e depois as povoações de Etribugdar e Westribugdar, como Thorwald morreu na costa da Antártida numa escaramuça com a população mongolóide local obviamente, descrita nas sagas como raspagem, sobre como, dois séculos mais tarde, Etributedar e Westributedar foram despovoados devido a uma epidemia desconhecida ou devido à degeneração biológica da comunidade - pode ser lido no "Travel Journal", publicado a 13 de Abril (novo estilo) de 1855³³¹.

No início de 2017, os meios de comunicação do mundo voaram uma sensação: os cientistas descobriram as ruínas de um antigo edifício que se assemelhava a castelos medievais na Antártida. Enormes edifícios simétricos foram detectados por uma câmara tridimensional Google Earth. Os peritos acreditam que só as pessoas poderiam erguer tais edifícios³³².

Diremos aos cépticos que os corajosos vikings poderiam ter chegado tão longe após um voo de um pássaro para sul. É a gaivina polar (*Sterna paradisaea*) que detém o recorde de distância de voo entre pássaros. É a única ave que migra sazonalmente do Ártico (nidifica nas regiões polares, ilhas e penínsulas do Norte da Europa, Gronelândia, Sibéria, Alasca, Canadá) para a Antártida. O voo numa direcção dura cerca de um mês e, ao mesmo tempo, percorre até 70-80 mil quilómetros por ano. Tendo em conta que o comprimento do equador é ligeiramente superior a 40 000 km, verifica-se que o voo de andorinhas-do-mar do pólo para o pólo 2 vezes por ano é igual a voar o globo inteiro. Como a gaivina polar vive 20-25 anos (duração máxima de vida - 34 anos), ou seja, durante a sua vida a ave voa a distância igual à Lua e volta três vezes.

³³¹ Igor Sid: *Eirik Torvaldoson South Cross* // https://mesoeurasia.blogspot.com/2019/07/blog-post_58.html

³³² *As ruínas dos "castelos medievais" foram encontradas na Antártida* // *Rambler / News*. - - 2017. - 10 Jan. <https://news.rambler.ru/science/35776509-v-antarktide-naydeny-razvaliny-srednevekovyh-zamkov/?updated=news> ; *Secureteam10/ Mystery Domed "FORT" Descoberto na Antártida! 1/8/17* // <https://www.youtube.com/watch?v=TZnUYpZDZWY>



O investigador amador Vladimir Fisunov (2013), com base na sua análise dos textos de Homero e Strabo na descrição do Oceano Atlântico Sul ("escuridão e nevoeiro"), chegou à conclusão de que Odisseu chegou ... à própria Antárctida: "... tal país de noite eterna só poderia estar para além do círculo polar sul, o que leva a uma conclusão absolutamente incrível de que Odisseu não viajou para algum lugar, mas para a própria Antárctida! Por isso, talvez durante a Guerra de Tróia, houve de facto um clima temperado, porque Odisseu conseguiu, numa noite polar (!), não só aterrar na costa da Antárctida, mas também cavar um buraco no seu cotovelo longo e largo, o que dificilmente poderia fazer em condições modernas, quando muitos quilómetros de glaciares cobrem este continente de forma fiável. Excepto que nadou até ao local onde o gelo ligava a superfície do oceano e esvaziava um buraco no gelo, como o que os pescadores fazem durante a pesca no gelo. Mas de qualquer modo, a menção da noite eterna sugere que ele nadou para além do círculo polar sul... Podemos certamente assumir que Homero se enganou em alguma coisa. Digamos que não foi o vento norte, mas o sul e Odisseu não nadaram para além do sul, mas para além do círculo polar norte. Mas então e os etíopes e pigmeus ocidentais mencionados por Homero? Ele não os inventou! E como sabem, não havia negros ou pigmeus na Europa na época de Homero. Odisseu estava a nadar na Antárctida! O seu navio, apanhado pela Corrente da Guiné, navegou primeiro pelos etíopes ocidentais, depois pelos pigmeus e finalmente atravessou de norte a sul, passando a sul de África, a corrente dos ventos ocidentais. Odisseu navegou então para as margens da Antárctida e aterrou nas mesmas, talvez livre do gelo eterno. Foi levada de volta para norte pela corrente de Bengala³³³ ... " .

³³³ Fisunov V.A. *Visiting Hades* // <http://jhooty.2291.ru/index.php/005-2/523-2/>.

Capítulo 18. Pacífida como uma colónia da Antártida.

O navegador escocês e primeiro hidrografista do Almirantado britânico, Alexander Dalrymple, que em 1770 publicou a Coleção Histórica das Várias Viagens e Descobertas no Oceano Pacífico Sul, onde citou provas de que a população do continente do sul ultrapassa os 50 milhões. É a afirmação de A. Dalrymple que Manco Kapak, o fundador do Império Inca, veio desta civilização do sul, trazendo a letra kipu e a capacidade de usar metais³³⁴.

Na nossa opinião, A. Dalrymple usou uma conhecida recontagem na sua concepção do Continente do Sul em 1567. O matemático, navegador, escritor e humanista espanhol Pedro Sarmiento de Gamboa ao vice-reinado do Peru, Lope García de Castro, é uma lenda sobre um líder que possuía um enorme continente³³⁵ ou ilhas longínquas no Pacífico Sul - o Avachumbi (Hahuachimbi) e Ninachumbi, que, segundo lendas inca, foram encontradas no Mar do Sul enviadas pelo governante inca Tupac Yupanka (1471-1493) frota de balsa (provavelmente Ilha da Páscoa): Lendas locais de um poderoso líder chamado Tupa que chegou do leste; as ruínas de Ahu Winapu, construídas no estilo clássico da arquitectura poligonal Inca dos Incas, de blocos de basalto cuidadosamente combinados entre si de forma irregular; e o facto de a totora, que cresce nos lagos vulcânicos Rano Raraku e Rano Kau, só ter aparecido lá no século XIV., e fora da Ilha de Páscoa, só cresce no Lago Titicaca).

Consequentemente, o vice-rei ordena que seja preparada uma armada para a descoberta e colonização do continente a sudoeste do Peru. O general da expedição foi escolhido sobrinho de Sarmiento de Gamboa, Alvaro Medanha de Neura, e o iniciador foi nomeado como alimentador freelancer. Os navios deixaram o porto de Callao a 19 de Novembro de 1567. Apesar do desacordo entre o general e Sarmiento, descobriram as Ilhas Salomão, Tuvalu e Wake Atoll, que se submeteram à coroa real. Também é considerado bastante provável que os marinheiros tenham chegado e visitado a Austrália: "... E como era tão vasta e alta, decidimos que deve ser o continente", escreveu A. Mendagna de Neura. Nos mapas subsequentes do mundo, a sua linha costeira foi vista como uma extensão significativa para norte do continente do sul. Já em 1528, Ortiz de Reytis, um espanhol, descobriu a Nova Guiné - e era também considerada a borda norte da Terra Desconhecida do Sul. Em 1578, o navegador espanhol Juan Fernandez

³³⁴ Dalrymple Alexander. *Uma coleção histórica das várias Viagens e Descobertas no Oceano Pacífico Sul, Londres, 1769 e 1770. - Vol.I. - P. xxviii-xxix.*

³³⁵ Blon J. *A Grande Hora dos Oceanos : Mares Polares / Primeiro que tudo ; relatório pós-venda do Presidente da Assembleia Geral. V.A. Dygalo, A.V. Shumilova ; comentário. A. M. Grigorjeva et al. - M. : Thought, 1984. - - C.95.*

descobriu uma vasta área de terra no Oceano Pacífico que ninguém pôde encontrar mais tarde. Em 1606, Após descobrir uma pequena ilha no Arquipélago das Novas Hébridas, Pedro de Quiroz declarou-a "a Terra do Espírito Santo do Sul" (La Austrialia del Espiritu Santo) e relatou ter descoberto um continente "ocupando um quarto do mundo" porque "é a mais longa da Europa e da Ásia Menor, tomada dentro das suas fronteiras a partir do Mar Cáspio e da Pérsia, Europa com todas as ilhas do Mar Mediterrâneo e do Oceano Atlântico, incluindo Inglaterra e Irlanda". Inaugurada em 1642 por Abel Tasman, o holandês, a Nova Zelândia é também declarada parte do Desconhecido Sul da Terra.

Ao descobrirem ilhas no Oceano Pacífico, os espanhóis, embora não tenham chegado à Terra Desconhecida do Sul, deram aos europeus mais informações sobre a mesma.

Além disso, basear-nos-emos em materiais do notável trabalho do geofísico e atlantologista de São Petersburgo A. Kondratov "Atlântida dos cinco continentes"³³⁶.

Na mitologia dos ilhéus do Pacífico há uma menção a um grande país, que se afundou em tempos imemoriais: no Hawaii está o continente "Ka Hopo-o-Kane" - "Rede solar do deus Kane; Polinésio - Grande Terra; Páscoa - a ilha de Motu-Mario-Hiva.

Por exemplo, o povo da Ilha de Páscoa acreditava que a sua ilha tinha sido anteriormente parte de uma grande terra (Kainga Nuinui), mas um gigante chamado Woké, que podia levantar e destruir as ilhas com o seu bastão, zangado, decidiu destruir a terra. Destruiu-a até que o seu bastão se avariou no Monte Puku Puku Puku - e só ficou a Ilha da Páscoa (Te Pito-ote-Henua - "Pupe Earth"). O explorador francês Francis Mazier, com a ajuda da sua esposa, Polynesian Teala, registou uma versão semelhante em 1963 a partir das palavras do último "velho" (como foram chamados os conhecedores da tradição e mitos da Ilha de Páscoa): ela diz que a Ilha de Páscoa "era muito maior, mas devido às transgressões cometidas pelos seus habitantes, Woke embalou-a e partiu-a com uma alavanca. O nome Woké (ou Woké) é conhecido tanto nas Ilhas Galápagos como nas Ilhas Marquesas. Aí, aparece na lista dos míticos "criadores do mundo": a palavra "u" significa "surf de chocalhar", a palavra "oceano" significa "destruição". Portanto, Wookie é um divino surf-destroyer. A lenda conta-nos como o Chefe Hotu Matua "reparou que a sua terra estava lentamente a afundar-se no mar. Reuniu os seus criados, homens, mulheres, crianças e homens velhos e colocou-os em dois grandes barcos. Quando chegaram ao horizonte, o chefe viu que toda a terra, excepto uma pequena parte dela chamada Maori, tinha ficado submersa.

³³⁶ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/index.shtml>.

Os polinésios do Havai dizem que "o vento desceu das correntes, a chuva foi derramada com riachos - e a terra foi destruída e inundada pelo mar", apenas os picos das montanhas do continente permaneceram à superfície - estas são as actuais ilhas da Polinésia e Fiji, e um punhado de pessoas foi salvo da morte graças a um sábio feiticeiro chamado Nuu. Investigadores que registaram histórias semelhantes sobre a inundação nas ilhas de Tuamotu, argumentam que tanto a lenda da ilha de Hao como outras "tradições da inundação" contêm muitas palavras que agora os nativos não compreendem, saíram da palavra falada e sobreviveram apenas nos textos de lendas antigas. Segundo o povo de Tuamotu, estas lendas foram contadas pelos seus antepassados mesmo antes da chegada dos europeus com a sua versão bíblica da "inundação global".

O teólogo alemão Johann-Reynold Forster, companheiro de viagem do Capitão Cook, observou nas suas notas publicadas em 1778: "... as ilhas altas da Polinésia são os restos do continente agora submerso que estava anteriormente ligado à Ásia, e que os seus habitantes têm uma lenda sobre um continente afundado.

Em 1837, o missionário francês J.-A. Morenhut, com base no seu estudo dos mitos e lendas da Polinésia, concluiu que os ilhéus tinham testemunhado alguma grande catástrofe que inundou o vasto continente do Oceano Pacífico, o Oceano Pacífico, que incluiu todas as ilhas da Polinésia, do Havai à Nova Zelândia, bem como o arquipélago das Fiji.

A existência de um grande continente no Oceano Pacífico é evidenciada tanto por provas biológicas como geológicas.

Em 1886, O. Beccari, após estudar a distribuição de palmeiras nas ilhas do Pacífico, concluiu que elas eram descendentes de alguma forma ancestral que existia no actual continente afundado. Em 1922, Moscovo publicou um livro de Kademik M.A. Menzbir "The Mystery of the Great Ocean". Nele ele citou numerosos factos biológicos a favor do Oceano Pacífico. Por exemplo, lagostim de dez patas, representantes da fauna costeira, não podiam chegar às ilhas do Oceano Pacífico, separadas por vastos espaços de água, se não no lugar destes espaços a terra. As ilhas da Polinésia são habitadas por gafanhotos, absolutamente incapazes de voar longas distâncias, pelo que só podiam chegar aqui pela velha terra. Assim como muitas espécies de besouros, borboletas, formigas, amêijoas, vermes, relacionados com os habitantes da América ou do Velho Mundo. Por exemplo, a Nova Caledónia é o lar dos escaravelhos de alfafa luminosos da América do Sul - poderiam realmente ter sido trazidos da América pelo vento? E como explicar que na Nova Zelândia, Ilhas Fiji e Samoa vivem sapos que não transportam água do mar, nas Galápagos, Fiji, Samoa, arquipélagos de Tonga são habitados por cobras, e os lagartos das iguanas das Fiji estão relacionados com as iguanas Galápagos e América do Sul? Nos anos 90 do século XX, uma série de obras de G. Baur estudou os lagartos

únicos que vivem nas Ilhas Galápagos e comparou-os com lagartos da América, Austrália, Oceânia, Sudeste Asiático. A conclusão de Baur: não só o arquipélago das Galápagos, mas também as ilhas da Polinésia, Micronésia e Melanésia são fragmentos do antigo continente. O zoólogo alemão A. Günther, um colega e compatriota de G. Bauer, escreveu a mesma coisa explorando os répteis únicos das Ilhas Galápagos - tartarugas terrestres gigantes. No início do século XXI, houve uma animada discussão sobre a origem da fauna e flora das Ilhas Havaianas. Este arquipélago, situado no centro do Oceano Pacífico, distante centenas e milhares de quilômetros de outras terras, abriga mais de três mil espécies de insectos, mais de mil espécies de moluscos, 71 espécies de aves terrestres e costeiras e existem mais de 1700 espécies diferentes de plantas superiores e inferiores. E o Hawaii tem flora da Indonésia, América do Norte, Austrália, América do Sul, Polinésia e até da Antártida. Por exemplo, no Hawaii, existe a Koa Acacia, que não se encontra em mais lado nenhum nas ilhas da Oceânia, mas cresce na Austrália, que é a sua pátria.

Um estudo da estrutura geológica da ilha isolada do Pacífico de Partida mostrou que é composta por granito, uma rocha típica do continente e presumivelmente um remanescente de um continente afundado. Os últimos dados geofísicos mostraram que as rochas da Ilha de Páscoa são também de origem continental. A espessura típica da crosta oceânica é de 4 km e em torno de Pupa Earth a crosta do tipo continente atinge 20-30 km de espessura. A Ilha de Páscoa está localizada num planalto submarino, que é uma camada relativamente fina de rocha de tipo continental, e a própria ilha é composta por rochas típicas continentais. A extraordinária juventude das respectivas zonas oceânicas "vota" a favor da existência de Pacífida. A cordilheira do Pacífico Oriental (nela - Ilha de Páscoa, Galápagos, etc.) e partes do oceano adjacentes à América do Norte apareceram na era geológica mais recente - o Cenozóico. Quanto às depressões oceânicas profundas, elas "nasceram", provavelmente, mesmo mais tarde - no período quaternário. É evidente que este último processo, que começou geologicamente tão recentemente, deve continuar até hoje, o que resultou na morte de muitas ilhas. É por isso que a existência do Pacífico parece ser bastante real. Tanto mais que há uma testemunha viva disso - a Ilha de Páscoa. De acordo com esta hipótese, o continente de Pacífida estava rodeado por todos os lados por mares profundos. A crosta terrestre, que era o fundo destes mares, foi espremida entre as rochas do continente, e por isso era subtil, facilmente dobrada. Séculos depois de séculos, precipitação acumulada no fundo do mar. Finalmente, no período terciário (65-1,8 milhões de anos atrás), o processo de formação de montanha começou sob a sua influência. No lugar dos mares, as cadeias montanhosas mais altas elevaram-se e a Pacífida afundou-se até ao fundo. A placa do continente rachou, o magma quente subiu e o Pacífico foi finalmente submerso. Apenas os picos das montanhas mais altas

permaneceram acima da superfície. Os últimos dias da vida de Pacífida foram no Quaternário, quando as pessoas os puderam testemunhar.

As testemunhas mudas de um continente majestoso com uma civilização altamente desenvolvida são artefactos monumentais espalhados por todo o território do alegado Pacífico: Na ilha existem estátuas gigantes e escritos não resolvidos, muito semelhantes aos das civilizações de Harappa e Mohenjo Daro no Vale do Indo, e nas ilhas havaianas existem estruturas ciclópicas atribuídas por lendas locais a construtores milagrosos, numa das ilhas do arquipélago de Tonga - "portões" de pedra gigante - trilhões de várias toneladas, na ilha de Tongatapu no arquipélago de Tonga - arcos enormes de pedra monolítica pesando cerca de 100 toneladas (não há lugar em toda a ilha onde se possa obter um "branco" para um detalhe tão gigantesco), Na ilha micronésia de Tinian, uma ruela de duas filas de colunas de pedra com quatro metros de altura, na ilha de Picern, situada a 2000 quilómetros a oeste da Ilha de Páscoa, podem-se ver os restos de edifícios residenciais, estátuas de quatro metros e ruínas de templos antigos, nas ilhas da Gâmbia - múmias e ruínas perfeitamente preservadas das altas muralhas formando um semi-círculo, na ilha de Ponapé há um porto construído de pedra com canais, que, segundo lendas nativas, construíram "reis do sol", mas quem eram, de onde vieram e para onde foram - ninguém pode dizer, e muito mais ...

Vamos parar na descrição de algumas estruturas especiais.

Tour Heyerdahl encontrou nas montanhas da ilha de Rapa Ichi (arquipélago de Tubuai, Polinésia Francesa) enormes edifícios. No seu livro "Aku Aku", no décimo capítulo intitulado "Moronga Uta, a cidade das ruínas subclávias", Thor Heyerdahl descreve estas estruturas (ênfase dos editores): "... A aldeia foi completamente fortificada. Do sul, um fosso largo com um muro bloqueou o caminho para ele. Os construtores moveram pacientemente centenas de milhares de fragmentos de basalto duro do vale para o topo para evitar que as tempestades de chuva lavassem as cabanas para o abismo. As pedras foram extremamente habilmente trazidas umas para as outras sem qualquer argamassa de ligação. Aqui e ali, a alvenaria era permeada por canais de drenagem: pedras oblongas salientes, formando escadas com as suas saliências, que ligavam as cornijas umas com as outras. Havia mais de oitenta terraços no Morongo Uta. A altura total da estrutura é de cinquenta metros com uma cruz de quatrocentos metros; por outras palavras, é a maior estrutura que conhecemos na Polinésia".

Na ilha de Tongatapu, situada no sudoeste do Oceano Pacífico, num arquipélago de 169 ilhas pertencentes ao Reino de Tonga, existe um arco gigante chamado Ha'amonga 'A Maui pelos polinésios locais. O arco é constituído por três blocos separados, sendo a parte superior inserida em

ranhuras transversais feitas nos blocos laterais. O material é coral fossilizado. O peso dos blocos laterais é de cerca de 50 toneladas, e o superior é de cerca de 9 toneladas. A altura do arco é de 5 metros. Aproximadamente 10 km de "Ha'amonga A Maui" em direção à cidade de Nuku'alofa (Nuku'alofa) são sítios ciclópicos retangulares europeus, compostos por blocos gigantes, cujo tamanho é calculado em metros, e cujo peso excede dezenas de toneladas. Devido à forma retangular plana destes locais, foram chamados pelos arqueólogos modernos de "túmulos em terraços" (Terraced Tombs) ou na alcunha local de "langi". Existem cerca de 23 sítios deste tipo, e todos eles são de tamanhos diferentes. Existem também enormes blocos de megalitismo de forma retangular deitados separadamente, que os locais chamam "esi", que significa "fundação" na língua local. Estes megalíticos separados podem ser encontrados em vários locais na ilha de Tongatapu. O "Tonga Gate" de Tongatapu (blocos de pedra com a forma da letra "P" em pé em palmeiras), através do qual, segundo a lenda local, numa determinada altura do ano, se pode passar ao habitat do deus local e à mesma estrada de regresso, muito semelhante aos edifícios religiosos xintoístas japoneses - "Torii" (letras "Torii"). "poleiro dos pássaros"), portões rituais instalados diante de ídolos ou santuários, e que designam a entrada para o "outro, o outro mundo" - a posse dos deuses-kami, onde todos podem comunicar com os espíritos-"pássaros". Segundo as lendas, o deus Tangaloa criou os primeiros Tongans a partir de larvas e tornou-se o próprio pai do primeiro rei. Depois Tangaloa exilou pequenos deuses do céu para ajudar o seu filho. Acredita-se que este mito tenha formado a base da estrutura social moderna no reino de Tonga. É interessante, que na mitologia japonesa os deuses-kami inferiores são enviados para viver na terra as divindades celestiais superiores e, em essência, cada japonês é descendente de sangue de algumas divindades-kami do clã...

No sudoeste da grande ilha de Pohnpei (Pohnpei) das Ilhas Carolinas nos Estados Federados da Micronésia, existem as ruínas de uma antiga cidade na água, a que os habitantes locais chamam "Nan Madol", que significa "Na boca do Alto Líder". Estas ruínas cobrem uma área de cerca de 30 hectares. Os edifícios são absolutamente originais em carácter. Como blocos de construção são utilizados poliedros longos de basalto, que parecem lápis gigantes não afiados - tais "paus" gigantes - com o tamanho de um a cinco metros, e pesando de uma a dez toneladas. Na base das paredes são colocados blocos de pedra de basalto muito mais maciços, pesando até 50 toneladas. As ruínas da cidade de Nan-Madol podem ser vistas hoje em dia sob a forma de pequenas ilhas artificiais, cujo número ronda os 82. Os restos de edifícios retangulares podem ser vistos na base destas ilhotas, cujas paredes estão parcialmente preservadas em bastante bom estado. Algumas das paredes atingem uma altura de 9 metros a partir da base. Em geral, reina o caos sobre as ruínas - "paus" gigantescos estão espalhados por todo o

complexo, o que deixa uma impressão de destruição como resultado de uma poderosa catástrofe natural. Estas ruínas foram mesmo apelidadas de "Basalto Veneza". Nalguns locais pode-se ver as paredes a ir ao fundo da água do mar.

Nos últimos anos, as universidades de Ohio, Oregon (EUA) e o Pacific Institute (Honolulu) empreenderam expedições de mergulho submarino aos abismos oceânicos perto de Nan Madol. Encontraram vários elementos de estruturas gigantescas como enormes colunas de pedra, um sistema de túneis, ruas pavimentadas com enormes blocos rectangulares. Os arqueólogos amadores, em particular um grupo de mergulhadores australianos liderado pelo escritor publicista David Childers, também confirmaram estes estudos. Encontraram colunas gigantes entre 20 e 30 metros de altura, cujas fundações descansam a uma profundidade de cerca de 60 metros. A equipa de crianças também encontrou inscrições em lajes subaquáticas - figuras geométricas como círculos e rectângulos. As pedreiras onde estes "paus" de basalto foram extraídos não foram encontradas. Mas o basalto pode ser encontrado na ilha principal de Panapa, a 50 km das próprias ruínas. Lendas nativas dizem que os edifícios gigantescos de Nan Madol foram erguidos devido ao facto de grandes pedras de construção terem vindo para cá por via aérea, e que a cidade foi construída por nativos locais com a ajuda de dois alienígenas do leste. Dois irmãos divindades chamados Olosope e Olocycle vaguearam pelas montanhas circundantes e lançaram os seus olhos ao oceano. E ali, no fundo, viram a beleza deslumbrante da cidade subaquática de Hanimweiso. Surpreendeu-os tanto que os irmãos decidiram construir a sua reflexão sobre a superfície. Foi assim que surgiram as ilhas artificiais de Nan-Madol.

O arqueólogo D. Brown, da Nova Zelândia, calculou os custos de mão-de-obra que os nativos tiveram de gastar para construir estas estruturas invulgares. E foi isso que ele fez. Teriam sido necessários pelo menos 10.000 trabalhadores para concluir com sucesso a construção num prazo razoável, de manhã à noite, para construir estas ilhas artificiais. E este enorme otava deve ainda servir, isto é, alimentar, vestir e fornecer todo o equipamento necessário. . Actualmente, o número de todos os ilhéus (incluindo os idosos e as crianças) é de cerca de 15.000. E a população com capacidade física, capaz de realizar trabalhos físicos pesados, mal chega a 2-3 mil pessoas. E em 1856 havia apenas 5.000 ilhéus. Foi também calculado o rendimento de todas as terras agrícolas disponíveis nas ilhas e verificou-se que a alimentação não seria banal nem sequer para 8.000 trabalhadores. A questão do processamento de pedra é também aguda, uma vez que a maioria das pedras são esculpidas em basalto, e sabe-se que este material requer ferramentas mais duras, como o ferro. E os primeiros investigadores espanhóis que visitaram estas ilhas, apanharam a população local, que no seu desenvolvimento ficou irremediavelmente presa na Idade da Pedra. Os habitantes locais nem sequer tinham faiança queimada.

Existem edifícios semelhantes na ilha costeira de Lelu perto de Kosrae (Kusiae), outra ilha micronésia a 600 km de Ponape.

Na ilha micronésia de Yap, do arquipélago carolíngio, existem numerosos círculos de pedra antigos com um buraco no centro. Estes produtos de pedra variam em diâmetro de meio metro a cinco metros e têm 10 a 50 cm de espessura. Estes círculos estão espalhados ao acaso por toda a ilha. Mais de seiscentos quilómetros a sudoeste da Ilha Yap é a ilha República de Palau, cuja ilha principal se chama Babeldaob (Babelthuap). Nesta ilha existem os mesmos círculos de pedra que na Ilha Yap. Alguns espécimes têm cinco metros de diâmetro e cerca de meio metro de espessura. Estes gigantes deitam-se no chão, e alguns deles já caíram em pedaços. Os mesmos círculos de pedra podem ser encontrados não só na ilha principal de Babeldaob, mas também em pequenas ilhas satélites, que se encontram perto do sul da ilha principal e são chamadas Ilhas Rochosas. Na costa leste desta ilha, perto da aldeia de Ngarchelong, existe um beco megalítico composto por 37 megalitos que atingem vários metros de altura e várias toneladas de peso. Os locais chamam a estes megalíticos Badrulchau. Lendas nativas dizem que o beco foi construído por "deuses".

Nas Ilhas Marianas de Guam, Rota e Tinian, que se encontram num arquipélago que se estende 400 quilómetros a sul do Japão, é possível encontrar estruturas de pedra gigantesças e espantosas. Parecem flautas gigantes ou óculos. Para esta forma, foram chamados "óculos de pedra". O tamanho destes "óculos de pedra" varia em cada ilha. Em Guam, por exemplo, não têm mais de dois metros de tamanho, enquanto em Tiniano, os maiores exemplares atingem uma altura de cinco metros. O peso das "pernas" dos maiores "óculos de pedra" é estimado em 34 toneladas, e a ponta dos óculos em 22 toneladas. Os "copos de pedra" são por vezes dispostos em filas ou rectângulos e por vezes de forma dividida. A maioria dos "copos de pedra" ciclopes europeus estão em forma semi-destruída, colapsados, que se encontram dispersos na mata das ilhas. Apenas algumas (as mais pequenas) destas ruínas foram restauradas e exibidas para atrair turistas, como no Parque de Pedras do Senador Angel Santos Latte na aldeia de Hagatna em Guam. Diz a lenda que as pessoas que o fizeram eram supostamente "carecas", pelo que a palavra espanhola "Chamorro" é usada para os definir.

Especialmente famosa foi a Ilha Mariana de Tiniano. Verificou-se que as pessoas da Idade Neolítica navegaram mais de dois mil quilómetros através do oceano para o povoar. Os arqueólogos Mike Carson (Universidade de Guam) e Xiao Hong Chun (Universidade Nacional Australiana) desenterraram na ilha de Tinian Neolithic, povoação da Casa Taga, datada de meados do II milénio a.C. De acordo com as lendas, esta área recebeu o nome de um navegador e herói cultural Tag, que aqui veio com a sua família de barco de terras longínquas. O líder local decidiu

experimentar o poder alienígena e ordenou-lhe que construísse uma aldeia para o seu povo. A etiqueta enfrentou a tarefa: Só ele carregava os enormes pilares de pedra. No entanto, a história arqueológica da Casa do Tag era muito mais antiga do que o próprio tempo do Tag, que segundo as lendas e provas históricas viveu no final do milénio AD. Na década de 1950, na Casa de Tag Martian Pellette descobriu a cerâmica decorada mais antiga das Ilhas Marianas. Durante muito tempo a povoação permaneceu inexplorada, mas desde Dezembro de 2011 as escavações aqui são conduzidas por M. Carson. Como resultado destas escavações, foram descobertos enterros humanos e vestígios de casas pertencentes ao período entre 1500 AC e 1000 DC. Estas casas não mudaram muito na longa história. Consistem em dois andares: um andar superior de madeira e uma "sala de estar" inferior, cujo chão é pavimentado com rochas. Os pavimentos são cobertos com fragmentos de cerâmica local, os mesmos tipos que os descritos por M. Pellette. Cerâmicas semelhantes são conhecidas nas ilhas vizinhas de Saipan e Guam. Está também associada às pinturas únicas da caverna na Ilha Ritidian. A cerâmica aqui é representada por exemplares de paredes finas, graciosamente decorados, o que indica que não foi inventada nas Ilhas Marianas por si só, mas importada do exterior. De acordo com a cerâmica encontrada na Casa de Taga, a cultura neolítica veio das Filipinas para Tinian, onde numerosos povoados semelhantes são conhecidos desde cerca de 2000 AC. Cerâmicas semelhantes no 2º milénio a.C. são conhecidas em muitas regiões da Indonésia e na cultura Lapita, que cobriu as terras de Bismarck, Nova Caledónia, Fiji, Tonga, Samoa e Vanuatu e atingiu cerca de 1000 a.C. Nova Zelândia. A semelhança pode ser observada não só na cerâmica, mas também na dieta alimentar (culturas, armadilhas oceânicas), bem como na arquitectura da casa e no planeamento de assentamentos. Curiosamente, os megalíticos encontrados na Casa do Tag (fim do 1º milénio d.C.) são também de origem filipina e assemelham-se a um copo cheio sobre uma perna alta. A singularidade desta descoberta reside no facto de a migração marítima ter sido descoberta a uma distância recorde para a Era Paleolítica Neolítica, porque entre o ponto inicial e final da migração são mais de 2000 quilómetros, e não existem bases intermédias de "transbordo". Foram também descobertos nos últimos anos extensos laços culturais e comerciais entre as Filipinas e as Ilhas Marianas e Taiwan, que é também considerado como uma das possíveis pátrias ancestrais das línguas australianas identificadas pelos historiadores com cultura Lapita. No entanto, alguns elementos importantes da cultura Lapita, tais como o "culto dos crânios", ainda não foram encontrados nas Ilhas Marianas. luz de novas descobertas, foi possível dizer que no final do 2º e início do 1º milénio a.C. no Oceano

Pacífico havia uma comunidade de tribos unidas que mantinham contactos comerciais e culturais entre a Ásia e as ilhas remotas da Oceânia³³⁷.

100 km a leste de Taiwan é o último ilhéu do arquipélago de Okinawa - a ilha japonesa de Yonaguni. Em 1985, um instrutor-ativista japonês chamado Kihachiro Aratake durante o seu mergulho descobriu acidentalmente a uma profundidade de seis metros perto da ilha Yonaguni estranhos blocos multi-metros gigantes com a forma geométrica correcta. Amplas plataformas planas, cobertas com ornamentos de rectângulos e losangos, transformadas em intrincados terraços, descendo grandes degraus. O bordo do objecto é cortado verticalmente pela parede até ao fundo a uma profundidade de 27 metros, formando uma das paredes da trincheira que percorre todo o monumento. Os elementos da estrutura pareciam ter um esquema arquitectónico absolutamente definido, remanescente das pirâmides de degraus da Antiga Suméria. Este mergulhador relatou a sua descoberta ao Professor de Sismologia Marinha Masaaki Kimura da Universidade de Okinawa. Quando este professor olhou para as armadilhas ele próprio, chegou à conclusão inequívoca de que estamos a falar de uma cidade afundada construída sobre uma rocha. Na base da encosta, 30 metros abaixo de água, há numerosos blocos gigantes espalhados, que podem ser considerados o resultado de um incrível terramoto que atingiu esta cidade. Numa expedição científica subsequente ao andar do Pacífico em 1998. Uma expedição científica subsequente ao Oceano Pacífico em 1998 mediu as ruínas submarinas e depois zombou de toda a cidade subaquática. Na própria ilha Yonaguni, existem restos das mesmas ruínas gigantescas em terraços escalonados que as que se encontram perto da ilha. A única diferença é que as ruínas de superfície são cobertas com calhas enrugadas causadas pelo clima atmosférico (vento, chuva, diferenças de temperatura) e as ruínas subaquáticas são cobertas com uma camada de conchas. Mais tarde, um grupo de investigadores enviado pela empresa de televisão "Discovery Channel", encontrado na base da imagem escultórica da cabeça humana, e no característico toucado de penas, ressoa claramente com esculturas semelhantes da América Central, o que confirmou a natureza artificial da pirâmide. Além disso, verificou-se que o templo ao largo da costa do Japão, construído em blocos de pedra de várias toneladas e o santuário de alta montanha de Machu Picchu (uma cidade fortaleza do tempo dos incas), tem analogias em soluções de design. Em dois casos, nos locais onde as paredes se encontram, os construtores colocam blocos em forma de L, proporcionando uma ligação "sem descontinuidades".

Na Nova Zelândia, pelo contrário, as primeiras pessoas não eram de modo algum anãs: "... Numa das lendas da descoberta de Ao Tea Roa, 'A Longa Nuvem Branca', como os Maoris poeticamente chamam à sua terra

³³⁷ Korsun A. Neolítico Tiniano // <http://arteume.livejournal.com/296159.html>

natal, diz-se que antes era habitada por pessoas altas com nariz achatado e pele escura - estas são as características que distinguem os Melanésios dos Polinésios. Nas ilhas Chatham, setecentos quilómetros a leste da Nova Zelândia, antes da chegada dos colonos da Europa, havia "maoris negros" ou morávios que foram exterminados por colonos brancos. Arqueólogos encontraram vestígios de uma antiga cultura primitiva na Nova Zelândia que diferia da cultura polinésia (é chamada a "cultura dos caçadores de moa", pois a caça principal dos primeiros colonos eram aves moa gigantes sem asas)³³⁸.

Na floresta de Waipua, na ilha neozelandesa de Severny, uma verdadeira cidade de pedra com mais de 2.000 edifícios, espalhados por uma área de 500 acres (2 km quadrados), foi descoberta. Em 1988, o governo da Nova Zelândia classificou, por decreto especial, todos os resultados das escavações durante 75 anos. Esta proibição causou um verdadeiro escândalo e foi amplamente discutida na imprensa e no parlamento, com cartas escandalosas de toda a Nova Zelândia. O governo foi desajeitado, ou mesmo algo tímido, tentando justificar a sua posição explicando que era do interesse da política, mas não mudou de ideias. O documento, assinado pelo líder da expedição arqueológica, Michael Taylor, contém 14 páginas de texto secreto e impõe uma proibição de divulgação de algumas informações relacionadas com relatórios de campo de escavações na Floresta de Waipua de 1979 a 1988. A proibição permanecerá em vigor até 2063.

Também nesta Ilha Norte da Nova Zelândia, perto do Lago Taupo, foi descoberta outra estrutura de pedra, chamada "Muro de Caymanawa". Estas ruínas parecem ter-se tornado visíveis como resultado das chuvas que esbateram o solo sob as raízes de uma enorme árvore de pé na encosta. Uma parte da parede foi revelada, com os seus blocos de pedra rectangular, cada um com cerca de um metro de altura, cerca de dois metros de comprimento e pesando várias toneladas. Alguns blocos são ajustados uns aos outros com precisão de jóias. Nestes locais, a alvenaria entre os blocos gigantes não desliza uma lâmina de faca, mas alguns blocos estão separados, e entre eles formou-se um espaço de alguns centímetros, o que pode ser explicado pelo depósito irregular da fundação debaixo dos blocos. Na parte exposta da parede gigante é claramente visível a linha recta e horizontal entre a alvenaria da fileira inferior e superior dos blocos, o que indica a construção sistemática das leis da geometria adoptadas nos nossos dias.

A mesma tecnologia foi utilizada na América do Sul, como se pode ver, por exemplo, pelos restos das muralhas de Sacsahuaman (Sacsahuaman) perto da cidade inca de Cuzco. O conquistador espanhol e poeta Garcilaso de la Vega (1503-1536) escreveu sobre as paredes de Sacsahuaman: "Na parte onde a montanha tem uma grande encosta suave e onde os inimigos podiam entrar na fortaleza, foram construídas três paredes, uma após a outra,

³³⁸ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/st018.shtml>.

numa encosta à medida que a montanha sobe... A primeira parede demonstrou o poder dos Incas, e embora as outras duas paredes não sejam menos que a primeira, mas a primeira surpreende com o tamanho das rochas de que é composta; aquele que não a viu ele próprio não acreditará que é possível construir algo a partir de tais pedras; elas são aterradoras para aquele que as considera cuidadosamente... É simplesmente impossível não acreditar que estas paredes sejam compostas por magos e demónios, mas não por pessoas, porque as pessoas não podem colocar numa única parede de tais blocos. Os mesmos blocos gigantes como nas muralhas de Saxaouaman podem ser encontrados em Ollantaytambo, localizado 60 km a noroeste da cidade de Cuzco. Ollantaytambo situa-se a uma altitude de cerca de 3000 metros acima do nível do mar. O nome deste pequeno povoado significa em Quechua "o armazém do meu Deus". O próprio povoado, tal como a cidade de Cuzco, situa-se no vale sagrado de Urubamba, ao longo do qual corre o rio do mesmo nome. Os restos de uma cidade antiga com numerosos terraços espalhados pelas encostas deste vale são uma atracção central. Vestígios de ruínas naturais de edifícios podem ser vistos em vários locais inacessíveis do vale, onde existem blocos de edifícios gigantes espalhados. Estes blocos gigantes são chamados "pedras cansadas" pelos habitantes locais (piedras cansadas).

Na ilha de Hua Hin, 175 km a nordeste do Taiti, existem várias estruturas megalíticas chamadas "marae" pelos habitantes locais, o que significa "altar" no dialecto local (acima mencionamo-las no contexto dos pedestais de Mausoléu de Rapanese - "ahu"). Há várias marae que são de tamanho diferente. A mais popular chama-se "marae manunu". As ruínas deste sítio foram aparentemente "restauradas" pelos locais modernos, como se pode ver pelas pequenas pedras que ocupam o espaço entre os blocos gigantes, algumas das quais atingem três metros de altura e pesam até dez toneladas. Todas as maraeas são de forma rectangular. Os habitantes locais não conhecem a origem e a finalidade destas ruínas. As próprias "marae" são as paredes de pedras verticalmente colocadas, de frente para o mar, à semelhança das estátuas de pedra "moai" da Ilha de Páscoa. Na ilha vizinha de Raiatea, existem os mesmos restos de estruturas ciclópicas que na ilha de Hua Hin. Nela, por exemplo, "marae Tiputapuatea" tem um comprimento de 43 metros e uma largura de 7 metros. Alguns megalíticos atingem uma altura de 3,5 metros. Os megalíticos de Marae Tainuu têm pelo menos 4 metros de altura e atingem dezenas de toneladas de peso. Na ilha de Riatea também se podem encontrar maraeas mais pequenas de diferentes formas e configurações - escalonadas, rectangulares, dispostas pelo local. No mesmo grupo de ilhas comunitárias, que inclui a ilha de Riatea, encontra-se a ilha de Bora-Bora. Nele podem encontrar-se cerca de 40 marae, a maior parte das quais estão localizadas perto da aldeia de Phaaruhi. As ruínas da grande "Fare

Opu Marae" encontram-se na baía. Nas proximidades encontra-se a restaurada Maraetini Marae.

A forma rectangular das marae é muito semelhante aos megalíticos localizados no norte da Europa. Por exemplo, no norte da Alemanha tais megalíticos são conhecidos como Hünengräber, que é traduzido do alemão como "o túmulo dos gigantes Hüns". No estado de Mecklenburg (que tinha o nome eslavo Rerik / Rarog) existe a aldeia de Barendorf, localizada no Everstorfer Forst perto da cidade de Grevesmühlen, perto da qual existem várias estruturas megalíticas rectangulares, que se assemelham a uma marae da ilha de Huahine. Algumas maraeas têm um pequeno rectângulo no interior do rectângulo exterior, que se encontra em todas as sepulturas rectangulares dos hunos no norte da Alemanha. O paralelo também pode ser traçado no enchimento interior de edifícios rectangulares. Assim, nos edifícios do Pacífico, o material para preencher os espaços interiores dos edifícios rectangulares era uma pequena pedra, e no caso dos megalíticos do Norte da Alemanha - é apenas terra.

Em 2010, os arqueólogos subaquáticos encontraram outro mistério quando descobriram uma antiga pirâmide no fundo do Lago Fusyan (província do sudoeste da China Yunnan). A altura da pirâmide é de 19 metros, o comprimento do lado da sua base é de 90 metros. A misteriosa estrutura é construída de lajes de pedra e consiste em cinco degraus. Os dois degraus superiores da pirâmide, feitos de grés, são destruídos. E outras sebes, calcário construído, rochas duras são bem preservadas. É interessante que no fundo do Lago Fusyan haja pelo menos nove objectos de tal tamanho, e o número de estruturas médias e pequenas de outro tipo tem trinta. Como sugere o chefe do centro arqueológico da Universidade de Li Kunshen, o objecto é uma criação da civilização antiga. A área do complexo arquitectónico é de cerca de 2,5 quilómetros quadrados. Do fundo do lago, arqueólogos levantaram uma embarcação de barro, que foi feita durante a Dinastia Han Oriental, que governou em 25-220 DC.

Entretanto, as pirâmides subaquáticas já foram encontradas antes.

Em 1968, o Sutiã piloto na área das Bahamas de Bimini e Andros viu grandes estruturas de pedra sob a superfície da água. Investigadores, com a ajuda de arqueólogos subaquáticos e os resultados da fotografia aérea encontrados ali destruíram edifícios, pirâmides com uma base de 54x42 m, ruas, muros de fortaleza, porto com grandes quebra-mares, círculos misteriosos feitos de enormes pedras e muito mais.

Em 1936, o médico F. Morgan viu três pirâmides no fundo do Lago Rock perto de Maryland (EUA). Os mergulhadores exploraram-nas e confirmaram que eram de facto pirâmides com bases quadradas e rectangulares e um topo "cortado".

Em 1973, o Akademik Petrovsky tirou fotografias de enormes estruturas de blocos no fundo do oceano, 240 milhas a sudoeste de Portugal.

Variantes intermédias de artefactos de arte entre a Polinésia e a Escandinávia, tais como "labirintos" inscritos em superfícies duras ou dispostos em pedras³³⁹, encontram-se na Indonésia e no Vietname (cultura Dongshon, I milénio a.C.), e depois no Egipto, conhecido pelas suas viagens a Punt, no território da parte sudoeste da América do Norte (Arizona; Novo México), América do Sul (Planalto Nazca no Peru; sudoeste do Brasil, perto do Caduveo ethnos), Europa (noroeste de Espanha; Vale de Camonica no norte de Itália; Cornualha no sudoeste da Grã-Bretanha; Sul da Jutlândia; em Pylos no sudoeste do Peloponeso), Médio Oriente (Tell Rifa'ata, c.o.), e Médio Oriente (Tell Rifa'ata, c.o.). 35 km a norte de Aleppo, Síria), Indonésia (Sumatra), Oceânia (Vanuatu). Podemos também acrescentar motivos ornamentais correspondentes, petróglifos representando barcos "cisnes" e acrobatas, um caçador de xamás que apanhou o sol em loop, etc. "... A consideração natural do pequeno número de migrantes que apareceram por mar não torna a migração em discussão incrível. Guerreiros móveis e bem armados de primeira classe e homens desesperados e corajosos poderiam defender-se, encontrar um lugar adequado para se estabelecerem, e ter esposas e filhos. Contudo, a pequenez inevitável do seu núcleo pode ser uma explicação para o que os levou a abandonar os seus lugares recém habitados e a seguir em frente. Sendo tudo o resto igual, é lógico pensar que as tradições relacionadas com a navegação eram transportadas pelo mar e não por terra. Portanto, a propagação de elementos escandinavos de cultura e estrutura social através do Mar Vermelho e do Oceano Índico para o extremo oriente da Europa, em grande medida, não me parece incrível³⁴⁰

O etnógrafo-oceanista inglês MacMillan Brown resumiu todos estes factos e conjecturas díspares sobre a civilização do Oceano Pacífico e apresentou uma hipótese interessante num volumoso livro "Mysteries of the Pacific Ocean" (1924). A sua principal ênfase era na cultura da Ilha de Páscoa, que, segundo M. Brown, era uma espécie de "mausoléu" para os governantes e nobres do império que existia no continente afundado do Oceano Pacífico. As esculturas de pedra da ilha eram os seus retratos escultóricos de homens fortes e poderosos com lóbulos da orelha esticados, queixo saliente, bocas altivas e olhos profundos...

"...Kanaka" em havaiano significa "humano". Na Ilha de Páscoa, a palavra "humano" é uma versão fonética da mesma palavra "kanaka". É também utilizado pelos Maoris da Nova Zelândia, Samoans, Tongans e outros insulanos polinésios. Os polinésios adoram os mesmos grandes

³³⁹ Panchenko, D.V. *Vikings da Idade do Bronze e a sua herança histórica (em questão)* // *Stratum plus*. -- 2012. -- № 2. -- C. 126-129.

³⁴⁰ Panchenko, D.V. *Vikings da Idade do Bronze e a sua herança histórica (em questão)* // *Stratum plus*. -- 2012. -- № 2. -- C. 120.

deuses - Tane (Kane), Tangaroa (Kanaloa), Rongo (Lono). Já os primeiros exploradores das ilhas polinésias encontraram semelhanças notáveis na língua e na cultura dos seus habitantes, e investigações posteriores mostraram que isto não é acidental e deve-se a uma afinidade antiga, raízes comuns, originárias de um centro, a que os próprios polinésios chamam o país do Havai³⁴¹. A propósito, mesmo no Neolítico, o sudeste da China era habitado pelo povo polinésio-melanésio tipo A³⁴².

Segundo uma lenda maori, cerca de 950, um navegador polinésio Coupe, navegando através das estrelas, do voo de pássaros e da cor das nuvens, veio do Havai na sua canoa "Mata Hou-Rua" para as margens de uma terra desconhecida, a que chamou Aotearoa - "Terra da Longa Nuvem Branca" (agora Nova Zelândia). Após algum tempo regressou à sua terra natal, a ilha do Havai, onde contou a sua descoberta aos seus familiares e deixou instruções detalhadas sobre como chegar à terra recém-descoberta. A própria palavra "Hawaii", amplamente utilizada noutras línguas polinésias, significa "de onde todos vieram" e diferentes grupos tribais podem ter pontos geográficos completamente diferentes. Entre 1000 e 1100 marinheiros do Hawaii Toi e Fatonga visitaram o arquipélago e descobriram que a terra era habitada por tribos nômadas conhecidas como Moriori ou "caçadores de Moa" (Moa - agora exterminada, ave grande, não voadora). Alguns séculos mais tarde, em 1350, os polinésios do Havai em sete canoas chegaram a Aotearoa e instalaram-se nas ilhas do Norte e do Sul. O povo Maori teria vindo destes alienígenas. Os Maoris modernos adoram a genealogia, e cada tribo ("Ive") tem a origem do antepassado concreto que chegou ao arquipélago há 700 anos atrás. Existe mesmo um termo especial para "waka", que significa "canoa", que se refere a um grupo de clãs originários dos colonos originais que chegaram numa das sete canoas.

O Professor Barry Fell, que era originalmente da Nova Zelândia e ensinava em Harvard, chamou o dialecto Zuni dos índios Zuni do sudoeste dos Estados Unidos extremamente semelhante à língua Maori e argumentou que os dois povos deveriam estar ligados. Os arqueólogos reconhecem que há provas de contactos polinésios com ambas as Américas, especialmente nas Marquesas, na Páscoa e no Havai. A batata doce, cuja pátria é a América do Sul, era cultivada em muitas ilhas do Pacífico antes da chegada dos europeus. Por exemplo, na Nova Zelândia, os Maoris chamavam-lhe "coumara".

³⁴¹ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/st011.shtml>.

³⁴² Maloletko, A.M. *Migração precoce e a evolução racial do homo sapiens (em russo)* // *Biologia evolutiva. Materiais da conferência "Problema das espécies e da especiação"*. Tomsk: Tomsk State University, 2001. - T.1. - P. 309-324. - <http://macroevolution.narod.ru/maloletko2001.htm> (em russo) // *Biologia evolutiva*.

John MacMillan Browne é chefe do Departamento de Inglês, História e Economia Política na Universidade de Canterbury desde 1874. Em 1895, D.M. Browne deixou o serviço e passou quarenta anos da sua vida a viajar pelo Oceano Pacífico, praticando vários assuntos intelectuais, incluindo as origens dos Maoris. D.M. Brown estabeleceu-se na Nova Zelândia e publicou o seu primeiro livro, *Maori e Polinésios*, em 1907. Sublinhou que a verdadeira classificação das propriedades linguísticas de uma língua é determinada não pela gramática, mas pela fonologia. Ao contrário dos filólogos anteriores, D.M. Brown acreditava que a fonologia dos dialectos polinésios era muito diferente de todas as línguas da Melanésia, Indonésia e Malásia. A língua Maori está relacionada com a falada no Taiti, Hawaii, e outras ilhas a leste de Samoa, no sul do Oceano Pacífico. A palavra "Maori" na língua dos seus falantes significa "normal".

D.M. Brown viajou pela maior parte da Bacia do Pacífico e ficou chocado com os restos de estruturas megalíticas que viu. Ele acreditava ser possível traçar o caminho dos arianos através do Oceano Pacífico por megalíticos. Os megaliths de Coworker e Atiamuri na Nova Zelândia são provas directas da colonização ariana, afirmou Brown. D.M. Brown visitou a Ilha de Páscoa, onde lendas locais dizem que os Aborígenes vieram de uma terra afundada chamada Khiva. Estava convencido de que uma cultura desenvolvida já existiu em todo o Oceano Pacífico, e que súbitos cataclismos tinham afundado a maior parte da terra, destruindo a civilização. O seu livro final, *The Mystery of the Pacific*, publicado em 1924, descreveu um continente que em tempos existiu no Pacífico e que agora descansa no fundo do oceano. Este continente, cujos restos mortais representam a maior parte das ilhas do Pacífico, foi habitado por árias das Américas. À frente da Universidade da Nova Zelândia, Brown apresentou entusiasticamente teorias pouco ortodoxas sobre as origens dos polinésios: "... As principais características da língua.... polinésia trazem-nos de volta à Idade da Pedra na Europa... Devemos concluir que a língua ariana "começou" há 20-25 mil anos, e que os estudantes de filologia, estudando latim, grego e línguas europeias modernas devem aprender a língua polinésia para ver de onde vieram".

A propósito, o título do governante supremo dos Maoris soa como "arik", fileiras da nobreza - "rangathira", anciãos - "dupuna", membros comuns da comunidade - "tutua", artesãos - "tohunga", a comunidade tribal é chamada "hapu", o seu clã - "vanau", o conceito de deus ou espírito - "atua", força mágica - "mana"...

Há muito que se sabe que "... os primeiros viajantes europeus ficaram surpreendidos com a presença na Polinésia de pessoas com pele relativamente clara e cabelo ruivo ... Uma aparência distintamente europeia aparece em muitas das imagens de artistas polinésios acompanhando Cook ... As suspeitas levantadas nesta base são indirectamente confirmadas por lendas locais (por exemplo, nas Ilhas Marquesas o deus Thane era

"considerado o patrono das pessoas de pele clara"), estudos craniológicos e não contradizem os dados das últimas pesquisas genéticas (em particular, no estudo de P. P. P. Pavlovsky, que era o patrono das pessoas de pele clara). A. Underhill e o seu pessoal descobriram que "foram observados haplótipos europeus em 48,1% dos Maoris" e que "15% do ADN mitocondrial era característico dos haplogrupos europeus" ... Outro estudo sobre a Polinésia Francesa (Taiti, Ilhas da Sociedade) revelou o seguinte quadro. O principal haplótipo (46%) foi "o haplótipo mais típico dos habitantes da Europa Ocidental" (aqui é citado o estudo, segundo o qual este haplótipo é representado por 33% dos Maoris). O próximo haplótipo em frequência (25%) é o "haplótipo Y médio entre os habitantes da Europa de Leste". O terceiro em frequência (16%) "é típico entre os judeus, ou melhor - semitas" ... Quanto ao tipo antropológico, um cientista tão notável como Te Rangi Hiroa, ele próprio meio Maori, chama sem dúvida os europeus polinésios de Europoids (embora nem todos partilhem o seu ponto de vista) ... Os cientistas que anteriormente vinham, em certa medida, para fechar os olhos, geralmente significava que os portadores de elementos culturais relacionados com os indo-europeus eram os antepassados daqueles que assumiram posições de comando na sociedade polinésia - os arianos, como se autodenominavam... Parece que Te Rangi Hiroa chegou ao ponto, chamando ao seu livro sobre os polinésios e a sua cultura "Vikings of the Sunrise"³⁴³» .

As lendas maori referem-se frequentemente a pessoas brancas de cabelo louro ou vermelho, que os ilhéus chamavam "Kiri-Puero" ou "Uuru-Keu". Esqueletos de pessoas estranhas com cabelo vermelho, castanho ou louro foram encontrados em toda a Nova Zelândia em alturas diferentes. Em particular, no início do século XIX, foram encontrados esqueletos de duas mulheres com cabelo louro abaixo do joelho numa caverna perto de Dargaville. Em 1965, os restos mortais de vários homens altos com cabelo ruivo foram encontrados num enterro numa caverna perto de Port Waikato. Há também numerosas referências a outras descobertas.

Especialmente interessantes são os mitos dos Maoris na Nova Zelândia, que se referem ao "povo dos deuses" - "pakahakeha", que significa "parecido com a lua", ou "pele como o luar". Estas criaturas viviam no mar e tinham a pele branca. Foi encontrada uma pirâmide de degraus numa ilha da Nova Zelândia. Contudo, os Maoris não criaram tais estruturas durante os seus 700 anos nas ilhas.

No seu livro, T. Heyerdahl sobre a Ilha de Páscoa habitada por polinésios orientais (parentes dos maoris, havaianos e tailandeses com os quais podem comunicar livremente) (Rapa Nui - "O Grande Rapa"; Te Pito-to-te-Henua, o "cocó da terra"), a meio caminho entre o Chile e o Taiti,

³⁴³ Panchenko, D.V. *Vikings da Idade do Bronze e a sua herança histórica (em questão)* // *Stratum plus*. - - 2012. - - № 2. - - C. 113-114.

escreve que a dinastia que ainda reina na ilha é chamada de "long-early" (Epe-Roaroa) e tem uma percentagem muito elevada de ruivos, de pele clara e de pele estreita. Em contraste com o resto dos ilhéus, a maioria deles são escuros, de pés chatos e cabelos pretos (de acordo com estudos linguísticos recentes, a tradução correcta do nome das tribos "khanau eepe" - "casta de antenatal" e "khanau momoko" - "casta de magra").

A dinastia dos "de orelhas curtas" são os descendentes dos marinheiros que vieram para a ilha na antiguidade, usando brincos pesados, em resultado dos quais os seus lóbulos das orelhas eram alongados. De acordo com a tradição oral, estes estrangeiros, liderados pelo seu líder Hota Matua da misteriosa pátria de Mara'e Reng (região Maori de Khiva), fundaram aqui um estado. O nome do seu pai era Taane Arai e a sua esposa era Wakai A'Heva. A sua irmã, Ava Reipua, viveu em Mara'e Tohya. Na terra natal de Khotu, é feita menção a Te-Pei, onde as estátuas (moai) e Ari-Ange ou Otionge, onde o próprio Khotu Matu'a nasceu. Havia tartarugas (kepu kepu) e havia muitos tubarões perto da ilha Motu Toremo. Durante o reinado de Hotu Matua, o país estava em grande perigo de inundações, o que poderia levar ao desaparecimento de Mara'e Reng. De acordo com outra versão, Mara'e Renga iniciou uma guerra entre Hotu Matua e o seu irmão, Te Ira-ka-thea, após a morte do seu pai (nomes diferentes - Ko Kiri-ka-thea, Tuparingi-aiga, Taane Arai). De acordo com a terceira versão, Matuaa, irmão de Hotu Matua, estava apaixonado por uma rapariga com quem um representante de nobres de Oroí (ariki) queria casar. A rapariga, que não conseguia decidir com quem queria casar, prometeu a Oroí que seria dele se ele percorresse a ilha sem parar e dormir. Oroí acreditou nela, e a rapariga escondeu-se com o seu amado irmão, Hoth. Assim, a guerra irrompeu entre Hothua Matua e Oroí. Oroí era mais forte, por isso Hotou teve de começar a procurar uma nova terra para evitar a morte e a vergonha. Um dos habitantes deste país polinésio, o tatuador Hau Maka, a quem o pai de Hotou deu em tempos uma pérola mágica em sinal de gratidão, teve um sonho em que a sua alma viajava numa ilha desconhecida. No dia seguinte, relatou-o ao Hotou Matua, que imediatamente ordenou a um grupo de sete jovens corajosos que encontrassem e explorassem a misteriosa ilha. Quando desembarcaram na ilha, foram para o vulcão Rano-Kao e esconderam a estátua (moai) Hinarir que ali tinha sido trazida. Contudo, os batedores não tiveram tempo de navegar para a sua terra natal como pretendiam. Dois meses mais tarde, do topo do vulcão, viram duas canoas duplas de Hota Matua a aproximarem-se da ilha. As canoas tinham pescoços de cisne tão altos como o pescoço de um cisne e uma popa igualmente alta. Jotu Matua navegou com a sua esposa Wakai. A segunda torre foi comandada por Tuuu Ko Yihoo (Tuuu Ko Yihoo), casado com Ava Rei Pun, irmã de Hota Matua. Havia mais de uma centena de homens em cada canoa. Hotu Matua levou um conhecedor de plantas Tekke, um conhecedor de cartas a Hine-lil

(Hinérère) e um hábil construtor e escultor, Nuku Keh. A esposa da construtora Mara Mar Koi não queria deixar a sua ilha natal. Por esta razão, após chegar a Rapa Nui, o construtor ansiava pela sua esposa abandonada e passou todo o seu tempo na costa, olhando para o noroeste onde Khiva permaneceu. Teke lembrou-se que se tinha esquecido de levar o sândalo com ele e nadou até à sua terra natal. Jotu Matua ordenou que uma estátua (moai) de Tauto, um dos antigos Ariki, fosse trazida da ilha de Khiva. Preocupado com a falta de riachos e nascentes na Ilha de Páscoa, Hotou Matua começou a construir cisternas para recolher a água da chuva. Mas no início, a reinstalação não o salvou da perseguição do inimigo. Acontece que na véspera da sua partida, o próprio Oroí invadiu a torre de Tuu Ko Yiho sob o disfarce de um criado, e depois fugiu após o desembarque. Ele matou viajantes indefesos, e um dia matou cinco crianças numa certa Aork. Quando Hotou Matua foi visitar a sua filha adoptiva, que vivia perto do Monte Tea-Tea, Oroí montou uma armadilha no seu caminho, mas Hotou Matua viu-a e matou Oroí.

Durante o seu reinado na Ilha de Páscoa, Hotu'a teve uma discussão com a sua esposa e filho Tu'u Maheke. A razão foi que Ariki Ihe chamou "bastardo" porque a criança estava a chorar e com fome. A mulher de Hotu'a zangou-se com o marido e disse-lhe que ele próprio era um "bastardo", e revelou um grande segredo: Hotu'a era na realidade o filho ilegítimo de Tai Amahiro, irmão de Taane Arai, que tinha sido anteriormente considerado o verdadeiro pai de Hotu'a. Já tinha passado muito tempo e Hotu'a tinha-se tornado muito velho e cego. Sentindo a morte aproximar-se, ele dividiu a ilha entre os seus filhos. Antes de morrer, Hotou gritou: "Oh, Quihee! Oh, Quaha! Que o galo cante em Arianga"! Do outro lado do oceano, o galo gritou-lhe, e Hotou Matu'a morreu. Foi enterrado em Akahanga Mausoleum, onde a sua esposa foi enterrada. Tuu Maheke, herdeiro de Hotu Matu'a'a, não quis ficar na Ilha de Páscoa e foi para Khiva. Tuu Ko Yiho tomou o seu lugar... Depois de Arika Tuu Ko Yiho, o poder passou para a Paz, o filho mais velho de Tuu Maheke, neto de Hota Matu'a. Miru a Tuu Maheke é considerado o antepassado da dinastia dos altos chefes da ilha ("Ariki Henua"). Quando o filho mais velho do chefe se casou, o seu pai deu-lhe a sua autoridade.

Além de diferentes variedades de inhame (espigas), a Hota Matu'a trouxe muitas outras plantas. As lendas fornecem enormes listas, incluindo Tarot, Coumara, Ti, Banana (Maika), Cana-de-Açúcar (Toa), Ngoaho e How-How, plantas a partir das quais foram feitas cordas, Pua e Pia - utilizadas para produzir tinta amarela e branca, Toromiro e Mako'i - dando boa madeira para diferentes produtos e paus. Hotu Matua levou muitas nozes para comida nos primeiros meses após a chegada (as cascas destas nozes são frequentemente encontradas em cavernas antigas). Isto poderia de facto ter acontecido porque os polinésios, colonizando novas terras, trouxeram

consigo sementes de plantas que eram de grande importância prática. Os antigos Rapanuis eram muito bem versados em agricultura, plantas, peculiaridades do seu cultivo. No passado, os polinésios, indo em busca de novas ilhas, levavam sempre consigo três animais: um porco, um cão e uma galinha. Apenas a galinha foi trazida para a Ilha de Páscoa, mais tarde um símbolo de bem-estar entre os antigos rapanuanos. Rato, não sendo um animal de estimação, mas foi trazido pelos primeiros colonos da Ilha de Páscoa, que o consideraram uma iguaria. Depois dos ratos negros trazidos por Hotu'a e seus seguidores, apareceram na ilha ratos cinzentos trazidos por europeus.

A propósito, existe um fenómeno semelhante na Nova Zelândia. No início dos anos 90, o arqueólogo Doug Sutton de Auckland, com base em numerosas provas de queimadas florestais antigas para fins económicos e de "erosão" inexplicável do solo, concluiu que a actividade humana na Nova Zelândia começou há 2000 anos atrás. No final de 1996, o investigador de Christchurch Richard Holdaway encontrou os ossos de um rato polinésio na Gruta de Takataka. Uma datação por radiocarbono mostrou a sua idade: 1200 anos. Mas os ratos polinésios não conseguiam chegar à Nova Zelândia sem a "ajuda" das pessoas! Em 1997, nas dunas perto de Northland foi encontrada uma estátua de pedra de uma mulher de 2,7 m de altura - talvez a deusa de um povo desconhecido que habitava a Nova Zelândia antes da chegada dos Maoris ...

Os detalhes da nossa deslocalização para a Ilha de Páscoa, como diz a lenda, devem ilustrar tanto a grandeza da empresa como a sua viabilidade. É provável que os povos do Pacífico o tenham conseguido muitas vezes.

À cabeça da escadaria hierárquica das dez tribos Rapanui ("mata"), que estão relacionadas com os satélites de Hotou Matua, estava Ariki-Mau - "Líder Supremo; Rei", venerado pelas tribos locais como uma divindade. A crença do rei na autoridade do rei sobre plantas e animais foi o resultado da fé na sua mana, uma força mística transmitida pelos seus antepassados sagrados. A parte mais sagrada do corpo do Ariki-Mau era a cabeça. O rei usava o cabelo muito comprido, pois ninguém tinha o direito de lhe tocar. Embora os reis estivessem proibidos de fazer muito, eles podiam pescar e fazer as suas redes de pesca. Tal como nas outras ilhas da Polinésia, o rei Rapanui perdeu o seu título após o nascimento do seu filho mais velho. De facto, o rei permaneceu no poder como regente até que o seu filho fosse capaz de exercer as suas funções independentemente. A idade adulta veio depois do casamento, após o qual o antigo rei perdeu as suas funções. Os deveres exactos do rei Rapaanu são desconhecidos. Uma das suas principais funções era impor e quebrar tabus. Abaixo estavam os sacerdotes, iwi-atua, e o conhecimento local, ou ariki paka. E toda a tribo do mundo (Míru - um dos filhos de Hotu Matua) pertencia à nobreza. Isto era extremamente contrário aos costumes polinésios. Note-se que noutras tribos da ilha Ariki-Paka estavam de todo ausentes. No degrau seguinte da escadaria hierárquica

estavam guerreiros, Matatooa, que reivindicavam frequentemente o poder político. A posição exacta dos artesãos nesta escada é desconhecida, mas é provável que tenham ocupado um lugar bastante alto na sociedade Rapanui. A posição mais baixa foi ocupada pelos Kyo, uma população dependente (muito provavelmente formada por membros da tribo derrotada). Os antigos rapanuanos eram extremamente beligerantes. Assim que a guerra eclodisse entre tribos, os seus guerreiros pintariam os seus corpos de preto e preparariam as suas armas para a batalha à noite. Após a vitória, realizou-se um banquete no qual os soldados vitoriosos comeram os derrotados. Os próprios ogros da ilha foram chamados kai-tangata. Os guerreiros-matatooa fundaram um culto ao deus Faz-de-conta que, segundo a mitologia de Rapanui, criou a pessoa, e também foi o deus da fertilidade. Foi assim que surgiu o culto da tarântula manu. Não muito longe do vulcão Rano-Kao havia uma aldeia cerimonial Orongo, construída para adorar o deus Maque-maque. Realizou-se um concurso anual entre representantes de todos os clãs de Rapa Nui, no qual os participantes tiveram de nadar até à ilha de Motu Nui e encontrar o primeiro ovo posto pela andorinha-do-mar negra - manutara. E os participantes estavam em grande perigo, uma vez que estas águas estavam a transbordar de tubarões. O nadador vitorioso tornou-se a "ave do ano" e foi-lhe dado o direito de controlar a distribuição dos recursos destinados ao seu clã durante um ano. Uma das atracções da aldeia de Orongo são numerosos petróglifos com imagens do "homem tarântula" e do deus Make-Make (há cerca de 480 deles).

Além disso, a Ilha de Páscoa é a única ilha no Oceano Pacífico que desenvolveu os seus próprios sistemas de escrita - "rongo-rongo", "tau" e "mama". Os textos de rongo-rongo foram escritos em pictogramas (símbolos gráficos, imagens de pessoas, partes do corpo, animais, símbolos astronómicos, casas, barcos, etc.); o catálogo de 790 caracteres foi compilado por T. Rongo. Catálogo de 790 caracteres compilado por T. S. Bartel em 1958), método de escrita - boustrophedon. Placas de madeira com inscrições foram chamadas "kohou rongorong". ("tábua para ler o canto" a tocar) De acordo com a lenda, Hota Matua levou consigo 67 placas com estes escritos da sua terra natal. Escrever rongo-rongo ainda não está decifrado, apesar de muitos linguistas estarem envolvidos neste problema. Há muitos argumentos de que é uma escrita completa e significativa, em vez de um código de fixação "mnemónica" bem conhecido, por exemplo, para o continente australiano (o guião Rapanu tem apenas 52 caracteres, e todo o resto são apenas variantes gráficas, e a escrita é muito provavelmente silábica). As experiências de tradução mais extensas pertencem ao cientista neozelandês S.R. Fisher (Oxford, 1997) e ao investigador de São Petersburgo I.K. Fedorova (São Petersburgo, 2001). Na década de 1930, o cientista húngaro Guillaume de Hevesy estabeleceu uma semelhança entre Rongorong e 130 caracteres da escrita ideográfica de Harappe Primitivo do Vale do Indo. E

Jean-Michel Schwartz no seu livro *The Secrets Of Easter Island* (Nova Iorque: Avon, 1975) encontrou uma ligação entre Rongorongo e 40 caracteres chineses antigos. Além disso, as placas de Rongorongo são escritas pelo método Boustrophedon (um método de escrita em que a direcção da escrita alterna de acordo com a paridade da linha, ou seja, a primeira linha é escrita da direita para a esquerda, a segunda linha da esquerda para a direita, a terceira linha novamente da direita para a esquerda, etc.), que se encontra nos monumentos de Cretan, Hittite, Árabe do Sul, Etrusco, Grego e outros guiões. Assim, no método de escrita da Ilha de Páscoa há também uma analogia com as antigas línguas euro-asiáticas. Actualmente existem muitas hipóteses científicas sobre a origem e o significado do guião Rapanu. M. Hornbostel, W. Heveshi, R. Heine-Geldern acreditam que a carta da Ilha de Páscoa veio da Índia através da China, e depois da Ilha de Páscoa a carta veio para o México e Panamá. R. Campbell argumentou que a carta vinha do Extremo Oriente através da Nova Zelândia. H. Imbelloni e mais tarde T. Heyerdahl tentaram provar a origem indígena sul-americana tanto do guião Rapa Nui como de toda a cultura.

Segundo lendas de Rapanui recolhidas por Sebastian Englert, os "orelhas longas" (Hanau-epe) navegaram para a Ilha de Páscoa durante o reinado de Ariki Tu'u Ko Iho. Tendo-se estabelecido em Hanga Nui, na Península de Poike, instalaram-se subsequentemente em toda a parte oriental da ilha e Rano Kao tornou-se a fronteira entre os dois povos. Quando navegaram para Rapa Nui sem mulheres, os Hanau Eepe casaram com as mulheres Hanau Momoko. "... Como resultado da mistura de melanésios e polinésios, o povo Rapa Nui tem diferentes tonalidades de pele ... e os ilhéus ainda se lembram quem dos seus antepassados era "negro" (isto é, melanésio) e quem era "branco" (isto é, polinésio)³⁴⁴. Há também provas arqueológicas de que, também na Ilha de Páscoa, uma proporção significativa da população subalterna (os chamados "de orelhas curtas") pertencia aos melanésios, ou eram de carácter misto melanésio-polinésio. Por exemplo, o antropólogo britânico Henry Belfor identificou várias características semelhantes às das culturas rabanesa e melanésia. Primeiro, foram encontradas na ilha da Nova Guiné pontas obsidianas semelhantes, que eram utilizadas pelos antigos rapanuanos. Em segundo lugar, as estátuas de Rapanui têm o mesmo nariz de águia que os papuas. Em terceiro lugar, as deformidades auriculares foram também generalizadas entre os povos melanésios. Em quarto lugar, o culto das "tarântulas" foi difundido não só na Ilha de Páscoa, mas também nas Ilhas Salomão. Quinto, os "chapéus" feitos de tufo vermelho, que são instalados em Rapanui Moai, são muito semelhantes à tradição melanésia de tingir o cabelo.

³⁴⁴ [Knorozov Yu.V. *Legends of Easter Island settlement // Sov. Ethnography*. -- 1963. № 4. - http://eisland.narod.ru/Library/knorozov_se196304.htm.

Nas crônicas espanholas, é relatado que as famílias Inca no poder se autodenominavam "nozes" (orejones), ou seja, "orejones de orejones longos", em oposição aos seus súbditos.

Além disso, uma das características de identificação da tribo brasileira de Cayapo (do grupo linguístico "ye"; vivem no sul do Parque Nacional do Pará do Shingu, Mato Grosso) é que desde cedo todos os índios e índios devem ter orelhas furadas que arrancam brincos maciços dos materiais úteis. Uma opção comum para os rapazes são os brincos de algodão. Uma característica linguística está associada à presença de orelhas furadas, como uma característica de identificação dos índios Kayapo. Na língua destes índios, a palavra "tolo" ou "tolo" soa como um análogo do conceito de língua russa "um homem sem buracos nos ouvidos". Este conceito tem um duplo significado. Por um lado, por buracos nos ouvidos entendemos entradas naturais nos ouvidos, e assim deixamos claro que um tolo é um homem que não consegue ouvir os outros. Por outro lado, por terem feito buracos artificialmente nas orelhas, os caiaapos enfatizam o seu não envolvimento na categoria dos tolos.

Na verdade, na Ilha de Páscoa, no início, os "orelhas longas" viviam em paz com os representantes dos "orelhas curtas", mas devido ao aumento do número de Hanau-epe, cultura superior, mais tarde subjugaram os representantes de Hanau-Momoko, do que causaram ódio por parte destes últimos. Mobilizando toda a população nativa, os Saber-tudo "orelhas longas" tornaram-se construção grandiosa: construíram casas de pedra e esculpiram famosas estátuas de pedra ("moai") "na sua aparência e semelhança", ou seja, com orelhas longas e narizes estreitos. Segundo as lendas, os "longos ouvidos" eram pessoas enérgicas com uma sede constante de criação, o que era incompreensível para os aborígenes, acostumados a uma existência comedida ao lazer, e, claro, que lhes causava ódio e inveja. A última ideia do Orelhudo Longo era limpar toda a Ilha de Páscoa das enormes rochas espalhadas por toda a ilha para tornar todas as terras da ilha aptas para a agricultura. Este trabalho começou com o planalto de Poike, localizado num promontório oceânico na parte oriental da ilha. Os "de orelhas curtas" foram forçados a arrastar todas as rochas individuais para a borda do planalto e atirá-las ao oceano. É por isso que não existem hoje grandes pedregulhos no planalto de Poika, enquanto o resto da ilha está coberto de escombros de rocha preta e vermelha e pedaços petrificados de lava. Finalmente, a paciência dos pedregulhos de orelhas curtas rebentou. Estavam cansados de carregar pedras para alienígenas de orelhas longas e levantaram uma rebelião. Como resultado, os "exploradores brancos" foram destruídos num poço de fogo, e apenas um deles, Ororoine, foi poupado, e a sua espécie não foi reprimida até aos dias de hoje. Após a guerra, os nativos derrubaram a maioria das estátuas de orelhas longas, mas algumas delas estavam "fora dos dentes" e ainda hoje se mantêm de pé. Muitas estátuas da

Ilha de Páscoa tiveram, e algumas ainda têm, blocos superiores individuais de pedra vermelha a imitar o cabelo vermelho dos aliens brancos. O maior moai apelidado de "El Gigante" tem uma altura de 21,6 metros. Está localizada na pedreira de Rano Raraku e pesa aproximadamente 145-165 toneladas. O maior moai de pé sobre um pedestal está localizado em Ahu Te Pito Kura. É apelidado Paro e tem cerca de 10 metros de altura e pesa cerca de 80 toneladas.

A propósito, quando o navegador inglês James Cook aterrou na ilha a 12 de Março de 1774, encontrou a ilha devastada e reparou que as estátuas da Ilha de Páscoa são idênticas às encontradas na província de Manta (Equador), e comparou-as com monumentos em Tiahuanaku.

Alguns dos moais ficaram em pedestais de pedra em Mausolés chamados "ahu" (ahu) aos nativos. O número de "ahu" excede trezentos, e o tamanho também varia, de algumas dezenas de metros a duzentos metros. Os próprios ahu são um tipo de santuário polinésio oriental, o Maori marae, cujas plataformas também foram chamadas de ahu. À primeira vista, os ahu das Marquesas não são quase diferentes dos ahu de Rapanui, mas um estudo mais detalhado revela algumas diferenças. O mesmo é válido para as estátuas. Mas estas diferenças podem bem ser explicadas pelo aparecimento dos antigos Rapanuis já as suas tradições artísticas distintas após a colonização da ilha. A semelhança pode ser encontrada no desenho de pequenas estatuetas representando pessoas: olhos enormes, que são o motivo principal da cultura marçiana, bem como Rapanui. Se os antepassados dos antigos Rapanuis vieram das Marquesas, a sua migração deve ter demorado muito tempo - das Marquesas para as ilhas da Sociedade, depois para as Ilhas Cook³⁴⁵. Provavelmente aconteceu quando a cultura Marquesana ainda era muito pouco diferente da da ilha de Mangareva e do povo Maori.

Os antepassados do povo polinésio vieram de Tonga, Samoa e Fiji para as Ilhas Marquesas, onde foram registados já no século III a.C., colonizando-os a partir do Arquipélago Melanésio de Bismarck, situado perto da Nova Guiné ("cultura Lapita", 1350 a.C.). - 750 d.C.; variações locais - Vanuatu e Nova Caledónia), aparentemente passando por terras habitadas por melanésios.

Numerosas histórias de Oceanos também nos contam que os seus antepassados nas actuais Carolines, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão e Fiji descobriram que as ilhas já eram habitadas por "homenzinhos" (walleys) chamados Chocolais pelos Melanésios e Menehune pelos Polinésios: "...distinguiam-se não só pela sua altura, mas também pela sua testa baixa, nariz largo, cabelo encaracolado curto... O aspecto dos chocolates corresponde ao tipo antropológico dos negros, minúsculos negros que habitam a Península de

³⁴⁵ Butinov, N.A. *Cook Islands e Easter Island (problemas de etnogénesis) // Problemas reais de desenvolvimento da Austrália e Oceânia. - Moscovo: Science, 1984. - - C. 170-178.*

Malaca, que vivem na ilha de Luzon, no arquipélago filipino, nas selvas da Nova Guiné e das Novas Hébridas na Melanésia. Os negros não têm conhecimentos de navegação à vela. Isto não significa que alcançaram a Micronésia, as Filipinas, a Nova Guiné e até se perderam no oceano das Novas Hébridas por terra, que outrora ligavam as actuais ilhas? ³⁴⁶».

"...as lendas falam de anões misteriosos que vivem na selva de Madagáscar. Mas até agora não foi possível encontrar aqui nem pigmeus nem os seus restos ósseos, nem qualquer vestígio da presença humana há vários milhares de anos. A ilha foi habitada por pessoas no I milénio a.C., alienígenas do leste, das ilhas da Indonésia, mas eles não se deslocaram na "ponte" de terra sobre o Oceano Índico, e em navios do mesmo tipo que permitiram aos seus parentes conquistar a extensão do Oceano³⁴⁷ Pacífico.

Na literatura esotérica e ocultista, Pacífide é dedicada a um certo lugar.

The American James Churchward (1851-1936) publicou livros, incluindo "The Wreck of the Continent of the Mu" (1926), "The Mu's Children" (1931), "Sacred Symbols of the Mu" (1933), "The Cosmic Forces of the Mu" (1934), "The Second Book of the Cosmic Forces of the Mu" (1935). Neles, afirmou ter conseguido encontrar e ler os "verdadeiros anais" (placas de pedra) dos Mu, que se afundaram há muitos milhares de anos [Churchward J. *Ancient Continent of Mu / Per. from English - C.: Sophia, 1997. - 288 p.*; Churchward J. *Children of Mu / Per. from Eng. - C.: Sofia, M.: Helios Publishing House, 2002. - — 224 c.*]. Afirmou tê-los obtido de um padre indiano com quem estudou uma língua secreta conhecida apenas por três pessoas na Terra. Churchward publicou mais tarde uma transcrição detalhada destas placas. Contudo, estas fontes não eram suficientes, e Churchward, disse ele, começou a estudar as antiguidades de todos os povos do mundo. Ele afirmou que as crenças religiosas comuns da humanidade indicam a origem de todas as religiões do culto do Sol, que na língua dosurianos se chamava Ra. Este é o termo que os Naakals utilizavam para se referirem ao seu governante. De acordo com D. Churchward, o continente Mu estendeu-se do Havai no norte para as Fiji e a Ilha de Páscoa no sul. Descrevia o continente afundado como uma espécie de paraíso terrestre, lar de 64 milhões de habitantes liderados pela casta zhretses, os chamados Naacals. A civilização Mu teve cerca de 50.000 anos de história, foi muito desenvolvida tecnicamente e deu origem às civilizações da Atlântida, Maya, Babilónia, Índia, Egipto, Pérsia e outras. A idade destas civilizações é muito mais elevada do que a "história oficial" afirma. Todas estas culturas eram

³⁴⁶ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/st016.shtml>.

³⁴⁷ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/st032.shtml>.

colónias Mu. Originalmente, apenas os Mu eram habitados na Terra. 10 tribos desta terra falavam a mesma língua, mas tinham guiões diferentes. A colonização das diferentes regiões do mundo foi de acordo com o plano de colonização dos Murianos, resultando na formação de diferentes povos.

No Oriente, segundo J. Churchward, herdeiros migrantes do continente Mu formaram o império solar Uighurs (incorrectamente traduzido em publicações russas como "Uighurs"), Ah Ra Ya, onde a regra é a irmandade sagrada de Nakalei (mencionada no "Ramayana"; Nagi nos "Vedas" e mitos do Pacífico; Naghvali nos Maya-kiches), os guardiães da Verdadeira Tradição original de Ra Mu. São os japoneses que são considerados por J. Churchward como os guardiães da quase completa Tradição Primordial do continente "Mu" oriental (Japão). "Mu é 'nada', um sinónimo apopático de 'Tao'; também da linhagem Mu, dMu veio o fundador da religião tibetana Bon po Shenrab Mivoche).

Em 1911, o arqueólogo Harold Hedley Copeland escreveu o seu grande trabalho científico "The Pacific Ocean in Prehistoric Era", no qual provou a existência da grande mu. Segundo o arqueólogo, prova disso são, entre outras coisas, as ruínas de enormes estruturas de pedra, lugares comuns na mitologia dos povos, espalhados por todo o vasto oceano. No seu trabalho, Copeland falou também das ruínas ciclópicas da cidade de Nan-Madol na ilha de Ponapé. Só após a morte de Copeland sob a cidade de Nan-Madol, na ilha de Ponapé, foram descobertas as ruínas de edifícios muito mais antigos. Foi só depois da Segunda Guerra Mundial que a ilha foi abandonada pelos japoneses, que fecharam a área aos cientistas, que estes obtiveram acesso às ruínas. Descobriu-se que a cidade foi para o fundo do oceano há cerca de dez mil anos. Ficou também conhecido que nos dias do seu domínio da ilha, os japoneses alegadamente levantaram múmias do fundo e levaram-nas para fora em caixões de platina. Foi divulgada informação de que os habitantes da cidade afundada estavam muito acima dos humanos modernos...

H.H. Copeland concluiu que as pessoas habitavam Moo há cerca de 200.000 anos. 60 milhões (!) de pessoas de dez tribos viviam no continente. Há cerca de 12.000 anos, erupções vulcânicas catastróficas, terramotos e enormes ondas destruíram completamente os Mu. No entanto, alguns dos seus habitantes conseguiram escapar para terras distantes. Imediatamente após a publicação do trabalho de H.H. Copeland, foi demitido como presidente da Associação Arqueológica do Pacífico para a propaganda de ideias não científicas. Em resposta, em Maio de 1913, uma expedição arqueológica americana liderada por Copeland e Ellington partiu para a área do planalto tibetano de Zang. E morreu sem deixar rasto ... Alguns meses depois, um homem - meio morto de cansaço, até à exaustão extrema, num delírio quente - chegou à estação meteorológica russa na fronteira da Mongólia. Transportava doze homens negros como na noite das pastilhas de jade. Foi Harold Hedley Copeland. Num vale rodeado de montanhas por

todos os lados, Copeland encontrou um cemitério, no qual reconheceu uma personagem que denota o nome do feiticeiro Zantu. Abriu a sepultura e viu um cadáver mumificado dentro dela. A sua mão ossuda agarrava doze pastilhas de jade preto. A seguir no diário há uma frase muito estranha: "Eu brilhei para a múmia e vi o seu rosto. Foi a minha cara"! O Sr. H. Copeland voltou aos Estados Unidos e publicou uma tradução das pastilhas de jade com os seus comentários. Eles continham em excertos informações sobre a história de Mu e dos seus principais deuses, sobre a ordem de culto e sobre os demónios, servos dos deuses. O mundo científico tratou este trabalho com um ceticismo saudável, que foi rapidamente substituído por uma rejeição total. H.H. Copeland voltou a ser alvo de ridicularização e zombaria em simpósios científicos. O cientista não desistiu. Foi numa outra expedição, da qual trouxe muitos artefactos, provando, ele acreditava, a autenticidade do mu. O cientista entregou a sua colecção ao Instituto de Estudos do Pacífico. O escárnio não cessou. Copeland lutou, ficou um pouco quente e acabou num manicómio. 15 de Maio de 1926 um arqueólogo louco espalhou os ministros que a raparam, tirou-lhes a lâmina e num flash cortou-lhe a garganta... Em 1928, o Dr. Stevenson Blaine, que trabalhava com os artefactos Copeland, perdeu a cabeça. Um ano mais tarde, o assistente de Blaine estava no manicómio, continuando o seu trabalho. Antes disso, matou o guarda com uma estátua de jade do deus Zot Ommoga da ilha de Ponape e pôs fogo ao edifício do instituto. Na loucura, gritou que o tinha feito para evitar que os artefactos chegassem ao Copeland Discovery Show. Deus morreu no incêndio. Finalmente, em 1933, todas as pastilhas de jade foram roubadas do instituto. O seu destino é desconhecido até hoje...

A civilização original de Mu sabe e Ariosof H. Wirt. Esta é a terra de Maw Uru, mencionada no livro zoroastriano "Bundahishn" e de onde diferentes elementos da tradição trouxeram os amoreanos, mouros e maoris a diferentes partes do mundo. O Sr. Wirth, de alguma forma, colocou Maw Uru no noroeste do Atlântico. Tal como sobre nós, aqui estava a sua colónia posterior, uma vez que colónias semelhantes existiam no Médio Oriente (Monte Moriah) e no Cáucaso - Moriah, onde Abraão se preparava para cumprir o sacrifício do seu primogénito (segundo o judaísmo - Isaac), no Islão - Ismael), Celta Morias ou Murias, o berço das tribos da deusa Danu, a escandinava Morasten "Pedra de Mora", o complexo de templos em Uppsala, o cemitério de Moreh (Morah, Morah) no distrito de Dzausky perto da aldeia. Kobet et al.

O escritor mu americano continental GF Lovecraft (1890-1937) mencionou-o na sua história "Out of Time" (1933). A sua imagem está também presente nas obras de outros autores que utilizaram a mitologia de G.F. Lovecraft (os chamados "mitos de Cthulhu") para criar uma atmosfera de horror sobrenatural na colisão do homem com algo que está fora do mundo que lhe é familiar, com aquilo que ele não consegue explicar. Mu é o

continente afundado no qual a humanidade apareceu pela primeira vez no passado. Yaddit Go é uma montanha de basalto no continente Moo. No seu cume encontrava-se uma colossal fortaleza de pedra antiga, que, segundo a lenda, foi construída há milhões de anos por uma raça do planeta Yugota. Era uma vez, o Monte Yaddit Go esteve no Reino de K'Naa. A montanha era um lugar proibido, pois era habitada pelo poderoso deus Gatanoa (Ghatanothoa), que aterrorizava os habitantes das terras circundantes. No sopé da montanha havia um templo onde eram oferecidos regularmente sacrifícios para que o deus não deixasse as suas habitações.

O próprio nome do continente "Mu" foi introduzido pelo Abade Brasser de Bourbon (1814-1874) devido a uma interpretação errônea do manuscrito maia. No seu entender, é a designação da terra no Ocidente (Oceano Atlântico). Esta opinião foi tomada pelo escritor franco-britânico americano e um dos pioneiros do estudo das civilizações pré-colombianas da América, membro da Academia de Ciências da Califórnia Auguste Le Plonjon (1825-1908), que tentou decifrar a escrita maia. Ele declarou que o "Codex de Troano" (Calendário Lista Astrológica) se refere à morte do continente Moo (Moo), que ele identificou com Atlântida: "... No 6º ano de k'an, o 11º dia de muluk, no mês de Sacs começou um terrível terramoto e durou ininterruptamente até 13 cuen. A Terra das Colinas de Barro, a Terra de Mu, foi sacrificada. Experimentando uma dupla hesitação, desapareceu subitamente durante a noite; o solo trêmia constantemente sob a influência de forças subterrâneas que o elevavam e abaixavam em muitos lugares, de modo a assentar; os países foram separados uns dos outros, depois dispersos. Incapazes de resistir a estes terríveis tremores, falharam, arrastando 64 milhões de pessoas. Aconteceu 8050 anos antes deste livro ter sido escrito"³⁴⁸Mais tarde O. Le Plongeon declarou que a ordem do alfabeto grego contém de forma encriptada um poema sobre a morte da Atlântida na língua maia Mas também anunciou que as terras baixas de Chiapas, o berço da civilização maia, eram anteriormente habitadas pelos antepassados dos polinésios que construíram a famosa cidade sacra de Palenque com os templos do Sol, a Cruz e inscrições.

O escritor paraguaio Moses Bertoni chamou a este continente afundado do Oceano Pacífico Araquinezia e acreditava que era o lar ancestral dos índios americanos.

A Mu e Arakinesia foi acrescentada a Andinia - uma enorme ilha no Oceano Pacífico, que se tornou agora uma área dos Andes, povoada por gigantes que criaram a alta cultura, a misteriosa "Porta do Sol" em Tiaguaanaku, etc. O criador da Andinia foi o escritor de ficção Hans Schindler, actuando sob o pseudónimo de Bellamy.

³⁴⁸ Tsarev I.V. *Conhecimento esotérico: de onde são? //*
<https://archive.is/20130417092228/readr.ru/raygel-taynie-znaniya.html?page=36>.

Mas mesmo que concordemos com os argumentos de peso dos cépticos e admitamos que nunca houve um único continente no Oceano Pacífico, mesmo eles reconhecem os factos da possibilidade da existência no Oceano Pacífico de áreas significativas de terra e ilhas, vulcânicas e corais, que poderiam servir de "pontes" não só no caminho da colonização de animais e plantas, mas também durante a exploração humana da Oceânia. Se olhar para um mapa da Oceânia, verá um grande número de ilhas vulcânicas. Os vulcões são também muito activos no nosso tempo, pelo que é possível assumir que as pequenas ilhas são os restos de um grande continente. O Anel de Fogo do Pacífico é muito activo, com grandes erupções que ocorrem tanto em cima do solo (Krakatoa, Mayon, Semeru, Pinatubo) como em vulcões submarinos (Tonga). A erupção do Krakatoa mudou a ilha da forma mais forte, e o desaparecimento da Ilha Tuanaki também é conhecido (Ilhas Cook, não confundir com o Atol Tuanake)³⁴⁹. *Ou seja*, Pacífida (Lemúria, Mu, Aracinesia) não é um continente único, mas uma cadeia contínua de ilhas e arquipélagos, e grandes massas de terra semelhantes ao Doggerland europeu (o território entre a Grã-Bretanha e o continente no sul do Mar do Norte). Pode ser imaginado pelas actuais ilhas de Kiribati (Gilbert), que se elevam apenas alguns metros acima da água - 33 ilhas de coral, ocupando a região do Pacífico Central (localizada nos quatro hemisférios da Terra), maiores que a Índia, e onde vivem mais de 100 mil cidadãos de Kiribati. Eles e o seu governo reconhecem que o seu país está condenado a esconder-se no abismo do oceano. A maioria dos fenos - as montanhas planas que costumavam ser ilhas - estão agrupadas num sistema de cristas e elevações, sendo as mais poderosas encontradas apenas entre o Havai e as ilhas micronésias: as montanhas de Mid-Pacífico (Pacífico Central) ou Mid-Pacífico (Pacífico Central) que se estendem por milhares de quilómetros. Neste majestoso sistema de montanhas subaquáticas encontra-se o maior número de guyotov abertos, de muitos dos seus picos foram erguidos recifes de coral, seixos finos (os seixos podiam rolar apenas na zona de surf, e os atóis de coral são "lápides" sobre os cumes das montanhas descendentes). De todas as ilhas deste Gayotida à superfície, restaram apenas pequenas ilhas Marcus e Wake, e todas as outras numerosas outras terras tornaram-se Gayots. Além disso, as ilhas deste arquipélago poderiam atingir uma dimensão considerável. Por exemplo, na área da actual Melanésia, Melaneside ou Melantis, e na área da Nova Caledónia, os guyots do Mar da Tasmânia e o enorme Lord Howe Ridge submarino até à Nova Zelândia, 2.000 quilómetros a sudeste da Tasmânia; no planalto da Nova Zelândia com o Chatham e o Campbell Rises, o microcontinente Maorida e outros.

As ilhas e arquipélagos do Oceano Pacífico têm sido o foco da migração humana desde a Idade da Pedra, da Ásia, tanto para as costas da

³⁴⁹ Nazaré I. Pacífida // <http://atlantida.primordial.org.ua/archives/62>

América como para o sul do Havai, para a Polinésia. Acredita-se que os polinésios se tenham estabelecido a partir do Ocidente, embora as suas lendas mencionem antepassados que vieram do Oriente. Os polinésios têm pouco em comum com os índios, pelo que é possível permitir a existência de terras "intermédias". O famoso geólogo russo, paleontólogo, o geógrafo Vladimir Obruchev tentou representar esta civilização: "... É possível afirmar que, numa quente cintura equatorial da Terra, a humanidade já nessa altura, quando ambas as áreas circumpolares ainda estavam cobertas de neve e glaciares (e o homem estava a fazer as ferramentas de pedra que o serviam para a extracção de alimentos), atingiu um elevado desenvolvimento cultural, belos templos para divindades, pirâmides como túmulos para czares estavam em construção, e estátuas de pedra para protecção contra alguns inimigos foram erguidas na Ilha de Páscoa. E surge uma questão interessante e difícil: não foi a morte de outras culturas e das suas estruturas causada por algum tipo de desastre? ». (citação para:³⁵⁰).

B. Obruchev relacionou o tempo da morte de Pacífida com o fim da Idade do Gelo. Mas é muito provável que a morte do Pacífida tenha estado finalmente relacionada com o tsunami causado pela erupção do super vulcão Taupo na Ilha do Norte da Nova Zelândia há 26 500 anos (conhecida como a "erupção de Oruanui") e a antiga maior erupção vulcânica do mundo nos últimos 70 000 anos (8 na escala VEI). A erupção ocorreu no final do Pleistoceno e foi caracterizada por uma enorme quantidade de emissões vulcânicas. Os cientistas estimam que cerca de 430 km³ de material piroclástico, 320 km³ de ignimbrite e 420 km³ de material primário intracaldeira equivalente a 530 km³ de magma entrou em erupção. O Tefra, que foi erupcionado pelo vulcão, cobriu a maior parte das partes centrais da Ilha do Norte com uma camada até 200 m de profundidade em alguns locais. As cinzas vulcânicas espalharam-se por quase toda a Nova Zelândia, e mesmo a 1000 km do vulcão, no Arquipélago de Chatham, encontravam-se numa camada de 18 centímetros. Actualmente, a caldeira está parcialmente cheia com o Lago Taupo. Ela e a sua história são descritas em pormenor na parte final do romance de aventura de Júlio Verne, Crianças do Capitão Grant (1868). Por volta de 180/233±13 d.C. houve uma última erupção significativa (7 pontos na escala VEI) chamada "erupção de Hatepe". Cerca de 120 km³ de material foi ejectado, dos quais 30 km³ foram ejectados em poucos minutos. Acredita-se que a coluna eruptiva tenha atingido uma altura de 50 km. A erupção foi uma das mais fortes dos últimos 5000 anos, comparável em potência às erupções dos vulcões de Santorin (1642 a.C.; norte de Creta), Paektusan (ca. 946/969; Coreia do Norte), Tambora (3910±200 a.C.; 3050 a.C.; 740±150 d.C.; e 1815; Creta). Sumbawa, Indonésia) e Wainaputina (1600 a.C.; Peru).

³⁵⁰ Vlasenko E.A., Kolpakova A.V. *Mistérios e mistérios dos mares e oceanos.* - M. : OLMA Media Group, 2013. - - C. 112.

A erupção de Taupo teve um impacto tão forte no hemisfério norte que fontes romanas e chinesas registaram o fenómeno do "céu vermelho". Do mesmo modo, como resultado da erupção de Tambora na Primavera e Verão de 1815, observou-se nevoeiro seco constante no nordeste dos Estados Unidos. O nevoeiro corou à luz do sol e escureceu-a. Nem os ventos nem a precipitação poderiam dispersar este "nevoeiro". Foi mais tarde identificado como "aerossol de sulfato estratosférico". No Verão de 1816, os países do Hemisfério Norte foram severamente afectados por condições climáticas extremas. Em 1816 foi nomeado "Ano sem Verão". A temperatura média global caiu 0,4-0,7 C e em algumas áreas de 3-5 C, o suficiente para causar problemas significativos na agricultura em todo o mundo. A 4 de Junho de 1816, o estado de Connecticut registou uma forte onda de frio, e no dia seguinte a maior parte da Nova Inglaterra foi coberta pela frente fria. A 6 de Junho, a neve caiu em Albany, Nova Iorque, e no Maine. Estas condições duraram pelo menos três meses, causando graves danos à agricultura norte-americana. O Canadá também foi atingido por um frio extremo. Na zona do Quebeque, a neve caiu de 6 a 10 de Junho de 1816 e atingiu 30 cm de espessura. 1816 foi o segundo ano tão frio no hemisfério norte desde 1600, quando o Monte Huaynaputina, no Peru, entrou em erupção violenta. A década de 1810 foi a mais fria da história, com a erupção de Tambora em 1815 e outra erupção desconhecida algures entre 1809 e 1810 (baseada em concentrações de sulfato em núcleos de gelo). Esta mudança dramática nas condições climáticas causou uma grave epidemia de febre tifóide no sudeste da Europa e no Mediterrâneo oriental entre 1816 e 1819. As alterações climáticas perturbaram a resiliência das monções indianas, matando grande parte da colheita da região e causando a fome em massa, bem como o aparecimento de uma nova estirpe de cólera em Bengala em 1816. Muitos bovinos morreram na Nova Inglaterra durante o Inverno de 1816-1817. As baixas temperaturas e as fortes chuvas causaram uma fraca colheita no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. As famílias no País de Gales deixaram os seus países de origem em busca de alimentos. A fome alastrou-se no norte e sudoeste da Irlanda após uma fraca colheita de batatas, trigo e aveia. A situação também foi difícil na Alemanha, onde os preços dos alimentos subiram acentuadamente. Devido à razão pouco clara do fracasso das colheitas, tiveram lugar manifestações em muitas cidades europeias, que se transformaram depois em motins. Foi a pior fome do século XIX.

Obviamente, após a morte dos Pasifida, alguns dos seus povos mudaram-se para a América do Sul e Sudeste Asiático, e construíram lá muitas estruturas, que ainda são em grande parte mistérios para os historiadores. Arqueólogos no Peru encontraram antigas ruínas de cidades, fortalezas e "a grande muralha peruana" - estruturas defensivas da civilização do povo Chimú. Estas estruturas são altas nas montanhas, mas uma vez foi uma potência marítima, a julgar pelos desenhos de detalhes arquitectónicos.

O oceanógrafo americano R. Mendes descobriu e fotografou a cidade submersa no Oceano Pacífico, ao largo da costa do Peru, que provavelmente fazia parte do Oceano Pacífico.

Naturalmente, o Pacífida poderia ter sido salvo durante o mergulho, em primeiro lugar, por pessoas que lidaram com o mar durante toda a sua vida - pescadores e caçadores de animais marinhos. Já tinham tido as suas bases de apoio no extremo sul, na América do Sul e Nova Zelândia, bem como na Península Antártica da Antártida. E, com o tempo, ambos poderiam trazer e orientar as pessoas que fogem de terras inundadas, especialmente pessoas que mantêm o conhecimento (padres) e têm diferentes habilidades na construção ou artesanato.

Mais provavelmente, porém, os habitantes marinhos do Pacífida (Mu) mantiveram o seu conhecimento e utilizaram as rotas para a anterior pátria da sua civilização, a Antártida, e quando a ameaça da morte do Pacífida (Mu) veio, utilizaram o seu conhecimento para deslocar alguns dos habitantes da Colónia (Mu) para a sua terra ancestral (Kobol) e para outras colónias em diferentes partes do mundo.

O conhecido investigador Thor Heyerdahl também citou factos a favor da hipótese de reinstalação dos transportadores da civilização primordial sarda por meio de barcos dhoni (com nariz curvo e velas quadradas). Ele diz que "a América está mais próxima da Índia" se navegar para o Ocidente, através do Oceano Atlântico, onde o navegador dos elementos é assistido. No Inverno, a monção nordeste associada ajuda a navegar desde as Maldivas até ao extremo sul de África, para além do qual o Atlântico se abre. Em qualquer estação do ano, a Corrente do Passat Sul e os ventos do sudeste poderiam transportar navegadores das Maldivas para o Golfo do México³⁵¹. De facto, foi assim que o algodão do Velho Mundo, cultivado exclusivamente na região sul da Índia, especialmente nas Maldivas (enquanto nem os egípcios, fenícios, nem os mesopotâmios conheciam o algodão), chegou à América e foi cruzado com o algodão selvagem e indirecto do Novo Mundo, dando às civilizações americanas do México e do Peru um híbrido com uma maravilhosa fibra de fição³⁵².

Como mencionado acima, uma característica especial destes marinheiros - brancos com cabelo castanho / vermelho, a que os Maldivianos chamam "radins" - era o culto da "audição longa" - esticando o lóbulo do ouvido com

³⁵¹ *Enigma Heyerdahl T. Maldivas: Novas aventuras arqueológicas do autor de "Kon-Tiki" / per. do inglês; sob a redação e do prefácio de V.I. Voitov. - Moscovo: Progresso, 1988. - — C.55.*

³⁵² *Enigma Heyerdahl T. Maldivas: novas aventuras arqueológicas do autor de "Kon-Tiki" / per. do inglês; sob a redação e do prefácio de V.I. Voitov. - Moscovo: Progresso, 1988. - — C.206-207.*

discos, e este culto foi-lhes retirado pelos Olmecs do México e pelos Incas do Peru, na ilha. Páscoa (mas não é conhecida no resto das ilhas do Pacífico), e na civilização proto-indiana dos Dravids (ver imagens de marinheiros de Lothala, o principal porto de Moenjo-Daro no Golfo de Cambay)....

Há 40,000-35,000 anos, ocorreu a colonização da vizinha Austrália. O tipo físico dos australianos é o mais limpo preservado na Austrália Central. O tipo de tribo Aranda pode ser considerado característico dos australianos em geral. As principais características do tipo são altura média ou acima da média, tronco fino, extremidades longas; cabelo ondulado do couro cabeludo, frequentemente ondulado, pele castanha escura, barba média ou grossa, nariz baixo e largo, com baixas tolerâncias, lábios mais grossos que médios, prognóstico facial, baixo no sinal. A cabeça é dolicocefálica, com uma sobrancelha fortemente saliente. A Sonda do Ceilão ou tipo Veddoid é algo semelhante ao tipo australiano, actualmente apenas preservada em alguns pequenos grupos nas regiões interiores do Sri Lanka central (Ceilão), nas Ilhas Zond (principalmente Kalimantan, Sulawesi, Halmaher e alguns outros). Além disso, os parentes mais próximos dos australianos são melanésios e papuas que vivem nas ilhas a leste da Austrália (cor da pele, prognatismo, largura do nariz, espessura dos lábios). No entanto, existem diferenças significativas na forma do cabelo do couro cabeludo e no desenvolvimento do cabelo terciário facial e corporal. Com excepção dos Novos Caledónios, a barba é muito mais fraca nos melanésios do que nos australianos. Existem diferenças notáveis na forma do rosto, nariz e outras características. Muitas das características melanésias estão também presentes entre os australianos do sudeste do continente. Como diz São Drobyshevsky, "...as ilhas da Melanésia sempre foram separadas umas das outras, embora a Nova Guiné estivesse ligada à Austrália, mas as outras ilhas foram separadas. Isto sugere que já há pelo menos 40.000 anos atrás as pessoas podiam nadar no oceano, e a uma distância considerável. E esta fractura da própria região, o enorme número de pequenas ilhas, leva a uma fantástica fractura de tipos antropológicos³⁵³.

Mais tarde, porém, uma nova onda de colonos infiltrou-se na Austrália, mais activa (estilo de vida em roaming) e focou-se na extensividade significativa na utilização de recursos naturais de terras recentemente desenvolvidas. Estes novos alienígenas trouxeram consigo, juntamente com machados de calhau e tute de dupla face, pontas pírricas e novas técnicas microlíticas desenvolvidas no continente, principalmente na Índia. Estas tribos, contudo, ainda não conheciam o arco e flecha, a invenção mais importante das tribos Mesolíticas. Limitaram-se à utilização de uma

³⁵³ *Drobyshevsky St. Melanesian Rasology // <http://etofake.livejournal.com/1081480.html>.*

máquina de pesca submarina e assim permaneceram ao nível do Paleolítico superior. Antropologicamente, estavam relacionados com os Vedas do Ceilão e com as tribos Veddoid do sudeste asiático. Ao estabelecerem-se no continente australiano, misturando-se e assimilando os nativos, estas tribos foram mais tarde influenciadas em parte pelas tribos Papua-Melanésia do Mar do Sul, mais desenvolvidas culturalmente, que já se encontravam ao nível da cultura Neolítica madura. Deles, os australianos obtiveram arcos e flechas, eixos polidos, e barcos equilibradores. Contudo, a influência da população neolítica da Melanésia não era profunda e estava limitada ao norte e sudeste da Austrália. Caso contrário, o desenvolvimento futuro dos australianos seguiu o seu próprio caminho.

Estudos de crânios humanos antigos com pelo menos 12.000 anos encontrados na América do Sul mostraram que os primeiros habitantes desta região pertenciam ao mesmo grupo étnico que os aborígenes australianos³⁵⁴.

Mas ao contrário dos melanésios e outros povos oceânicos, os australianos não conheciam os meios de transporte por mar - vieram para a Austrália durante o afundamento significativo do nível do oceano em terra do antigo microcontinente Saul, que ligava o sudeste asiático com as ilhas da Indonésia e Papua Nova Guiné. E acontece que a rota australiana para a América também poderia ter sido percorrida por terra - o arquipélago dos picos ainda não descobertos do Monte Mill (agora com menos de 750 m de profundidade)³⁵⁵ crista vulcânica Macquarie (com a ilha do mesmo nome) e a parte coberta de gelo da plataforma antártica (100 a 400 m de largura, 150 milhas de largura):

"Paul Reeve, Director do Instituto Humano em Paris, deu exemplos de coincidências notáveis entre as línguas dos habitantes da Terra do Fogo e da Patagónia e as dos aborígenes australianos. O antropólogo português Méndez-Correa acreditava que o povo aborígine da Austrália tinha chegado à Antártida através da Tasmânia e a actual cadeia de ilhas afundadas, a partir daí, novamente através de ilhas e ilhotas, chegou à Terra do Fogo e descobriu a América milhares de anos antes de Colombo. Nesses tempos distantes, a glaciação da Antártida não estava completa, e a capacidade dos habitantes da Terra do Fogo (na qual um cientista português viu descendentes de australianos) de resistir ao frio sempre surpreendeu todos os viajantes. "Uma expedição britânica liderada por Sir Vivian Fuchs, que passou por toda a Antártida, sugeriu que este continente é na realidade constituído por dois pequenos continentes estreitamente relacionados, um dos quais é uma

³⁵⁴ Ilyin V. *Antartida - Berço da Civilização* // <http://tainy.info/history/antarktida-%E2%80%93-kolybel-civilizacii/>.

³⁵⁵ Skrypaleva, E.A. *Características da estrutura do campo de temperaturas e das frentes de grande escala na superfície indoceânica do Oceano Sul nas áreas da heterogeneidade do relevo do fundo (em russo)* // *Jornal Antártico Ucrainiano*. - 2013. - № 12. - C.140.

extensão directa dos Andes - escreve um famoso viajante checo e etnógrafo Miroslav Stingle no seu livro "Indians without tomahawks without tomahawks". - Se esta suposição se confirmasse, poder-se-ia supor que os emigrantes australianos chegaram à América por esta hipotética "ponte" terrestre ³⁵⁶...".

Os antropólogos também encontraram traços australóides individuais nos índios. Observaram crânios alongados e estreitos, semelhantes aos crânios dos australianos e melanésios e diferentes dos crânios largamente arredondados comuns à maioria dos povos ameríndios, em algumas populações indígenas extintas. De acordo com o chamado "Paleo American model" proposto por Walter Neves da Universidade de São Paulo e Mark Hubbe da Universidade de Ohio, os representantes destes povos agora extintos vieram de uma onda anterior de migrantes, diferente do que deu origem aos índios americanos modernos: "...os índios de Palaeo da América do Sul eram como a raça equatorial (tropical) - australianos, melanésios, em parte até africanos. Estes são os amplamente conhecidos habitantes das cavernas do Pleistoceno Final e Florença Primitiva na zona da Lagoa Santa (Minas Gerais, Brasil Oriental). A mulher Pleistocena, cujo esqueleto foi encontrado em 1975 na Caverna Lapa Vermelha IV, é a mais famosa entre elas ... Os brasileiros chamam-lhe carinhosamente Luzia (depois de uma mulher etíope, Lucy a Australopitá). A sua data de radiocarbono é de pelo menos 11.000 anos atrás. A visão de Luzia é surpreendentemente equatorial - negra pura ou melanésia... Parece que não só o sangue dos escravos da África Ocidental tornou a pele dos brasileiros mais escura do que a dos europeus! O povo de Monte Verde não se parecia com Luzia e não foram os negros os primeiros a colonizar o Novo Mundo? Há muito tempo que é um pensamento. Pela primeira vez o antropólogo francês A. de Catrefage e o seu colega holandês H. ten Kate falaram sobre os australóides na América, que nos anos 80 do século XIX. apontaram a semelhança craniológica do povo de Lagoa Santa com os papuas. Na década de 1920, estas ideias foram desenvolvidas em França pelo etnógrafo P. Rivet e pelo antropólogo R. Verne. P. Rivet apontou para a grande difusão de tipos equatoriais na população aborígine da América. Mais tarde, o antropólogo argentino de origem italiana Giuseppe (José) Imbelloni também escreveu muito sobre este assunto. Ele destacou as raças tropicais na população antiga e moderna da América do Sul - a raça atrasada (de Lagoa Santa) e a raça fúegida (de Tierra del Fuego - a Terra do Fogo). Os antigos habitantes do extremo oposto da América do Sul, o planalto de Sabana de Bogotá (Colômbia), também tinham características tropicais. A julgar pelas datas dos achados, os antigos colombianos preservaram a aparência sul durante um período muito longo - desde o início do Holocénico até há 3-5 mil anos atrás. Os índios Perique

³⁵⁶ Kondratov A.M. *Atlantis dos cinco continentes*
<http://geoman.ru/books/item/f00/s00/z0000086/st037.shtml>.

também tinham o mesmo aspecto, que foram empurrados para a ponta sul da Califórnia (México) e aí viveram isolados quase até hoje: morreram apenas na viragem dos séculos XVIII e XIX em resultado do contacto com os espanhóis. Infelizmente, não temos quaisquer retratos deles, mas a julgar pelos crânios, que foram recentemente estudados de novo utilizando métodos estatísticos modernos pelo antropólogo argentino R. González-José, o perique era muito semelhante aos australianos, melanésios e aos antigos habitantes da Lagoa Santa, que já mencionámos. Não será este o tipo de pessoas retratadas pelas famosas cabeças de basalto de Olmec...? Não há dúvida de que as características tropicais são a herança dos americanos mais antigos. Apenas os povos de épocas posteriores começaram a assemelhar-se aos índios modernos pela estrutura dos seus crânios. De todos os paleoamericanos, apenas um homem de Whizards Beach, Nevada, EUA, da mesma idade que uma múmia de Spirit Cave, se parece com um índio. Não se pode dizer o mesmo sobre os outros. Então os antepassados dos índios não foram os primeiros a vir para a América? E os índios modernos de regiões mais a norte (o estado da Califórnia), em particular os Shoshone da tribo de Cowillia, Pomo, Yuki, Hupa, características do sul - pele escura, forte crescimento da barba, nariz largo - são expressos tão claramente que Joseph Berdsell os comparou com os Ainu e alguns grupos de aborígenes australianos. Na sua opinião, estas pessoas são muito parecidas com os mestiços australianos-mongolóides. J. Berdsell sabia sobre o que estava a escrever - trabalhou na Austrália durante muitos anos. Os tipos "sul" da América do Norte parecem estar concentrados na Califórnia, mas estão presentes noutros locais. Por exemplo, em alguns grupos indianos do sul dos Estados Unidos e do norte do México, em particular os Yaqui (os mesmos que viviam em Castaneda). Joseph Egorovich (ou, em francês, Joseph) Deniker - antropólogo russo que trabalhou em França, autor de uma das primeiras classificações científicas das raças humanas, desenvolvida na viragem dos séculos XIX e XX - identificou a raça Paleo-Americana. Na América do Norte, notou as suas características entre os índios californianos, enquanto na América do Sul se encontram em diferentes lugares do continente, entre tribos que falam línguas diferentes: os índios do grupo macrogee (Botokuds e Guatoes), os Tupi Guarani (Syriono), as Caraíbas (Bakairi). Têm características "australóides" (embora, na maioria das vezes, não num complexo, mas separadamente): pele escura, cabelo ondulado, mais forte que os mongolóides, crescimento da barba, lábios grossos, prognatismo (protrusão da mandíbula). A dolichocefalia e uma testa maciça são também consideradas como características antigas, que são especialmente características dos patagónios do sul, incluindo os bombeiros. Há razões para acreditar que as características protomórficas são herdadas dos Paleo-Americanos que aqui viveram desde o fim do Pleistoceno - pessoas como Toka dos Kokeirush, Lagoa Santa e Sabana de Bogotá. Sobre os australóides

americanos muito mais tarde escreveu H. Imbelloni, que encontrou os australóides na população antiga (nos lagides), e os Fuegides, especialmente os Yaman ... Hoje, os australóides sul-americanos estão activamente envolvidos no craniólogo brasileiro Walter Neves, que confirmou plenamente as ideias de H. Imbelloni ao nível actual de desenvolvimento de métodos craniométricos e estatísticos. V. Neves acredita que os primeiros migrantes para o Novo Mundo foram os primeiros sapiens, estabelecidos a partir de África, e por isso tinham características tropicais (negro-australóides), mas chegaram a Beringia ao longo da costa do Pacífico da Ásia apenas cerca de 14 mil. Provas antropológicas do movimento dos australóides ao longo da costa do Pacífico da Ásia para norte, em direcção a Beringia, V. Nevesh vê num dos dois crânios femininos da Idade do Paleolítico Superior a caverna Zho ukoudian perto de Pequim (a sua antiguidade - 24-29 mil anos) ... Sobre a penetração dos elementos australóides na América através do Estreito de Bering já escreveu sobre a penetração do Estreito de Bering. J. Berdsell e G. F. Debets, e este último admitiu que não estamos a falar de ondas de migração separadas (australiana e mongolóide), mas de "descendentes mistos de alguns povos do leste asiático, que tinham características mongolóides e australóides" ... Na antropologia russa, a ideia da raça Paleo-Americana foi apoiada pelo nosso odontologista líder (especialista na estrutura do sistema dentário), Alexander Alexandrovich Zubov ... Seguindo J. F. Zubov. Deniker e simultaneamente com V. Nevesh escreve sobre relíquias da antiga população da América, empurrada para a periferia do continente por migrantes posteriores. AA Zubov partilha teorias de P. Riwe e H. Imbelloni sobre a multiplicidade de ondas migratórias e rotas migratórias para o território do Novo Mundo. Ele considera a rota do Pacífico como a mais antiga, e não ao longo da costa como crê a maioria dos investigadores modernos, mas do outro lado do oceano desde a Australásia até à América do Sul. A propósito, de acordo com N. Seguchi e C. L. Brace, os zemónios (Japão, no qual vêem os antepassados dos Ainu, - O.G.) tanto na estrutura dos dentes, como na estrutura do crânio eram semelhantes aos paleo-índios, especialmente os habitantes "australóides" da Lagoa Santa ... Agora vamos mencionar dermatoglifos - uma ciência sobre padrões de pele dos dedos e da palma da mão. A nossa maior perita neste campo Henrietta Leonidovna Heath estudou (por impressões digitais) uma enorme quantidade de material relacionado com os índios ... A tendência "australóide" é mais característica dos aborígenes da América Central ... Mas, a propósito, e a ocorrência do haplogrupo B mtDNA "Leste Asiático" contrasta os andianos com os outros índios da América do Sul (o grupo B tem os tubalares e tuvanans siberianos - O. B.).D)... Não esqueçamos a semelhança craniológica geral entre índios e polinésios, porque a razão desta semelhança pode ser o mesmo

protomorfismo, provavelmente herdado dos mesmos antepassados pré-mongolóides que viveram no sudeste asiático... "357» .

E aqui em Julho de 2015 foi publicado um artigo "Genetic evidence of two major populations of America" com os resultados de estudos genéticos populacionais destinados a clarificar a história da colonização do continente americano³⁵⁸.

Especialmente interessante é o facto de um grupo de cientistas ter descoberto um pequeno vestígio genético de Australianos-Melanésios nos genes dos habitantes da América, nomeadamente, os Australianos participaram numa das duas primeiras vagas de migração para o continente americano. David Reich da Harvard Medical School em Boston e os seus co-autores analisaram sequências parciais do genoma de 106 povos indígenas de 25 populações na América Central e do Sul e compararam-nas com dados de ADN de 197 populações de outros continentes. Descobriram que alguns povos amazónicos, incluindo o já povo Piter (Suruí) da Amazônia, partilhavam um a dois por cento dos genes com os aborígenes da Austrália, Nova Guiné e Ilhas Andaman. Embora as diferenças no ADN não permitam que estes povos sejam considerados antepassados directos dos índios sul-americanos, os investigadores sugeriram que havia uma população substituta a que chamam "População Y" ("População Y", da palavra Tupi Trucga - "antepassado"). Devia existir algures na Ásia Oriental, e os genes australianos surgiram numa primeira vaga de colonização na América³⁵⁹. A segunda vaga, de acordo com este conceito, que deu origem à maioria dos outros povos indianos, já não tinha genes australianos.

No entanto, alguns dos seus colegas discordaram de algumas das conclusões dos autores do artigo, tendo publicado os resultados da sua investigação³⁶⁰ na revista "Science". Eles acreditam que os elementos de DNA australianos, que os cientistas também encontraram nos sul-americanos (os povos Piter (Suruí) e Carithiana da família linguística Tupi-Garani, os Shawantes da família linguística Amazónica, o Teleférico (Chirripo) do grupo Talamanca de Chibcha Muisca na Costa Rica) e o Norte (esquimós Inuit, Ilhas Aleutianas) foram registados muito mais tarde e não

³⁵⁷ Vasilyev SA, Berezkin Yu, Kozintsev A... G. Sibéria e os primeiros americanos. / 2ª ed. - São Petersburgo: Faculdade de Filologia, Universidade Estadual de São Petersburgo, 2011. - - C. 112-113, 127-128, 130, 135, 136.

³⁵⁸ Skoglund P. et al. Genetic evidence for two founding populations of the Americas // Nature. - Publicado em linha a 21 de Julho de 2015. - <http://www.nature.com/nature/journal/vnfv/ncurrent/full/nature14895.html>

³⁵⁹ Dutchen S. Genetic studies link indigenous peoples in the Amazon and Australasia // Science Daily. - 2015, 21 de Julho. - <http://www.sciencedaily.com/releases/2015/07/150721134827.htm>

³⁶⁰ Raghavan M. et al. Genomic evidence for the Pleistocene and recent population history of Native Americans // Science. - Publicado online a 21 de Julho de 2015. - <http://www.sciencemag.org/content/early/2015/07/20/science.aab3884>

estão relacionados com o assentamento original. O estudo teve em conta dados genéticos extraídos de antigos restos humanos: um homem da aldeia de Sakkak na Gronelândia (4000 anos de idade), um rapaz de um sítio Paleolítico em Malta na Sibéria (24 000 anos de idade) e um rapaz de um sítio Anzik em Montana (12 000 anos de idade). O estudo cobre um total de 3053 genomas humanos de 169 populações. As diferenças genéticas entre as amostras estudadas permitiram-nos determinar o tempo aproximado de divergência das populações a que pertencem. Como resultado, os cientistas concluíram que todos os americanos eram originários de uma população da Sibéria há cerca de 23.000 anos. Durante cerca de oito mil anos, permaneceram no Estreito de Bering, que existia no local do actual Estreito de Bering, sem penetrarem profundamente no território norte-americano. Depois colonizaram a América numa única vaga, dividindo-se em populações norte-americanas e sul-americanas há cerca de 13.000 anos. A pintura como um todo revelou-se bastante familiar a partir de estudos anteriores, é de notar que a cronologia é muito mais consistente com os dados antropológicos e arqueológicos. Contudo, na realidade, o segundo estudo não contradiz o primeiro, porque o ADN australiano em Inuit (esquimós) tem um carácter de substrato - veio dos anteriores habitantes das Ilhas Aleutas, que mantinham no seu genoma vestígios dos seus antepassados imediatos - a "população de Y".

Muito provavelmente, a presença da Antárctida no então Hemisfério Norte da Terra coincidiu com a época da última era glacial (de 50 a 12 mil anos), que dominou o então Hemisfério Sul (agora - Norte) do planeta, cobrindo o nordeste da actual América do Norte até ao meio das Grandes Planícies a oeste e até à latitude de Nova Iorque a sul, não permitindo ao homem primitivo (bem como aos seus antepassados) penetrar desde a Eurásia até à América do Norte. O Hemisfério Sul (então Norte), na Austrália e Nova Zelândia, também estava repleto de glaciares, mas não havia gelo em grande parte da Antárctida adjacente à costa atlântica, e o clima nessa parte do continente era moderado.

Ou seja, a maior parte da Antárctida, o Oceano Ártico e as áreas circundantes situavam-se em zonas de clima quente, onde cresciam plantas e animais termófilos.

Isto explica-se pelo facto de que correntes de ar constantes - ventos alísios - sopravam no hemisfério em direcção à América do Sul. Ao mesmo tempo, uma corrente oceânica iria emergir, que da costa sudeste da Ásia passava pelo Oceano Índico, lavava a África do Sul, chegava à América do Sul, penetrava no Estreito de Drake entre a Terra do Fogo e a Antárctida e avançava mais ao longo da sua costa ocidental, perdendo-se no Oceano Pacífico.

Durante este período, os povos paleolíticos das costas asiáticas e sul-americanas, bem como da Índia do Sul e da África do Sul, apareceram naturalmente ao largo da costa da Antártida durante 40.000 anos, desde a construção das primeiras instalações de navegação do Paleolítico até ao fim do Pleistoceno.

Assim, antes do gelo, ou seja 13.000 anos antes de Cristo, a parte ocidental da Antártida, foi habitada por pessoas e lavada pelo Oceano Atlântico como o arquipélago Antártico. Tendo-se encontrado num clima bastante favorável, começaram a cultivar as culturas cujas sementes trouxeram com eles. Seguiu-se a criação de novas ferramentas e novos tipos de habitação e os primeiros passos para a civilização técnica. Depois a Revolução Neolítica do milénio X-XI a.C., que cobriu todo o Velho Mundo, nesta "civilização surdica (sul; mas depois - norte)" podia ter lugar a um ritmo mais rápido, e foi aqui que se deu o salto da idade da pedra para a idade do metal. E quando os habitantes da Antártida aprenderam a construir grandes navios (em mitos preservados como "navios / carruagens alados"), capazes de resistir aos elementos oceânicos, começaram a navegar para as costas de outras terras. O resultado de tais viagens foi a criação de colónias costeiras. e ajudou a promover a existência de um grande maciço de ilhas entre a Antártida, Madagáscar, Seicheles, Maldivas e Ceilão antes da subida do nível do Oceano Mundial (como evidenciado pela conclusão da Idade do Gelo).(como evidenciado pelos chamados "microcontinentes" - áreas do fundo do oceano que não têm uma crosta oceânica, mas uma crosta meteórica, e que foram inundadas ao longo do tempo), e a proximidade da Península Antártica da América do Sul.

"...A título indicativo do 12º ao 6º milénio a.C. (ou seja, durante toda a era Mesolítica), uma única cultura ou pelo menos várias culturas muito próximas espalhadas ao longo das linhas costeiras das bacias do Atlântico e do Pacífico (incluindo as bacias do Mediterrâneo e outros mares interiores da Eurásia). A faixa principal da sua distribuição situa-se no hemisfério norte, entre as latitudes 30-60 na Europa e África, e entre as latitudes 10-30 na Ásia e América, reproduzindo aproximadamente a configuração do antigo oceano Tethys que existiu há milhões de anos atrás. A coincidência provou ser acidental (foram encontrados vestígios desta cultura noutras locais, incluindo as ilhas do hemisfério sul), e o nome de trabalho - "cultura Tethys" - permaneceu. A propósito, os labirintos com uma cruz no centro, o símbolo do "sol nas palmas das mãos" e mais tarde - os dólmenes, são exactamente característicos desta cultura. Alguns acreditam que o centro de distribuição da cultura de Tethys era algum arquipélago no Atlântico, outros apontam para a Antártida, que nessa altura era bastante adequada para o continente da vida. Muitos acreditam que este centro é idêntico à lendária Atlântida (que, segundo Platão, colonizou o Mediterrâneo por volta do 10 milénio a.C.) ... O desenvolvimento tecnológico da cultura Tethys é mais certo. O

complexo de conhecimentos disponíveis para a cultura Tethys em matemática, mecânica, arquitectura, astronomia, navegação, navegação, química e metalurgia corresponde aproximadamente ao nível da Europa Ocidental dos séculos XVII-XVIII d.C. (caso contrário, não há forma de explicar a presença de mapas "Mesolíticos" e outros artefactos, que foram discutidos acima). Isto, a propósito, não é surpreendente: após a "idade das trevas, a civilização europeia só restaurou o nível sociocultural das polítics gregas do século V a.C., e este nível, por sua vez, foi também restabelecido após outras "idades das trevas" que se seguiram à destruição da cultura cretense-micena no século XIII a.C. ...a humanidade recuou pelo menos três vezes, num estado de quase selvageria animal. O último retrocesso (associado ao colapso da antiguidade e à formação dos impérios cristãos) a memória histórica foi preservada em detalhe .³⁶¹.. " .

A razão do êxodo da Antártida para o equador, ou seja, a colonização do Pacífid (Mu) por eles, foi a ofensiva desde o fim do glaciário Pleistoceno até ao Arquipélago Ocidental da Antártida. Quanto às povoações e cidades aqui existentes, todas elas foram enterradas sob a cobertura de gelo e inundadas pelo Oceano Antártico, que subiu para 130 m.

³⁶¹ Rozov A. *Retronik - Previsão do Passado* // <http://filosofia.ru/70633/>.

FOR AUTHOR USE ONLY

FOR AUTHOR USE ONLY

**More
Books!**



yes
I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at
www.morebooks.shop

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em
www.morebooks.shop

KS OmniScriptum Publishing
Brivibas gatve 197
LV-1039 Riga, Latvia
Telefax: +371 686 20455

info@omniscryptum.com
www.omniscryptum.com

OMNIScriptum



FOR AUTHOR USE ONLY